

DICIONARÍSTICA PORTUGUESA

Telmo Verdelho | João Paulo Silvestre (eds.)

# LEXICOGRAFIA BILINGUE

A tradição dicionarística  
Português - Línguas Modernas

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa | Universidade de Aveiro  
Lisboa | Aveiro

2011

*Título:* Lexicografia bilingue. A tradição dicionarística português – línguas modernas  
*Autores (editores):* Telmo dos Santos Verdelho, João Paulo Silvestre  
*Autores (colaboradores):* Álvaro Iriarte Sanromán, Amparo Ricós Vidal, Claudia Xatara,  
Huélinton Cassiano Riva, Ignacio Vázquez, João Paulo Silvestre,  
Lutz Hoepner, Maria Celeste Augusto, Monica Lupetti, Pilar Salas Quesada,  
Ran Mai, Telmo Verdelho, Tim Oswald  
*Colecção:* Dicionarística Portuguesa  
*Edição:* Centro de Linguística da Universidade de Lisboa e Universidade de Aveiro  
*Capa:* Pormenor de *Europa polyglotta*. In officina Homanniana (Norimbergae).  
Séc. XVIII. Collection d'Anville, Bibliothèque nationale de France  
*Impressão:* Gráfica de Coimbra, Lda.  
*Tiragem:* 500 exemplares  
*ISBN:* 978-972-789-314-0  
*Depósito legal:*  
1ª edição, Maio de 2011

*Apoios:* **Centro de Linguística da Universidade de Lisboa**  
**Fundação para a Ciência e Tecnologia**

# Índice

Apresentação .....	5
1. TRADIÇÃO LEXICOGRÁFICA	
Lexicografia portuguesa bilingue. Breve conspecto diacrónico .....	13
Testemunhos manuscritos da dicionarística bilingue .....	68
Contribuição para a história da lexicografia bilingue entre as línguas espanhola e portuguesa .....	82
Para una historia contrastiva de la lexicografía portuguesa y española: el español en los diccionarios trilingües portugueses del siglo XVII .....	103
Cuatro pequeños vocabularios como testimonio de la lexicografía hispano-portuguesa del siglo XIX .....	116
La lessicografia bilingue italo-portoghese: testimoni a stampa dalle origini al XIX secolo ....	131
2. LEXICOGRAFIA ACTUAL	
Dicionários bilingues de espanhol-português .....	157
Dicionários especiais francês-português: os dicionários de expressões idiomáticas .....	171
A lexicografia bilingue Português – Alemão .....	181
Do vocabulário ao dicionário: a lexicografia bilingue português-neerlandês-português .....	204
English-Portuguese and Portuguese-English Bilingual Dictionaries .....	221
Os dicionários de Português na China Continental .....	228
Cronologia de dicionários bilingues .....	237
Bibliografia .....	245



## *Apresentação*

A lexicografia bilingue, que dicionarizou o português em confronto com outras línguas modernas, é o objecto destas páginas. Os dicionários bilingues constituem um património, produzido sobretudo a partir dos meados do século XVIII, que se tem mantido mais ou menos obliterado, no conjunto dos estudos linguísticos portugueses. Dois séculos depois do início da dicionarização da língua portuguesa, em confronto com o latim, desenvolveu-se o relacionamento interlinguístico com os idiomas modernos; produziu-se um “corpus” lexicográfico extenso e contrastado; e acumulou-se deste modo uma abrangente e minuciosa memória do percurso diacrónico do português nos últimos três séculos.

Dá-se agora notícia desse espólio degradado pelo tempo e tornado aparentemente imprestável.

Os dicionários bilingues são uma fonte privilegiada, especialmente para a história da língua e da cultura. Oferecem, além disso, uma espécie de roteiro verbal para o reconhecimento dos contactos internacionais e da intercomunicação, nos domínios da ciência, da técnica e da interacção ideológica e política; acompanham as migrações comerciais; as correntes literárias e, de um modo geral o rumo da civilização e as vicissitudes da história.

Foi possível roteirá-los, de modo satisfatório, pela leitura de exemplares de bibliotecas públicas ou de coleccionadores particulares, alguns fragmentariamente conservados, com marcas de uso frequente em mãos de estudantes descuidados, ou em urgências de leitura e de viagens.

Propõe-se um rastreio de síntese e uma abreviada apreciação crítica dos dicionários mais antigos e do espólio acumulado ao longo dos séculos XVIII e XIX; acrescentam-se alguns ensaios dedicados à parceria bilingue com o alemão, o chinês, o espanhol, o francês, o inglês, o italiano e o neerlandês, esclarecendo ainda a perspectiva histórica e alargando até ao horizonte actual, o reconhecimento do convívio interlexicográfico do português; completa-se a informação com uma bibliografia de referência e uma cronologia muito esquemática dos títulos conhecidos e publicados desde as origens, até 1900.

A lexicografia interlinguística, que confrontou o latim com os vernáculos europeus, esteve na origem da dicionarística moderna bilingue e monolíngue, sobretudo a partir dos protótipos originais: os dois vocabulários de Nebrija e o *Calepino* plurilingue. A obra de Ambrósio Calepino, modesta e monolíngue no

seu início, foi acolhendo, ao longo do século XVI, a nomenclatura de quase todos os vernáculos europeus; redimensionada em sucessivos empreendimentos editoriais, serviu de modelo para os grandes dicionários monolíngues, sobretudo pelo monumental repositório do saber linguístico e da acumulação filológica. Os dicionários bilingues, por seu lado, foram mais provavelmente modelados pelos dois vocabulários de Nebrija (latim-espanol e espanhol-latim), publicados no final do século XV e retomados, com o espanhol original ou com a alternativa de outras línguas europeias, em dezenas de reedições, até ao século XVIII.

Os dicionários bilingues têm sido geralmente considerados como lexicografia ancilar, que promove sínteses funcionais a partir da lexicografia monolíngue, com reduzida elaboração própria e com escassas preocupações filológicas. Esta perspectiva é em todo o caso parcial e deve ser apreciada de modo diferenciado em relação às várias línguas e muito precipuamente em relação à língua portuguesa, não só pela sua qualidade e quantidade, mas também pela especificidade do convívio interlinguístico e intercultural do português, como língua nacional e transnacional. Os dicionários bilingues actualizaram o léxico do português; foram produzidos por bons autores; repercutiram-se no léxico monolíngue; e foram instrumento privilegiado de intercomunicação dentro e fora do espaço lusófono.

A lexicografia bilingue interferiu com muito préstimo na inovação lexical do português, oferecendo-lhe um confronto sistemático com outras línguas. Como acontecera já com os dicionários de latim-português, o emparceiramento com as línguas modernas, nomeadamente com o francês, o inglês e o italiano, suscitou a transferência do vocabulário referente à ciência e à técnica, e ofereceu modelos de criatividade lexical e de formação de palavras, provendo o “corpus” lexical com novos recursos de expressão.

Foi cultivada a lexicografia bilingue por alguns autores notáveis, bons conhecedores do vernáculo e seus ardorosos defensores, louvadores e ilustradores. Os nomes de José Marques, Manuel de Sousa, José Joaquim da Costa e Sá, Miguel Tibério Pedegache Brandão Ivo, António Vieira Transtagano, José da Fonseca, José Inácio Roquete, Domingos José de Azevedo, José Maria Correia de Lacerda, Jacob Bensabat, a lusitanista alemã Henriette Michaëlis merecem uma lembrança honrosa, na galeria dos dicionaristas portugueses, entre vários outros menos notados, alguns mesmo sem autoria declarada, mas com obra igualmente meritória.

A dicionarística bilingue inaugurou em Portugal a modernização do dicionário e a sua adequação ao uso quotidiano e escolar. Podemos assinalar o ano de 1769 com a publicação do primeiro dicionário manual prático e fácil, in-8º: *Novo dicionário francês-português*; e o ano de 1804, com a publicação do primeiro dicionário de bolso: *Diccionario e instruções necessarias para lêr e traduzir francez*, como datas de referência para a história da lexicografia portuguesa, no seu percurso de inovação e de difusão mais alargada para o grande público. Os dicionários

monolíngues não tardaram a acompanhar esta evolução, mas vieram depois.

A lexicografia bilingue intensificou o relacionamento e a intercomunicação com o público brasileiro, contribuiu para o alargamento do espaço editorial e para a convivência linguística, suscitando também a colaboração de autores brasileiros. Além disso, foi um dos factores mais importantes no intercâmbio linguístico e cultural entre o espaço lusófono e a Europa, particularmente a França, concorrendo por esta via, para uma certa actualização no âmbito da ciência, da técnica e do incremento da indústria. A produção dos dicionários incentivou a própria actividade editorial. Em síntese, a dicionarística bilingue constitui um património precioso, memorial da língua e da cultura.

Avultam neste roteiro histórico a lexicografia luso-francesa e, em segundo plano, a luso-inglesa que, até ao fim do século XIX, ocuparam o mercado luso-brasileiro, com predomínio quase exclusivo.

A parceria com o francês, deu ensejo à produção do mais importante espólio de dicionários bilingues acumulados no património bibliográfico português. Contou com a colaboração de autores prestigiados e beneficiou do confronto com a lexicografia francesa que era ampla, numerosa e tinha acesso facilitado pela condição de emigrantes de alguns dicionaristas portugueses.

A dicionarística luso-inglesa teve um percurso menos variado e mais modesto. Prolongou uma espécie de tradição monogenética, sob o nome tutelar de António Vieira Transtagano, embora a edição original tenha sido objecto de sucessivas revisões, pela mão de vários autores, com total obliteração e superação do modelo e do texto do Transtagano.

Em complemento desta perspectiva diacrónica, acrescenta-se uma notícia e análise de testemunhos manuscritos; uma bibliografia e uma tábua cronológica dos títulos referenciados; e ainda três textos sobre a lexicografia luso-espanhola e um outro dedicado à lexicografia ítalo-portuguesa.

Temos um reduzido conhecimento de fontes manuscritas que testemunham a elaboração lexicográfica portuguesa e a história envolvente, incluindo os compromissos de autoria, a fabricação tipográfica e o comércio editorial. Trata-se de um fundo documental pouco explorado, em virtude de os manuscritos, por vezes fragmentários, estarem insuficientemente referenciados nos catálogos das bibliotecas. Apresenta-se uma selecção de documentos dos acervos da Biblioteca Nacional, da Torre do Tombo e da Biblioteca Pública de Évora, onde se identificaram algumas compilações dicionarísticas incompletas, que informam sobre a técnica lexicográfica e as fontes disponíveis para a ampliação e actualização dos dicionários já existentes.

Os textos dedicados ao confronto do português e do espanhol abrangem perspectivas diferenciadas. Ignacio Vázquez Diéguez, que há cerca de duas décadas vem estudando na Universidade de Barcelona a lexicografia bilingue luso-espanhola, oferece um conspecto panorâmico, próximo da exaustividade.

Amparo Ricós Vidal, colaboradora do Instituto Rafael Lapesa, na preparação do *Nuevo diccionario histórico de la lengua española* da RAE, observa e confronta com alguma minúcia as anotações de espanhol no “Calepino” de Amaro Roboredo e na Prosódia “trilingue” de Bento Pereira. Pilar Salas Quesada, prolongando anteriores ensaios sobre a influência dos dicionários e das gramáticas no convívio interlinguístico luso-espanhol, desde o século XVI, acrescenta a notícia de quatro manuais publicados no século XIX, no Porto (1) e em Lisboa (3), com vocabulários bilíngues para o ensino do espanhol.

Para o italiano, Monica Lupetti dedica um estudo bem documentado ao conjunto de dicionários ou simples reportórios, plurilíngues e bilíngues, em que se encontra o português, numa perspectiva diacrónica, desde as origens, com o “Vocabularetto” de Berlaimont, até ao final do século XIX.

Valorizam ainda este volume um conjunto de ensaios em que predomina a perspectiva contemporânea, com informação de âmbito alargado sobre a dicionarística do português em confronto bilíngue com outros idiomas modernos.

Álvaro Iriarte Sanromán analisa criticamente sete dicionários de espanhol-português; colige, contrasta e avalia alguns indicadores da macro e micro-estrutura, e hierarquiza-os com um escalonamento valorativo numa sequência de gráficos ilustrativos.

Claudia Xatara e Huéinton Cassiano Riva comentam a dicionarização de lexias complexas, locuções e expressões idiomáticas ou outras sequências sintagmáticas de uso frequente, observando um conjunto de dicionários fraseológicos de francês-português, publicados no Brasil, motivados sobretudo pela sua utilidade didáctica.

Lutz Hoepner, Ran Mai, Tim Oswald e Maria Celeste Augusto, dão notícia e propõem reflexões críticas sobre a dicionarística bilíngue de português-alemão, português-chinês, português-ínglês e português-neerlandês, oferecendo um sumário elucidativo sobre o convívio do português com uma parte significativa das línguas modernas.

A bibliografia e a cronologia correspondem a uma recolha provisória, elaborada com a informação que foi possível coligir a partir dos exemplares consultados e da documentação catalogada, correspondente ao acervo de dezenas de bibliotecas portuguesas e estrangeiras. Fez-se uma acurada revisão dos dados coligidos mas, nem sempre foi possível contrastar as descrições, muitas vezes desencontradas, fornecidas pelos vários catálogos.

Esta publicação dá sequência ao trabalho de pesquisa e de inventariação da dicionarística portuguesa iniciado em 2003, no Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, e que prossegue em colaboração com o Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. O projecto de investigação sobre o Corpus Lexicográfico do Português permitiu concluir a leitura e a transcrição

semidiplomática de um conjunto criterioso e bem preenchido de dicionários publicados desde o século XVI, de outras publicações com informação paralexigráfica (ortografias, sentenças e adágios) e de textos de tipo enciclopédico; foram realizadas várias dissertações de mestrado e de doutoramento; criou-se um espaço de publicação em linha, onde se oferece informação elaborada, original e muito ampla, sobre a história dos dicionários portugueses; em 2006 foi disponibilizada uma importante base de dados de acesso livre com cerca de 4 milhões de ocorrências, e que permite a leitura e a pesquisa lexical integral em 11 dicionários e 6 textos paralexigráficos dos séculos XVI, XVII e XVIII; em 2007 publicou-se o primeiro volume de *Dicionarística*, dedicado à história dos dicionários, com uma perspectiva panorâmica do património lexicográfico monolíngue, continuado em 2008 com a publicação da *Ortografia* de Madureira Feijó, acrescentada com um índice exaustivo de todas as formas.

Publicam-se, neste volume, novos elementos de informação básica para o reconhecimento do espólio dicionarístico português. Promove-se a recuperação de uma preciosa memória lexical e lexicográfica. Acrescenta-se um contributo mais para a incorporação de uma ampla base de dados que, além do testemunho dos dicionários antigos, deve abranger o restante património da escrita literária e não literária, até ao início do século XIX. O grande e motivador desígnio destes trabalhos é a elaboração de um Tesouro da Língua Portuguesa Clássica.

*Telmo Verdelho, João Paulo Silvestre*



1

*Tradição lexicográfica*



## Lexicografia portuguesa bilingue Breve conspecto diacrónico

Telmo Verdelho (Universidade de Aveiro)

SUMÁRIO	Introdução
	Convívio interlinguístico europeu
	Contacto luso-espanhol
	Encontro com o inglês e o flamengo
	Pré-dicionarística bilingue
	Francês-português (século XVIII)
	Lexicografia prática e escolar: <i>Novo dicionário francês-português</i>
	Português- Francês
	Vieira Transtagano: Inglês-Português / Português-Inglês
	Italiano-português
	Síntese conclusiva sobre a lexicografia do século XVIII
	Dicionarística bilingue no século XIX
	Dicionários portáteis
	— Dicionários portáteis, parceria com a língua francesa
	— Dicionários portáteis, parceria com a língua inglesa
	— Os “Dicionários do Povo”
	Dicionários complementares
	— O <i>Novo dicionario</i> (1836) de Fonseca
	— O <i>Nouveau dictionnaire</i> (1841) de Inácio Roquete
	— Os dicionários de C. Freire (1879), D. de Azevedo (1887/1889) e de Valdez (1887)
	Dicionários complementares, parceria com a língua inglesa
	Dicionários bilingues parceria alemão, espanhol e italiano
	Dicionários políglotas e paralexigrafia bilingue
	Conclusão

### Introdução

1. A lexicografia da língua portuguesa acompanhou, no início e ao longo da sua elaboração, a lexicografia europeia, com algum retardamento e geralmente com dimensão mais modesta, correspondente a um espaço linguístico periférico e com pequeno peso demográfico.

Os dicionários portugueses, como os da maior parte das línguas modernas, tiveram uma origem interlinguística. Desenvolveram-se num processo de interacção e de parceria, primeiro com o latim e depois em confronto com outras línguas vizinhas e contemporâneas.

Na história do convívio interlexicográfico, a língua portuguesa teve o privilégio de ser a primeira, entre as línguas europeias, a emparceirar com as línguas remotas do Oriente. O português levou o alfabeto latino à China e ao Japão e participou nas primeiras experiências lexicográficas trans-europeias.

Pelos anos de 1588 foi redigido, em Macau, o primeiro dicionário Português-Chinês, elaborado por iniciativa dos missionários jesuítas italianos Michele Ruggieri (1543-1607) e Matteo Ricci (1552-1610) (Witek 2001). A nomenclatura portuguesa é baseada, com pequenas adaptações, no *Dictionarium ex Lusitanico in Latinum sermonem*, de Jerónimo Cardoso (primeira alfabetação impressa da língua portuguesa, publicada em Lisboa, por João Álvares, em 1562-1563).

O encontro com o japonês começou a meio do século XVI, foi exercitado em textos manuscritos, ao longo de quarenta anos, e tomou forma impressa em Nagasaki em 1595, com a publicação de uma versão do Calepino em que a nomenclatura latina é traduzida em português e japonês: *Dictionarium Latino Lusitanicum ac Iaponicum ex Ambrosii Calepini*.

Poucos anos mais tarde, em 1603/4, publicava-se em Nagasaki um importante dicionário bilingue de japonês-português — *Vocabulario da lingoa de Iapam com a declaração em Portugues* — com cerca de 32.000 entradas de vocábulos japoneses transcritos no alfabeto latino, com as equivalências em português, “feito por alguns padres e irmãos da Companhia de Iesu” (Verdelho, 1998).

Como interlíngua de missão, a aventura do português manifestou-se também na Índia e no Brasil, desde o séc. XVI, com experiências lexicográficas originais e bem instruídas. São empreendimentos notáveis em que se pode observar a capacidade de mobilização e de aplicação prática do melhor da ciência metalinguística, que foi sendo elaborada e aperfeiçoada ao longo de uma estudiosa e recorrida tradição greco-latina.

Em todo o caso, a “lexicografia dos missionários” não teve, muito provavelmente, grande influência nem uma sensível repercussão no desenvolvimento da dicionarística portuguesa moderna, mesmo no respeitante aos dicionários bilingues. Mas foi no mesmo quadro da sabedoria linguística da gramática e das artes do discurso, aplicadas no ensino institucional do latim, que surgiu e se exercitou o encontro lexicográfico da língua portuguesa com as línguas europeias modernas.

## Convívio interlinguístico europeu

2. A produção lexicográfica elaborada no âmbito do convívio da língua portuguesa com os idiomas europeus, especialmente com o francês e o inglês, constitui um testemunho linguístico e histórico com interesse para os estudos diacrónicos, para a história da língua e da cultura, para uma compreensão mais instruída do relacionamento externo de Portugal, e sobretudo para o estudo do léxico e para a elaboração lexicográfica.

A história desta interdicionarização do português na Europa não foi ainda objecto de estudo sistemático. Existem alguns breves apontamentos, parciais e ocasionais, mas não é possível fazer, actualmente, uma síntese informativa suficientemente documentada, capaz de dar conta dessa produção, medianamente abundante, que se estende ao longo de quatro séculos, com particular incidência a partir da segunda metade do séc. XVIII, e que incorpora algumas centenas de títulos. Procuraremos, em todo o caso, dar uma notícia geral e abrangente sobre as origens e os primeiros desenvolvimentos dessa lexicografia, até ao século XX. De lado fica, por agora, a lexicografia latino-portuguesa, a qual, embora modestamente estudada, é já sumariamente conhecida.

Tentaremos roteirar essa produção, fazendo o levantamento dos textos conhecidos e encontráveis, especialmente os que acederam à divulgação tipográfica, que registam a língua portuguesa nesse confronto interlexicográfico.

3. O convívio do português com as línguas europeias começou no final do século XVI (1598) com o intercâmbio plurilingue do *vade-mecum* de Berlaimont:

*Colloquia et Dictionariolum octo Linguarum, Latinae, Gallicae, Belgicae, Teutonicae, Italicae, Anglicae, et Portugallicae. Liber omnibus linguarum studiosis domi ac fori apprime necessarius* (Rossebastiano 1975: 31).

Nele se regista um “corpus” lexical muito elementar, com cerca de 1100 entradas subordinadas à ordem alfabética de uma das outras línguas. O universo de referência verbalizado limita-se praticamente às solicitações da comunicação de um viajante em terra estranha e ao diálogo comercial.

A língua portuguesa vem incluída em cerca de vinte edições, entre 1598 e 1692. Nas edições que foi possível consultar, o “corpus” português sofreu algumas interferências das línguas parceiras, especialmente do espanhol. (Gallina 1959, Rizza 1996, Rossebastiano 1984).

Em 1617 o português entra também no convívio interlinguístico europeu, de modo fragmentário, na obra do inglês John Minsheu (1560-1627) *Ductor in linguas*, num conjunto de onze idiomas.

## Contacto luso-espanhol

4. A experiência plurilingue nos vocabulários de Berlaimont e de Minsheu não pode ser ignorada, mas é pouco significativa. O efectivo início do convívio linguístico do português com outra língua europeia, ocorreu, naturalmente dentro do espaço da Península Ibérica.

Um corpus trilingue latim, português e espanhol dicionariza-se no século XVII, no âmbito de uma lexicografia essencialmente latina, nas obras de Amaro Roboredo: *Raizes da lingua latina mostradas em hum tratado, e dictionario* (1621) (Verdelho, 1999); *“Centúrias” / Porta de linguas ou modo muito acomodado para as entender publicado primeiro com a tradução Espanhola. Agora acrescentada a Portuguesa com numeros interliniaes, pelos quaes possa entender sem mestre estas linguas o que as não sabe [...]* (1623); e de Bento Pereira: *Prosodia in Vocabularium Trilingue, Latinum, Lusitanicum, & Hispanicum digesta* (1634) (Verdelho, 1992). Trata-se todavia de uma anotação lexicográfica do castelhano assistemática, escassa e fragmentária especialmente nos dois textos caracterizadamente dicionarísticos. Vem integrada em artigos ordenados pelas entradas latinas, e não é referenciável pela ordem alfabética, nem do castelhano, nem do português. Amaro Roboredo, na “Advertencia” introdutória do seu “Calepino”, esclarece: “... faltando a castelhana, sabe que a mesma palavra sem nenhuma differença, he Portuguesa e Castelhana, ao menos quanto aas letras, e significação, posto que a pronunciação seja diversa”. Este mesmo critério, de informação exclusivamente contrastiva, parece ter sido aplicado por Bento Pereira.

Não temos dados sobre a recepção, a utilidade e a repercussão interlinguística destes registos lexicográficos. O dicionário de Amaro Roboredo não passou da primeira edição. Por sua vez, a *Prosodia* tornou-se simplesmente bilingue, a partir da reedição de 1697, abandonando toda a informação castelhana. De qualquer modo, esta intercomunicação das línguas peninsulares deverá merecer uma observação mais atenta e aprofundada. (V. infra: Vázquez, Ricós Vidal, Salas Quesada e Iriarte Sanromán).

Em 1721, Bluteau publica, anexado ao tomo 8º do seu monumental *Vocabulário*, um *Diccionario castelhano y portuguez* (189 páginas, “magno in quarto”) em que se ordenam alfabeticamente, de modo muito simplificado, as equivalências lexicográficas das duas línguas. No português-espanhol, regista-se um vocabulário básico de cerca de 1200 formas. O espanhol-português oferece uma nomenclatura bastante mais abundante (cerca de 22.000 entradas). Como nos dicionários anteriores, trata-se de uma sobreposição contrastiva do

“corpus” lexical das duas línguas, mas agora de maneira sistemática e com o acesso facilitado pela indexação alfabética das entradas nas duas línguas. No dicionário de espanhol português, quando a forma castelhana e a portuguesa coincidem (o que acontece em mais de 11.000 entradas) a equivalência é substituída simplesmente pela partícula *id.* O conteúdo lexicográfico, oferece, naturalmente, a sequência equativa e paratáctica das formas equivalentes, em cada uma das línguas, mas é também valorizado por elementos de informação semântica que transcendem o âmbito da intercomunicação bilingue.<sup>1</sup>

## Encontro com o inglês e o flamengo

5. Para além dos contactos com o espanhol, o encontro lexicográfico do português com outras línguas europeias, no âmbito de uma dicionarística bilingue que podemos considerar pré-moderna, inicia-se em Londres em 1701, e em Amsterdam, em 1714. Em Londres publica-se um dicionário de Inglês-português e português inglês, com o título: *A compleat account of the Portugueze language, being a copious dictionary*, assinado por um enigmático A. J. que foi, ao que parece sem base suficientemente comprovada, interpretado como Alexander Justice (Torre 1996).

A primeira parte — *Vocabularium Anglo-Lusitanicum* — ocupa 195 p. e a segunda — *Vocabularium Lusitano-Anglicum* — ocupa 181, n.numeradas. Não pudemos verificar a origem da nomenclatura inglesa. Ela pode ter sido recolhida do dicionário de John Bullokar, (*An English Expositor, or, Compleat dictionary: teaching the interpretation of the hardest words, and most useful terms of art, used in our language / first set forth by J.B.*) inicialmente publicado em 1616 e depois retomado ao longo do século XVII, com uma edição ainda em 1688. Mas também os dicionários de inglês latim, poderão ter sido utilizados como fonte de referência para a selecção das entradas da primeira parte, especialmente os dicionários de John Rider (1562-1632) e de Elisha Coles (1624-1680) que foram objecto de várias reedições na segunda metade do século XVII.

A nomenclatura portuguesa que se encontra na segunda parte, é integralmente transcrita do *Tesouro da lingua portuguesa* (1647). Consta de uma alfabetação do léxico português composta por cerca de 24.000 entradas.<sup>2</sup> A mesma nomenclatura foi literalmente transferida, com a retoma do próprio título, no *Tesouro dos Vocábulos Das duas Línguas Portuguêsa, e Belgica* publicado em Amsterdam, em 1714 por Abraham Alewyn e Joannes Collé.

Estes dicionários, tendo em conta o lugar da sua publicação (Inglaterra e Holanda), esperavam certamente como principais destinatários os falantes de inglês e de flamengo, e não tanto o público português que dificilmente lhes poderia aceder. De qualquer modo, em Portugal ou no estrangeiro, não foram reeditados e não fizeram tradição lexicográfica. Para a língua portuguesa, o mais interessante nestes dois monumentos bibliográficos, que marcam a emergência do encontro interlexical do português com as línguas europeias, é o testemunho

<sup>1</sup> O *Diccionario castelhano y portuguez* inclui cerca de 2.000 nomes próprios, topónimos (cidades, ilhas, reinos, rios, montes, etc.) e mais de 500 anotações de classificadores hiperónimos e de termos de especialidade, com a seguinte ordem de frequência até às 9 ocorrências: Ciudad (975), Termino (287), Villa (212), Region (210), Yerva (202), Rio (129), Pueblos (105), Medico (104), Isla (94), Ave (68), Reyno (60), Arbol (54), Monte (45), Provincia (43), Anatomico (34), Animal (32), Cavallo (29), Piedra (28), Mar (25), Pece (25), Pescado (24), Titulo (23), Astronomico (20), Moneda (20), Canto (19), India (19), Lugar (17), Planta (17), Fruto (16), Figura (15), Flor (15), Nautico (15), Trigo (14), Casa (13), Islas (13), Palabra (13), Tierra (12), Medida (11), Navio (11), Color (10), Dentes (10), Dignidad (10), Musica (10), Pequena (10), Aguas (9), Chimico (9), Constelacion (9), Cousa (9), Moço (9) (Salas Quesada, 2003).

<sup>2</sup> O texto foi objecto de registo digital, no âmbito do projecto do *Corpus Lexicográfico do Português* e pode ser consultado em <http://clp.dlc.ua.pt>.

diacrónico do “corpus” linguístico que parece ser muito abundante, acumulado no interior dos artigos, no dicionário de Inglês-Português.

### Pré-dicionarística bilingue

6. O contacto activo em Portugal com as línguas centro-europeias começa ainda no século XVII com a elaboração de textos gramaticais. Na *Biblioteca Lusitana* de Barbosa Machado (t.III, p.343-344) encontram-se referidas uma *Arte de Grammatica Italiana* e uma *Arte de Grammatica Francesa* manuscritas, compostas cerca de 1640 por Manuel Pires de Almeida (1597-1655) actualmente perdidas.

Em 1679 publicou-se em Lisboa uma *Arte da lingua francesa para facilmente, e brevemente aprender a leer, escrever, & fallar essa Lingoa*, um pequeno volume (86, [2] p. 14 cm), composto por João da Costa, que marca o início de um convívio interlinguístico do português com a Europa, e que vai intensificar-se nas décadas iniciais e ao longo de todo o século XVIII, com a publicação de outros compêndios para o ensino do francês, do italiano, do flamengo, do inglês e do alemão, nos quais se integra, com espaço alargado, a informação sobre o vocabulário.

A componente lexical no confronto bilingue com as línguas europeias, desenvolveu-se, de forma pré-dicionarística, como um apêndice indispensável, nos manuais de tipo gramatical, orientados para o estudo do português no estrangeiro, ou para o ensino das línguas estrangeiras em Portugal.

Um dos mais antigos manuais em que se acrescentou essa parte especialmente dedicada ao vocabulário foi a *Grammatica Anglo-Lusitanica... With a Vocabulary of Useful Words in English and Portuguese*, publicada anónima, em Lisboa, em 1705. A publicação em Lisboa deve ter sido motivada pela procura do público português, e foi certamente para o público português que se valorizou esse vocabulário básico referenciado no próprio título, comum às duas línguas. Havia o dicionário já citado, *A compleat account of the Portuguese language*, publicado em Londres, quatro anos antes, mas ele não era facilmente acessível para os estudiosos de inglês ou de português que viviam em Portugal.

Importantes, pela sua informação lexical, são também os manuais de gramática de francês e de italiano publicados por Luís Caetano de Lima (1671-1757). A *Grammatica franceza, ou arte para aprender o francez por meio da lingua portugueza* teve primeira edição em 1710, foi retomada em 1733, logo seguida, em 1734 pela *Grammatica italiana e Arte para aprender a Lingua Italiana por meyo da Lingua Portugueza*, e foram depois várias vezes reeditadas.

Estas gramáticas oferecem já uma informação lexical bastante sistemática e relativamente abundante. Ao longo dos vários capítulos transcrevem copiosas listas de palavras com informações prosódicas e morfológicas; enumeram muitos paradigmas gramaticais, como os verbos irregulares, os nomes anómalos, os advérbios, e as partículas da oração, sempre emparelhados, de forma recíproca, nas duas línguas em confronto. Além deste “corpus” de tipo para-lexicográfico, disseminado geralmente na maior parte dos manuais escolares gramaticais, destinados a aprender as línguas estrangeiras, e eventualmente também a língua vernácula, acrescentam-se agora vocabulários que dão conta do léxico básico elementar para a comunicação oral e escrita, e que sistematizam a sua apresentação como se se tratasse de um pequeno dicionário. Tomo para exemplo a já referida *Grammatica italiana e Arte para aprender a Lingua Italiana por meyo da Lingua Portugueza*, publicada em Lisboa pelo teatino Luís Caetano de Lima, em 1734 e reeditada em 1756 e 1784 sem alterações apreciáveis. Serve de referência a ed. de 1756.

A informação especificamente lexical ocupa cerca de 140 páginas e divide-se em duas partes: italiano-português e português-italiano. A primeira corresponde ao capítulo (XXXII, p.

273-351) e tem o título seguinte: *De alguns Nomes e Verbos, que encerrão alguma dificuldade mais particular; e das observaçoens que sobre elle fazem os Academicos da Crusca, ou algum author dos de melhor nota, pôstos por ordem Alfabetica.*

Apresenta cerca de 900 artigos de tipo dicionarístico, compostos pela entrada em italiano e pelas equivalências em português, com alguma expansão sinonímica. Em muitos artigos acrescentam-se frases em italiano que são também objecto de tradução em português. Começa este breve vocabulário com a entrada *Acconciare*. à qual corresponde o artigo seguinte:

“*Acconciare*. Concertar, preparar, pôr em bom estado. *Acconciarsi la testa*. Concertar o cabelo, tocar-se. *Acconciarse* sómente. Concertar-se, vestir-se, compor-se. *Acconciarsi insieme*. Ajustar-se entre si, compôr-se, reconciliar-se. *S'aconciò cò Fiorentini*. Ajustou-se com os Florentinos.” (p. 273)

Trata-se de uma recolha dicionarística com importância linguística, pedagógica e cultural. Entre outros artigos bem preenchidos poderão assinalar-se os correspondentes às entradas: *biasimare*, *brusco*, *caldo*, *Crusca*<sup>3</sup>, e ainda *Morbido*, *Schiudere*, *Spavento*, *Scrocare*. *vago*<sup>4</sup>.

A informação lexicográfica, do português para o italiano é acrescentada na parte final, como um anexo que não vem incluído entre os 34 capítulos do índice inicial da gramática. Tem o título seguinte: *Compendio de varios nomes propios, e termos particulares de artes e sciencias, divididos por classes de materias.*

Estende-se da p. 351 à 412. Trata-se de um pequeno vocabulário, organizado metodicamente, com preocupações didácticas, composto por cerca de 2000 palavras, distribuídas por domínios de significação. O modelo destes “vocabularetos” é certamente muito remoto. Temos notícia da sua utilização nas escolas conventuais da Idade Média para o ensino do latim. Em toda a Europa foram impressos em grande número, a partir do séc. XVI. Um destes pequenos manuais lexicográficos inaugurou mesmo o bibliónimo “dictionarium” na tipografia portuguesa em 1551: *Hieronymi Cardosi Dictionarium Iuventuti studiosae admodum frugiferum*.

Os vocabulários de Caetano de Lima são suficientemente amplos e bastante cuidados para fornecerem uma competência lexical muito semelhante, ou talvez mesmo superior, à que hoje propõem os vocabulários básicos ou fundamentais, elaborados com recurso à estatística das línguas. O *Vocabulário do Português Fundamental*, por exemplo, publicado em 1984, tem justamente 2 217 palavras e apresenta um “corpus” lexical correspondente, *grosso modo*, à mesma lógica de um universo semântico determinado pelas necessidades da comunicação elementar. O contraste diacrónico entre os dois vocabulários oferece informação muito pertinente para a história das duas línguas e para a história da vida quotidiana, e de um modo geral para a memória da cultura.

Este manual em particular, com as suas reedições, documenta o elevado interesse pela língua italiana em Portugal ao longo do séc. XVIII. O interesse pelo italiano justificou mesmo, no final do século, a publicação de um volumoso dicionário de que adiante daremos notícia, e repercutiu-se ainda no século XIX com a divulgação do *Thesouro da Lingua Italiana* (1803) de António Michele<sup>5</sup>.

<sup>3</sup> “Farello. Nome que tomou a famosa Academia da Crusca, para mostrar que com o seu trabalho separa a farinha mimosa dos farellos, isto he, as palavras boas das más.” (p. 285).

<sup>4</sup> “Errante. *Le stelle vaghe*. As estrelas, os astros errantes. Significa tambem desejoso. *Queste cose mi fanno vago di saper chi tu sii*. Estas cousas me fazem vir a curiosidade de saber quem tu és. Tambem se diz daquillo que dá gosto, que agrada. *Di questo sogliono le donne essere più vaghe*. Disto se costumã pagar, ou aggradar mais as mulheres. Algumas vezes quer dizer gentil, engraçado. *La sua vaga bellezça*. A sua engraçada formosura.” (p. 344).

<sup>5</sup> Personagem interessante que exerceu em Lisboa o ofício de “Professor de língua Italiana, Francesa e Inglesa”.

No quadro desta interlexicografia com a língua portuguesa, que podemos considerar pré-dicionarística, merece destaque a obra de Carlos Folqman *Grammatica hollandeza, ou Methodo compendioso para aprender a bem fallar, e escrever a lingua Hollandeza*.

Também aqui a componente lexicográfica se integra no âmbito de um manual para o ensino da língua, em que, para além da parte gramatical, se acrescenta — lê-se no próprio título — “*huma nomenclatura copiosa, varios Dialogos, e huma collecção dos mais selectos Proverbios de ambas as linguas*”. É um vocabulário menos dimensionado do que os anteriores, tem cerca de mil palavras diferentes, oferece, em parte, o mesmo universo de referência: a vida quotidiana e o espaço burgês. Em todo o caso na nomenclatura de Folqman, a língua de entrada é o holandês, as equivalências portuguesas não correspondem assim a uma nomenclatura com tradição já estabelecida, e deixam transparecer a originalidade e o idiolecto do autor. São também um interessante testemunho para a história da língua. Pode citar-se, como exemplo, um núcleo temático com um título inesperado: (p. 92) *Qualidades Infames* ao qual correspondem os nomes: *matador, traydor, feiticeiro, ladrao, puta, putanbeiro, ladrao de estrada, prézo, agarrador, quadrilheiro, forca, carrasco*.

PORTUGEESE <sup>136</sup>  
EN NEDERDUITSE  
SPRAAKKONST,  
MET EENE WYDLOOPIGE NAAM-NOEMINGE,  
Vercheide t'zamenpraaken, en eene verzamelin-  
ge van de uitgelezenste spreekwoorden  
van beide taalen.  
*Is nu bygevoegd eene verhandeling van de Portu-  
geese Speld'-konst.*

---

GRAMMATIC A  
HOLLANDEZA,  
OU  
ARTE COMPENDIOSA  
Para hum Portuguez aprender a lingua  
Hollandeza.  
COM HUMA NOMENCLATURA COPIOSA,  
*varios Dialogos, e huma Collecção dos mais  
selectos Proverbios de ambas as linguas.*  
Pelo P. CARLOS FOLQMAN,  
Clerigo Presbytero do habito de S. Pedro,  
e Capellaõ mór de S. Bartholomeo  
dos Alemães.  
LISBOA:  
Na Offic. dos Herd. de ANTONIO PEDROZO GALRAM,  
M. DCC. XLII.  
*Com todas as licenças necessarias.*

COLLECCÃO  
DE  
PALAVRAS  
FAMILIARES,  
PORTUGUEZAS, FRAN-  
cezas, Latinas, e Britanicas,  
Com huma breve instrução para perce-  
ber, e ainda fallar o Idioma Frances.  
AUTHOR  
BARTHOLOMEU ALVARES  
DA SYLVA.



COIMBRA:  
Na Real Officina da Universidade, Anno  
de 1764.  
*Com as licenças necessarias.*

7. O contacto interlinguístico, pré-dicionarístico, desenvolvido em manuais para o ensino das línguas, teve expressão plurilingue num opúsculo publicado em 1764 por Bartolomeu Álvares da Silva: *Collecção da palavras familiares portuguezas, francezas, latinas e britanicas: com huma breve instrução para perceber e ainda fallar o idioma frances*.

É um pequeno volume orientado para o ensino, em que o português se encontra com o latim e as duas línguas modernas que começariam a ter mais procura e que haveriam de emergir como opções predominantes no processo de escolarização interlinguístico europeu. Começa com um vocabulário geral de 45 páginas (sobretudo de nomes substantivos), organizado por domínios de significação, ou núcleos temáticos, retomando o modelo e a

própria nomenclatura já anteriormente ensaiados nas “artes” publicadas para o ensino das línguas. Depois de uma *Brevissima instrução para perceber com brevidade o Idioma Frances* (46-100), acrescentam-se ainda 10 páginas (100-110) de verbos. O português é a língua de entrada, seguido do francês, do latim e do inglês; a lista dos verbos, é ordenada pela sequência: francês, português, latim, inglês. Contém cerca de 1800 palavras (incluindo os verbos). Trata-se de um registo linguístico que dificilmente poderia corresponder às necessidades da vida quotidiana e ao espaço familiar, que o título parece sugerir.

Não sabemos qual terá sido o acolhimento deste livrinho, que teve certamente trânsito escolar e que assinala a intensificação do ensino das línguas mais procuradas. A partir desta data vai alargar-se consideravelmente a oferta de textos escolares para a aprendizagem das línguas modernas, e os dicionários bilingues vão começar a aparecer, no início volumosos e abundantes, depois em formato de bolso e com mais quantiosas e frequentes tiragens.

Para o confronto lexical do português com o alemão, os primeiros vocabulários encontram-se em dois manuais de gramática impressos em 1778, e 1785: *Portugiesische Grammatike* de Jung, publicada anónima em Frankfurt; e *Nova Grammatica Portuguesa* de Abraham Meldola, publicada em Hamburgo. A informação lexical bilingue foi também organizada por grupos temáticos e apresenta uma dimensão apreciável. O primeiro texto tem 1870 entradas, polarizadas em 41 domínios de significação. A gramática de Meldola oferece um confronto bilingue mais amplo. Além de uma antologia de textos literários acompanhados da respectiva tradução, propõe um vocabulário Português-alemão composto por 37 grupos temáticos com um total de 2708 entradas.<sup>6</sup>

### Francês-português (século XVIII)

8. A lexicografia bilingue moderna, motivada e esperada pelo público, e com aptidão comercial, surge em Lisboa na segunda metade do século XVIII. Começam então a publicar-se os primeiros dicionários em que o português emparceira com os vernáculos europeus, quarenta anos antes da dicionarização monolingue. Entretanto, o grande terramoto de Lisboa em 1755 destruiu e queimou, pelo menos em parte, três dicionários, entre os quais a edição do primeiro dicionário de Francês-Português elaborado pelo P. José Marques. A notícia encontra-se num texto introdutório (“Avis au public”) do dicionário de francês-português publicado pelo mesmo autor em 1758: “Nous donnames il y a quatre ans [1754?] au public ce Dictionnaire François, & Portugais, mais l'incendie du Tremblement de Terre du premier Novembre de 1755 en aiant consumé toute l'impression, ainsi que tout ce que nous avions de librairie...”<sup>7</sup>

O terramoto deve ter também contribuído para atrasar a edição do primeiro dicionário de Português francês, composto pelo mesmo autor J. Marques. O original foi visto pelos censores e licenciado para entrar nos prelos ainda em 1748, mas a publicação teve lugar apenas em 1764.

<sup>6</sup> Sobre o valor testemunhal deste “corpus” linguístico para a memória histórica ver Fernando Clara, 1989 e 1997.

<sup>7</sup> Dois outros dicionários foram inutilizados pela catástrofe: um dicionário português, feito como complemento do *Vocabulário* de Bluteau, por José Caetano (1690-?), que se encontrava já em parte impresso, (I. Silva, *Dicionário Bibliográfico*, t. IV, p. 282); e, segundo o testemunho de Joaquim José da Costa e Sá no “Aviso ao Editor” do *Diccionario portuguez-francez-e-latino*, 1794 — “O Diccionario Portuguez e Latino do Padre *Carlos Folqman*, impresso em Lisboa por Miguel Manescal da Costa no anno de 1755. Esta Obra he Muito rara, por se ter queimado quasi toda a Impressão no incendio, e terremoto, succedido no mesmo anno.”

Entretanto, a recuperação, na sequência dessa tragédia, foi surpreendente. Nas últimas décadas do século XVIII produziram-se dicionários em elevado número, mais de meia centena, preenchendo o período mais fecundo da história da lexicografia portuguesa — falamos, é claro, em termos relativos, tendo em conta o quadro demográfico e os índices de escolarização e de consumo de escrita. Publicaram-se, por estes anos, três grandes conjuntos dicionarísticos, além de outras obras menores, um para o francês, outro para o inglês e outro para o italiano. A língua de Camões começou assim a ficar dotada de um “corpus” lexicográfico definitivamente desbloqueado para a intercomunicação europeia.

A elaboração destes dicionários foi certamente conseguida com o aproveitamento da intermediação latina oferecida pelos vocabulários da tradição humanista que transformaram o latim na língua de encontro entre os diferentes vernáculos europeus. Além disso, neste fim de século, a maior parte das línguas europeias já podia dispor de dicionários monolíngues, com uma acumulação lexical recorrida e teorizada, e os lexicógrafos portugueses puderam socorrer-se sobretudo dos modelos franceses, espanhóis, italianos e ingleses.

Os dicionários começaram a alargar a sua presença para além do mundo académico e cultural. Ganharam espaço como objecto de civilização. Foram-se configurando como um produto composto e depurado em que se verificava a sobreposição dos nomes de vários lexicógrafos e de editores e em que se melhoravam as soluções tipográficas e sobretudo a dimensão e a funcionalidade dos volumes oferecidos ao público. Tornaram-se um bem comercial muito apetecido e com valor saliente, no mercado livreiro.

Os dicionaristas portugueses integraram-se neste quadro europeu; aproveitaram os novos recursos, e deram início a uma lexicografia interlinguística já consideravelmente evoluída. A parceria com a língua francesa foi a primeira e a mais cultivada nesse momento de rápida e progressiva expansão do dicionário no espaço da língua portuguesa.

Não temos ainda um levantamento completo e rigoroso da emergência dos dicionários de português e francês; do seu percurso de divulgação e expansão; dos seus autores, “revisores” e “aumentadores”; e dos parâmetros da sua recepção e repercussão nos territórios falantes da língua portuguesa, mas temos já elementos suficientes para reconhecer e avaliar alguns destes aspectos.

Os autores são parcialmente conhecidos, embora algumas edições tenham aparecido anónimas. Entre os nomes fundadores, destacam-se: José Marques (1758/1764), Manuel de Sousa (1784/86), Joaquim José da Costa e Sá (1784/86/94), e Miguel Tibério Pedegache Brandão Ivo (1769/78). Outros nomes são referidos, mas a sua colaboração, comparada com a destes iniciadores, parece ter sido menos importante. Em todo o caso, poderão ainda lembrar-se, entre outros, os seguintes dicionaristas: Vicente Pedro Nolasco da Cunha, Vicente de Bastos Teixeira, Manuel Joaquim Henriques de Paiva, Pedro Mariz de Sousa Sarmento.

No encontro lexicográfico entre o português e o francês, foi predominante a sequência francês-português, correspondendo certamente a uma procura sobretudo motivada pelo conhecimento passivo do francês e pela necessidade elementar de aceder à compreensão da língua, na leitura das publicações francesas. O público português era menos solicitado para o uso activo da língua francesa, era um receptor passivo, não precisava de falar e, por isso mesmo, necessitava menos de um dicionário de português-francês.

Até ao início do séc. XIX é possível referenciar quatro realizações dicionarísticas de francês-português, publicadas em Lisboa com alguma diferenciação entre elas. Três delas correspondem a dicionários grandes, de nomenclatura não excessiva, mas com uma considerável acumulação textual. Podem ser identificados pela referência autoral:

José Marques 1754; 58-64; 75-76;

Manuel de Sousa - Joaquim José da Costa e Sá 1784-86;

Manuel de Sousa - Joaquim José da Costa e Sá - Vicente Pedro Nolasco da Cunha 1811.

Estes três dicionários, de francês português, são obras de formato amplo, muito preenchidas, tipografadas com letra miúda e com abundante informação textualizada. Declaram entre as suas fontes os melhores autores e dicionaristas franceses: da Academia Francesa, de Trevoux, de Furetiere, de Tachard, de Richelet, de Danet, de Boyer, &c. Para além de outros aspectos, no âmbito da dicionarística e das relações culturais entre Portugal e a França, e a Europa em geral, são um repositório precioso para o conhecimento do léxico português, são bastante copiosos, dão notícia de uma documentada neologia e acrescentam uma perspectiva diacrónica do percurso que vai desde 1750 a 1811.

Entre este conjunto, merece destaque o *Nouveau Dictionnaire François-Portugais, composé par le Capitaine Emmanuel de Sousa, & mis en ordre, rédigé, revû, corrigé, augmenté, & enrichi de tous les termes techniques, & propres des sciences, des arts, des métiers de geographie; &c. sur la dernière édition de celui de M. l'Abbé François Alberti, & des Tables de l'Encyclopédie par Joachim Joseph da Costa & Sa,* (1784-1786).

Trata-se de um obra de grande vulto, que inova consideravelmente, em relação aos anteriores dicionários de francês-português, pela qualidade e pela quantidade. Compõem-se de 1200 páginas com tipografia densa e miúda; com uma nomenclatura francesa muito abundante; e com uma parte portuguesa cuidadosamente textualizada e bem preenchida com expansão sinonímica, com muitas frases e textos proverbiais, corroborando plenamente as afirmações do texto prefacial:

“He superior este Dicionario, pois nelle se encerra hum copiosissimo Thesouro da Linguagem Portugueza dos Sabios da Idade aurea da nossa lingua; e nelle se encontrarão por sua ordem, methodicamente, e em seu justo lugar as denominações, ou significações primigenias de todos os Termos, e Vocabulos, com as Synonymas; as suas accepções translatas, ou figuradas; as Locuções, Frases, e Proverbios; &c. tudo sobre maneira digerido, e ordenado, que facilmente se poderão achar ao primeiro golpe de vista.

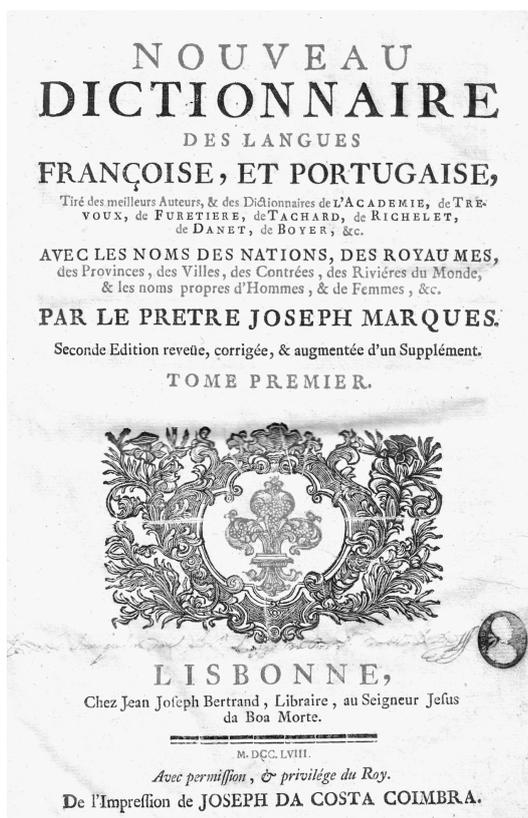
Houve hum vigilantissimo cuidado de se lhe acrescentarem todos os termos technicos, e facultativos das Sciencias, e das Artes; &c. Os Anatomicos, Botanicos, Physicos, Jurisconsultos, Theologos; &c. acharão nelle se não tudo, ao menos quasi tudo, o que respeita as suas Faculdades.” (Aviso dos Editores).

A tiragem destes dicionários deve ter sido modesta, e não terão sido objecto de retoma editorial. Deveriam ter um custo elevado e eram pouco funcionais. Os editores, respectivamente Bertrand e Borel, tiveram um conflito sobre os direitos de edição. À viúva Bertrand e Filhos foi negado o privilégio de prolongamento do direito exclusivo de publicação do dicionário de francês-português, por decisão da Real Mesa Censórea de 11 de outubro de 1781. No recurso da casa Borel invocava-se, entre outras razões, a inferior qualidade da obra do P. Marques que seria uma “tradução servil do Dicionario de Sobrino”, de espanhol-francês (várias vezes reeditado em Madrid, na primeira metade do século XVIII)<sup>8</sup>.

Bem diferente foi a sorte de um outro dicionário de francês-português, que surge como o primeiro dicionário prático publicado em Portugal, num tempo de grande mudança, no mundo da política, da cultura e especialmente da história da língua portuguesa, que vivia um momento sensível da sua transumância para o Brasil.

---

<sup>8</sup> Real Mesa Censórea, caixa 179, processo iniciado em 30 de Julho de 1767. Encontra-se esta informação numa pesquisa elaborada por João Paulo Silvestre sobre a história editorial da lexicografia portuguesa do final do século XVIII, que aguarda publicação.



**NOUVEAU  
DICTIONNAIRE  
FRANÇOIS-PORTUGAIS,**

COMPOSÉ  
PAR LE CAPITAINE EMMANUEL DE SOUSA,  
&  
MIS EN ORDRE, RÉDIGÉ, REVU, CORRIGÉ, AUGMENTÉ, & ENRICHÉ DE TOUS LES TERMES  
TECHNIQUES, & PROPRES DES SCIENCES, DES ARTS, DES MÉTIERS, DE GÉOGRAPHIE, &c.  
SUR LA DERNIÈRE ÉDITION DE CELUI DE M. L'ABBÉ FRANÇOIS ALBERTI,  
& DES TABLES DE L'ENCYCLOPÉDIE

PAR  
**JOACHIM JOSEPH DA COSTA & SA,**  
Professeur de Belles-Lettres, & officier de l'Académie Royale  
des Sciences de Lisbonne;

DEDIÉ À SON ALTESSE ROYALE  
MONSIEUR  
LE PRINCE DU BRÉSIL.  
TOME PREMIER.

A=K



**A LISBONNE:**

Chez Borel, Borel, & Compagnie, grande rue de Notre-Dame  
des Martyrs.

---

M. DCC. LXXXIV.  
DE L'IMPRIMERIE DE SIMON THADDÉE FERREIRA.  
Avec Approbation & Permission du Tribunal des Censeurs Royaux.

**DICCIONARIO  
PORTUGUEZ-FRANCEZ-E-LATINO**

NOVAMENTE COMPILADO,  
QUE  
À  
AUGUSTÍSSIMA SENHORA  
**D. CARLOTA JOAQUINA,**  
PRINCEZA DO BRASIL,  
OFFERECE, E CONSAGRA  
JOAQUIM JOSÉ DA COSTA E SÁ,  
Professor Régio de Lingua Latina, e Socio da Academia Real das Sciencias de  
Lisboa.



LISBOA. M. DCC. LXXXIV.

---

NA OFFICINA DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.  
Com Licença da Real Mesa da Comissão Geral sobre o Exame, e Censura  
dos Livros, e com Privilégio Real.

Vende-se na loja da Viuva Bertrand, e Filhos aos Martyrs.

Foi taixado este Livro em papel a 4800 réis.

### Lexicografia prática e escolar: *Novo dicionário francês-português*

9. A partir do final do século XVIII, a produção lexicográfica portuguesa, particularmente a produção bilingue, passa a ser luso-brasileira e é já neste quadro que surge o primeiro dicionário prático de francês português. Um volume manual, in 8º que começou a publicar-se em 1769, e que teve sucessivas reedições (“numerosas”, no dizer dos editores: 1772, 1777, 1778, 1786, 1796, 1803, 1817). Transcreve-se a portada da 4ª edição — 1778, única que traz indicação de autoria: *Novo Diccionario Francez-Portuguez, composto sobre os melhores dictionarios, illustrado com os termos facultativos das sciencias, e artes liberais e mecanicas ... por Miguel Tiberio Pedegache Brandão Ivo.*

Parece ter tido um percurso editorial perturbado pelo desencontro e pela concorrência entre editores, e entre o autor e reeditores. Encontram-se acentuadas variantes quando se colaciona o “corpus” lexicográfico das diversas edições, nas entradas e no texto dos artigos, e o próprio título sofreu também algumas alterações, entre a 4ª ed. e a 5ª., por exemplo: *Novo Diccionario Francez e Portugues, composto segundo os mais célebres dictionarios e enriquecido de muitos termos de medicina, de anatomia, de cirurgia, de farmacia, de quimicia (sic), de historia natural, de botanica, de mathematica, de marinha, e de todas as outras artes e sciencias, notavelmente corrigido, emendado, e adicionado com hum sem numero de termos, e locucoes, e algumas frazes em ambos os idiomas.* Trata-se, em todo o caso, do mesmo dicionário, como pode depreender-se pela insistência na ordem numérica das sucessivas edições. A referência autoral a Miguel Tibério Pedegache Brandão Ivo (1730?-1794) deverá aceitar-se, mesmo em relação às edições que não trazem indicação de autor. Inocêncio (t. 6, p.17) dá notícia de uma revisão (5ª ed. 1786), ou provável colaboração em quase co-autoria, atribuída a Manuel Joaquim Henriques de Paiva (1755-1829) que é considerado um dos mais representativos intérpretes da intercomunicação de Portugal com o Brasil, no início do século XIX.

Continha cerca de 34.000 artigos, que foram, como já notámos, objecto de numerosas variantes, suprimidos e acrescentados, reescritos, reduzidos e ampliados, ao longo das várias edições. Em todo o caso, a nomenclatura (que foi igualmente objecto de alterações), manteve, de modo mais ou menos preponderante, e de acordo com a lição francesa, um critério de selecção orientado no sentido do uso mais necessário e mais frequente. Era útil e prático.

Este dicionário merece referência por muitas razões que o tornaram particularmente interessante: marcou, em absoluto, o início da dicionarística moderna em Portugal; assinalou a intensificação do relacionamento linguístico e cultural com a Europa; assistiu a um importante momento de forte interacção da língua portuguesa no Brasil; documentou a renovação da técnica lexicográfica, confrontando e motivando o “corpus” do vocabulário português com a nomenclatura francesa, já então depurada por uma preenchida e exigente tradição lexicográfica. A parte portuguesa beneficiou da simplificação da massa metalexográfica. O dicionário adquiriu assim uma leveza e legibilidade que o tornaram mais maleável e fruível, correspondendo certamente às solicitações de um público que progressivamente beneficiava de um ampliado acesso à leitura e ao consumo do livro francês, e que recebia um forte incremento da participação do Brasil. A rápida difusão desta obra pode ser tomada como um primeiro indício da democratização do dicionário no espaço lusófono.

A divulgação e o uso generalizado do dicionário prosseguiria, logo no início do século XIX com os dicionários “portáteis” (v. *infra*) ainda mais pequenos, em tamanho de bolso, mais numerosos e com mais concorrência, em autores e editores, e com um inevitável empobrecimento no respeitante ao agenciamento linguístico e à sua elaboração lexicográfica.

**DICCIONARIO ABREVIADO**  
DAS LINGUAS  
**PORTUGUEZA, E FRANCEZA,**  
O U  
**COMPENDIO**  
DO GRANDE DICCIONARIO PORTUGUEZ,  
FRANCEZ, E LATINO,

COMPOSTO POR JOAQUIM JOSÉ DA COSTA E SÁ,  
*Professor Regio de Lingua Latina, e Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa:*

Accrescentado, e enriquecido com os Termos proprios, e technicos de todas as Sciencias, e Artes, extrahidos dos Classicos Antigos, e Modernos de melhor nota, que se achão universalmente recebidos.

LISBOA,  
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.  
1808.

*Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.*

*Vende-se na Loja da Viuva Bertrand e Filhos, Mercadores de Livros, junto á Igreja dos Martyres, N. 45.*

**NOVO**  
**DICCIONARIO**  
**FRANCEZ-PORTUGUEZ,**  
COMPOSTO  
SOBRE OS MELHORES DICCIONARIOS,  
ILLUSTRADO  
COM OS TERMOS FACULTATIVOS  
DAS SCIENCIAS, E ARTES LIBERAES, E MECANICAS,  
DEDICADO  
AO ILLUSTR.<sup>MO</sup> E EXCELLENT.<sup>MO</sup>

SENHOR  
**MARQUEZ DE ANEJA,**  
DOS CONSELHOS DA RAINHA N. SENHORA, E DE GUERRA,  
*Gentil-homem da sua Camara, Tenente General dos seus Exercitos, Mi-  
nistro adjunto ao despacho do seu Gabinete, Presidente do Erario  
Regio, Intendente Geral da Marinha, Commandador da Or-  
dem de Christo, e Sant-Iago, &c. &c. &c.*

POR  
MIGUEL TIBERIO PEDEGACHE BRANDÃO IVO  
QUARTA EDIÇÃO  
Examinada, revista, e addicionada.

LISBOA  
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.  
ANNO MDCCLXXVIII.  
*Com licença da Real Meza Censoria.*

*Vende-se em casa de Valentin Lagier, Mercador de Livros, no Bairro Alto á Cruz de Pás.*

## Português- Francês

10. A produção de dicionários luso-franceses, florescente a partir do meio do século XVIII, ocupa um lugar axial na modernização da lexicografia portuguesa. A par do convívio interlinguístico, que suscitou uma abundante transfusão lexical, no sentido francês-português, foi igualmente proveitosa a importação dos modelos de dicionários bilingues que então começaram a proliferar em toda a Europa, com a preponderante parceria do francês.

No espaço da língua portuguesa, não obstante a assimetria já assinalada (pela hipertrofia da procura do francês-português no encontro das duas línguas), parece, em todo o caso, notar-se um certo esforço de reciprocidade na elaboração destes primeiros dicionários bilingues. A versão português-francês, apesar da previsível menor procura, surgiu num processo de quase simultaneidade com a de francês-português.

A obra inaugural em que se dicionariza a sequência português-francês foi publicada em Lisboa em 1764, mas traz licenças de impressão datadas de 1748 e é considerada como um segundo tomo do conjunto em que deveria apresentar-se em primeiro lugar o dicionário de Francês-português (impresso em 1758 e distribuído com um “Supplement” em 1764, como acima se refere). O terramoto justifica certamente a descoordenação destas datas. A catástrofe destruidora de 1 de Novembro de 1755 perturbou gravemente a actividade tipográfica em Lisboa e, muito particularmente a impressão de dicionários, que exigia editores qualificados e oficinas bem fornecidas.

O primeiro Dicionário de português-francês tem na página de rosto um longo título em que, entre outras informações, dá notícia das principais fontes:

*Novo Dicionario das línguas portugueza, e franceza, com os termos latinos, tirado dos melhores Authores, e do Vocabulario Portuguez, e Latino do P. D. Rafael Bluteau, dos Dictionarios da Academia Francez, Universal de Trevoux, de Furetiere, de Tachard, de Richelet, de Danet, de Boyer, &c. Com os nomes proprios das Naçoens, dos Reinos, das Provincias, das Cidades, das Comarcas, dos Rios do Mundo, &c.* pelo Padre Joseph Marques,

O “corpus” do português, incluindo a nomenclatura e o texto dos artigos, foi retomado do *Vocabulario* de Bluteau, sem critério e com pouco senso lexicográfico. A gestão dos artigos é desequilibrada. Alarga-se de maneira disforme o texto noticioso sobre palavras exóticas, e omitem-se muitas formas de uso quotidiano e do vocabulário essencial. Deve ter sido um livro de pouca utilidade. Todavia, sendo único, esgotou-se em poucos anos, como novidade esperada.

A dicionarização do português-francês foi retomada por Joaquim José da Costa e Sá, certamente um dos mais operosos lexicógrafos portugueses de sempre.

Em 1794 publica um *Dicionario portuguez-francez-e-latino* que passou a constituir uma referência também para os dicionários monolíngues do português. No *Aviso dos editores* (Viúva de Bertrand e Filhos) que introduz o volume, relembra-se o dicionário de José Marques, que era o único até então existente e esclarece-se que a “Obra precisava para a sua melhor perfeição de outra ordem mais methodica, e que requeria se enriquecesse de maior número de Termos, e de Frases”. A esse desígnio procuraram corresponder os dois imponentes volumes, que perfazem, no seu conjunto 1229 páginas, bem preenchidas e com uma informação lexicográfica muito auferível. Este dicionário é um dos monumentos da lexicografia portuguesa e bem merecerá um estudo monográfico.

Subsistiu como acontecimento isolado. Não teve sequência editorial, para além de uma versão abreviada (Sá 1808), que parece ter sido pensada como um dicionário prático monolíngue do português, em que se acrescenta uma anotação acessória e muito sumária das equivalências francesas.

Os dicionários de português-francês teriam certamente uma escassa procura e por isso a resposta editorial, ao longo da primeira metade do séc. XIX, limitou-se à publicação de dicionários portáteis com um formato muito reduzido, esquemáticos e com uma informação lexical extremamente elementar.

Depois da obra de Costa e Sá, o mais interessante dicionário de português francês foi elaborado por Inácio Roquete, e publicado em Paris, em 1841, com o título: *Nouveau dictionnaire portugais-français...* de que adiante se dá notícia.

## **Vieira Transtagano: Inglês-Português / Português-Inglês**

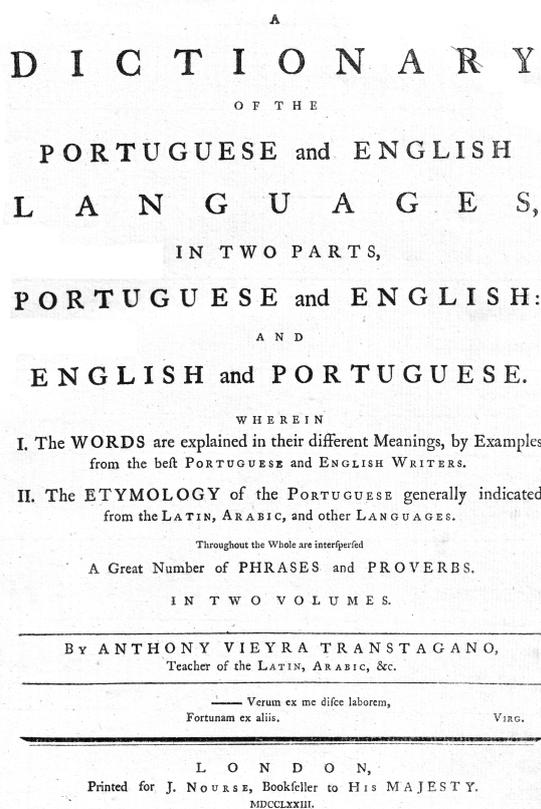
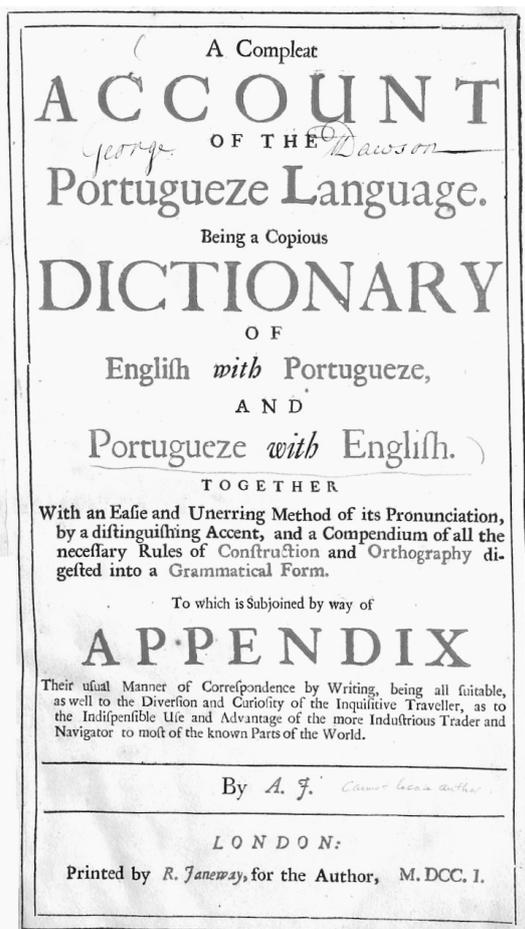
11. O encontro com o inglês, descontando a episódica e certamente obliterada publicação do “copioso dicionário” de 1701, foi auspiciosamente retomado em 1773 com a obra de António Vieira Transtagano (1712-1797): *A Dictionary of the Portuguese and English Languages, in two parts, Portuguese and English: and English and Portuguese.*

É um empreendimento marcante na história da lexicografia portuguesa este dicionário que emparceira as duas línguas, nas sequências português-inglês e inglês-português. Teve um afortunado sucesso editorial, foi muitas vezes reeditado, revisto, aumentado, e também reduzido e abreviado. Preencheu, de modo quase exclusivo, durante mais de um século, o campo lexicográfico luso-britânico, e teve ainda repercussões epigonais até ao fim do século XX. A obra de Vieira Transtagano é certamente um dos objectos mais implicados no relacionamento entre os espaços linguísticos do português e do inglês.

Vieira declara que a sua obra é inteiramente nova, e refere-se mesmo com algum desdém ao dicionário que o precedeu no início do século, cita-o como “a thing called a Portuguese and English Vocabulary published many years ago”, acrescentando “I say with truth, that it has not been to me of the smallest use”. A observação é certamente marcada por alguma parcialidade. Vieira, além da utilização sistemática do *Vocabulário* de Bluteau, mencionado no Prefácio, pôde também contrastar e aproveitar alguma informação oferecida pelo *Compleat account of the Portugueze language*, publicado cerca de 70 anos antes.

Os prefácios do autor (*To the Reader*, na parte I — Português-Inglês; *Ao Leitor Portuguez*, na parte II) oferecem alguns esclarecimentos sobre as características e as motivações da elaboração do dicionário. Na parte I enumera seis objectivos:

- I. To make it as copious as possible.
- II. To exemplify the different significations of the same word in both languages with such accuracy and clearness, as might give a perfect and distinct knowledge to the learner, of their true genius and idioms.
- III. Generally to authorise, in the Second Part, the words by the names of the principal English writers, in whose works they are found.
- IV. To point out the Etymology of many Portuguese words from other languages, not omitting even the Arabic and Persian.
- V. To insert a considerable number of technical words.
- VI. To indicate the Portuguese and English words that are either obsolete, or little used; and those that are only poetical.



Não obstante os bons propósitos do autor, a nomenclatura portuguesa da parte I é manifestamente pouco copiosa, não atinge as 25.000 entradas, contando mesmo com os prosónimos e topónimos. Para além da instabilidade ortográfica, que se repercute por vezes na ordenação alfabética, esquece muitas formas, algumas delas frequentemente solicitadas pelo uso comum e quotidiano e que tinham sido já dicionarizadas no *Tesouro* de Bento Pereira e no *Vocabulário* de Bluteau. Um número considerável de artigos prolongam-se desmesuradamente com dezenas de subentradas. Por exemplo o artigo dedicado à entrada “Mão” ocupa quatro colunas e tem 119 subentradas, com muita informação redundante, pouco prestável e pouco funcional para um dicionário prático, bilingue. A mesma desadequação se encontra em muitos artigos que se alongam em informação geográfica, histórica e enciclopédica, sem proveito evidente para os estudiosos ou solicitantes do saber linguístico. Pode servir de amostra a entrada “Architectura”, que dicionariza um surpreendente e erudito discurso sobre a lição de Vitruvius e a superior dimensão artística desta ciência:

“Architectura, s. f. architecture. Vitruvius defines it a science qualified with sundry other arts, and adorned with variety of learning, to whose judgment and approbation all other works of art submit themselves. The word is Greek, and is sometimes taken for the art itself, and sometimes for the work.”

Numa das subentradas do adj. “Duro”, acrescenta-se a expressão “Versos duros”, com a seguinte glosa:

“so they call those verses that appear to the ear to be longer than they ought to be, by having many synalephas. They are opposed to those called *versos desmaiados*”.

Estas glosas e muitas outras, com digressão enciclopédica e ornamento erudito, foram retomadas e traduzidas, quase “ipsis verbis” a partir de Bluteau:

“Verso duro. Na Poësia Portuguesa, he aquelle, que em razão das muitas Synalephas parece ao ouvido mais comprido, do justo, he o contrario do verso, a que os Portuguezes chamaõ Desmayado” (Bluteau, *Vocabulário*, 1713, t. 3, p. 315).

Nas reedições do séc. XIX uma grande parte dos artigos empolados com erudição antiga foram cuidadosamente abreviados, melhorando a racionalidade e adequação lexicográfica do dicionário.

A parte II (inglês-português) é tratada com mais equilíbrio e apresenta uma nomenclatura mais extensa (embora tenha apenas 384 páginas, menos 24 do que a parte I). Para o estabelecimento do “corpus” de entradas do inglês, o autor pôde socorrer-se da tradição lexicográfica britânica, já então preenchida com o dicionário de Nathan Bailey publicado em 1730, com cerca de 48.000 palavras, e sobretudo com o de Samuel Johnson, publicado em 1755, com menos entradas (cerca de 43.000), mas com muitos milhares de citações que foram trasladadas para o *English and Portuguese Dictionary*, como parece declarar o autor no paratexto inicial:

“Em quanto a segunda parte desta obra, enxeri nella grande numero de phrases; exemplifiquei muito a miudo as varias significaoens das palavras com as authorities dos mesmos authores que nomeo, e indiquei as palavras que são antiquadas, pouco usadas, ou somente poeticas. Não toquei porem a etymologia dellas; como fiz na primeira parte: porque quem tiver essa curiosidade podera satisfazella con prover-se dos Dictionarios da lingua Ingleza de Johnson, Bailey, e outros authores Inglezes que tem esquadrinhado a parte etymologica da sua lingua.” (“Ao Leitor Portuguez”, 1773, t. II)

O dicionário de Vieira Transtaganos foi sucessivamente retomado e várias vezes corrigido, actualizado, e modificado, em relação à sua configuração original, perfazendo, pelo

menos, uma dezena de edições até 1860 (1773, 1782, 1794, 1805, 1809, 1813, 1827, 1840, 1851, 1860). Logo em 1782, num anúncio do *Catálogo* da casa Borel, Borel e Companhia, a par da notícia sobre o preço, publicita-se uma improvável revisão: “nesta segunda edição acrescentado com hum copioso número de vocabulos, e frases, bem correcto, e emendado, 2 vol. 4. Pequeno. Londres 1782. Preço 2880”.

Na realidade, não se encontram melhorias, nem mudanças apreciáveis, na 2ª, ou nas restantes reedições, até 1813, ano em que, pela primeira vez foi publicada uma edição consideravelmente revista e ampliada. Foi depois objecto de novas e importantes melhorias na edição de 1827. O editor J. P. Aillaud que atribui a si próprio a autoria da revisão de 1813, dá notícia num paratexto inicial dessa melhoria e de uma considerável ampliação do número de artigos, “*twelve thousand new articles*”:

“ADVERTISEMENT TO THIS NEW EDITION.

THE Dictionary of M. Vieyra, of the Portuguese and English Languages, which was originally published in 1773, having passed through several impressions, without any material alterations, except in the orthography, which was greatly amended in the last edition. Since the above period the great improvements which have taken place in the Portuguese Language, particularly in Commercial, Nautical and Military concerns, have induced the Proprietors of the Work to spare neither pains nor expense to have it carefully revised and improved throughout, and I was invited to prepare a new Edition, with such Improvements as I might think would render it more worthy the acceptance of the public.

To enable me to perform this task with propriety, I deemed it right to consult, and avail myself of EVERY DICTIONARY OF ESTABLISHED CHARACTER, as well as EVERY APPROVED WORK OF SCIENCE OR ART, which had been produced since the date above mentioned. The result of unremitting labour in this particular has been, that I have not only introduced into the present Edition more than TWELVE THOUSAND NEW ARTICLES, but very materially, (as, I trust, will appear,) corrected and improved the work of the original compiler; paying especial attention, throughout, to the ACCENTUATION of the Portuguese language.

An undertaking of this kind, always tedious and irksome, is rarely rewarded either by profit or fame. The principal object of my exertions, however, has been, to render a service to the public: I shall therefore think no recompence more estimable, than the honour of its approbation.

London, Dec. 3, 1812. J. P. AILLAUD.”

No conjunto dos artigos acrescentados de novo, nesta revisão, destacam-se as entradas resultantes da formação de palavras novas por derivação. Entre os elementos inovadores observa-se, por exemplo, a crescente disponibilidade do sufixo *-ismo*. Anotaram-se, numa releitura não sistemática, as seguintes formas novas, nas entradas ou no texto dos artigos:

*Anglicismo, maquinismo, arianismo, embolismo, gallicismo, francesismo, idiotismo, latinismo, modernismo, parabolismo, anachronismo, patriotismo, platonismo, probabilismo, realismo* (do âmbito semântico de “*realeza*”), *scepticismo*.

Sob o ponto de vista da língua portuguesa, o que parece mais interessante, tendo em conta as edições revistas e ampliadas de 1813 e 1827, é o quadro de interacção inglês-português, em que a língua portuguesa se confronta com um universo lexical com muita informação nova, em relação à base tradicional latina, e com uma criatividade linguística que propõe a exploração de outros recursos, com especial incidência, no concernente à formação de palavras por derivação. Além do exemplo já citado, correspondente às formas com o sufixo *-ismo*, observe-se a sequência de entradas: *Calculado, Calcular, Cálculo*, das primeiras edições, ampliada a partir da ed. de 1813, com as novas entradas: *Calculista, Calculador, Calculavel* (descuidando, em todo o caso a ordem alfabética).

Na revisão de 1827 colaborou Jacinto Dias do Canto (1797-1852) quando se encontrava em Londres como refugiado liberal — provável amigo e parceiro de Almeida Garrett. Procedeu a uma revisão, acrescentando novas entradas e reduzindo e expurgando alguns artigos que se alongavam em informação histórica sem interesse linguístico. Por exemplo, as

34 linhas dedicadas ao artigo “Calatrava” foram substituídas por uma informação breve: “Calatráva, s. f. a military order in Spain.”

Dias do Canto acrescentou um nota introdutória — *Advertisement to the new edition* —, em que justamente considera que a sua reformulação resultou numa obra diferente: “Indeed, from the extensive reform I have been enabled to effect, the Work assumes a character altogether different from any previous Edition”; e dá notícia ainda de alguns aspectos da reflexão metalexigráfica orientadora do trabalho de revisão:

In a work of this kind, the task of the Compiler is, generally, literal translation, or a simple comparison between the two Languages. This has been greatly neglected by Vieyra, who seems to have forgotten that the Student's object is to acquire, not the signification or meaning of the word, but the word itself, in its foreign garb. Definition and translation are two different offices; and the Learner will find his progress little facilitated by reference to a book which merely defines the expression, without rendering that expression by a single corresponding word; for example, if the English Learner consulted Vieyra's for the Portuguese term expressing “amiability”, instead of finding, “amabilidade,” its Portuguese corresponding word, he would read, “a qualidade do que faz huma pessoa amavel,” a knowledge of which he is already possessed, while his ignorance of the simple Portuguese expression for that quality is left as profound as ever. This so frequent error, and others numerous, though not of so much consequence, have been carefully and accurately corrected.

Dias do Canto preparou também uma edição abreviada (1826) que foi frequentemente reeditada ao longo do século XIX.

## Italiano-português

12. A lexicografia bilingue portuguesa do século XVIII foi ainda especialmente valorizada com um dicionário muito original, de italiano-português, “coordenado” por Joaquim José da Costa e Sá: *Diccionario Italiano e Portuguez; Extrahido dos melhores lexicógrafos, como de Antonini, de Veneroni, de Facciolati, de Franciosini, do Dicionário de Crusca e do da Universidade de Turim*. Publicado em dois tomos em 1773 e 1774.

Este dicionário, que é um acontecimento singular, na história do contacto entre as duas línguas, não foi, pelo que sabemos, até ao presente, objecto de qualquer recensão ou referência filológica<sup>9</sup>. Trata-se de uma obra monumental, composta por dois volumes in-folio, que perfazem, no conjunto, 1650 páginas, com cerca de 70.000 entradas italianas, desdobradas, por sua vez, em muitos milhares de frases, e com uma expansão textual hipertrofiada, na parte das equivalências portuguesas.

Não foi ainda possível verificar em que medida este dicionário aproveita, de modo mais ou menos imediato, a nomenclatura dos dicionários italianos, nem sabemos se ele poderá ter informação com alguma utilidade, no âmbito da língua e da lexicografia italianas. Observa-se que transcreve longas séries de especificações de tipo semaseológico, com enumeração das várias acepções que se podem subordinar num lexema comum, como por exemplo, 'cavalo' e que dá lugar a uma acumulação de mais de 50 qualificações:

CAVALLO. s.m. Cavallo, animal de quatro pés muito conhecido.  
*Cavallo bajo*. Cavallo baio, de cor baia.  
*Cavallo di bagaglio*. Cavallo de carga, de albarda  
*Cavallo da somma*.  
*Cavallo da basto*.  
*Cavallo corsiero*. Cavallo corredor.

<sup>9</sup> Vd. infra texto de M. Lupetti.

*Cavallo da posta.* Cavallo da posta, ligeiro, que vai de andadura, ou de furtapasso.  
*Cavallo castrato.* Cavallo capado, castrado.  
*Cavallo salvatico.* Cavallo silvestre  
*Cavallo bolso.* Cavallo asmatico, cançado, que lhe custa a respirar.  
*Cavallo calcitroso.* Cavallo, que atira couces.  
*Cavallo frisione.* Cavallo frizão, Cavallo malhado.  
*Cavallo pomellato.*  
*Cavallo pomato*  
*Cavallo ginetto.* Cavallo ginete, quartão, Cavallo pequeno.  
*Cavallo ambiente.*  
*Cavallo chinea.*  
*Cavallo griccioloso.* Cavallo, que deita o cavalleiro ao chão.  
*Cavallo domato.* Cavallo manso,  
*Cavallo indomito.* Cavallo indomito.  
*Cavallo intero.* Cavallo inteiro, não castrado, garanhão, cavallo de lançamento  
*Cavallo stallone.*  
*Cavallo roano.* Cavallo alazão, ruivo.  
*Cavallo sauro.* Cavallo alazão,  
*Cavallo leardo rotato.* Cavallo ruço rodado.  
*Cavallo morello.* Cavallo morzelo,  
*Cavallo ombroso.* Cavallo tímido, medroso, timorato.  
*Cavallo senza freno.* Cavallo desenfreado. (t. I., p. 269)

Estas sequências de tipo semaseológico e outras enumerações onomaseológicas, encontram-se já na tradição pré-lexicográfica medieval e humanista e foram certamente recolhidas em dicionários italianos.

No que respeita ao português, este dicionário poderá ser uma fonte muito proveitosa para o estudo do léxico, para a sua formação e datação. O autor não hesitou em promover o enriquecimento da língua portuguesa aceitando uma intercomunicação activa com o vocabulário italiano, e aportuguesando muitas formas que certamente vieram alargar o horizonte lexical português. No texto introdutório, o autor justifica a interacção italiano/português.:

“Muitas vezes me vi obrigado, especialmente nos Nomes abstractos, de que tanto abunda a lingua Italiana, a dar-lhes terminação Portugueza; não deixando com tudo de definir a sua significação por hum circumloquio mais estenso. Eu me imagino que as pessoas razoaveis, e doutas me desculparão a temeridade de innovar alguns Vocabulos; o que só pertence aos sogetos de mais fundamental conhecimento na nossa Lingua. Eu confesso porém, que muitos dos que usei se achão nos Escritos, que ha tres annos a esta parte se tem divulgado, os quaes são mui authorizados para qualificarem proprios do Lusitanismo os taes Vocabulos. O certo he, que nas Linguas vivas a Regra infallível da sua pureza he o uso, e o costume das mesmas // Nações, á qual se encostão os Homen doutos, e polidos, cuja authoridade he bastante para provar de classicos, e proprios os Termos, ou Frases, que se adoptão. Èsta razão só poderia livrar-me de todo o cuidado nesta parte; mas tambem me lembro, que como a lingua Portugueza he irmã, e mui semelhante da Italiana, não lhe fiz injuria de tomar della o que faltava na nossa, o que succedeo com bastante raridade.”

Por esta via foram introduzidas formas com “gigantesco”, “sonata” e outras que integram o superstrato italiano do português. Todavia, a parte mais criativa deste dicionário encontra-se na exploração sinonímica e na abundante inovação derivacional dentro do espaço lexicográfico português. O autor procurou assegurar uma larga margem de equivalências para cada entrada italiana e, deste modo, hipertrofiou a parte portuguesa com um vocabulário copiosíssimo. Abrindo inteiramente ao acaso, encontramos por exemplo, a forma PIACÈVOLE e PIACEVOLEZZA com os seguintes equivalentes:

PIACÈVOLE. adi. m. Agradavel, cortez, affaveI, civil, que se accomoda ao genio dos outros, tratavel, humano, benigno, brando, plácido, manso. *Piacèvole*. Agradavel, grato, que causa gosto, engraçado, festivo, divertido, lindo, galante, aceito.

*Ragionamento piacèvole*. Discurso galante, e engraçado.

*Luogo piacèvole*. Lugar agradavel, divertido.

PIACEVOLEZZA. s.f. Affabilidade, cortezia, humanidade, brandura, facilidade, gentileza, doçura, que tem as acções, ou as palavras de alguem.

*Piacevolezza*. Prazer, gosto, appetite, jucundidade.

*Piacevolezza*. Zombaria, cousa dita, ou feita para divertir, galanteo, galanteria, brinco, gracejo.

*Piacevolezza*. Mansidão, brandura.

*Senza piacevolezza*. Defengraçado.

E logo a seguir:

PIAGGIAMENTO. s. m. Adulação, lisonja, complacencia, affago, carinho; a acção de adular.

PIAGGIARE. v. a. Costear o mar, navegar por junto de huma costa.

*Piaggiare*. no fig. Adular, lisonjejar, comprazer, obsequiar, assentir, condescender, ir com a vontade de alguem, favorecer com a doçura das palavras a opinião de alguem para vir cautamente, e quasi com engano muito de mansinho ao fim do seu pensamento.

Este dicionário bilingue acumula uma abundantíssima sinonímia da língua portuguesa. Foi um exercício fecundo de lexicografia e uma fonte copiosa para uma outra obra do mesmo autor, *Dicionário português francês e latino*, que se publicou em 1794 (cf. supra).

A interlexicografia luso-italiana foi retomada ao longo dos séculos XIX e XX por vários dicionaristas, mas não voltou a atingir as dimensões deste texto fundador.

### Síntese conclusiva sobre a lexicografia do século XVIII

13. As últimas décadas do séc. XVIII constituem, como acima se observa, um período áureo da lexicografia portuguesa, uma espécie de galeria de honra preenchida com nomes da dicionarística monolíngue e bilingue: Carlos Folqman (flor. 1755), José Marques (flor. 1758), José Caeiro (1712-1792), Francisco José Freire (Cândido Lusitano) (1719-1773), Pedro José da Fonseca (1737?-1816), Miguel do Couto Guerreiro (c. 1720-1793), António de Morais Silva (1755-1824), Manuel de Sousa (c. 1737- a.1786) António Vieira Transtagano (flor. 1773), Joaquim José da Costa e Sá (1740-1803), Miguel T. Pedegache Brandão Ivo (c. 1730-1794), Francisco Luís Ameno (1713-1793), Bernardo de Lima e Melo Bacelar (1736-1787), Frei João de Sousa (1735-1812), Fr. Bernardo da Encarnação (†1781), Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo (1744-1822), Manuel de Pina Cabral (1746-c.1810), para além de outros autores menores, que beneficiaram também com o seu apreciável contributo o estudo da língua e a elaboração metalinguística, sobretudo no âmbito da lexicografia, coligindo glossários de termos técnicos, vocabulários didáticos, prontuários de informação histórica e literária e promovendo pesquisas lexicais sobre alguns dos mais importantes escritores que preenchem o cânone clássico do património textual português.<sup>10</sup>

Num conspecto geral, pode verificar-se que a lexicografia interlíngue ocupou um lugar de relevo nesse momento de fecunda produção lexicográfica, de fundação da dicionarística moderna e de intensificação do percurso histórico da língua portuguesa. Muito esquematicamente, poderão salientar-se alguns aspectos que particularmente caracterizaram este período.

<sup>10</sup> Relembrem-se os trabalhos suscitados pela Academia Real das Ciências, nomeadamente os de António das Neves Pereira, Francisco Dias Gomes e António Pereira de Figueiredo.

O facto mais determinante foi certamente a auspiciosa transumância da língua portuguesa para o Brasil, recriando e ampliando o seu espaço linguístico de maneira irreversível. Para além de muitas outras consequências, o consumo de dicionários no Brasil haveria de condicionar toda a produção lexicográfica subsequente.

Em segundo lugar, observa-se o início de um processo de escolarização e democratização dos dicionários que os vai tornar mais práticos e funcionais, breves e portáteis, mais legíveis mas naturalmente menos compendiosos e, alguns deles, com informação excessivamente simplificada.

Por outro lado, as línguas modernas reajustam-se a um progressivo alargamento da escrita literária e funcional, com subalternização do uso do latim, e a correspondente intensificação de um novo convívio interlinguístico, que se encontra eloquentemente documentado na produção dos dicionários bilingues e plurilingues.

Finalmente, as últimas décadas do século XVIII assistem ao desencadear de inovações e transformações no uso da língua, e especialmente do seu “corpus” lexical, por via da aceleração neológica e desse alargado convívio com outras línguas europeias. É o começo do grande fluxo dos tecnolectos e da hipertrofia prefixal e sufixal que vai abranger todas as línguas e que encontra na interlexicografia um factor sinérgico preponderante. Quase todos os dicionários se louvam do seu enriquecimento com o grande caudal das terminologias da técnica e da ciência. Despontam entretanto alguns paradigmas de derivação que incrementam a diástole das línguas, mobilizam-se certos conjuntos de sufixos que alguns gramáticos chamam hoje “constelações sufixais” e que vão hipertrofiar os dicionários imesuradamente.

Nos dicionários do séc. XVI encontram-se, por exemplo, três ou quatro palavras formadas com o sufixo -ismo; no final do séc. XVIII os vocábulos terminados em — ismo terão ultrapassado a meia centena. É o início da grande expansão dos sistemas derivacionais que, nos dicionários contemporâneos, manifestam um crescimento exponencial, preenchendo vários milhares de entradas.

## Dicionarística bilingue no século XIX

14. No séc. XIX a extração comercial da lexicografia bilingue, com parceria do português desenvolve-se de modo expansivo. Numa perspectiva muito abrangente podem adiantar-se algumas observações, correspondentes às principais características dessa progrediente produção dicionarística.

Verifica-se, desde logo, que os dicionários já publicados no século XVIII, são parcialmente retomados, actualizados e reconfigurados em novos formatos tipográficos. Mantém-se, por um lado, uma edição mais volumosa e textualizada que dá sequência à genealogia dos “grandes dicionários”; surge, por outro lado, uma nova modalidade de pequenos dicionários, de formato reduzido, abreviados e simplificados, disponíveis para o trânsito escolar e para a sua utilização em viagem.

A oferta predominante do francês avulta ao longo de todo o século XIX e, em segundo lugar, do inglês, como línguas mais solicitadas, entre o conjunto da lexicografia bilingue publicada; o alargamento a outros espaços do mosaico linguístico europeu (alemão, italiano e espanhol) é muito descontínuo, modesto, geralmente tardio e escassamente procurado.

A escolarização das línguas estrangeiras, intensifica-se em Portugal um pouco antes dos meados do século XIX, com a criação dos liceus (1836) e a regulamentação do ensino secundário, e aumenta a procura e a exigência de qualidade dos dicionários escolares, com preferência justamente do francês e do inglês.

O ensino das línguas estrangeiras intensifica-se também no Brasil, não obstante uma certa descontinuidade, na estruturação do ensino secundário. Avulta, neste âmbito, a promoção de escolas públicas como a de Itajaí em 1835, a criação de faculdades (de Direito 1827, em Olinda e São Paulo) e de várias academias de motivação científica; a instalação do Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro em 1837, e depois no Recife (1850) e em Salvador (1863); a fundação do Colégio Dom Pedro II (Rio de Janeiro, 1838) e outras várias iniciativas, que vão institucionalizando a instrução pública e alargando o estudo e a leitura das línguas estrangeiras, especialmente do francês.

A lexicografia portuguesa experimenta, neste período, uma importante renovação, com alguma elaboração original, em relação à lexicografia anterior, mas com uma crescente influência dos modelos europeus.

A feitura de dicionários portugueses, durante quase todo o século XIX, deslocou-se para centros tipográficos estrangeiros (sobretudo para França), mantendo todavia, de um modo geral, a responsabilidade lexicográfica assumida por autores portugueses. O universo editorial português, procurou, de modo preferencial, apoio para a realização tipográfica em França. Imprimiram-se em Paris grandes quantidades de livros portugueses e, entre eles, a parte mais importante foi provavelmente composta pela produção dicionarística, não tanto pelo número de títulos, mas sobretudo pelo caudal e frequência das tiragens.<sup>11</sup>

A produção desses dicionários em Portugal era extremamente difícil, não só pela carência de recursos financeiros e de tipógrafos qualificados, mas sobretudo pelas exigências do suporte técnico no domínio das artes gráficas. A indústria francesa aperfeiçoara-se e melhorara a sua produção, em contraste com a tipografia portuguesa, que era rudimentar e com um desactualizado enquadramento técnico.

Não havia em Portugal equipamento industrial e mão de obra especializada para a fabricação de livros como os dicionários, com qualidade e com viabilidade económica. Os dicionários mobilizavam todos os recursos das caixas dos tipógrafos; exigiam uma quantidade e um tempo de composição dilatados, que os tornavam mais dispendiosos do que um livro normal; tinham tiragens abundantes e frequentes, geralmente pressionados pela súbita urgência da procura. Os tipógrafos portugueses não tinham capacidade de resposta para uma solicitação de tais dimensões.

Além disso, em França, era possível contar com uma frota transportadora, mais disponível para atravessar o Atlântico e abastecer o mercado brasileiro, que solicitava e absorvia, cada vez mais, não só dicionários e outros livros escolares portugueses, mas também toda a espécie de literatura francesa e alguma inglesa.

As tipografias portuguesas, até ao último quartel do século XIX imprimiram, a pesar de tudo, alguns dicionários bilingues, mas a sua qualidade gráfica é pobre e o sucesso comercial parece ter sido muito modesto.

## Dicionários portáteis

15. A reconfiguração dos modelos lexicográficos em novos formatos torna-se particularmente evidente quando se observa a dimensão e o enfileiramento dos dicionários estanteados em bibliotecas que preservam o património lexicográfico português. Os grandes volumes “in quarto” e “in folio” do século XVIII e dos primeiros anos do século XIX, pesados e de manuseio incómodo, contrastam com o perfil aligeirado e prático dos volumes

---

<sup>11</sup> Entre 1797 e 1850, foram publicados, em Paris, cerca de 563 títulos em português (Ramos 1972).

“in quarto” pequeno e “in octavo” e, ainda mais, com o vulto inesperadamente comprimido dos pequenos dicionários de bolso (formato 12 e 16).

A mudança corresponde a uma dupla oferta da informação lexicográfica, de modo a contemplar não só o público leitor e estudioso, que procura dicionários de referência e de informação fundamentada, erudita e autorizada, mas também um outro público, agora pela primeira vez emergente, que procura soluções expeditas para aceder facilmente ao uso da língua estrangeira. Neste grupo se podem incluir os estudantes de iniciação, as pessoas que emigram ou viajam, e as que fazem negócios com o estrangeiro.

Os novos dicionários “portáteis”, que surgem nos albores do século XIX, caracterizam-se pela sua reduzida dimensão, pela procura de formatos leves e de fácil utilização, e pela restrição extrema ou mesmo esvaziamento de toda a instrumentação metalexográfica. Em alguns deles o encontro bilingue reduz-se a uma relação esquemática de simplificada equivalência simétrica entre os lexemas das línguas em confronto, sem qualquer glosa ou descrição metalinguística.

Por vezes, em contraste com a sua desvalorizada aparência e com o forçado e empobrecido isomorfismo lexicográfico, estes pequenos dicionários, reivindicam o ideal “multum in parvo”, publicitam-se como grandes obras, citam fontes bibliográficas prestigiadas e, entre os seus méritos, apregoam uma singular quantidade de palavras dicionarizadas. De facto, em alguns casos, oferecem nomenclaturas com uma considerável extensão, atingindo várias dezenas de milhares de palavras e ultrapassando o número de entradas dos dicionários práticos mais lastrados. Não será essa, em todo o caso, a sua principal virtude.

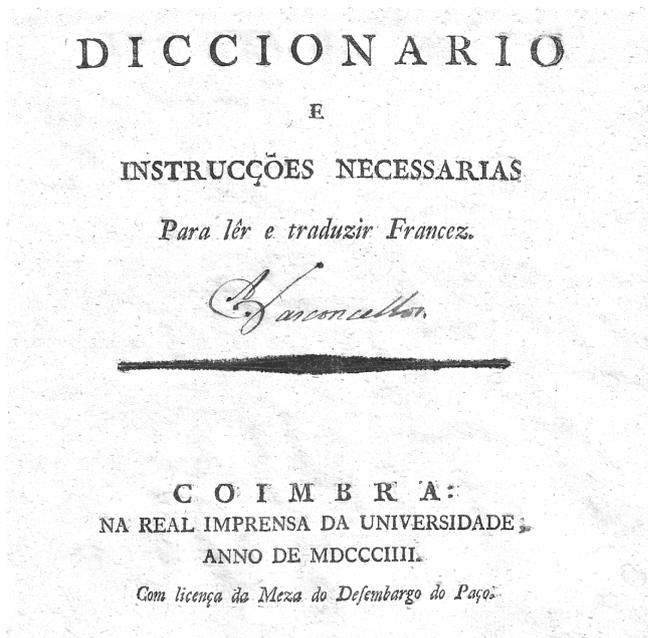
Os dicionários “portáteis”, “abstémios e magros” no dizer de Camilo Castelo Branco (“Prefácio” ao *Grande dicionario contemporaneo francez-portuguez* de Domingos de Azevedo, 1887), recriam um novo tipo de configuração biliográfica, que subsiste no mercado livreiro ainda hoje, levando ao extremo a experimentação de microformatos sempre mais surpreendentes pelo seu pequeno tamanho.

O primeiro dicionário portátil bilingue, com a parceria do português, terá sido publicado em 1804, em Coimbra, na Imprensa da Universidade, mas, logo a seguir, foi sobretudo a partir de França, que se expandiu a produção lexicográfica portuguesa bilingue. Ao longo de todo o século XIX, foram lançadas no mercado abundantíssimas quantidades destes pequenos dicionários, alguns anónimos, outros com reivindicada autoria e com alguma competição entre os seus produtores, sobretudo na primeira metade do século.

A dicionarística portátil constitui um importante capítulo da lexicografia portuguesa. Foi produzida em grandes quantidades e deve ter tido uma larga divulgação, em Portugal e no Brasil. Foi um instrumento linguístico e cultural privilegiado, na formação escolar, no uso quotidiano e no relacionamento do português com todo o universo interlinguístico.

### **Dicionários portáteis, parceria com a língua francesa**

**16.** A parceria com o francês foi preponderante e ficou assinalada, logo no início dos anos oitocentos, com a publicação (sem atribuição autoral) do *Diccionario e instruções necessarias para lêr e traduzir francez* (Coimbra: Na Real Imprensa da Universidade, Anno de MCCCIII). Um surpreendente dicionário de bolso, de formato anómalo (oblongo, 16x14 cm.), com cerca de 26.000 entradas, que inaugura esse abastecido caudal de lexicografia “portátil” ou “abreviada”. É este um primeiro indicador do novo rumo da dicionarística bilingue do século XIX, motivada, como já notámos, pelo alargamento da procura, correspondente à intensificação do ensino das línguas e ao crescente intercâmbio comercial e cultural, entre as nações da Europa.



## D I C T I O N N A I R E P O R T A T I F

FRANÇAIS-PORTUGAIS

ET

PORTUGAIS-FRANÇAIS,

PRÉCÉDÉ

DES CONJUGAISONS DES VERBES DES DEUX LANGUES,  
TANT RÉGULIERS QU'IRRÉGULIERS.

FRANÇAIS-PORTUGAIS.

PARIS,

DE L'IMPRIMERIE DE CRAPELET.

1812.

NOUVEAU  
D I C T I O N N A I R E P O R T A T I F  
FRANÇAIS-PORTUGAIS  
ET PORTUGAIS-FRANÇAIS

PAR

JOSEPH DA FONSECA

NOUVELLE ÉDITION, CORRIGÉE ET AUGMENTÉE.

PARTIE FRANÇAISE-PORTUGAISE.

LISBONNE,  
DE L'IMPRIMERIE DE ROLLAND.

1839.

NOVO  
D I C C I O N A R I O P O R T A T I L

PORTUGUEZ-FRANCEZ  
E FRANCEZ-PORTUGUEZ

POR

JOSEPH DA FONSECA.

NOVA EDIÇÃO, CORRECTA E AUGMENTADA.

PARTE PORTUGUEZA-FRANCEZA.

LISBOA,  
NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA.

1840.

É um pequeno e inesperado livro, com um particular valor simbólico, por ter sido um dos iniciadores da vulgarização e democratização do dicionário, e pela sua publicação no âmbito da Universidade. Merece, além disso, uma nota de leitura pelo seu enquadramento metalexigráfico, original e engenhoso, mas com pouca eficácia e provavelmente sem sucesso.

No texto introdutório, com o título: “Plano e Uso da presente Obra”, censura-se a lexicografia então disponível, que era volumosa, pouco económica e pouco prática, e tinha muita informação supérflua e desadequada. É um documento para a história da reflexão metalexigráfica.

“...saõ os *Diccionarios* que de presente correm, excessivamente volumosos, e por tanto muito caros e pouco maneiros. Por quatro razões principalmente, saõ estes Diccionarios de hum taõ grande volume; 1ª porque em vez de observarem os seus Autores, como acima dissemos, nos diversos discursos as diferentes significações de cada palavra, e põem sómente as significações, puzeraõ os mesmos discursos, pagando o Leitor mais cara a Obra, porque lhe resta para fazer o que áquelles competia; 2ª porque metterãõ palavras que pouco ou nada differem das Portuguezas: nós com hum simples artificio que se exporã, poupamos mais de 20:000 termos deste genero; 3ª porque tendo posto huma palavra Portugueza naõ menos vasta e appropriada que a Franceza, lhe amontoaraõ outras palavras ou significações escuzadas; 4ª porque ajuntaraõ ao termo Francez varias notas grammaticaes taõ pouco filosoficas, como desnecessarias a quem só pertende achar huma expressaõ Portugueza que posta no discurso em lugar da Franceza, exprima o mesmo sentido, e nada lhe importa se a palavra he *masculina* ou *feminina*, ou *neutra*; se *adjectivo*, ou *substantivo*, &c.: algaravia, que, á falta de melhor couza, serve sómente a quem trate de compôr em Francez; e por tanto só tem lugar em hum Diccionario de Portuguez para Francez.”

O discurso metalexigráfico prossegue em nota:

“Hum Diccionrio de Traducçaõ naõ he hum Livro, que se haja de ler seguidamente, e que por tanto deva fazer em cada Artigo hum sentido completo: he sim a collecçaõ das palavras de huma Lingua com as suas correspondentes na outra; e esta correspondencia naõ he dalli mesmo, mas do contexto que se deve tirar.”

Nos paratextos iniciais, apresenta-se ainda uma abreviada e esquemática informação gramatical, acompanhada da “Taboa de terminaçoões” que deveria servir para identificar e encontrar a significação das formas flexionadas dos verbos e dos adjectivos, omitidas no corpo do dicionário. Não parece que este artificio, um tanto enredoso, tenha tido acolhimento na lexicografia subsequente. De resto, ao longo de todo o volume, não se encontra nenhuma outra informação gramatical ou metalexigráfica, para além de um asterisco que serve para assinalar os arcaísmos, que surgem integrados em largo número na nomenclatura francesa.

O “corpus” do vocabulário português, que responde à nomenclatura francesa, manifesta uma certa recursividade sinonímica (“Eclaircir: esclarecer; ilustrar; aclarar; lustrar; clarificar; rarefazer; alargar; pulir.”); “Demangeaison: comichão; coegas; tentação; ardor; paixão; appetencia; vontade.”); observa-se também um bom aproveitamento da criatividade sufixal, mantendo, em todo o caso, algumas marcas diacrónicas de obsolescência (“ceremonieux: ceremoniatico”; “Deflegmation: defleumação; rectificação”; “Desinfecter: desinfectonar; purificar”; “Horlogerie: relogiaria”).

17. Os dicionários “abreviados” ou “portáteis” que se lhe seguiram (feitos para o francês e para o inglês), foram fabricados em França, com excepção das tentativas isoladas do livreiro Roland, que publicou em Lisboa, com muito esforço e modesta qualidade, algumas edições paralelas das francesas, a partir do final dos anos 30. A dicionarística portátil surge, em catadupa, a partir de 1809/1811.

Um dos primeiros é o *Novo dictionario portatil: portuguez e francez // Nouveau dictionnaire de poche. français-portugais. Par une Société de gens de lettres*. Impresso em Bordéus, com a indicação de que se vendia em Lisboa “Chez Pierre et George Rey, Libraires au Xiado, vis-à-vis des Martyrs”, com data de 1811 (francês-português) e 1812 (português-francês). Foi continuado a partir de 1820, com a assinatura de Solano Constâncio (1777-1846) e prolongou-se em várias edições (dezassete, pelo menos), ao longo do século (1828/1830, 1834, 1837, 1842, 1847, 1856, 1862(?), 1867, 1870(?), 1874, 1877, 1880(?), 1887).

Os textos introdutórios das três primeiras edições, adiantam alguns esclarecimentos sobre a elaboração lexicográfica, sobre as fontes e sobre a concorrência, e constituem um interessante testemunho que ajuda a conhecer este episódio da história da lexicografia e da cultura portuguesa. Os editores estranham a inexistência de dicionários portáteis e lamentam a má qualidade dos restantes dicionários. Diz-se no “Prologo” de 1811:

“He de admirar que havendo em todas as lingoas cultas da Europa Dictionarios portateis, ou como dizem d'algibeira, só em portuguez não tenha apparecido até agora huma obra semelhante. [...] Os Dictionarios que existem de francez em portuguez, e de portuguez em francez, são de hum tamanho tão volumoso e pouco maneiro, que não podem servir senão para o estudo de gabinete. [...] e os melhores, sobre serem raros e de hum preço exorbitante, parecerão-nos mui pouco apurados pelo que respeita a execução typographica. [...] achámos nestes huma serie d'eros que prevtertem o sentido de hum grande numero de palavras.”

A Necessidade, a funcionalidade, o preço, e a qualidade do uso e do conhecimento linguístico, são naturalmente factores preponderantes neste empreendimento.

Interessante é a notícia de que o dicionário é autorizado por “hum dos mais distinctos socios da Academia real de Lisboa” que o emendou e melhorou com a sua revisão, mas que quis ficar anónimo entre a “sociedade de literatos” que o redigiu.<sup>12</sup> Trata-se, sem dúvida de José Francisco Correia da Serra, o conhecido e conceituado Abade Correia da Serra (1750-1823) que viveu em Paris no início do séc. XIX, até 1813 e cujo nome vem assim, discretamente, honrar a galeria dos lexicógrafos portugueses. É possível que o ilustre cientista tenha participado também na elaboração de um outro dicionário publicado em 1812, em Paris, (v. infra).

Na 2ª edição, em 1820, Solano Constâncio assina um novo “Prefacio” (na 3ª, em 1828, acrescenta uma “Advertência”) em que refere o favorável acolhimento do público, censura um outro dicionário portátil das duas línguas, entretanto publicado em 1812 (“obra cheia de erros e summamente incompleta”, v. infra), e dá notícia de um considerável alargamento da nomenclatura nas referidas edições. A parte de francês-português tinha em 1811 cerca de 17.000 entradas, e na 3ª ed. cerca de 30.000; a parte de português-francês atinge em 1828 cerca de 35.000 entradas. Solano Constâncio adianta que tomou como referência para o francês, o Dicionário de 1762 da Academia Francesa, e para o português o Dicionário de Morais Silva “de que pouco me afasto”.

O dicionário censurado por Constâncio publicou-se efectivamente em 1812, em Paris: *Dictionario Portatil Portuguez-Francez e Francez-Portuguez*, atribuído por Átila Almeida (1988, p. 37; v. também Inocêncio, t. 2, p. 184) a Domingos Borges de Barros (visconde de Pedra Branca,

<sup>12</sup> No “Avertissement” que precede a segunda parte (português-francês), alarga-se a notícia da sua colaboração: “...nous nous plaignons ici à témoigner de nouveau notre reconnaissance à l'Académicien distingué de Lisbonne, qu'à bien voulu donner à cette seconde partie les mêmes soins qu'à la première: c'est à ses lumières que nous sommes redevables de l'amélioration de notre ouvrage, et de la correction des fautes commises par nos devanciers dans la même carrière.”

1780-1855). Um testemunho manuscrito confirma este nome, mas atribui também a autoria ao Abade Correia da Serra (1750-1823).<sup>13</sup>

Assinale-se, em todo o caso, a progrediente participação do Brasil na elaboração lexicográfica do português. O texto do dicionário é precedido de uma síntese gramatical, correspondente à conjugação dos verbos regulares e irregulares e à informação ortográfica e prosódica. Parece ter sido elaborado com algum esmero lexicográfico. Não tem textos prefaciais, mas acrescenta uma tabela de abreviaturas com cerca de meia centena de classificadores que remetem para a identificação gramatical e para o domínio da significação e da referência. Tem um “corpus” lexical adequado às dimensões de um dicionário portátil (cerca de 25.000 entradas no franc.-port.; e cerca de 30.000, no port.-franc.).

**18.** José da Fonseca (1788-1866) que será autor do dicionário de referência de francês-português, que preencheu o século XIX (v. infra), concorreu com Solano Constâncio na produção de um outro conjunto de dicionários de bolso, com edições igualmente copiosas.

Os dicionários emparceirados português-francês (“portátil”) e francês-português (“portatif” ou “de poche”) de José da Fonseca iniciaram a sua publicação em 1836, em Paris e ali tiveram sucessivas tiragens, sem alteração, para além de breves correcções na 4ª ed. (1850) “de quelques fautes qui s'étaient glissé dans la troisième”). Uma edição paralela, mais ou menos simultânea e, graficamente mais rudimentar, foi publicada em Lisboa, na tipografia rolandiana.

Estes dicionários acompanham os de Constâncio de modo demasiado próximo, de tal modo que poderá questionar-se a reivindicação duma autoria própria. Apresentam em todo o caso, um certo alargamento da nomenclatura, com cerca de 35.000 entradas no tomo de francês-português, e 40.000 no português-francês. Por sua vez, o texto dos artigos é menos amplo, oferecendo um reduzido número de sinónimos ou formas equivalentes, na língua de resposta. Para os seus pequenos dicionários, Fonseca nomeia uma ilustre genealogia: os dicionários da Academia Portuguesa, de Bluteau e de Morais Silva para a parte portuguesa; e os dicionários da Académie Française, de Laveaux e Boiste, para o francês. Num breve prefácio ao leitor estrangeiro, retoma, com nova “ciência linguística”, os temas do louvor e ilustração da língua portuguesa, atribuindo-lhe as cinco condições: “que doit réunir toute langue parfaite et cultivée, savoir: l'abondance, la douceur, l'énergie, la propriété de se prêter à toutes sortes de sujets, et de s'écrire comme elle se parle.” Discorre sobre a excelência da fonética e a simplicidade da morfologia e da sintaxe que lhe dão vantagem entre as outras línguas antigas e modernas e que fazem do português uma língua de eleição, na Europa e nas costas do Oriente: “aucune langue n'est plus connue et plus parlée que la portugaise”. Além desta hipérbole patriótica, acrescenta um interessante testemunho sobre o património literário português, no domínio da história, da oratória e da poesia, citando cerca de dezena e meia de autores, desde João de Barros e Camões, até Bocage, António Ribeiro dos Santos e Francisco

<sup>13</sup> Lê-se num exemplar da Bibliothèque Cantonale du Canton de Vaud (tem ainda um carimbo da Bibliothèque de F. C. de La Harpe), reproduzido em [http://books.google.com/books?id=DV8\\_AAAAcAAJ](http://books.google.com/books?id=DV8_AAAAcAAJ) (acedido em 1/12/2010) A anotação manuscrita encontra-se na primeira contracapa:

“Ce dictionnaire fut composé à Paris, par 2 portugais, qui avoient été forcés de s'y réfugier, pendant la domination française, et dont les revenus avoient été saisis.

Ces portugais étaient

1) Mr. Corrêa de Serra, ecclésiastique, Secrétaire de l'Académie des Sciences de Lisbonne, membre de la Société royale de Londres, Correspondant de l'Institut de France, botaniste distingué, depuis Ministre plénipotentiaire de Portugal près les Etats-Unis, mort à Londres en 18?

2) Mr. Borges né à Baya dans le Brésil, depuis Viconte de ... Bresil...”

Manuel (Filinto Elísio) o poeta que mais se repercutiu no pensamento linguístico dos lexicógrafos portugueses do século XIX.<sup>14</sup>

19. Os pequenos dicionários de Constâncio e de José da Fonseca foram abastecendo a procura ao longo do séc. XIX, com dezenas de edições e abundantíssimas tiragens. A partir de 1870, entrou no mercado a editora Garnier Frères, particularmente voltada para o comércio brasileiro, com a publicação do *Novo Dictionario Francez-Portuguez e Portuguez-Francez // Nouveau Dictionnaire Portugais-Français et Français-Portugais*, assinado por Souza Pinto. No texto prefacial transparece a concorrência com os outros editores: “...temos intima segurança que a nossa publicação será julgada muito superior, a todos os respeitos, aos vocabularios publicados até ao presente”. Observa-se a acumulação dos tecnolectos no estabelecimento da nomenclatura — “...inserimos a maior somma possível de termos de sciencias, de botanica, de medicina e de marinha, bem como de nomes proprios e de geographia”—; justifica-se o condicionamento da informação referente à pronuncia do francês e, elemento dirimente para um novo editor que entra na competição, assinalam-se as vantagens da inovação tipográfica: “O trabalho typographico tambem foi zelado quanto possível. A palavra em typo gordo no principio de cada artigo dá na vista e facilita as pesquisas, bem que o Dictionario esteja impresso com typo miudinho, o que consentio introduzir-lhe a materia de dous volumes em-8º.”

Este pequeno dicionário tem efectivamente uma apresentação gráfica muito cuidada, com boa legibilidade, não obstante o “tipo miudinho”. O “corpus” lexicográfico apresenta alguma actualização e inovação em relação aos dicionários anteriores. É mais rigoroso, mais depurado na escolha da nomenclatura e mais abundante na procura de formas equivalentes na língua de resposta. Parece ser mais prestável do que os dicionários da primeira metade do século. Acumula cerca de 35.000 entradas na parte portuguesa e tem a originalidade de oferecer, possivelmente pela primeira vez, na história da nossa lexicografia, uma transcrição fonética integral da língua.<sup>15</sup>

A editora Garnier Frères lançou, 30 anos mais tarde (em 1900), um *Nouveau vocabulaire Français-Portugais, contenant tous les mots usuels avec leur prononciation figurée // Pequeno dicionário, contendo todas as palavras usuas com a pronuncia figurada. Portuguez-francez*, por Simões Fonseca.

<sup>14</sup> José da Fonseca deve ter sido o mais versátil de todos os dicionaristas portugueses. Além do conjunto de dicionários da língua portuguesa, monolingues e bilingues, foram publicados com o seu nome dicionários portáteis de francês-espanhol e espanhol-francês e também de francês-italiano e italiano-francês. O seu nome ficou ainda ligado a um episódio jocoso da história da relação interlinguística. Trata-se do *Novo guia da conversação, em portuguez e inglez; ou, escolha de dialogos familiares sobre varios assumptos...* publicado provavelmente por Pedro Carolino Duarte, em 1855, a partir do *Novo guia de conversação em portuguez e francez*, elaborado por José da Fonseca e publicado em 1853. Este *Novo guia* teve uma primeira versão, com permuta do título *Novo guia da conversação em francez portuguez*, editada em Paris (1836) e no Rio de Janeiro (1849). Pedro Carolino Duarte substituiu o francês pelo inglês (língua para a qual não tinha competência) traduzindo letra a letra os modismos do português, sem acautelar a equivalência semântica das expressões idiomáticas entre o português e o inglês. O texto foi depois publicado, com reedições, no espaço da língua inglesa, como objecto de divertimento, pelo insólito da incoerência linguística, com o título: *English as She is Spoke*. (Pereira 216 e segs.). Carolino Duarte foi também co-autor de um guia poliglota publicado pouco depois (1859?): *Manuel de la conversation et du style épistolaire en six langues: français-anglais-allemand-italien-espagnol-portugais*.

<sup>15</sup> Não temos dados biográficos sobre Souza Pinto. Parecem ser infundadas as indicações que se encontram nas fichas bibliográficas do catálogo de várias bibliotecas, que o identificam como “Adriano Antero de Sousa Pinto” ou “João Sousa Pinto de Magalhães”. Sabemos apenas, com base na informação que se recolhe no texto prefacial, que em 1870 “tinha quarenta anos de prática” das línguas portuguesa e francesa. Trata-se certamente do mesmo autor que assina, em parceria com Artur Enenkel, o *Novo Dicionário Português-Alemão e Alemão-Português*, (Garnier, Paris, 1895).

Trata-se do mesmo dicionário publicado com o nome de Sousa Pinto. Foi retomado “ipsis verbis” com eliminação de algumas entradas e com reduções pouco significativas no texto dos artigos.

20. Entretanto o editor Baptiste Louis Garnier, estabelecido no Brasil, desavindo dos Garnier Frères de Paris, e em concorrência com eles e com os editores Aillaud e, em menor escala, com o impressor Rolland em Lisboa, que tinham, até então abastecido o mercado da dicionarística portátil e escolar, promoveu, a partir de 1875, a publicação de um conjunto de dicionários bilingues (começou pelo inglês-português, v. *infra*), com um formato e um perfil lexicográfico intermédios entre o dicionário portátil e o dicionário prático, de uso geral. A responsabilidade autoral foi assumida por João Fernandes Valdez (†1881?), cidadão de nacionalidade brasileira, mas provavelmente de origem peruana. Estes dicionários foram impressos em França e depois distribuídos em Portugal, com eventual colaboração da editora Bertrand, e sobretudo muito profusamente no Brasil. Depois do falecimento de Baptiste Louis Garnier (1893), a casa editora brasileira foi reanexada pela francesa Garnier Frères, dando seguimento ao percurso editorial dos dicionários de Valdez que, ao longo do século XX, continuariam a ser assiduamente publicados.

A parceria com o francês começou em 1880, com o título: *Novissimo dictionario francez-portuguez e portuguez-francez*, retomando o modelo já ensaiado nos dicionários de inglês. Integra a pronúncia “figurada” e informação parcial sobre a conjugação dos verbos irregulares. Fala-se na página de rosto de um aumento do vocabulário da ciência e da técnica em “mais de 25.000 termos de medicina, cirurgia, veterinaria ...” e acrescenta-se a notícia de que foi “composto com o auxilio dos Dictionarios Portuguezes de Moraes e de Vieira, dos melhores dictionarios francezes e do Grande Dictionario Universal do XIX seculo, de Pierre Larousse”. Foi reeditado com o título de *Nouveau dictionaire français-portugais // Novo dictionario português-francês*, a partir de 1887 (?), e 3ª edição em 1893. A versão francês-português // português -francês dos dicionários de Valdez foi “soigneusement revue par J[osé] J[úlio] A[ugusto] Burgain<sup>16</sup>. Tomou o formato “in quarto”, alargou consideravelmente o texto dos artigos e redimensionou-se como um dicionário complementar.

Os dicionários de Valdez tiveram pouco mercado em Portugal, sofreram a concorrência dos *Dicionários do Povo*, e dos dicionários de Domingos de Azevedo que surgiram pouco tempo depois da publicação de Valdez (provavelmente inspirados e motivados por este), e rapidamente conquistaram e ocuparam o espaço comercial europeu. (v. *infra*).

## Dicionários portáteis, parceria com a língua inglesa

21. Na lexicografia luso-inglesa, os dicionários portáteis surgiram como versões abreviadas da obra de António Vieira Transtagano. Temos notícia de *A new pocket dictionary of the Portuguese and English languages: Abridged from the dictionary of Mr. Vieyra ... having the Portuguese words properly accented for the use of learners*, publicado em 1809, “Printed for F. Wingrave, J. Johnson [etc.]”. Foi reeditado em Lisboa em 1820, “in octavo” pequeno, em dois tomos finos.

Jacinto Dias do Canto, o principal reformulador do Dicionário de Vieira Transtagano, elaborou também uma versão portátil que começou a ser publicada em 1826. A dicionarística portátil de português-inglês e vice versa teve depois uma preenchida sequência editorial. Foi retomada em 1837 pelo editor J. P. Aillaud como se não tivera existido o trabalho de Dias do

---

<sup>16</sup> J. J. A. Burgain era filho de Luís António Burgain, pedagogo brasileiro e autor dramático de origem francesa.

Canto. Aillaud refere-se apenas à primeira tentativa de edição portátil de um Dicionário Português-Ingles em 1809, da qual, segundo declara no prefácio, promove uma nova edição, naturalmente com “mudanças e numerosos melhoramentos que lhe dão o caracter de obra completamente refundida, ou nova”.

Uma versão abreviada foi também retomada e publicada anónima, em Lisboa, por iniciativa do impressor Rolland, a partir de 1841. Em todo o caso, as diferentes edições reivindicam (sem efectivo fundamento) a tutela autoral de Vieira. Torna-se evidente que poucos vestígios da obra do Transtaganos podem subsistir nestes dicionários. Por outro lado, as variantes que se observam entre as versões concorrentes, parecem ser pouco diferenciadoras. As edições parisienses são muito mais cuidadas na apresentação e na confecção tipográfica; oferecem, além disso, uma nomenclatura um pouco mais ampla (cerca de 45.000 entradas) e alguns artigos são mais preenchidos. A edição rolandiana mantém ainda a indistinção das letras ramistas na ordenação alfabética, embora atribua valor diferenciado (vocálico *i / u* e consonântico *j / v*) a cada um dos símbolos gráficos.

Excedendo um pouco o âmbito dos dicionários portáteis, surgiram os “Novíssimos / *newly composed* Dicionários” compostos por João Fernandes Valdez, e publicados pela editora B.-L. Garnier. Eram volumes aligeirados na sua configuração, mas ofereciam uma nomenclatura ampla, próxima das 50.000 entradas e apresentavam um formato mais encorpado do que os dicionários portáteis. Mantinham todavia a leveza e manuseabilidade que faziam deles dicionários práticos, adequados ao uso escolar e às solicitações assíduas dos utilizadores mais exigentes.

A primeira edição (Rio de Janeiro e Paris, Livraria Garnier) foi publicada em 1875, mas começou a ser elaborada, declara o autor na breve nota prefacial, em 1864. A principal e importante novidade destes dicionários é o esforço de informação sobre a pronúncia da língua de entrada, que os anteriores dicionaristas consideravam dificuldade inultrapassável.

Na página de rosto apresenta-se um título alargado e esclarecedor: *Novissimo diccionario inglez-portuguez: composto sobre os melhores dictionarios das duas linguas, contendo a pronuncia figurada e augmentado com mais de quinze mil termos de todas as sciencias e artes, enriquecido com as irregularidades dos verbos, muitos idiotismos, phrases familiares e um vocabulario geographico, e outro de nomes proprios, etc., etc., etc.* João Fernandes Valdez, Rio de Janeiro, Paris, Livraria Garnier, 1875.

Na parceria português-ingles, a informação sobre a pronúncia é ainda mais valorizada, destacando-se logo na sequência inicial do título: *A Portuguese and English Pronouncing Dictionary, newly composed, from the best dictionaries of both languages containing a great number of terms connected with all the sciences and arts, short sentences and expressions illustrating such acceptations as present and difficulty many idiotisms and familiar phrases and followed by vocabularies of the names of places and persons, etc, etc, etc.* By João Fernandes Valdez. Rio de Janeiro, Garnier, 1875.

A parte português-ingles poderia ser particularmente interessante, porque Valdez tinha condições privilegiadas para dar testemunho do português do Brasil, no entanto, os abundantes brasileirismos, do domínio da fauna e da flora, que entraram na nomenclatura, parece terem sido directamente transcritos do *New dictionary of the portuguese and english* de D. José de Lacerda (*v. infra*). Também na anotação da pronúncia que, pela codificação demasiado dependente da ortografia portuguesa, deveria ter pouca utilidade para os leitores ingleses, Valdez parece ter optado inteiramente pelo modelo ortoépico do português europeu.

Este dicionário procurou corresponder às solicitações do desenvolvimento da escolarização do inglês. Realizou, com louvável esforço, um exercício de simplificação e de síntese. Manteve, em todo o caso, uma nomenclatura de mais de 43.000 entradas, com muitas palavras supérfluas, de ocorrência improvável e, por outro lado, esqueceu muitas formas de

uso comum, justamente as mesmas que faltavam no dicionário de Lacerda que terá sido, ao que parece, a sua fonte preponderante.

As sucessivas edições, pelo menos até à 10<sup>a</sup>, (sem data, mas distribuída já no século XX) correspondem a uma única composição tipográfica e a uma só passagem pela máquina impressora, com excepção da página de rosto que foi sendo alterada com actualização da referência editorial. A produção tipográfica, em todo o caso, foi feita de modo muito esmerado. Os volumes iam sendo periodicamente lançados no mercado, com a aparência de renovadas edições, com uma apresentação muito cuidada e com encadernações artísticas estampadas, de cor verde, rosa ou outras cores igualmente atraentes.

## Os “Dicionários do Povo”

22. A partir de 1882, surgiram, no espaço comercial português e brasileiro os “Dicionários do Povo” que deram uma nova configuração à dicionarística portátil ou de bolso, bilingue e também monolíngue. A iniciativa partiu de David Corazzi (1845-1896), um editor português muito inovador e ousado no âmbito empresarial e no planeamento e produção das suas edições. Redimensionou o panorama editorial português com edições práticas, úteis, esteticamente muito cuidadas e preocupadamente económicas. Publicou, além de um conjunto amplo de obras literárias, uma série muito copiosa de textos de divulgação enciclopédica e de apoio escolar (a “Biblioteca do Povo e das Escolas”). Sob o lema de “Propaganda de instrução para portugueses e brasileiros”, promoveu a importante colecção lexicográfica “Os dictionarios do povo”. Deve advertir-se que o termo propaganda era um latinismo recente, na língua portuguesa, não tinha ainda sofrido a erosão do seu uso na linguagem política e significava simplesmente “divulgação missionária, fervorosa e caritativa”. Era um ideal benevolente, desinteressado e filantrópico e, neste sentido, a “propaganda” é invocada, no prefácio do *Dicionário inglês-português* como um objectivo do editor que aceita ampliar os volumes, com prejuízo dos seus interesses: “Em questão de interesses reservamos sempre o último lugar, porque os nossos interesses estão mais na razão directa dos serviços que prestamos á instrução e ás letras, do que na proporção dos lucros materiaes que auferimos. Esta empresa não é simplesmente uma industria, porque é principalmente uma propaganda.”

Foram publicados numa sequência numerada, os seguintes dicionários:

- 1 - *Diccionario da lingua portugueza etymologico prosodico e orthographico* — 1882
- 2 - *Diccionario francez-portuguez* — 1882
- 3 - *Diccionario portuguez-francez* — 1885 (?)
- 4 - *Diccionario inglez-portuguez* — 1885
- 5 - *Diccionario portuguez-inglez* — 1888
- 6 - *Diccionario latim-portuguez etymologico prosodico e orthographico* A-O (2<sup>a</sup> ed. 1910)
- 7 - *Diccionario latim-portuguez etymologico prosodico e orthographico* P-Z (2<sup>a</sup> ed. 1910).<sup>17</sup>

Os “Dicionários do povo” correspondiam à tendência democratizante da produção editorial da segunda metade do século XIX. Eram destinados a um público muito alargado, todavia, procuravam simultaneamente oferecer uma qualidade e quantidade de informação

<sup>17</sup> Nas páginas de publicidade anexadas no princípio e fim dos volumes, publicados nos primeiros anos do século XX, a seguir à notícia destes volumes, já publicados, acrescentava-se: “seguir-se-hão os de italiano-portuguez, portuguez-italiano, hespanhol-portuguez, portuguez-hespanhol, alemão-portuguez, portuguez-alemão, de synonymos e rimas, de artes e industrias, de verbos e proverbios, de geographia geral, de historia, de mythologia, de botanica, analogico, etc.”. Não temos notícia de que esta futuração tenha tido presente.

satisfatórias para uma clientela medianamente exigente. Eram: “... portateis, economicos, completos, indispensaveis em todas as familias, escholas, bibliothecas, escriptorios commerciaes e repartições publicas.”

Foram publicados sem qualquer indicação de autoria, sabemos apenas que tinham a direcção literária de José Joaquim Ferreira Lobo (1837-1909). Em todo o caso, os lexicógrafos anónimos fizeram um trabalho considerável. Os dicionários de francês-português e português-francês (2º e 3º da série “Dicionários do povo”) apresentam claras melhorias, em relação aos dicionários anteriores. Têm uma nomenclatura mais abrangente (cerca de 40.000 entradas no francês e 42.000 no português); têm mais informação gramatical e lexical e mantêm a anotação prosódica (aliás fonética). Na “Advertencia” do francês-português salienta-se e justifica-se esse complemento de informação fonográfica, que se encontrava já em outros dicionários e que se tornaria usual na lexicografia bilingue:

“ Este dictionario, alem de conter todos os vocabulos e phrases da lingua franceza, que estão em uso, e de abranger todos os seus equivalentes em portuguez, é *prosodico*, isto é, não comprehende um unico termo cuja pronuncia não se encontre figurada ao lado d'elle. Sabemos. perfeitamente que sem a lição da pratica — em todos os ramos a mais proficua das lições — não é possivel adquirir a harmonia dos sons peculiares a cada lingua; mas tambem sabemos — e isso diligenciámos conseguir — que se pode figurar na pronuncia da nossa lingua a pronuncia de qualquer lingua extranha. A harmonia do som, essa não se póde dar no dictionario, porque o dictionario é um expositor escripto e não um expositor fallado”. (1882, III).

No *portuguez-francez* retomou-se integralmente, a nomenclatura do *Diccionario da lingua portugueza* da mesma colecção de “Os dictionarios do povo”, e acrescentou-se também uma transcrição fonética baseada no código fonográfico francês: “Outubro (*autou'brou*)...), com uma estranha solução para a representação dos sons vocálicos nasais, particularmente do ditongo *ão*: (*un'ou*). A representação fonética do português foi omitida nos dicionário de português-inglês (v. infra).

No “Prefacio”, anunciam-se alguns aspectos que o distinguem dos dicionários de bolso anteriormente publicados, concorrentes dos novos “dicionarios do povo”:

“A maior parte dos dictionarios têm mais definições do que significados; o nosso tem mais significados do que definições. Em muitas hipoteses, definir é pronto e facil, achar o significado é impertinente e difficil. Preferimos o mais arduo. (...) Evitando as definições, não omitimos as frases — as que têm a sua individualidade propria, não as que se traduzem ao pé da letra, e cuja significação ou tradução está, portanto, nas proprias palavras que as constituem.” (1909, 3ª edição correcta e augmentada, III).

Teve correcções e aumentos a partir da 3ª edição, em 1909, e depois oportunas actualizações ortográficas. Ao longo do século XX, preencheu um prolongado percurso, com cerca de 3 dezenas de edições e várias mudanças de propriedade editorial.

O editor David Corazzi fez um investimento muito ousado em recursos técnicos, no segmento da fabricação e da produção dos seus livros, e os dicionários dão testemunho de uma renovada legibilidade gráfica e de uma artística apresentação, mas a qualidade do papel, em alguns volumes e a reprodução tipográfica (sobretudo a irregularidade da impressão e da tintagem) das primeiras edições, nem sempre correspondiam ao voluntarioso ideal da sua publicidade.

Os “dicionários do povo” Cumpriam razoavelmente os objectivos do editor, eram efectivamente “portáteis” e “económicos”, com abundante e renovada informação lexical. Foram, por outro lado, objecto de solicitação quotidiana nos circuitos da língua escrita, no espaço doméstico, na escola, nos escritórios e na administração. Adequaram-se à expansão do sistema educativo e especialmente a uma alargada procura de aprendizagem das línguas; e integraram-se no impulso dinamizador da actividade editora, ensaiada em Portugal na segunda

metade do século XIX. A produção de texto impresso aumentou, embarateceu e vulgarizou-se. Cresceu o público e surgiram iniciativas editoriais com assinalável sucesso, como a publicação do *Diário de Notícias* (1864), ou o *Manual Enciclopédico* de Aquiles Monteverde (1803-1881) que também contribuíram para desbloquear o âmbito do espaço público de comunicação. A produção de “Os Dicionários do Povo”, nas parcerias com as línguas francesa e inglesa, foi oportunamente estimulada por este renovado condicionamento da técnica e do público leitor.

23. Os dois dicionários da parceria com o inglês, editados por David Corazzi, na mesma colecção integravam-se no plano projectado para o português e para o francês. O *Diccionario inglez-portuguez* saiu em 1885, com o número 4, com uma primeira tiragem de 20.000 exemplares, e o de portuguez-inglez em 1888, com o número 5 e com a mesma tiragem de todos os números anteriores.

O nº 4 (inglês-português) sofreu um considerável aumento da paginação, por causa da transcrição fonética (“pronuncia figurada”) que absorvia, segundo os editores, “um número considerável de paginas”, e ultrapassou a dimensão inicialmente projectada para cada volume da colecção, que era de 10 fascículos (640 páginas). Na sua primeira edição o *Diccionario inglez-portuguez* estendeu-se até às 919 páginas, muito mais do que o nº 2 (francês-português) que já se expandira também até às 720.

## OS DICCIONARIOS DO POVO

PROPAGANDA DE INSTRUCCÃO

PARA PORTUGUEZES E BRAZILEIROS

N.º 2

DICCIONARIO  
FRANCEZ-PORTUGUEZ

*De*

I.ª TIRAGEM, 20:000 EXEMPLARES

*Yague de Campos Anualdo*

Collecção de dictionarios portateis, economicos, completos, indispensaveis em todas as familias, escholâs, bibliothecas, escriptorios commerciaes e repartições publicas. Cada um d'elles trata de sua especialidade e não poderá custar mais de 500 réis em brochura e 600 réis encadernado, tendo ainda os assignantes, se assim o preferirem, a vantagem de dispender apenas 50 réis, de quinze em quinze dias, por cada fasciculo de 64 paginas pelo menos, composição perfeita, edição esteriotypada, typo miudo mas legivel, em papel optimo e consistente.

LISBOA

DAVID CORAZZI—EDITOR

EMPRESA HORAS ROMANTICAS

Premiada com medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro

Administração, Rua da Atalaya, 40 a 52, Lisboa

Filial no Brazil, 40, Rua da Quitanda, sobrado, Rio de Janeiro

1882

Não foi só a transcrição fonética que absorveu maior número de páginas, houve também um aumento significativo do número de entradas que se aproximaram das 50.000. Por outro lado, cultivou-se neste dicionário uma propositada atenção às sequências sintáticas obrigatórias, às regências às expressões habituais: à entrada *Water*, por exemplo, corresponde um artigo que ultrapassa a ocupação de uma coluna em que se registam e traduzem várias dezenas de frases.

O *Dicionário português-inglês* foi publicado com 644 páginas; as últimas dez são ocupadas, como era já habitual, nos dicionários anteriores, com um vocabulário de antropónimos e outro de topónimos. A nomenclatura, tal como a do *português-francês*, é transcrita do *Diccionario da lingua portuguesa*, nº1 da colecção e colige cerca de 40.000 entradas.

Todavia, diferentemente deste, muitos artigos apresentam uma abundante selecção de expressões habituais e de sequências de contextualização. Os verbos *levantar* e *levar*, por exemplo, ocupam uma coluna cada um, o verbo *fazer* estende-se por duas colunas, e o artigo dedicado ao substantivo *mão* alonga-se por quase duas colunas e meia, recolhendo, no seu conjunto centenas de frases.

“Os dicionários do povo” devem assinalar-se entre as mais interessantes realizações da dicionarística portuguesa, não tanto pelo seu trabalho especificamente lexicográfico que, em todo o caso, não é destituído de algum merecimento, mas sobretudo pela quantiosa difusão, pela facilitação do acesso ao dicionário e pela generalização do seu uso, na escola e no espaço extra-escolar.

## Dicionários complementares

### O *Novo dicionario* (1836) de Fonseca

24. A elaboração dicionarística bilingue portuguesa, sobretudo a partir da década iniciada em 1830, transferiu-se para os prelos da indústria tipográfica francesa e pode acompanhar o apreciável ímpeto modernizador que se encontra reflectido na reconfiguração dos formatos, no aperfeiçoamento da fabricação gráfica e de um modo geral na legibilidade dos dicionários.

A lexicografia complementar que poderíamos classificar “de mesa”, ou de “escritório”, por oposição a portátil, patenteia uma clara melhoria, em aspectos como: a depuração e o alargamento do “corpus” dicionarizado; a fixação alfabética; a crescente estabilização ortográfica; e sobretudo um trabalho metalexicográfico de maior rigor na selecção das formas equivalentes, na descrição gramatical e na definição e contextualização semântica.

A interacção europeia foi naturalmente importante, também nestes aspectos da lexicografia bilingue, bem como a evolução da indústria tipográfica, mas não se pode desconsiderar o contributo de um pequeno grupo de dicionaristas portugueses, entre os quais merecem destaque Solano Constâncio (1777–1846), José da Fonseca (c.1788-1866) e Inácio Roquete (1801-1870) que, emigrantes em Paris, e provavelmente acompanhados e apoiados por outros conterrâneos, se dedicaram a este empreendimento, com honesto estudo, persistente labor e curiosa lição no reconhecimento da língua portuguesa e da sua memória textual.

Na história da dicionarística bilingue portuguesa do século XIX, o acontecimento mais notório e o mais importante empreendimento foi certamente a parceria partilhada do francês-português e português-francês realizada pelos lexicógrafos José da Fonseca e Inácio Roquete.

José da Fonseca terá emigrado para França à volta de 1817, conheceu ainda o exilado Pe. Francisco Manuel do Nascimento (1734-1819), que lhe deve ter incutido um zelo de linguístico patriotismo e que muito provavelmente o despertou para a militância

dicionarística.<sup>18</sup> Começou pela publicação de dicionários portáteis monolíngues, incluindo um dicionário de sinónimos, da língua portuguesa (1830). Em 1836 publicou o dicionário de referência, (que qualificou de “grande”, no “Discurso preliminar” do *Diccionario portátil*) apresentando-o com uma minuciosa página de rosto, em que fornecia algumas informações oportunas e esclarecedoras. Eis a sua transcrição integral:

*Novo Diccionario Francez-Portuguez composto sobre os melhores e mais modernos dictionarios das duas nações, e mui particularmente sobre os novissimos de Boiste, Laveaux, Raymond, Etc.; augmentado com mais de doze mil Vocabulos novos e grande variedade de pbrases e locuções, assim como de muitos termos de Sciencias e Artes, de Medecina, de Chymica, Historia natural e Botanica, Commercio, Marinha, d'um Vocabulario Geographico, e outro de Nomes Proprios, etc. etc. etc.; e enriquecido com a pronuncia figurada da lingua franceza, de maneira a facilitar-a ao Leitor sem ajuda de mestre: Offerecido á mocidade estudiosa de Portugal e do Brasil, por José da Fonseca. Paris, em casa de J.-P. Aillaud. Quai Voltaire, 11. 1836.*

Trata-se de um realização lexicográfica essencialmente determinada por motivações linguístico-literárias. O dicionário era um meio de acesso ao universo cultural, científico e sobretudo literário francês e, ainda nesta ordem de ideias, era também um instrumento de defesa da língua portuguesa, oferecendo equivalências vernaculares para uma tradução adequada e apropriada do francês, evitando os desnaturados galicismos que inçavam as versões dos textos franceses publicados em Portugal e “estragavam” a língua.

O relacionamento com a produção bibliográfica francesa tinha-se desenvolvido, a tradução e a leitura literária tornaram-se muito assíduas e eram um campo exigente de solicitação do dicionário a que não podiam corresponder os dicionários portáteis, que transitavam nas escolas e acompanhavam os viajantes.

A tradução literária e científica implicava, por sua vez, uma elaboração linguística e textual cultivada e “autorizada”, com recuperação da memória clássica da língua. Neste quadro “vernaculista”, a produção dos dicionários acompanhou, de algum modo, o ciclo linguístico-literário, que se prolongou pelo século XIX e parte do século XX. Os dicionários bilingues propiciaram e assistiram ao alargamento do convívio interlinguístico, sem todavia deixarem de exaltar os idiomas identificadores nacionais. Por isso procuraram recolher e oferecer informação escolhida que deveria estar disponível para apoiar e acautelar a qualidade das traduções que continuaram em progressivo crescimento.

Correspondiam a este pensamento linguístico as motivações lexicográficas exaradas no “Aviso do Editor” (que antecede todas as edições) e no “Discurso preliminar” (omitido nas primeiras distribuições do dicionário), onde se ensaia um breve esquema com uma teoria da tradução. O objectivo do dicionário, anunciado pelo editor, era “verter em linguagem os vocabulos e pbrases Francezas, sem nunca sacrificar, mas antes fazer sobresahir, a pureza, riqueza e abundancia da preciosa lingua dos Portuguezes”. A sua publicação era sentida como uma necessidade instantânea pelos “sinceros e genuinos conhecedores da excellencia da Lingua Portugueza”. Não existindo, até então, para a tradução do francês, “um diccionario perfeito, e completo”, tornava-se necessário e urgente este novo empreendimento.

“De todos os que atéqui se tem publicado, se exceptuarmos o do capitão Manoel de Souza, impresso em 1811, podemos affirmar nao haver um só, que, ou por nimamente pobre, ou por se resentir a cada passo da impericia ou negligencias de seus auctores sobre a lingua materna, não induza o joven traductor a

<sup>18</sup> José da Fonseca escreveu para um jornal português, publicado em Paris, *O Contemporaneo Politico e Literario*, uma “Breve notícia Sobre a Vida e Escritos de Filinto Elysio”, (t. II, p. 131-147, 1820), nela confirma o relacionamento com o escritor (“As pessoas, que, como eu, tiverão a ventura de o tratar...” p. 132), e acrescenta uma informação sobre as preocupações lexicográficas do árcade exilado em Paris, que terá trabalhado durante catorze anos na composição de um *Diccionario Francez-Portuguez*.

produzir em suas traducções, e até nos seus discursos familiares, erros e gallicismos intoleráveis, que assim vão dando golpe de morte na preciosa lingua de Camões, Barros, Souza, Vieira, e de tantos outros.” (“Aviso do Editor”)

Afortunadamente, esclareciam os editores, foi possível encontrar um “incansavel e discreto auctor” para este *Novo Dictionario* na pessoa de José da Fonseca, e por outro lado, observavam ainda os editores, verificava-se, naquele momento, uma oportuna renovação da lexicografia anfitriã, que fora, em boa hora, beneficiada com os “dicionarios Francezes de Laveaux, Boiste, Raymond e outros”. O editor anunciava ainda cinco argumentos que recomendavam o novo dicionário e o distinguiam dos anteriores:

“1º mais de *doze mil vocabulos* Francezes, que faltão em todos os dictionarios Francezes-Portuguezes atéqui publicados; 2º toda a nomenclatura das sciencias e artes no seu estado actual; 3º dous vocabularios addicionaes, um dos nomes proprios de Geographia, e outro dos nomes proprios de homens [...]; 4º (o que sobre tudo mais val) achará correctos um numero infinito de significados, e sobre tudo de locuções viciosas, que a impericia da lingua Portugueza introduzira em quasi todos os dictionarios existentes; [...]; 5º a *pronuncia figurada da lingua Franceza*, com tal escrupulo executada, que o porá quasi n'huma independencia absoluta de recorrer a mestre, para poder, alem de a bem comprehender, tambem fallal-a.”

O “Discurso preliminar”, assinado pelo autor, não acrescenta reflexão metalexigráfica asinalável. Retoma o compromisso da salvaguarda da língua e da literatura portuguesa, valoriza o exercício da tradução, regulado pela memória das boas palavras dos autores clássicos e propõe “em grosso, alguns preceitos indispensaveis aos que começam a traduzir.” Começa justamente por lembrar as exigências de “pureza” e “elegância”:

“É mui conveniente pois, que o joven alumno, antes de emprender uma versão, se dê com summo cuidado á leitura dos bons *Escriptores Nacionaes*; mórmente d'aquelles, que por pureza, elegancia, e força no dizer, já adquirirão a prerogativa de classicos; e isto sempre com a penna na mão, lançando em nota todas as elegancias, phrases, ou locuções, que designem o genio particular do idioma patrio. Trabalho, que de muito lhe valerá, quando se vir precisado a equivaler com huma phrase portugueza, outra phrase franceza, cuja traducção não possa accomodar-se em linguagem.” (Discurso preliminar, p. VII e VIII).

A bibliografia dos “Traductores Portuguezes, e dos Auctores Francezes” citados como fontes: “d'onde estrahi as locuções e phrases que vão n'este dictionario” é muito modesta e contrasta com a suficiência anunciada no “Discurso”. Não eram muitos os textos que José da Fonseca teria disponíveis para o seu trabalho:

Duarte Ribeiro de Macedo, Traducção d'*Aristippo, ou Homem de Corte* de Balsac.  
Manuel de Sousa (o Capitão), Traducção da *Historia de Theodosio o Grande*, de Flechier. — do *Telemaco* de Fenelon.  
Francisco Manuel, Traducção dos *Martyres*, de Chateaubriand. — do *Zadig*, de Voltaire. — da *Andromacha* de Racine. — do *Tractado do Sublime*, de Longino, vertido por Boileau. — do *Vert-Vert*, de Gresset. — das *Fabulas* de La Fontaine.  
Francisco Joseph Freire (Candido Lusitano), Traducção da *Athalia*, de Racine.  
Pedro José da Fonseca, Traducção do *Diccionario da Fabula*, de Chompré!  
Manuel Maria de Barbosa du Bocage, Traducção de *Gil Braz*, de Lesage. — dos *Jardins*, de Delille. — das *Plantas*, de Castel.

O *Novo Dictionario* foi um acontecimento marcante na lexicografia bilingue portuguesa.

Teve uma sequência editorial muito copiosa, com registo de edições quase anuais, em que se substituiu apenas a página de rosto, com alteração da data da distribuição e eventuais mudanças na fórmula da assinatura dos editores. No trânsito tipográfico, observámos apenas duas composições diferentes: 1ª — desde 1836 até 1870, com 955 ps., e depois, até 1885, com 955 + 96 pp. de suplemento; 2ª — nas restantes edições, até ao final do século com 1155 pp.

A nomenclatura abrangia, na versão inicial, cerca de 48.000 entradas. O suplemento, anexado nas edições dos anos 70, e depois integrado no corpo do dicionário, a partir de 1885, acrescentou cerca de 7.000 novas entradas.

Os artigos do *Novo Dicionario* valorizam, por vezes com algum excesso, a componente portuguesa. Acumulam sinónimos e para-sinónimos, como quem quer oferecer, para além do acesso à simples compreensão da palavra francesa, uma ampla variedade de opções que auxiliem o tradutor no bom uso e no ornamento do estilo. A entrada “Coeur”, por exemplo dá lugar a um espreado artigo em que se traduzem cerca de meia centena de contextos franceses, mas, antes de apresentar essas frases, oferece uma glosa de equivalências, com 33 formas portuguesas: “coração - estomago - (*fig.*) espirito - animo, bravura, intrepidez, valor - centro, gemma, meio - amago, medulla - força, vigor - honra - sensibilidade - gesto - fereza - ressentimento - lembrança, memoria - reconhecimento - amor - cordialidade - desejo - affecto, amizade - inclinação - sinceridade - vontade - ternura - copas (naipe) - olho (de alface, etc.)”.<sup>19</sup>

### O *Nouveau dictionnaire* (1841) de Inácio Roquete

25. Em parceria, mais ou menos simétrica, com o *Novo Dicionario* de francês-português de José da Fonseca, foi publicado em 1841, o *Nouveau Dictionnaire* de português-francês composto por José Inácio Roquete, lexicógrafo, filólogo, hermeneuta, doutrinador e sobretudo um pedagogo dos mais operosos, na história da cultura portuguesa. Exilado em Paris, entre 1834 e 1857, produziu uma obra vastíssima, com destaque, naturalmente, para este *Nouveau Dictionnaire* em que trabalhou regularmente “oito a dez horas por dia, durante mais de quatro anos”. Publicou ainda os dicionários monolíngues do português (que foram os dicionários práticos mais divulgados e mais populares, ao longo do século XIX e parte do século XX), e um conjunto de outros manuais para a formação escolar dos portugueses e brasileiros, para a exercitação da escrita e da oratória e para a aprendizagem do francês e do inglês. Inocêncio dedica-lhe uma ampla notícia biobibliográfica (t. IV, 373-377 e t. XIII, 15-16) e assinala a publicação de cerca de três dezenas e meia de livros (alguns bastante volumosos) durante os vinte e três anos de exílio.

Roquete foi contemporâneo em Paris de todo um escol de intelectuais portugueses e brasileiros e outros, entre os quais se destaca Ferdinand Denis (1789-1890) o mais notável lusitanista e brasilianista francês do século XIX. A sua produção lexicográfica repercutiu este convívio de bons espíritos e de vários saberes. Recebeu a mensagem de renovação, no referente à técnica dicionarística e promoveu a recolha, cada vez mais numerosa, do “corpus” lexical, ampliado pelas terminologias da política, da ciência e da técnica; pelos exotismos provenientes do Brasil; e também pela criatividade lexical, exercitada no francês e nas outras línguas que se encontravam no cosmopolitismo parisiense.

O pensamento linguístico que motivava o dicionarista e que estava em sintonia com as ideias que se professavam na Academia Real das Ciências (à qual o *Nouveau Dictionnaire* é dedicado) e em outras academias europeias, foi determinante para a sua obra filológica e lexicográfica.

---

<sup>19</sup> A abundância sinonímica de José da Fonseca tinha já sido ensaiada no *Dicionário de sinónimos portugueses*, publicado pelo mesmo editor, em Paris, em 1830.

NOVO  
DICIONARIO

FRANCEZ-PORTUGUEZ,

COMPOSTO

SOBRE OS MELHORES E MAIS MODERNOS DICIONARIOS DAS DUAS NAÇÕES.

E MUI PARTICULARMENTE

SOBRE OS NOVISSIMOS DE BOISTE, LAVEAUX, RAYMOND, ETC.,

augmentado

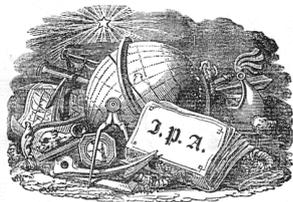
Com mais de doze mil Vocabulos novos e grande variedade de phrases e locuções, assim como de muitos termos de Sciencias e Artes, de Medicina, de Chimica, Historia natural e Botanica, Commercio, Marinha, d'un Vocabulario Geographico, e outro de Nomes Proprios, etc.; e enriquecido com a pronuncia figurada da lingua franceza, de maneira a facilitala ao Leitor sem ajuda de mestre.

OFFERECIDO

A' Mocidade Estudiosa de Portugal et do Brasil,

POR JOSÉ DA FONSECA.

TOMO PRIMEIRO.



PARIZ,

J. - P. AILLAUD, EDITOR,

QUAI VOLTAIRE, Nº 44.

1844.

NOUVEAU DICTIONNAIRE  
PORTUGAIS-FRANÇAIS

COMPOSÉ

SUR LES PLUS RÉCENTS ET LES MEILLEURS DICTIONNAIRES DES DEUX LANGUES

AUGMENTÉ

de plus de 10,000 mots nouveaux, et d'un grand nombre de phrases familières, idiotismes, proverbes, etc.; enrichi des nomenclatures et des termes d'Histoire Naturelle et de Botanique, d'après BROTERO, des termes de Marine, de Commerce, etc.; selon les Dictionnaires polyglottes et spéciaux de J.-H. RODING et de P.-A. NEMNICH,

et d'un grand nombre de termes de sciences, d'arts et de métiers;

CONTENANT

les noms des principales villes et tous les termes de géographie

ET SEUVI D'UN VOCABULAIRE DES NOMS PROPRES PORTUGAIS ET FRANÇAIS;

DÉDIÉ

A L'ACADÉMIE ROYALE DE LISBONNE

Par J.-I. ROQUETTE,

MEMBRE CORRESPONDANT DE LA MÊME ACADÉMIE.

Le vocabulaire d'une nation est une table assez fidèle de toutes ses connaissances.

DIDEROT, *Réflexions sur les langues.*

E na lingua, na qual quando imagina

Com pouca corrupção creó que he latina.

CAMÕES, *Lusiad.*, 1, 33.



PARIS

Vº P.-J. AILLAUD, MONLON et C<sup>ie</sup>,

Libraires de leurs Majestés l'Empereur du Brésil et le Roi du Portugal.

47, Rue Saint-André-des-Arts.

1856

Roquete assumiu o discurso tradicional de defesa, louvor e ilustração da língua, valorizou patrioticamente a memória autoral e textual portuguesa, e parece ter sido já sensível ao enunciado humboldtiano que especificava a língua como um identificador de nacionalidade. Nesse sentido se deve entender o cuidadoso exergo, com a citação de Diderot (de certo modo predecessor do filósofo alemão), que se lê na página de rosto: “Le vocabulaire d'une nation est une table assez fidèle de toutes ses connaissances.” Diderot, *Réflexions sur les langues*.

O título do dicionário, retomando a tradição das discursadas páginas de rosto dos livros dos séculos XVII e XVIII, alarga-se numa informação sumária, em que se lê a notícia da actualização e alargamento da nomenclatura até então coligida. Apresentou-se em francês, significando a eleição dos falantes desta língua como destinatários preferenciais:

Nouveau Dictionnaire Portugais Français, composé sur les plus récents et les meilleurs dictionnaires des deux langues; augmenté de plus de 10.000 mots nouveaux et d'un grand nombre de phrases familières idiotismes, proverbes, etc.; enrichi des nomenclatures et des termes d'Histoire naturelle et de Botanique, d'après Brotero; des termes de Marine, de Commerce, etc., selon les Dictionnaires polyglottes et spéciaux de J.-H. Roding et de P.-A. Nemnich, et d'un grand nombre de termes de sciences, d'arts et de métiers; contenant les noms des principales villes et tous les termes de géographie, et suivi d'un vocabulaire des noms propres portugais et français.... Paris, J.-P. Aillaud, Editor, Quai Voltaire, nº11, 1841.

A dedicatória à Academia Real das Ciências e o “Préface” confirmam a doutrina linguística, e a motivação patriótica do autor, e esclarecem os objectivos e o plano do dicionário.

O texto prefacial é um dos mais interessantes entre os paratextos dicionarísticos portugueses. Começa por documentar com notas eruditas o louvor da língua e da literatura, que os franceses não podiam conhecer por falta de um dicionário: “...cette belle langue, dans laquelle tant d'historiens et tant de poètes illustres ont transmis à la postérité les exploits et les hauts faits des héros leurs compatriotes; la langue portugaise, enfin, qui inspira à Camões les doux accents d'*Inez de Castro* et le magnifique épisode du géant *Adamastor*, n'était, pour ainsi dire, pas connue en France, faute d'un dictionnaire”.

Apresenta uma revisão crítica dos dicionários anteriormente publicados e explicita, em dez alíneas, o plano do seu *Nouveau dictionnaire*, especificando alguns domínios do universo de referência do vocabulário recolhido:

“...tous les mots usuels de la langue portugaise, tous les mots de littérature ancienne et moderne, tous les termes généraux des sciences et des arts avec leurs définitions ou leurs explications, et avec toutes leurs acceptions anciennes et modernes dans leur ordre rationnel et logique, presque toujours autorisées par des exemples puisés dans les meilleurs écrivains. Nous avons tâché de rendre les mots portugais, non pas par des périphrases et des circonlocutions comme ont fait souvent les lexicographes dont nous avons parlé plus haut, mais par des équivalents, autant que cela était possible, et ainsi de même pour les phrases familières, les idiotismes, les proverbes, etc.”

Valoriza nomeadamente os arcaísmos (cita o *Elucidário* de Viterbo), “afin que les littérateurs français puissent comprendre nos anciennes chroniques, (...) et la littérature des anciens Portugais”; e enumera ainda, como campos de referência, a botânica (cita Brotero, Cuvier e Nemnich); a terminologia referente à marinha; os tecnolectos da ciência e das artes e officios; os provérbios, idiotismos e locuções familiares; e finalmente, os nomes da geografia e os correspondentes etnónimos. Dedicava uma alínea ao tratamento do verbo, e outra à notação dos casos de assimetria de género, entre o português e o francês. O tratamento do verbo, declara o autor, foi a parte mais trabalhosa: “...souvent un verbe seul nous a occupé plusieurs jours: nous avons consacré une semaine entière au verbe *dar*. Qu'on lise cet article avec attention, qu'on le compare avec celui de *Moraes* et de *Constancio*, et que l'on juge ensuite.” Efectivamente, a integração sintagmática do verbo, as regências e sequências obrigatórias ou preferenciais constituem uma informação nova e meritória, mas falta neste dicionário a gramática elementar da flexão e da conjugação verbal. É certo que os destinatários não eram os estudantes (para os quais existiam já os “portáteis”), mas sim os estudiosos do português, que deveriam ter já todas as competências gramaticais para o bom uso da língua.

O *Nouveau dictionnaire* oferece, em 1841, a mais extensa nomenclatura do português, entre todos os dicionários (incluindo os monolíngues) até então publicados. Em nota ao texto prefacial, diz o autor que o dicionário contém “environ 56,000 mots, non compris les participes et un grand nombre de superlatifs, d'augmentatifs et de diminutifs”(p. IX); todavia, no conjunto, incluindo os participios e as abundantes formas derivadas, a nomenclatura ultrapassa as 62.000 entradas. Acolhe o conjunto amplo de palavras que tinham sido dicionarizadas pela primeira vez no *Novo dictionario critico e etymologico da lingua portugueza*, por Solano Constancio (Paris, 1836) e acrescenta ainda o registo de novos termos, sobretudo brasileirismos, termos do domínio da botânica, e ainda muitas formas obtidas por derivação, explorando a crescente produtividade do sistema sufixal, induzido certamente pelo confronto com o francês.

Roquete melhora a informação dos dicionários anteriores, renovando, pelo rigor das equivalências francesas, a interpretação semântica de muitos vocábulos. Parece particularmente sensível às significações ou conotações do vocabulário político daquele tempo, como se pode observar em entradas como *desafecto* (“...contraire, opposé, adversaire...” p.396); *jacobinismo* e *jacobino* (“... En Portugal, on donnait ce nom aux partisans des Français au temps de leur invasion” p.716); *liberal*, *liberalão*, *liberalismo* (744); *partidario*., *partido* (879), etc.

Roquete cita várias fontes e menciona explicitamente dois colaboradores que lhe prestaram informação útil: o oficial de marinha português M. A. E. de Lemos (?) ao qual agradece “presque toutes les recherches qui avaient rapport à la science nautique”; e C.[aetano] L.[opes] de Moura (1780-1860), destacado vulto da cultura brasileira, que lhe terá dado apoio na revisão literária e científica e certamente no agenciamento do abundante vocabulário referente à geografia e à fauna e flora brasileira.

O *Nouveau dictionnaire* teve uma recepção e um percurso editorial com mediano sucesso. Algumas tiragens são lançadas em simultaneidade com o dicionário de francês-português de José da Fonseca. Tratava-se todavia de operações comerciais de distribuição em que se actualizava apenas a página de rosto, com a data e designação do editor. Observando vários exemplares com diferentes datas, parece poder concluir-se que o dicionário teve apenas duas composições tipográficas diferentes, a primeira (1841), que foi sendo distribuída ao longo de cerca de quarenta anos, com 1238 páginas, e a 2ª, nas últimas décadas do século, com 1290 páginas.

### Os dicionários de Castro Freire (1879), Domingos de Azevedo (1887/1889) e de Valdez (1887)

26. Antes de concluído o século XIX, foram ainda promovidas duas importantes iniciativas editoriais, no âmbito da lexicografia luso-francesa: o *Novo dictionario francez-portuguez com a pronuncia franceza figurada composto à vista dos dictionários antigos e modernos mais acreditados*, pelo Conselheiro F. de Castro Freire, em Paris, em 1879; e os dois volumes do *Grande Dictionario Contemporaneo Francez-Portuguez / Grand Dictionnaire contemporain Portugais-Français*, por Domingos de Azevedo, em Lisboa, em 1887 e 1889 respectivamente.

Por iniciativa dos editores francezes Aillaud, Guillard & Ce., publicou-se, ainda em França, um volumoso dicionário, “mais completo” que os publicados até então, com a assinatura autoral de Francisco de Castro Freire, 1809-1884, lente de matemática da Universidade de Coimbra (tendo desempenhado durante algum tempo o cargo de Vice-Reitor) e sócio fundador do Instituto de Coimbra.<sup>20</sup>

Este *Novo dictionario francez-portuguez* foi censurado por Camilo Castelo Branco, no texto prefacial do *Grande Dictionario* de Domingos de Azevedo, numa recorrida alusão crítica, precedida pela evocação ironizada do prestígio académico de Castro Freire.<sup>21</sup>

O escritor anotava e exemplificava muitas “negligencias” que “desafinam” o *Novo Dictionario*, v.g. a ausência de formas como “agitation”, “bibelots”, ou a tradução de “Pèse-lettres” por “pesa-lettres” (aliás: “Instrumentozinho para pesar as letras” p. 972), e sobretudo observava a “bizarra por vezes esteril riqueza” da nomenclatura. Com efeito, acolhendo cerca de 60.000 entradas, quantidade apreciável para a lexicografia da época, e muito aceitável para um dicionário “complementar”, evidenciava, todavia, pouco critério selectivo, registava muitas derivações redundantes, como advérbios de modo em “-ment” e tecnolectos de uso improvável. Por outro lado, a elaboração das glosas com as equivalências portuguesas era

<sup>20</sup> Francisco de Castro Freire foi avô materno do poeta Eugénio de Castro (1869-1944), que será mais lembrado do que o avô, como Professor na Faculdade de Letras e figura de relevo na difusão da literatura e da cultura francesas em Portugal.

<sup>21</sup> Camilo mantinha uma antiga relação de atrito com os lentes e com o Instituto de Coimbra, e por isso, em referência caricatural, evocava os “ocios inspirativos das margens do Mondego” e desdourava o brasão da “doutoral estampilha do seu auctor” com o título, hiperbólico de “sabio ... de tão grada auctoridade” (Prefácio, 1887, II).

pouco sintética, as descrições, enredadas num estilo um tanto pesado, sobrecarregavam o texto com escassa vantagem para a informação lexicográfica.

Em todo o caso, o *Novo dictionario* de Castro Freire oferece uma substancial superação da obra de José da Fonseca, propõe uma redacção diferente e mais textualizada para a maior parte dos artigos, e marca um novo ciclo na dicionarística do francês-português.

Nos registos bibliográficos encontra-se notícia de duas reedições (1881 e 1887). Trata-se de simples artifício editorial, correspondente a uma eventual diligência de distribuição comercial. O dicionário deve ter sido objecto de uma única impressão.

**27.** O conjunto dicionarístico com a indicação autoral de Domingos José de Azevedo (1841-1910) foi, até ao final do século XIX, o último e o mais conseguido empreendimento, no domínio da lexicografia bilingue portuguesa. Apareceu ao público com uma preenchida página de rosto (correspondente à parte francês-português 1887) em que avulta a recomendação protectora de Victor Hugo e de Camilo Castelo Branco (autor do Prefácio).

Além do título e dessa autoridade tutelar, a página de rosto, um tanto prolixa, apresenta um sumário, com os atributos e propostas inovadoras do dicionário; acrescenta ainda uma breve referência à bibliografia prestigiada que lhe serviu de fonte; e cita em exergo um texto emblemático de Littré e outro de Fénelon. Transcreve-se integralmente, pelo interesse da informação que nela se encontra.

Grande Dictionario Contemporaneo Francez-Portuguez

Publicado com a approvaçao e sob os auspicios de Victor Hugo

E prefaciado pelo Ex.mo Sr. Camillo Castello Branco

Contendo todas as palavras que se encontram no Dictionario da Academia franceza, e ainda muitas outras de uso moderno na vida pratica; os termos usuaes das ciencias, artes e officios; as phrases, locuções, idiotismos e proverbios da lingua franceza e a seguinte materia que não se encontra nos dictionarios francezes-portugueses até hoje publicados:

Os particípios passados; a conjugação completa, nos tempos simples de todos os verbos irregulares e a indicação das pequenas irregularidades nos verbos considerados regulares;

indicação dos auxiliares com que se conjugam, preposições que regem os seus particípios, apoiadas com exemplos dos auctores classicos francezes; os pluraes irregulares; a pronuncia figurada das palavras pelo modo mais claro que é possivel e por meio da divisão das syllabas phonicas até á ultima predominante; indicação das consoantes finaes das palavras que devem ou não ligar-se á vogal inicial da palavra immediata; as regras da grammatica que tenham de ser observadas no emprego das palavras, apoiadas com exemplos selectos tambem dos principaes escriptors francezes antigos e modernos, os synonymos, etc., etc.

Redigido segundo o dictionario da Academia Franceza, os dictionarios de Littré, Brachet, Bescherelle e Larousse e os melhores dictionarios portuguezes.

Por Domingos de Azevedo, e revisto pelo Exmº Sr. Luiz Filippe Leite. Vice-reitor e professor de francez do Lyceu Nacional de Lisboa, e vogal da Commissão Inspectoras das Escolas Normaes.

“L'usage contemporain est le premier et le principal objet d'un dictionnaire. C'est en effet pour apprendre comment aujourd'hui l'on parle et l'on écrit, qu'un dictionnaire est consulté par chacun.” Littré

“Il serait à désirer, ce me semble, qu'on joignît au dictionnaire une grammalre française; elle soulagerait beaucoup les étrangers que nos phrases irrégulières embarrassent souvent.” Fénelon

Lisboa, Livraria de Antonio Maria Pereira — Editor, 50 — Rua Augusta — 52, 1887.

A página de rosto da parte português-francês é um pouco mais sóbria, mas mantém a invocação tutelar de Victor Hugo.

Grand Dictionnaire Contemporain Portugais-Français

Publié sous les auspices de Victor Hugo

Contenant la prononciation de chaque mot figurée; la conjugaison des verbes irréguliers; les pluriels irréguliers; un grand nombre de termes usuels des sciences, des arts, des métiers et de la vie pratique; les définitions; les diverses acceptions, rangées dans leur ordre logique; les locutions familières; les proverbes; les synonymes; etc, etc.

Composé sur les meilleurs dictionnaires français et portugais par Domingos de Azevedo.

Revu par Luiz Filipe Leite, Professeur au Lycée National de Lisbonne.

“L’usage contemporain est le premier et le principal objet d’un dictionnaire. C’est en effet pour apprendre comment aujourd’hui l’on parle et l’on écrit, qu’un dictionnaire est consulté par chacun.” Littré.

Lisbonne, Antonio Maria Pereira — Libraire — Editeur 52 — Rua Augusta — 54, 1889

Entre os aspectos que conferem uma certa modernidade à obra de Domingos de Azevedo e a distinguem dos dicionários anteriores, poderá salientar-se, uma selecção mais criteriosa da nomenclatura, que se limita a cerca de 50.000 entradas, em cada um dos dicionários; a redacção dos artigos, mais objectiva e simplificada; uma informação complementar, gramatical e literária com grande sentido de utilidade; e finalmente, uma realização tipográfica bastante cuidada e com boa legibilidade.<sup>22</sup>

Estas vantagens justificam o percurso editorial prolongado até à actualidade, naturalmente revisto e melhorado. No prefácio à 4ª edição (Parte Francês-Português, 1952), considerava Vitorino Nemésio que esta obra de Domingos de Azevedo se revelava uma “honesto ferramenta, a melhor que o território de língua portuguesa possui para os que têm de carpintear um pouco, dia a dia, em francês”. O mesmo prefaciador observava, em todo o caso, que o dicionário sofria ainda de algumas “faltas graves”, em contraste com “uma certa profusão desconcertante e supérflua”. Os revisores da 4ª edição (J.-J. Duthoy, Jean Rousé e Ersílio Cardoso) haveriam de proceder ao aligeiramento da informação gramatical redundante e à actualização das nomenclaturas da ciência e da técnica, que tinham entrado no uso quotidiano, e aos brasileirismos, mais assiduamente dicionarizados na parte português-francês. Vitorino Nemésio explicita algumas dessas melhorias: “Avisadamente suprimiram os participios passados regulares, as palavras obsoletas, o luxo exaustivo dos nomes dos astros, de que o normal consultor não sabe que fazer, enfim vocábulos de um calão demasiado hermético ou perimido”. O saneamento de muita informação supérflua foi a principal melhoria introduzida pelos revisores. Eliminaram as conjugações de verbos derivados como «comprendre», «reprendre», «surprendre», que tinham no verbo simples modelo suficiente; acertaram com maior coerência os critérios de abonação dos autores, e sobretudo simplificaram a redacção dos artigos, substituindo “as longas definições” pela “simples e imediata correspondência vocabular franco-portuguesa, unidade contra unidade”, evitando as “explicações semânticas escusadas num dicionário que deve responder pronta e precisamente ao tradutor.”(Prefácio VI-VII).

A mítica aprovação de Victor Hugo não a poderemos tomar como um indicador da excelência do dicionário, mas o “Prefácio” de Camilo Castelo Branco merece boa nota e valoriza certamente o volume, não só pelas breves reflexões metalexigráficas, mas sobretudo pela alusão ao purismo e ao amor da vernaculidade que ambientava o pensamento linguístico e se repercutia na elaboração dos dicionários como instâncias de aporluguesamento dos neologismos interlinguísticos.

<sup>22</sup> A nota prefacial de Paul Teyssier (1915-2002), preclaríssimo lusitanista, no início da 4ª ed. da parte português-francês (1953), oferece a melhor síntese de louvores deste dicionário: “Le Grand Dictionnaire Portugais-Français de Domingos de Azevedo, est depuis longtemps familier aux lecteurs de la langue française désireux d’aborder et d’approfondir l’étude du portugais. Assez riche pour être complet, assez léger pour être d’un usage facile, il peut servir aussi bien au spécialiste soucieux de précision qu’à l’“honnête homme” pressé de découvrir le sens d’un mot.”

# GRANDE DICCIONARIO CONTEMPORANEO

## FRANCEZ-PORTUGUEZ

PUBLICADO COM A APROVAÇÃO

E SOB OS AUSPÍCIOS DE

VICTOR HUGO

E PREFACIADO PELO EX.<sup>MO</sup> SR. CAMILLO CASTELLO BRANCO

CONTENDO

Todas as palavras que se encontram no Dicionário da Academia franceza, e ainda muitas outras de uso moderno na vida pratica; os termos usuaes das sciencias, artes e officios; as phrases, locuções, idiomatos e proverbios da lingua franceza, e a seguinte materia que não se encontra nos dictionarios francezes-portuguezes até hoje publicados:

Os particípios passados; a conjugação completa, nos tempos simples, de todos os verbos irregulares, e a indicação das pequenas irregularidades nos verbos considerados regulares; Indicação dos auxiliares com que se conjugam, preposições que regem os seus particípios, apelladas com exemplos dos auctores classicos francezes; os plurales irregulares; a pronuncia figurada das palavras pelo modo mais claro que é possível e por meio da divisão das syllabas phonicas até á ultima predominante; Indicação das consoantes finais das palavras que devem ou não ligar-se á vogal inicial da palavra immediata; as regras da grammatica que tencion de ser observadas no emprego das palavras, apoiadas com exemplos selectos tambem dos principais escriptores francezes antigos e modernos, os synonymos, etc., etc.

RENDIDO

SEGUNDO O DICCIONARIO DA ACADEMIA FRANCEZA, OS DICCIONARIOS DE LITTRÉ, BRACHET, BESCHERELLE E LAROUSSE E OS MELHORES DICCIONARIOS PORTUGUEZES

POR

DOMINGOS DE AZEVEDO

e reviso pelo Ex.<sup>MO</sup> Sr. LUIZ FILIPPE LEITE

VICE-REITOR E PROFESSOR DE FRANCEZ DO LYCEU NACIONAL DE LISBOA,

E VOGAL

DA COMMISSÃO INSPECTORA DAS ESCOLAS NORMAES

L'usage contemporain est le premier et principal objet d'un dictionnaire. C'est en effet pour apprendre comment aujourd'hui l'on parle et l'on écrit, qu'un dictionnaire est consulté par chacun.

LITTRÉ

Il serait à désirer, ce me semble, qu'on joignât au dictionnaire une grammaire française; elle soulagerait beaucoup les étrangers que nos phrases françaises embarrassent souvent.

FUNTELON

LISBOA

LIVRARIA DE ANTONIO MARIA PEREIRA — EDITOR

50 — Rua Augusta — 52

1887

“Ainda cabe ao sr. Domingos de Azevedo grande louvor por haver dado entrada e circulação a vozes modernissimas que a pratica introduziu na conversação e a miudo se nos deparam em escriptores pouco preocupados de puritanismos de linguagem. Compreendeu cabalmente o dictionarista que toda a velha legislação da linguistica estremadamente luza dos Sousas e Bernardes e Filinthos foi derogada a par e passo que as ideias de coisas novas multiplicadas se sentiam captivas e inexpressaveis no agorentado circulo da velha sciencia, da velha arte, e dos acanhados panoramas da vida antiga. Tudo já agora nos move a indulgenciar a contextura afrancezada da phrase indigena porque insensivelmente e contra vontade nos surprehendemos a pensar em francez, pelo reflexo dos livros elementares da nossa educação litteraria e da nossa convivencia intellectual e recreativa com francezes. O termo *gallicismo*, este monstro, está a ser fechado no archivo das catureiras archeologicas de alguns castiços veteranos, adidos ao paladio dos quinhentistas. Não são esses, todavia, os que hão de aligar ao oiro puro da dicção portugueza a contribuição de vocabulos que a opulentem e equiparem ás linguagens de que de dia em dia auferimos a nomenclatura das artes, das sciencias, dos officios. Afóra isso, a litteratura propriamente dita, como o drama, a novella contemporanea, para que sejam do seu tempo carecem de ferir a nota moderna, a palavra peregrina, de sabor estranho, picante, onomatopaica, para que se faça bem exprimir o nosso cosmopolitismo psicologico.”(Prefácio VI).

O *Grande dicionário* de Domingos de Azevedo, assinala juntamente com os “dicionários do povo”, e o dicionário de inglês-português de Jacob Bensabat, a transferência para Portugal da elaboração e produção tipográfica da lexicografia bilingue.

No Brasil a distribuição do conjunto Fonseca / Roquete deve ter tido a concorrência da obra divulgada sob a autoria de João Fernandes Valdez, sobretudo depois da revisão de José Júlio Augusto Burgain, imprensa ainda em Paris, com o título *Nouveau dictionnaire français-portugais et portugais-français composé sur les meilleurs dictionnaires des deux langues augmenté de plus de*

*15,000 mots nouveaux: et comprenant la prononciation figurée, la conjugaison des verbes irréguliers, les termes de médecine, de pharmacologie, de zoologie, de botanique, de minéralogie, de commerce, les innombrables acceptions et les locutions familières et proverbiales, les noms des principales villes et tous les termes de géographie: suivi des noms propres portugais et français. // Novo dictionario portuguez-francez e francez-portuguez, seguido de um vocabulario dos nomes proprios portuguezes e francezes...* Estes dois dicionários são bem abastecidos, em três colunas, com uma nomenclatura muito abundante, próxima das 70.000 entradas e com um recorrido enquadramento textual. Tem artigos que se alargam por uma coluna ou mais, com dezenas de expressões ou sequências de uso comum.

## Dicionários complementares, parceria com a língua inglesa

28. A lexicografia luso-inglesa foi ocupada, ao longo da maior parte do século XIX pela tradição do título de António Vieira, com base na revisão de Jacinto Dias do Canto e com difusão predominante das edições portáteis. Só na segunda metade do século, surgiram duas ofertas de dicionários complementares que vieram competir com o título do transtagano, e superá-lo com uma ampla renovação de conteúdo e de qualidade: o conjunto inglês-português e português-inglês de D. José de Lacerda (1866 / 1871) e o dicionário de inglês-português de Jacob Bensabat (1880). São obras com características bem diversas, ambas com inegável mérito lexicográfico e com efectiva influência no panorama dicionarístico português, ainda que não tenham tido sequência editorial directa.

Os dicionários de José Maria Almeida e Araújo de Portugal Correia de Lacerda, (1802-1877) apareceram com um formato volumoso, pesado, (inglês-português — 1156 páginas, português-inglês — 946), de manuseio pouco cómodo e já então pouco usado, no âmbito dos dicionários bilingues. O inglês era uma língua subsidiária, com procura insuficiente, no mercado português e brasileiro, para poder justificar a recepção desse par de dicionários, que deveriam ter custos elevados, e que só podiam ser usados sobre uma estudiosa mesa de trabalho, num escritório ou numa biblioteca. Surgiriam entretanto os dicionários práticos de João Fernandes Valdez, e depois os “Dicionários do Povo” que “remediavam” com mediana eficácia quase todas as necessidades da procura.

O *Novo Dictionario Geral das linguas Ingleza e Portugueza augmentado com muitos mil vocabulos do uso commum ou litterario e especial menção dos termos de sciencias, artes, novos inventos, industria, commercio, navegação, etc.* (1866), foi modelado e provavelmente em grande parte “trasladado”, segundo observa Jacob Bensabat, a partir de um grande dicionário de inglês-francês e francês-inglês, elaborado por Charles Fleming e J. Tibbins, publicado em Paris, em 1839 (primeira parte — inglês-francês) e 1843 (segunda parte — francês-inglês), com o título: *Royal dictionary english and french and french and english =Grand dictionnaire français-anglais, anglais-français*. Este dicionário, adequado à dimensão económica, demográfica e cultural das duas línguas, foi retomado em várias edições. Lacerda pode ter utilizado o volume primeiro da 6<sup>a</sup> ed. (Paris, 1860).<sup>23</sup>

Além da nomenclatura inglesa e do propício aproveitamento da glosa francesa, traduzida e adaptada ao português, Lacerda deve ter aproveitado da mesma fonte a informação ortoépica, adaptando à ortografia portuguesa, a representação fonográfica feita para o francês. Não deixa, em todo o caso de relembrar o seu “empenho”, nesse empreendimento “árduo de

<sup>23</sup> Transcreve-se o testemunho de Jacob Bensabat: “Se com o espirito despreoccupado, e á luz de uma critica sã e imparcial, confrontarmos o dictionario inglez-francez de Flemings e Tibbins publicado em França em 1843, com o que n'este momento submettemos a um leve exame, veremos sem receio de errar, que um, em rigor, pouco mais é que o extracto bem ou mal elaborado do outro...” (1880, “Prólogo” p. VI.)

satisfazer”: “ Tomei o empenho de figurar a pronuncia para auxiliar os principiantes” (1866, “Ao leitor”). A propósito da figuração da pronúncia, acrescenta um texto introdutório, “Advertência àcerca da pronúncia” em que, de modo um tanto prolixo, procura explicar alguns aspectos da sua representação fonográfica. Salienta-se o seguinte enunciado metódico base: “A pronúncia vai pois representada quasi como se a palavra ingleza estivesse escripta em portuguez, devendo dar-se na leitura, assim ás vogaes como ás consoantes, o valor que lhes compete.” Na parte português-inglês não se oferece a transição fonográfica, sob pretexto de que tal informação podia induzir os leitores em erro:

“...it was my first intention to mark out the Portuguese pronunciation for the use of English learners, according to the system that I have adopted with the English language in the *English-Portuguese Dictionary*. But, after having consulted several distinguished professors on this subject, I resolved to lay aside this toilsome task, although considerably advanced, not on account of its excessive arduousness, but because experience has demonstrated that determination to be more frequently an occasion of mistake than improvement. “To the Reader”.

O primeiro volume (inglês-português) foi objecto de acerbas referências críticas, ainda segundo a informação que se lê em nota, no “Prologo” do *Novo Dicionario* de Bensabat:

“Num jornal inglez intitulado *The Tablet*, de 9 de outubro de 1869, deparamos com a seguinte curiosa apreciação do Dicionario inglez-portuguez de Lacerda: — Lacerda's Dictionary. — Issued from the National Press at the expense of the state; handsome in appearance, but is wretched in substance. Swarms with mistakes that disgrace almost every page. There is not a syllable to show that the author ever heard or read of the existence of such things as *photography, stereoscope, collodion, gun-coton, ghyptography, coprolite*, etc. «Dicionario do Lacerda: — Sahido da Imprensa Nacional á custa do Estado. Bonito na apparencia, mas em substancia uma miseria. Abunda em erros que deshonram quasi todas as paginas. Não ha uma só palavra que nos leve a crer que o auctor tenha jámais ouvido fallar ou tenha lido da existencia de cousas taes como: — *photographia, estereospio* (sic), *collodion, algodão explosivo, glycerina, ghyptographia, coprolite*, etc.» (Bensabat, Prólogo VI, nota 1)

Bensabat agrava a apreciação crítica:

“...não é para estranhar, se no livro de Lacerda deparamos não só com muita materia completamente alheia e inadequada a um dicionario de duas línguas — como succede quando o termo equivalente na lingua opposta é substituido impropriamente por urna definição ociosa — mas erros, lapsos, omissões, e mesmo contrasensos e barbarismos em variedade infinita, que demonstram evidentemente que foram tidos em pouca conta o tempo e a attenção necessária para redigir e coordenar com precisão um trabalho, que sobre ser improbo e fastidioso, tinha contra si a condição essencial de abraçar todos os conhecimentos humanos.” (Prologo VI)

Em todo o caso, a boa elaboração da obra que lhe serviu de modelo, conferiu-lhe, não obstante as inevitáveis insuficiências em obra desta natureza, alguma qualidade e fez dele um dicionário com bastante informação, que poderá ainda hoje ser consultado com proveito. Os dicionários de inglês-português que vieram depois, todos o utilizaram oportunamente como fonte.

Oferece, além disso, um “corpus” português muito copioso em que particularmente avulta um abundantíssimo vocabulário aportuguesado, transferido do inglês e do francês. É um bom testemunho diacrónico e uma fonte de indicadores do relacionamento interlinguístico e intercultural com a Europa.

A segunda parte da obra de D. José de Lacerda foi publicada cinco anos mais tarde, em 1871, e parece menos interessante, como testemunho linguístico e cultural. Tem um título que sumaria o conteúdo, retomando a tradição dos seus antecessores: *A new dictionary of the portuguese and english languages containing all the vocables in common use, with a selection of terms obsolescent*

*or obsolet connected with polite literature technical terms, or such as are in general use in the arts, manufactures, and sciences, in naval and military language, in law, trade, and commerce, etc., etc., etc.*

Trata-se de um dicionário muito opulento. Declara o autor, no breve texto introdutório, “To the Reader” que: “the vocabulary of the Portuguese language, which served as a basis to this Dictionary, is doubtless more extensive than any one of the Portuguese Dictionaries hitherto published.” Efectivamente, a nomenclatura portuguesa ultrapassa as 70.000 entradas, mas parece corresponder a uma selecção pouco criteriosa, com aceitação de formas abstrusas, e a sobrecarga de derivações insólitas como: “Adolescentula”, “adulterioso”, “afadigosissimo”, “affluentissimamente”. A informação metalexigráfica e gramatical e a revisão tipográfica parecem igualmente pouco cuidadas.

Os dicionários para o inglês de D. José de Lacerda devem ter tido um escasso acolhimento comercial. Em todo o caso, subsistem e destacam-se, pela sua dimensão, na galeria da produção dicionarística portuguesa, e justificarão sempre uma revisita, não só pela memória linguística, mas também como documento histórico, pelo tempo e pelo mundo que repercutem e que abundantemente nomeiam.

29. Em 1880 surgiu o dicionário de inglês-português de Jacob Bensabat (1823-1916), obliterando, de maneira decisiva, a obra que, sob a referência autoral de António Vieira se tinha arrastado ao longo de grande parte do século XIX.

A página de rosto integrava-se também na tradição antiga das portadas de livros muito textualizadas com o sumário do conteúdo e dos atributos que inculcam a sua utilização. Para além do título e das fontes de referência, acrescentava uma pormenorizada notícia sobre a componente metalexigráfica; a informação gramatical; os critérios de selecção da nomenclatura e o seu universo de referência; e concluía com uma breve notícia curricular que qualificava e recomendava o autor. Era uma apresentação bibliográfica e sobretudo publicitária:

Novo diccionario inglez-portuguez. Composto sobre os dictionarios de Johnson, Webster, Grant, Richardson, etc. e as obras especiaes de uma e outra lingua. Enriquecido de um grande numero de termos que não se acham nos outros dictionarios, comprehendendo as palavras de Shakspeare e as de uso geral e litterario até aos nossos dias.

E contendo: 1º A pronunciação figurada de todas as palavras inglezas simples e compostas com o accento tónico, e com o accento primario e secundario nos polysyllabos; 2º O genero e o numero dos substantivos portuguezes que representam a accepção das palavras inglezas; 3º Os principaes termos das sciencias, das artes, da industria, da marinha e do commercio; 4º As diversas accepções das palavras classificadas pela sua ordem genealogica; 5º Numerosos exemplos corroborando e esclarecendo as accepções mais importantes e difficeis; 6º As fórmãs do preterito e participio dos verbos irregulares, e as modificações d'essas formas nos verbos regulares; 7º As preposições que regem os verbos e outras partes do discurso; 8º As diversas modificações de que são susceptiveis algumas palavras, quando se lhes ajuntam preposições, adjectivos, adverbios, etc.; 9º As palavras compostas do uso mais geral que não se traduzem litteralmente; 10º Muitos idiotismos e locuções familiares que differem nas duas linguas, etc., etc. Seguido de um vocabulario geographico e outro de nomes de pessoas que se escrevem differentemente nas duas linguas.

Por Jacob Bensabat, auctor de duas grammaticas inglezas theoricas e praticas, de um curso completo de exercicios sobre a etymologia e a syntaxe da mesma lingua, de um novo methodo pratico para aprender a ler, escrever e fallar a dita lingua, de um novo methodo de leitura e traducção ingleza, etc., etc.

No “Prologo” o autor reivindicava a originalidade do seu trabalho: “O diccionario que hoje offerecemos á apreciação do publico foi, como o attesta o proprio livro, confeccionado sob um plano muito diferente do que presidio aos que até hoje teem sido publicados n'esta especialidade em Portugal” (“Prologo” V). Ainda no “Prologo”, que se estende por nove páginas espessas, o dicionarista esclarece os objectivos da sua realização. Propunha um dicionário comedido no preço e no manuseio (“sem avolumar inutilmente o livro e tornal-o

dispendioso” — chegou, apesar de tudo, às 1596 páginas), procurando ser útil para os que frequentavam “as escolas publicas e particulares” e para os “mais proficientes na lingua, e dados a estudos sérios em qualquer ramo de sciencia”. Salientava a necessidade de expurgar da tradição dicionarística tudo quanto fosse alheio às necessidades de intercompreensão, no acesso às duas línguas, valorizando naturalmente a informação propriamente linguística, sem deixar de anotar o renovado e abundante vocabulário correspondente ao “estado actual do aperfeiçoamento das artes e das sciencias”.

O dicionário de Bensabat contou com o de Lacerda e acompanhou-o em permanente colação. Modificou, com poucas vantagens, a codificação fonográfica utilizada na transcrição fonética das entradas de inglês. Todavia, na redacção dos artigos, deixou bem evidente a preocupação de variar e melhorar as equivalências do português. O contributo mais interessante, para a tradição lexicográfica anglo-lusa, foi o esforço de síntese e uma exigente e sistemática simplificação das glosas, tornando o dicionário mais leve e mais legível e simultaneamente capaz de corresponder a uma procura de “banda larga”. Em todo o caso, a extensão da nomenclatura, mais de 70.000 entradas, ficou ainda excessivamente pesada e demasiado parasitada por terminologias muito especializadas e de procura improvável, num dicionário de uso geral.

O *Novo dicionario* de Jacob Bensabat não teve iteração editorial, mas foi efectivamente retomado, ao longo do século XX, em toda a dicionarização subsequente do inglês-português. Os dicionários que se lhe seguiram continuariam o esforço de selecção, depuração e actualização da nomenclatura, estabelecendo um limite médio de 50.000 entradas para os dicionários gerais.

No final do século surgiu ainda um interessante dicionário de português-inglês e inglês-português, sob a autoria de Henriette Michaëlis (1849-?)<sup>24</sup>, que viria a ocupar, com sucesso, um lugar permanente na dicionarística portuguesa até hoje, particularmente no mercado brasileiro. Impresso no estrangeiro e elaborado excepcionalmente por uma falante de fora do espaço da língua portuguesa, assinala, com boa nota o percurso da internacionalização moderna do estudo do português. O título alargado dá notícia da sua génese e do seu âmbito complementar abrangendo o vocabulário de domínios especializados:

A New Dictionary of the Portuguese and English Languages enriched by a great number of technical terms used in commerce and industry, in the arts and sciences, and including a great variety of expressions from the language of daily life. Based on a manuscript of Julius Cornet. In two parts. First part: Portuguese-English. Leipzig, F. A. Brockhaus, 1893. Second part: English-Portuguese. Parte segunda: Inglez-portuguez. Leipzig, F. A. Brockhaus, 1893. VIII, 730, 744 S. 8.

Interessa-nos preferencialmente a primeira parte (português-inglês). Além da sua originalidade e da recorrida informação lexicográfica, semântica e gramatical, incluindo o registo de frases e coocorrências fixas (“Dediquei especial atenção á parte phraseologica recolhendo o maior numero possivel de locuções familiares e profissionaes relativas ao commercio e á industria”), este dicionário ressent-se da autoria de um não nativo da língua, tem muitas imprecisões na fixação da nomenclatura, e valoriza, com algum excesso, a estrutura morfológica do português. Destaca os radicais na primeira entrada da ordem alfabética e ordena ao longo do artigo todas as formas com o mesmo radical, propondo um modelo lexicográfico bastante diferente dos dicionários anteriores.

---

<sup>24</sup> Irmã senior da preclaríssima filóloga Carolina Michaëlis de Vasconcelos, a quem agradece, no texto prefacial, os “valiosos subsidios com que enriqueceu esta obra, e pelo cuidado que applicou em corrigir muitos defeitos que tinha encontrado repetidos em quasi todos os dictionarios anteriores.”

# NOVO DICIONARIO INGLEZ-PORTUGUEZ

Compilado sobre os dicionarios de Johnson, Webster,  
Grant, Richardson, etc.

E AS OBRAS ESPECIAES DE UMA E OUTRA LINGUA

ENRIQUECIDO

DE UM GRANDE NUMERO DE TERMOS QUE NÃO SE ACHAM  
NOS OUTROS DICIONARIOS, COMPREHENDENDO AS PALAVRAS DE SHAKESPEARE E AS DE USO  
GERAL E LITTERARIO ATÉ AOS NOSSOS DIAS

CONTENDO

- 1.º A pronunçiação figurada de todas as palavras inglezas simples e compostas com o accento tónico,
- e com o accento primario e secundario nos polysyllabos;
- 2.º O genero e o numero dos substantivos portuguezes que representam a accepção das palavras inglezas;
- 3.º Os principaes termos das sciencias, das artes, da industria, da marinha e do commercio;
- 4.º As diversas accepções das palavras classificadas pela sua ordem genealogica;
- 5.º Numerosos exemplos corroborando e esclarecendo as accepções mais importantes e difficeis;
- 6.º As formas do presente e participio dos verbos irregulares, e as modificações d'essas formas nos verbos regulares;
- 7.º As proposições que regem os verbos e outras partes do discurso;
- 8.º As diversas modificações de que são susceptiveis algumas palavras, quando se lhes ajuntam preposições, adjectivos, adverbios, etc.;
- 9.º As palavras compostas do uso mais geral que não se traduzem litteralmente;
- 10.º Muitos idiosmosos e locuções familiares que differem nas duas linguas, etc., etc.

SEGUIDO DE UM VOCABULARIO GEOGRAPHICO

E OUTRO DE NOMES DE PESSOAS QUE SE ESCRIVEM DIFFERENTEMENTE NAS DUAS LINGUAS

FOR

**JACOB BENSABAT.**

ACTOR DE DUAS GRAMATICAS INGLEZAS THEORICAS E PRATICAS, DE UM CURSO COMPLETO DE EXERCICIOS SOBRE A ETIMOLOGIA E A SYNTAX DA MESMA LINGUA, DE UM NOVO METODO PRATICO PARA APRENDER A LER, ESCRIVER E FALAR A DITA LINGUA, A LER, ESCRIVER E FALAR A DITA LINGUA, DE UM NOVO METODO DE LITTERA E TRADUÇÃO INGLEZA, ETC., ETC.

LISBOA

LIVRARIA E TYPOGRAPHIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.ª  
67, Praça de D. Pedro, 67  
1880

GUIDES POLYGLOTTES

MANUEL

DE LA

## CONVERSATION

ET DU STYLE ÉPISTOLAIRE

A L'USAGE DES VOYAGEURS ET DE LA JEUNESSE DES ÉCOLES

EN SIX LANGUES

FRANÇAIS-ANGLAIS-ALLEMAND-ITALIEN-ESPAGNOL-PORTUGAIS

PAR

MM CLIFTON, G. VITALI, EBELING, BUSTAMANTE ET DUARTE

PARIS

GARNIER FRÈRES, LIBRAIRES-ÉDITEURS  
6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6.

1869?

**GUIDE**

TO

# ENGLISH-PORTUGUESE

CONVERSATION

FOR THE USE OF

**Travellers and Students;**

BY

SMITH AND ROQUETE.

CONTAINING

a vocabulary of all words in ordinary use, the conjugations illustrated by examples, familiar and elementary phrases, dialogues, idioms, proverbs, models of letters and bills, and comparative tables of the coins, weights and measures of Portugal.

PARIS,

CHARLES HINGRAY, ÉDITEUR,  
42, RUE DE SEINE.

LONDON

ROUTLEDGE ET C<sup>o</sup>, 2, Farringdon street.

1853.

BAUDRY, LIBRAIRIE EUROPÉENNE.

3, Quai Malaquais, près le Pont des Arts, à Paris.

NOUVEAUX GUIDES

DE

## CONVERSATIONS MODERNES

FRANÇAISES, ANGLAISES, ALLEMANDES, ITALIENNES,  
ESPAGNOLES ET PORTUGAISES,

OU

DIALOGUES USUELS ET FAMILIERS

CONTENANT EN OUTRE

DE NOUVELLES CONVERSATIONS

sur les Voyages, les Chemins de fer, les Bateaux à vapeur, etc.,

Deux langues réunies en face l'une  
de l'autre,

En un joli vol. in-24, cartonné.

Prix : 1 fr. 50 c. SAVOIR :

FRANÇAIS ET ANGLAIS, | FRANÇAIS ET ALLEMAND,  
FRANÇAIS ET ITALIEN, | FRANÇAIS ET ESPAGNOL,  
FRANÇAIS ET PORTUGAIS.

Quatre langues réunies, savoir :

FRANÇAIS, ANGLAIS, ALLEMAND et ITALIEN, en 1 vol.  
in-24, cartonné, 2 fr. 25 c.  
FRANÇAIS, ITALIEN, ESPAGNOL et PORTUGAIS, 1 vol.  
in 24, cartonné, 2 fr. 25 c.

Ou six langues réunies, savoir :

FRANÇAIS, ANGLAIS, ALLEMAND, ITALIEN, ESPAGNOL  
et PORTUGAIS, par MM. Bellenger, Witcomb, Steuer, Zi-  
rardini, Pardal et Moura, 1 vol. format carré, 3 fr.

Na entrada “Faz | edóiro - edouiro, *adj. (ant.)*” dá-se início a um artigo em que se encontram integradas as formas: “[faz] -edór”; “-edura”; “-enda” (esta seguida de vinte e quatro palavras equivalentes no inglês, e de nove sequências idiomáticas tais como: “fazenda real”; “conselho da fazenda”; “ministro da fazenda”...); “-endeiro”; “-endinha”. Esta solução reduz consideravelmente o número de entradas, que não ultrapassará as 40.000, oferecendo, em todo o caso, uma nomenclatura muito mais quantiosa.

A autora, declarou ter consultado com escrupuloso cuidado “um sem numero de obras especiaes, tratados, manuaes, guias de conversação, glossarios commerciaes, industriaes e tecnologicos, catalogos, revistas e jornaes”, e teve certamente bom fundamento para a afirmação enunciada no texto introdutório “Ao Leitor”:

“Seja-me permitido esperar que o leitor inglez, portuguez e brasileiro receberão esta tentativa benevolmente, tendo em conta ser este trabalho muito mais completo e rico em termos e locuções que as poucas tentativas anteriores das quaes me aproveitei. Convido o leitor a fazer a confrontação da minha obra com a dos meus predecessores (Valdez, Vieyra, Lacerda etc.), nenhum dos quaes pôde utilizar os recursos que tive á minha disposição durante longos annos, entre os quaes relevo principalmente um manuscrito cuidadosamente elaborado de J. Cornet, o *Diccionario Contemporaneo da Língua Portuguesa de Caldas Aulete* (Lisboa 1881), a ultima edição do *Diccionario da Língua Portuguesa de A. de Moraes*, revista por F. A. Coelho (Lisboa 1878), e enfim o *grande Diccionario de Domingos Vieira* (em 6 volumes, Porto 1871-74).

Henriette Michaëlis foi uma lexicógrafa operosa, autora de vários dicionários bilingues, com parcerias do Alemão-italiano, alemão-português, português-inglês. A obra que sob o seu nome foi divulgada no espaço da língua portuguesa, incluindo um dicionário monolíngue do português, difundiu-se sobretudo no Brasil. Em Portugal teve escasso acolhimento, com excepção do *Novo dicionário da lingua portuguesa e alemã* que foi regularmente distribuído no mercado livreiro europeu, desde a sua primeira edição em 1887.

### **Dicionários bilingues parceria alemão, espanhol e italiano**

30. Ao longo do século XIX, o convívio bilingue do português, além das línguas francesa e inglesa, abrangeu também, entre as línguas europeias, o alemão, o espanhol e o italiano. Guarda-se da parceria com essas línguas um património lexicográfico de proporções relativamente modestas e um tanto descontínuo (cerca de duas dezenas e meia de títulos, com algumas reedições), mas com manifesto interesse linguístico e com valor testemunhal no que respeita ao espaço de relação intercultural, comercial e político do português na Europa.

O espanhol e, em menor grau, também o italiano, línguas românicas, próximas do português, tinham acesso fácil à intercompreensão, com menor dependência do dicionário, bem diferentemente do alemão que era sentido como língua muito distanciada no dispositivo morfológico e na configuração lexical. Em relação ao espanhol, a proximidade tornava quase não necessário o seu estudo e a intercomuniuação fácil pode ter sido um pressuposto desmotivador para os editores de dicionários, sobretudo ao longo da primeira metade do século XIX. Os primeiros dicionários modernos — Manuel C. C. Mascarenhas Valdez 1864; Carlos Barroso e Macedo 1869/70; Jorge César de Figaniere 79/80; Pedro Afonso de Figueiredo Visconde de Wildik 1897-99; Henrique Marques 1897; Isidro Monsó 1900 — surgiram tarde e um tanto descentrados do fluxo do mercado. O dicionário de Valdez, por exemplo, influenciado provavelmente pela tradição espanhola, e distante da procura portuguesa, recolheu uma nomenclatura tão opulenta como prolixa, entumescida de palavras inúteis (tecnoclectos e terminologias esotéricas) que traduziu por palavras equivalentes aportuguesadas

quase com a mesma forma — verdadeiros “hápax” — que nunca terão tido acolhimento até hoje, nem fizeram falta, nos dicionários monolíngues<sup>25</sup>.

Não obstante a escassa serventia no que respeita à funcionalidade estritamente lexicográfica, os dicionários de espanhol-português e português-espanhol do século XIX são, em todo o caso, um repositório de palavras eloquentes e eruditas disponíveis para uma leitura mais alargada, que possa abranger a dimensão histórica, que observe os contrastes linguísticos, as vivências literárias, e de um modo geral as interações culturais luso-espanholas.<sup>26</sup>

O italiano teve, no século XIX, uma parceria interlexicográfica com o português menos “faustosa” do que o espanhol, mas mais prática e provavelmente mais útil e mais percorrida, particularmente no Brasil, onde a procura parece ter sido bastante significativa, sobretudo a partir dos meados do século. Em Portugal dá-se continuidade à tradição do século XVIII. António Prefumo (†1857) retoma o dicionário de Costa e Sá, com o seu *Diccionario italiano e portuguez, extrahido dos melhores lexicographos antigos e modernos: contendo as phrases italianas mais escolhidas, e particularmente as que dão a conhecer a regencia dos verbos, com a respectiva traducção portugueza adequada* (Lisboa, Tip. de Antonio José da Rocha, 1853). Observa Inocêncio Silva (t.I p 233) que se trata do “mesmo *Diccionario Italiano-portuguez* de Joaquim José da Costa e Sá, com poucas alterações”.

Não temos conhecimento de nenhum outro dicionário de italiano que tenha sido impresso em Portugal, ao longo do século XIX, mas no Rio de Janeiro e em Paris, foram ainda publicados três dicionários:

— António Bordo (†1865) *Diccionario italiano-portuguez e portuguez-italiano/ Dizionario portoghese-italiano e italiano-portoghese*, Rio de Janeiro, Typ. Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1853-1854; reed. em 1864 e de novo reimpresso, no Rio de Janeiro, pelo editor A. A. Cruz Coutinho, em 1880, com “una rivista attentissima di tutta l'opera” por Pietro Enrico Francesco Burgoin d'Orli. Na parte portuguesa acompanha fielmente, apenas com supressão de algumas entradas, a nomenclatura do *Novo Dicionário crítico e etymologico da lingua portugueza* de Francisco Solano Constâncio.<sup>27</sup>

— Raqueni, Raffaele Enrico [de Florença, professor de lingua e litteratura italiana]; La Fayette, Levindo Castro de [professor do Instituto Mineiro], *Novo Dicionario italiano-portuguez contendo todos os vocabulos da lingua úsual, com a pronuncia figurada, e os nomes proprios geralmente usados / Nuovo Dizionario portoghese-italiano contenente tutti i vocaboli della lingua pratica colla pronuncia figurata delle parole portoghesi*. Paris-Lisboa, Guillard, Aillaud, [1889?]<sup>28</sup>.

— Arturo de Rozzol, *Novo Dicionario Portuguez-Italiano e Italiano-Portuguez, com a pronuncia figurada em ambas as linguas, composto segundo os melhores dictionarios. / Nuovo Dizionario Italiano-Portoghese e Portoghese-Italiano, composto sul vocabolario degli accademici della Crusca e su' migliori dizionari*

<sup>25</sup> A série de lemas começados pela sequência CIC— alonga-se por 154 entradas, e ainda não regista ciclismo nem ciclista (na nomenclatura de Figanieri encontram-se, na mesma janela alfabética, 46 entradas e na de Wildik 18, mas este é um dicionário portátil). Fazendo a colação com a sétima edição do dicionário de Morais Silva (1877, o mais estimado dicionário desse tempo), encontramos apenas 23 lemas, e ainda acrescenta três formas exclusivas do português (ciciar, cicío, cicioso).

<sup>26</sup> Ver infra, os trabalhos de Ignacio Vázquez, Amparo Ricos Vidal e Pilar Salas Quesada.

<sup>27</sup> Na Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil, lê-se a seguinte nota bibliográfica: “Antonio Bordo fez presente ao Instituto de um exemplar do seu dictionario portuguez-italiano, e italiano-portuguez: obra em dois volumes e impressa no Rio de Janeiro: o sr. Antonio Bordo não tem a pretensão de haver levado ao cabo um trabalho perfeito e limpo de faltas; mas por certo que póde desvanecer-se de ter prestado um verdadeiro serviço as letras: e com quanto tenha sido o auctor precedido de uma obra do mesmo genero por Jozé Maria da Costa e Sá, não é menos verdade que elle vem contribuir muito para vulgarisar a litteratura italiana, e tornar ainda mais facil no Brazil o cultivo da lingua maviosa do Dante, do Tasso e de Ariosto.” 1854, tomo 17, p. 662.

<sup>28</sup> Uma reed. do princípio do séc. XX, tem como editores associados: Aillaud / Francisco Alves.

*portoghese colla pronunzia figurata di tutte le parole d'ambe le lingue*. Garnier, Rio de Janeiro-Paris, 1897.

Os dois últimos são pequenos dicionários que dão testemunho da competição entre as duas parcerias de editores: Aillaud / Francisco Alves; vs. H.[ypolite] Garnier / Garnier Frères. De qualquer modo, estas edições corresponderam certamente a uma acrescida procura, sobretudo no mercado brasileiro.

O convívio do português com o italiano foi apoiado por vários textos, sem configuração dicionarística, mas com informação lexicográfica sistematizada e orientada especificamente para a aprendizagem de uma das línguas: manuais de gramática, compêndios escolares e guias de conversação. Relembrem-se alguns títulos:

— Michele, Antonio, *Tesouro da lingua italiana, ou seja, metodo para aprendê-la facilmente*, Lisboa: Off. de João Rodrigues Neves, 1807.

— Prefumo, António (†1857), *Grammatica da lingua italiana para uso de portuguezes*, Lisboa, Typ. Bulhões, 1829; 2ª ed. augmentada e corrigida. Lisboa, Tip. de António José da Rocha, 1840; 3ª ed. corrigida e muito augmentada pelo mesmo author, Lisboa, Tip. de Maria da Madre de Deus; 4ª ed. Lisboa, Tip. de Maria da Madre de Deus, 1867.

— Hamonière G., *Nova guia da conversação em italiano e portuguez*. Lisboa, Typ. Rollandiana, 1840.

— Lopes, Antonio Vieira, *Guia da conversação portugueza e italiana para uso dos viajantes e estudantes*. Porto, F. Gomes da Fonseca, 1864.<sup>29</sup>

— Nabantino, Michele e Monteiro, A., *Guida di conversazione in Italiano e in Portoghese contenente tutti i vocaboli della lingua pratica colla pronunzia figurata delle parole portoghese*. Paris / Lisboa, Guillard, Aillaud, 1889.

— Angeli, Arturo, *Manual da conversação e do estylo epistolar...portuguez-italiano*, Paris, Garnier Frères, 1899?.

— Pereira, Joaquim Gonçalves, *O mestre popular ou o italiano sem mestre ao alcance de todas as intelligencias e de todas as fortunas, adequado ao uso dos portuguezes e dos brazileiros*, Lisboa, Joaquim Gonçalves Pereira, [1900?].

A lexicografia que confronta as línguas portuguesa e italiana, ao longo do século XIX, foi produzida por falantes nativos italianos imigrados, e destinada sobretudo aos falantes da língua portuguesa, especialmente no Brasil.<sup>30</sup>

A lexicografia bilingue luso germânica encontra-se já roteirada por Stefan Ettinger e Sebastião Iken. Tal como para o italiano, os autores dos dicionários foram, na sua maior parte, falantes nativos do alemão e, além disso, quatro, dos cinco títulos conhecidos, foram editados na Alemanha, onde terão tido também uma parte importante do público destinatário.

Num breve conspecto, retoma-se o elenco desse conjunto de dicionários que tiveram curso em Portugal, mas mais anida no Brasil e na Europa germanófona.

João Daniel Wagener (“de nação alemão”, segundo o testemunho de Inocêncio t.III, p.361) publicou em Leipzig, em 1811, o primeiro *Novo Dicionario Portuguez-Alemão e alemão-portuguez* (entenda-se “novo” no sentido de ‘novidade’ e não de ‘renovação / repetição’); ocupa a primeira parte o *Diccionario portuguez-alemão que contem muitas voces importantissimas, que não se*

<sup>29</sup> Numa brevíssima nota sobre o ensino do italiano em Portugal, refere a importância do casamento de Dona Maria Pia de Saboia com o rei D. Luís (1862) e acrescenta: Pareceu-me pois que generalizando-se mais entre nós este idioma, e havendo quem o desejasse aprender, seria conveniente coordenar em um pequeno livro portatil as principais regras de grammatica, conjunctamente uma especie de dictionario abreviado e de prompta consulta...” (p. IV).

<sup>30</sup> V. infra texto de M. Lupetti.

*achão nos dicionários até agora publicados.* É um volume bem lastrado com 1096 páginas (960 mais 136 de aditamento “Nachtrag”). A nomenclatura portuguesa, excepcionalmente copiosa para aquele tempo (próxima das 50.000 entradas), constitui um surpreendente testemunho para o reconhecimento da diacronia lexical.

Em 1812 publicou-se a segunda parte alemão-português: *Neues Portugiesisch-Deutsches und Deutsch-Portugiesisches Lexicon* von Johann Daniel Wagener, Doctor und Lehrer der portugiesischen und spanischen Sprache. Foi distribuída em dois volumes de 783 mais 704 ps., (este último inclui um aditamento a partir da p. 613). O vocabulário abundante das glosas, com muita sinonímia e com definições textualizadas em português, oferece também informação muito auferível para a história da língua. Para além de uma certa originalidade ortográfica, os dicionários de Wagener têm frequentes lapsos de escrita, certamente devidos ao desconhecimento da língua portuguesa pelos tipógrafos de Leipzig.

Em Leipzig ainda, em 1844 foi publicado o *Dicionário portátil das línguas portuguesa e alemã*, (reeds: c. 1850, 1856, c. 1860, 1870, 1877?, 1883, 1893), por António Edmundo Wollheim da Fonseca (1811-1884; tradutor de *Os Lusíadas* e erudito poliglota, “Doutor em Phil., Lente Emer. na Universidade Regia de Berlin, membro da Soc. Asiat. de Paris, do Instituto Afr., da Soc. Orient. Allem, Comm, Cav., etc.”).

Em Hamburgo, Eduard Theodor Bosche (fez estadia no Brasil entre 1825 e 1834), publicou o *Novo dicionário portátil das línguas portuguesa e alemã*, 1858, 1868, 1876, 1884, 1888, 1894, 1897. Em algumas tiragens, sem data, saiu com o título: *Novo dictionario geral das línguas portugueza e allemã: com particular menção dos termos de sciencias, artes, industria, commercio, navegação, etc.*

Henriette Michaelis, em Leipzig, publicou o *Novo dicionário da língua portugueza e allemã: enriquecido com os termos technicos do commercio e da industria, das sciencias e das artes e da linguagem familiar*, Leipzig: F. A. Brockhaus, 1887-1896.

O uso dos caracteres góticos, pouco disponíveis na tipografia francesa, e ainda menos nos impressores portugueses, deve ter motivado a edição no espaço germânico. Entretanto, no final do século (1895?), a casa Garnier começou a imprimir em Paris um “tout-petit” *Novo dicionário portuguez-alemão*, integrando o alemão na sua colecção de dicionários bilingues destinados a Portugal e sobretudo ao Brasil, assinados por dois lexicógrafos de serviço geral à editora: Arthur Enenkel e Souza Pinto “autores de varios dictionarios em duas linguas”. As duas partes eram geralmente distribuídas num só volume (16) e ofereciam uma informação lexicográfica muito esquemática, acolhendo embora uma nomenclatura bastante alargada, próxima das 40.000 entradas, na parte portuguesa.

O conjunto do património dicionarístico luso-germânico do século XIX é bem preenchido e foi objecto de um reiterado trânsito editorial, correspondendo certamente a uma procura compensadora. As duas partes do dicionário “portátil” de Vollheim da Fonseca devem ter sido geralmente distribuídas também encadernadas num só volume, diferentemente, o dicionário “geral” de Theodor Bosche, um pouco mais encorpado e com mais texto, optou por dois volumes, que poderiam ser impressos em anos diferentes e distribuídos de modo a responder especificamente ao público lusófono ou germanófono. No que respeita ao português, ambos adoptaram, com mais ou menos reduções, a nomenclatura do *Novo Dictionario* de Solano Constâncio.

O *Novo Dictionario* de Henriette Michaëlis era bastante mais original. A nomenclatura portuguesa foi objecto de uma exaustiva recomposição morfológica. Na entrada *Clar/ /ão*, por exemplo, encontram-se registados e traduzidos os seguintes itens e subentradas: *Clar/ /ões*, *Clar/ /ea*, *Clar/ /eár*, *Clar/ /eiár*, *Clar/ /éira*, *Clar/ /éiro*, *Clar/ /ete*, *Clar/ /eça*, *Clar/ /eça/s*, *Clar/ /idade*, *Clar/ /ificação*, *Clar/ /ifcaç/ões*, *Clar/ /ificár*, *Clar/ /ificar/ -se*, *Clar/ /ificativo*, *Clar/ /ífico*.

No texto introdutório, “Ao Leitor”, a autora esclarece que dedicara ao dicionário “bons dez annos de estudo assiduo” e, além das informações sobre as fontes utilizadas, sobre as

dificuldades da representação fonética do português, entre outras, acrescentava um agradecimento pela colaboração da irmã Carolina Michaëlis de Vasconcelas e, finalmente deixava uma alusão ao espaço de mercado e de recepção: o dicionário dirigia-se a alemães e portugueses, beneficiava ambas as literaturas e, além disso, servia aos agentes do comércio com o Brasil e com Portugal, sem esquecer as suas “importantíssimas colônias” e deveria ainda ser muito útil, aos “membros das florescentíssimas colônias alemãs no Brasil”

O dicionário Michaëlis teve um afortunado trânsito editorial ao longo do século XX, no espaço lusófono.<sup>31</sup>

## Dicionários políglotas e paralexigrafia bilingue

31. Uma parte significativa da produção referente ao convívio interlinguístico do português encontra-se, como já notámos acima (“pré-dicionarística bilingue”), nos apêndices ou anexos glossarísticos dos manuais de gramática; nos guias ou manuais de conversação; nas colecções de palavras, frases e diálogos que ofereciam acesso fácil para a intercompreensão de outras línguas. Estes textos destinados a viajantes, a agentes comerciais ou mesmo ao uso escolar, tinham características paradicionarísticas, alargavam-se frequentemente ao confronto plurilingue e continham uma informação lexicográfica próxima dos “dicionários básicos” ou “vocabulários fundamentais” das línguas modernas. Eram publicados geralmente em formatos portáteis, de pequena dimensão, de fácil manuseio e preço atractivo. Tiveram um incremento de produção a partir do século XIX, todavia, a produção com a parceria da língua portuguesa, de que temos conhecimento, é modesta e parece ter tido uma escassa participação de autores portugueses.

Além dessa produção para-dicionarística, mais ou menos heterogénea, o confronto interlinguístico do português encontra-se também em alguns dicionários políglotas gerais e de domínios de especialidade. O convívio multilateral entre os idiomas europeus suscitou mesmo uma produção importante caracterizadamente dicionarística, mas o contributo dos autores portugueses, neste campo da lexicografia políglota, foi também bastante diminuto, e o lugar da língua portuguesa, garantido por lexicógrafos estrangeiros, foi igualmente reduzido, sobretudo se o compararmos com o espaço de outras línguas europeias. Em todo o caso, estes dicionários, de grande abrangência interlinguística, oferecem uma documentação lexicográfica procurada em fontes geralmente negligenciadas e, em relação à nomenclatura recolhida, dão testemunho de uma certa originalidade, ainda no respeitante à língua portuguesa.

Considerando de modo alargado, o convívio plurilingue, incluindo os dicionários e os textos paralexigráficos, temos notícia de uma produção que, com parcimónia relativa, como já notámos, acolheu, apesar de tudo o português em várias parcerias interlinguísticas, sobretudo a partir do final do século XVIII. Percorrendo tão diversificada bibliografia (dicionários políglotas, dicionários de especialidade, textos gramaticais, glossários e guias de conversação), encontra-se a língua portuguesa referenciada em títulos compostos (plurilingues) que reúnem frequentemente a participação de grupos de colaboradores. Entre os nomes de autores, sem presunção de exaustividade, podem lembrar-se os seguintes: Johann Hinrich Roding (1763-1815), 1793-98; Philipp Andreas Nemnich (1764-1822), 1797, 1799, 1803, 1817; Henry Neuman, 1799; Antoine Marie Henri Boulard, 1802; Charles Chrétien de La Jonchère, 1805, 1807; Genlis, 1810; Alexandre de Théis (1765-1842), 1810; Jean-Noël Blondin (1753-1832), 1811; G. Hamonière, 1817, 1825, 1829; O'Hier de Grandpré, 1829; Emílio Aquiles Monteverde (1803-1881) 1829; L. Smith, 1843; Caetano Lopes de Moura

---

<sup>31</sup> V. infra, Hoepner.

(1780-1860) 1846; Augustin Jal (1795-1873), 1848; Karel Pieter Reehorst, 1850; Eduard Bobrik, 1850; anónimo (Dicionário marítimo) 1851; Pedro Carolino Duarte, 1855 e 1859<sup>32</sup>; Engelmann 1861; Adolfo Tiberghien, 1869; Charles John Sellers, 1880; João Felix Pereira (1822-1891) 1880; Pedro Macedo de Aguiar, 1888; Tomás Lino de Assunção 1897.

Alguns destes autores de dicionários e de manuais paralexigráficos assinaram mais do que um título com a parceria do português. Lembramos por exemplo G. Hamonière (1789-?) que publicou gramáticas e guias de conversação de português-francês, de inglês-português e de italiano-português e, além disso, ensaiou a singularidade de registar a designação de “língua brasileira” para nomear o português, na obra: *Le guide de la conversation brésilienne et française* (1825). No breve texto introdutório (Advertencia/ Avertissement) deste manual, também publicado com o título *O novo guia da conversação, em Portuguez e Francez* (1817), corroborando o interesse da informação lexicográfica destas obras, informa-se que a primeira parte “para facilitar o seu uso”, “contêm hum Vocabulario assaz extenso dos nomes mais usuaes”, acrescentando ainda que o utilizador poderia servir-se dele “como de hum dictionario”.

A lexicografia poliglota parece ter tido mais procura quando serviu para roteirar alguns domínios de especialidade, tais como os dicionários de Nemnich e de Roding, citados entre as fontes de José Inácio Roquete.

Entre a bibliografia paralexigráfica, de âmbito plurilingue publicada em Portugal, além do breve vocabulário coligido por Bartolomeu Álvares da Silva (1764), acima referido, merece lembrança a *Collecção de phrases e dialogos familiares uteis aos Portuguezes, Francezes e Inglezes ou Exercicios para Conversação Portugueza, Franceza e Ingleza*, várias vezes reeditada, a partir de 1829, por Aquiles Monteverde, (autor do *Manual enciclopédico* — o mais importante “Vade-mecum” escolar do século XIX). O autor declara, num texto preliminar, que retomou uma fonte estrangeira, uma “obra intitulada: *Recueil de Phrases utiles aux étrangers ou guide de la conversation Anglaise*, que se publicou em Inglaterra em Francez e Inglez.” Às frases e diálogos franceses e ingleses, acrescentou um vocabulário português bastante abrangente, versando “huma grande variedade de assumptos para se exercitarem na conversação da Língua”. O texto, nem sempre modelo de correcção, no que respeita ao uso das línguas estrangeiras, é condicionado, em parte, pela estrutura dialógica e começa justamente com uma breve nota sobre as formas de tratamento em português: “Il y a plusieurs sortes de traitemens en Portugal qui sont fixés par la loi du 29 Janvier 1739...”. Na primeira edição tinha 139 páginas e oferecia uma informação lexical correspondente ao actual *Português fundamental* (1980). Tem algumas notas com particular interesse diacrónico. Na página 11, por exemplo, comenta a forma francesa “conducteur” que traduz por cocheiro: “(1) Não ha palavra em Portuguez que corresponda exactamente a *conducteur* na accepção em que aqui he tomada. *Conducteur* he hum homem que governa a Diligencia, ou carruagem de posta.”

No conjunto, estas publicações paralexigráficas guardam uma importante memória lexical. Deverão todavia ser lidos com precavida atenção, porque sofreram uma forte interferência das línguas coocorrentes, sobretudo das mais próximas. Os dicionários interlinguísticos, sobretudo os poliglotas foram elaborados por falantes não nativos da maior parte das línguas compulsadas e dificilmente poderiam evitar alguma contaminação entre as línguas em confronto. Os utilizadores da língua portuguesa poderão observar muitos “hapax” modelados sobretudo pelas formas próximas do castelhano ou do francês, ou provocados pela estranheza linguística dos tipógrafos.

---

<sup>32</sup> Pedro Carolino Duarte era, provavelmente de origem brasileira, e Caetano Lopes de Moura (cirurgião, tradutor e escritor) era natural da Baía.

## Conclusão

32. A elaboração lexicográfica bilingue portuguesa tem uma tradição modesta. Não é muito abundante, nem de grande qualidade, mas assegurou, desde o final do século XVIII, um convívio intenso e frutífero com as línguas francesa e inglesa, e uma intercomunicação mediana com o alemão, o italiano e o espanhol. Quase toda a elaboração autoral, sobretudo para a parceria com o francês e o inglês, foi desempenhada por nativos da língua portuguesa. No seu conjunto, não obstante as limitações do seu trabalho, formam uma preenchida galeria de benfeitores da língua e de beneméritos da cultura portuguesa.

Numa perspectiva global, com alguma distância, pode dizer-se que o período mais interessante e mais produtivo da sua história (tendo em conta o quadro linguístico e sócio-cultural de cada época) ocorreu justamente nas origens: ao longo da segunda metade do século XVIII.

O encontro com o francês e com o inglês deu lugar a obras instituidoras. A língua francesa foi privilegiada com o trabalho de vários autores e com a publicação de dicionários volumosos, e do primeiro dicionário bilingue prático e fácil de manusear, verdadeiramente moderno (Pedegache Brandão Ivo 1769).

No século XIX, foi importante, na dicionarística bilingue portuguesa, o aparecimento e a grande difusão do dicionário de bolso ou portátil e, do mesmo passo, a democratização do dicionário e a sua trivialização como manual escolar. Na história da produção e do comércio dos dicionários, o século XIX caracterizou-se pelo quase monopólio dos editores franceses e pela emergência do mercado brasileiro.

Na lexicografia bilingue, pra além do confronto e da interação semântica que se promove em todos os dicionários, acontece o encontro de dois idiomas, de dois sistemas linguísticos, por vezes próximos, mas muitas vezes descontraídos pela estrutura fonográfica e morfossintática de cada uma das línguas, e sobretudo pelo universo semântico e referencial correspondente às diversas culturas. As línguas representam o mundo e organizam a sua percepção recorrendo a mosaicos lexicográficos muito variados e, por outro lado, verbalizam o acontecimento recriando diferentes recursos de expressão. Acresce ainda a originalidade e diversidade das respectivas memórias linguísticas e literárias. Todas as línguas acumulam conotações e fabricam sequências e combinações idiomáticas que ultrapassam a segmentação e a determinação lexical. A lexicografia bilingue é o lugar de encontro e de interação desta variedade e grande criatividade das línguas.

Os dicionários bilingues confrontam e intercomunicam as diferenças e são, por isso mesmo, um agente da mudança linguística, um testemunho privilegiado do movimento transnacional das palavras e das ideias e do percurso diacrónico das línguas.

A lexicografia interlinguística assiste com particular acuidade à inovação ideológica e à transmigração das terminologias da ciência e da técnica. Promove e documenta a relação entre as línguas e as culturas, é uma importante fonte histórica, e participa do grande mistério da intercomunicação entre os humanos e entre as diferentes comunidades falantes.

## Testemunhos manuscritos da dicionarística bilingue

*João Paulo Silvestre (Universidade de Lisboa)*

A história da lexicografia portuguesa conta com inventários cada vez mais completos, no que respeita ao património bibliográfico impresso. A digitalização de espécimes e a informatização dos catálogos permitiu referenciar e alcançar títulos que não estavam noticiados, pelo que há hoje uma informação mais esclarecida sobre os autores, as edições e as relações genéticas entre dicionários até ao século XIX. Espera-se que o avanço na catalogação e descrição dos fundos de códices possa, em breve, resultar num conhecimento semelhante acerca dos dicionários manuscritos.

Para esta pesquisa, que incide sobre os manuscritos da dicionarização das línguas modernas, apenas foram considerados os catálogos de três bibliotecas, em que se reúnem os principais testemunhos para a história da edição e produção metalinguística. A Biblioteca Nacional de Lisboa, que inclui fundos de colégios da Companhia de Jesus, os manuscritos da livraria dos Teatinos e incorporações de diversos conventos; o Arquivo Nacional Torre do Tombo, que alberga a livraria da Real Mesa Censória e as cópias de livros que acompanhavam os requerimentos de licença de impressão; por fim, a Biblioteca Pública de Évora, que preserva a colecção de manuscritos reunidos por Fr. Manuel do Cenáculo e um importante núcleo de gramáticas e dicionários das línguas clássicas e modernas. Outras bibliotecas, públicas e privadas, guardam certamente mais testemunhos da lexicografia bilingue.

No fundo medieval e renascentista, pesquisado por Telmo Verdelho, o número reduzido de manuscritos identificados foi justificado com o insuficiente conhecimento do fundo documental, concluindo-se que a actividade pré-lexicográfica existiu, mas os testemunhos estão perdidos (Verdelho, 1995: 375-392). A procura das “origens” é, também no caso dos bilingues português-línguas modernas, o movimento instintivo.

Alguns indícios fidedignos foram-nos transmitidos por memórias bibliográficas. Por exemplo, na *Biblioteca* de Barbosa Machado, lê-se que Fr. Cristóvão da Conceição (†1726), professo do Convento de Cristo em Tomar, escreveu um «Vocabulario Latino, e Portuguez, onde explica os nomes da Pharmacia» (fol.), um «Vocabulario Francez, e Portuguez» (4º) e um «Vocabulario Italiano, e Francez» (4º) (Machado, 1741-1759: 4, 89-90), e que Francisco Xavier de Oliveira (1702-1783) (o Cavaleiro de Oliveira), se encontrava «presentemente» a trabalhar num «Dictionaire Portugais François & Latin» / «François, Portugais & Latin» (2 tomos, 4º) (*ibidem*: 2, 296-297). Estes textos, até hoje desaparecidos, representam trabalhos extensos que são anteriores aos primeiros dicionários de francês e italiano publicados em Portugal, já na segunda metade do século XVIII.

Da pesquisa nas bibliotecas acima referidas, realizada ao longo de 2010, conclui-se que o conjunto de manuscritos dicionarísticos catalogados e descritos não é abundante. Ainda assim,

é possível identificar vários dicionários compostos para uso pessoal e alguns projectos lexicográficos mais extensos ou complexos, destinados à publicação.

*Dicionários para uso pessoal.* Podem ser de autoria de um único compilador, ou resultar de um trabalho colectivo. Neste caso, as diversas mãos da escrita testemunham o esforço colaborativo de diferentes membros de uma comunidade religiosa, ou a geração seguinte que prossegue um trabalho lexicográfico inacabado. A nomenclatura não é extensiva e abrangente, como nos dicionários impressos, e a técnica lexicográfica é adaptada à selecção da informação mais relevante (terminologias específicas, expressões formulares da escrita ou da interacção oral). Alguns são essencialmente dicionários de dificuldades. Quando estão datados, podem informar-nos sobre que necessidades de ensino e aprendizagem da língua estrangeira não eram satisfeitas pelos dicionários ou manuais existentes à época<sup>33</sup>.

*Projectos lexicográficos.* Estes manuscritos representam dicionários inacabados, mas que foram redigidos tendo em vista a publicação. Além da preciosa informação sobre a técnica e as fontes, estes dicionários são elos perdidos na lexicografia portuguesa, na medida em que adoptam determinados modelos estrangeiros ou fontes informativas disponíveis num momento histórico preciso, e que por isso confrontam a língua portuguesa de uma forma única e irrepetível.

No âmbito deste volume, propõe-se uma breve descrição dos projectos lexicográficos, que podem esclarecer a história da dicionarística bilingue efectivamente impressa. Inclui-se também a notícia de um dicionário latim-português que, apesar de não ter informação sobre as línguas modernas, representa uma tentativa de um trabalho de erudição filológica e enciclopedismo, interrompido cerca de 1750, e que é contrastante em relação a todos os dicionários que viriam a ser publicados nas décadas seguintes, de línguas clássicas ou modernas.

Os manuscritos aqui apresentados serão uma importante fonte de informação lexicológica, mas que só pode ser aproveitada à medida que o estudo dos dicionários bilingues impressos se for desenvolvendo, com a possibilidade de aceder electronicamente ao seu corpus textual. Depois de identificados os hiatos na história dos dicionários bilingues, estes testemunhos demonstrarão o seu valor documental.

### 1. *Diccionario inglez e portuguez e Vocabulario Frances e Portugues*

Os manuscritos de um *Diccionario inglez e portuguez* (B.N.P., Ms. Caixa 10, nº 5) e de um *Vocabulario Frances e Portugues* (B.N.P., Ms. Caixa 10, nº 6) representam trabalhos incompletos de redacção de dicionários bilingues, suspensos nas primeiras letras do alfabeto.

O dicionário inglês-português é um documento de 122 fólios numerados, que compreende as letras A e B. É uma cópia com poucas correcções e uma configuração próxima de um original de imprensa. O dicionário francês-português é um documento mais fragmentado, que reúne parte das letras A, B e C. Têm o interesse de terem sido ambos redigidos a partir da tradução da mesma fonte, aproveitando as nomenclaturas inglesa e francesa do *Royal Dictionary* (1699) de Abel Boyer.

Se tivessem sido concluídos, deles resultaria a prestigiante entrada da língua portuguesa numa rede intercomunicativa de dicionários que, desde 1699, vinham aproveitando a

---

<sup>33</sup> Todos os dicionários para uso pessoal identificados na Biblioteca Nacional incidem sobre a língua francesa: *Vocabulário francês e português*, 1 vol., 4º (B.N.L., Cod. 5550); *Vocabulário francês*, 1 vol., 8º (B.N.L., Cod. 6039); *Vocabulário português-francês*, 1 vol., 4º (B.N.L., Cod. 6375).

nomenclatura e a fraseologia que Boyer estabeleceu para a comparação entre o inglês<sup>34</sup>. O *Royal Dictionary* apresenta uma técnica lexicográfica actualizada, que no confronto entre as duas línguas experimenta uma distinção sistemática e coerente de acepções e casos de homonímia, recorrendo a marcas tipográficas para assinalar as alíneas. A nomenclatura foi submetida ao escrutínio de consultores nativos que validaram também as definições e a interpretação de usos literários (Cormier, 2002).

A boa recepção do dicionário motivou a publicação de uma versão abreviada em 1700 (*The royal dictionary abridged*), com várias impressões clandestinas na Holanda e dezenas de reedições ao longo do século XVIII. Foi uma fonte relevante para lexicógrafos que compuseram dicionários monolíngues, desde John Kersey (*A new English dictionary*, 1702) a Samuel Johnson (*A Dictionary of the English Language*, 1755), ou bilingues, como Louis Chambaud (*Dictionnaire françois & anglois*, 1761) e John Garner (*Le nouveau dictionnaire universel françois-anglois et anglois-françois*, 1802).

Mas foi influente sobretudo no modo como estruturou a nomenclatura e a fraseologia das línguas de entrada, numa série de dicionários que compararam outras línguas modernas com o francês ou o inglês. Assim sucedeu para o flamengo, com Egbert Buys (*A compleat dictionary English and Dutch*, 1766) e para o italiano com o *Dizionario italiano ed inglese* (1727) de Ferdinando Altieri. Os lexicógrafos puderam inscrever a sua língua num modelo lexicográfico e de descrição lexical validado pela aceitação dos utilizadores e pela prática de métodos de aprendizagem de línguas estrangeiras, que se socorriam desses dicionários. Por exemplo, o confronto entre Boyer e o dicionário inglês-italiano de Ferdinando Altieri — professor de italiano na corte inglesa — mostra que, com poucas adaptações e adições, a informação presente nos artigos é em larga medida coincidente (cf. Cowie, 2009: I, 74):

ASUNDER, Adv. *Separément, à part. Ex.* To examine the Witnesses asunder, *Examiner les Témoins séparément.*

Put them asunder, *Mettez-les à part, ou Separez-les.*

*Ou bien encore,* To take a Thing asunder, *Defaire, demonter une chose.*

ASUNDER, adv. [apart] *separatamente, da banda.*

To put asunder, *mettere a parve o da banda.*

To take any thing asunder, *mettere una cosa in pezzi.*

To examine the witnesses asunder, *esaminare i testimoni separatamente.*

O manuscrito do dicionário inglês-português da Biblioteca Nacional é, pelo menos nesta versão, uma tradução abreviada da nomenclatura e fraseologia originais, sem que se acrescente informação nova ou reelaborada. Da tradução das glosas francesas surgem as definições portuguesas:

To ALLOW, V. A. (To give) *Donner.*

To allow a Servant twenty Pounds a Year, *Donner vingt Livres Sterlin par An à un Domestique.*

You must allow me some Time to do it, *Il faut que vous me donniez du temps pour le faire.*

= The Court has allow'd him six hundred Pounds Damage, *la Cour lui a adjugé six cents Livres Sterlins de Dommages.*

= To allow the Charges

= To allow a Privilege [...]

(*Royal Dictionary*, 1699, s.u.)

<sup>34</sup> Boyer, francês huguenote nascido por volta de 1677, refugiou-se com a família na Holanda em 1685, onde seguiu estudos em filosofia, teologia e matemática, e finalmente em Londres a partir de 1689. As obras metalinguísticas que compôs tinham em vista provar a sua competência para o lugar de professor de francês do duque de Gloucester; primeiro a gramática *The compleat french-master* (1694) e em seguida o *Royal dictionary*, que estava já em conclusão quando em 1698 a posição foi atribuída a outro professor.

No dicionário manuscrito:

TO ALLOW, V. A. / To give / Dar

To allow a servant twenty Pounds a Year, Dar vinte libras Esterlinas cada anno a hum creado.

You must allow me some time to do it, He preciso dar-me tempo p.<sup>a</sup> o fazer.

The Court has allow'd him six hundred Pounds Damage, A Corte lhe julgou Seiscentas Libras Esterlinas de perdas. (manuscrito)

O artigo de Boyer é bem mais extenso e o redactor do manuscrito apenas transcreve a parte inicial, não recuperando outras onze acepções assinaladas para “To Allow”, bem como os respectivos exemplos. Se nos artigos mais longos o manuscrito regista a informação sobre as principais acepções, parece não haver uma avaliação da pertinência da restante informação, ou um esforço de síntese.

Em contrapartida, a cópia sistemática da nomenclatura obrigou a traduções e definições incomuns na tradição dos dicionários portugueses, que não se obteriam pela tradução para inglês de uma nomenclatura portuguesa ou francesa:

ALMANACK, s. Folhinha, ou Reportorio.

ALMANDINE, s. Pedra preciosa, que he huã especie de Rubim.

ALMES, v. Alms.

ALMIGHTINESS, s. Todapoderosa.

Almightly, Adj. Todo poderoso.

ALMOND, s. Amendoa, fruto.

The Almond of the Ear, os emunctorios do miolo;

The Almonds of the Throat, as Amigdalas, ou glandulas pequenas na entrada da garganta.

Almond-tree, Amendoeira, arvore que produs amendoas.

O redactor do manuscrito traduziu a parte inglês-francês do dicionário, mas recorreu também à primeira parte, completando as definições com esclarecimentos do dicionário francês-inglês. Por exemplo, o artigo ANFRACTUOUS do manuscrito recupera expressões dos artigos ANFRACTUOUS (ing.) e ANFRACTUEUX (fr.):

ANFRACTUOUS, Adj. / a Philosophical term: That has many turning, or Ups and Downs / Termo Philosophico, significa huã couza quebrada ao redor.

ANFRACTUOUS, Adj. (a Philosophical Term: That has many Turnings, or Ups and Downs) *Anfractuons.*

ANFRACTUEUX, ou Anfracteux, se *adj.* (terme dogmatique, qui a divers détours irréguliers.) *Anfractuons.* (*Royal Dictionary*, 1699, s.u.)

A partir de to APPEND (fol. 46v.) até AS WELL AS (72r.) a redacção dos apresenta a entrada em inglês, a definição em português e a transcrição da glosa francesa de Boyer. Nestes cadernos a informação francesa está cancelada com um traço, o que sugere que os primeiros cadernos do códice sejam uma cópia de uma versão anterior. Não há indícios que esclareçam se o plano do lexicógrafo era compor à partida um dicionário trilingue, ou se este é apenas um testemunho da fase intermédia da redacção.

ASUNDER, Adv. Separadamente, Separément, à part

Ex. To Examine the witnesses asunder, examinar as testemunhas separadamente. Examiner les temoins séparément.

Put them assunder, Ponde-as de parte, ou separai humas das outras. Mettez-les à part, ou separet-les.

ou tambem: To take a thing asunder, Desfazer, ou desmanchar huma couza. Desfaire, ou Demonter une chose.

O manuscrito do dicionário francês-português tem uma indicação de data no canto superior esquerdo do primeiro fólio, com letra da mesma mão que a do texto dicionarístico. «Novb° 1772» pode ser a data de início da cópia, ou de conclusão de um conjunto de que só é possível localizar os primeiros cadernos.

A nomenclatura segue a do dicionário francês-inglês de Boyer, com necessárias modificações no texto das glosas, uma vez que a disponibilidade lexical da língua portuguesa parece não conseguir acompanhar as correspondências do original. Assim, para as palavras derivadas de “cabala”, o manuscrito regista as seguintes definições:

- Cabaler - Formar practicas, e conferencias occultas.
- Cabaleur - O que forma, ou ajunta as pessoas p essa conferencia.
- Cabaliste - O que sabe bem formar as cabalas.
- Cabalistique - Cabalístico, que pertence a cabala.

Para as mesmas entradas, Boyer apresenta as traduções inglesas “to cabal”, “a cabaler”, “a cabalist”, “cabalistic”, se bem que com o auxílio de glosas francesas que esclarecem o significado (por exemplo, “Cabaler, *Verb. Neut.* (tramer des pratiques secretes,) *to cabal.*”).

Tal como se referiu a propósito da redacção do dicionário de inglês, da repetição da nomenclatura resulta um dicionário com um elevado número de entradas e comparável a outros dicionários bilingues em uso pela Europa, mas neste caso com glosas sucintas que o aproximariam do modelo de dicionário prático e portátil de Pedegache Brandão Ivo, publicado em 1769.

- Cabaret - Lugar em que se vende vinho por meudo. Taverna e meza para tomar Xá, Caffé &c.
- Cabaretier - Taverneiro, ou que loge de bebidas.
- Cabretiere - Taverneira, ou mulher que tem loge de bebidas.
- ([Ivo] *Dictionnaire François, et Portugais*, 1769, s.u.)

- CABARET, S.M. (lieu où on vend du vin en detail,) *a Tavern, a House os Entertainment.*
- Cabaret à bière, *an Ale House.*
- Cabaret à cidre, *a Cyder House.*
- Cabaret, (table a prendre du thé, du caffé, &c.) *Tea Table, Tea Equipage.*
- Cabaret, (petite plante,) *Asarabacea.*
- Cabaretier, S.M. (qui tient un cabaret à vin,) *a Tavern Man, one that keeps a Tavern.*
- Cabaretier, S.M. (qui tient un cabaret à bière,) *an Alehouse-Keeper.*
- Cabretiere, S.F. maitresse d’aun cabaret à vin,) *a Tavern Woman.*
- Cabretiere, (d’un cabaret à biere,) *An Alehouse-Woman.*
- (*Royal Dictionary*, 1699, s.u.)

Este dicionário abreviado mantém na nomenclatura alguns termos de uso restrito, que nem ocorrem no *Nouveau Dictionnaire des Langues Française, et Portugaise* (1758) de José Marques, como “Cacozele - Termo de rhetorica; affectação vicioza no discurso” (retomado de Boyer, «CACOZELE, S.M. (terme de rhetorique; vicieuse affectation dans le discours) *an ill Affectation.*»).

## 2. *Diccionario de nomes portuguezes e italianos dispostos por materias*

O teatino Luís Caetano de Lima (1671-1757) deixou uma vasta obra manuscrita que abrange os domínios da história, ciências, geografia, direito canónico e medicina. Os catálogos electrónicos da Biblioteca Nacional de Portugal chamam a atenção para um conjunto de manuscritos de traduções de tratados de médicos franceses, italianos e ingleses (cf. os códices

2048, 2053, 2054 e 2055). Na diversidade de matérias destacam-se os seguintes manuscritos de trabalhos metalinguísticos:

*Latina vocabula, locutionesque minus usitatae lusitanicè explicatae: Cum de latini sermonis utilitate ac praestantia dissertatione*, 1729 (B.N.P., Cod. 3126).

*Lusitanicae loquutiones latinè explicatae alphabetico ordine et Cardin. Petr. Bembi et Jacobi Sadoleti verbis expressae*, 1729 (B.N.P., Cod. 3129).

*Diccionario Latino e Portuguez* (B.N.P., Cod. 3348).

*Diccionario Portuguez e Latino das palavras e frazes portuguezas mais necessarias e de melhor uso explicadas na mais pura latinidade e com exemplos dos melhores autores* (B.N.P., Cod. 3120-3124).

*Vocabulario de Sinonimos e Equivalentes* (B.N.P., Cod. 3137-3138).

*Vocabulario nautico da lingua e frazes portuguezas* (B.N.P., Cod. 3138).

Na Biblioteca Pública de Évora conserva-se um manuscrito de uma gramática italiana (B.P.E. CXIII 1-34 e 35), assim descrito no catálogo de Cunha Rivara:

«Grammatica italiana e arte de aprender a lingua italiana por meio da lingua portugueza. é de D. Luiz Caetano de Lima, clérigo regular, e foi impressa em Lisboa na officina da congregação do Oratorio, 1734» (Rivara, 1869, vol. II: 11).

O manuscrito está datado de Lisboa, 8 de Setembro de 1726. É uma cópia que coincide parcialmente com o texto impresso da *Grammatica Italiana, e arte para aprender a lingua Italiana por meyo da lingua Portugueza* (Lisboa, 1734). O manuscrito termina no dicionário intitulado «De alguns Nomes, e Verbos, que encerrão alguma difficuldade mais particular». Ou seja, o códice de Évora ainda não tem o segundo dicionário que surgirá na versão impressa, que é o «Compendio de varios nomes propios, e termos particulares de Artes e Ciencias», acima referido. Se em 1726, de acordo com o testemunho do manuscrito, Caetano de Lima dava a gramática italiana por concluída, é legítimo supor que ambos os dicionários temáticos tenham sido pensados e redigidos após essa data, hipótese que explicaria o paralelismo na estrutura e no tipo de nomenclatura<sup>35</sup>.

A história da redacção das gramáticas pode ser esclarecida por outro manuscrito existente na mesma biblioteca, o *Diccionario de nomes portuguezes e italianos dispostos por materias* (B.P.E. CXIII-1-33). É um volume in-4º, constituído por 12 cadernos de 24 páginas, e que reúne apontamentos para o «Compendio de varios nomes propios, e termos particulares de Artes e Ciencias» da gramática italiana. O manuscrito regista as listas de palavras que surgem na gramática impressa, bem como outras listas que não chegaram a ser publicadas, ou concluídas. Comparando as duas versões, conclui-se que no manuscrito o número de entradas é maior. Há frequentemente casos de falta de correspondência, ora com entradas sem tradução, ora com listas de palavras italianas sem a respectiva entrada. Podemos excluir a possibilidade de se tratar de uma cópia da gramática editada, com acrescentos posteriores: é a mesma letra do códice da gramática e há problemas de tradução (hipóteses ou lacunas) que são resolvidos no impresso.

Neste estágio intermédio da redacção percebe-se o método de Caetano de Lima. Trabalharia com diversos pequenos cadernos de apontamentos, intervalando espaços para o alargamento. Estando o trabalho avançado, foram encadernados num tomo, colocando em primeiro lugar os mais completos e em seguida aqueles para os quais tinha menos informação, deixando cadernos em branco entre eles. Assim organizado, podia ir acrescentando progres-

<sup>35</sup> Para uma análise mais detalhada deste manuscrito, cf. Silvestre, J., “A técnica lexicográfica das gramáticas de Caetano de Lima: testemunhos manuscritos”, in Rolf Kemmler, Barbara Schäfer-Prieß, Roger Schöntag (Hrsg.), *Portugiesische Sprachgeschichte und Sprachwissenschaftsgeschichte*. Tübingen, Calepinus Verlag (em publicação).

sivamente novos dados. A extensão do material inédito indica que Caetano de Lima planeou um dicionário bem mais amplo.

De fora ficaram listas incompletas de listas de domínios tão específicos como «varias especies de grão», «cocheiras e suas pertenças» ou «casa de sellas e de Arreyos». Algumas listas introduzem interferências de palavras de outras classes gramaticais. No tema «copa e suas pertenças», inclui verbos relacionados com o uso dos utensílios e atividades da cozinha. Há também listas de adjetivos que se relacionam com listas de substantivos (para o tema 'virtudes dos homens', por exemplo, existe a lista de adjetivos correspondentes, intitulada 'homem com virtudes').

Estas recolhas lexicais inéditas também não aparecem na gramática francesa impressa, mas poderiam ter existido numa versão preliminar. Além da informação sobre a técnica lexicográfica, o confronto entre o texto impresso e o manuscrito é linguisticamente relevante, pois dá testemunho de problemas de tradução experimentados pelo autor. Caetano de Lima trabalhou com duas nomenclaturas: uma portuguesa (inspirada em listas existentes em dicionários temáticos, ou baseada na descrição empírica dos diversos domínios), e uma italiana, em parte recolhida em dicionários italianos, e que nem sempre consegue traduzir para português.

A semelhança de outros manuscritos de obras inéditas ou inacabadas, também estes apontamentos de Caetano de Lima justificam um estudo que os integre na ampla produção metalinguística do teatino, que inclui a lexicografia do português e do latim, a ortografia, a gramaticografia e a tradução de terminologias.

#### ***4. Glossário ou Vocabulario de palavras, e frases afrancesadas, ou estranhas, introduzidas na Lingoa Portuguesa***

O *Glossário ou Vocabulario de palavras, e frases afrancesadas, ou estranhas, introduzidas na Lingoa Portuguesa* (B.N.P., Mss. cx. 198, n<sup>o</sup>1) é um manuscrito anónimo, completo, com 42 páginas. Um manuscrito com o mesmo título foi enviado para a Academia Real das Ciências em 1816: «O Reverendo Sñr. Padre João Faustino offereceo da parte de hum Anonymo hum Glossario de palavras, e frases afrancezadas, ou estranhas, que se tem introduzido na lingua Portugueza» (Academia, 1817: XXIII-XXIV).

A julgar pela coincidência de títulos e matérias, o manuscrito deverá ser anterior à versão recebida pelos Académicos. Já apresenta poucas emendas e uma correcta ordenação alfabética da nomenclatura, a que o autor acrescentou uma nota final que explica a abrangência do glossário:

Verbos novos inumeraveis, que os tradutores vulgares forjaõ da sua cabeça, dando lhe som.<sup>te</sup> hum ar aportuguezado.

Frases novas, ou alhêas, termos trocados, syntaxe avêssa: e nūma palavra hum geral transtorno.

Donde procede huã inteira, e total corruçaõ da lingoa pura, que nossos Paes falaão, eque tanto nos honrava; e cuja pureza deve restaurar a Real Academia.

Este contributo é posterior à publicação, precisamente em 1816, do *Glossario das Palavras e Frases da Lingua Franca, que por descuido, ignorancia, ou necessidade se tem introduzido na locução Portugueza moderna* de Francisco de S. Luís (Cardeal Saraiva), um estudo que tinha sido inscrito em 1810 no plano de trabalhos da Academia.

Pretendia-se um documento com orientações prescritivas para restaurar a pureza da língua, indicando as palavras a suprimir do uso, mas Francisco de S. Luís propõe uma análise ponderada, que admite a introdução de palavras de origem francesa:

«O juízo que fazemos sobre cada palavra ou frase, a respeito de se poder, ou não, adoptar na nossa língua, não o declaramos sem algum receio de errar; por quão difficil nos parece conciliar neste ponto os diversos gostos dos leitores, e ainda as varias opiniões dos eruditos, em geral tivemos sempre diante dos olhos esta regra “Que sendo o vocábulo ou expressão de boa origem, derivado conforme a analogia, e ao mesmo tempo expressivo, e harmónico, se podia adoptar e trazer á nossa língua, ainda quando nesta houvesse algum synonymo, que exprimisse o mesmo conceito”: porque estamos persuadidos, que convém a qualquer idioma ter não só vocábulos correspondentes a cada idéa, mas ainda variedade delles com o mesmo significado; para que o douto e avisado Escriitor possa escolher a seu arbitrio, segundo a natureza e qualidades da sua composição [...]» (Francisco de S. Luís, 1816: 2-3)

O manuscrito anónimo aponta inequivocamente as palavras ou expressões de que, segundo o autor, resulta a corrupção da língua. Reúne cerca de 600 glosas, em que a entrada é a palavra ou frase afrancesada, seguida das palavras portuguesas que devem ser empregues para a evitar. Nos exemplos de antigo e bom uso há quase sempre mais que uma hipótese, provando a abundância e possibilidades expressivas do vernáculo. Alguns exemplos:

Garante, Fiador, e Mediador, conciliador.  
 Fecundidade de terreno, fertilidade.  
 País, por terra, sítio, terreno. v.  
 Pensar, cuidar, lembrar-se, considerar, idear (verbos que não se devê perder).  
 Pôr em cerco as Cidades, pôr cerco ás Cidades.  
 Por huma outra porta, por diferentes portas.  
 Por isso que, por que, por quanto.  
 Porq' he q' eu soffro? porq' soffro eu?  
 Pôrse a cuberto, defenderse, livrarse, escapar.  
 Porco . . . cavando a terra, fossando.  
 Possessão, por herdade, fazenda &c.  
 Praderias, prados, relva.  
 Realizar, pôr em pratica, executar.  
 Recear de enganarse.  
 Receando o Senado de q' &c.  
 Recebeo tropa de fresco, de refresco, de novo.  
 Reentrar, entrar de novo, ou outra vez.  
 Relação, (esta palavra taõbem tem uso novo, especialmente no plural)  
 Resursa, remedio, recurso, sahida, ou exito, subterfugio, meio proprio.  
 Romper os muros, por arrombar, deitar a terra, abrir brecha nos muros.  
 Vistas, em lugar de olhos.  
 Voz, q se faz ouvir, voz capaz de se ouvir.

Não se encontram nesta lista hesitações ou palavras admissíveis, enquanto o *Glossário* de S. Luís aceita justamente o uso de muitas palavras de origem francesa com introdução recente na história da língua, como é o caso de “pensar”, no sentido que o autor do manuscrito fazia substituir por “cuidar”, “lembrar-se”, “considerar”, “idear”, acrescentando que são «verbos que não se devem perder».

O repúdio do estrangeirismo e a percepção do que nesse conceito se pode incluir são por isso muito mais abrangentes, recusando algumas expressões que S. Luís nem contempla (“romper os muros”, por exemplo). Considerando que nunca se referem documentos das fontes literárias ou gramaticais, o autor parece validar com a própria competência linguística os limites do que pode ser considerado “afrancesado”.

### 5. *Lexicon em quatro linguas ... para saber com facilidade os nomes dos vegetaes*

O manuscrito B.N.P. Cod. 11510 é um dicionário de botânica plurilingue, destinado a médicos e farmacêuticos, composto por José Manuel Chaves (c.1746–c.1811). O autor formou-se em medicina em 1774, em Coimbra, e exerceu em Condeixa e Grândola. Inocêncio Silva dá conta de algumas publicações poéticas medíocres e de trabalhos no domínio da medicina (1858-1923: V, 7-9). Entre estes, importa referir a tradução, a partir do francês, do manual *Elementos de medicina pratica* de William Cullen, em 7 volumes (Lisboa, Na Typografia Nunesiana, 1790-1792). No frontispício do manuscrito lê-se:

*Lexicon em quatro linguas, portugues, ingles, frances, latim, muito necessario aos medicos, chirurgicos e farmaceuticos, para saber com facilidade os nomes dos vegetaes, etc. etc. por Joseph Manoel Chaves, médico pensionista de Condeixa.*

Lexique in trois Langues, Française, Portugaise, et Latine tres-necessaire aux Medecins, Chirurgiens, et Apoticaire pour scavoir avec facilité Les noms des vegetaux; qui pour l'avantage de la Pratique donne au public. Joseph Manoel Chaves. Medecin pensionée de Condeixa.

O autor confronta as línguas organizando o dicionário em quatro partes, que correspondem às diferentes línguas de entrada. A primeira parte, português-francês-latim-ínglês, tem 82 pp. e cerca de mil entradas. A segunda parte, francês-português-latim, é de extensão semelhante (80 pp.) e as restantes são consideravelmente menores: a parte latim-francês-português tem 77 pp. e a última, inglês-português- francês-latim, tem 33 pp.

Este manuscrito parece ser uma cópia de versões anteriores. A escrita é bem legível, apresenta poucas emendas e uma ordenação alfabética correcta. A nomenclatura da parte portuguesa é a mais extensa, indexando cada um dos vários nomes vulgares que designam uma mesma planta, com remissões para uma entrada unificadora.

Comparando as nomenclaturas, é evidente uma maior interdependência entre o português e o francês, com uma aproximação de soluções ortográficas que resultam na fixação de formas de entrada iguais para ambas as línguas. A parte inglesa funciona como um índice remissivo, que geralmente remete para a entrada da parte portuguesa.

Alguns exemplos demonstram que os principais objetivos são garantir a tradução francesa e explicitar a classificação de Lineu. Em ACHANAEA observa-se que a convergência de formas entre português e francês parece tornar desnecessária a tradução:

(P) Achanaea, P. Planta da India, decujo fruto usaõ os Indios para o tratamento do galico.

(F) Achanaea F. Planta da India, decujo fruto usam os Indios para tratar o gallico.

(I) [inexistente]

No caso de melancia, o artigo de entrada em português aponta três equivalentes em francês. Nos respectivos artigos de entrada em francês, desconsidera-se a relação com o inglês.

(P) Melancia P. Citrouille, melon d'eau, pepon, F. Anguria, citrulus, melopepo, L. Citruls. I.

(F) Citrouille, melon d'eau, pepon. F. Melancia, P. Anguria, Citrulus, melopepo, L.

(F) Pepon, v. citrouille.

Estes são indícios de que o autor trabalhou com fontes da lexicografia francesa que privilegiavam a relação com as classificações latinas, e em que a informação sobre o inglês era também muito sucinta.

Os frontispícios indicam que este trabalho se destinava à publicação, mas não é certo que este manuscrito represente a sua versão final. Não existem paratextos e há opções de técnica lexicográfica que carecem de explicitação, como a identidade de formas portuguesas e francesas.

## 6. *Diccionario abreviado portuguez e latino, do eruditissimo Padre. D. Rafael Bluteau; Diccionario Castellano y Portuguez*

Fosse pela iteração da *Prosódia* e do *Tesouro* nos colégios jesuítas, ou pela a tradução de manuais estrangeiros promovida pela reforma pombalina, nunca houve condições para publicar uma nova versão, abreviada ou ampliada do *Vocabulário* de Bluteau. Era um dicionário essencial na mesa do erudito de meados do século XVIII, mas cada vez mais raro e difícil de adquirir com a passagem dos anos. As críticas que Verney faz ao dicionário em 1746 condensam um plano de revisão que valorizaria esse património lexical e literário, transformando-o num dicionário de referência para a língua portuguesa moderna, no sentido de estabelecer uma norma ortográfica, eliminar palavras antigas, seleccionar criteriosamente os exemplos literários e diminuir a informação latina e enciclopédica (Verney, 1746: I, 56-58). Os dois trabalhos lexicográficos que retomam o texto de Bluteau alteram-no profundamente. Carlos Folqman abrevia-o sob a forma de um *Diccionario portuguez e latino* (1755) compacto, com supressão de artigos, reorganização da informação semântica e selecção das traduções. António Morais Silva actualiza criticamente a nomenclatura e reescreve os artigos, aproveitando o melhor das definições e citações de Bluteau para redigir o primeiro dicionário monolíngue do português (1789).

A estas reformulações deve acrescentar-se o conjunto de dicionários manuscritos que se conservam na Torre do Tombo, redigidos por Frei João de S. Pedro (n. 1692-?). O autor foi monge da Ordem de S. Jerónimo e prior de vários conventos de Lisboa. Inocêncio Silva não indica a data da sua morte (Silva, 1858-1923: IV, 6), mas estaria vivo à data da publicação da *Bibliotheca Lusitana*. Diz Barbosa, “He Qualificador do Santo Officio, Consultor da Bulla da Cruzada, e Examinador das Tres Ordens Militares” (1741-1759: II, 718).

Publicou em nome próprio diversos sermões e biografias hagiográficas, reservando o nome de Damião de Froes Perim para todos os outros textos, nomeadamente traduções de textos de carácter religioso e o *Theatro Heroico, Abecedario Historico, e Cathalogo das mulheres Illustres* (1736, 1740). Além de criticar a insuficiente documentação histórica, Inocêncio sentença que as suas obras «não merecem consideração especial», com «vícios do estylo que reinava na epocha» e linguagem «assás desprimorada pelas frequentes impropriedades dos termos empregados» (Silva, 1858-1923: IV, 6). Talvez por isso manifeste reservas quanto à autoria de duas publicações que saíram em seu nome (*Compendio dos principais preceitos da construção metrica... para instrução da mocidade*, 1801 e *Instrução breve das obrigações do christão*, 1787), mas que se podem inscrever na série de obras didácticas e lexicográficas que o autor deixou manuscritas, e de que Inocêncio não parece ter conhecimento:

*Methodo Fácil e Breve para se aprender a Lingoa Latina ordenado por Damiam de Froes Perim com os principais preceitos para formar hum perfeito Grammatico, Orador e Poeta.* 45 fls. (A.N.T.T., R. M. C. n° 4131)

*Diccionario Latino, e Portuguez de Nomes de Regioens, Reynos, Provincias, Cidades, Villas, Lugares, Povos e Rios do Mundo. Ordenado por Damiao de Froes Perim.* 79 fls. (A.N.T.T., R. M. C. n° 4101)

*Lições Academicas varias, e instructivas sobre varios assumptos e recitados na Academia dos Generosos pelo beruditissimo Padre. D.D. Rafael Bluteau.* 49 fls. (A.N.T.T., R.M.C. n° 4170)

*Diccionario abreviado portuguez e latino, do eruditissimo Padre. D. Rafael Bluteau, Clerigo Regular da Divina Providência. Ordenado por Damião de Froes Perim para instrução da mocidade portuguesa.* 4 volumes. (A.N.T.T., Manuscritos da Livraria, n°s 1859-1860-2092-2093).

*Diccionario Castellano y Portuguez Para facilitar a los curiosos la noticia de la Lengua Latina, con el uso del Diccionario Portuguez, y Latino.* (A.N.T.T., Manuscritos da Livraria, n°2101)

A obra inédita revela, por um lado, o interesse por manuais e dicionários práticos para o ensino do latim e, por outro, uma adesão encomiástica à obra de Bluteau, procurando

reorganizar e autonomizar trabalhos que haviam surgido inseridos no *Vocabulário* ou nas *Prosas Portuguesas*.

Os manuscritos do *Methodo facil* e do *Diccionario Latino, e Portuguez de Nomes de Regioens* não estão completos. Deste último existe outra versão no Museu Nacional de Arqueologia, adquirido num alfarrabista por Leite de Vasconcelos, em 1909. Foi parcialmente estudado por Justino Mendes de Almeida (1972: 151-163) e trata-se de uma versão mais extensa, com um total de 284 páginas, enquanto o manuscrito da Torre do Tombo apenas tem 158.

O dicionário de topónimos é redigido a partir dos artigos do *Vocabulário*, reordenados pela forma latina, que passa a ser a forma de entrada, com a tradução em português e uma breve glosa.

AAD, ou Aade. Pequeno Rio dos Payzes Baixos, no Brabante. *Aada, ae, Masc.*

Aada, ae. Aad, ou Aade pequeno rio do Pays Bayxo no Brabante.

Deste processo de inversão nem sempre resultam artigos bilingues, porque Fr. João estabelece entradas com os topónimos para os quais Bluteau não encontrara equivalente latino. A nomenclatura está ordenada alfabeticamente, o que representa uma evolução em relação ao *Diccionario Lusitanico-Latino de nomes proprios* de Pedro Poiars (Lisboa, 1667), que ainda organizava as entradas em categorias e localizações geográficas.

O dicionário de castelhano é uma cópia do conjunto de textos e dicionários publicados no tomo VIII do *Vocabulário* (Lisboa, 1721), compreendendo a «Prosopopeia del Idioma Portuguez a su hermana la Lengua Castellana» (pp. 3-15), a «Tabla de Palabras Portuguezas, remotas de la Lengua Castellana» (pp. 15-24) e o «Diccionario Castellano y Portuguez para facilitar a los castellanos el uso del Vocabulario Portuguez, y Latino» (pp. 25-189).

O *Diccionario abreviado portuguez e latino* é o manuscrito mais extenso, com quatro volumes in-4º, em letra miúda. Está completo, e o facto de raramente apresentar algum tipo de correcção indicia que é uma cópia final. A redacção do dicionário não deixaria, em todo o caso, grande margem para hesitações. O objectivo é abreviar o *Vocabulário* para uso escolar, mas mantém-se tão fiel quanto possível ao original, sem acrescentar texto próprio ou procurar sínteses, reproduzindo toda a fraseologia latina sem uma avaliação crítica da sua pertinência. Os artigos são uma servil refundição dos excertos que sobram após eliminar a informação etimológica, as definições enciclopédicas, os adágios e a documentação pormenorizada do léxico português ou latino. Compare-se um artigo do *Vocabulário* e a versão reescrita:

Azeite. Derivase do Arabico *Zait*, que he o mesmo; & parece que tomarão os Arabes esta palavra dos Persas, em cuja lingua *Zait* quer dizer Oliveyra, como consta destas palavras de Ammiano Marcellino, *Projecti exinde Zaitam venimus, locum, qui olea arbor interpretatur. Lib. 23. in Jul. mibi fol. 487.* O Azeite he hum licor gordo, & unctuoso, que se espreme da Azeitona. *Oleum, i. Neut. Cic. Olivum, i. Neut. Plaut. Horat.*

Azeite virgem, o bom azeite. O primeyro azeite, que sahe sem fogo, & sem pizar muyto a azeitona. *Oleum primae notae, ou primae pressurae. Colum. l. 12. cap. I.* Este mesmo Author fallando neste mesmo azeite, diz pouco mais abaxo, no mesmo capitulo. *Longè melioris saporis est, quod minori vi preli, quasi lixivium defluxerit.*

(*Vocabulário*, I, 1712, s.u.)

Azeite. He hum licor gordo, e unctuoso, que se espreme da azeitona. *Oleum, i: Neut. Cic. Olivum, i, Neut. Plaut. Horat.*

Azeite virgem, o bom azeite. *Oleum primae notae, ou primae praessurae. Colum.*

(*Diccionario abreviado*, s.u.)

Na generalidade dos artigos, a informação latina continua extensa e desorganizada do ponto de vista semântico, replicando a acumulação de uma fonte que não pretendia ser um dicionário escolar. A preocupação com a falta de materiais didácticos pensados para o uso dos alunos atravessa este conjunto de manuscritos e é um dos temas principais no prólogo do

*Diccionario abreviado*: os estudantes devem ter acesso a um dicionário completo, que lhes permita procurar o maior número possível de palavras, e não apenas decorar aquelas que os professores lhes ditam. Não se identificam elementos que permitam a datação, mas as referências à raridade do *Vocabulário* sugerem que tenha sido iniciado na década de 40. Apesar de o prólogo ser um texto com pouca doutrina lexicográfica, o testemunho sobre uma desejada renovação dos métodos de ensino dos jesuítas justifica a sua reprodução aqui:

Naõ pode entrar em duvida, Amigo leitor, que nem antes, nem depois do Vocabulario Portuguez, e Latino do eruditissimo P.<sup>o</sup> D. Rafael Bluteau, Clerigo Regular da Divina Providencia, tivesse a Nação Portuguesa Diccionario, que o excedesse, nem o igualasse. Esta grande Obra lhe grangeou huã gloria immortal naõ so entre os Portuguezes; mas entre os Estrangeiros. A sua utilidade he reconhecida por todos; porque as Naçoens estranhas os tem levado e os Portuguezes sentem a sua falta pelo preço a que tem sobido: De sorte, que tendo trabalhado este incançavel sabio para deixar à Nação Portuguesa hum thesouro, em que a mocidade aprendesse a Lingoa Portuguesa, e se instruisse com vantajem na lingoa latina: por falta deste Vocabulario, se tem experimentado o atrasamento nos que se applicaõ ao estudo da lingoa latina. Para remediar taõ grande mal se intentou abreviar este grande Vocabulario, imitando as abelhas que escolhem entre as flores as mais uteis, e cheyrosas para fabricar os favos do seu mel; afimde sahir a luz [...]. Depois de instruidos os Alumnos pelos sabios Mestres nas regras da grammatica latina; entraõ no exercicio de verter as oraçoens Portuguezas em latim e lhe he preciso, por falta de hum bom Diccionario, que os Professores lhes digaõ as palavras latinas correspondentes às que escreveraõ Portuguezas para fazer com as regras da grammatica as traduçoens latinas: este modo de ensinar os atraza muyto; porque o que hoje se lhes diz, naõ lhes lembra a manhaã, e ainda que continuem nestes exercicios, so o largo tempo, como mostra a experiencia, os fara saber a lingoa latina. Tendo porem hum bom Diccionario, como este que se lhes offerece, buscando por si as palavras Portuguezas que os Professores lhes ditaõ nas oraçoens, que aprenderaõ; mas taõ bem pelo decurso do tempo aproveitando-se das muytas, e bellas frases, que em si contem este Diccionario, tiradas dos melhores Auctores Latinos, faraõ muyto eloquentes traduçoens. Neste mesmo Diccionario se ensina a fazer circunloçoens das palavras, Portuguezas, que naõ nos deixaram latinas os Antigos Romanos. Nestas tenras idades, como se acha a memoria com todo o seu vigor, sendo os Alumnos os que busquem as palavras e por muytas vezes revolvãõ o Diccionario com muyta brevidade saberaõ a lingoa latina, que este Diccionario, ainda que abreviado contem com muita pureza, e erudição, e todas estas especies impressas, assim adquiridas duraraõ para sempre na memoria: até os mesmos Professores se pouparaõ ao trabalho; e por este modo adiantaraõ os seus Alumnos para os fazer entrar na carreira dos mayores estudos. Sabemos, que as Naçoens do Norte usaõ deste modo de ensinar; e como tem muytos, e excellentes Diccionarios, em pouco tempo ensinaõ a fallar bem, e a escrever em latim.

(*Diccionario abreviado*, «Prologo abreviado»)

## 7. *Prozodia ou Vocabulario das Lingoas Latina e Portuguesa*

Cunha Rivara julgou ter identificado no espólio da Biblioteca Pública de Évora os manuscritos que documentavam a revisão da *Prosódia*, atribuída a José Caeiro e interrompida pela expulsão dos jesuítas<sup>36</sup>. Descrevendo o códice CXIII-2-26, afirma: “É provável que este seja o exemplar revisto e correcto pelo Padre Pedro Caeiro, cujas primeiras folhas se chegaram a imprimir em Évora” (Rivara, 1870: II, 9)<sup>37</sup>. Avança esta hipótese, sem possibilidade de verificar se a letra que efectua correcções ao longo de boa parte dos códices seria efectivamente a do jesuíta.

Todavia, este não é o dicionário corrigido pelo P.<sup>o</sup> José Caeiro. A identificação de manuscritos autógrafos, vindos de Itália e actualmente depositados na Torre do Tombo<sup>38</sup>,

<sup>36</sup> Este manuscrito foi objecto de um estudo de João Silvestre e Ana Margarida Borges, «A escola lexicográfica de Évora: um contributo jesuíta para a Reforma Pombalina», a publicar em 2011 pela Universidade de Évora.

<sup>37</sup> Pedro, em vez de José, é um equívoco de Rivara.

<sup>38</sup> A.N.T.T., Manuscritos da Livraria, 2001-2003.

permite concluir que nenhuma das várias mãos do códice de Évora corresponde à sua letra. O códice representa por isso uma fase não noticiada de um longo processo de revisão, reescrita e reformulação da *Prosódia*.

A folha de rosto atribui ao códice uma coerência que de facto não possui:

Prozodia ou Vocabulario das Lingoas Latina e Portugueza. Composta pelo padre Dr. Bento Pereira da Companhia de Jesus. Novamente reformada, reduzida a melhor methodo, e augmentada com innumeraveis modos de fallar dos Authores Classicos, traduzidos na nossa Lingoa, e necessarios para a intelligencia da Latina.

Dividida em dois Alphetos. O primeiro contem somente as palavras rigorosamente latinas, e uzadas pelos Authores da primeira e da segunda classe, para uzo e segurança dos que pertendem fallar, e escrever com pureza a Lingoa Latina. O segundo comprehende todas as palavras latinas barbaras de que uzaram quaesquer authores que escreveram na Lingoa Latina desde o Seculo Argenteo da mesma lingoa athe o nosso.

Obra utilissima, e necessaria a todos os que versão Livros Latinos de Letras Sagradas, e profanas, Theologos, Juristas, Filosofos, Medicos e Geografos e a todos os que dezejão ser eruditos.

Offerecida ao Serenissimo Senhor D. Pedro, Infante de Portugal, pelo Collegio e Universidade de Evora.

O material reunido neste códice corresponde a várias fases de redacção e revisão iniciadas bem antes da data de edição da última *Prosódia* (1750). O organizador procurou conferir uma ordenação alfabética a todo este material, que inclui cadernos redigidos por rever, cadernos revistos com anotações marginais e linhas canceladas, e cadernos que resultam de cópias do texto revisto.

Estão presentes dois tipos de numeração: uma da mão dos respectivos redactores, que identifica as sequências de cadernos que tratam de uma determinada letra do alfabeto; uma posterior, efectuada pelo organizador do conjunto, que numerou as folhas de 1 a 1536.

O manuscrito não fornece indicações precisas que permitam identificar os redactores. Resta apenas uma anotação, apenas após a folha de rosto, e que é numerada como fólio 2. O apontamento, intitulado “cadernos trasladados”, indica apenas quatro nomes de responsáveis pela cópia final de determinadas sequências que, pela técnica lexicográfica e pelas fontes, se devem situar na primeira geração de redactores.

A identificação e distinção das diversas mãos presentes ao longo do códice revela-se uma tarefa complexa, pois consoante os textos são rascunho, cópia ou correcção, o esmero caligráfico é distinto. Não é de excluir que a mesma mão seja responsável pela primeira redacção e pela sua versão trasladada. Apenas são claramente distintas as mãos dos revisores. No total, identificam-se com alguma segurança pelo menos dez mãos.

Na folha de rosto prometem-se dois alfabetos, ou seja, uma diferenciação das palavras bárbaras. A dupla indexação seria um expediente para renovar filologicamente a nomenclatura do dicionário, sem perturbar a continuidade de uma tradição lexicográfica e didáctica de mais de um século. Todavia, tudo indica que os redactores rapidamente optaram por uma modernização definitiva da nomenclatura. No códice apenas resta um caderno de palavras bárbaras (AB-ALO) e não há indícios de que o segundo alfabeto tenha sido elaborado para todas as letras. Esta nova distinção de palavras da boa latinidade parece reproduzir a nomenclatura do *Magnum dictionarium latinum et gallicum* de Pierre Danet, que recorria estritamente aos autores clássicos latinos, especialmente aos da Idade do Ouro e da Prata. O segundo alfabeto, a julgar pelo caderno que restou, reúne o tipo de palavras que, nas edições da *Prosódia* de Bento Pereira posteriores a 1697, eram assinaladas com asterisco, sinal de que não eram “rigorosamente latinas”<sup>39</sup>.

<sup>39</sup> Grande parte das entradas da *Prosódia* tinha sido marcada pelo corrector com asterisco com o intuito de advertir o consulente de que estas devem ser usadas com precaução pois ou estão destituídas de autor ou

Somente nas glosas do alfabeto segundo se encontra um aproveitamento explícito do material da *Prosodia* impressa e em uso. Depois de abandonada a intenção de fazer uma lista de palavras bárbaras, todo o texto que encontramos no manuscrito segue novas fontes.

O texto dos cadernos com datação mais antiga, estabelecida a partir da lista de cadernos trasladados, parece corresponder a uma tradução quase ao pé da letra do *Magnum dictionarium latinum et gallicum*, o último e mais elaborado de uma série de dicionários que Pierre Danet (c.1650-1709) compusera em França *ad usum Delphini*<sup>40</sup>. Além de ser um modelo prestigiante — um dicionário pensado para a educação da nobreza — correspondia a uma lexicografia latina autorizada e documentada que Bluteau recentemente inaugurara em Portugal, e que teria, no entender dos jesuítas, condições de recepção para ser aperfeiçoada e ampliada.

Pode considerar-se que há uma nova fase a partir do momento em que os redactores passam a usar, de forma sistemática, o *Septem linguarum Calepinus* de Jacobo Facciolati (1682-1769). Trata-se de uma versão revista e ampliada do Calepino, editada em Pádua a partir de 1718, redigida em latim e particularmente abundante em citações de autores clássicos. Os redactores podiam optar por um dos dicionários como base do artigo, mas por norma ainda recorriam ao dicionário italiano para completar os artigos que tinham sido traduzidos de Danet.

Um documento, intitulado “Advertência” à letra S (fol. 1375v.), é o único testemunho do trabalho de redacção. Neste texto, o lexicógrafo pretende transmitir indicações de correcção para o revisor, revelando indirectamente informações sobre a técnica de composição. Depreende-se que existia também um guião normativo, que estabelecia um “methodo da uniformidade” para os redactores.

Há poucos elementos que auxiliem na datação das diversas fases de composição do manuscrito. Sabe-se, por exemplo, que a primeira compilação da letra M decorreu após 1750<sup>41</sup> e que a letra S é ainda posterior, porque o lexicógrafo aplica normas de redacção que descreve como mais recentes. Tudo indica que a extensa *Prosodia* reformada de Évora estava longe da conclusão no momento em que o Pe. José Caeiro recebe a ordem de compilar, em Lisboa, uma outra versão, inequivocamente escolar, para substituir a edição de 1750.

---

afastam-se do uso comum: “Quae asterisco\* notantur, caute usurpanda; uel enim Auctore destituuntur; uel non temere sunt aemulanda, cum a communi usu abhorreant” (*Prosodia*, 1741).

<sup>40</sup> *Radices seu Dictionarium linguae Latinae* (1677), *Dictionarium nouum latinum et gallicum* (1680), *Nouveau dictionnaire françois et latim* (1683).

<sup>41</sup> No artigo *Museum* (fol. 84 r.) refere-se a construção da Capela de S. João da Igreja de São Roque, dos inícios da década de 50.

## Contribuição para a história da lexicografia bilingue entre as línguas espanhola e portuguesa

*Ignacio Vázquez (Universidade de Barcelona)*

### 1. Introdução

O estudo que se apresenta nas seguintes páginas percorre a lexicografia bilingue entre as línguas espanhola e portuguesa e apresenta os dicionários que confrontam os dois idiomas. Abordar a questão obriga a pesquisar as primeiras obras com essas características, sendo o *Diccionario Español-Portugués* (Lisboa, 1864) de M. Mascarenhas Valdez a obra inaugural. A sua publicação é muito tardia comparada com a lexicografia bilingue europeia iniciada no século XVI, e as causas que explicam esse atraso são diversas<sup>42</sup>.

Após conhecer os antecedentes lexicográficos da obra de M. Mascarenhas Valdez concluir-se-á que a questão radica, em geral, na diferente história interna das duas lexicografias. A *Real Academia Española* [RAE] em Espanha assenta cedo as pautas da lexicografia monolíngue (séc. XVIII) e fixa a ortografia do espanhol. A reacção da chamada lexicografia não académica no século XIX propicia que em Espanha surja uma série de dicionários que modificam e ampliam o dicionário da RAE, matriz dos dicionários monolíngues posteriores até à actualidade. Em Portugal, não existe uma instituição como a espanhola, os primeiros dicionários monolíngues surgem no XIX e a questão ortográfica não está fixada.

Dessas diferenças decorre que, no início da lexicografia bilingue entre os dois idiomas, a obra fonte em ambas as direcções é o *Diccionario de la Lengua Española de la Real Academia Española* [DRAE]. Verificam-se contribuições de outros dicionários (espanhóis e portugueses), contudo, quase até aos fins do século XX (anos 80) a informação e a estrutura do dicionário da régia instituição marcam os dicionários bilingues espanhol-português.

Duas razões assinalam os anos 80 como momento de mudança em relação à prática lexicográfica bilingue; em primeiro lugar, as novas técnicas informáticas possibilitam a composição de dicionários mais rigorosos, e em segundo, tentam aplicar como elementos imprescindíveis o discriminador semântico nas acepções e, nos equivalentes, a frequência de uso como princípio que os determina e não apenas a palavra consagrada pela tradição lexicográfica (embora nem sempre se consiga)<sup>43</sup>.

---

<sup>42</sup> Não entraremos em pormenor na questão. Veja-se o artigo “Los orígenes (tardíos) de la lexicografía bilingüe español-portugués” (Vázquez, I.) em *ELUA* (Estudios de lingüística), Universidad de Alicante, nº 22 (2009). [Basicamente, a situação sociolinguística de Portugal explicaria o processo: o Humanismo e o latim como língua preponderante, a influência do espanhol durante o Barroco, a dominação filipina e a reacção posterior (*Restauração*); finalmente, as ideias do Iberismo propiciam o aparecimento do primeiro dicionário espanhol-português].

<sup>43</sup> Por exemplo, a entrada espanhola *aparición* corresponde a duas portuguesas: *aparição* (acto de aparecer; visão, fantasma) e *aparecimento* (acto de aparecer). Veja-se como ocorre nos seguintes dicionários:

Desde 1864 até hoje publicou-se mais de meia centena de dicionários, cujas principais características procuraremos apresentar.

## 2. Antecedentes

Existem algumas obras que são antecedentes do primeiro dicionário: os multilingues que se publicaram durante os séculos XVI e XVII (e mesmo XVIII) nos quais apareciam diferentes línguas europeias; neles destacava-se o latim como língua intermediária. Certo é que tais obras, em maior ou menor medida, acolhiam o espanhol e o português podendo ter servido para a intercomunicação entre elas.

Relembrem-se alguns desses dicionários:

— *Colloquia et dictionariolum octo linguarum*, [por Noel de Berlaimont] Delft, 1598.

— *Ductor in linguas. The Guide into the Tongues (1. Anglica. 2. Cambro-Britanica. 3. Belgica. 4. Germanica. 5. Gallica. 6. Italica. 7. Hispanica. 8. Lusitanica seu Portugallica. 9. Latina. 10. Graeca. 11. Hebraea)*, cuja autoria corresponde a John Minsheu<sup>44</sup>. Foi publicado em Londres em 1617,

— *Raizes da lingua latina mostradas em hum tratado, e dictionario*. Por Amaro, Roboredo, Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1621.<sup>45</sup>; é a primeira vez que no famoso dicionário multilingue aparecia a língua portuguesa. Publicou-se em Lisboa em 1621,

— *Porta de Linguas ou modo muito acomodado para as entender, publicado primeiro com a tradução Espanhola. Agora acrescentada a Portuguesa com numeros interliniaes... com as raizes da Latina mostradas em hum compendio do Calepino... e ensinar brevemente, e para os estrangeiros que desejão a Portuguesa e a Espanhola*, de Amaro Reboredo<sup>46</sup> aparecido em 1623 em Lisboa,

— *A Marine Pocket-Dictionary, of the Italian, Spanish, Portuguese, and Germanic Languages, with An English-French, and French-English Index* de Henry Neuman, publicado em Londres em 1800,

— *Lexicon nosologicum polyglotton omnium morborum symptomatum vitiorumque naturae et affectionum propria nomina decem diversis linguis explicata continens...* de Andrea Nemnich<sup>47</sup>, publicado em Hamburgo em 1801.

— *Diccionario Español-Portugués*, M. Valdez, Lisboa (1864): **Aparición**. *f.* Aparição; acção e efeito de aparecer. *Apparendi actio*.

— *Dicionário espanhol-português* da PORTO EDITORA, Porto (1951/1959): **Aparición**, *s.f. ac.* de *aparecer* ou *aparecerse*; aparição, aparecimento.

— *Vocabulário Espanhol-Português*, [Gayán-Rodrigues], LIVRARIA LUSO-ESPANHOLA, Lisboa (1966): **Aparición**. *f.* – aparição.

— *Diccionario português-español/español-portugués* [Júlio da Conceição Fernandes], HYMSA, Barcelona (1966): **Aparición**, *f.* aparição, aparecimento.

— *Diccionario bilingüe de uso: español-portugués / português-espanhol*, [Moreno-González], ARCO/LIBROS, Madrid (2003): Não consta.

— *CIMA, Diccionario español - portugués / português-espanhol*, EVEREST, León (2005): **Aparición** *s.f.* **1.** aparição, aparecimento. **2.** (fantasma) aparição; fantasma.

— *Dicionário português-espanhol, español-portugués*, ‘Dicionários académicos’, PORTO EDITORA (1979, 2008): **Aparición** [apari’θjon] *s.f.* **1** aparecimento<sub>m</sub>, aparição; **2** (fantasma) aparição, fantasma<sub>m</sub>, visão.

<sup>44</sup> Messner, Dieter (1992), “L’etymologie portugais selons Minsheu”, em *Linguística* 32, págs. 213-219.

<sup>45</sup> Verdelho, Telmo (2000), «O calepino em Portugal e a obra lexicográfica de Amaro Reboredo», em *Revista Portuguesa de Filologia*, 23, págs. 125-149.

<sup>46</sup> Ver nota anterior e Mendes de Almeida, Justino (1969), “Lexicógrafos da língua latina em Portugal: A Porta de Línguas de Amaro Reboredo”, em *Revista de Guimarães*, vol. LXXIX, nos. 1/2, Janeiro-Junho, págs. 5-40.

<sup>47</sup> Recordamos que, em 1799, publicara em Londres *The Universal European Dictionary of Merchandise, in the English, German, Dutch, Danish, French, Italian, Spanish, Portuguese, Russian, Polish and Latin Languages*.

Por outro lado, surgiu em Évora em 1634 a *Prosodia in vocabularium trilingue, Latinum, Lusitanicum, & Hispanicum* de Bento Pereira. É, realmente, a primeira obra que podemos considerar propriamente autóctone portuguesa, na qual, embora apareça o latim, se recolhem o espanhol e o português. O dito autor em 1661 publicou o mesmo dicionário mudando o adjectivo Hispanicum por Castellanicum (*Prosodia in vocabularium trilingue, Latinum, Lusitanicum, et Castellanicum*). Posteriormente, a partir da 7ª edição (1697), desapareceu a língua espanhola, foram inseridas 24.000 vozes latinas e a obra passou a chamar-se *Prosodia in vocabularium bilingue latinum et lusitanum digesta*<sup>48</sup>.

Torna-se necessário salientar que o dicionário de Bento Pereira dá muito pouca importância ao castelhano nas suas edições trilingues, pois os equivalentes nessa língua aparecem em entradas dispersas, não em todo o leamário. A obra é eminentemente um vocabulário latino com explicações dos lemas em português e, ocasionalmente, a equivalência espanhola. Contudo, conheceu várias edições, facto que indica que funcionava com êxito, pelo menos no âmbito português.

E por último, o *Vocabulario Portuguez e Latino* de Raphael Bluteau (Coimbra, 1712-1721). O volume oitavo e último, aparecido em 1721, inclui uma “Prosopopeia del idioma portuguez a su hermana la lengua castellana” e um pequeno vocabulário muito elementar português-castelhano (e outro castelhano-português) que parece justificar as palavras da ‘Prosopopeia’, mais do que servir de apoio efectivo para a aprendizagem da língua<sup>49</sup>.

### 3. Lexicografia bilingue espanhol-português

#### 3.1. Circunstâncias do seu aparecimento

No que diz respeito à lexicografia *stricto sensu* entre as duas línguas peninsulares convém acrescentar algumas notícias acerca do desigual processo no seu surgimento:

Em Portugal, durante o século XVI compôs-se o primeiro dicionário latim-português (Cardoso, em Coimbra, 1569-70) enquanto em Espanha apareceu o latino-castelhano no final do XV (Palencia, em Sevilha, 1490). O século XVII continuou em Portugal com obras bilingues português-línguas africanas ou asiáticas (dos missionários) e em Espanha publicou-se o primeiro monolíngue (Covarrubias, em Madrid, 1611). Em Portugal, durante o século XVIII, publicou-se o dicionário português e latino de Bluteau<sup>50</sup> (Coimbra, 1712-21) e Espanha assistiu à fundação da ‘Real Academia Española’ e à publicação do *Diccionario de Autoridades* (Madrid, 1726-39). O século XIX marcou em Portugal o florescimento dos grandes dicionários monolíngues, iniciados com o Moraes (Lisboa, 1789), todos eles devedores da obra de Bluteau, ao mesmo tempo que em Espanha aparecia uma série de obras que tencionavam ser diferentes do dicionário da RAE, já com várias edições. Nessa época, diz Seco que “entre 1842 y 1853 brota una plétora de diccionarios académicos” (1987b: 129), e menciona as obras de Peñalver,

<sup>48</sup> O facto de mudar numa edição posterior ‘hispanicum’ por ‘castellanicum’ indica um factor de tipo social: até à recuperação da soberania portuguesa em 1640, após o período em que Espanha reinou em Portugal, entendia-se por hispânico o conjunto de toda a Península. Uma vez separados os dois reinos, o ideal nacional português começou a diferenciar-se do ideal espanhol e da língua espanhola, passando a ser utilizado castelhano como diferente de hispânico.

<sup>49</sup> Com a retórica própria do século XVIII, Bluteau pede aos seus vizinhos espanhóis para aprenderem a língua portuguesa, defendendo que ambos os idiomas são iguais em prestígio, que ambos procedem do latim e não a língua portuguesa da espanhola, ideia bastante generalizada nos séculos precedentes.

<sup>50</sup> Apesar do título, é praticamente um dicionário monolíngue da língua portuguesa com a versão latina. A sua importância foi tal que é a base do primeiro monolíngue português.

Labernia, Salvá, Domínguez, Caballero e Arnedo, Castro, Chao e o dicionário da Sociedad Literaria.

A reacção da lexicografia ‘não académica’ provocou o aparecimento de alguns dos melhores dicionários da lexicografia espanhola. Em Espanha o labor da RAE monopolizou a lexicografia monolíngue; quando em meados do século XIX surgiram as obras não académicas, fizeram-no sobre uma base de mais de cem anos de produção de dicionários monolíngues, uma base madura. Essa nova concepção de fazer dicionários (procedente fundamentalmente de França), também afectou Portugal, porém, de modo brusco: nessa mesma época apareceram os primeiros monolíngues e rapidamente as obras ao estilo enciclopédico francês e espanhol.

Como se verá, no caso particular do espanhol e do português, a questão tem muito peso. Quando apareceu o dicionário de Mascarenhas Valdez – sem tradição prévia – era inevitável que apresentasse as características próprias da técnica lexicográfica do século XIX. E essas características percebem-se claramente nesse primeiro dicionário, cujas fontes lexicográficas basicamente são o DRAE e os dicionários não académicos do século XIX<sup>51</sup>. Os principais dicionários monolíngues portugueses do XIX têm uma importância secundária, embora se destaquem o *Diccionario Critico e Etymologico* de Solano Constâncio (Paris, 1836), o *Diccionario Universal da Lingua Portuguesa* de Uma Sociedade de Litteratos (1844), e o *Diccionario da Lingua Portuguesa* de Roquete/Fonseca (Paris, 1848) – com provável influência, tal como o Moraes, na composição da obra de Mascarenhas Valdez.

### 3.2. A questão ortográfica

Cabe abordar um tema capital em relação à produção lexicográfica do par espanhol-português: a questão ortográfica.<sup>52</sup> No que concerne à história da ortografia portuguesa, ela divide-se tradicionalmente em três períodos: fonético, das origens até ao século XVI<sup>53</sup>; pseudo-etimológico, do século XVI até 1911<sup>54</sup> e moderno, de 1911 até à actualidade.

<sup>51</sup> Remetemos o leitor para a consulta da tese de doutoramento *Lexicografía bilingüe hispano-lusa: Mascarenhas Valdez* (Vázquez, I.), Universitat de Barcelona. ISBN: 978-84-691-1581-7. Miguel de Cervantes Virtual, Universidad de Alicante: <http://www.cervantesvirtual.com/FichaAutor.html?Ref=15582>

<sup>52</sup> No caso do espanhol, a norma foi fixada desde cedo. A história da ortografia espanhola apresenta três períodos: *fonético*, das origens até ao século XVI; *de confusão* (também chamado *anárquico*) e *académico*. Após a reforma de Afonso X, o Sábio, (séc. XIII) Nebrija publicou no século XVI as suas *Reglas de Orthografía en la lengua castellana* (1517) que marcaram as pautas da futura ortografia. Não obstante, e até à fundação da ‘Real Academia Española’ em 1713, vozes dissidentes continuavam a escrever com uma grafia latinizante e etimológica. Durante o século XVII, com as inovações fonéticas do castelhano, a ortografia espanhola era muito irregular, produziu-se uma série de confusões até ao ponto de cada escritor utilizar o seu próprio alfabeto. Como foi dito, em 1713 foi fundada a ‘Real Academia Española’ “para cultivar y fixar la lengua castellana”. Entre 1726 e 1739 publicou-se o *Diccionario de Autoridades*, que inclui um prómio da ortografia castelhana, em 1741 a primeira edição da *Orthographia* e em 1771 a primeira *Gramática castellana*. Propuseram-se umas bases que apenas foram consideradas normativas quando a 25 de Abril de 1844 por Real Decreto, a rainha Isabel II impôs a obrigatoriedade da ortografia académica e o seu ensino nas escolas. Definitivamente, e após a oficialização dessas normas, a ortografia actual da língua teve alguns ajustamentos e pequenas modificações nos anos posteriores, mas é a utilizada em toda a produção lexicográfica bilingue espanhol-português.

<sup>53</sup> Quando o português (e, anteriormente, o galaico-português) começou a escrever-se, procurava-se representar foneticamente os sons da fala. Não existia norma e a ortografia conservou-se arcaica quanto à evolução da pronúncia de muitas palavras. Contudo, observa-se uma tendência para a ortografia fonética.

<sup>54</sup> A grande importância e influência do latim fez com que a partir do Renascimento se relatinizasse a língua, introduzindo grafias que não representavam nenhum som. Por outro lado, uma certa pretensão de querer fazer a língua mais culta e digna das suas origens favoreceu esta ortografia de tipo etimológico. O uso de grafias

O processo de regularização da norma ortográfica portuguesa tem afectado os dicionários monolíngues, e é também determinante na produção de dicionários bilingues espanhol/português. Afirmou-se na nota 15 que a ortografia portuguesa era durante o século XIX caótica, e que os próprios escritores não se preocupavam demasiado e deixavam aos seus editores a referida questão. A situação mudou quando em 1911, unilateralmente, Portugal promulgou pela primeira vez umas bases “unificadoras” da ortografia da língua portuguesa (a comissão encarregada de dita tarefa era formada por Carolina Michaëlis de Vasconcellos, Adolfo Coelho, Leite de Vasconcellos, Cândido de Figueiredo e Gonçalves Viana, considerados os melhores filólogos portugueses da época). O Brasil não se sentiu à vontade perante essa situação. Independente desde 1822 e com uma tradição literária consolidada, considerou-se, ante a publicação das tais normas, tratado ainda como uma colónia.

E isso aconteceu porque a variante portuguesa falada no Brasil era já suficientemente diferente da falada na Europa e as decisões deveriam ter sido conjuntas, mas Portugal desconsiderou esse facto. Houve nos anos seguintes diversas tentativas de aproximação dos governos do Brasil e de Portugal, até que em 1943 assinaram uma convenção “para a Unidade, Ilustração e Defesa do Idioma Comum”<sup>55</sup>.

E, finalmente, em 1945 foi promulgado o “Acordo Ortográfico” que com modificações posteriores (em 1967, 1975, 1986 e 1989<sup>56</sup>) rege a ortografia em ambos os lados do Atlântico. Esse acordo, contudo, marca muitas diferenças na ortografia que respondem a realidades fonéticas diferentes. Mas não só: a partir dessa altura, no Brasil também se alterou a sintaxe e a morfologia, de tal modo que, de uma ligeira diferença na ortografia de certas palavras, passou-se a uma notória diferença na redacção das frases. Ou seja, escrevia-se – e escreve-se – no Brasil de acordo com uma norma culta que respondia – e responde – à oralidade, divergindo da morfologia e da sintaxe da norma de Portugal (menos manifesto no estilo culto). Assim, desde 1945 fala-se de variante portuguesa e variante brasileira da mesma norma.

Na publicação de dicionários bilingues espanhol-português esta questão é capital, pois os lexicógrafos devem utilizar na elaboração das ditas obras uma variante ou outra na parte lusa.

Todos os dicionários bilingues espanhol-português publicados em Portugal utilizaram a variante portuguesa, os publicados no Brasil, conseqüentemente, a brasileira, mas as obras publicadas fora destes dois países, nomeadamente em Espanha, utilizaram ambas<sup>57</sup>.

etimológicas reais junto a outras disparatadas justificou que os historiadores da língua portuguesa dessem o nome de ‘pseudo-etimológico’ a este período. Período etimologista que não apresentava, contudo, uma coerência entre os escritores; cada qual escrevia como queria. Chegou-se a tal extremo que em 1734 João de Moraes Madureyra Feyjó publicou a sua *Orthographia ou arte de escrever e pronunciar com acerto a língua portugueza*, obra que procurava a grafia mais complicada possível (em parte pelo afã de afastamento de tudo o que era espanhol depois do período de domínio filipino). Ao longo do século XIX percebeu-se a falta de justificação de muitas das grafias, contudo, a anarquia na escrita era total. Se se compararem escritos dessa época, publicados num mesmo ano, cada um pode observar uma ortografia diferente.

<sup>55</sup> Repare-se em que falam de “Idioma Comum” e não de “Língua Portuguesa”.

<sup>56</sup> A última revisão de 1989 propunha suprimir as diferenças gráficas entre as duas variantes; promulgou-se em 1990, apenas, porém, em 2008 entrou em vigor. O governo português estabelece um prazo de 6 anos para a adequação e implantação definitiva do “Acordo”. Algumas editoriais já publicaram os seus monolíngues segundo a revisão de 1989. Os primeiros bilingues com a nova ortografia apareceram em 2010: o da PORTO EDITORA e o da LAROUSSE espanhola na sua colecção VOX.

<sup>57</sup> Ao escolher a variante brasileira, a decisão deve responder a número de falantes e à importância do Brasil nos últimos anos por causa do Mercosul (espanhol e português são as línguas oficiais), para além da obrigatoriedade de estudar espanhol na secundária. O primeiro dicionário publicado em Espanha que usa a variante brasileira é de 1995 (Ed. JUVENTUD).

#### 4. Os dicionários do par espanhol-português e/ou vice-versa

A seguir, apresentaremos o estado da lexicografia bilingue entre o espanhol e o português. Foram publicados dicionários monodireccionais – espanhol-português ou português-espanhol – e bidireccionais. Como se verá, a grande difusão deste tipo de obras ocorreu a partir da segunda metade do século XX, produzidas pelas casas editoras.

O século XIX supôs uma renovação na lexicografia. Os dicionários que se escreveram foram, em geral, mais rigorosos na sua metodologia. As melhores obras eram acompanhadas de prólogos introdutórios em que se apresentavam as bases teóricas nas quais se baseava o dicionário. No século XX não se verificou uma mudança radical quanto à produção lexicográfica, continuando no segundo quartel a tendência inaugurada no século XIX. Em meados do século XX as editoras assumem um papel decisivo, apoiando o trabalho lexicográfico a partir de bases metalexigráficas cada vez mais rigorosas e, posteriormente, pela criação das bases informatizadas que revolucionarão a técnica lexicográfica. Essas mesmas editoras apostam nos dicionários didáticos, de apoio à aprendizagem de língua ou escolares. A grande mudança em relação ao século XIX está na consideração dos diferentes tipos de usuário.

Recolhemos até à actualidade cinquenta e oito obras de valor desigual que apresentamos em ordem cronológica marcadas com um número árabe. Trataremos as primeiras edições, nunca posteriores, excepto quando mudem, ampliem ou abreviem a informação.

##### 4.1. *A lexicografia bilingue de 1864 a 1911*

Seis obras foram publicadas nesta primeira etapa. Ao repararmos na macroestructura de todas elas veremos que muda muito pouco, novos lemas são acrescentados e outros retirados, mas a maioria mantém-se. Os primeiros dicionários publicados em Portugal antes da reforma ortográfica de 1911 mostram continuidade na macro e microestrutura.

Vejam-se em primeiro lugar os dicionários aparecidos entre 1864 e 1911, que utilizam uma ortografia portuguesa muito anárquica.

1864 – *Diccionario Español-Portuguez* de Manoel do Canto e Castro Mascarenhas Valdez, em três volumes (Lisboa, Imprensa Nacional) (1<sup>o</sup>) Contém um prólogo em que se afirma que é o primeiro do seu género para além de oferecer dados interessantes que fixam o seu aparecimento num período de reconciliação entre Espanha e Portugal (Iberismo)<sup>58</sup>. [vol.1 A-C, 959/ vol. 2 D-L, 1.082/vol. 3 M-Z, 1.068 págs, 23,5 cm]

Do prólogo destacamos a seguinte frase:

“Publico pois o primeiro diccionario hespanhol-portuguez, enriquecido com a versão e etymologia latina, para a compilação do qual consultei os melhores lexicographos antigos e modernos”.

Não indica quais são esses lexicógrafos, mas num trabalho anterior<sup>59</sup> demonstrámos que as suas fontes são o *Nuevo diccionario de la lengua castellana* de Vicente Salvá (1846), a 12<sup>a</sup> edição do DRAE de 1852, o *Diccionario nacional o gran diccionario clásico de la lengua española* de Ramón Joaquín Domínguez (1846-47) e o *Biblioteca Ilustrada de Gaspar y Roig. Diccionario enciclopédico de la*

<sup>58</sup> Veja-se nota 1.

<sup>59</sup> Na nota 12 remetámos o leitor à consulta da tese *Lexicografía bilingüe hispano-lusa: Mascarenhas Valdez*, onde se especificam essas fontes lexicográficas deste primeiro dicionário bilingue.

*lengua española* da Imprenta y Librería de Gaspar y Roig, editores, coordenado por Eduardo Chao (1853-55). Muito secundariamente, o *Diccionario Universal da Lingua Portuguesa* de Uma Sociedade de Litteratos (1844) e o *Diccionario da Lingua Portuguesa* de Roquete/Fonseca (1848). De todos eles, sobretudo, o DRAE (e com ele Salvá) e a obra de Gaspar y Roig.

1869 – *Léxico castellano-portugués de las voces mas usuales en la conversacion familiar* de Carlos Barroso y Macedo, publicado em Lisboa (Ed. Souza e filho). A outra direcção, o *Lexicon portuguez-castelhano das palavras mais usadas na conversação* apareceu em 1870, também em Lisboa e na mesma editora. [87 págs, 16 cm] **(2º)** Não menciona fontes lexicográficas. Trata-se de um vocabulário brevíssimo que, obviamente, não segue as pautas de Valdez. É o primeiro português-espanhol que aparece na história desta lexicografia bilingue.

1879-80 – *Diccionario hespanhol-portuguez e portuguez-hespanhol, com phrases e locuções usadas em Hespanha e na America hespanhola, de ciencias e artes, de medicina, chimica, botanica, historia, commercio, marinha, etc. e coordenado dos melhores dictionarios das duas nações / Diccionario portugues-español y español-portugues con frases y locuciones...*, à frente dos “colaboradores” figura Jorge Cesar de Figanieri (Porto, Vianna, Empresa editora de obras classicas e ilustradas) [vol. 1, 1.049 págs. / vol. 2, 710 págs, 23 cm] **(3º)** No prólogo não menciona fontes lexicográficas, na direcção espanhol-português é uma réplica do Valdez ampliada com entradas do DRAE, e apresenta na parte português-espanhol a estrutura da mesma obra espanhola (foi comparada a edição do DRAE de 1869 [13ª] por ser a coetânea). Aparece a mesma informação.

1897 – *Novo diccionario hespanhol-portuguez e portuguez-hespanhol com a pronuncia figurada em ambas as linguas / Nuevo diccionario portugués-español y español-portugués con la pronunciación figurada en ambas lenguas* do Vizconde de Wildik (Pedro Figueiredo), publicado em Paris pela Garnier Irmãos (Dois volumes, 1º > Hespanhol-portuguez, 2º > Português-español)<sup>60</sup> [vol. 1, 847 págs. / vol. 2, 889 págs, 15 cm] **(4º)** Possui um prólogo de duas páginas no qual não se lê nenhuma notícia acerca das fontes, simplesmente indica o modo de consultar o dicionário. Apresenta um formato de bolso e a sua estrutura interna não corresponde a um dicionário de importância como o de Valdez ou o de Figanieri. O lemiário espanhol vê-se reduzido e em consequência também os equivalentes. Utiliza na sua composição a informação essencial do Valdez reduzida à mínima expressão. Na parte portuguesa oferece uma macroestrutura com mais entradas que Figanieri; consultou os dicionários monolingues portugueses onde já aparecem recolhidas vozes como *abacate, abacaxi, abaçanado, abacelar...* Também pela primeira vez, ao contrário das duas obras anteriores oferece-se na entrada ‘a’ a informação correspondente a esta palavra na sua categoria de artigo definido, de pronome e de contracção. Na generalidade das entradas (quando espanhol e português coincidem) aplica a técnica de converter o equivalente português da parte espanhol-português em entrada na parte português-espanhol. Os dicionários anteriores e o DRAE estão presentes na microestrutura.

1897-1900 – *Novo diccionario hespanhol-portuguez (e portugués-hespanhol) contendo todos os vocabulos, phrases e locuções usados não só em Portugal, como no Brazil, colonias portuguezas da Africa e Asia, e bem assim todos os termos de ciencias, artes, industrias, etc., coordenado sobre todos os dictionarios d’esta lingua até hoje publicados*<sup>61</sup>. A obra divide-se em três volumes, os dois primeiros contêm o dicionário espanhol-português, dirigido por Henrique António Marques, volumes aparecidos em 1897 (Lisboa, ed. Pereira). O terceiro contém a parte português-espanhol dirigida por Isidro Monsó e publicada em 1900 também em Lisboa pela mesma editora [vol. 1, A-G, 937 págs / vol. 2, H-Z, 820 págs / vol. 3, 1.277 págs, 22 cm] **(5º)** Não possui prólogo mas uma

<sup>60</sup> A mesma obra apareceu editada em 1944 em Buenos Aires. Ed. SOPHOS.

<sup>61</sup> Existe uma edição de 1984 intitulada *Novo dicionário espanhol-português [Novo dicionário hespanhol-portuguez]*, Lisboa, Livraria António Maria Pereira.

ADVERTÊNCIA que contribui com dados interessantes, sobretudo, históricos. Não menciona as fontes lexicográficas:

“A publicação de um novo Dicionario das Linguas Hespanhola-Portugueza, era uma necessidade para assim dizer inadiavel. Até hoje dois *Diccionarios* hespanhoes-portuguezes se haviam publicado: o de Valdez, por demasia desenvolvido tornava-se de difficil manuseamento; o outro, menos completo do que este, era, a nosso vêr, deficiente em excesso, pela falta de vocabulos que, de certo ponto em deante, n’elle se notava. Imprescindivel se tornava pois um diccionario que, sendo de facil manuseio, comprehendesse simultaneamente todos os vocabulos conhecidos na lingua hespanhola.”

H. A. Marques fala-nos de dois dicionários espanhol-português publicados com anterioridade ao seu, nomeia o de M. Mascarenhas Valdez; no que diz respeito ao segundo simplesmente diz “o outro” sem especificar. Todavia, publicaram-se três obras entre o *Diccionario Español-Portuguez* e o de Marques-Monsó. A primeira talvez não a considerou por não se chamar estritamente dicionário (o *Léxico castelbano-portuguez* de Macedo). As duas obras restantes são as que acabámos de apresentar: o *Diccionario español-portuguez* de Figaniere e o *Novo diccionario hespanhol-portuguez* do Visconde de Wildik. A qual se referiria Marques ao dizer “o outro”? Supomos que ao de Figaniere dado que o de Wildik foi publicado no mesmo ano, talvez meses depois, e não o pôde ter em conta.

Este dicionário na parte espanhola apresenta a estrutura do DRAE matizada e ampliada pela obra de Domínguez (1846). Na outra direcção oferece a informação clássica do dicionário da Academia na microestrutura (juntamente com a informação própria da língua portuguesa) acrescentando na macroestrutura as entradas já consolidadas nos dicionários monolíngues portugueses, nomeadamente as obras de Roquete/Fonseca (1848), o dicionário de Caldas Aulete (1881) e o de Cândido de Figueiredo (1899)<sup>62</sup>.

Já no século XX, a partir dos anos cinquenta, as editoras são responsáveis pelos dicionários bilingues mais divulgados. Contudo, embora existam obras de autor, estas não têm a mesma consideração social do que os dicionários monolíngues.

Em Portugal, a editora mais popular continua a ser a PORTO EDITORA, no Brasil MELHORAMENTOS e GLOBO, em Espanha HYMSA e, ultimamente LAROUSSE-VOX e ESPASA-CALPE. Nos anos anteriores era SOPENA. Isto sem esquecer que, nalguns países sul-americanos, sobretudo a Argentina, também se publicaram dicionários desta natureza.

1904 – *Nuevo vocabulario español-portugués que contiene todas las palabras usuales con pronunciación figurada / Novo vocabulario portuguez-hespanhol contendo as palavras mais usuaes com a pronuncia figurada* de R. de Mesquita (Paris e Rio de Janeiro<sup>63</sup>, ed. Garnier) [274 págs, 13 cm] (6°) Carece de prólogo. Não menciona fontes. Reduz a informação dos dicionários anteriores e dispõe-na de igual modo.

#### 4.2. *A lexicografia bilingue desde 1911 à actualidade*

Eis as cinquenta e duas obras da segunda etapa em que se aplicam já as “normas unificadoras” de 1911 e posteriormente as de 1943:

1911 – *Nuevo diccionario portugués y español con la debida pronunciación de los vocablos* de Frederico Duarte Coelho (Lisboa, Typ. Anuario Commercial) [1.152 págs, 20 cm] (7°) Não tem prólogo, simplesmente uma explicação das abreviaturas e da pronúncia. Sem menção a

<sup>62</sup> As duas últimas obras são consideradas os dois melhores dicionários da segunda metade do século XIX.

<sup>63</sup> Em 1927 novamente aparecerá em Lisboa o *Pequeno diccionario hespanhol-portuguez, contendo as palavras mais usuaes com a pronunciação*. (GARNIER) [274 págs, 13 cm]. Trata-se da parte espanhol-português do dicionário publicado em 1904 → (6°)

fontes. Mantém-se a tónica dos anteriores mas acrescenta informação recuperada de dicionários antigos.

1943 – *Dicionário espanhol-português* de Hamílcar de Garcia (Porto Alegre, ed. Globo). [696 págs, 19 cm] (8º) Sem ter em conta o dicionário de Mesquita de 1927<sup>64</sup>, que supôs um *impasse* entre as duas normas, será o primeiro a usar a nova ortografia conforme à variante brasileira da norma. Carece de prólogo, contém, porém, uma ‘Advertencia’ na qual o autor se mostra conciliador e utiliza uma base pan-lusa na selecção do léxico.

“[...] Sem subentender a existência de uma ‘língua’ brasileira e de um espanhol ‘americano’, êste trabalho apresenta a matéria tendo em conta as diferenças que, num e noutro lado do oceano, se oferecem no emprêgo e acepção de uma parte apreciável do léxico português e castelhano. E para evitar que a tradução de um vocábulo espanhol fôsse dada somente por intermédio de um brasileirismo ou de um termo exclusivamente lusitano, lançou-se mão de farta sinonímia [...]”.

A obra apresenta uma estrutura diferente da dos anteriores. Utiliza a informação da RAE, com nova disposição e exemplos distintos. Alguns adágios por ele citados só se recolhem no *Diccionario Castellano con las Voces de Ciencias y Artes* de Terreros (Madrid, 1786-1793).

Poderia supor-se que a escassez lexicográfica acontecida entre 1911 e 1943 se explicaria pela não aceitação dos acordos de 1911 por parte do Brasil e as consequências negativas que provocou em Portugal<sup>65</sup>. Mas a publicação do “Acordo” mudou a situação. Desde 1943 até à actualidade a proliferação de dicionários espanhol-português foi *in crescendo* e o interesse das editoras por terem nos seus catálogos próprios um dicionário deste par de línguas é inquestionável<sup>66</sup>.

1945 – *Pequeno dicionário espanhol-português* de Ídel Becker (São Paulo, ed. Nacional) [516 págs, 20 cm] (9º) Foi escrito na variante brasileira. Lemos as seguintes palavras no prólogo:

“[...] Seguiu-se, em geral, a nomenclatura do dicionário da ACADEMIA ESPAÑOLA (16ª ed., 1936), que – há mais de duzentos anos – vem sendo a obra suprema e de máxima autoridade para o conhecimento da língua espanhola. [...]”.

Em relação à obra académica, e baseando-nos nas primeiras entradas do dicionário, cabe dizer que até à 12ª edição (1884) seguia uma estrutura retomada dos dicionários bilingues anteriores, onde numa mesma entrada se acumulavam por exemplo, os valores do ‘a’ substantivo e do ‘a’ preposição. A partir dessa edição há outra estrutura (duas entradas diferentes para os ‘as’ nome e preposição), que se mantém até à 21ª edição (1984), em que regressa à primitiva técnica de apresentação. Esta informação confirma que o dicionário de Becker já apresenta a estrutura posterior à dada pela Academia a partir de 1884.

1946 – *Diccionario práctico portugués-castellano/castellano-portugués breve, contiene todas las voces necesarias para aprender el idioma* da editora SOPENA ARGENTINA (Buenos Aires) [384 págs, 13 cm] (10º) Carece de prólogo e não indica fontes. Quanto à escrita, mistura as variantes portuguesa e brasileira. Apresenta a informação como um vocabulário ao estilo dos dicionários de bolso.

<sup>64</sup> Veja-se nota 24.

<sup>65</sup> Sabe-se do caso de um livreiro português, António Mello, que após uma viagem realizada ao Brasil em 1929 referia a “diferença ortográfica” como o principal impedimento para a circulação (e portanto publicação) do livro português no Brasil.

<sup>66</sup> Júlio Dantas, presidente da *Academia de Ciências de Lisboa* em 1943 disse em certa ocasião: “bastou a simples notícia do Acordo, que acabava de assinar-se, para que as universidades estrangeiras, que haviam oposto legítimas dúvidas à criação de cadeiras e leitorados de língua portuguesa, nos abrissem de par em par as suas portas” (*apud* Estrela, 1993: 13). Quer dizer, na sua projecção internacional, a língua portuguesa dignifica-se com uma norma específica.

1947 – *Diccionario portugués-español* de Hamílcar de Garcia (Rio de Janeiro-Porto Alegre, ed. Globo) [1.138 págs, 19 cm] **(11º)**, a parte que faltava da obra publicada em 1943 □ **(8º)**. Neste dicionário, escrito na variante brasileira, encontramos um PREFÁCIO com interessantes dados históricos, para além de especificar claramente as fontes do dicionário:

“Hace más de cuarenta años que no se publicaba un diccionario portugués-español. Cuantos lo fueron en este siglo, no son más que meras copias o reimpressiones de los trabajos compilados en el siglo XIX. [...] He aquí los puntos principales en el plan de la obra:  
Autoridades. [...] el autor ha optado como base y punto de partida la última edición del *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, de Lima y Barroso [...] La traducción y definición de los vocablos portugueses están basadas en el vocabulario de la última edición del *Diccionario de la Academia Española*, elegido por el autor como punto de coordinación y control de los matices que van tomando las voces españolas en los distintos países de Hispano-América [...]”.

Se julgamos serem certas as palavras do prólogo observamos que não são realmente “más de cuarenta años” sem a publicação de um dicionário português-espanhol, dado que em 1911 tinha aparecido o de F. D. Coelho, apresentado linhas acima □ **(8º)**; ou o desconhecia, ou não o considera por ser um vocabulário elementar. Parece portanto que a obra antecessora a que se refere é a de Marques/Monsó publicada em 1900<sup>67</sup>.

Este dicionário, sendo o primeiro dicionário ‘moderno’ publicado após as normas ortográficas de 1943-45, apresenta a informação como os anteriores com duas diferenças: inclui muita informação gramatical e adiciona entradas que só se registam desde o século XX<sup>68</sup>.

Como vemos, desde Figaniere (1879) até ao dicionário que acabámos de apresentar, com ligeiras alterações, a estrutura e a informação são quase as mesmas. O DRAE mantém a sua preponderância.

1947 – *Auxiliar do viajante a Madrid. Vocabulário de Francisco Gimenez* de Manuel B. Calarrão (Lisboa, ed. Garcia e Carvalho) [110 págs, 19 cm] **(12º)** É um vocabulário-guia de conversação. Não tem prólogo e está escrito na variante portuguesa.

A partir dos anos cinquenta, começam a publicar-se os dicionários bilingues da PORTO EDITORA dirigidos por Julio Martínez Almoyna<sup>69</sup>. Desde o seu aparecimento até à actualidade, os dicionários do par espanhol-português e vice-versa da PORTO EDITORA gozaram e continuam a gozar de imensa popularidade, sendo a referência quase exclusiva que qualquer utilizador conhece e consulta. Aparecem editados em três formatos diferentes: espanhol-português, português-espanhol e uma versão conjunta espanhol-português/português-espanhol.

1951 – *Diccionario espanhol-português. Contém todas as palavras de uso corrente e vulgar; vocabulario moderno e científico com todas as acepções possíveis das palavras; modismos e expressões familiares; arcaísmos literários; gíria e provérbios mais usuais; provincialismos e americanismos, assim como formas irregulares de muitos verbos.* Coleção ‘Dicionários Editora’ (Porto) [1.437 págs, 19 cm] **(13º)** Contém um prólogo, que se refere às línguas de Portugal e de Espanha; a única menção que faz ao Brasil e aos países de fala espanhola da América surge quando declara incluir “americanismos”. As fontes lexicográficas são as do DRAE na parte espanhola sem menção à portuguesa. Possui

<sup>67</sup> Relativamente ao dicionário da editora SOPENA ARGENTINA aparecido um ano antes, em 1946, certamente poderia ter acontecido o que habitualmente sucede ainda na actualidade: Hamílcar de Garcia deve ter escrito o prólogo e ultimado o dicionário entre os anos 1946 e 1947 sendo publicado neste último, coincidindo praticamente com o dicionário argentino.

<sup>68</sup> Sirva de exemplo o lema ‘Ã’ (documentado pela primeira vez no dicionário de Cândido de Figueiredo, 1899).

<sup>69</sup> Julio Martínez Almoyna era, segundo se lê na contracapa dos dicionários: “De la Real Academia Gallega, Director del Colegio Oficial Español de Oporto, Doctor en Derecho, Licenciado en Filosofía y Letras, etc”.

uma estrutura muito parecida com a do dicionário da editora SOPENA ARGENTINA. Na segunda edição de 1957 será substancialmente ampliado.

E teremos de esperar até 1959 para que se publique a versão português-espanhol. A popularidade adquirida por estes dois dicionários, afixados pelo facto de serem os dicionários da ‘Real Academia’ a fonte do lecionário espanhol, justificou que se perpetuasse em inúmeras reedições (e muito poucas edições) até ao presente, quase de modo inalterado. Por outro lado, torna-se difícil saber com exactidão a que edição ou reimpressão pertence um dos muitíssimos dicionários espanhol-português ou vice-versa que circulam da PORTO EDITORA.

1951 – *Dicionário popular espanhol-português* de Ídel Becker<sup>70</sup> (São Paulo, ed. Nacional) [159 págs] **(14º)** Utiliza a variante brasileira na escrita. Difere levemente do seu dicionário de 1945 [9º], apresenta a mesma estrutura e quase a mesma informação. O autor antecede as novas informações com um asterisco. Os exemplos são os mesmos, retomados do DRAE, a sua fonte.

1955 – *Dicionário espanhol-português* de Hamílcar de Garcia (Porto Alegre, ed. Globo) [606 págs, 19 cm] **(15º)** É a 5ª edição melhorada da 1ª ed. de 1943 □ **(8º)**<sup>71</sup>. Repete o prólogo da primeira edição. Observa a variante brasileira.

1955 – *Dicionário de algebeira espanhol-português* de Frederico Duarte Coelho (Lisboa, ed. Minerva). [303 págs, 14 cm] **(16º)** Carece de prólogo. Observa a variante portuguesa. A obra torna a mostrar-nos uma estrutura típica de um léxico elementar.

1957 – *Dicionário espanhol-português* [1.506 págs, 22 cm] **(17º)** da PORTO EDITORA, Coleção ‘Dicionários Editora’ (Porto), 2ª edição<sup>72</sup> da obra de 1951 □ **(13º)** que adiciona um prólogo onde se lê:

“No pudimos sospechar que la publicación de este Dicionario Español-Portugués, en su primera edición, iba a tener un éxito tan rotundo y clamoroso como representa el agotarse con bastante rapidez. Prueba evidente de la necesidad que había de una obra que llenase el vacío existente entre las lenguas y las literaturas de los fraternos países peninsulares.

[...] A dicho efecto, procuramos seguir lo mas fielmente posible las normas y enseñanzas de la más pristina fuente del idioma, la Real Academia Española de la Lengua que, en todo momento, nos sirvió de guía y dirección, no solo en la selección y ordenación del léxico, sino también en la recta interpretación del mismo, tanto en los términos puramente castellanos, como en multitud de americanismos [...]”.

Anunciam-se, aliás, inúmeras mudanças a respeito da edição precedente e também a iminente publicação da parte português-espanhol. Esta segunda edição é importante porque nela se basearão, até hoje, as seguintes edições do dicionário espanhol-português. Segue a

<sup>70</sup> Do mesmo autor, em 1978 publicou-se em São Paulo em texto Braille um *Dicionário Espanhol-Português e Português-Espanhol*.

<sup>71</sup> De Hamílcar de García publicou-se entre 1958 e 1963 o *Dicionário espanhol-português. Dicionário português-espanhol* em dois volumes e com as duas direcções juntas [1.138 págs, 23 cm]. Trata-se da publicação conjunta e revista dos seus anteriores dicionários de 1943 [1955, 5ª edição melhorada → **(15º)**] (E/P) e 1947 → **(11º)** (P/E). O mesmo dicionário foi publicado em São Paulo em 1998 sob o título de *Dicionário Português / Español, Español / Português Mercosul*. [849 págs, 29 cm]

<sup>72</sup> Existe publicada uma recensão intitulada “Julio Martínez Almoyna – Dicionário de espanhol-português. 2ª edição. Porto (Porto Editora, Lda), s. d. 1506 pp.” escrita por José Maria Viqueira e publicada na *Revista de Filologia. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Instituto de Estudos Românicos* [vol. IX, ano 1961, págs. 361-364] na qual se elogia a obra e diz-se “Lo único que hay que pedir y desear es que se complete lo más pronto posible la labor del autor, es decir, que veamos cuanto antes a la luz pública esa segunda parte que falta y que el autor promete: el Dicionario Português-Español. Cuando dispongamos de éste, si es que, como esperamos y suponemos, tiene las mismas características de la primera parte, podremos decir con alegría que ya disponemos de un instrumento lingüístico de categoría para la mejor traducción, interpretación y comprensión de las lenguas española y portuguesa, durante muchos y venideros años”.

estrutura dos DRAEs posteriores a 1884 e, em comparação com as edições de 1936 e 1947 (as imediatas cronologicamente) apresenta a mesma informação e formalização.

Ainda encontramos uma terceira edição em 1964 [1.043 págs, 23 cm], que reproduz os prólogos de 1951 e 1957. Trata-se de uma reimpressão da segunda edição.

Doravante, já não se indica mais nenhuma edição, trata-se sempre de reimpressões, mas todas elas mantêm o prólogo das primeira e segunda edições. Encontrámos reimpressões de 1969, 1970, 1974, 1976, 1977, 1979, 1983, 1984, 1988 e 1990 (reimpressões da chamada terceira edição). Todas elas agrupadas na secção “Dicionários Editora”.

A partir da década de noventa, a Porto Editora reedita o dicionário num novo formato, incluindo sempre os prólogos da edição de 1951 e da de 1957, indicando na contracapa [©1951]. As ditas publicações apresentam desde o seu aparecimento até ao presente os seguintes dados cronológicos: 1ª ed. 1992; 1ª ed. / 2ª reimp. 1993; 1ª ed. / 3ª reimp. 1995; 1ª ed. / 4ª reimp. 1996; 1ª ed. / 5ª reimp. 1998; 1ª ed. / 6ª reimp. 1999; 1ª ed. / 7ª reimp. 2000; 1ª ed. / 8ª reimp. 2001, 1ª ed. / 9ª reimp. 2003 e 10ª reimp. 2004.

Verificámos as primeiras entradas na reedição de 1974 da 3ª edição, na 5ª reimpressão de 1998 e a de 2004 e foram encontradas alterações mínimas (a reimpressão de 1998 e a de 2004 são a mesma).

1959 – *Dicionário de português-espanhol*<sup>73</sup> Coleção ‘Dicionários Editora’ (Porto) [1.539 págs, 20 cm] **(18º)** da PORTO EDITORA, composto por Julio Martínez Almoyna. Escrito na variante portuguesa e sem indicar fontes, é o primeiro desta editora com a direcção português-espanhol. Segue a estrutura dos dicionários anteriores tendo em conta as novas entradas, incorporadas desde Hamílcar (1947). Nela transparece o DRAE e a obra de Figueiredo. Encontram-se reimpressões deste dicionário em 1972, 1979, 1983, 1988, 1990, 1995, 1996, 1999, 2000, 2003, 2005 e 2007 (“Dicionários Editora”). Em todas se repete o único prólogo de 1959. Em todas as edições continua a aparecer na contracapa a indicação [©1959]. Desde esse ano o dicionário é quase o mesmo.

Sem ter em conta o dicionário editado em Buenos Aires por SOPENA no ano 1946, inicia-se em 1960 o a série de dicionários bilingues espanhol-português editados em Espanha<sup>74</sup>. Uma data muito tardia, quase cem anos depois do aparecimento do *Diccionario Español-Português* de Mascarenhas Valdez.

1960 – *Diccionario português-español y español-portugués* de José Luis Pensado e Enriqueta Ruiz de Pensado (Madrid, ed. Mayfe) [686 págs, 12 cm] **(19º)** Não tem prólogo e está escrito na variante portuguesa. É um léxico breve que oferece a informação essencial habitual em todos os dicionários.

1961 – *Diccionario español-portugués y português-español* de J. Maria Viqueira Barreiro (Madrid, ed. Aguilar) [1.230 págs, 16 cm] **(20º)** Escrito na variante portuguesa. Tem uma NOTA PRELIMINAR que contribui com interessantes dados, mas sem indicar fontes lexicográficas:

<sup>73</sup> Como aconteceu com a publicação da 2ª edição do *Diccionario Español-Portugués*, José Maria Viqueira escreveu uma recensão ao *Dicionário Português-Espanhol* intitulada “Julio Martínez Almoyna – **Dicionário de português-espanhol**. Porto (Porto Editora, Lda), s. d., 1539 pp.” Publicada na *Revista de Filologia. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Instituto de Estudos Românicos* [vol. XII, año 1962, págs. 265-268]. Também elogia a obra em frases como a seguinte: “Todo lo superó el espíritu científico, el saber hondo y el hacer paciente de Martínez Almoyna al componer su *Dicionário de português-espanhol*.” Em 1996 publicou-se o *Dicionário Mini espanhol-portugués, português-espanhol* da Porto Editora. [496 págs, 11 cm] Versão reduzida do dicionário de 1959 → **(18º)** e posteriores edições. (A segunda edição é de 1997 e a actual de 2008).

<sup>74</sup> E nesse ponto a eleição de uma norma ou outra parece-nos muito importante. Que move as diferentes editoras espanholas a elegerem a norma portuguesa ou a brasileira? Estarão cientes de que existem ambas? Serão importantes as questões do prestígio, do maior número de falantes e portanto maiores vendas? Consideram o facto de o espanhol e o português serem no Mercosul línguas oficiais, e que o Brasil tem o maior número de potenciais clientes?

“[...] tropecé con el enorme obstáculo de la falta de un Diccionario Español-Portugués y Portugués-Español, moderno, [...] Ninguno había que reuniese, en una aproximación ideal, semejantes condiciones. Sólo unos breves Vocabularios de tipo «liliputiense» y otro más reciente y extenso argentino; pero todos ellos muy incompletos y bastante imperfectos. Y aun así, difíciles de encontrar. Lo mejor que se había publicado en este sentido era el Nuevo Diccionario Español-Portugués y Portugués-Español –dos pequeños volúmenes– del vizconde de Wildik, editado por la casa Garnier Hermanos, de París [...]”.

Responde à estrutura geral do DRAE acrescentando alguns exemplos.

1963 – *Dicionário espanhol-português* de Éverton Florenzano (Rio de Janeiro, Edições de Ouro) [336 págs, 16 cm] **(21º)** Contém prólogo e tal como Hamílcar de Garcia parte de uma base pan-lusa. As suas fontes são o DRAE e Mascarenhas Valdez na parte espanhola e, na portuguesa os dicionários de Cândido de Figueiredo e o *Pequeno Dicionário Brasileiro* de Lima e Barroso (1946). Trata-se de um dicionário breve com a informação recolhida pelos dicionários anteriores que têm esse formato.

1966 – *Vocabulário Espanhol-Português* de Gayán Hernanz, Pablo / Gayán Mouta, Gonçalo e Júnior, José Rodríguez (Lisboa, Livraria Luso-Espanhola) [700 págs, 19 cm] **(22º)** Carece de prólogo. Opta pela variante portuguesa.

Ao longo dos anos 60 – *Dicionário espanhol-português; mais de 15.000 americanismos incluídos* de A. Tenorio d’Albuquerque (Belo Horizonte, ed. Itatiaia) **(23º)** Não temos a data exacta já que não há notícias em nenhuma biblioteca desse dicionário na sua primeira edição. Contudo, no prólogo reproduzido na edição de 1991 aparece uma referência clara ao uso da vigésima sexta edição do DRAE (1936) e uma quantidade enorme de notas fazendo referência a artigos ou publicações que datam de entre 1930 e 1958. Veremos o seu conteúdo na edição de 1991. Variante brasileira. Informação breve.

1966 – *Diccionario portugués-español, español-portugués según las normas del acuerdo ortográfico luso-brasileño de 1945 y de la última edición de la Real Academia Española*. A autoria é do português Júlio da Conceição Fernández, que na editora HYMSA de Barcelona iniciou uma colaboração frutífera. [P-E > 878 págs. / E-P > 1.016 págs, 15 cm] **(24º)** Contém um prefácio em que não se indicam as fontes da obra (embora no título mencione a RAE), mas apenas informação acerca do seu uso. Apareceram contínuas reedições até à actual de 2007. O dicionário apresenta sempre o mesmo texto; não houve revisões nem actualizações desde 1966<sup>75</sup>. Em todas as obras aparece o mesmo prefácio, o primeiro, sem nenhuma alteração. Recolhe a informação dos dicionários anteriores, continua presente o DRAE, e repete os mesmos adágios.

1966 – *Diccionario portugués-español, español-portugués / Dicionário português-espanhol, espanhol-portugués* dirigido por David Ortega Cavero<sup>76</sup> (Barcelona, ed. RAMÓN SOPENA) [1.343 págs, 22 cm] **(25º)** O dicionário foi escrito na variante portuguesa e o prólogo nada diz sobre as fontes. Lamenta-se da pouca projecção do português em Espanha e, no geral, enaltece as línguas de ‘Cervantes y Camões’. A obra segue a estrutura do DRAE.

Deste dicionário afirma Ponce de León (2003: 2) numa resenha que fez ao DIBU (*Diccionario bilingüe de uso: español-portugués, portugués-espanhol*, 2003, ARCO):

“[Após falar dos dicionários da Porto Editora de 1951 e 1959 como únicos representantes da lexicografia bilingue hispano-lusa] A panorama tan desolador se añadió en la década pasada la mutilación indiscriminada que sufrió el *Diccionario español-portugués, portugués-español* de David Ortega Cavero, publicado

<sup>75</sup> Temos conhecimento das seguintes edições (com inúmeras reimpressões cada uma delas): 1966 [1ª ed.], 1975 [2ª ed.], 1976 [3ª ed.], 1980 [4ª ed.], 1985 [6ª ed.], 1987 [7ª ed.], 1989 [8ª ed.]. A partir dos anos 90 não se especifica a edição mas o texto é o mesmo: 1990, 1992, 1993, 1995, 1999, 2000 e 2007.

<sup>76</sup> Houve uma reedição em 1973. A partir de 1975, Júlio da Conceição Fernández encarregou-se da obra actualizando-a e fazendo-lhe uma revisão.

por la editorial barcelonesa RAMÓN SOPENA en 1966 y revisado y puesto al día por Júlio da Conceição Fernandes en 1977<sup>77</sup>. A partir de 1990, Sopena dejó, lamentablemente, de editar dicha obra –quizás la más rigurosa de todas sus congéneres– para, en 1996, pasar a publicar, con el título *Mega portugués: portugués-español / espanhol-português*, una inexplicable refundición sin criterio lexicográfico alguno”.

1975 – *Diccionario portugués-español, español-portugués = dicionário português-espanhol, espanhol-português*<sup>78</sup> de David Ortega Caveró. Tem as duas direções, como o de 1966, mas revisto por Júlio da Conceição Fernández (Barcelona, EDITORIAL SOPENA) [1.856 págs, 25 cm] (26º). É o mesmo que o anterior e reproduz o mesmo prólogo. Observa a variante portuguesa. Posteriormente, tal como fará a PORTO EDITORA, a editora RAMÓN SOPENA, publicará os seus dicionários sem especificar o autor. Em todo o caso, consideramos que as obras originais devem ter servido de base para as atualizações e edições posteriores.

1978 – *Vértice: diccionario portugués-español, español-portugués*<sup>79</sup> (Madrid, ed. EVEREST) [524 págs, 13 cm] (27º) Carece de prólogo. Não se mencionam fontes. Observa a variante portuguesa. É o primeiro dos bilingues espanhol-português que publicará esta editora. Trata-se de um glossário que segue a estrutura dos glossários aparecidos neste campo desde Macedo (1869). Na macroestrutura da parte português-espanhol aparece nas primeiras entradas o mesmo erro ortográfico que os dicionários imediatamente anteriores (SOPENA 1966 e 1975).

1979 – *Dicionário português-espanhol, español-portugués* da PORTO EDITORA (Porto) que começou com esta obra a sua coleção de ‘Dicionários Académicos’ (28º). Sem prólogo. Observa a variante portuguesa. Estes “Dicionários Académicos” são de pequeno formato (14 cm.) e afastam-se na sua concepção e disposição da informação da obra original de 1951 e 1957 (2ª edição). Acham-se edições (ou reimpressões) em 1983, 1989, 1990, 1994, 1996, 1997, 1998, 1999, 2000, 2006 e 2008. Veremos uma amostra na edição de 2008 tratada na sua ordem cronológica (50º). A informação é mais concisa e cada vez adquire mais importância um aspecto que é essencial nos dicionários espanhol-português: os *discriminadores semânticos ou de contexto*, sobretudo, para matizar a *frequência de uso*. Este tentará ser, a partir de então, o critério para a seleção dos equivalentes<sup>80</sup>.

<sup>77</sup> A primeira edição do dicionário de Ortega Caveró que reviu Júlio da Conceição Fernández tem data de 1975.

<sup>78</sup> Reeditado em 1975, 1977, 1982, 1985, 1987, 1988 e 1990. Houve reimpressões em 1992, 1994, 1996, 1997 e 1998.

<sup>79</sup> E em 1999 apareceu o *Diccionario Everest vértice portugués-español-español-portugués*, Madrid, EVEREST DE EDICIONES Y DISTRIBUCIÓN, S.L., [2001 18ª impr.]

<sup>80</sup> Este é um ponto muito importante entre as duas línguas que nos ocupam. De entre a variedade possível de dicionários (histórico, de língua, de dúvidas, de uso, etc.) o bilingue ideal no par espanhol-português deveria ser o de uso. Duas são as razões fundamentais dessa afirmação: a) o diferente uso que se faz do léxico comum e b) a especificidade praticada pela língua portuguesa na utilização do léxico.

Faremos uma pesquisa através de alguns dos dicionários mais usados de duas palavras (*fabricación* e *influir*) que nos vão ajudar a demonstrar a situação da lexicografia bilingue espanhol-português e vice-versa, e o pouco rigor com que se tem aplicado o critério do uso específico da língua como ponto principal entre as línguas espanhola e portuguesa.

A palavra *fabricación* tem dois equivalentes portugueses: *fabricação* (industrial) e *fabrico* (caseira, embora cada vez mais seja usada também para a industrial). Nestes dois casos, a segunda palavra é a mais utilizada. Para o espanhol *influir* [ter influência] encontramos em português *influenciar* como equivalente comumente usado (embora também exista *influir*, de escasso uso nesta aceção).

As seguintes frases espanholas com as traduções portuguesas vão esclarecer a questão:

-Galletas de fabricación casera: *Bolachas de fabrico caseiro*.

-La opinión del profesor influye a los alumnos: *A opinião do professor influencia os alunos*.

Veja-se como se especificam essas entradas nos seguintes dicionários:

1983 – *Grande Dicionário Latino-Americano Português-Espanhol* de Ídel Becker (São Paulo, ed. Nobel<sup>81</sup>) [499 págs, 21 cm] (29º) Sem prólogo. Observa a variante brasileira. É um dos poucos dicionários que apenas apresenta a direcção português-espanhol e segue – salvaguardando as óbvias distâncias – a estrutura do DRAE e a do dicionário de C. de Figueiredo a partir da 5ª edição de 1939 e seguintes.

1991 – *Dicionário espanhol-português: mais de 15.000 americanismos incluídos*<sup>82</sup> de A. Tenório D’Albuquerque (Belo Horizonte, ed. Villa Rica) [1.377 págs, 16 cm] (30º) Variante brasileira. Contém prólogo que incide sobre a necessidade de um bom dicionário espanhol-português. As suas fontes são o DRAE, trabalhos sobre linguística hispano-americana assim como vocabulários específicos do espanhol da América e para a parte portuguesa usa vocabulários brasileiros. Corresponde ao 23º publicado por D’Albuquerque com ligeiríssimas modificações.

1992 – *Michaelis: pequeno dicionário espanhol-português, português-espanhol*<sup>83</sup> de Helena B. C. Pereira e Rena Signer (São Paulo, ed. Melhoramentos) [632 págs, 15 cm] (31º) Não apresenta prólogo. Observa a variante brasileira. É um glossário de palavras frequentes.

1994 – *Minidicionário espanhol-português, português-espanhol* de Eugenia Flavian e Gretel Eres Fernandes (São Paulo, ed. Ática) [678 págs, 14,5 cm] (32º) O dicionário apresenta-se sem

— *Diccionario Español-Portugués*, M. Valdez, Lisboa (1864).

**Fabricación.** *f.* Fabricação; acção de fabricar.

**Influir.** *a.* Influir; actuar, causar certos efeitos, uns corpos nos outros. *Influere* – (fig.) influir, concorrer, intervir; exercer influencia moral. *Ad rem conferre.*

— *Dicionário espanhol-português/português-espanhol* da PORTO EDITORA, Porto (1951/1959).

**Fabricación,** *s. f. e ef. de fabricar;* fabricação.

**Influir,** *v. t.* Influir, actuar, causar certos efeitos, uns corpos nos outros; estimular; *fig.* influir, concorrer, cooperar, contribuir para o êxito dum negócio.

— *Vocabulário Espanhol-Português*, [Gayán-Rodrigues], LIVRARIA LUSO-ESPANHOLA, Lisboa (1966).

**Fabricación.** *f.* – fabricação; fabrico.

**Influir.** *tr.* – influir.

— *Dicionário português-español/español-português* [Júlio da Conceição Fernandes], HYMSA, Barcelona (1966)

**Fabricación,** *f. ac.e ef. de fabricar.* / fabricação. **Influir,** *vt.* Influir. / (fig.) concorrer, cooperar.

— *Dicionário geral português-espanhol/español-português* da VOX, Barcelona, 1999. (É o da PORTO EDITORA de 1951/1959).

— *Dicionário espanhol-português/português-espanhol* da PORTO EDITORA (1951/1959. 8ª edição de 2004, a mesma informação).

— *Diccionario bilingüe de uso: español-portugués / portugués-espanhol*, [Moreno-González], ARCO/LIBROS, Madrid (2003).

**Fabricación.**

**Influir 1 intr.** FIG. Influenciar, ter influência. **2**

Não consta.

Influir, influenciar, refletir.

— *CIMA, Dicionário español - portugués / portugués-espanhol*, EVEREST, León (2005).

**Fabricación** *s.f.* fabrico.

**Influir** *v.tr.* **1.** influir. **2.** (moralmente) influir. / *v.int.*

**3.** (moralmente) influenciar.

Como se vê, não existe um dicionário ideal. Por defeito é uma obra velha já no mesmo momento da sua publicação, mas isso não justifica que durante anos se mantivessem inalteradas muitas das soluções oferecidas que mudaram com o passar do tempo, ou o que ainda é pior, que nunca funcionaram ou que já não funcionavam na altura em que foi publicado o compêndio lexicográfico.

<sup>81</sup> Neste ponto temos de referir o *Diccionario español-portugués, português-español / espanhol-português, português-espanhol*, de Ídel Becker. Foi publicada uma primeira impressão deste dicionário no México pela editora NORIEGA. Na página de créditos lê-se que corresponde à décima segunda edição publicada no Brasil. Desconhecemos a primeira edição no Brasil desta obra, a publicada no México, porém, responde, a parte espanhol-português ao *Grande Dicionário Latino-Americano Português-Espanhol* de 1983 → (29º) e, a parte português-espanhol ao *Dicionário popular espanhol-português* de 1951 → (14º). Parece ser que procede de uma edição anterior do mesmo dicionário publicado em Belo Horizonte (Ed. ITATIAIA) em 1970, obra de consulta impossível.

<sup>82</sup> No Rio de Janeiro, em 2001 publicou-se o mesmo dicionário com diferente tipografia; *Dicionário espanhol-português: mais de 15.000 americanismos incluídos* (Livraria GARNIER) [1.230 págs, 28 cm]

<sup>83</sup> Em 1992 publicou-se em Buenos Aires pela LAROUSSE ARGENTINA o *Larousse: español-portugués, português-espanhol*. É a mesma obra brasileira → (31º).

prólogo<sup>84</sup>. Observa a variante brasileira. Na microestrutura quase não utiliza discriminadores semânticos, são supridos com uma infinidade de exemplos de uso. Embora a informação continue a ser a essencial de obras passadas, a disposição é nova usando muitos sinais tipográficos que facilitam a leitura.

1995 – *Diccionario português-espanhol, español-portugués* de Ángeles Martín e Weissman Waltraud<sup>85</sup> (Barcelona, ed. Juventud) [524 págs, 19 cm] **(33º)** O prólogo, de apenas uma página, carece de interesse. Observa a variante brasileira. Trata-se de um glossário onde se oferecem os diferentes equivalentes (quando há mais de um) como se fossem sinónimos absolutos. Não há discriminadores de contexto.

1996 – *Mega português, português-español, espanhol-portugués*<sup>86</sup> (Barcelona, SOPENA) [847 págs, 24 cm] **(34º)** Apresenta o prólogo, um pouco refundido, do dicionário de 1966 → **(25º)** e 1975 → **(26º)**. Tem menos entradas.

A seguir, falaremos de duas editoras espanholas que publicaram os seus dicionários bilingues espanhol-português em data muito recente, a GRIJALBO-MONDADORI e a (LAROUSSE)-VOX.

1998 – *Diccionario Collins gem español-portugués, português-español*<sup>87</sup> (Barcelona, GRIJALBO-MONDADORI) [623 págs, 11 cm] **(35º)**. Contém um prólogo sem interesse, não indica fontes e está escrito na variante brasileira embora indique as soluções portuguesas peninsulares. É já uma obra moderna onde os discriminadores desempenham um papel muito importante. Também é importante a frequência de uso e dispõe a informação assinalando as soluções brasileiras e do espanhol da América.

1999 – *Diccionario geral português-espanhol, espanhol-portugués / Diccionario general español-portugués, português-español*<sup>88</sup> [1.332/1.068 págs, 22 cm] **(36º)** (Barcelona, LAROUSSE na marca VOX). Como foi dito anteriormente, o primeiro dicionário bilingue espanhol-português da VOX é o da PORTO EDITORA de 1957 (2ª edição) na parte espanhola; na parte portuguesa corresponde-se exactamente com o da PORTO EDITORA de 1959 (1ª edição). A obra genérica, o ‘geral’ 1999, é uma reimpressão *ipsis verbis* da edição da PORTO EDITORA de 1957 □ **(17º)** (e seguintes). Comprou os direitos do dicionário para o comercializar directamente em Espanha. Inclui os prólogos assinados por Julio Martínez Almoyna em 1951 □ **(13º)** e em 1959 □ **(18º)**. Não existe nenhuma nota ou advertência da editora VOX.

1999 – *Diccionario espanhol-portugués, volume 1 = Diccionario español-portugués, volume 1* (São Paulo, ed. JSN). No ano seguinte apareceu a mesma obra mas com o português como língua de entrada: *Diccionario português-espanhol, volume 2 = Diccionario português-español, volume 2*. [312/356 págs, 23 cm] **(37º)** Observa a variante brasileira.

<sup>84</sup> Em 1996 saiu da imprensa a 3ª edição.

<sup>85</sup> Em 1999 apareceu a 7ª edição.

<sup>86</sup> Foi reeditado em 1998, 2000 e 2003.

-No ano 2001 publicou-se o *Português; iter 2000: diccionario português-español, espanhol-portugués*, da editora SOPENA (Barcelona) [892 págs, 20 cm]

<sup>87</sup> Do mesmo ano é o *Diccionario Collins pocket español-portugués, português-espanhol* [434 págs, 18 cm], versão bolso do *Gem*.

<sup>88</sup> Existem reedições em 2000, 2002, 2003, 2006 e 2007.

Apesar de tudo, cabe dizer que o primeiro dicionário publicado pela VOX foi o *Micro Vox diccionario español-portugués, português-espanhol* [751 págs, 11 cm] em Barcelona em 1997. (É o dicionário *mini* da PORTO EDITORA). Em 1999 publicou-se o *Diccionario essencial português-espanhol, diccionario esencial español-portugués*. [923 págs, 18 cm], versão reduzida do *geral*. Em 2008 apareceu em Barcelona o *Diccionario bilingüe Manual Português-Espanhol / Español-Portugués Vox* da editora Larousse. É uma nova colecção que inicia a editora, os dicionários *Manuales*. [655 págs, 19,5 cm]. O dicionário é uma réplica exacta do *Diccionario português-espanhol / español-portugués; Dicionários Académicos* da PORTO EDITORA, publicado em 2006 no Porto → **(51)** (Nova edição. Dicionários Académicos). A editora espanhola, tal como já se disse, comprou os direitos à portuguesa.

2000 – *Dicionário português-espanhol, espanhol-português* de Ciro Mioranza (São Paulo, Ed. ESCALA). [144 págs, 14cm] **(38)** Observa a variante brasileira<sup>89</sup>.

2000 – *Minidicionário Saraiva: espanhol-português, português-espanhol* da editora SARAIVA (São Paulo). Observa a variante portuguesa [315 págs, 16 cm] **(39°)**. Não tem prólogo, mas adiciona umas páginas em que se explica a estrutura do dicionário. Continua a tónica dos precedentes, sem ser tão exaustivo nos discriminadores de contexto, nem nos exemplos. Em alguns casos oferece definições em vez de equivalentes.

2000 – *Dicionário espanhol-português português-espanhol* (Lisboa, ed. PRESENÇA). Observa a variante portuguesa [564 págs, 20 cm] **(40°)** Contém prólogo sem interesse lexicográfico. Não indica fontes.

2000 – *Diccionario español-portugués, portugués-español* (Alcobendas, Madrid, ed. ÁGATA) [445 págs, 19 cm] **(41°)** Não apresenta prólogo nem especificações para o uso da obra. Está escrito na variante brasileira. Trata-se de um glossário sem discriminadores semânticos.

2000 – *Dicionário Larousse Ática avançado: espanhol-português, português-espanhol* (Rio de Janeiro, ed. ÁTICA) [407 págs, 27 cm] **(42°)** Observa a variante brasileira. Não indica fontes. Apresenta uma estrutura muito parecida com o da editora PRESENÇA de 2000; oferece, não obstante, mais informação, incluindo abreviaturas como entradas, um recurso típico dos primeiros dicionários do século XIX.

2001 – *Gran Diccionario Espasa español-portugués/portugués-español*<sup>90</sup> (Madrid, ESPASA-CALPE) [1.296 págs, 25 cm] **(43°)** Editaram-se diferentes versões. Contém uma pauta de consulta. Observa a variante brasileira. A obra atende a frequência de uso e apresenta discriminadores de contexto.

2002 – *Grande Biblioteca Multilingue* da PORTO EDITORA (Matosinhos, Porto) [302 págs, 22 cm] **(44°)** Trata-se de uma enciclopédia de treze volumes. Nos dois últimos introduziu um glossário espanhol-português e português-espanhol. Contém informação mínima. Não oferece prólogo. Observa a variante portuguesa.

2002 – *Everest Vértice. Diccionario español-portugués/portugués-español*<sup>91</sup> (León, ed. EVEREST) [762 págs, 14 cm] **(45°)** Contém uma introdução. Observa a variante portuguesa. Esta obra aplica com mais rigor os discriminadores semânticos, mas em alguns casos ainda se vê que não tem em conta o factor da frequência de uso quando dispõe as acepções de uma palavra.

2003 – *Diccionario Bilingüe de Uso: español-portugués/portugués-español* [DIBU]<sup>92</sup> de Francisco Moreno e Neide Maia González (Madrid, ed. ARCO/LIBROS), 2 volumes. [891/1.290 págs, 25 cm] **(46°)** Contém prólogo e quando se refere à língua portuguesa considera apenas o Brasil. Não menciona fontes. Observa a variante brasileira. O dicionário, ao ser de uso oferece muita informação com sinais gráficos que são chamadas de atenção. Com um leatório menor do que as obras precedentes, apresenta muita informação gramatical, mas não tem discriminadores

<sup>89</sup> Não podemos dizer mais nada destes dois dicionários (37 e 38) uma vez que devido a problemas pelos direitos de autor, as bibliotecas brasileiras não nos facilitaram a consulta; não se encontram na Península exemplares destas obras, pelo menos catalogados.

<sup>90</sup> Também em 2001 a editora ESPASA-CALPE publicou o *Diccionario Pocket, español-portugués/portugués-español* em Madrid. [872 págs, 17 cm]. É uma versão reduzida do *Gran Diccionario*. No mesmo ano também publicou o *Diccionario Espasa mini español-portugués/portugués-español* em Madrid. [616 págs, 14 cm] Versão de bolso do *Gran diccionario*.

<sup>91</sup> Em 2003 publicou-se em León o *Everest Vértice Brasil, Diccionario español-portugués / Dicionário português-espanhol*. [766 págs, 14 cm]. Trata-se do *Everest Vértice* de 2002 adequando a fonética à pronúncia brasileira do português e o *Everest Punto (Brasil), Diccionario español-portugués / Dicionário português-espanhol*. [511 págs, 11 cm]. É a versão micro do dicionário anterior. Em 2005 apareceu o *Cima. Diccionario Español-Portugués/Portugués-Espanhol*. Trata-se de uma ampliação do *Vértice* do ano 2002. [926 págs, 20 cm]

<sup>92</sup> Em 2006 publicou-se o *Diccionario esencial español-portugués / português-espanhol*, Francisco Moreno e Neide González, Madrid, ARCO LIBROS. [852 págs, 22 cm]. É uma versão reduzida do aparecido em 2003.

semânticos ou de contexto, que supre com exemplos. A frequência de uso está presente, mas não em todos os casos.

2003 – *Océano Compact Español-Portugués/Portugués-Español*<sup>93</sup> (Barcelona, ed. OCÉANO) [1.216 págs, 19 cm] **(47º)** O prólogo aborda o tema do desenvolvimento cultural entre os países de fala espanhola e portuguesa. Não indica fontes. Observa a variante brasileira. Trata-se de um glossário, mas dá mais informação do que seria de esperar neste tipo de obras.

2004 – *Anaya bilingüe español portugués, portugués español: [Glossário básico principiantes]* da ed. ANAYA (Madrid) [431 págs, 21 cm] **(48º)** Observa a variante portuguesa. Não indica fontes. Numa *Introducción* diz-se que “Este livro está pensado para um público com pouco ou nenhum conhecimento de espanhol, para principiantes, sejam escolares ou não, sejam adolescentes ou adultos”. É um glossário, mas com um exemplo de uso em cada entrada.

2004 – *Diccionario Universal Compacto Portugués-Espanhol* da TEXTO EDITORA (Lisboa) [1.061 págs, 24 cm] **(49º)** Observa a variante brasileira. Não contém prólogo. Este dicionário apresenta a estrutura de um glossário, dando mais informação em algumas entradas onde a acumulação de informação é tradicional.

2006 – *Diccionario Universal Integral Espanhol-Portugués, Portugués-Espanhol* (Lisboa, TEXTO EDITORA) [E-P 1.061 / P-E 1.011 págs, 24 cm] **(50º)** Carece de prólogo. Observa a variante portuguesa. É um glossário que apresenta a mesma estrutura que os anteriores dicionários comentados como glossários ou vocabulários com muitas menos entradas do que os restantes.

2006 – *Diccionario Avanzado Larousse Español-Portugués, Portugués-Español* (São Paulo, Edições LAROUSSE DO BRASIL) [655 págs, 23 cm] **(51º)** Observa a variante brasileira. Contém uma “apresentação” sem especificar fontes lexicográficas. Este dicionário aplica com rigor os discriminadores semânticos e no leamário incluem-se muitas siglas modernas e vozes novas.

E recentemente publicaram-se actualizações das obras da PORTO EDITORA.

2008 – *Diccionario portugués-espanhol / español-portugués; Diccionários académicos* da PORTO EDITORA (Porto). Nova edição. [749/767 págs, 14 cm] **(52º)** Sem prólogo. Observa a variante portuguesa. O dicionário corresponde à edição actualizada da obra de 1979 (27º); os discriminadores semânticos são a sua inovação principal.

2008 – *Diccionario Espanhol-Portugués* nos ‘Diccionários Editora’. Na capa pode ler-se “Edição 2009 melhorada” [1.376 págs, 25,3 cm] **(53º)** Observa a variante portuguesa. Pela primeira vez desde 1951, não aparecem os prólogos da 1ª e 2ª edições como era costume, já que se trata de uma versão totalmente renovada da obra de Julio Martínez Almoyna. O coordenador foi Álvaro Iriarte Sanromán. Ao contrário das obras anteriores, o dicionário é

“resultado de anos de investigação e de um profundo trabalho lexicográfico e obedecendo a uma preocupação de rigor e modernização, esta obra pretende reflectir com clareza o estado actual da língua espanhola e a sua correspondência em língua portuguesa”.

Todos os princípios metalexográficos foram aplicados com o maior rigor, sendo os pontos fortes o discriminador semântico e a frequência de uso.

2010 – *Diccionario Vox Esencial Portugués-Espanhol/Español-Portugués* [742 págs, 17,5 cm] **(54º)** da ed. LAROUSSE (Barcelona), redigido a partir de critérios estabelecidos pela editora, com a consultoria de Ignacio Vázquez. Existe também uma versão designada *mini*. É o primeiro dicionário que aplica o ‘Acordo ortográfico’ que entrou em vigor em 2008.

<sup>93</sup> Em 2004 publicou o *Océano Pocket Español-Portugués, Portugués-Espanhol* da editora OCÉANO em Barcelona. [832 págs, 16 cm]. Versão reduzida do *Compact*. Também o *Océano Básico Español-Portugués, Portugués-Espanhol* da editora OCÉANO em Barcelona. [640 págs, 11 cm]. Versão de bolso do anterior. E ainda no mesmo ano publicou-se o *Sánchez-Moraes Portugués-Espanhol, Español-Portugués (Océano)* em Barcelona [1.024 págs, 26 cm]. É uma reimpressão com tipografia e tamanho diferente do *Compact* aparecido em 2003.

2010 – *Dicionário Académico Espanhol-Português/Português-Espanhol* [1.360 págs, 15 cm] **(55°)** na colecção ‘Dicionários Académicos’; *Dicionário Mini Espanhol-Português/Português-Espanhol* [496 págs, 10,5 cm] **(56°)** na colecção ‘Mini’; *Dicionário Escolar Espanhol-Português/Português-Espanhol* [736 págs, 18,5 cm] **(57°)**, o primeiro de uma nova série; *Dicionário Moderno Espanhol-Português/Português-Espanhol* [1.040 págs, 18,5 cm] **(58°)**. Todos eles da PORTO EDITORA (Porto), redigidos segundo o ‘Acordo ortográfico’. São obras modernizadas e marcam os contextos semânticos segundo a frequência de uso.

## 5. Conclusões

Sobre as 58 obras publicadas, atendendo à questão ortográfica, observa-se que de 1864 a 1900 se publicaram 5 dicionários em Portugal (um deles também em França); de 1900 a 1943 publicaram-se 3 dicionários, 1 em Portugal e 2 no Brasil (um deles também em França), e de 1943 à actualidade foram publicados 50 dicionários, 17 em Portugal, 15 no Brasil, 1 na Argentina e 17 em Espanha.

Os do primeiro e segundo grupos utilizaram a ortografia portuguesa correspondente ao período anterior ao “Acordo ortográfico” de 1943. Os do terceiro grupo apresentam a seguinte distribuição: 13 portugueses foram escritos na variante portuguesa e 4 segundo o novo acordo, os 15 brasileiros na variante brasileira, o dicionário argentino mistura ambas as variantes e, dos 17 espanhóis, 9 oferecem a variante portuguesa, 6 a brasileira, 1 mistura as duas e 1 é conforme ao novo acordo. No caso espanhol, os dicionários mais recentes anteriores ao ‘Acordo’ apresentam todos a variante brasileira da norma.

Em números totais, há 1 dicionário na Argentina (bidireccional), 17 em Espanha (bidireccionais), 24 em Portugal (6 monodireccionais espanhol-português, 3 monodireccionais português-espanhol e 15 bidireccionais) e 16 no Brasil (7 monodireccionais espanhol-português, 2 monodireccionais português-espanhol e 7 bidireccionais). Ainda faremos outra divisão consoante o tipo de obra: os que são propriamente dicionários (D.) e os que apresentam a estrutura de um léxico (L.), vocabulário ou glossário (V.).

<b>Portugal (24)</b> <b>[6-EP, 3-PE, 11-EP/PE]</b>	<b>Brasil (16)</b> <b>[7-EP, 2-PE, 7-EP/PE]</b>	<b>Espanha (16) [17-EP/PE]</b> <b>Argentina (1) [1-EP/PE]</b>
1º M. Valdez 1864 (E-P) D. 2º Macedo 1869-70 (E-P/P-E) L./V. 3º Figaniere 1879-80 (E-P/P-E) D. 4º Wildik 1897 (E-P/P-E) L./V. 5º Marques/Monsó 1897-1900 (E-P/P-E) D. 6º Mesquita 1904 (E-P/P-E) L./V. 7º Coelho 1911 (P-E) D.	8º Hamílcar 1943 (E-P) D. 9º Becker 1945 (E-P) D.	
12º Calarrão 1947 (P-E) L./V. 13º Porto Editora 1951 (E-P) L./V.	11º Hamílcar 1947 (P-E/E-P) D.	10º Sopena Argentina 1946 (E-P/P-E) L./V.
16º Coelho 1955 (E-P) L./V. 17º Porto Editora 1957 (E-P) D.	14º Becker 1951 (E-P) D. 15º Hamílcar 1955 (5ª ed. 1943) (E-P) D.	

18° Porto Editora 1959 (P-E) D.		19° Pensado 1960 (E-P/P-E) L./V. 20° Viqueira 1961 (E-P/P-E) D.
22° Gayán 1966 (E-P) L./V.	21° Florenzano 1963 (E-P) L./V. 23° D'Albuquerque Años 60 (E-P) D.	24° Hymza Ed. 1966 (E-P/P-E) D. 25° Sopena 1966 (E-P/P-E) D. 26° Sopena 1975 >25° (E-P/P-E) D. 27° Everest (Vértice) 1978 (E-P/P-E) L./V.
28° Porto Editora 1979 >50° (E-P/P-E) D.	29° Becker 1983 (P-E) D. 30° D'Albuquerque 1991 (E-P) D. 31° Pereira 1992 (E-P/P-E) L./V. 32° Flavian 1994 (E-P/P-E) D.	33° Ed. Juventud 1995 (E-P/P-E) L./V. 34° Sopena 1996 (E-P/P-E) D. 35° Grijalbo-Mondadori 1998 (E-P/P-E) D. 36° Vox 1999 >18° (E-P/P-E) D.
40° Presença 2000 (E-P/P-E) D.	37° JSN 1999-2000 (E-P/P-E) D. 38° Mioranza 2000 (E-P/P-E) D. 39° Saraiva 2000 (E-P/P-E) D.	41° Ágata 2000 (E-P/P-E) L./V. 43° Espasa-Calpe 2001 (E-P/P-E) D.
44° Porto Editora 2002 (E-P/P-E) L./V.	42° Ática 2000 (E-P/P-E) D.	45° Everest (Vértice) 2002 (E-P/P-E) D. 46° Arco-Libros 2003 (E-P/P-E) D. 47° Océano 2003 (E-P D./P-E) L./V.) 48° Anaya 2004 (E-P/P-E) L./V.
49° Texto 2004 (E-P/P-E) L./V. 50° Texto 2006 (E-P/P-E) L./V.	51° Larousse do Brasil 2006 (E-P/P-E) D.	54° Larousse-vox 2010 (E-P/P-E) D.
52° Porto Editora 2008 (E-P/P-E) D. 53° Porto Editora 2008 (E-P) D.		
55° Porto Editora 2010 (E-P/P-E) D. 56° Porto Editora 2010 (E-P/P-E) D. 57° Porto Editora 2010 (E-P/P-E) D. 58° Porto Editora 2010 (E-P/P-E) D.		

Na direcção espanhol-português vemos que há 36 dicionários e 17 léxicos, vocabulários ou glossários.

Quanto aos dicionários, vemos que há continuidade de Valdez (1864) [1] a Figaniere (1879) [3]. Também com a obra seguinte, o dicionário de Marques/Monsó (1897) [5], embora reduzindo a informação.

A obra de Hamílcar (1943) [8] apresenta continuidade, mas rejeita de Valdez as entradas não contempladas pela RAE<sup>94</sup>. Os dicionários seguintes, até aos anos 80 do século XX, apresentam claramente a estrutura do DRAE, basicamente a posterior a 1925 e 1936, como se vê no dicionário de Becker (1945) [9]. E assim, continuam com essa estrutura os dicionários de Becker (1951) [14], Hamílcar (1955) [15], PORTO EDITORA (1957) [17], Viqueira (1961) [20], D'Albuquerque (anos 60) [23], HYMSA (1966) [24], SOPENA (1966) [25] e SOPENA (1975) [26], com pequenas particularidades distintas.

Os restantes dicionários até hoje são formal e estruturalmente diferentes. Apresentam uma estrutura informatizada e tentando observar (sem sucesso, em muitos casos) o critério da frequência de uso e a especificação semântica como base para a redacção da obra. Todavia, a informação do dicionário da 'Real Academia Española' está presente. Neste grupo estão desde o dicionário da PORTO EDITORA de 1979 [28] até ao mais actual da mesma editora de 2010 [58].

No que diz respeito àquelas obras que foram classificadas como léxicos, glossários ou vocabulários, apresentam a informação fundamental do DRAE e de Valdez em pequeno formato.

Na direcção português-espanhol há 31 dicionários e 15 glossários, vocabulários ou léxicos. Seguem também a estrutura básica do DRAE (e de Valdez); no leamário sobressai o *Diccionario da Lingua Portuguesa* de Roquete/Fonseca (1848) e a partir de Marques/Monsó (1897) [5] o *Diccionario contemporaneo da lingua portuguesa* de Caldas Aulete (1881) e o *Novo dictionario da lingua portuguesa* de Cândido de Figueiredo (1899), que persistem até aos anos 80 do século XX.

A partir da obra de Pereira (1992) [31] a formalização é diferente dos dicionários anteriores e tem continuidade até ao presente (com as particularidades próprias de cada editora). Perde-se a estrutura do DRAE (não a informação básica). Tal como já se afirmou sobre a parte espanhol-português, a organização da informação é informatizada e privilegia-se o critério da frequência de uso e da especificação semântica como base para a elaboração da obra. Neste grupo estão desde o dicionário da PORTO EDITORA de 1979 [28] até à obra de 2010 [58].

Os léxicos, glossários ou vocabulários apresentam a informação fundamental do DRAE, de Caldas Aulete e Cândido de Figueiredo.

A suposição (muito divulgada) da aparente proximidade entre espanhol e português resulta em falsos preconceitos. Exceptuando os dicionários aparecidos nos últimos tempos, em que a tendência se dirige para a frequência de uso do léxico, as obras anteriores são claramente dicionários históricos: recolhem o léxico consoante a antiguidade no idioma e não segundo a sua utilização. Aliás, os dicionários espanhol-português (já bem entrado o século XX) partem dos espanhóis feitos pela *Real Academia Española* e daí resultam traduções quase literais para a língua portuguesa, sem as adequações imprescindíveis. Contudo, os dicionários aparecidos a partir dos anos 80 do século XX têm em conta esta particularidade como ponto principal na sua planificação e redacção, facto que permite caracterizar a lexicografia bilingue espanhol-português como uma lexicografia actual e com perspectivas de uma modernização contínua.

<sup>94</sup> São alguns exemplos: *aa*, *aabam*, *aam*, *ab*, *aba* (1 e 3), *abab* e *abaca*. Salvo *abab* e *abaca*, as restantes não se registam hoje. *Abab* regista-se pela primeira vez em 1884, desaparece em 1925 e volta a recuperar-se em 1950. *Abaca* ocorre em 1869.

## Para una historia contrastiva de la lexicografía portuguesa y española: el español en los diccionarios trilingües portugueses del siglo XVII

*Amparo Ricós Vidal (Universitat de València - España)*

1. En la segunda mitad del siglo XVI irrumpen las figuras esenciales de la lexicografía lusa. Sin embargo, a diferencia de otras lexicografías, como la española, la portuguesa no se caracterizó por la producción de diccionarios bilingües entre lenguas europeas, debido a que los intereses comerciales con África, Asia y Brasil motivaron la elaboración de vocabularios y gramáticas entre el portugués y las lenguas con las que entraba en contacto, así como por la importancia que tuvo el latín como lengua de cultura en Portugal. En este panorama, y determinada por el contexto político y cultural, destaca con mayor motivo la publicación en el primer tercio del siglo XVII de una serie de vocabularios plurilingües, basados en el *Calepino*, que, aun dedicados a la enseñanza del latín, incorporan el portugués y el español. Son los diccionarios de Amaro de Roboredo y del padre Bento Pereira.

1.1. Amaro de Roboredo desempeñó un papel importante en el desarrollo de la gramática portuguesa, en especial en la formación de nuevos tipos de gramática y en la descripción lingüística de índole universal, pero también destacó en el campo de la lexicografía lusa (Kossarik, 2002). Su segundo libro fue *Raízes da Língua Latina*<sup>95</sup>, un diccionario latino-portugués-español, que, dada su formación lingüística, hace preceder de un tratado dedicado a los problemas de formación de las palabras latinas y a los cambios que tienen lugar en los procesos de derivación. De hecho, la organización de la entrada del diccionario muestra una atención especial a la formación de las palabras y a la congruencia léxica<sup>96</sup>. El siguiente libro de Roboredo es *Porta de Línguas*<sup>97</sup>, colección de microtextos paralelos en latín, portugués y

<sup>95</sup> *Raízes de língua latina mostradas em hum tratado, e dicionario: Isto he, hum compendio do Calepino com a composição, e derivação das palavras, com a ortografia, quantidade, e frase dellas*. Per Amaro de Roboredo, Portugues. Em Lisboa, Na officina de Pedro Craesbeeck, Impressor del Rei Anno 1621.

<sup>96</sup> Para mostrar as raízes da língua latina, as quaes não são outra cousa mais que as palavras simples, e primitivas, pus antes da simple as particulas componentes, e despois da primitiva, as palavras derivadas, nesta forma. Ad-De-Per-Red- AMO, isto he, Adamo, Deamo, Peramo, Redamo. [...] Porque seria enfastiada, e superflua a interpretação de muitas vozes, que facilissimamente se collige. (Roboredo, 1621: 1)

<sup>97</sup> *Porta de línguas ou modo muito accommodado para as entender publicado primeiro com a tradução Espanhola. AGORA ACRESCENTADA a Portuguesa com numeros interliniaes, pelos quaes possa entender sem mestre estas línguas o que as não sabe, com as raízes da Latina mostradas em hum compendio do Calepino, ou por melhor do Tesouro, para os que a querem aprender, e ensinar brevemente, e para os estrangeiros que desejão a Portuguesa e Espanhola*. Autor Amaro de Roboredo Português. AO ILLVSTRISS. S. D. Francisco de Castelbranco Conde de Sabugal. Da officina de Pedro Craesbeeck impressor del Rei, Anno de 1623.

español, precedidos de tratados de cariz lingüístico (Kossarick, 2002: 12-13; Almeida, 1969a)<sup>98</sup>. Este libro incluye también las *Raiões da Língua Latina*<sup>99</sup>, con un total de 22 416 palabras<sup>100</sup>.

**1.2.** El Padre Bento Pereira publicó una variada y abundante obra lexicográfica, que incluye, además de los diccionarios, una serie de prontuarios especializados sobre teología, ciencias y política, una gramática y una ortografía de la lengua portuguesa.

La primera versión de la *Prosodia*<sup>101</sup>, la versión de 1634, presenta en su estructura y en su nomenclatura una presunción de grandeza, de acumulación al estilo barroco (Verdelho, 1993: 779) De hecho, en esta obra se contiene, además del *Calepino* y el *Tesouro*, un vocabulario triple de voces eclesiásticas, jurídicas y del dominio de la medicina, como informa el propio autor en la primera página. De esta manera, la primera versión de la *Prosodia* contiene unas 40.000 palabras. Este número fue aumentando en las siguientes ediciones, al tiempo que iba retirando de la nomenclatura las formas hápax y los barbarismos, mejoraba las informaciones sobre los nombres propios y alargaba las glosas. En el año 1697, la nomenclatura de la *Prosodia* se fijó en 82 300 entradas (Almeida, 1967a: 11; Verdelho, 1993: 783).

**2.** Aunque las fuentes empleadas por los autores y los motivos que los llevaron a componer las obras son similares, es decir, facilitar una herramienta para la enseñanza del latín, la técnica lexicográfica es distinta y este hecho afecta a la nomenclatura, a la organización de las entradas y a la presencia de hispanismos.

Por un lado, difieren ambos autores en la cantidad de hispanismos registrados. En el título de la obra, Bento Pereira anuncia un vocabulario trilingüe; sin embargo, solo en algunas ocasiones, los lemas van seguidos de las formas españolas, que aparecen en la versión del *Calepino* que utilizó como fuente. A partir de la 6ª edición de 1661, se sustituye en el título el

Las citas están extraídas de esta segunda obra.

<sup>98</sup> Este trabajo de Roboredo es una versión de *Ianua Linguarum* del año 1611 pero se distingue de esta y de las realizadas en España y en Inglaterra porque contienen en la parte introductoria del libro dos textos originales en los que el filólogo portugués analiza varios problemas de la enseñanza de la lengua extranjera, cuestiones de traducción, de morfología, de sintaxis y de lexicología y expone algunas diferencias entre el portugués, el latín y el castellano. Además, Roboredo añade a las frases comentarios gramaticales que no se encuentran en la fuente; estos comentarios van acompañados, en comparación con el *Methodo Gramatical para Todas as Linguas*, de indicaciones sobre las regencias verbales y los géneros de los nombres. No se trata, por tanto, de una simple traducción de *Ianua Linguarum*, sino de una aplicación, por parte de Roboredo, de algunos principios de la filología de la época a la lengua portuguesa (Kossarick, 2002).

<sup>99</sup> Com razão logo pede a obra, que por ser per outro inventada, e per mim acrescentada, ficou dobrada, dobrado patrocínio [...] lhe ajuntei as raízes da lingua Latina paraque se aprenda mais brevemente: porq. muitos a desejo, mas a difficuldade com que em nossos tempos se ensina, todos a aborrecem. (Roboredo, 1623: Prólogo, 16-18).

<sup>100</sup> Para compor pois esta primeira parte de vocabulario, que aquí offereço, trouxe a juizo cada palavra do Calepino e as ponderei, e contei. Porque nas sentenças se conteem 5202, das quaes se colligem outras 17214. E todas fazem somma de 22 416, que este vocabulario comprehende, como no fim delle se pode ver. Algũas compostas das que se colligem se repetem; mas muitas mais derivadas das compostas que sòmente toquei deixei para a segunda parte, e tambem os Participios dos Verbos, cuja derivação se ensina na Grammatica. A interpretação Espanhola ajuntei sòmente aas palavras que se conteem no contexto das sentenças, no qual foram tambem interpretadas. Assi que torno a dar aos Espanhoes a sua Ianua emendada, e acrescentada. E com cuidado tirei a muitas palavras a interpretação Espanhola, paraque se advertisse que nella concordava com a Portuguesa. (Roboredo, 1623: 47-53)

<sup>101</sup> *Prosodia in Vocabularium Trilingue, Latinum, Lusitanicum, & Hispanicum digesta, in qua dictionum significatio, et sylabarum quantitas expenditur.* Authore Benedicto Pereyra. Eborae, Apud Emmanuelem Carualho Academiae Typographum (licença de 1633), por Bento Pereira, 1634.

adjetivo *Hispanicum* por *Castellanicum*, y en la edición de 1697, la lengua española desaparece, se insertan 24.000 voces latinas y la obra se titula *Prosodia en vocabularium bilingue latinum et lusitanicum digesta*. (Vázquez, 2006: 60 nota 23) (Verdelho, 1993: 783; Vázquez, 2006: 61), probablemente por causas políticas (Almeida, 1967a: 8). Telmo Verdelho (1993: 783) contabiliza un 20% de palabras que incorporan la interpretación castellana. Sin embargo, el porcentaje depende de la categoría gramatical, pues en un trabajo previo sobre los adverbios (Ricós, 2009) se puede comprobar que este porcentaje disminuye a un 8'31%, ya que del total de 986 adverbios tan solo 82 están traducidos.

Por el contrario, y a pesar de haber señalado en el *Prólogo* de *Raizes* y en la *Advertência ao leitor* que había retirado un gran número de formas castellanas dado que coincidían en la pronunciación y en la acepción con las portuguesas<sup>102</sup>, Amaro de Roboredo es mucho más constante en la presencia de los hispanismos dado que incorpora las palabras españolas que se registran en las frases<sup>103</sup>. Incluso en la práctica contradice en numerosas ocasiones lo enunciado en el *Prólogo*, como se puede observar en el ejemplo siguiente:

[1] ĘQUIDEM

AR: adv. 1302 *Ego quidem. Certamente, em verdade, verdadeiramente. Hisp. Certamēte, en uerdade, uerdaderamente. Pela maior parte se ajunta com as primeiras pessoas.*

BP: *Em verdade.* En verdad.

De las 22 416 palabras de que consta la versión de 1623, 3718 van acompañadas de la traducción al español, un total de 16'58%. No obstante, este porcentaje puede desvirtuar la realidad si tenemos en cuenta dos hechos: por un lado, Roboredo incorpora los derivados dentro del artículo y no como nueva entrada, por lo que normalmente ofrece solo la acepción de la palabra simple al colegirse el significado de la derivada. Así, en lo que atañe a los adverbios (Ricós, 2009) se extrajeron 330, tras excluir los derivados o compuestos que no se encuentran traducidos o interpretados pero sí contabilizados en la nomenclatura, de los cuales, 138 presentaban la forma hispánica, un 41'81 %.

Por otro, el número de hispanismos depende también de la categoría gramatical. De las 3718 palabras traducidas al español, salvo error, 2049 son sustantivos, 1010 pertenecen a la categoría verbo, 457 son adjetivos, 14 se clasifican dentro del grupo pronombre, 32 son conjunciones y 18 son preposiciones, además de los 138 adverbios mencionados.

**3.** Otro aspecto por el que se distinguen ambos autores y que repercute en la presencia de palabras en español es la técnica empleada en la microestructura del artículo.

Bento Pereira incorpora como entradas distintas las palabras simples de las derivadas, aunque estas últimas se encuentren como subentrada dentro de la palabra simple y tipográficamente marcadas con letra cursiva en tamaño más reducido, a imitación del *Calepino*. El lema va seguido de la acepción o acepciones portuguesas y a continuación la forma española en letra redonda y expandida, sin ningún tipo de abreviatura. En ocasiones añade

<sup>102</sup> A interpretação he dobrada, Portuguesa e Castelhana; e faltando a Castelhana, sabe que a mesma palavra sem nenhũa differença he Portuguesa e Casstelhana ao menos em quanto aas letras, e significação, posto que a pronuciação seja diversa; como Estrella, Donzella, Coolar, Ajudar, etc. Alem disso, em muitas palavras, que não estão expressamente nas sentenças, acrescentei mais significados para os Portugueses, que para os Castelhanos; porque estes as tomarão facilmente daquelles, pera os quaes principalmente se ordena a obra (Roboredo, 1621: 4)

<sup>103</sup> A interpretação Espanhola ajuntei sómente aas palavras que se conteem no contexto das sentenças, no qual foram também interpretadas. Assi que torno a dar aos Espanhoes a sua Ianua emendada, e acrescentada. E com cuidado tirei a muitas palavras a interpretação Espanhola, paraque se advertisse que nella concordava com a Portuguesa. (Roboredo, 1623: 47-53)

información prosódica sobre la cantidad vocálica y el lugar del acento así como información gramatical y menciona las autoridades de donde se han extraído los vocablos añadiendo ejemplos latinos. Como en las fuentes, y siguiendo la tradición lexicográfica, la categoría gramatical se reconoce por las desinencias verbales o casuales, excepto en el caso de palabras invariables que vienen señaladas mediante abreviaturas.

Amaro de Roboredo, por el contrario, organiza la microestructura, generalmente, de forma diferente a su fuente principal, pues el eje organizador de la entrada es la formación de palabras. En el lema no solo señala la cantidad vocálica, como en el *Calepino*, sino que distingue el lexema de los afijos mediante marcas tipográficas como guiones y las palabras simples de las derivadas por medio del uso de las mayúsculas y las minúsculas. A continuación remite mediante números romanos y arábigos al texto donde se ha ejemplificado el término. La significación propia va en primer lugar seguida de otras acepciones secundarias o metafóricas, introducidas por la expresión ‘Tomase por’. A la traducción portuguesa le sigue la española, precedida de la abreviatura *Hisp.* como en el *Calepino* y en otros diccionarios anteriores<sup>104</sup>. Siguiendo también la tradición lexicográfica, la categoría gramatical se reconoce por las terminaciones latinas, a excepción de las palabras invariables. Además de eso, Roboredo informa sobre el uso del vocablo y lo marca en el caso de que no lo encuentre documentado<sup>105</sup>. Por último, cabe comentar que aumenta el artículo con sinónimos, antónimos y combinatorias sintácticas y léxicas, aunque no de forma sistemática.

A esto hay que añadir que Roboredo utiliza con frecuencia el latín para definir, siguiendo la tradición medieval, aunque esto suponga dejar a un lado el portugués y el español y separarse de su fuente, como vemos en el ejemplo siguiente:

[2] CAESIM

BP: *Caesim. As cotiladas. A cochiladas*<sup>106</sup>

AR: *Caesim, per incisionem gladii*

CAL (1609): *Caesim, aduerbium significat cædēdo, siue per incisionem gladii (...) Hisp. Cortando, à cuchilladas, de miembro en miembro.*

Las diferencias técnicas entre ellos se pueden ver en los siguientes ejemplos:

Amaro de Roboredo

[3] *ĀRS, artis. f & Arte, ratio, seu via faciēdi; ponitur pro præceptis, doctrina, & studio. Artem parēre, efficere, tradere, definere: alicui catare a reproficisci: ad artem revocare, redigere; in ea versari; artes colere, percipere attibus aliquem inficere, tingere, instiruere, instruere, præditum esse, Iners, inertia, æ*

Bento Pereira

*Ars, tis, Arte, officio, ou engano. Artifex, cis. O official de algũa arte. 2 bre. inc. be. Vurg. A. Aen. Artificio, i, O artificio ou sotileza. 2 breve. ex. derivat. Artificiosus, a, um. Cousa que leua muito artificio. 2. 3. brev. ex derivat. pen. lon. ex The. G. Artificialis, σ le, O mesmo. 2. 3. brev. ex derivat. pe. lon. ex reg. 43.*

<sup>104</sup> Cada palavra tem hũa significação propria que vai no primeiro lugar e logo se seguem as mais significações, a que se estende per semelhança.

A interpretação he dobrada, Portuguesa e Castelhana; e faltando a Castelhana, sabe que a mesma palavra sem nenhũa differença he Portuguesa e Casstelhana ao menos en quanto aas letras, e significação, posto que a pronunciação seja diversa; como Estrella, Donzella, Coolar, Ajudar, etc. Alem disso, em muitas palavras, que não estão expressamente nas sentenças, acrescentei mais significados para os Portugueses, que para os Castelhanos; porque estes as tomarão facilmente daquelles, pera os quaes principalmente se ordena a obra (Roboredo, 1621: 4)

<sup>105</sup> A palavra, a que se ajunta autor, vem mais raramente ao uso. E aquella, a que se ajunta este final †, não tem autoridade Latina, que lhe eu achasse (Roboredo, 1621: 4)

<sup>106</sup> Se trata de una mala lectura de la fuente.

ĀRTĪFĒX, CIS, m. co. *Artífice*.  
 Artificium: opus, opera & ipsa ars.  
 Excogitare, componere, temere, tueri, tollere:  
 artificio simulationis erudite præsse.  
 Ārtifici-ālis, -āliter. Q. -ōsūs, -ōs

*Artificiosé, Artificiosamente, 2. 3. bre pen. lon. ex derivat.*  
*Artificialiter, O mesmo. 2. 3. brev. 5. lon ex derivat. pen.*  
*bre, ex reg. 49.*

[4]

Cōm – MŌDUM, I, 816. *Proveito, boa ocasião.*  
 Hisp. *Provecho, oportunidad.*  
 Incommodum.  
 commodum comparare, adipiscis commoda  
 capere, praeter mittere, oppugnare,  
 impedire, labefactare; commodis seruire,  
 consulare, officere: commodo tuu fiat, facere.  
 cōmmōdum, adv. & cōmmōdē.  
 Proveitosamente, abomtempo, ia agora.  
 cōmmōd-ūs, -tūs, -īsīmē, -ūlē

Commodum, i, *O proveito. Prouecho. 2. bre. Horat.*  
 2 Ep. 2 – publica commoda peccē  
*Commodus, a, um, Causa proveitosa. Prouechos o. 2.*  
*bre. [...]el. 28*  
*Que sit stella homeni commoda, qu[...]; mala.*  
*Commodē, Proueitosamente. 2. bre. ex deriuat.*  
*Commodulē, commodulō. Diminut. 2. bre. ex deriuat. Pen.*  
*Br. Ex reg. 82.*  
*Commoditas, atis, o proveito. 2. [...] Ouid. Ep. 16.*  
*Cogitur ipsius commoditate [...]ui.*  
*Commodo, as, Aprouear ou emprestar. 2. bre. Stat. 4.*  
*Theh.*  
*Sitne gener, cui bella fauent, cui commodat ira.*  
*Commodarius, ij, Aquelle a quem se empresta. 2. bre. 3.*  
*lon. ex deriuat. 4 lon. ex reg. 14.*  
*Commodo, as, Fequent. 2. bre. Ex deriuat. pen. bre. ex*  
*reg. 46.*

[5]

DĒ – ĪNTĒGRO aduer. 1045. *De nouo, desde*  
*principio. Hisp. De nueuo, de comienço*

Deintegrō, *De nouo. De comienço.*

4. En cuanto a la relación de los dos vocabularios con su fuente principal, hay que destacar que, especialmente en el caso de Roboredo, no se trata de una mera copia del *Calepino*, sino del resultado de tres acciones: por un lado, una labor de reorganización de los artículos, atendiendo, tal como se ha explicado, a la formación de palabras; por otro, de una adaptación al portugués de las acepciones presentes en la obra del italiano, en ocasiones ampliadas con fuentes secundarias o con el conocimiento del propio autor; y, por último, de una “actualización” de los datos más acorde con la realidad de su época, al menos en lo que atañe al español. De ahí el interés de los vocabularios de Roboredo<sup>107</sup>.

<sup>107</sup> Para el presente estudio nos basamos en el análisis y cotejo entre distintos diccionarios de las palabras que se encuentran bajo la letra A y el listado de adverbios. Hemos utilizado las ediciones del *Diccionario* de Calepino de 1555, 1570, 1609 y 1616, en estas tres últimas con traducción al español. La comparación de los hispanismos presentes en las distintas ediciones de la obra de Ambrosio Calepino muestra diferencias en la grafía de los vocablos, pero no en las definiciones. Dentro del ámbito hispánico, hemos empleado la edición del *Diccionario latino español* o *Lexicón* de Nebrija, de 1492, base de la parte española del Calepino (Colón-Soberanas, 1979: 9) y la edición ampliada del diccionario nebrisense de 1512, publicada en 1615. En ocasiones, para poder contrastar la vigencia de un término, hemos consultado los diccionarios bilingües y monolingües que recoge el *Nuevo Tesoro Lexicográfico de la Lengua Española* (NTLLE) (2001) y varios corpus de referencia como el *CORDE* (*Corpus Diacrónico del Español*) y el *CREA* (*Corpus del Español Actual*).

**4.1.** Al comparar las entradas del diccionario de Bento Pereira (1634) con la edición de 1623 de Roboredo, se observa que el segundo es más prolijo en la parte definitoria. Esto lo consigue mediante varios procedimientos:

**a)** Amaro de Roboredo traduce y adapta al portugués las distintas acepciones y sentidos que se encuentran en el *Calepino*.

**a.1.** En estos casos, si la acepción portuguesa es similar a la española, incorpora las formas hispánicas, que toma del *Calepino*, aunque reducidas en su extensión, es decir, sin un complemento especificador, por lo que adquieren valor polisémico, como ocurre en el caso de ABAX, CIS (ABACUS, I), mientras que la tendencia de Bento Pereira es reducir el número de significados en español a uno solo.

[6] ABAX

BP: Abax, cis. *O mesmo que Abacus, i.*

Abacus, i. *A copeira, ou mesa de contar. Aparador de la plata, ô vasos 1. 2. br. sat 3. Ornamentum abaci, nec non & paruulus infra.*

Abaculus, i. Dimut. De Abacus, i. I. 2. bre. ex. der. pen. bre. ex nostra regula 9

AR: ĀBĀX, acis, m & ābācūs, i m. 743. *Copeira, mesa de copa, taboa para escrever, ou contar. Hisp. Aparador, tablilla.*

Ābācūlūs, i.

Si comparamos las entradas de ABAX, CIS (o ABACUS, I) de los dos lexicógrafos portugueses con su fuente y con otros diccionarios del ámbito hispánico, podemos comprobar que Roboredo sigue al lexicógrafo italiano y este, a su vez, retoma solo en parte las acepciones presentes en Nebrija, dado que no aparece el significado relativo al juego del ajedrez.

CAL (1570, 1609, 1616): Idem est quod abacus, hoc est mensa vel tabula, in qua aliquid deponitur: quales sunt mensae coquorum, in qua disci, aliaque id genus exponuntur. Hisp. *Aparador de vasos, o sobre mesa del aparador.*

Item tabula calculatoria, in qua Logistae números & Mathematici líneas suas ducunt. Hisp. *Tabla pequenna para scriuir ô contar.*

Item tabula quadrata, que epistylis columnarum supponitur. Sunt praeterca Abaces, vasa quaedam viliora, in quibus pretiosiora reponuntur. Hisp. *Aparador à cosas preciosas.*

Nebrija (1492):

Abax, acis. por aparador o ataifor morisco

Abacus. i. por el aparador delos vasos.

Abacus, i, por la tabla para contar.

Abaculus. i, por pequeño aparador o tabla.

Abaculus, i, por trebejo o escaque del axedrez.

**a.2.** Otro procedimiento ampliamente empleado por Roboredo consiste en incorporar las distintas acepciones presentes en el *Calepino* tan solo para el portugués y mantener como hispanismos las interpretaciones españolas que aparecen en la fuente. De esta manera, la parte española aparece sin modificaciones con respecto a esta, es decir, se limita a copiar e incluso a veces a reducir las acepciones españolas. En estos casos al comparar con otros diccionarios del ámbito hispánico, se pone de manifiesto que, aunque la base del *Calepino* es Nebrija, el diccionario italiano no registra todas las entradas del *Lexicón* nebrisense. Los ejemplos son abundantes:

[7] ADIGO

BP: Adigo, is, egi, actum. *Constranger. C o n s t r a ñ i r . 1. 2. br. Virg. 4. Aen.*

*El pater omnipotēs adigat me fulmine ad vmbras.*

AR: Ād-ĪGO, is, egi, actum, ac. 654. *Constranger, empuxar. Hisp. Constreñir.*

CAL (1616): Adigo, is, egi, actum. Penult . corr. Ex Ad & Ago, act. t. Cogo, vi impello. Hispan. *Constreñir o empuxar*.

Nebrija (1492): Adigo, is, egi. por empuxar o costreñir.

La acepción de ‘empuxar’, registrada en Calepino y en Nebrija, falta en los dos autores portugueses.

[8] ADVERTO / ADVIRTO

BP: Aduerto, is, ti sum. *Virar para algũa parte, ou attentar*

AR: Ād- VIRTO, is, ti sum, ac. 19. *Virarse para algum lugar, advertir, entender, considerar*. Hisp. *Bolverse hazia a otra parte*. Aures, oculos, mentem animum agmen huc aliquô: interdū dativo.

Advertere animo: pro diligenter cōsiderare.

Advertere in aliquem: pro punire aliquem

Adversus

CAL (1609, 1616): Advirto, is: Ad aliquem locum verto. Hisp. *Bolverse hazia outra cosa*. Transfertur quoque ad animum: ut, advertere animum (Ang. *To consider*)

Nebrija (1492): Aduerto, is: por bolver algo hazia outra cosa.

En este artículo Roboredo registra las acepciones de ‘advertir’, ‘considerar’, ‘entender’ de Calepino, pero mantiene sin modificar la parte española.

[9] ASELLUS

BP: Asellus, i, *Asninho*. I. bre. . Ouid. 11. Met.

Inditurq; aures lentè gradieatis aselli.

AR: ĀSĪNŪS, i. m. 83. *Asno*.

Āsīna, æ, *Burra*. Āsēllā, æ. Dim.

Āsēllūs, i. m. 1097. *Asninho, tomase pola pescada por ser da mesma cor, e por hũa estrella*. Hisp. *Asnillo, i pescada*.

Āsin-inūs- ārius, ij. qui asinos pascit.

CAL (1609, 1616): Diminutivum ab asinus. Hispan. *Asnillo, pequeño asno*. Asellus etiam est nomen piscis sic dicti quod sit colore cineritio, sicut asinus, quem vulgo Merlusium VOCAMUS. Est nomen duarum stellarum in signo Cancri.

Nebrija (1492): Asellus. i. por cierto pescado como raia.

Asellus. i. por pequeño asno.

Aselli. orum. por dos estrellas en el signo de cãcer

Aunque registrada por Nebrija, ni Calepino ni Roboredo incluyen la acepción de ‘dos estrellas en el signo de cáncer’ para la parte española de sus respectivos diccionarios.

**a.3.** Lo dicho en el apartado anterior no es, sin embargo, aplicado de forma sistemática. De hecho, Roboredo también redacta el artículo introduciendo las interpretaciones portuguesas y españolas para las distintas acepciones del *Calepino*, aun cuando en la fuente no se recoja la forma española para acepciones propias de determinadas esferas de la realidad. Esta reelaboración conlleva la modificación de la parte española, tal como anunciaba en el *Prólogo*<sup>108</sup>:

[10] ACIES

BP: Acies, ei. *A vista dos olhos, gume da espada, ou exercito*. Hilo de cosa aguda; vista, ô exercito, i. 2. r. Ouid. 3. Met.

Primaq; de sulcis acies, comparit hasta.

AR: Ācīes, ei. f. 614. *Ponta, ou fio de ferro agudo, agudeza de ferramenta*. His. *Punta, o hilo de cosa aguda*. 816. *Esquadrão, exercito cōposto, agudeza de vista, e de ingenho*. Hisp. *Esquadron, agudeza, ingenio*. Vide acuo. Si ad oculos. Acīē exercere, dirigere, deflectere, abducere, prestringere, perstringere, hebescere. Si ad bellum

<sup>108</sup> Ver nota 9.

Acie[m] exornare, instruere, instituere, statuere, dirigere, collocare, firmare, exigere, porrigere, promovere, sistere; inclinare, Iu aciē procedere, pindire, educere, producere; acie excedere.

CAL (1609, 1616): Acies, ei. f. q. tria significat, primò acumen falcis, gladii & similiarum quae /secant. Gal. *La pointe ou taillant d'une espee ou autre glaine*. Ital. *Il tagglio o punta di coltello, & cose simili*. Hisp. *Hilo o punta de cosa aguda*. Acciem Ferri exterere, acciem trahere. / Secundo, Exercitus instructus<sup>109</sup>/ Tertiò, oculi lumen<sup>110</sup> Per translationem, Acies sumitur pro ingenii perspicuitate. Acies orationis, acies autoritatis

Nebrija (1492):

Acies, ei. por haz batalla de armados.

Acies oculorum. por la vista de los ojos.

Acies ferri. por el agudeza o hilo del hierro.

ACIES es un ejemplo de actualización o modificación de la parte española, pues aparecen los tres significados enumerados en la versión del *Diccionario* de Calepino consultada (1609, 1616), a pesar de que esta no incluya los hispanismos en las dos últimas acepciones.

**b)** La reelaboración del artículo puede consistir también en retomar varias entradas del *Calepino*. En ACICULA. Roboredo recoge en un mismo artículo, las dos entradas que se encuentran en el *Diccionario* del italiano, sin tener en cuenta la diferencia de significado basada en la cantidad vocálica.

[11] ACICULA

BP: Acicula, æ. *Alfineite, ou agulba pequeña, ou peixe agulba*. Alfiler ô aguja pequeña. ex. acus. 2. 3. br. ver adicula.

AR. Ācīcūlā, æ +. f. 614. *Alfēnete, agulba, peixe agulba e huã herba*. Hisp. *Alfiler, aguja*. Vide Acus.

CAL (1609, 1616): Dos entradas distintas.

Ācīcūlā, Formatione, non significatione, diminutivum abacu, ut inquit Priscianus. Est spinula quaedam ex ferro vel alio metallo, quandam acus similitudinem referens, qua utuntur mulieres ad ornatum capitis. Gal. *Espingle*. Ital. *Abo do capo, lo spiletto*. Hisp. *El alfílea o águia pequenna*.

Ācīcula. Est piscis tenuis ac longus, qui & Acus dicitur. // Est & herba hujus nominis, incultis in locis sponte sua nascens, plebis Atheniensis quotidianus o lim cibus, odore ad daucum, reliqua similitudine ad chaerephillum accedens, exerta habens in vértice cornicula, quae acus effigiem repraesentant: à quo habitu a Romanis vocata est Acicula, resté Diosc.

Nebrija (1492):

Acicula. e. por el alfiler o aguja pequeña.

**c)** La prolijidad que caracteriza la obra de Roboredo frente a la de Bento Pereira tiene su manifestación, asimismo, en la presencia de definiciones enciclopédicas, debido al propósito didáctico de la obra. Si bien no incluye los nombres propios, a diferencia del autor de la *Prosodia*, Roboredo se detiene en la explicación de aquellos términos (tecnicismos, cultismos de origen griego, ...) presentes en algunos ámbitos específicos (anatomía, filosofía, ...), que considera de difícil comprensión o que aún no han sido introducidos en el uso común de la lengua. De esta forma, modifica también en ocasiones la parte española.

Del ámbito médico anatómico:

[12] ARTERIA

BP: Artería, æ. *A arteria vea*. Donde passa el ayre. E. Ion. Lucret. 4.

Asperiora foras gradicus arteria clamor.

AR: ārteria, æ. f. 966. *Arteria, vea que sãe do coração e pela qual vai o sangue mais puro com o espirito vital a todo o corpo: encima das artérias vãe situadas as veas*. Hisp. *Arteria, vena*.

CAL (1609, 1616): Vena vitalis seu semita, in qua est vitalis spiritus.

<sup>109</sup> La traducción no se encuentra en francés, español o italiano, solo alemán, griego, belga, polaco, húngaro e inglés.

<sup>110</sup> La traducción solo en griego, alemán, belga, polaco, húngaro e inglés.

Hispan. *Donde passa el ayre*. Gal. *Artere*, ital. *Arteri*, la *canna de la gola*, *strozza*.

Arteria est, inquit, conceptaculum spiritus naturalis misti confusique cum sanguine, in quo plus spiritus est & minus sanguinis, quae motu atque pulsu habitum & modum februm demonstrat. Antiqui arterias vocant pulsus. Super arterias locantur venae, praeterquam in dorso, in quo magna arteria est posita super venam....

Nebrija (1492):

Arteria, ae. por el artéria o vena de aire

Mientras Bento Pereira mantiene la forma presente en Calepino, Roboredo incorpora el tecnicismo *arteria* para el español, tecnicismo ya registrado en el *Lexicón* nebrisense.

Del ámbito jurídico:

[13] APPARITOR

BP: Apparitor, oris. *O ministro dos iuizes, ou corregedores*. pen. bre. ex Thes. Pendent in Romano.

Apparitores sed furenti suggerunt.

AR: Āpparītor, oris. M. 698. *Qualquer oficial que apparecia diante o Magistrado para executar seus mandados: que entre nos he porteiro, meirinbo, alcaide, escrivão, fiscal*. Hisp. *Portero, aguazil*. Maiorinus: *Palavra antiga de Espanha donde nasceu chamar se meirinbo*.

CAL (1616): APPARITORES. Satellites, stipatores, & ministri magistratum. Dicti sunt quo appareant & praesto sint ad obsequium. Hisp. *Que estan em pie para servir a outro*. Intelliguntur autem apparitorum nomine omnes qui magistratui apparere solent, ut scribae, accensi, interpretes, lictores, viatores, praecones. . .

Nebrija (1492): apparitor, oris. por el que esta en pie delante otro.

Cultismos de origen griego y latino de varios ámbitos (eclesiástico, literario...):

[14] ANATHEMA

BP: Anathema, *Columnas de prata, ou peãs ricas que nos templos se offerecem*. pen. long. ex Craco. 1. 2. bre. ex composit Graec.

Anathema. *Homem, cuja cabeça os antigos offerecião aos deoses infernais, tomase pello escomungado*. pen. bre. ex Graco. Primam et secun[d]am bene. p en. male. prod. Prudent.

Dum vetitis anatema legens anathema sanillis.

AR: ĀNATHĒMĀ, tis. n. accentu in antepen. *Maldição abominação offerta ou dom que se dependura no templo destrui[ç]ão excommunhão*. Hisp. *Descomuniõ, maldicion*. Aliqui adiectivum etiam, id est maledictum dicunt. Eccl.

CAL (1609, 1616): Detestatio, execratio. Gal. *Excommunication, execration*. Ital. *Scommunica*. Hispan. *Descommunion*. Ponitur interdum pro donario, quod dies suspenditur in columna, vel pariete templi: hoc est, reponendo vel suspendendo: aut certe ab eo, quod nefas esset ea loco movere. / Homines quoq. Sacri, quorum capita deorum alicui dicata sunt.

Nebrija (1492): Anatema. por la excomuniõn

[15] AESTIVA

BP: Aestiva, orum. *Os lugares em que se passa o estio*. 2. Lon. Virg. 3. Geor. Se tota aestiva repente.

AR: Aestiva, orum. N. 1004. *Alojamentos de verão, lugares sombrios em que gados e soldados passão as calmas*. Hisp. *Aloxamientos de verano*.

CAL (1609, 1616): Aestiva, orum. Pluraliter, n. s. dicuntur loco umbrosa, nemorosa in quibus per aestatem vitatur Solis ardor. Gall. *Lieux pour se mettre à l'ombre em este*. Ital. *Ombria meriggio*. Hispan. *Lugar fresco para tener el estio*. // *Aestiva* castra dicuntur in quibus aestate milites degunt, quemadmodum Hyberna, in quibus hyemem transigunt.

Nebrija (1492): Aestivus. as. por tener estio en algún lugar.

Aestiva. orum por lugar para tener estio.

Dado que en estos casos la información enciclopédica se ofrece en portugués, Roboredo no ve necesario su repetición en español de forma que se limita a ofrecer una palabra o sintagma que exprese el significado.

**d)** Por último, Roboredo amplía la parte definitoria al añadir mayor número de sinónimos, en especial locuciones, sobre todo para el portugués, de manera que alarga la glosa.

[16] DILIGENTER

BP: Diligenter, *com cuidado*

AR: Diligenter, *Diligentemente, com diligencia, com cuidado.*

**4.2.** Del análisis del tratamiento de las formas en español destacan algunos aspectos que caracterizan la obra de Roboredo frente a la de Pereira: la modificación de las interpretaciones españolas, la actualización de las mismas con elementos tomados de la realidad y, al mismo tiempo, el mantenimiento de formas hápax o desusadas debido al sistema de transmisión lexicográfica.

**4.2.1.** El procedimiento más frecuente consiste en la modificación de la forma hispánica mediante:

**a)** La generalización o extensión del significado del hispanismo (modificación léxica o semántica):

**a.1.** por medio de la sustitución de un término concreto por un sintagma de extensión más vaga.

[17] ABIES, ETIS

BP: Abies, etis. *A faya*. 1. 2. bre. Virg. 8

Labitur uncta vadis abies, mirantur et vade.

AR: ĀBIĒS, etis. F. 648. *Abeto, especie de pinheiro*. Hisp. *Cierto pino*.

CAL (1609, 1616): Arbor est altissima rectissimaque, cujus pars inferior enodis, Sapinus vocatur: superior verò nodosa duriorque, susterna (francés e italiano *sapin, sappo*. Hisp. *Abeto, arbol*.)

Nebrija (1492): Abies, etis. por cierto arbol de especie de pino.

**a.2.** por medio de la supresión de los complementos en las palabras polisémicas, como en ABAX, CIS.

[18] ALA

BP: Ala, ae, *A aza dos passaros. A gente de cauallo. O sobaco dos braços*. 1. lon. Virg. 8.

-pedibus Timor addidit alas sed Lipp. 4

AR: ĀLĀ, ae. f. 717. *Asa de ave, e persemelhança a de hervas settas, animaes, e sobaco, e velas, e esquadrão de cavallo espalzado*. Hisp. *Ala*. Compendium Axillae esse ait Cic.

CAL (1609, 1616): ĀLĀ, ae Qua aves volant. Hispan. *El ala del ave o cosa que buela*. Alas addere alicui dicuntur proverbiali figura, qui verbis alicui addunt animum & in spem bonam erigunt. //Cicadam ala corrupuisti [...] proverbialiter dicitur in cos, qui quempiam provocant minimè ex usu; nam si cicadam natura garrulam alaprehendas, clarius obstrepit. //Intersectionis ala, de subito interitu dii solutum. Sumpta metaphora ab alatis jaculis, quae repente mortem afferunt, vel [...], quod ipsa mors sit alata. *Zenodotus*. A cujus similitudine Ala etiam dicitur locus ille concauus subter brachium in homine, quia in eo pili quase pennae nascuntur. Hispan *sobaco*. Pro eodem etiam Axillam dicimus: eoque vocabulo antiqui solum utebantur. Nam Alae appellatio recentior, est fuga vastioris literae ex Axilla efficta, ut satis docet Cicero in Oratore, his verbis: Quinetiam verba saepe contrahuntur, non usus causa, sed aurium. Quomodo autem vester Axila Ala factus est, nisi fuga literae vastioris? // Praetarca ala dicta est equitum turma quod pedites tengant alarum vice. Nam in equitum ordinibus circum legiones dextra sinistraque tanquam alae in avium corporibus locantur. Hispan. *Ala de la gente de Cavallo tendida*. Alae etiam navium dicuntur: ut velorum pandimus alas. //Ala in herbis dicitur cauus inter caulem & ramulos anfractus, unde sinuatim nova proles egreditur, facta ab humanis alis translatione. / Alae pro velocitate figuratè ab effectu, quia aliae avibus velocitatem faciunt.

Nebrija (1492):

Ala, ae. por el ala de ave o cosa que vuela.

Ala, ae. por el aladar dela sien.

Ala, ae. por lo cóncavo del sobaco o pelos del.

b) La reducción a una única acepción para el español de las varias registradas en Calepino, como en ADIGO.

[19] ACCINGO

BP: Accingo, is, xi, ctum. *Aparelhar. Aparejarse*

AR: ĀC-CĪNGO, is, xi, ctum: ac. & abl. 878. *Aparelhar, aperceber, por abas na cinta, cingir.* Hisp. *Aparejar. Operi; ad rem aliquam: in dilerimen accingere.*

CAL (1609, 1616): ĀC-CĪNGO, is, xi, ctum: Ad & cingo. Instruo, armo, fere cum ablativum jungitur: ut, accingere se armis, ferro ense Hispan. *Poner baldas in cinta, appareiarse à fazer alguna cosa.*

Nebrija (1492): Accingo, is. por poner baldas en cinta.

c) La actualización de la parte española mediante la ampliación del número de acepciones, la incorporación de cultismos o la adaptación a la realidad española de su época.

c.1. La ampliación de las acepciones en la parte española por traducción de los diferentes significados presentes en Calepino, como en ACIES, no es el recurso más frecuente en Roboredo pero muestra el esfuerzo del lexicógrafo portugués por ampliar y mejorar el diccionario de Calepino, tanto para españoles como para portugueses.

c.2. La incorporación de cultismos, tanto en español como en portugués, pone de manifiesto el conocimiento que el autor tenía de la realidad de la época.

[20] AFFINITAS

BP: Affinitas, tis: *O parentesco por parte de cunbadio.* 2. lon. ex. deriu. pen. bre. ex. reg. 21.

AR: Āffinītās, tis. f. 23. *Cunbadio, parentesco per casamento.* Hisp. *Afinidad.* Iungere affinitate; affinitate aliquem attingere, se cum aliquot devincire.

CAL (1609, 1616): Āffinītās, tis. Propinquitas ex cognati nuptiis contracta, vel hominum affinium inter ipsos conjunctio. Hispan. *Parentesco de matrimonio.*

Nebrija (1492): Affinis. e. pariente por casamento.

Affinitas. atis. por aquel parentesco.

c.3. En apartados anteriores, se ha visto que Amaro de Roboredo no solo se limita a copiar la información que ofrece Ambrosio Calepino en las distintas ediciones de su *Diccionario*, sino que añade nuevos datos fruto de su experiencia o de su análisis de la fuente.

Un ejemplo de ello es el caso del adverbio CLAM, ausente en la *Prosodia*, al que Roboredo añade acepciones que se encuentran en otras entradas como CLANCULUM y que responden a la realidad española, como se comprueba al consultar los diccionarios bilingües coetáneos así como el corpus de locuciones trabajadas.

[21] CLAM

AR: CLAM: præp. ac. uel ab. 623 *Aas escondidas, escondidamente.* Hisp. *A escondidillas, secretamente.*

CAL (1570, 1609, 1616): CLAM: *Oculto i escondidamente.*

CLANCULUM: *A escondidillas.*

Nebrija (1492): Clam. prepositio. por a escondidas.

Clam. aduerbium. por escondida mente

Clanculum. Aduerbium. por a escondedillas.

Lo mismo ocurre con LIBENTER al que añade acepciones para el español que no se encuentran en Calepino, pero sí en Nebrija.

AR: LĪBĒNTĒR 365. *De boa vontade, voluntariamente.* Hisp. *Placentera i ganosamente, de gana.*

CAL (1570, 1609, 1616): LĪBĒNTĒR *Plasentera i ganosamente.*

Nebrija (1492): Libenter. Aduerbium. por de buena gana

4.3. Por último, el vocabulario de Roboredo es ejemplo asimismo de mantenimiento de formas hápax o formas desusadas que se perpetúan debido al sistema de transmisión lexicográfica. Un ejemplo es el caso de la traducción al español de ABDOMEN. Al contrario que Bento Pereira que no incluye la forma española, Amaro de Roboredo se limita a copiar a Calepino:

[23] ABDOMEN

BP. Abdomen, nis, *Vnto, ou gordura de ventre.* r. lon. 1. lon. incr. bre. Iun. gat. 2.

[. . .] *Bonam tenera placant abdomine porca.*

AR: Ābdōmen, nis. N. 279. *Gordura de rijs e ventre, unto, enxundia, pingē;* tomase pola gula. Hisp. *Vntaza, enxundia, gordura, i gula.* Pro gula dicitur sic: Abdomini natū esse; operare dare, indulgere, inseruire,

CAL (1609, 1616): Ābdōmen, nis. Penult. producta. À medicis rei anatomicae petitis vocatur extima totius ventris pars, totumque illud quod intestina regit, cute, adipe, musculis octo & peritoneao compactum, totum illud spatium comprehendens, quod est à cartilagine mucronata, nothisquē costis, usque ad ilia atque ad ipsum usque os pūbis. Hispan. *La vntanza ò enxundia de animales como de los puercos.* //Ipsa autem ilia inter coxas & pubem in imo ventre posita sunt, à quibus à pube abdōmen sursum versus ad praecordia pervenit, ab exteriori parte evidenti cute, ab interiori levi membrana inclusum, quae omento jungitur, [...] à graecis appellatur. Dictum autem videtur Abdomen, quòd sub cute abditum sit, Et quoniam pars haec ventris adiposa est, sit ut passim apud scriptores [...] Abdomen accipiatur pro adipe, vel quavis ventris pinguetudine. Porcae sumen optimum, si modo foetus non hauserit. Antiqui Abdomen vocabant Vide de eo plura in dictione sumen. Per translationem aliquando Abdomen positum invenitur pro gula & ventris ingluvie.

Nebrija (1492):

Abdomen, nis. por enxundia o untaza.

Abdomen, nis. por la ijada gruessa del pescado.

Colón-Soberanas (1979: 12-13) incluyen entre los derivados que no han pasado al vocabulario de 1495, la forma *untaza*, de *untar*. Por este motivo, y siendo la base de los diccionarios bilingües del español con otras fuentes el *Vocabulario nebrisense* y no el *Lexicón*, la forma *untaza* la registra tan solo Nicolás Mez de Braidenbach (1670) entre los diccionarios anteriores al académico. En 1739, la Academia utilizará el *Diccionario latino-español* de Nebrija y de ahí la transmisión de esta forma creada en los diccionarios académicos posteriores y en aquellos no académicos que lo toman como fuente hasta la actualidad<sup>111</sup>. No obstante, a pesar de estar registrada tan ampliamente en la lexicografía hispánica, se trata de una forma hápax introducida en el *Lexicón*, pero inexistente en el corpus de textos de la época<sup>112</sup>.

5. Para concluir, aunque insertos en la tradición lexicográfica latino-romance de cariz didáctico, las obras de Amaro de Roboredo y del padre Bento Pereira adquieren importancia en el panorama de las lexicografías lusa y española por ser las primeras obras en que se ponen en contraste estos dos romances ibéricos. Si bien no puede hablarse propiamente de diccionarios bilingües o trilingües, como el Bluteau (1721), dado el carácter enciclopédico y didáctico, las constantes referencias prosódicas y gramaticales, el empleo del latín para la definición o las citas latinas entre otros aspectos, estos vocabularios se convierten en fuentes lexicográficas imprescindibles para el estudio contrastivo del portugués y del español en este período de codificación gramatical y léxica en el que los diccionarios son herramientas eficaces en la transmisión y fijación de la norma. Asimismo, son relevantes para el estudio de la Lexicología y la Fraseología Históricas pues las referencias al uso, la pronunciación, a los

<sup>111</sup> Salvá (1846) la marca como antigua; Zerolo (1895) la marca con un asterisco, que indica que la Academia tiene adoptado ese vocablo en la forma, pero la definición no coincide con ella. Datos extraídos del *Nuevo Tesoro Lexicográfico del Español* (NTLLE).

<sup>112</sup> La consulta del CORDE (Corpus Diacrónico del Español) y del CREA (Corpus del Español Actual) no ha dado ningún resultado para la forma *untaza*. [Consulta, 20/09/2009]

cambios formales y semánticos de las variantes clásicas, los procedimientos de adaptación y modificación a las dos lenguas de las palabras latinas o la presencia de locuciones nos permiten un mejor conocimiento del español y del portugués clásicos.

Por otra parte, el cotejo pormenorizado de parte de los hispanismos presentes en las obras de estos dos autores con su fuente principal, nos lleva a concluir que además del *Diccionario* de Ambrosio Calepino, los lexicógrafos portugueses, especialmente Roboredo, tuvieron en cuenta otras fuentes secundarias o sus propios conocimientos del idioma español en un contexto histórico y cultural de estrecha relación entre ambos países.

Por tanto, todas estas razones justifican suficientemente el interés por estos vocabularios.

## Cuatro pequeños vocabularios como testimonio de la lexicografía hispano-portuguesa del siglo XIX\*

*Pilar Salas Quesada*

*(Fundación Instituto de Investigación Rafael Lapesa / Real Academia Española)*

### 1. Introducción

En este artículo, pretendemos hacer una modesta aportación a la historia de la lexicografía bilingüe con el español y el portugués del siglo XIX. Queremos dar a conocer las obras de José Maria Borges da Costa Peixoto y de Carlos Barroso e Macedo, dos portugueses prácticamente desconocidos, que compusieron pequeños textos dedicados al aprendizaje del español para los portugueses, con apenas una década de diferencia. Estas obras, aunque léxicamente no son muy extensas, ni ricas en contenido, demuestran la incansable tenacidad de los portugueses por aprovechar la oportunidad de manejar la lengua vecina y beneficiarse de las aplicaciones prácticas que derivaban de su extendido uso.

### 2. Vida y obra de Peixoto

De José Maria Borges da Costa Peixoto apenas sabemos que nació en 1833 y que murió en 1862. Su padre, Nicolau António Peixoto, fue también un hombre de letras interesado en nuestra lengua, que publicó una *Grammatica Hespanbola*<sup>113</sup>. La ausencia de más datos biográficos se justifica si pensamos que, a estas alturas de siglo, el papel del lexicógrafo queda cada vez más desdibujado en favor de un equipo de trabajo que nunca compone los diccionarios sino que sólo los perfecciona, y que persigue unos intereses editoriales sumamente pragmáticos.

José Maria Peixoto escribió dos obras de carácter lingüístico. La primera fue una *Grammatica Hespanbola para uso dos portugueses, por José M. B. da Costa Peixoto 2ª edição correcta e muito augmentada, contendo no fim um vocabulario portuguez-hespanbol das palavras mais usuaes e necessarias*<sup>114</sup>, que no es sino la segunda edición de la obra que compuso su padre y que él, diez años después, decidió reeditar, corregir y ampliar. Además, dos años después publicó una *Guia da conversação hespanbola para uso dos portugueses. Contendo: Regras da pronuncia, e accentuação das*

---

\* Este trabajo se ha llevado a cabo gracias a la *Bolsa de investigação de curta duração* disfrutada los meses de verano de 2006 concedida por la *Fundação Gulbenkian* y disfrutada en la *Biblioteca Nacional de Portugal*. Aprovechamos la ocasión para dedicar este artículo a todos los que facilitaron mi trabajo en dicha biblioteca y que contribuyeron a él con sus sabios consejos. Se lo dedico también a Sila y a Santiago por ser tan buenos compañeros y, sobre todo, amigos.

<sup>113</sup> *Grammatica Hespanbola para uso dos portugueses dada à luz por Nicolao Antonio Peixoto*. Porto, Typographia Commercial, 1848. [148 págs.].

<sup>114</sup> Lisboa, Typographia de Maria da Madre de Deus, 1858. [184 págs.].

*palavras; um vocabulario; phrases, e dialogos familiares; modêlos epistolares; e uma taboa comparativa do valor das moedas hespanholas e portuguezas*<sup>115</sup>. Ambas obras son complementarias, puesto que el primer libro está dedicado más a la teoría gramatical y el segundo a la puesta en práctica de los conocimientos previamente adquiridos.

Para Peixoto el conocimiento del léxico es un pilar fundamental para el aprendizaje de una lengua. Esto se desprende de su esfuerzo por completar la obra de su padre con un vocabulario y, por otro lado, de la adición, en su *Guia*, de otra lista distinta de palabras. De hecho, la diferencia que distingue las voces recogidas en una y otra obra es que en la *Grammatica* están organizadas temáticamente, mientras que en la *Guia* lo están alfabéticamente. Esta distribución no es arbitraria sino totalmente deliberada pues en la primera esa disposición facilita el estudio, la retención y el aprendizaje del vocabulario –fin perseguido también en el resto del manual gramatical –, mientras que en la *Guia* se convierte en una lista de consultas concretas y puntuales para un episodio de comunicación activo.

Aunque no centraremos nuestra atención en los contenidos gramaticales sino en los dos vocabularios que compuso, debemos matizar que esta obra no parece estar dirigida al conocimiento de español avanzado, sino más bien a los portugueses que se acercan por primera vez a esta lengua (de hecho en la portada de la *Guia* dice “obra util para aprender o hespanhol e para os viajantes”) y, por lo tanto, las nociones impartidas son básicas y fundamentales.

## 2.1. La *Grammatica Hespanhola para Uso dos Portuguezes*<sup>116</sup>

### 2.1.1. Estructura y preliminares

Si centramos nuestra atención en la *Grammatica Hespanhola*, observamos que las primeras 127 páginas, de las 184 que tiene, reproducen fielmente el método gramatical que su padre compuso en cuatro partes, prólogo incluido. Es a continuación donde encontramos las novedades. En el índice final de la obra se indexan las adiciones como 1º y 2º suplemento<sup>117</sup>.

Resulta interesante la lectura del prólogo que, aunque fue redactado por su padre, suponemos que, al reproducirlo íntegramente, refleja también el espíritu del hijo. En las pocas palabras que preceden a la obra podemos inferir las razones socio-económicas que animaron a la composición de estas obras:

Sempre foi reconhecida a utilidade do estudo das linguas vivas; e em nossos dias tendo-se augmentado as relações politicas, diplomaticas, e commerciaes até tal ponto, que são mais frequentes e mais activas entre as diversas nações, do que outr’ora o eram entre provincias de um mesmo reino, e não sendo já, nem a rivalidade dos povos, nem a differença de crenças e opiniões, nem a diversidade de usos e costumes, um obstaculo capaz de impedir a marcha do seculo, que tende a estreitar mais e mais os vinculos de todos os povos; chegou a ser aquelle estudo uma especie de necessidade, que se faz sentir tanto mais, quanto as nações avançam á porfia, digamo-lo assim, ao zenith da civilisação. (Peixoto, 1848: 5, 6)

<sup>115</sup> *Colligida dos melhores auctores, e ordenada por José M. B. da Costa Peixoto auctor da grammatica hespanhola. Obra util para aprender o hespanhol e para os viajantes. Á qual se ajuntou, no fim, uma colleção de locuções hespanholas, etc. por outro auctor.* Lisboa, Tipographia de Maria da Madre de Deus, 1860. [198 págs.].

<sup>116</sup> Manejamos el ejemplar de la Biblioteca Nacional Española con signatura: 2/32409.

<sup>117</sup> El primero contiene una *Lista dos verbos irregulares hespanhóes*, y el segundo está compuesto por una *Lista das abreviaturas mais usadas em hespanhol*, el *Vocabulario Espanhol e Portuguez*, y unas *Phrases Familiares*, además de una *Conversaço*.

En estas palabras queda clara la visión pragmática que tiene Peixoto padre de las lenguas y la aplicación práctica orientada a la mejora de las relaciones de los países y la intercomprensión entre los pueblos, independientemente de las diferencias y fronteras que los separan. Por eso reitera el interés de los gobiernos por fomentar el estudio de las lenguas, aunque, desde luego, no todas por igual<sup>118</sup>. A partir de este punto Peixoto centra su atención en la lengua española, de la que elogia sus peculiaridades con estas palabras:

Com effeito, ninguem ousa refutar as brilhantes qualidades, que a distinguem. Rica, não só na abundancia, mas tambem na variedade do sentido, que resulta das diversas combinações e collocação das palavras. Magestosa, nobre e sublime em tal grão, que Carlo 5º com energia disse: «*la langue espagnole est la plus propre pour parler à Dieu et aux Anges*» [...]: expressão célebre, que o assentimento geral consagrou, digamo-lo assim, pois que chegou a ser um proverbio popular. Os escriptores habeis, que conhecem sua admiravel docilidade e flexibilidade, a fazem propria para todo genero de eloquencia e poesia, sem perder nada da sua belleza e vigor. (Peixoto, 1848: 6)

Pero si sus méritos literarios son bien conocidos, no deja de lado cuestiones más prácticas, como su similitud con la lengua portuguesa (y, por tanto el pequeño esfuerzo que supone su aprendizaje) o su posible aplicación a los negocios y comercios<sup>119</sup>.

Como vemos, Nicolau António Peixoto y su hijo defienden a través de su obra todos los argumentos posibles en favor del acercamiento de los portugueses a la lengua española.

### 2.1.2. Disposición del Vocabulario

Hemos adelantado ya que, a la gramática de su padre, José Maria Peixoto añade un vocabulario. Se trata de un repertorio léxico monodireccional desde el portugués al español, organizado conceptualmente y que reúne aproximadamente quinientas cuarenta voces. Las agrupaciones se presentan mediante subtítulos. En total son veinte apartados. Las primeras setenta y una palabras no están bajo ningún epígrafe aunque se corresponden a las clasificadas tradicionalmente en las nomenclaturas bajo el título de “Dios, el cielo, la tierra y los fenómenos atmosféricos”<sup>120</sup>. De todos modos, hay que decir que los apartados son de contenido amplio, por lo que hay a su vez subclasificaciones no señaladas. Si tomamos como ejemplo el epígrafe dedicado a las partes del cuerpo humano, primero las describe de la cabeza

<sup>118</sup> «Porém, nem todas essas linguas offerecem as mesmas vantagens. Umas são só recommendaveis pela litteratura, outras só pelo commercio, outras são difficeis de aprenderem se... Mas debaixo de qualquer destes aspectos, que se olhar, a lingua hespanhola merece ocupar um lugar distincto». (Peixoto, 1848: 6)

<sup>119</sup> «Não só é recommendavel o estudo desta lingua debaixo do aspecto litterario, mas tambem debaixo do aspecto commercial. Para convercer-se disto basta lançar os olhos sobre a lista das provincias e reinos em que se falla a lingua hespanhola, e considerar a fertilidade desses paizes, a qualidade das ricas produções de que abundam, e o consumo, que offerecem ás manufacturas Europeas, pois que a maior parte estão independentes da Hespanha. [...]. Por outra parte, a pronuncia sempre clara, rotunda e harmoniosa; a simplicidade da orthographia, pois que não tem essa caprichosa esdruxularia de pronunciar de uma fôrma e escrever de outra, senão que se escreve segundo se pronuncia; e a grandissima analogia, que ha nas palavras e na syntaxe entre a lingua hespanhola e a portugueza; são todas estas circunstancias relevantes, que a tornam facilima e digna de que os portuguezes se dediquem a aprender com perfeição este idioma». (Peixoto, 1848: 7)

<sup>120</sup> El resto de capítulos y el número de voces que comprende cada uno son: *Do tempo e suas divisões* (49 palabras), *Festividades; épocas diversas* (12), *Os grãos de parentesco* (28), *O homem, circunstancias da vida* (30), *Partes do corpo humano* (43), *Accidentes; enfermidades* (38), *Vestidos* (24), *Objectos de toucador, e uso ordinario* (27), *Moveis e utensilios domesticos* (31), *Utensilios de cozinha* (14), *Dos alimentos* (57), *Serviço de mesa* (18), *Profissões, officios e diversas condições do homem* (30), *Partes de uma cidade* (18), *Partes de um edificio* (20), *Meios de transporte em viagem* (11), *Nos caminhos de ferro* (8), *Dignidades militares, civis e ecclesiasticas* (38), *Jogos e exercicios de recreio* (21) y *Arvores, fructos e flôres* (50).

a los pies, y después pasa a enumerar los órganos internos y acaba con los fluidos corporales; y en el apartado que trata del hombre, comienza con los nombres que recibe según su edad, también habla de los distintos estados civiles, de las etapas de la vida, y de las circunstancias que acompañan al hombre como la felicidad, la miseria, el trabajo, la reputación o la sucesión. Otro ejemplo se refiere a los objetos de tocador y de uso ordinario, donde agrupa primero las joyas, después otros complementos de la vestimenta, a continuación incluye algunos elementos de uso común en la higiene personal y, por último, enumera los tipos de telas que existen.

Si la macrodisposición externa es en epígrafes, en un análisis pormenorizado observamos que hay también una ordenación interna del léxico que sigue criterios extralingüísticos. Por ejemplo, cuando se centra en las partes del cuerpo humano, la descripción se hace de la cabeza a los pies, mientras que cuando enumera las vestimentas comienza desde los pies a la cabeza. También al referirse a las dignidades militares, civiles y eclesiásticas, las ordena de mayor grado hasta el ínfimo. Pero no siempre es así, por lo que no es posible descifrar siempre el patrón que siguen los lemas, puesto que no es tampoco alfabético. En el apartado dedicado a los árboles, frutos y flores, por ejemplo, los nombres del árbol y su fruto forman pares consecutivos y, sólo al final, aparecen todas las flores juntas.

Constatamos la presencia abrumadora, en este vocabulario, de sustantivos. Esta circunstancia, común a la mayoría de las nomenclaturas, se justifica por la realidad extralingüística a la que se remiten los autores y que quieren reflejar en estos pequeños y útiles repertorios. Así pues, de una lista de más de quinientas entradas encontramos tan sólo ocho formas verbales (*O nascer do sol*. La salida del sol; *O pôr do sol*. La puesta de sol; *Jogar á pela*. Jugar a la pelota; *Jogar a bola*. Jugar a los trucos; *Jogar o esconde esconde*. Jugar a lo escondite; *Jogar a cabra cega*. Jugar a la galina ciega; *Jogar os cantinhos*. Jugar a las cuatro esquinas y *Dançar*. Bailar).

Tampoco hay adjetivos, salvo los sustantivados y acompañados del artículo indefinido como “*Um velho*”, “*Um solteiro*”, “*Um casado*”, “*Um viuvo*” o “*Um orphão*”; o en las formas pluriverbales como: “*Água gelada*”, “*Miolos fritos*”, “*Um Perú trufado*” o “*O amor perfeito*”.

Antes de pasar a analizar el contenido de los artículos lexicográficos podemos llamar la atención sobre los elementos que componen el capítulo dedicado a los alimentos que, más que la enumeración exhaustiva de las sustancias comestibles, parece reproducir los menús y usos alimenticios de la época: *Sopa de macarrão*. Sopa de macarrones; *Pé de porco com trufas*. Pié de cerdo con trufas; *Molho de tomate*. Salsa de tomate; *Perdiz com couves*. Perdiz con coles; *Um Perú trufado*. Un pavo trufado; *Compota de maçãs*. Compota de manzanas.

Tanto este epígrafe dedicado a los platos más habituales, como los que hablan de las vestimentas y complementos, y también los que se refieren a los enseres para la belleza, nos reflejan algunos aspectos de la vida del momento, en la que se experimentaba cierta preocupación por la apariencia y se disfrutaba del buen comer y de los entretenimientos, como se ve también en el apartado dedicado a los juegos.

### 2.1.3. Análisis del contenido

La estructura constante a lo largo de todo el *Vocabulario* es la formada por el lema en portugués y, tras un punto, su equivalente en español. Las voces portuguesas se caracterizan por ser lexías simples. Sólo tiene un ejemplo de entrada doble: “*O acer ou bórdo*. El arce”. Sin embargo, no es el único caso de lema pluriverbal: podemos encontrar otros ejemplos, no sólo sinonímicos, sino también algunos compuestos partitivos y otros simplemente especificativos: *Um banco de areia*. Un banco de arena; *Um braço de mar*. Un brazo de mar; *O enjão (do mar)*. El

mareo; *A navalha de barba*. La navaja de afeitarse; *Um cepo de picar*. Un tajadero y *Um calice de cognac*. Una copa de coñac.

Además, tenemos lemas pluriverbales que explican más que denominan, mediante perífrasis: *A barriga da perna*. La pantorrilla; *O nascer do sol*. La salida del sol; *O pôr do sol*. La puesta de sol; *O irmão mais velho*. El hermano mayor; *O primo co-irmão*. El primo hermano; *O guarda portão*. El conserje y *O porta bandeira*. El abanderado.

Encontramos también ejemplos en los que un mismo significante se repite en distintos artículos pues se presenta con especificaciones significativas: *Uma dor*. Un dolor. / *A dor de areias*. El mal de piedra. / *Dôr de dentes*. Dolor de muelas. Y *Uma colher*. Una cuchara. / *Uma colher de chá*. Una cucharita de té. / *Uma colher de sopa*. Un cucharón.

Todas las lexías de la lengua de llegada son la traducción exacta y monoverbal de la lengua de partida, y por lo tanto, son pocos los ejemplos en los que se ofrece un doble equivalente: *Um valle*. Un valle, una cañada; *Uma presa*. Una presa, o esclusa; *Meio dia*. Medio día, o las 12; *A nora*. La nuera, hijastra; *Uma saia*. Una enagua, o zagalejo; *Sarja*. Jerga, o sarga y *A margarida*. La margarita o la maya.

Por último, podemos también observar que la mayoría de las voces recogidas en este repertorio se presentan acompañadas por el artículo determinado, o el indefinido, de modo que la persona que utilice el manual pueda conocer de inmediato el género y número de la voz en ambas lenguas, lo que además sirve para corroborar su coincidencia y destacar, en otros, la diferencia genérica: *A poeira*. El polvo; *A saraiva*. El granizo; *As pálpebras*. Los párpados; *O nariz*. La nariz; *As luvas*. Los guantes; *O taboleiro*. La bandeja; *Uma faca*. Un cuchillo y *A carruagem*. El carruaje.

## 2.2. La *Guia da conversação hespanhola para uso dos portuguezes*<sup>121</sup>

### 2.2.1. Estructura y preliminares

Esta segunda obra de Peixoto ya explica desde la portada que su contenido es variado: *Guia da conversação hespanhola para uso dos portuguezes, contendo Regras da pronuncia e accentuação das palavras; um vocabulario; phrases e dialogos familiares; modêlos epistolares; e uma taboa comparativa do valor das moedas hespanholas e portuguezas, colligida dos melhores auctores e ordenada por José M. B. da Costa Peixoto, auctor da Grammatica Hespanhola. Obra util para aprnder o hespanhol e para os viajantes [...]*. Tras la portada, la primera lección que ofrece es la de las *Regras da pronuncia da lingua hespanhola*. En la séptima página, concluyen esas reglas y comienza el *Vocabulario*, sin ninguna indicación acerca del contenido o de la organización. Éste termina en la página 30, donde hay unos ejercicios gramaticales para aprender la conjugación de los verbos. En la página 46 se indica el comienzo de la segunda parte, dedicada a las *Phrases elementares* en portugués y español. La tercera parte, en la página 71, se compone de unos *Dialogos familiares*, en total 28 diálogos que representan las situaciones más cotidianas en la vida social de las personas. Los modelos de cartas se ofrecen en la cuarta parte de esta obra, junto con una tabla de las monedas españolas y su equivalente en portugués. Termina la *Guia* con una *Collecção de algumas locuções da lingua hespanhola, por ordem alphabetica* en la que se indica claramente que *são de outro auctor* y que dan fin a este libro con la fe de erratas en la última página. No encontramos en esta ocasión ningún prólogo o indicaciones de uso ni advertencia al lector.

<sup>121</sup> Manejamos el único ejemplar conocido, que se encuentra en la Biblioteca Publica Municipal de Oporto con la signatura: N<sup>o</sup>-6-112.

### 2.2.2. Disposición del Vocabulario

Como ya se ha dicho, este segundo repertorio léxico que aporta Peixoto no es una nomenclatura como el anterior sino un vocabulario alfabético. Éste se presenta dividido en tres partes. En primer lugar encontramos los sustantivos y adjetivos, en segundo lugar los verbos y, por último, los numerales y las series cerradas de los días de la semana, los meses y las estaciones del año.

Respecto al número de voces registradas, los sustantivos y adjetivos suponen un total de cuatrocientas treinta y siete lexías, los verbos son ciento treinta, y los numerales y las palabras restantes alcanzan a ser unas ciento cuatro, por lo que, en total, el vocabulario de esta *Guia da conversação* contiene seiscientos setenta y una voces, un centenar más que la nomenclatura antes estudiada. Esta diferencia cuantitativa se debe a que en esta ocasión Peixoto recoge adjetivos y verbos que no estaban lematizados en la nomenclatura, además de otros sustantivos como los nombres de los animales y los colores que en la otra no documentó.

Al tratarse de un vocabulario con una finalidad didáctica y práctica, las palabras recogidas no son más que el reflejo del acervo léxico útil para la comunicación sencilla y cotidiana, en el que se abordan, en definitiva, los mismos ámbitos semánticos que se reproducía en el anterior repertorio de voces.

### 2.2.3. Análisis del contenido

Puesto que una de las dificultades para aprender el léxico de otra lengua es la interferencia que puede existir cuando una misma realidad se expresa con distintos géneros, Peixoto decide, por un lado, acompañar la mayoría de los registros del artículo para revelar así su género (*Uma armada*. Una flota. / *A doçura*. La dulzura. / *O enxofre*. El azufre. / *O guardachuva*. El paraguas. / *A mocidade*. La juventud)<sup>122</sup>, y por otro lado, ofrece en casi todos los sustantivos y adjetivos sus pares genéricos (*O amigo, a*. El amigo, a. / *O avô, avó*. El abuelo, a. / *Bisunto, a*. Gordorento, a. / *Cheio, a*. Lleno, a). Cuando se trata de cambios de género de una a otra lengua, Peixoto se decanta por indicar expresamente la marca de género (*O leite*. La leche, f. / *As luvas*. Los guantes, m. / *O reconhecimento*. La gratitud, f. / *A saudação*. El saludo, m) — aunque en algunos casos no ocurre así — *As alcaparras*. Los alcaparrones. / *Os lençóis*. Las sábanas. / *A toalha*. El mantel-.

Como nos encontramos ante un breve vocabulario cuya finalidad es la consulta concreta del equivalente español de una voz portuguesa, Peixoto ofrece artículos lexicográficos muy sintéticos. En ellos sólo aparece el lema, mayoritariamente monoverbal, y su traducción al español, que suele ser también una única lexía. Sin embargo, encontramos también equivalentes dobles, tanto en portugués como en español: *A bolsa*. El bolsillo, ó bolsa; *O cerebro*. El cerebro; los sesos; *Ledo, a; Alegre*. Gozoso, a; *A nora*. La nuera, ó hijastra; *A sarja*. La jerga, ó sarga; *Tapeceiro; Armador*. Tapicero y *Um tapete*. Un tapete; una Alfombra.

Y en el caso de los verbos, los equivalente son también simples excepto en estos casos contados: *Bater*. Pegar; *Batir*; *Escolher*. Escojer (ou escoger); *Esfregar*. Frotar; *Fregar*; *Florecer, ou florescer*. Florecer; *Ornar*. Ornar, Hermosear y *Sacudir, ou Sacudir*. Sacudir. Aunque hay casos en los que nuestro autor no debió encontrar el equivalente correspondiente en español y lo resuelve con una perífrasis explicativa: *Atraíçoar*. Hacer traición; *Enfiar*. Perder el color; *Estragar*. Echar a perder y *Lamentar*. Tener lástima.

<sup>122</sup> Aunque hay tres casos en los que ha confundido el género portugués con el español: “*As arvores*. Las árboles”; “*O costume*. El costumbre” y “*O sangue*. El sangre”.

Encontramos también ejemplos en la parte alfabética de los sustantivos y adjetivos en los que Peixoto decide aportar algún dato del contorno de la entrada en cuestión: *Ama (de leite)*. Nodriz; *O andar (da casa)*. El piso; *Os degráos (da escada)*. Los peldaños; *Entrudo (o dia de)*. Martes de carnes tolendas; *Folha (de flandres)*. Hoja de lata; *As fontes (da cabeça)*. Las sienas y *A renda (tecido)*. El encaje (ou encage).

Peixoto demuestra conocer bien la ortografía fijada por la Real Academia Española<sup>123</sup>. Aunque vamos a encontrar ejemplos en los que duda de cuál es la grafía correcta para algunas voces, sobre todo en cuanto al uso de la ge y la jota, por lo que decide consignar las dos variantes gráficas y así decantarse por ninguna de ellas: *Uma almofada*. Un cojin (ou cogin); *Um exemplar*. Un ejemplar (ou egemplar); *Uma mulher*. Una mujer (ou muger); *Um relógio*. Un reloj; *A renda (tecido)*. El encaje (ou encage); *Umas tesouras*. Las tijeras (ou tigras) y *Escolher*. Escojer (ou escoger).

Por último, también encontramos pequeños grupos léxicos con un mismo núcleo, que se ofrecen en diferentes artículos del vocabulario: *Assucar*. Azúcar / *Assucar de beterraba*. Azúcar de remolacha. / *Assucar de canna*. Azúcar de caña. Y *Folha (de flandres)*. Hoja de lata. / *As folhas*. Las hojas. Y hemos dado también con pequeños errores, atribuibles más bien a la impresión como: *A linhaça*. El hilo [cruce de equivalente con el posterior]; *Linhas*. La linaza [cruce de equivalente con el anterior]; *O pesçoço*. El cuello [cuello]; *O pombo*. El pichom [pichon]; *Os seixos*. Los guijanos [guijarros]; *As sobrançelhas*. La [las] cejas y *As telhas*. La [las] tejas.

### 2.3. Fuentes

En el prólogo a la primera edición de la *Grammatica Hespanhola*, Nicolau António Peixoto declara que «este estudo torna-se mais facil ainda pelo methodo, claridade e exactidão das regras e observações, que dos melhores auctores se recopilaram na presente grammatica»<sup>124</sup>, por lo tanto, sabemos que para la redacción de su gramática acudió a las obras más reconocidas que trataban la lengua española. Lo que no alcanzamos a saber es si su hijo, José Maria, hizo lo mismo con el vocabulario que añadió en la segunda edición de la obra. Desde luego tampoco resultaría increíble que fuera creación propia, puesto que pudo tomar como modelo las nomenclaturas que circulaban por toda Europa desde época medieval, y que seguían revalidando su utilidad como complementos al estudio de las lenguas.

Respecto de la *Guia da conversação*, pese a no tener prólogo, sí que leemos en la misma portada la declaración de que toda la información contenida está «*colligida dos melhores auctores, e ordenada por José M. B. da Costa Peixoto*». Por desgracia desconocemos los libros que le sirvieron de modelo, o si él fue creador de algún fragmento de la obra, pues una guía tan práctica con diálogos, modelos epistolares, frases y conversaciones no es difícil de componer para un hombre dedicado a la lingüística.

Independientemente de lo fácil que pudiera resultar la creación de las dos obras, y si hablamos en concreto de los dos vocabularios recogidos, podemos concluir que Peixoto se tomó la molestia de aportar dos repertorios distintos, pues no sólo son diferentes en su disposición externa (uno es una nomenclatura y el otro está ordenado alfabéticamente), sino que son corpus léxicos distintos (si bien hay también muchas coincidencias debido al ámbito

<sup>123</sup> «Pela orthographia moderna adoptada pela Academia não se escreve quando, qual, question, etc. mas quando, cual, cuestion, etc., e só se escreve que, e qui nas palavras em que não sôa o u, como que (qe), quedar (qedar). quietar (qietar), etc. Tambem se não escreve agora, dexar, baxar, etc. mas dejar, bajar, etc. Muitos auctores modernos teem substituido o ge, gi, por je, e ji». (Peixoto, 1860: 198).

<sup>124</sup> pág. 7 prólogo 1ª ed.

designativo limitado que contemplan al ordenar los referentes extralingüísticos que rodean a un principiante en el estudio de la lengua española).

### 3. Vida y obra de Barroso

De nuestro autor no tenemos ninguna noticia biográfica, es lo que sucede cuando las obras lexicográficas se convierten en un producto más de la industrialización y mecanización editorial.

Afortunadamente, perviven sus obras, por un lado un *Lexicon Português-Castelhano e Castelhana-Portuguêz das palavras mais usadas na conversação*<sup>125</sup> de 1870, y dos años después sale a la luz *A pronuncia da lingua hespanhola apprendida sem mestre [...]*<sup>126</sup>. Se trata de pequeños manuales de fácil manejo que se unen a la moda de los libros de bolsillo que sirven como apoyo para hablantes que necesitan con rapidez encontrar el equivalente de una palabra sencilla.

#### 3.1. *El Lexicon Português-Castelhano e Castelhana-Portuguêz das palavras mais usadas na conversação*<sup>127</sup>

##### 3.1.1. Estructura y preliminares

Esta obra se compone de dos partes, la primera es la que parte del castellano hacia el portugués, cuya portada lleva fecha de 1869, y la parte inversa, indica que es de 1870, la fecha de la edición conjunta. Su autor, se dirige primero a los lectores doctos en la materia:

Apresentâmos ao publico este Lexicon castelhano-portuguez e portuguez-castelhano, o qual em resumo contém tão sómente os termos mais necessarios na conversação familiar. Julgâmol-o obra necessaria e indispensavel, pois até agora nenhuma se tem apresentado n'este genero. Esperâmos o auxilio dos estudiosos n'esta empresa, para que nos animemos a publicar outro trabalho mais desenvolvido e de mais merito.

Lo más importante de estas breves palabras es esa afirmación que hace el autor sobre la inexistencia de alguna obra de estas características. En cierto sentido, es verdad puesto que es la primera vez que encontramos una obra auténticamente bidireccional entre el español y el portugués, aunque muchas e importantes obras en uno u otro sentido ya se habían publicado<sup>128</sup>.

Por tanto, observamos que su mayor pretensión es que su texto sirva como primer contacto para los estudiosos de la otra lengua, un acercamiento al léxico más común, y que sea de provecho tanto a portugueses como a españoles. Por la similitud formal que ofrecen ambas

<sup>125</sup> Lisboa. Typographia de F. X. de Souza & Filho, 1870. I+85+II+87+I páginas.

<sup>126</sup> *A pronuncia da lingua hespanhola apprendida sem mestre contendo principios grammaticaes, vocabularios e phrases com todos os sons figurados, applicado ao uso dos portuguezes por Carlos Barroso, author do Lexicon portuguez-castelhano, etc.* Lisboa, Livraria de A. M. Pereira, editor, Rua Augusta, 50-52, 1872. 75 páginas.

<sup>127</sup> Hemos estudiado el impreso que forma parte de los depósitos de la *Biblioteca Nacional de Portugal*, con signatura L. 7678 P.

<sup>128</sup> Después, cambia de lengua y pasa a un registro más coloquial hablando a los potenciales usuarios de esta obra: «Yo doy a luz y te ofrezco, amigo lector, esta obrilla en que hallarás un pequeño caudal de voces que te adelantará en el conocimiento de los idioma castellano y portugués. Me esmeré en usar palabras castizas, y sei [sic] consigo mi intento, tendré ocasión de holgar, pues mi anhelo es el de merecer tu aprobación».

partes, centraremos nuestro comentario lexicográfico en la primera, puesto que las observaciones son comunes y resultarían repetitivas en este breve artículo.

### 3.1.2. Disposición del Vocabulario

Salvo una breve página de advertencia a los lectores en ambas partes, la obra comienza inmediatamente. Su disposición es a doble columna y con numeración independiente cada una de las dos partes. El corpus del diccionario, por su extensión y pretensiones, no es muy amplio, y simplemente se ciñe al objetivo de ofrecer el bagaje léxico más común para un hablante medio, concretamente, la primera parte español-portugués consta aproximadamente de unas cuatro mil seiscientas voces, y la segunda portugués-español cerca de las cuatro mil setecientas. En total hacen un corpus de nueve mil trescientas palabras.

En este breve léxico alfabético, las entradas son mayoritariamente voces simples, aunque vamos a encontrar ejemplos de lemas multiverbales como los siguientes: Aderezo de espada — *punho de espada*; Arrugar la frente — *franzir o sobrolho*; Caja para los cuchillos — *faqueira*; Descalzarse de risa — *rir a bandeiras despregadas*; Descalzarse los guantes — *tiras as luvas*; Gramática parda — *systema proprio*; Libro viejo — *alfarrabio*; Matar a puñaladas — *apunbalar*; Mondar los dientes — *palitar*; Sacudir el polvo — *espanar* y Sazonado con pimienta — *apimentado*.

La verdad es que muchos de esos lemas pluriverbales son locuciones adverbiales: Asabendas — *ás claras*; Bruces (de) — *de bruços*; Ciernes (estar en) — *florecer*; Gorra (de) — *de borla, de graça*; Estricote (al) — *confusamente*; Horcajadas (à) — *escarranchado*; Mal (de — en peor) — *de mal a peor*; Manteniendo (à) — *às mãos ambas*; Marcha (á — martillo) — *solidamente*; Oídas (de) — *de ouvido, por ouvir dizer*; Pata (á la — coja) — *com o pé no ar*; Sopeton (de) — *subitamente* y Tientas (á) — *ás apalapedellas*.

Los verbos se lematizan por la forma del infinitivo, y si son reflexivas con la terminación en *-se*. Si la forma verbal varía de significado según su uso sea reflexivo o no, aparecen en distintas entradas: Abalanzar — *equilibrar*; Abalanzarse — *abalançar-se*; Cerner — *florecer*; Cernerse — *pairar*; Desencapotar las orejas — *endireitar as orelhas*; Desencapotarse el cielo — *descobrir-se o ceo*; Enagenar — *alienar*; Enagenarse — *alienar-se, perder o juízo*; Hundir — *afundar*; arrombar y Hundirse — *abater-se*.

Este diccionario no da ninguna información sobre la categoría gramatical de las voces recogidas. Sólo hemos encontrado dos casos en los que se indica claramente el género para evitar errores: “Aguardiente (m) — *aguardente*” y “Frente — (m.) *frente*; (f.) *testa*”.

Entre los adjetivos con moción de género no hay regularidad a la hora de su lematización, puesto que algunos van a mostrar su forma masculina y femenina (Flojo, ja — *froxo, xa*; bambo, ba; Hacendoso, sa — *laborioso, sa*; Izquierdo, da — *esquerdo; canhoto*; Pintiparado, da — *igulíssimo, ma*; Recocho, cha — *recozido, da*; Tibio, bia — *morno, na*; Verdulero, ra — *vendedor de hortaliça*; Yerto, ta — *birto, ta* y Zalamero, ra — *adulador, ra*), pero otros, la mayoría, -y entre ellos los participios- sólo ofrecen una de ellas (Añejo — *velho*; Aterciopelado — *aveludado*; Bellaco — *velhaco*; Bizco — *torto, vesgo*; Gangoso — *fanboso*; Lastimero — *lastimoso*; Pesado — *importuno*; Resuelto — *resolvido* y Truhán — *ratão*).

Destaca en el corpus de este diccionario algunas formas como son los aumentativos y los diminutivos: Abejica, illa, uela — *abelinha*; Achaquillo, ito — *achquesinho*; Barrilejo — *barrilinho, barrilete*; Despacito — *devagarinho*; Nubecilla — *nuvensinha*; Piececillo, to — *pesinho*; Regordete — *gordanchudo* y Tantico — *poucochinbo*.

Con los nombres de parentesco y de animales no encontramos coherencia, pues unas veces aparecen juntos en una misma entrada y otras veces se lematizan por separado:

Hermano, na — *irmão, m mano, na*; Hijo, ja — *filho, lba*; Abuela — *avó*; Abuelo — *avó*; Niña — *menina*; Niño — *menino*; Osa — *ursa*; Oso — *urso*; Paloma — *pomba*; Palomo — *pombo*; Perra — *cadella* y Perro — *cão*.

Y los casos de homonimia son: Granada — *romã*; Granado — *romeira*; Gruesa — *grosa*; Grueso — *grosso; grossura*; Harto, ta — *farto, ta*; Harto — *bastante*; Herida — *ferida* y Herido — *ferido*. — *Á grito herido; em altos gritos*.

Descubrimos muchas voces de uso coloquial que deben ser las que definía Barroso como castizas; Bramona (soltar la) — *soltar a lingua*; Caco — *larapio, gatuno*; Chisgaravis — *homemsinbo*; Diantre! — *diablo!*; Erre que erre — *zas que zas*; Gabacho — *porcalhão*; Guirigay — *gíria*; Palique — *conversação depois da comida*; Pamplina — *nonada*; Pedorreta — *peido fingido com a boca*; Pelandusca — *meretriz*; Perogrullada — *verdade sabida*; Tabaola — *balburdia* y Zarandajas — *cacaréos*.

Muchas de estas voces aparecen recogidas ya en las primeras ediciones del diccionario académico español y perviven hoy en nuestra lengua, perdiendo ya su matiz jergal.

### 3.1.3. Análisis del contenido

El esquema de los artículos lexicográficos de este breve lexicon es simple:

Entrada + Equivalente Portugués + (Sinónimo).

A veces la voz española no tiene, o el autor no encuentra, el equivalente cierto y recurre a un giro o una breve explicación del significado: Acodarse — *pôr-se de cotovelos*; Almorrefa — *mosaico de pedra*; Barbilampiño — *de pouca barba*; Cejijunto — *sobrancelhas junctas (de)*; Desganar — *perder o apetite*; Mocador — *lenço de assoar*; Salsera — *vasinho do molho* y Tagarotear — *escrever depressa*.

También se muestra el portugués muy rico en equivalentes pues es muy común que ofrezca un par de sinónimos en cada entrada: Antepecho — *parapeito, peitoril*; Calentar — *aquecer, aquecer, esquentar*; Colación — *consoada, refeição, merenda*; Empalagar — *repugnar, desagradar, ter mau gosto*; Era — *eira, talhão, canteiro de jardim*; Grano — *grão, espinha (do rostro)*; Haz — *feixe, face, direito do pano*; Lonja — *armazem (de venda)*; bolsa, praça do commercio; naco; Magullar — *magoar, machucar, pisar, esmagar*; Palo — *pao, paulada, naípe, mastro*; Puchero — *panella, cosido, caramunha*; Rabieta — *impertinencia, rabugem, manha, veneta* y Zahurda — *chiqueiro, espelunca, possilga*.

Observamos que, aunque no muy sistematizadamente, el punto y coma es, en muchos casos, la marca que separa acepciones de un mismo lema, aunque a veces basta una coma. En el resto de ocasiones, sirven los signos de puntuación simplemente para separar los diferentes equivalentes que ofrece para una misma entrada.

También tenemos ejemplos escasos de distintas voces portuguesas que tienen un mismo equivalente en español: Escarabajo — *escaravelho*; Escarabajos — *garajutas*; Muelle — *mola, caes*; Muelle — *molle*; Punto — *ponto*; Puntos — *bicos da penna*; Tabla — *taboa*; Tablas — *palco, gamão*; Tejar — *telharia, fabrica de telhas* y Tejar — *telhar, cobrir de telhas*.

Hay algunos casos en que el autor prefiere dar algún dato más acerca de la voz o su referente para no propiciar errores de interpretación o comprensión del significado del lema (y esa pequeña aclaración se aporta entre paréntesis, tanto en una lengua como en otra): Abubilla — *poupa (ave)*; Amonestacion — *pregão (de casamento)*; Arbolera — *boas noites (planta)*; Asa — *aza (de vaso)*; Cajista — *compositor (typographo)*; Lunar — *sinal (no corpo)*; Luneta — *cadeira (no teatro)*; Merceria — *capella (loja de)*; Platillos — *pratos (instrumento)* y Sisa — *roubo (na compra ou obra)*.

Aunque el *Lexicon* no tiene grandes dimensiones, sí podemos encontrar pequeñas familias léxicas entre sus columnas, como (Abeja, Abejica, Abejón, Abejonazo y Abejoncillo; Chisme, Chismes, Chismear, Chismero, Chisomoso; Punta, Puntada, Puntal, Puntapié, Puntería, Puntero, Puntillas).

La presentación de ejemplos de uso y colocaciones de las voces de la entrada se hace de dos maneras principalmente. O bien se colocan a continuación de la traducción portuguesa: Acero — *aço, espada*. — Comer con buenos aceros; *comer com bom apetite*; Campanilla — *campanha* — tener muchas campanillas; *ter muito merito* y Falda — *fralda*. Cortar faldas; *cortar na pelle*. Perrillo de faldas — *cão fraldeiro*.

O bien, se ofrecen en otra línea de texto, inmediatamente posterior, y con un sangrado que denota la dependencia de esta voz con la anterior (Acá — *cá*. / De ayer acá — *de hontem para cá*. / Desde entonces acá — *de então para cá*; Cinta — *fitá*. / Estar en cinta — *estar pejada*; Desplegar — *desdobrar*. / Desplegar las velas — *dar as velas ao vento*; Lluvia — *chuva* / Lluvia de cala bobos — *chuva de molha tolos*).

Apenas hay remisiones, las que hemos encontrado en todo el diccionario son: Jofaina — V. Aljofaina; Lesna — V. Alesna; Remangar — V. Arremangar y Vucelencia — V. Excellencia.

### 3.1.4. Fuentes

Este lexicon que estudiamos tiene apenas cuatro mil quinientas voces, por lo que no es difícil pensar que tal vez Barroso escogiera de un diccionario de uso corriente las voces más comunes, y luego de alguna obra más específica haya escogido voces más coloquiales e incluso de registro vulgar para dar un estilo más “castizo” a su contenido. Gracias al cotejo de su contenido con el recurso electrónico del *Nuevo Tesoro Lexicográfico de la Lengua Española* de la Real Academia Española, hemos constatado que las primeras documentaciones de las voces recogidas por Barroso e Macedo se remontan a algunas ediciones académicas y también en diccionarios no académicos pero coetáneos, como los de Terreros, Gaspar y Domínguez.

## 3.2. *A pronuncia da lingua hespanhola apprendida sem mestre*<sup>129</sup>

### 3.2.1. Estructura y preliminares

En esta obra no hay ningún prólogo ni advertencia para el lector, e intuimos que, para el autor, es un complemento al *Lexicon*, la obra que acabamos de estudiar y que publicó dos años antes, al que acompaña como modelo de aplicación y uso del léxico enseñado en el primer libro.

Tras la portada, en la página tercera tenemos la sección dedicada al *Alphabeto hespanhol e sua pronuncia*. A continuación, en la quinta página, encontramos el primer subapartado dedicado a la *Accentuação*, en la siguiente página se centra en la *Vogaes*, en la séptima de los *Diphthongos*, y por último, en la octava, de las *Consoantes*. Después de este apartado el autor ofrece unos *Exercicios de pronuncia* (“La Libertad es uno de los más preciosos dones que los cielos dieron a los hombres...”), que terminan en la página número once, donde arranca a su vez el comienzo del *Vocabulario*. Éste acaba en la página 27. Tras el repertorio, en la página 28,

<sup>129</sup> Manejamos el único ejemplar conocido, que se encuentra en la Biblioteca de la *Facultade de Letras* de la *Universidade de Lisboa*, con la signatura ULCL LE 155.

encontramos un capítulo dedicado a las *Declinações*, al que le siguen otros centrados en los adjetivos, los pronombres y, para terminar, los verbos (en la página 38).

Por otro lado, en la 58 empiezan las *Phrases elementares*, en primer lugar ofrece 21 palabras o frases cortas, y luego pasa a plantear situaciones de comunicación usando las herramientas brindadas a lo largo del libro. Las situaciones son: *Ao encontrar-se; Para pedir e perguntar; Para consultar ou considerar; ir e vir, etc.; saber, ouvir, etc.; fallar, dizer, etc.; perguntar; probabilidade*, y, por último, *lástima, vituperio, raiva*.

A partir de la página 65 están los *Dialogos faceis*, donde se proponen, a su vez, los siguientes diálogos: *comer e beber; ir e vir; perguntas e respostas; a idade; a hora, o tempo, para cumprimentar; a visita; o almoço, antes de jantar e o jantar*. La obra se culmina en la página 75.

### 3.2.2. Disposición del Vocabulario

Esta obra contiene 608 palabras en su vocabulario, aunque si añadimos las pequeñas equivalencias que también ofrece sobre los superlativos y comparativos irregulares, los numerales y los pronombres, sumamos 79 voces más, por lo que en total tendríamos 687 entradas. En esta ocasión todos los lemas y equivalentes son simples, por lo que la cifra es exacta.

Lo excepcional de esta breve obra es la transcripción de la pronunciación figurada de cada entrada léxica. En cuanto a la morfología, no hay más información gramatical que el artículo determinado o indeterminado que acompaña a cada voz, confirmando el género de todas las palabras registradas. Los adjetivos, sin embargo, están lematizados únicamente por la forma masculina.

Sabemos que el objetivo de cada diccionario está condicionado por el contenido de sus artículos, y en este caso, Barroso, con una clara finalidad didáctica, ha compuesto un vocabulario que indica la pronunciación correcta de las palabras españolas, orientado desde el punto de vista de un usuario portugués. Hay quien opina que el uso de la información fónica depende de la relación que exista en cada lengua entre la representación ortográfica y la pronunciación, correspondencia que en español es bastante regular. De todos modos, lo importante es que refleje una dicción general y neutra lejos de variantes diatópicas, diastráticas o diafásicas, pues impera un carácter normativo y una forma canónica de pronunciación. Lo normal en este tipo de diccionarios es recurrir a un determinado sistema de notación mediante el que se representa la pronunciación de la palabra, lo que en este caso ha hecho Barroso es transcribir el lema mediante un código de signos que representan los sonidos<sup>130</sup>.

---

<sup>130</sup> La -s implosiva o final de palabra: ç. / La -n en posición implosiva se transcribe con el apoyo vocálico de la letra e (gáne-çô, gôlônedri-ná, gôrrione-, sálmône-, / Y lo mismo ocurre con la m ante b y pe: êmebôtá-dô / Las vocales átonas con signo circunflejo. / Las vocales tónicas o abiertas con acento agudo. / Separa mediante un guión la sílaba tónica de la palabra, cuando es aguda el guión es el último signo de transcripción (coraçôn-, árrôç-, rêlô-, silhôn-, tênêdôr-, mántêl-, álbánhil-, êncuádêrnádôr-, cátêdrál-, Rárdin- y rátôn-). / El sonido fricativo velar sordo se representa mediante una: R. / La letra ñ de sonido nasal palatal se representa mediante: nh. / La letra ll de sonido lateral palatal se representa mediante: lh. / El sonido palatal Ch se escribe: tch. / La ese intervocálica se representa también con una: ç / Tanto la b y la v las transcribe como b. / Y la hache desaparece de la transcripción.

### 3.2.3. Análisis del contenido

El vocabulario está organizado en 22 capítulos, en los que el léxico se ordena de la siguiente manera: los dieciocho primeros son únicamente sustantivos<sup>131</sup>; en el capítulo 19 están los adjetivos (58 en total), en el siguiente los verbos (102 infinitivos) y en los dos restantes encontramos los *Adverbios e preposições* (66 palabras) y *Conjunções* (15 palabras). Hay también otra serie de palabras traducidas al español y que no forman parte de ninguno de esos capítulos numerados, sino que son excepciones de uso (de los superlativos y comparativos) y además de los números y pronombres indefinidos, en total ascienden a 79 palabras. En conclusión podemos decir que, los sustantivos, son sin duda los más abundantes (356, más de la mitad del total), le siguen los verbos (102 en total), y por último están los adjetivos con 58 artículos, aparte de las palabras gramaticales.

Los sustantivos, clasificados a lo largo de dieciocho campos semánticos, siguen el esquema más o menos básico de las nomenclaturas. Pero dentro de cada epígrafe no tienen sino una ordenación extralingüística, es decir, que cuando describe el cuerpo humano lo hace enumerando las partes desde la cabeza hasta los pies, lo mismo que con las prendas de vestir; o cuando se refiere a los utensilios domésticos primero habla de los ubicados normalmente en la sala de estar, después pasa al dormitorio y por último a los elementos de la cocina. Sin embargo, el resto de apartados no demuestran un orden tan claro, y tampoco están ordenados alfabéticamente, por lo que podemos pensar que están colocados aleatoriamente. En el capítulo 18, dedicado a las naciones y nacionalidades, encontramos los únicos nombres propios, de países, que contiene esta obra.

Esta pequeña nomenclatura presenta mayoritariamente equivalentes simples, sea en la entrada, sea en la lengua de llegada. Las únicas excepciones son: *a toalha da mesa*; el mantel; *mântel*-; *o caminho de ferro*; el camino de hierro; *câmi-nô de iér-rô*; *o cair da tarde*; la caída de la tarde; *cái-dá dê lá tár-dê*; *tocar a campainha*; sonar; *sônár*-; *pedir emprestado*; tomar prestado; *tômár-prêçtá-dô*; *depois de amanhã*; pasado mañana; *páçá-dô*; *sem duvida*; de positivo; *dê pôçiti-vô*; *de facto*; de hecho; *dê ê-tchô*; *tanto melhor*; tanto mejor; *tán-tô mêlRô*- y *um e outro*; uno y otro; *u-nô i ô-trô*. Salvo estos casos, no encontramos más ejemplos de sinonimia en este breve vocabulario.

### 3.2.4. Fuentes

Al tratarse de una nomenclatura portugués español podríamos pensar que pudo acudir a la de su antecesor Peixoto, pero no es así, pues pese a coincidir casi en el número de subdivisiones, éstas no son las mismas, ni siquiera el léxico de las que sí se repiten:

Peixoto, *Grammatica Hespanhola*, 1858

1. [sin título. *El universo y la naturaleza*]
2. *Do tempo e suas divisões* (49 palabras)
3. *Festividades; épocas diversas* (12 palabras)
4. *Os grãos de parentesco* (28 palabras)

Barroso, *A pronuncia da lingua hespanhola*, 1872.

1. *O universo* (23 palabras)
16. *Tempo e estações* (37 palabras)
6. *Parentes* (14 palabras)

<sup>131</sup> Éstos son sus títulos y el número de voces que comprenden: *O universo* (23 palabras); *Partes do corpo humano* (25); *Comida e bebida* (33); *Vestuario* (21); *Utencílios domésticos* (22); *Parentes* (14); *Offícios* (11); *A cidade* (20); *A casa* (16); *Animaes* (20); *Aves* (15); *Peixes e insectos* (20); *Vegetaes* (11); *Arvores, fructos e flores* (22); *A escola* (10); *Tempo e estações* (37); *O campo* (22); *Nações* (25).

- |   |  |
|---|--|
| 5. <i>O homem, circunstancias da vida</i> (30 palabras)                     | 2. <i>Partes do corpo humano</i> (25 palabras)     |
| 6. <i>Partes do corpo humano</i> (43 palabras)                              | 4. <i>Vestuario</i> (21 palabras)                  |
| 7. <i>Accidentes; enfermidades</i> (38 palabras)                            | 5. <i>Utencilios domesticos</i> (22 palabras)      |
| 8. <i>Vestidos</i> (24 palabras)  | 3. <i>Comida e bebida</i> (33 palabras)            |
| 9. <i>Objectos de toucador, e uso ordinario</i> (27 palabras)               | 13. <i>Vegetaes</i> (11 palabras)                  |
| 10. <i>Moveis e utensilios domesticos</i> (31 palabras)                     | 7. <i>Officios</i> (11 palabras)                   |
| 11. <i>Utensilios de cozinha</i> (14 palabras)                              | 8. <i>A cidade</i> (20 palabras)                   |
| 12. <i>Dos alimentos</i> (57 palabras)                                      | 15. <i>A escola</i> (10 palabras)                  |
| 13. <i>Serviço de mesa</i> (18 palabras)                                    | 9. <i>A casa</i> (16 palabras)                     |
| 14. <i>Profissões, officios e diversas condições do homem</i> (30 palabras) |  |
| 15. <i>Partes de uma cidade</i> (18 palabras)                               |  |
| 16. <i>Partes de um edificio</i> (20 palabras)                              |  |
| 17. <i>Meios de transporte em viagem</i> (11 palabras)                      |  |
| 18. <i>Nos caminhos de ferro</i> (8 palabras)                               |  |
| 19. <i>Dignidades militares, civis e ecclesiasticas</i> (38 palabras)       |  |
| 20. <i>Jogos e exercicios de recreio</i> (21 palabras)                      |  |
| 21. <i>Arvores, fructos e flôres</i> (50 palabras).                         | 14. <i>Arvores, fructos e flores</i> (22 palabras) |
|   | 10. <i>Animaes</i> (20 palabras)                   |
|   | 11. <i>Aves</i> (15 palabras)                      |
|   | 12. <i>Peixes e insectos</i> (20 palabras)         |
|   | 17. <i>O campo</i> (22 palabras)                   |
|   | 18. <i>Nações</i> (25 palabras)                    |

Pero podemos llegar de nuevo a las mismas conclusiones que cuando tratamos la obra de Peixoto. En sí no resulta muy difícil la creación *ad hoc* de un pequeño repertorio léxico de menos de setecientas palabras, organizadas por áreas temáticas y con un simple equivalente en otra lengua que no es difícil de conocer o de procurar en algún otro diccionario. En este caso, Barroso se toma la molestia de incluir en este libro dedicado sobre todo a cuidar la pronunciación de la lengua española que hagan los portugueses y por ello escoge pocas palabras pero las transcribe todas, para que el lector se acostumbre a su representación fónica cada vez que acuda a consultar o memorizar una parte de este pequeño manual.

#### 4. Conclusión

A pesar de los pocos datos que avalan la trayectoria de nuestro autores José María Borges da Costa Peixoto y Carlos Barroso e Macedo, no debemos olvidar el mérito de publicar estas cuatro obras pedagógicas a mediados del siglo XIX pues, si bien es cierto que no aportan mucho a la constitución e historia del léxico español y portugués, sustentan, sin embargo, el valor testimonial de querer acercar a los portugueses la lengua española al mostrar las similitudes y proximidades léxicas.

En un breve repaso de la lexicografía hispano-portuguesa, podemos constatar que desde el primer diccionario bilingüe publicado en 1721 por Bluteau (Cfr. Salas, 2003 y Corbella, 2004), pasa más de un siglo hasta la aparición del siguiente repertorio que sustituye el lugar ocupado por aquél, que es el *Diccionario hespanhol-português* de Manuel Valdéz do Canto e Castro Mascarenhas, aparecido en tres tomos entre los años 1864 y 1866<sup>132</sup>. Entre estas dos obras sí

<sup>132</sup> Lisboa, Imprensa Nacional, 1864-1866.

que se publicaron obras lexicográficas que contenían el español y el portugués pero en vocabularios plurilingües o de léxico específico<sup>133</sup>. Inmediatamente antes del *Diccionario* de Valdêz salen a la luz las dos obras que hemos analizado de Peixoto, que comparativamente no son significativas, pero demuestran cierto interés de los portugueses en acercarse a la lengua española, cuando no existe un interés recíproco. Algunos años después publica Carlos Barroso y Macedo los textos también estudiados en este trabajo, y que apoyan la tesis que acabamos de esbozar. Después ya vendrán otros vocabularios de mayor envergadura y solidez lexicográfica como el *Dicionário hespanhol-portuguêz e portuguêz-hespanhol, com phrases e locuções usadas em Hespanha e na America hespanhola, de ciências e artes, de medicina, química, botânica, história, comércio, marinha* (1879-1880)<sup>134</sup> y los diccionarios de Henrique António Marques (1897)<sup>135</sup>, del vizconde de Wildik (1897-99)<sup>136</sup> y de Isidro Monsó (1900)<sup>137</sup> que culminan el siglo XIX y suponen un paso más allá en la historia de la lexicografía al contener además el léxico técnico y recoger las variantes geográficas de ambas lenguas.

Con estos manuales de enseñanza del español, Peixoto y Macedo pretenden, en pocas páginas, el objetivo de dotar a los lectores de unas mínimas destrezas comunicativas para el día a día, para lo que son fundamentales, por un lado, unas breves nociones gramaticales y, por otro, la puesta en práctica de las mismas a través de frases, conversaciones y diálogos variados en situaciones lingüísticas reales. De ahí la importancia de la presencia de los vocabularios. Tras el análisis de estos pequeños repertorios léxicos constatamos que estamos ante unos vocabularios que pretenden ser útiles a los portugueses que quieran manejarse en una conversación sencilla en español, pues la finalidad del conjunto de voces no es cultivar el acervo léxico de los hablantes sino ofrecer las voces más comunes y usadas del español. Y en cierto sentido lo han conseguido al demostrar la cercanía y similitud léxica que hay entre la lengua española y portuguesa, ventaja no desdeñable para todos aquellos que quisieran aprender este idioma por placer, para aventurarse en proyectos comerciales o para viajar a otros países.

---

<sup>133</sup> Así, por orden cronológico encontramos las siguientes obras que contienen el español y el portugués: *A Vocabulary in six languages*, de John Andree (1725); un breve diccionario lusitano-castellano en los *Secretos médicos y quirúrgicos* editado por Juan Curbo Semmedo (1731); el *Vocabulario poligloto* de Lorenzo Hervás y Panduro (1787); *A Marine Pocket-Dictionary* de Henry Neuman (1799); *A Vocabulary* de James Boardman (1810); el *Glosario Etimológico* de Leopoldo de Eguílaz Yanguas (1856). Cierran esta enumeración las dos obras de Peixoto que estudiamos en este artículo y que preceden al *Diccionario* de Valdêz.

<sup>134</sup> Compuesto bajo la coordinación de Jorge Cesar de Figaniere y editado en Porto, Empreza Editora de Obras Classicas e Illustradas, 1879-1880.

<sup>135</sup> *Novo dicionario hespanhol-portuguêz*. Lisboa, Pereira, 1897.

<sup>136</sup> *Novo dicionario hespanhol-portuguêz e portuguez-hespanhol*. París, Hermanos Garnier, 1897-1899.

<sup>137</sup> *Novo dicionario portuguez-hespanhol*. Lisboa, Pereira, 1900.

## La lessicografia bilingue italo-portoghese: testimoni a stampa dalle origini al XIX secolo

Monica Lupetti (Università di Pisa)

Gli studi condotti da Claudio Marazzini e da Telmo Verdelho ci consentono di possedere oggi un quadro decisamente più chiaro circa il ruolo rispettivamente svolto dall'italiano e dal portoghese all'interno della lessicografia bilingue europea. Ciò ci agevola nel difficile compito di rilevare la portata dei contatti che tra le due lingue si sono verificati nel corso dei secoli.

Al portoghese va riconosciuto, come appurato da Verdelho (2009: 121), il primato relazionale con le lingue orientali, dato che i primi dizionari (portoghese-cinese, portoghese-giapponese e viceversa) risalgono agli ultimi due decenni del XVI secolo e a primi anni del XVII, ma va rilevato parimenti che il «convívio interlinguístico»<sup>138</sup> tra la lingua lusitana e le colleghe europee prende avvio con un lieve ritardo rispetto a quanto è avvenuto per l'italiano. Già nel 1477, infatti, l'italiano verrà messo a confronto con il tedesco in un'opera anonima pubblicata a Venezia, comunemente nota come *Introito o Porta*<sup>139</sup>. Solo due anni più tardi gli farà seguito la nuova edizione, mutata in *Solennissimo Vocabuolista*, che spazia dal binomio italo-tedesco alla versione in cinque lingue, la quale, tuttavia, ancora non arriva a includere il portoghese<sup>140</sup>. L'italiano si confronterà quindi con il castigliano, nel *Vocabulario de las dos lenguas toscana y castellana* (1570) di Cristóbal de Las Casas<sup>141</sup> e pochi anni dopo, nel 1584, con il francese, nel *Dictionnaire Francais et Italien: profitable et necessaire à ceux qui prenent plaisir en ces deux langues* di Giovanni Antonio Fenice<sup>142</sup>. Infine, il confronto con l'inglese avrà luogo grazie a John Florio che redige *A Worlde of Wordes, or Most Copious, and Exact Dictionaire in Italian and English* (1598), testo che conosce in pochissimi anni una seconda edizione (1611), per l'ampliamento delle cui entrate l'autore attinge al già citato dizionario di Las Casas, alla *Fabrica del Mondo* dell'Alunno, ma anche ai nostri autori consacrati e a testi specialistici di medicina, cucina, ecc<sup>143</sup>.

Il portoghese, dal canto suo, vive nel XVII secolo il primo contatto, limitato e mal organizzato, con una lingua straniera. Come evidenziato da Verdelho (2009: 124-125), si tratta di due casi risalenti l'uno al 1621 e l'altro al 1634, date in cui furono pubblicate rispettivamente le *Raiizes da Lingua Latina Mostradas em hum Trattado e Diccionario*, di Amaro de Roboredo<sup>144</sup> e la

<sup>138</sup> La felice espressione è ancora di Verdelho, 2009: 121.

<sup>139</sup> Già studiata da Rossebastiano Bart, 1984, ma ancor prima da Emery, 1947.

<sup>140</sup> Le lingue interessate sono il latino, l'italiano, il tedesco, il francese e lo spagnolo.

<sup>141</sup> Per la non specifica attinenza di questa fonte al presente studio, rimando, per ogni dettaglio, a Lope Blanch, 1990: 111-124.

<sup>142</sup> Segnalo, a questo proposito, lo studio specifico di Colombo Timelli, 2006

<sup>143</sup> Si cfr. sull'argomento quanto meglio riferito da Marazzini, 2009.

<sup>144</sup> Sul calepino di Roboredo si confronti anche Lupetti, 2006.

*Prosodia in Vocabularium Trilingue, Latinum, Lusitanicum & Hispanicum Digesta* di Bento Pereira. In entrambi i casi, infatti, si mirava a privilegiare il confronto con il latino e la «lengua del Imperio» appariva, di fatto, solo saltuariamente e in modo del tutto frammentario. Occorrerà attendere Rafael Bluteau<sup>145</sup> e il suo *Diccionario castellano y portuguez* (1721) per avere un'informazione lessicale contrastiva di più vasta portata e, soprattutto, presentata in maniera più sistematizzata. Il XVII secolo segnerà anche il confronto del portoghese con altre lingue europee: è il caso dell'inglese, nel *Complete Account of the Portugues Language, being a Copious Dictionary* di Alexander Justice e dell'olandese, nel *Tesouro dos Vocábulos das Dúas Línguas Portuguêsa e Bélgica*, redatto da Abraham Alewyn e Joannes Collé<sup>146</sup>. Pochi decenni più tardi sarà la volta del francese, con il *Nouveau dictionnaire des langues françoise et portugaise: Novo Diccionario das Línguas Portuguêsa e Franceza*, pubblicato, dunque, in due volumi, tra il 1758 e il 1764, a Lisbona, presso José da Costa Coimbra.

## 1. Testimoni lessicografici plurilingui includenti portoghese e italiano

Anche portoghese e italiano, come il caso italo-tedesco citato poc'anzi, entrarono per la prima volta in contatto, seppur in forma tutt'altro che privata (l'incontro avvenne in presenza di altre sei lingue) su un terreno che vedeva protagonista il ceto mercantile. Mi sto riferendo alla fortunata serie dei manuali universalmente conosciuti come «Colloquia di Berlaimont» – anche se, com'è noto, così come avvenne nel caso dell'universalizzazione del termine «calepino», si tratta di un'etichetta puramente indicativa, dato che Berlaimont non fu che l'autore del primo dizionario (neerlandese-francese, 1530) dal quale prese avvio una serie plurilingue di quelli che definiremmo più propriamente «repertori lessicali» che, nella loro massima estensione – raggiunta con la versione in otto lingue – includono finalmente anche il portoghese, nella versione data alle stampe olandesi (Delft, B. Schinckel) nel 1598.

Non ci troviamo certamente davanti all'impresa lessicografica del secolo, ma che con una certa precocità sia data rilevanza alla lingua lusitana non è un fatto di poco conto. Chi, infatti, si trovava quotidianamente di fronte all'esigenza di possedere rudimenti linguistici per viaggiare in tutta Europa a scopo di lucro, aveva tutto l'interesse a conoscere, seppur attraverso un bagaglio lessicale piuttosto ridotto, le principali lingue d'Europa, con gli opportuni distinguo tra castigliano e portoghese, differenza che sarebbe andata sfumandosi fino a scomparire, sui piani più elevati della cultura, di lì a pochi anni, con l'avvento della monarchia duale, quando per «spagnolo» s'intendevano entrambe le lingue, al di qua e al di là del Guadiana.

Analizzata a più riprese, la vicenda editoriale dei *Colloquia* permane complessa e talvolta controversa, ma non lo è il giudizio sul loro indiscusso valore culturale<sup>147</sup>. Ciò, però, non ci esime dal rilevare che, quale strumento lessicografico, i *Colloquia* presentano limiti indubbi, a cominciare dalla loro consultazione, facilitata dalla disposizione per ordine alfabetico solo per quanto concerne il neerlandese, presente, come sappiamo, fin dalla prima edizione quadrilingue, stampata a Lovanio nel 1551 (e comprendente, oltre a questa lingua, il francese, il latino e lo spagnolo). Trattandosi di una traduzione *in progress*, che si adattava all'evolversi del testo

<sup>145</sup> Per quanto concerne la pratica lessicografica di Rafael Bluteau, di primario interesse sono i numerosi studi di Silvestre (2001a, 2001b, 2006, 2008).

<sup>146</sup> Verdelho 1994 e 2009 forniscono molte più informazioni di quanto faccia io in questo momento. Dei dati da lui rilevati, mi limito a riportare quelli più significativi per individuare le coordinate fondamentali entro le quali prende avvio e si sviluppa la lessicografia italo-portoghese.

<sup>147</sup> Sull'argomento sono da considerarsi imprescindibili gli studi di Colombo Timelli (2003) e Carpi (2009).

nelle varie versioni, è facile capire che sarebbe stato impossibile mantenere l'ordinazione alfabetica per tutte le altre lingue. Molte furono le edizioni che fecero seguito: mi limito a ricordare che la prima, in cinque lingue, prese a circolare nel 1558; l'esaglotta nel 1576 e quella eptaglotta dieci anni più tardi. L'italiano e il portoghese ebbero in questo iter due destini diversi: l'italiano, infatti, è presente sin dal 1558, nella versione quadrilingue intitolata *Vocabulario de Quatro Lingue, Francese, Latina, Italiana et Spagnola* (Lovanio, B. Grave) e anche in quella anversese dello stesso anno, a partire dalla quale non verrà mai più sostituito, risultando, dunque, sempre presente anche nella versione più estesa. Il portoghese, invece, farà la sua comparsa solo nella versione ottolingue che, comunque, conobbe numerose edizioni, da quella già citata del 1598, fino a quella bolognese del 1692, passando per Venezia (G. Combi, 1627 e *Typographia Iuliana*, 1656) e Londra (Typis E. G. Imprensis Michaelis Spark, 1639). Non sussiste, in questo caso, alcun legame specifico tra le due lingue di nostro interesse, se non l'annoverare, da parte di entrambe, un cospicuo numero di parlanti residenti nelle Fiandre, elemento che, unito al fatto che Portogallo e Italia erano tra le mete d'elezione dei commercianti anversesi, giustificava la loro presenza all'interno del volume.

All'aspetto lessicale è dedicata la seconda parte dei *Colloquia*, che si apre con una prima sezione esemplificativa dei dialoghi che avvengono negli ambiti più frequenti della quotidianità. Il «dizionario» di nostro interesse funge quindi da corredo alla parte prettamente grammaticale, che include la coniugazione dei verbi ausiliari, alcune regole per la corretta pronuncia e indicazioni grammaticali di base<sup>148</sup>. Lo scopo del dizionario (che comprende, per ciascuna lingua, all'incirca 1.000 lemmi) è, come dicevamo, quello di fornire un lessico di base che permetta al commerciante o allo studente<sup>149</sup> di muoversi con una certa agevolezza in semplici contesti comunicativi:

vader	padre	pay
venster	fenestra	janella
waterpot	ramino	pichel
voghel	uccello, augello	ave
visch	pesce	pescado
vleeschhuys	macello, beccaria	carniçaria
vanghenisse	prigione	cadea
vercken	porco	porco
weke	settimana	semana
wolle	lana	lana
weert	hoste	hospede
weerdinne	hostessa	hospeda
wortele	radice	raiz
winckel	bottega	tenda
voetweck	sentiero	vereda, seda
voeyer	pastura	pasto
vorme	forma	forma
vrydach	venerdì	sesta feyra
ure	hora	hora
vrede	pace	paz
weyde	pascolo	pastura

Tuttavia, come si può dedurre osservando le entrate lessicali sopra riportate, manca ogni tipo d'informazione grammaticale: si tratta per la quasi totalità del *corpus*, di sostantivi privi d'indicazioni di genere e numero (solo sporadicamente, e senza alcun criterio di base

<sup>148</sup> Queste ultime due sezioni sono redatte e fanno riferimento alle altre sette lingue, non al portoghese.

<sup>149</sup> Rizza (1994: VII) sottolinea come l'introduzione del latino, che avviene per la prima volta nella versione quadrilingue stampata a Lovanio nel 1551, segni l'accesso dei *Colloquia* alle scuole e alle università.

apparente, taluni sostantivi vengono citati nei due generi – come è il caso di *hoste/hostessa-hospede/hospedessa*) e tantomeno vengono accompagnati da spiegazioni di tipo monografico o citazioni, o ancora, frasi esemplificative del contesto applicativo. Solo in rarissimi casi assistiamo a uno sdoppiamento sinonimico, pratica particolarmente inusuale per quanto riguarda il portoghese – ne abbiamo rilevato una decina di casi in tutto il volume – e poco più frequente, come testimoniato dagli esempi sopra citati, nell'italiano. L'assenza di raggruppamenti per aree semantiche e la non esplicita connessione del lessico presentato con la progressione dei dialoghi che occupano la prima sezione del volume sono due elementi che, uniti al fatto, già segnalato, che quello dell'ordinazione alfabetica per il fiammingo è l'unico criterio di disposizione delle entrate, fanno sì che i *Colloquia et Dictionariolum Octo Linguarum* siano più vevoli per il patrimonio linguistico in essi registrato che come strumento lessicografico plurilingue di effettiva consultazione.

Un'opera multilingue alla quale ci si è riferiti di certo con una minor frequenza rispetto ai *Colloquia* è l'*Hegemon eis tas glossas, id est Ductor in Linguas or the Guide into tongues* di John Minsheu, pubblicato a Londra nel 1617<sup>150</sup>, nelle stamperie di John Browne. Le lingue interessate, in questo caso, sono undici, in un perfetto equilibrio, a quanto pare, tra l'area germanica e quella romanza, con l'aggiunta dell'elemento semitico: inglese, cambro-britannico, neerlandese, tedesco, francese, italiano, spagnolo, portoghese, latino, greco ed ebraico. Il volume è confezionato *in folio*; il corpo centrale consta di 543 pagine e accoglie al suo interno circa 12.000 entrate. È il primo dizionario inglese comparativo e, con tutta probabilità, è anche uno dei primi in Europa. Possiede un'altra peculiarità: quella di essere tra i primi libri pubblicati su sovvenzione nella storia dell'editoria<sup>151</sup>. E nel volume ve ne è traccia patente: nei preliminari troviamo, infatti, un

CATALOGUE and true Note of the *Names* of such *Persons*, which (upon good liking they have to the worke, being a great helpe to the *Memorie*) have received the *Etymological* DICTIONARIE of XI. *Languages*, viz, *English, British or Welch, French, Italian, Spanish, Portuguez, High-dutch, Low-dutch, Latine, Greeke, Hebrew* [...]

Si tratta, allo stesso tempo, di una sorta di avviso al lettore, affinché non si stupisca nell'eventualità di non trovare disposti in ordine gerarchico i nomi di coloro che hanno creduto in questa impresa, ritenendo che, con questo dizionario, l'autore abbia contribuito al bene comune e al progresso del sapere. E certamente costoro, citati nel catalogo più semplicemente secondo l'ordine in cui il testo è stato loro consegnato, hanno ben riposto la loro fiducia e il loro denaro, perché l'opera di Minsheu rappresenta senza dubbio un tassello importante nella storia della lessicografia plurilingue. La pratica lessicografica fu, del resto, un'attività alla quale Minsheu dedicò gran parte della propria vita per, come lui stesso dichiara, sostenere se stesso e la sua famiglia<sup>152</sup>.

<sup>150</sup> Occorre tuttavia segnalare che il portoghese (assieme al gallese) scomparirà nella seconda edizione (peraltro da ritenersi più accurata sotto il profilo tipografico), la quale esce nel 1625, includendo, dunque, nove lingue. La stessa venne ristampata nel 1626 e nel 1627.

<sup>151</sup> Abbiamo notizia di un'altra opera lessicografica di rarissima circolazione che venne pubblicata su sovvenzione; l'autore è David Ben Cohen de Lara, ebreo portoghese, nato a Lisbona, ma residente per lungo tempo tra Amburgo ed Amsterdam, che in quest'ultima località ha dato alle stampe il *Diccionario Talmudico-Rabbinico, che riporta le corrispondenze delle voci talmudiche e rabbiniche in quattordici lingue, tra cui l'italiano e il portoghese*, lasciandolo inconcluso al momento della sua morte, avvenuta nel medesimo luogo nel 1674. Su Ben Cohen de Lara, segnaliamo lo studio di Van Rooden (1986).

<sup>152</sup> Alcuni anni prima (1599) aveva pubblicato, sempre a Londra, il *Dictionaire in Spanish and English* (in due volumi, stampato da E. Bollifant e pubblicato in seconda edizione nel 1623 da J. Haviland per W. Asple; esiste un'edizione moderna dell'opera, pubblicata da Guerrero Ramos e Pérez Lagos 2000) e *A Spanish Grammar* (ancora per i tipi di E. Bollifant), i quali costituiscono un rifacimento ed ampliamento del *corpus* già precedentemente assemblato *in folio* da Richard Percival. Il *Ductor in linguas* – per il quale utilizzò la materia

Sul piano tipografico, colpisce la varietà dei caratteri di stampa: accorgimento di non poco conto dal punto di vista del lettore, che da ciò trae sicuro giovamento nella lettura e nella consultazione delle voci del dizionario. Pur non avendo una struttura visivamente complessa, e nonostante le lingue di nostro interesse non svolgano all'interno dell'opera un ruolo di prim'ordine, le voci non sono mai apposte a mo' di spicciole corrispondenze semantiche:

*to Beshrew thee, came first of the shrew mouse.* ¶ Topsell *de Quadrup: which as Dioscórides and other writers say his biting to bee venomous, and therefore called in diuers languages his name as his nature is.* G. Musaráigne. H. Musgáño. P. Musgáño. I. Museráño, Toporáño. L. Mus aráneus, i. a spider or venomous mouse. Gr. Μυογαλη.

L'entrata *to beshrew* testimonia l'intento dichiarato dall'autore nel frontespizio: impreziosire il proprio *lexicon* attraverso l'inserimento di vocaboli afferenti agli universi più diversi.

« [...] with the Reason and Derivations of Words in all these Tongues, with the exposition of the Terms and the Laws of this Land, and the description of the Officer, and Titles of Dignities [...]».

E il passaggio dal sostantivo al verbo viene spiegato attraverso fonti autorevoli, quali Dioscoride.

Dell'aggettivo *good* viene segnalato, come voce autonoma, il suo grado superlativo, reso in italiano attraverso tre equivalenze: *ottimo, il migliore di tutti, buonissimo*. Per il portoghese viene dato *muyto bom* e, di seguito, si annette una locuzione che segnala un uso frequentissimo del superlativo in oggetto: *best of all*, reso in italiano, poco correttamente, con *ottimamente*.

Vi sono, talvolta, anche esempi di totale squilibrio tra le lingue coinvolte in quest'impresa lessicografica: il verbo *to besiege* e il suo derivato *a siege or besieging* presentano, infatti, un equivalente portoghese (*cercar, cerco*) e in italiano (*assediare, assedio*), mentre se ne elencano numerosi per il castigliano. Se rari sono i casi di esaustiva esemplificazione fraseologica, la ricerca etimologica permea, invece, con molta frequenza, il *corpus* di Minsheu.

Abbiamo rilevato la presenza dell'italiano e del portoghese in un testo molto raro di António Viera Transtagano, erudito religioso alentejano rifugiatosi dapprima in Inghilterra e successivamente in Irlanda, dove lavorò come professore regio di inglese, spagnolo, italiano, arabo e persiano e dove, a Dublino, consegnò alle stamperie di L. White, nel 1789, un breve metodo per imparare la lingua araba (*Brevis, Clara, Facilis ac Iocunda non solum Arabicam Linguam; sed etiam odiernam Persicam, cui tota ferè Arabica intermixta est ad discendi Methodus*). La volontà di dimostrare il legame che unisce la lingua araba alla latina e alle principali lingue europee moderne lo portò a comporre un'opera della quale attualmente si conservano pochissimi esemplari e che certamente spicca per la sua difficoltà di consultazione. È legittimo, infatti, pensare, che più che per scopi pedagogici<sup>153</sup> Transtagano avesse delegato a questo metodo il

---

lessicografica sistematizzata anche in vista della pubblicazione di un'altra sua opera, il *Vocabularium Hispanico-Latinum et Anglicum copiosissimum* (presso John Brown, 1617) – ci appare quindi come il naturale prosieguo dell'iter lessicografico compiuto dall'autore o, se vogliamo, il culmine del suo lavoro, se si considera che morì proprio nell'anno in cui il dizionario plurilingue venne finalmente pubblicato. Già nel 1610 Minsheu aveva ottenuto dal vice-cancelliere un certificato in cui veniva affermata la qualità del suo lavoro, meritevole dunque di essere pubblicato. Ma a Oxford, dove visse per qualche mese con un gruppo di stranieri e colleghi durante la fase di revisione del dizionario, il lessicografo non riuscì a raccogliere sostenitori.

<sup>153</sup> A Vieira Trastagano dobbiamo altri testi metalinguistici, nella fattispecie, due dizionari e due grammatiche: *A Dictionary of the Portuguese and the English Languages, in Two Parts* (Londra, J. Nurse, 1773), che in seconda edizione uscì con il titolo *Diccionario Portuguez-Inglez e Inglez-Portuguez* (Londra, S. Nurse, 1782). Viene data notizia anche dell'esistenza di un'edizione del *Diccionario Inglez-Portuguez*, che sarebbe stata stampata a Parigi, di una *Grammatica*

compito di custodire un patrimonio lessicale che, per lo meno in questa veste, difficilmente sarebbe stato nuovamente raccolto nella storia della lessicografia.

Il dizionario appare suddiviso in cinque parti, a seconda della lingua d'entrata: latino, italiano, spagnolo (in cui si mescolano castigliano e portoghese), inglese e francese. Tale partizione è indicativa della prospettiva storica del dizionario, che parte dalle lingue più antiche per arrivare a quelle più moderne. Il lessico portoghese e quello castigliano condividono sessione e nomenclatura, poiché si ritiene che abbiano occupato contesti simili per quanto concerne l'influenza araba.

Le spiegazioni fornite sono sempre di natura etimologica, redatte in latino, e rari sono i casi in cui, per un'entrata si chiamano ad appello tutte le lingue elencate nel frontespizio dell'opera. Per accreditare quanto affermato, si fa spesso ricorso a un'*auctoritas*. In questo senso, il caso di *aer* è rappresentativo:

AER. Ab Ar. *aiar*, idem significante. V. Gol. P. 198. – Mirè se torquet Plato in Cratylo, circa etymologiam humus vocis, pluresque affert ingeniosas quidem, sed minus solidas derivaciones ex L. Graec. depromptas, cum tamen illius origo, ut vidimus, Arabica sit. Convenit autem Ar. *aiar* cum Hebr. *aur*. nec non Syr. *air*, i. e. *aer*. Hinc manarunt It. *aria*, Lus. *ar*, &c.

poiché, partendo dall'arabo *aiar*, si riportano gli esiti in varie lingue, tra cui l'italiano *aria* e il portoghese *ar*.

È nel dizionario latino che si riscontrano alcuni casi di comparazione tra italiano e portoghese, ma solo come testimonianza dell'evoluzione delle lingue romanze. La selezione contenutistica dell'opera, la sua ordinazione, e le finalità della stessa suggeriscono, quale destinatario, un pubblico colto ed elitario, e sono sufficienti a spiegare la scarsa diffusione del volume.

L'Ottocento, "secolo dei vocabolari" per antonomasia, sembra non aver riservato alle due lingue di nostro interesse un destino fecondo in fatto di lessicografia plurilingue. Si ha notizia, infatti, di due sole opere pubblicate in terra lusitana: la prima, di João Felix Pereira, porta il titolo di *Vocabulário Vulgar em Doze Línguas, Portuguesa, Latina, Grega, Hespanhola, Italiana, Francesa, Inglesa, Allemã, Hollandeza, Dinamarqueza, Sueca e Russa*, ma se ne ignora l'esatta data di pubblicazione<sup>154</sup>; la seconda fu redatta, invece, da Vicente Gomes de Moura. Si tratta delle *Taboas de Declinação e Conjugação para Apprender as Línguas Hespanhola: Italiana, e Franceza, Comparando-as com a Portuguesa*, pubblicate a Coimbra (Impresa da Universidade) nel 1821 e oggetto di preziosi studi di Rogelio Ponce de León (2009 e 2007) e Sónia Duarte (2006).

Un esempio plurilingue di rilievo, ascrivibile al XIX secolo, ci arriva dall'Italia dove, in una combinazione linguistica originale (che spicca certamente per l'assenza del castigliano – consuetamente presente laddove lo era il portoghese) Giustino Gonzalez, ufficiale della Marina, dedica ai propri allievi il *Vocabolario marittimo in quattro lingue*, stampato a Napoli (Stabilimento Tipografico A. Tocco – S. Pietro a Majella, 31), nel 1889. In realtà, come

---

*Portuguesa e Inglesa* (Lisboa, na Typographia Rollandiana, 1812) e infine di una *Grammatica Inglesa e Portuguesa, para uso dos Ingleses que Aprendem a Língua Portuguesa* (Londra, 1827).

<sup>154</sup> Curiosamente, invece, sono numerose le notizie che abbiamo sull'autore attraverso Inocêncio. Non ci soffermeremo, in questa sede, a descrivere il suo profilo poliedrico, ma si corre l'obbligo di segnalare che la sua produzione scientifica fu indubbiamente cospicua. Di particolare interesse per l'ambito lessicografico sono un *Dicionário Allemão-Portuguez* (1858), un *Vocabulário Usual das Línguas Portuguesa e Franceza, precedido de um Resumo de Grammatica Franceza e Seguido de um Glossario de Termos Commerciaes* (1880), un *Vocabulário Anglo-Russo* (s.d.), un *Dicionário Portuguez-Allemão* (s.d.), e un *Vocabulário Usual das Línguas Portuguesa e Inglesa, precedido de um Resumo de Grammatica Inglesa e Seguido de um Glossario de Termos Commerciaes* (s.d.).

torneremo a sottolineare in seguito, focalizzandoci sui dizionari bilingui che interessano il portoghese e l'italiano, è questa una versione ampliata del dizionario che lo stesso autore aveva dato alla luce sette anni prima.

Si tratta di un volume composto da 144 pagine, occupate quasi completamente dal *corpus* raccolto, che pur non costando di un elevato numero di voci, non può essere ritenuto esiguo, data la sua natura settoriale. Si riscontrano, infatti, unicamente voci appartenenti all'ambito marinaresco.

Nella prefazione, l'autore giustifica brevemente il suo intento: il linguaggio marinaresco va arricchendosi di nuovi termini, per lo più ricavati dalle arti meccaniche. I vocaboli della marina a vela diventano antiquati, ma in omaggio alla storia marittima e per l'interpretazione dei vecchi libri noi non possiamo dimenticarli; allo stesso tempo, il linguaggio della marineria moderna cerca, per quanto è possibile, di adattare alle nuove cose le denominazioni antiche. In questo breve dizionario, quindi, si conservano i principali vocaboli antichi e se ne aggiungono di nuovi, di uso più comune nella marina moderna, tratti da opere come quella del Parrilli, del Fincati e del Settembrini, o ancora, per il francese, da quelle di Bonnefoux e Paris; per l'inglese, da Burn, e da molti altri autori, che in Italia e fuori si occuparono di terminologia marina.

La prima sezione del *Vocabolario marittimo in quattro lingue* occupa le pagine 1-63, ciascuna suddivisa in quattro colonne, all'interno delle quali vengono ordinate alfabeticamente le entrate, prima in italiano e poi, nell'ordine, in portoghese, inglese e francese. Ciò a conferma di quanto esplicitamente dichiarato da Gonsalez: si tratta di un ampliamento del dizionario italo-portoghese da lui proposto sette anni prima. Tuttavia, per quanto riguarda il *corpus* assemblato per le lingue di nostro interesse, vi è qualche lieve traccia di revisione, com'è il caso della specificazione *cala della nave o stiva* (laddove nell'edizione del 1882 compariva unicamente la voce *cala*, sinonimizzata in *calanca*) o l'implementazione di *calcese*.

Osserviamo un alto grado di specificità: non solo ci troviamo, come si è già detto, all'interno di un contesto linguistico settoriale, ma rileviamo, in taluni casi, anche l'esigenza di ricorrere a precisazioni semantiche. È l'esempio di *caldaia, caldaia a vapore, caldaie tubolari*. O, in altri frangenti, può essere necessario comprendere una fraseologia gergale, come avviene con *cadere sottovento, cadere sulla costa, caduta d'una vela*.

La seconda parte del volume è occupata da un "dizionario di rapporto" (pagg. 63-fine), dove l'italiano è messo a singolo confronto con gli altri idiomi: avremo dunque una sezione portoghese-italiano, una inglese-italiano, ed infine una francese-italiano. Per ogni colonna si contano in media 45 entrate, che includono fraseologia, locuzioni e, ancora una volta, sostantivi specifici:

a beijar	a reboque	aba ou aza de hélice
a bordo	a terra	abadernas
a ré	a vapor	abafar o panno
a meio páo	a vela	abafar o fogo
a meia força	a todo o panno	abainhar
a pique	a proa	abaixo!
a tiro de canhão	a vista da terra	abalramento
a remos	a tona d'agua	abandonar navios, um comboio, uma presa

Il totale, quindi, per ciascuna lingua, è di circa 3.650 lemmi.

Provenendo da fonti diverse, la presentazione delle entrate non è strutturata, com'è ovvio, in maniera del tutto corrispondente tra le lingue coinvolte. Talvolta i vocaboli raccolti variano molto da una lingua all'altra. L'inglese e il francese, inoltre, presentano minor ricchezza lessicale rispetto al portoghese (il portoghese occupa le pagg. 62-94, l'inglese le pagg. 95-123 e il francese le pagg. 124-144).

Quello della marina era un lessico, in effetti, già esplorato nell'Ottocento italiano. Non poche erano nel nostro Paese le città che si sostentavano attraverso il commercio per mare. Tra le possibili fonti di Gonsalez non si può escludere che vi sia stato il *Vocabolario di marina in tre lingue* (italiano, francese, inglese; Milano, Stamperia Reale, 1813) redatto da Simeone Stratico, professore emerito delle università di Padova e di Pavia, il quale andò raccogliendo dai pratici di Venezia, Genova e Livorno molte voci marine dei dialetti di quei luoghi, ed ebbe pure modo di consultare un piccolo vocabolario napoletano manoscritto di quelle che lui stesso descrisse come «recenti voci appartenenti alla costruzione navale»<sup>155</sup>.

## 2. Marcare la differenza: l'opera di Joaquim José da Costa e Sá

Il merito incontrastato dell'aver gettato le basi della lessicografia italo-lusitana va certamente attribuito a Joaquim José da Costa e Sá, professore regio di latino, particolarmente noto per l'efficacia dei suoi insegnamenti, e corrispondente dell'Academia das Ciências. Lasciò, se consideriamo globalmente la documentazione a stampa e quella manoscritta, un patrimonio pedagogico di notevole valore, tra cui meritano particolare rilievo i suoi dizionari<sup>156</sup>. Non è un caso, infatti, che il suo *Diccionario Italiano, e Portuguez* (1773-1774) segni un momento cruciale nella storia della lessicografia bilingue, trattandosi di due corposi volumi in cui trova accogliamento un numero di entrate mai rilevato in precedenza per quanto concerne le lingue di nostro interesse (in totale, se ne contano circa 70.000)<sup>157</sup>. Si tratta di un'opera unidirezionale: il *corpus* è sistematizzato in italiano e vengono presentate le equivalenze in portoghese. Della seconda parte, che avrebbe dovuto raccogliere nomi propri di personalità illustri e toponimi, e che fu promessa esplicitamente nel paratesto dell'opera dallo stesso Costa e Sá, non sembra esservi traccia.

I preliminari apposti al primo tomo si rivelano fondamentali per ricostruire il contesto in cui l'opera prende a circolare e, ancor più, per capire gli intenti dell'autore nella composizione della stessa. Essa colma, infatti, un vuoto che si era protratto sino ad allora e che, con l'intensificarsi dei rapporti tra Portogallo e Italia, sotto l'auspicio di José I e del suo consigliere e ministro Sebastião José de Carvalho e Melo, marchese di Pombal (cui il dizionario, peraltro, è dedicato), non trovava più giustificazione. L'estrema necessità, da un lato, di colmare questa lacuna e, dall'altro, la profonda coscienza dell'evoluzione vissuta dalle lingue vive – le quali, com'è noto, si arricchiscono e si rinnovano costantemente – rendono il lessicografo consapevole della perfettibilità del proprio lavoro<sup>158</sup> che, comunque, nel caso di Costa e Sá, resta un'impresa senza precedenti.

La fonte principale per la composizione del dizionario di Costa e Sá è rappresentata dal *Dittionario imperiale, nel quale le quattro principali lingue dell'Europa; cioè l'italiana con la francese, tedesca*

<sup>155</sup> In realtà l'opera di Stratico ha dietro di sé un progetto molto più erudito di quello di Gonsalez. Già a un primo sguardo, la mole della prima colpisce certamente di più dei graziosi volumi del nostro capitano di vascello. Le entrate, poi, sono accompagnate da una spiegazione che non è soltanto di tipo applicativo, ma piuttosto di natura monografica, quasi enciclopedica.

<sup>156</sup> Oltre al dizionario di cui trattiamo in questa sede, Costa e Sá redasse un'opera lessicografica nota come *Diccionario das Linguas Franceza, e Portugueza, Composto pelo Capitão Manuel de Sousa, de novo Coordenado, Collegydo e Aumentado pela Taboas Encyclopedica*, ma per la cui stesura pare abbia usato solo in parte i pochi documenti lasciati da Manuel de Sousa (Lisboa, na Officyna de Simão Thaddeo Ferreira, 1786); nel 1794 fu la volta del *Diccionario Portuguez-Francez-Latim*, pubblicato del medesimo editore, che si occupò pure della pubblicazione del dizionario di nostro interesse. Inoltre, in questo stesso volume, João Paulo Silvestre ci dà notizia di un dizionario inglese-portoghese.

<sup>157</sup> Molti dei dati qui riportati sono stati forniti da Verdelho, 2009.

<sup>158</sup> In parte ciò è anche riconducibile al *topos* della falsa modestia.

e latina; la francese con l'italiana, tedesca e latina; la tedesca con la francese, latina e l'italiana; la latina con l'italiana, francese e tedesca si dichiarano, di Giovanni Veneroni<sup>159</sup> ma, come fa presente lo stesso autore, di fondamentale importanza sono stati anche Giacomo Facciolati, compositore-revisore del calepino in sette lingue pubblicato presso il Seminario di Padova e autore di un'*Ortografia moderna italiana*<sup>160</sup>, e Lorenzo Franciosini – il cui *Vocabolario italiano, e spagnolo* conobbe una notevolissima diffusione tra il XVII e il XVIII secolo e al quale, con tutta probabilità, il lessicografo portoghese ebbe accesso nell'edizione del 1743), e ancora, il *Vocabolario dell'Accademia della Crusca* e il *Dizionario italiano e latino [...] per uso degli studiosi di Belle Lettere nella Regia Università dei Torino* (del quale uscì un'edizione napoletana nel 1751, presso Giuseppe Antonio Elia).

Figlio del suo tempo, il lavoro di sistematizzazione di Costa e Sá è metodico, chiaro e intelligibile, ma non per questo scarno ed essenziale. Le definizioni fornite perseguono un criterio di chiarezza e semplicità, senza che ciò equivalga a togliere spazio ai significati non prettamente letterali delle occorrenze. Tutt'altro. Le specificazioni semantiche e, di conseguenza, i campi di applicazione delle voci raggiungono di frequente un numero molto elevato. È il caso del verbo *fare*, che occupa quasi quattro facciate del dizionario. Verbi come *abbandonare*, che di per sé parrebbe portatore di un significato univoco, è invece solo uno delle molte occasioni di esemplificazione fraseologica:

ABBANDONARE, v. a. Abandonar, deixar, desamparar.  
*Abbandonare la verace via.* Deixar o verdadeiro caminho.  
*Abbandonare no fig.* Commetter, entregar ao arbitrio e alvedrio de alguem.  
*Abbandonare alla fortuna.* Deixar á fortuna.  
*Abbandonare la vita.* Morrer.  
*Abbandonare em fig.* n.p. Esmorecer, desanimar-se, perder o animo.  
*Abbandonare.* A profundar-se [sic].  
*Abbandonare.* Desprezar-se, cair escorregando, errar, deixar-se ir, levar.  
*Abbandonare il partito d'alcuno.* Rebelar-se contra alguem.  
*Abbandonar'uno per accostarsi ad un altro.* Deixar um partido para seguir outro.  
*Abbandonar il Mondo.* Deixar o Mundo por seguir uma vida tranquilla.  
*Abbandonar le Armi.* Dar baixa de soldado, não militar mais.  
*Abbandonar i suoi beni, la sua vita.* Desprezar, não fazer caso, ter em pouco as suas riquezas, a sua vida.

Ed è anche uno dei molti esempi di espansione derivazionale:

Abbandonamento ou Abbandono  
 Abbandonante  
 Abbandonare  
 Abbandonarsi  
 Abbandonatamente  
 Abbandonato  
 Abbandonatore  
 Abbandonevole  
 Abbandonevolmente  
 Abbandono

<sup>159</sup> L'edizione reperita e su cui è stata effettuata la comparazione risale al 1743 (in Colonia, e Francoforte, appresso li eredi di Servazio Noethen) e contiene, quindi, anche le implementazioni di Niccolò di Castelli. È plausibile, tuttavia, che Costa e Sá abbia utilizzato per il proprio lavoro l'edizione del 1766 (con l'intervento di Carolus Placardi, per François Guillaume Joseph Metternich, a Colonia e Francoforte), che conobbe una più vasta circolazione. Meno probabile è che si sia basato su *Dictionnaire Italien e Francois* dello stesso autore: la comparazione effettuata a campione ha evidenziato numerose incongruenze nell'elencazione delle entrate.

<sup>160</sup> Consultata nella terza edizione, pubblicata nel 1727 e contenente un dizionario estrapolato da quello della Crusca, implementato con vocaboli tratti da scrittori non "saccheggiati" da quell'istituzione.

Anche nel trattamento dei sostantivi si raggiunge un ampio spettro semantico, entrando con una certa frequenza nell'ambito paremiologico, in quello settoriale o sul piano metaforico. Ecco un esempio:

DENTE. s.m. Dente.

*Tener l'anima co' denti.* Estar extremamente enfermo; estar quase expirando.

*Denti mascellari.* Dentes queixas.

*Denti d'avanti.* Dentes de diante. Os primeiros dentes.

*Fari [sic.] i denti.* Lançar os dentes, crear os dentes.

*Fatto a denti.* Feito em forma de dentes.

*Denti occhiali.* Dentes pelos quae se conhece que as bestas são cerradas.

*Denti che si muovono.* Dentes abalados.

*Denti sodi.* Dentes firmes.

*I buchi dei denti.* As covas dos dentes.

*Crollamento de' denti.* Destruição dos dentes, o abalar dos dentes.

*Cavare i denti.* Tirar os dentes.

*Cavadenti.* Sacamolas, o que tira os dentes.

*Fortificare i denti.* Fortificar os dentes.

*Allegare i denti.* Embotar os dentes.

*Nettar i denti.* Alimpar os dentes.

*Nettar i denti con una penna.* Palitar. Alimpar os dentes com huma penna.

*Smuovere i denti.* Abalar os dentes.

*Lo spuntar de' denti.* A sahida, o nascimento dos dentes.

*Dir qualche cosa fuori dai denti.* Dizer alguma coisa com liberdade

*Dirla fuori dai denti.* Fallar livremente, com confiança.

*Mi darete del pane quando non avrò più i denti.* Haveis-me de dar pão, quando eu não tiver dentes para o comer. [Hasde-me beneficiar, quando o beneficio me não puder servir de utilidade.

*Mostrare i denti.* Mostrar os dentes; mostrar-se agastado, e sem medo.

Nel dizionario, poi, si rinvencono tracce del patrimonio scientifico o, in altri casi, di un sorprendente sapere popolare o storico-religioso:

CIPOLLA. S. f. Cebolla, hortaliça, que tem três cores, branca, amarella, e encarnada.

*Cipolla.* por sem. Cebolla, raiz, barba de toda a planta, que tem semelhança com a cebola; cebolla de flores;

*Cipolla.* por sem. Moella das aves.

*Cipolla.* no fig. Cabeça

*Tagliar la cipolla ad alcuno.* Cortar, decepar a cabeça a alguem.

*Più doppio che una cipolla.* Proverbio. Homem refochado, traidor, dissimulado, velhaco, malinho, malinhoso, desleal, infiel: *Vir Duplex.*

Cipollasquilla. s. f. Cebolla albarrã quase venenosa, mas serve de ingrediente em alguns remedios.

CIPOLLATA. s. f. Cebollada, especie de mólho, ou de guisado, feito, e temperado com cebollas

*Cipollata.* no fig. Extravagancia louca, despropositada, delirio.

CIPOLLETTA dim. f.

CIPOLLINA dim. f.

CIPOLLINO dim. m.

} dim. di CIPOLLA. Cebollinha, pequena cebolla, cebollinho que não tem cabeça grossa.<sup>161</sup>

CIPOLLINI. s. m. plur. Marmores, que vem de Massa de Carrara, cidade de Toscana em a Italia.

DENTE CANINO. s. m. Grama. Planta medicinal. Termo botanico.

DENTE CAVALLINO. s.m. Dente de cavallo. Qualidade de planta. Termo de botanica.

<sup>161</sup> Quando varie entrate italiane possono essere definite allo stesso modo in portoghese, Costa e Sá fa sì che convergano in una parentesi graffa.

CONFESSIONE. s. f. Confissão, declaração, aprovação, reconhecimento da verdade, afirmação, segurança, asseveração, ratificação, confirmação.

*Sia rimedio al peccatore la Confessione.* Seja remédio para o peccador a Confissão.

*Confessione.* Confissão, a acção de confessar, de ouvir em confissão os penitentes.

*Confessione.* Confissão, a acção de confessar, de declarar os seus pecados a um sacerdote para receber delles a absolvição.

Confessione. Confissão de Fé, que he uma declaração dos Artigos da Fé da Igraja.

Confessione. A confissão, o *Confiteor*.

Confessione. Parte, confissão das Igrejas antigas

*Confessione Augustana. Confessione Luterana.* A confissão de Ausburgo, declaração dos Artigos da Fé, e de Religião, que tem a crença, e confissão dos Secretarios de Lutero, o qual os apresentou ao Imperador Carlos V. em Amburgo, Cidade livre de Alemanha em Suevia no ano de 1530.

CONFSSIONISTA. s. m. Confessionista, Lutherano, Secretario de Lutero, que professa a confissão de Ausburgo.

Nel passaggio dalla variazione diafasica a quella diatopica, ci accompagna il prologo, da cui evinciamo la piena coscienza del mosaico linguistico italiano da parte del lessicografo portoghese:

«Deve-se advertir que na lingua Italiana se observão três diferentes dialectos, que estão recebidos, a saber, o Romano, o Florentino, e o Toscano: em quanto ao fundo da Lingua elles são uma só linguagem. Eu por isso notei algumas vezes a cada Vocábulo se he usado em Roma, se em Florença ou se em Sena. Accentuei exactamente as palavras para a sua perfeita pronunciação, e verdadeira intelligencia, em todas aquellas syllabas, em que se deve fazer a maior pausa com a voz; pois muitas vezes huma palavra tem diferentes significações, as quais só se indicão pelo acento: por exemplo *Áncora* significa Ancora do navio; *Ancòra* he um adverbio e significa Tambem: *Balza*, significa Liberdade, Poder; *Bália*, Ama [...].»

Restando nell'ambito della pronuncia, l'attenzione dell'autore si focalizza anche sull'apertura delle vocali *e* ed *o*, a seconda della quale può mutare il significato di due voci omografe:

TORTA. s. f. Pronunciação com O fechado. Torta, espécie de pastel, que se faz de carne, de peixe, de nata, o de fruta.

*Mangiar la torta in capo ad alcuno.* Prov. Poder comer as papas na cabeça de alguém; isto he ser mais alto em a estatura, que não he outra pessoa. Modo baixo

*Mangiar la torta in capo ad alcuno.* no fig. Ter o genio superior; vencer, superar, alguém no génio: *Aliquem sibi subijcere ingenio, aut vi.*

TORTO. adj. m. Ta. Torto, curvo, tortuoso, retorcido, obliquo, dobrado; o contrario de direito. [...]

PESCA. s.f. pronunciando-se com E aberto. Pessego, fruto. [...]

*Pesca.* Pizadura, contusão, negrura, que fica na cara por alguma pancada.

PESCA. s.f. pronunciando-se com E fechado. Pesca, pescaria; a acção ou arte de pescar.

Da notare, infine, che il latino, viene in soccorso per chiarire ulteriormente il contesto applicativo del lemma: si veda CIPOLLA tra le voci citate poco sopra: più doppio che una cipolla / homem refochado / vir duplex.

Silenzioso registratore delle idee e dei dibattiti che animavano la repubblica letteraria, testimone di rara portata della tradizione lessicografica, con Costa e Sá il dizionario si fa custode di saperi eterogenei prossimi all'enciclopedismo, diventando uno strumento di straordinaria modernità che lega indissolubilmente due storie, due culture, due civiltà.

### 3. Un proficuo convivio metalinguistico: esempi di congiunzione grammaticografica e lessicografica

Ancor prima del compimento dell'importante impresa lessicografica di Costa e Sá, sappiamo dell'esistenza di un dizionario italiano-portoghese redatto da Caetano de Lima e accluso alla sua *Grammatica Italiana e Arte para Aprender a Lingua Italiana por meyo da Portuguezza*, pubblicata a Lisbona, presso Joseph da Costa Coimbra nel 1734 (2° ed., 1756). Il manuale, infatti, comprende in chiusura vari capitoli (che occupano le pagg. 351-418) dove si raccolgono circa duemila vocaboli, suddivisi per aree tematiche, a loro volta presentate secondo un ordine gerarchico dal remoto sapore medievale. L'apparato lessicografico viene presentato come un *Compendio de Varios Nomes Proprios e Termos particulares de Artes e Sciencias, dividido por Classes de Materias*<sup>162</sup> ma costituisce un vero e proprio vocabolario autonomo, strutturato, appunto, secondo un criterio tassonomico che permette all'autore di dare uno spazio consono a quelle che erano le sfere più importanti della vita e della quotidianità, le quali avrebbero certamente rappresentato un'occasione di necessità lessicale per colui che intendesse imparare l'italiano.

La suddivisione prende avvio da macro-contesti spazio-temporali, quali l'*Hemisferio Superior* e l'*Hemisferio Inferior*; passa poi a trattare *Do Tempo, e suas partes*, ai mesi e ai giorni della settimana, per approdare ai luoghi più familiari e naturali: è il caso degli spazi che possono comporre un edificio, delle parti della città, degli elementi decorativi che si possono trovare all'interno di una casa. Non solo: rispondendo, seppur in misura minima, alla necessità di sistematizzazione dei saperi tecnici, medici e, più in generale specialistici, si trovano elencati anche quadrupedi, pesci e crostacei, o ancora, insetti e gli alberi. Non possono mancare all'appello, com'è ovvio, aree come quella della religione e della moralità. Siamo, quindi, di fronte ad un *corpus* formato esclusivamente da sostantivi portoghesi non sempre tipizzati e solo sporadicamente sinonimizzati, di cui ci viene fornita la corrispondenza italiana, priva, tuttavia, di qualsiasi accenno al suo contesto applicativo. Il trattamento dei sostantivi è invece molto accurato nella sezione che precede questo *Compendio*, e che occupa il capitolo XXXII della *Grammatica*. Si tratta di una raccolta di sostantivi e verbi che presentano difficoltà di varia natura, e il cui trattamento viene corredato da osservazioni esplicitamente attribuite degli accademici della Crusca o ad altre autorità in materia lessicografica. L'esempio di *acconciare* testimonia un'attenzione particolare per la sinonimia, per la derivazione e, dunque, per l'uso diversificato che di una voce può essere fatto:

**Acconciare.** Concertar, Preparar, Pôr em bom estado. *Acconciarsi la testa.* Concertar o cabelo, Toucar-se. *Acconciarsi sómente.* Concertar-se, Vestir-se, Compôr-se. *Acconciarsi insieme.* Ajustar-se entre si, Compôr-se. Reconciliar-se. *S'acconciò cò Fiorentini.* Ajustou-se com os Florentinos.

**Acconciamento.** Concerto, Acção de concertar. Pôr em boa ordem e estado. *Acconciamento d'un porto.* O concertar, fazer hum porto.

**Acconciatura.** Concerto, Ornato da Cabeça. Toucado.

**Acconcio.** Commodo, Utilidade. *In grand'acconcio di Pisani.* Com grande utilidade dos de Pisa.

Da ultimo, rileviamo la presenza di un'altra lista di circa duecento vocaboli di varia tipologia, raccolti perché possono presentare, per chi si appresta ad imparare l'italiano, difficoltà di sillabazione e accentazione, com'è il caso di

<sup>162</sup> Tipologia innovativa solo per quanto concerne l'italiano. Più di un secolo prima, infatti, Amaro de Roboredo aveva apposto alla sua *Porta de Linguas* (Lisboa, Pedro Craesbeek, 1623) un calepino.

**Bália** por ama  
**Bália** por Magistr.

**Fólgore.** Relamp.  
**Folgóre.** Esplend.<sup>163</sup>

il cui uso si evince dalla regola esplicitata, secondo quanto riferisce Caetano de Lima, nella *Prosodia Italiana* di Placido Spadafora.

Rivolgendo ora lo sguardo al nuovo secolo, un'altra opera non prettamente lessicografica ma degna di nota è quella redatta da Antonio Michele, italiano residente nella capitale lusitana, dove insegnò la sua lingua, oltre all'inglese e al francese<sup>164</sup>. L'autore trova spazio all'interno della storiografia linguistica luso-italiana per il suo *Thesouro da Língua Italiana*, pubblicato a Lisbona (nella Nova Officina de João Rodrigues das Neves) nel 1807. Si tratta, in realtà, di un'opera composita mirata, nel suo insieme, all'apprendimento dell'italiano da parte di portoghesi, anche autodidatti. La prima unità costituiva del *Thesouro* funge da «Proemio Grammatical» e consta di una lista esplicativa dei termini più specifici dell'arte grammaticale, pensati specialmente per coloro che non si sono mai avvicinati a questa disciplina neppure nella loro lingua materna e, successivamente, si trova un vademecum sulla pronuncia italiana. Quello che appare, invece, particolarmente interessante per il nostro studio è la terza parte del *Thesouro* che, pur presentandosi con il titolo di «Advertencias Grammaticaes», è in realtà un vero e proprio dizionario. Contenuto e struttura legano indissolubilmente questa sezione alle altre parti che compongono il volume, senza le quali esso perderebbe molta della sua ragion d'essere. Tuttavia, il suo valore lessicografico, decretato per lo più dalla completezza di informazione con cui si presentano le voci raccolte, resta in ogni caso incontestabile<sup>165</sup>. I lemmi raccolti sono all'incirca un centinaio: un numero limitato, dunque, se considerato oggettivamente, ma interessante se studiato in rapporto all'opera nel suo complesso. In ogni caso, il lessico che riscontriamo è ascrivibile a una tipologia molto ristretta: per esempio, esiguo è il numero dei sostantivi, più elevato quello dei verbi, e certamente rilevante nell'economia del *corpus* è quello delle congiunzioni e delle preposizioni. Non sembra esservi un preciso criterio semasiologico nella selezione dei sostantivi, che hanno, come accadeva con Caetano de Lima, il denominatore comune dell'appartenenza al quotidiano e, nel caso di Michele, la conseguente peculiarità di comparire all'interno dei dialoghi proposti negli *Elementos da Conversação Italiana e Portuguesa*. Vediamo alcuni esempi:

IMPEGNO, empenho. Não he palavra muito antiga, porém acha-se usada por P. Paolo Segueri he boa, e explicativa, e além disso hoje he muito precisa no idioma Italiano.

LABBRO, Beiços (que á maneira dos Florentinos se pronuncia, e escreve com dous bb), no plural faz labbri, e labbra, e os Poetas dizem também labbia.

LEGNO, fôrma no plural legni, quando se toma no seu próprio significado ou no de navio: quando por legna de queimar fôrma legna, e legne.

<sup>163</sup> Le abbreviazioni (per relâmpago e esplendor) sono dell'autore.

<sup>164</sup> Va rilevato che, sia per il caso di Antonio Michele sia per molti degli autori che qui trattiamo, i più noti strumenti bio-bibliografici italiani non sono d'aiuto per la ricostruzione del loro profilo culturale e scientifico. Ci limiteremo, pertanto, a fornire indicazioni del genere per lo più sulla base di fonti portoghesi e, ove possibile, avvalendoci di quanto viene detto all'interno delle opere prese in esame.

<sup>165</sup> L'interesse ricoperto dall'opera di Michele è stato rilevato da Verdelho (2009).

MARGINE, quando significa *cicatrix* em Latim he do genero femenino; mas quando é usado por *margo*, margem, extremidade, orla, então he do género masculino.

Colpiscono, delle voci citate, vari aspetti: il primo, che accomuna tutte, è quello dell'analiticità della spiegazione fornita, che non troverebbe spazio all'interno di un dizionario *tout court* ma rappresenta il privilegio di un'appendice lessicale specifica, inclusa in un metodo di apprendimento. In secondo luogo, la moltiplicazione sinonimica (è il caso di *margine*) nella lingua di partenza del discente che, in questa maniera, può avere chiari tutti i contesti applicativi del vocabolo italiano. In aggiunta a questo, vi è una notevole attenzione per la disambiguazione, che avviene per mezzo di un processo di tipo etimologico (*legno*, *margine*). Anche l'elemento fonetico trova spazio nel lavoro di Michele: il termine *labbro* gli dà modo di informare il lettore della possibilità di più pronunce nell'italiano e di far notare, dunque, l'esistenza di una variante preferibile.

I verbi rappresentano la parte più cospicua del *corpus*, all'incirca il 50%, e sono presentati mediante l'illustrazione dei modi e dei tempi che possono arrecare maggiori difficoltà all'apprendente. È il caso di *dare* e *porre*:

DARE, Dar. No imperfeito do Conjuntivo faz melhor *dessi*, do que *dassi*; e no Pretérito Perfeito definido do Indicativo *diedi*, *desti*, *diede*. Plur. *Demmo*, *deste*, *diedero*, ou *dieron*. Nos Escritores antigos acha-se *diei* na primeira do Singular *dienco*, e *denno* na terceira do Plural.

PORRE, he derivado de ponere, e he Irregular em alguns tempos.

*Indicativo presente*. Pongo, poni, pone. Plur. ponghiamo, ponete, pongono.

*Pretérito perfeito Definido*. Posi, ponesti, pose. Plur. ponemmo, poneste, posero.

*Futuro*. Porrò, porrai, ecc.

*Conjuntivo presente*. Ponga, ponghi, ponga. Plur. ponghiamo, ou poniamo, ponghiate ou poniate, pongano.

*Imperfeito*. Porrei, porresti, porrebbe. Plur. Porremmo, porreste, porrebbero, ou porrebbero.

*Participio*. Posto.

L'inclusione dei pronomi personali quali *io*, *lui*, *lei*, *loro*, ecc. serve a Michele per inserire nel dizionario le informazioni più preziose circa la loro applicazione. Basti il caso di *loro*:

LORO, serve a ambos os generos nos obliquos do Plural, tendo a mesma força que tem *lui*, e *lei* no Singular, e não precisa de preposição no Genitivo, ou no Dativo, dizendo-se muito bem *i beni loro*, isto he *di loro*; *diede loro*, isto he, *a loro*. Advirta-se, que não se deve usar *suo*, e *sui* em lugar de *loro*; v. gr. diga-se *gli scolari col loro maestro*, e não *col suo maestro*, ao encontro dos casos. *Il maestro co' i suoi scolari*, e não *coi loro scolari*; porque *suo* serve para os nomes do singular, e *loro* para os do Plural. Esta regra porém não he tão infallível; que se não achem muitos exemplos em contrario.

Con il trattamento delle congiunzioni si offrono al lettore annotazioni di stile:

ABBENCHÉ, não he tão elegante como *benché*, ainda que.

ACCIOCCHÉ, a fim de que he mais elegante que *acciò*. Acha-se também *acciò* che separado, e algumas vezes com huma palavra no meio, como em Boccac. G. 5 n. 9. *Acciò solamente che conosciate*, só a fim de que V. m. Conheça.

Nel caso degli avverbi, per chiarirne, l'uso si fa ricorso al latino, com'era accaduto con alcuni sostantivi:

DIPOI, ou di *poi*, *dappoi*, ou *da poi*, são Advérbios de tempo, e correspondem ao Latino *postea*: não se devem confundir com a preposição *dopo*, da qual se tratará em seu lugar.

DOPO, se escreve, e não *doppo*, nem *dopò*, e he preposição que corresponde á Latina *post*. Quando é Adverbio de tempo se usa *Dipoi*.

L'esempio di *dopo* ci permette di rilevare ulteriori annotazioni, questa volta di tipo ortografico, come accade nel caso di

DIFETTO, E DIFENDERE, *Defeito*, e *Defender*. Não se escrevem bem com o *f* dobrado; a pezar de que alguns por inadvertência o tenham feito.

Vi è poi un'ultima categoria che trova spazio in questo dizionario "settoriale": quella dei suffissi. È il caso di:

ACCIO, os nomes a que se junta *accio* quasi sempre significão maldade. Junto ás de boa significação a torna má, se se ajunta aos de má a faz peor. Algumas vezes denota cousas d'huma grandeza extraordinária, como *Bastonaccio*, grande bastão.

del quale vengono individuate la doppia funzione sintattica di peggiorativo e quella di accrescitivo. I limiti quantitativi del *corpus* di Michele sono evidenti, così come lo è la scarsità di fraseologia esemplificativa che condiziona inevitabilmente la fruibilità dell'opera e che, se vi fosse, bilancerebbe pragmaticamente la componente erudita che emerge con frequenza all'interno del dizionario. Ciononostante, il suo caso resta un *unicum*: una selezionata preziosità nel panorama della glottodidattica luso-italiana.

#### 4. Un interessante asse Lisbona-Rio: le opere lessicografiche di Antonio Bordo e Antonio Prefumo

La prima vera identità lessicografica del XIX secolo è dunque quella di Antonio Bordo<sup>166</sup>. Alla base della compilazione del suo *Diccionario italiano-portuguez e portuguez-italiano* (Rio de Janeiro, Typ. Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, Rua do Sabão n. 114, 1853-1854) è ravvisabile uno spirito pragmatico, squisitamente ottocentesco. Si tratta, infatti, di un dizionario di uso, dalla consistenza piuttosto ridotta e dal formato maneggevole. Due i tomi, *in ottavo*, che lo costituiscono: il primo (italiano-portoghese) è di XVI + 476 pagine e il secondo (portoghese-italiano) di XVIII + 519.

Una lettura attenta dei paratesti che accompagnano entrambi i volumi ci consente di dedurre che le competenze di Bordo erano tutt'altro che inadeguate alla compilazione del dizionario. Doveva certamente trattarsi di uomo pratico, probabilmente poco amante della retorica e privo di una specifica formazione letterario-filologica, ma tutt'altro che ignaro delle coordinate socio-politiche e culturali che lo implicavano e dell'imprescindibilità dell'opera che stava redigendo. Con il progressivo intensificarsi del fenomeno di emigrazione degli italiani in Brasile, a cavallo tra il XVIII e il XIX secolo, si assiste alla comparsa di varie grammatiche di portoghese destinate a questa specifica tipologia di utente (e volte a fornire, oltre a rudimenti di morfologia, degli strumenti linguistici basici per potersi gestire in situazioni comunicative elementari, talvolta di natura settoriale). Bordo, con il suo lavoro, precorre questa tendenza, corredando quello che per alcuni decenni sarebbe rimasto – assieme all'opera di Antonio Prefumo – l'unico dizionario bilingue luso-italiano di una grammatica italiana per portoghesi e

<sup>166</sup> Di Antonio Bordo si possiedono a tutt'oggi scarsissimi elementi biografici. È Inocêncio Francisco da Silva nel *Diccionario Bibliographico Portuguez* (tomo I, pag. 98) a riferirci che si trattava di un italiano residente a Rio de Janeiro, città ove morì il 15 maggio 1865. Poco si sa oltre a questo, se non che si trattava – è l'autore stesso a fornire di sé questa definizione – di un "addetto al commercio e semplice bibliofilo", condizione che, a suo dire, non gli concedeva di dedicare alla realizzazione del dizionario il tempo che egli avrebbe desiderato, né lo faceva sentire all'altezza dell'impresa, non possedendo alcun titolo accademico ufficiale per condurla.

di una portoghese per italiani<sup>167</sup>. Della necessità di un nuovo dizionario che mettesse a confronto italiano e portoghese è lui, per primo, a far menzione:

«Toda lingua falada por um povo cujo sistema de vida social não seja o isolamento, e que tenha produtos ou manufacturas para importar ou exportar, e uma bandeira conhecida no mar, já não pode prescindir de ter dicionários relativamente às outras [...]. Ora, as línguas portugueza e italiana não só se acham no estado próximo destas condições como estão revestidas de outras de não menor quilate. A língua dos antigos emulos dos Holandezes em descobertas e navegação, he muito recomendavel pela sua bella litteratura, e alem de ser fertilissima em vocabulos, e de se prestar eminentemente á poesia, e ao contexto de qualquer assumpto, com aquela elegancia e propriedade de termos que revela a cada passo a sua origem latina, he uma, se não a principal, das que se fallam em tão dilatada extensão de territorio [...]. A língua italiana, fallada por mais de 24 milhões de homens que, pela configuração topográfica e situação central da Itália estão em permanente circumstancia de se porem e de serem postos em contacto com as nações de todo o mundo, a língua italiana que se bem se examinar em sua origem primitiva, se conhecerá ser imagem, de que conserva todavia a robusta elocução e não equivocos caracteres, he seguramente a mais antiga das línguas vivas europeias e por conseguinte americanas; he ilustrada por abalizados historiadores, e profundos escriptores [...], e indubitavelmente a unica que conte hoje em dia seis seculos de aurea e não interrompida litteratura [...]. Ninguém ignora ser ella pouco menos que indispensavel, no Brasil e em Portugal, para o estudo da musica».

La nobiltà e la versatilità delle due lingue – che si prestano perfettamente ad assolvere sia un servizio di alto profilo, come quello della professione letteraria, sia compiti più pragmatici legati, ad esempio, all'attività commerciale – legittima *in toto* l'impresa di Bordo, il quale, come lui stesso peraltro riferisce, si trovò a fare i conti con un predecessore “vecchio” di quasi un secolo.

La prospettiva storica che abbiamo il privilegio di poter adottare quali lettori del XXI secolo ci obbliga ad asserire che l'importanza del *Diccionario Italiano, e Portuguez* di Costa e Sá resta indiscussa nella storia della lessicografia lusitana. È plausibile, tuttavia, che un uomo d'affari come Antonio Bordo, obbligato ad essere costantemente aggiornato sulle novità di mercato, giudicasse superata l'opera del professore regio lisboeta, pur riconoscendone esplicitamente la portata e il merito. Le lingue, com'era noto anche a Bordo, evolvono in maniera pressoché incontrollata, ora restaurando vocaboli desueti, ora inglobandone di nuovi, declassandone alcuni e nobilizzandone altri; detto ciò, e considerata la totale inesistenza di un volume portoghese-italiano, si comprende perché l'autore sia giunto alla conclusione che sarebbe stato ad uopo realizzare un'opera «portatil, que accessivel pelo preço e comodo pela forma estivesse ao alcance de todos»<sup>168</sup>. Per fare questo, si servì del *Vocabolario dell'Accademia della Crusca*, del *Vocabolario della lingua italiana* di Giuseppe Manuzzi (Firenze, presso David Passigli, 1859<sup>2</sup>), del *Vocabolario universale italiano* compilato dalla Società Tramater & C. (Napoli,

<sup>167</sup> Le *Breves Anotações sobre a Língua Italiana* sono poste in apertura al tomo italiano-portoghese (pp. I-XVI) e comprendono, oltre all'esemplificazione dell'alfabeto – all'interno del quale viene posto l'accento sulle consonanti che presentano una diversa pronuncia nelle due lingue, a seconda della vocale che le accompagna, come è il caso della *c* e della *g* – alcune osservazioni complementari circa l'uso della *b* (in posizione iniziale, media – posta tra *c*-*e*, *c*-*i*, *g*-*e* e *g*-*i*, e finale – nelle interiezioni), delle consonanti doppie (che in portoghese restano solo come segnali etimologici e la cui ortografia può non equivalere alla pronuncia standard, mentre in italiano sono obbligatoriamente da pronunciarsi con una forte e vibrante inflessione della voce) e la pronuncia delle vocali (accentate o meno). Chiudono questo apparato una spiegazione sulla suddivisione in sillabe, un'altra sul genere e numero di nomi e aggettivi ed una nota sulla tre coniugazioni (verbi regolari) e sui verbi ausiliari (*ter* o *haver* e *ser* o *estar*). Da segnalare, altresì, la presenza, in calce al volume, di un'appendice in cui si raccolgono nomi propri, la quale occupa le pagg. 469-476.

<sup>168</sup> Bordo dà avvio alla redazione del tomo italiano-portoghese nel 1845 e la terminerà nel gennaio 1853. Nel 1849 fu costretto a interrompere il proprio lavoro a causa di una virulenta epidemia di febbre gialla che colpì Rio de Janeiro e le aree limitrofe.

loro stamperie, 1829) e, da ultimo, quello di Paolo Zanotti, che fu tra i collaboratori del padre veronese Antonio Cesari, artefice di un'importante rivisitazione della Crusca (1806-1811)<sup>169</sup>.

Il compito che per Bordo risultò più arduo fu senza dubbio la compilazione del volume portoghese-italiano per il quale, come segnalato poc'anzi, non possedeva alcuna fonte autorevole in materia. In ogni caso, fu in grado di confezionare un tomo di quasi 36.000 vocaboli<sup>170</sup> che non corrispondono alla mera traduzione del lessico presentato nella sezione italiano-portoghese, ma presentano un'ordinazione originale, ottenuta non solo attraverso l'estrapolazione del lessico dagli autori lusofoni più accreditati, ma anche per mezzo di una raccolta effettuata sulla base da nuove e aggiornate fonti, plausibilmente di matrice tecnico-settoriale. Come avviene nell'altro volume, anche in questo caso ogni entrata è accompagnata dalle informazioni morfologiche e sintattiche di base (regole di pronuncia, genere e numero di sostantivi e aggettivi, reggenze verbali, e anche da accenni di fraseologia). Ancora una volta, accompagnano il *corpus* lessicale alcuni *Cenni sulla lingua portoghese*, di certo non esaustivi, ma sufficienti a fornire all'utente italiano una prima competenza in materia. Con la redazione del tomo portoghese-italiano, Bordo avvicina finalmente la lingua di Camões, quasi del tutto sconosciuta in Italia – e, quel che è peggio, talvolta ancora vittima dell'infondata credenza secondo cui sarebbe una sorta di smembramento del castigliano – a quella di Tasso, senza intermediari.

Il dizionario di Antonio Bordo conobbe una nuova edizione, redatta da Pietro Enrico Francesco Bourgoïn d'Orly e pubblicata nel 1880 a Rio de Janeiro, per i tipi di A. A. da Cruz Coutinho. Dato per «onninamente spacciato» (n.d.r.) il dizionario di Bordo, Cruz Coutinho compie una revisione approfondita, introducendo nel *corpus* molti vocaboli di uso comune tratti non solo dagli scrittori più accreditati a lui contemporanei, ma anche da autori di entrambe le lingue che «fiorirono al buon tempo». Un altro degli interventi attuati avviene sul piano ortografico: si corregge laddove nell'edizione precedente non veniva data indicazione della pronuncia più genuina e corretta e si pone, dunque, l'accento acuto sulle voci piane o sdrucciole e quello grave sulle tronche.

È attraverso Antonio Bordo che si viene a conoscenza dell'esistenza di un altro dizionario bilingue afferente all'area di nostro interesse. Si tratta del *Diccionario Italiano e Portuguez, extrahido dos melhores lexicografos antigos e modernos: contendo as phrases italianas mais escolhidas, e particularmente as que dão a conhecer a regencia dos verbos, com a respectiva tradução portugueza adequada* redatto da Antonio Prefumo, pubblicato a Lisbona, presso António José da Rocha. Nel momento in cui veniva data alle stampe la prima parte del dizionario di Bordo giunse in Brasile l'opera del suo compatriota d'oltremare, da lui definita «uma reimpressão resumida e reformada da propria obra de Costa e Sá»<sup>171</sup>. Non trattandosi di un'opera

<sup>169</sup> Cfr. Marazzini, 2009: 254-255.

<sup>170</sup> Nel volume italiano-portoghese le entrate erano circa 25.000.

<sup>171</sup> La rarità del dizionario di Prefumo, assente dalle più importanti biblioteche nazionali e dai fondi antichi patrimoniali non ci ha permesso di comprovare la veridicità delle affermazioni di Bordo circa la relazione dell'opera dell'italiano con quella di Costa e Sá. Asserzioni che, comunque, parrebbero sensate, poiché basate su una reale consultazione del testo di Prefumo anziché dettate da un malevolo e irrazionale senso di rivalità. Di Antonio Prefumo – conosciuto come traduttore di tutte le opere e i drammi italiani che venivano rappresentati a Lisbona al Teatro Nazionale di S. Carlos – ebbe certamente più vasta circolazione la *Grammatica da Língua Italiana para os Portuguezes*, la quale conobbe una prima edizione nel 1829 (Lisboa, na Typografia de Bulhões), dedicata al barone di Quintella. La successiva uscì nel 1840, di nuovo a Lisbona (Typ. de António José da Rocha – aos Martyres n. 13) e venne dedicata al conte del Farrobo. La terza edizione, riveduta e ampliata, fu pubblicata *post mortem*, nel 1858 (Prefumo muore nel 1857) sempre nella capitale lusitana, ma presso la Typographia di Maria da Madre de Deus. Pur presentando la medesima indicazione «corregida e muito aumentada», la quarta edizione, del 1867 (Lisboa, vende-se no armazém de Livros de Borel, Borel & C.a. 140, rua de S. Julião, *vulgo* dos Albigeres),

propriamente “tascabile”<sup>172</sup>, Bordo rileva una certa riluttanza nella registrazione di neologismi, che egli invece inserisce nel proprio lavoro. È il caso di: *abbordaggio*, *accantonarsi*, *accasermare*, *accenno*, *accettabile*, *acclività*, *aggiornamento*, *aggiornare* (nell’accezione di *posticipare*), *ammortizzazione*, *caposcuola*, *cataclismo*, *esternare*, *ferrovia*, *funzionario*, *locomotore* (e derivati), *interinale*, *interinalmente*, *manicomio*, *maniluvio*, *omeopatia*, *piroscafo*, *rendiconto*, *ricavo*, *telegrafo* (e derivati).

Ad ogni modo, affinché non fosse pure la sua stessa opera a essere messa alla berlina, Bordo non si spinge oltre nelle osservazioni e, anzi, elogia Prefumo per il suo lavoro, cosciente di quanto sia gravoso il compito di redigere un dizionario.

## 5. Lessicografia e saperi specifici

L’attenzione per la terminologia tecnico-scientifica si fa avanti in Italia già nel XVIII secolo, con il progressivo allontanamento dal modello autorevole proposto dall’Accademia della Crusca, che ancora nel Settecento riceveva acerrime critiche per l’ostilità che mostrava, pure nelle nuove impressioni del suo *Vocabolario*, nei confronti del lessico botanico, zoologico, marino, medico, ecc.<sup>173</sup>. Solo con l’avvento del nuovo secolo vedranno la luce opere dedicate ad ambiti specifici, veri e propri dizionari settoriali. In questo senso, portoghese e italiano vengono affiancati per la prima volta in un volume che esce a Venezia quasi a fine secolo (1882) e che, come dichiara il suo autore sul retro di copertina, costituisce l’archetipo per la compilazione del *Dizionario Marittimo in quattro lingue* di cui ci siamo già occupati:

«L’Autore ha in pronto il materiale per la pubblicazione d’un vocabolario marinaresco di maggior formato con triplice traduzione in rapporto alle lingue Francese, Inglese e Portoghese. — Avrebbe però bisogno d’un collaboratore specialmente per le correzioni delle bozze, allo scopo di evitare per quanto è possibile, il dover ricorrere ad un’errata corrige. Accetta quindi la cooperazione di chi voglia condividere i vantaggi e gli svantaggi della pubblicazione».

---

non presenta modifiche rispetto alla precedente. Per le implementazioni inserite nella terza edizione, Prefumo dovette certamente ispirarsi ai dialoghi contenuti ne *Le Maître Italien* di Giovanni Veneroni o, ancora, nel *Tesoro delle tre lingue, italiana, francese e spagnola* di César Oudin, o ancora dall’*Interprete sinottico delle tre lingue* di Angelo da Firenze. L’ultima edizione della grammatica di cui si ha notizia risale al 1880 ed è certamente una ristampa della terza. Fin dalla prima edizione, l’autore include nel volume una «Coleção dos Termos mais usados», che non subisce alcuna alterazione nelle edizioni seguenti. È così suddivisa: *Do mundo em geral*; *Dos astros e dos elementos*; *Do tempo e das estações*; *Os dias da semana*; *Mezes do Ano*; *Principais dias e meses e tempos do anno*; *Do corpo humano*; *Dos Alimentos*; *Comidas de Peixe*; *Dos ingredientes que servem para temperar comida*; *As espécies, ou mistura de diversos aromas*; *Das cousas necessárias para a memezga*; *Da caça*; *Títulos de comerem*. Questo tipo di elencazione ha un’origine antica. Al Medioevo risalgono, infatti, le prime liste di vocaboli sistematizzati non per ordine alfabetico ma per aree semantiche. Si confrontino sul tema Della Valle, 2005: 13-14 e Verdelho, 1994. In ogni caso, Prefumo vanta illustri predecessori. Ricordo, per tutti, il caso di José Caetano de Lima, che nella sua *Grammatica e Arte para Aprender a Língua Italiana por meyo da Portuguesa* (Lisboa, 1734) corredò il corpo principale del testo di un’appendice lessicale di non scarsa portata, stilata sulla base di una simile sequenza. Pratica, questa, tutt’altro che infrequente nell’ambito della redazione di metodi per l’apprendimento delle lingue straniere. Su Caetano de Lima si legga nuovamente Verdelho, 2009: 127-129, e ancora, Russo, 2009: 433-451, Lupetti, 2009: 531-551 e Silvestre, 2010.

<sup>172</sup> In effetti l’opera di Prefumo consta di 1156 pagine, ovvero di una mole equivalente a quella di entrambi i tomi di Antonio Bordo.

<sup>173</sup> Solo con la pubblicazione del *Dizionario universale critico enciclopedico della lingua italiana*, in sei volumi, dati alle stampe lucchesi Francesco Alberti di Villanuova tra il 1797 e il 1805 assisteremo ad una svolta rispetto ai principi ispiratori della Crusca. Qui, per la prima volta, vengono registrate voci appartenenti ad ambiti tecnico-scientifici, raccolte personalmente *in loco* dall’abate nizzardo.

L'autore è, quindi, nuovamente Giustino Gonzalez, che dedica l'opera ai colleghi ufficiali della Regia Marina; l'editore è, invece, in questo caso, Giovanni Cecchini.

Nella dedica al lettore sono offerte le coordinate contestuali alla realizzazione dell'opera, la sua ragion d'essere e le fonti utilizzate:

«In una delle mie fermate a Rio de Janeiro, ebbi occasione di studiare il *Dicionario Maritimo Brasileiro* compilato nel 1877 in quella città da una commissione governativa sotto la direzione del barone d'Angra. Siccome quel dizionario era fornito di una traduzione francese e inglese, così mi venne in mente di completarlo co' vocaboli marinareschi della nostra lingua. Cominciato il lavoro, altre cure mi distolsero dal continuarlo; poi, in tempi più calmi ripresi la traduzione in italiano de' vocaboli del dizionario brasiliano, e volli pure occuparmi d'un dizionario italiano con traduzione portoghese. In tal modo formai le due parti del presente lavoro che ora dedico agli ufficiali della Regia Marina miei colleghi».

Il dizionario si apre con la sezione italiano-portoghese che termina a pag. 94. Le pagine ci appaiono suddivise in due colonne: in quella di sinistra si elencano i vocaboli italiani e a destra le corrispondenze portoghesi. Il volume consta di 190 pagine, per un totale di circa 5.700 entrate. La raccolta lessicale non comprende unicamente sostantivi e verbi, ma anche sintagmi, espressioni fisse, perifrasi. Il tutto si può identificare in questo piccolo campione:

a baciare	a beijar
a barba di gatto (ormeggiarsi)	amarrar-se a duas ancoras
a bordo	a bordo
a collo (prendere)	tomar luva
a fior d'acqua	ao lume da agua
a galla (stare)	fluctuar, boiar, nadar
a mare	ao mar
a mezz'asta	a meio páo
a palo secco	em arvore secca
a picco	a pique
a picco lungo	a pique d'estae
a poppa	a pôpa – a ré
a poppa via	ante a ré
a portata di cannone	a tiro de canhão
a portata di voce	ao alcance da voz
a posto!	chega as obras!
a prora	a prôa
a prora via	ante avante
a remi	a remos
a ridosso (stare)	estar ao abrigo
a rimorchio	a reboque
a secco	em secco
a gonfie vele	a todo o panno

Il lessico, già nel complesso, è da definirsi tecnico; nello specifico, poi, le aree rappresentate sono plurime. Si riscontrano:

— espressioni genericamente legate alla marina, al movimento in mare: a prora (*a prôa*), a poppa (*a pôpa – a ré*), attraccare (*atracar*), armata (*armada*), armatore (*armador*), attracca! (*atraca!*), portata di una nave (*porte*), prender caccia (*fugir o inimigo*), navigare a vapore (*navegar a vapor*), di bolina (*à bolina*), nodo scorsoio (*laçada*), nodo ricciale (*volta de ribeira*), nodo margherita (*Catão*) noleggiare (*fretar*);

— parti di una imbarcazione: asta (*páo-haste*), asta di fiocco (*páo de bujarrona*), asta di coltellaccio (*páo de cutelo*), asta della bandiera (*páo da bandeira*), asta dello stantuffo (*haste de embolo*), asta o palo di randa (*frade*);

— lessico ittologico e fauna marina in generale: attrezzi da pesca (*armação de pesca*), delfino (*delphim*), gabbiano (*gaiivota*);

— astronomia: astro, asteroide, astronomia nautica, Argo (costellazione), astrolabio, numero d'oro (*numero aureo*);

— strumenti vari, misure, luoghi: assiometro (*axiometro*), pollice (*pollegada*), polvere da sparo (*polvora*), poligono (*poligono*), portavoce (*bozina*), porto franco (*porto franco*).

Dal tecnoletto alle espressioni idiomatiche: un'insospettata varietà d'insieme, dunque.

Anche la sezione portoghese-italiano, pur nella specificità, è eterogenea.

cabeça (fazer)	abbattere
cabeça do leme	testa del timone
cabide	rastrellina d'armi
cabo calabroteado	cavo torticcio
cabo de massa	cavo piano
cabo do leme – v. galdrope	frenello del timone
cabos dos portalós	guardamani
cabos de vaivém	passerini
cabos de laborar	manovre correnti
cabrea	capria, bighe da alberare
cabrestante	argano
cabrestos	briglie del bompresso
faccar	levigare
fardamento	vestiario militare
fasquias	garbi
fateixa	rampino o ferro per ancorare
fazer aguada	far l'acquata
fazer bordos	bordeggiare
fazer cabeça	abbattere
fazer-se ao largo – v. amarrar-se	farsi al largo
fechado á bolida	di bolina o stretto al vento
metter nos rises	prender terzaruolo
metter o leme de ló	mettere il timone all'orza
metter barrar ao cabrestante	guarnir l'argano
metter lastro	mettere zavorra

Gli esempi riportati pongono l'accento su quanto, pur trattandosi di due lingue prossime, le differenze siano sensibili, sia per quanto concerne l'equivalenza dei sostantivi – che partono da una definizione generica (come nel caso di *cabo*) per poi diversificarsi mediante specificativi (*calabroteado, de massa, do leme...*) – sia nel caso di contesti fraseologici (si veda l'esempio di *metter*), lasciando intendere l'effettiva imprescindibilità di questo dizionario.

## 6. La lessicografica ancora al servizio della pragmaticità: italiano e portoghese a confronto nel secondo Ottocento

Con la fine del secolo, per le ragioni addotte poc'anzi, si intensifica la produzione di materiali linguistici di rapida consultazione e di facile trasportabilità<sup>174</sup>. Ne sono un fulgido

<sup>174</sup> Appartiene a questa produzione anche un'altra tipologia di materiale editoriale. Mi sto riferendo ai manuali di conversazione (raccolti, appunto, sotto la dicitura «ouvrages d'utilités pratiques et divers»), che a giudicare dai frammenti di cataloghi librari riportati nei fogli di guardia di Mesquita, proliferavano nelle più importanti lingue europee. È il caso, per esempio, dell'agile volumetto di Antonio Viera Lopes, pubblicato a Porto (Livraria e Typographia de F. Gomes da Fonseca, 72 Rua do Bomjardim), nel 1864, destinato a viaggiatori e studenti e contente, per questo, una serie di informazioni basiche circa la pronuncia della lingua italiana, nomi di uomini e donne, gentilizi, dialoghi elementari e modelli di lettere, monete, pesi e misure o, ancora, della (*Nova*) *Guia de Conversação, em italiano e portuguez* di Hamonière, citata anche all'interno dell'edizione del 1880 del dizionario di

esempio i dizionari bilingui portoghese-italiano e italiano-portoghese di Raffaele Enrico Raqueni e Levindo Castro de La Fayette, quello di Arturo de Rozzol e, da ultimo, quello di R. de Mesquita.

Il *Novo Dicionario Italiano-Portuguez*, *contendo todos os vocabulos da lingua usual, com a pronuncia figurada, e os nomes próprios* e il corrispondente *Nuovo dizionario portoghese-italiano* si devono a Raffaele Enrico Raqueni e Levindo Castro de La Fayette, il primo, fiorentino, professore di lingua e letteratura italiana, e il secondo, professore dell'Instituto Mineiro. I due volumi, *in sedicesimo*, constano rispettivamente di 620 e 811 pagine, presentate secondo la classica suddivisione in due colonne; il *corpus* raccolto al loro interno è da ritenersi, pertanto, tutt'altro che esiguo, poiché ammonta nel primo caso a circa 37.200 entrate e nel secondo a più di 40.000. Della loro circolazione, che avverrà attraverso un doppio canale editoriale (caso non unico, come vedremo a breve), si occupano i Librairi Guillard Aillaud e C.<sup>ia</sup>, nel 1889, nelle loro sedi di Parigi e Lisboa. Tuttavia, diversamente da quanto accadrà con i volumi di Mesquita, qui non vengono presentati né in apertura né in calce al volume stralci del catalogo dell'editore; ciò, pur non impedendo di formulare ipotesi circa il contesto in cui il dizionario di Raqueni-La Fayette venne pubblicato, neppure ci fornisce dati certi a tal proposito.

La ricostruzione del panorama editoriale in cui il testo viene dato alla luce è resa difficoltosa anche dall'assenza di qualsiasi preliminare, di qualsiasi apparato co-testuale (per esempio, una dichiarazione di intenti da parte degli autori) e anche di dediche al lettore o prefazioni che ci aiutino, in qualche modo, a delineare la storia editoriale dell'opera. Tutto questo, unito alla completa assenza di notizie bio-bibliografiche sull'autore, rende parimenti difficile l'identificazione di un destinatario specifico dell'opera. Il volume si apre con un'appendice grammaticale e si chiude con un colophon che appare rispettivamente in calce alle pagine 811 e 620 e in cui si precisa che la stampa dei tomi è parigina.

La *Breve instrução sobre a maneira de pronunciar a lingua italiana* occupa le pagine V-XVII (di seguito alle quali troviamo la lista delle abbreviature, pag. XVIII) del volume italiano-portoghese; è redatta in portoghese<sup>175</sup> e appare al lettore così strutturata:

As letras do alphabeto teem o mesmo valor em italiano e em portuguez, exceptuando as seguintes:  
C G J Z pronunciam-se: *tche dje i ts*

Segue un *Quadro synoptico das pronuncias especiaes*, che raccoglie i casi già segnalati da Bordo: *cia, ce, ci, cio, ciu* (accompagnati dalla relativa pronuncia); *scia, sce, sci, scio, sciui*; *che, chi, schia, schie, schio, schiu*; *gia, ge, gi, gio, giu*; *glia, glie, gli, glio, gliu*; *gna, gne, gni, gno, gnu*; *qua, que, qui, quo*; *ghe, ghi, sghe, sghi*. Subito dopo, la *Conjugação dos verbos regulares e irregulares*, dove si evidenziano gli ausiliari Essere – Ser ou Estar, coniugati al modo indicativo, imperativo, congiuntivo, infinito e Avere – Ter ou Haver, negli stessi modi e tempi. Restando sul tema verbale, viene proposto, a questo punto, un *Quadro comparativo das conjugações regulares italianas e*

---

Antonio Bordo. Un antecedente poco noto fu costituito da un'opera di D. Caetano Lopes de Moura, redatta in collaborazione con William A. Bellenger e Giuseppe Zibardini e pubblicata a Parigi, presso la Baudry, Libraire Européene, nel 1846, con il titolo di *Nouveau Guide de Conversations Modernes ou Dialogues Usuels et Familiars contenant en outre des Nouvelles Conversations sur les Voyages, les Chemins de Fer, les Bateaux a Vapeur, etc., en Quatre Langues, Français, Italien, Espagnol, Portugais*. La serie di dialoghi di vita quotidiana è accompagnata, in questo caso, da una lista di vocaboli selezionati secondo un criterio tematico (cibo, vestiario, arredamento) sul cui utilizzo il discente si deve esercitare traducendo frasi composte a imitazione dei dialoghi, presentati a loro volta per coppie di lingue.

<sup>175</sup> Ricordo che nel caso di Antonio Bordo, il volume italiano-portoghese si apriva con dei preliminari in italiano e quello portoghese-italiano con un'equivalente introduzione in portoghese. Resta il fatto che, nel caso di Raqueni-La Fayette, si tratta di un'esemplificazione talmente chiara dei più elementari concetti grammaticali dell'italiano che non si suppone possa arrecare difficoltà ad alcun lettore straniero.

*portuguezas*, che raccoglie le tre coniugazioni, rispettivamente in italiano e, a specchio, in portoghese, suddivise, appunto, in tre colonne, in tutti i modi e tempi precedentemente elencati, ma qui presentati in versione succinta (vengono infatti inglobati nello schema unicamente i suffissi verbali di entrambe le lingue).

Pone fine a questa sezione introduttiva una *Lista dos verbos irregulares da lingua italiana*. La lista dei verbi della prima coniugazione è, in effetti, molto ridotta (*andare, dare, stare, fare*) rispetto a quella della seconda (circa duecento, tra cui: *accingere, accorrere, affliggere, coinvolgere, correggere, dipingere-dipignere, discutere, estinguere, includere, incidere, frangere, friggere, mordere, mungere, proteggere, recidere-riducere-ridurre, rileggere, seducere-sedurre, socchiudere, stendere, storcere, trafiggere, trascorrere, vilipendere, volgere*). Presentati separatamente: *bere, cadere, conoscere, dolersi, dovere, nascere, nuocere, parere, piacere, porre, potere, rimanere, sapere, sedere, tenere, togliere, trarre, valere, vedere, volere*, i quali presentano irregolarità proprie e solo in alcuni tempi verbali. La terza coniugazione ne comprende dodici (*aprire, apparire, coprire, cucire, dire, empire, morire, salire, seguire, udire, uscire, venire*).

In apertura ad ogni lista alfabetica viene precisato che «as palavras cuja pronuncia não está figurada, devem ser pronunciadas á portugueza». Per ogni entrata viene fornita l'indicazione grammaticale e morfologica di base. Si presenta, quindi, la corrispondenza in portoghese o, laddove non ve n'è una perfettamente calzante, si fornisce una spiegazione di tipo monografico, come nel caso presentato di seguito:

**Secentista** [*setcentista*], sm. (pl. -sti), escritor do seculo XVI o quem o imita.

Si danno, in talune occasioni, telegrafiche spiegazioni aggiuntive:

**Seccomoro**, sm. Syccomoro (arvore)

e si presentano talvolta espressioni o strutture sintattiche contenenti il vocabolo in oggetto, per lo più nei casi in cui la traduzione alla lettera non è corretta o risulta inefficace. Infine, non mancano accenni ad un lessico che, pur non essendo di basso uso, è diastraticamente connotato:

**Sdonnare** ser livre, soltar

**Sdonzellare** bandarrear, perder tempo

I quattro casi sotto riportati ci danno modo di rilevare la presenza di uno spettro piuttosto ampio di derivati, elencati in Raqueni-La Fayette in numero superiore rispetto a quanto avverrà, per esempio, in Mesquita:

Abbacinamento	Abbagliamento	Latteggiare
Abbacinare	Abbagliante	Latteo
Abbacinato	Abbagliare	Latteruolo
	Abbagliatamente	Latticino
Abadessa	Abbagliato	Lattificio
Abadia	Abbagliatore	Lattiginoso
Abate	Abbaglio	Lattivendolo
Abatino		Lattone

Non stupisce che, nell'organizzazione globale della materia, sia concesso ampio spazio alla pronuncia e alla questione verbale: due aspetti fondamentali della conversazione di base, scopo, questo, tra i più perseguiti dai dizionari di questa tipologia.

L'antitesto del tomo portoghese-italiano presenta una sezione perfettamente speculare a quella appena descritta. A proposito della pronuncia, si evidenziano vocali e dittonghi nasali e, tra le consonanti, i digrammi *ch* e *nh*, le variazioni di pronuncia della *c* e della *g* e i quattro modi

di pronunciare la *x*<sup>176</sup>. Ai verbi ausiliari sopra citati gli autori concedono qui il medesimo spazio, e la coniugazione dei verbi regolari viene, anche in questo caso, offerta attraverso un quadro sinottico, cui fanno seguito prima i verbi irregolari, nuovamente presentati in liste ordinate secondo la coniugazione verbale (per un totale di trentaquattro voci) e, da ultimo, una *Tavola de' verbi che tengono due participi passati*, materia che può risultare spinosa per l'utente italiano. Le voci vengono sì corredate di indicazioni per la corretta pronuncia, ma sono completamente spurie di qualsiasi contestualizzazione semantica che, specialmente nei casi di assoluta incongruenza con l'italiano, agevolerebbe senza dubbio il loro utilizzo:

**Affectação** (*affectassam*), *sf.* affettazione; ricercatezza; accuratezza; smanceria

**Casúlo** *sm.* baccello, guscio; lolla; bozzolo

Meno di un decennio più tardi Arturo de Rozzol<sup>177</sup> organizzerà un altro dizionario (ma in un unico volume), noto come *Novo Dicionario Portuguese-Italiano e Italiano-Português com a pronuncia figurada em ambas as lingua composto segundo os melhores dictionarios*. Se ne conoscono due edizioni, entrambe pubblicate per i tipi di Garnier, ma in un caso solo a Parigi, nell'altro, invece, sia nella capitale francese sia a Rio de Janeiro, con tutta probabilità rispettivamente nel 1897 e nel 1900.

Il criterio di portabilità del dizionario ha costretto l'autore a sopprimere gran parte degli esempi presenti nei dizionari più illustri di ciascuna delle due lingue; ciononostante, nel rispetto delle esigenze dell'utente, si è cercato di compiere un lavoro coerente ed esaustivo. Leggiamo, infatti, nella prefazione:

«[...] inserimos a maior somma possivel de termos de sciencias, de botanica, de medicina e de marinha, bem como nomes próprios e de geographia postos na sua ordem alphabetica, afim de evitar as listas separadas, sempre incomodas para as pesquisas, vantagem que julgamos preciosa para os discipulos, a quem he principalmente destinado, e que muitas vezes não têm tempo que perder. O trabalho typographico também foi zelado quanto possivel. A palavra de typo gordo no principio de cada artigo dá na vista e facilita as pesquisas, bem que o Dicionario esteja impresso com typo miudinho, o que consentio, introduzir-lhe a matéria de dous volumes em 8º».

Pur rientrando nella categoria dei dizionari d'uso di rapida consultazione, quello di Rozzol possiede canoni stilistici di elevata qualità che nel XX secolo verranno imitati, per esempio, da Carlo Parlagreco, e che lo distinguono dal suo immediato predecessore e pure dal suo successore. Nel catalogo di Garnier, Rozzol costituiva dunque una reale alternativa al tascabile Mesquita, ideale per viaggiare ma non altrettanto per scopi didattico-pedagogici.

Il XIX secolo si chiude, quindi, con la pubblicazione del *Novo Vocabulario com a pronuncia figurada em portuguez contendo as palavras mais usuaes portuguez-italiano* e del corrispondente *Nuovo*

<sup>176</sup> La terminologia usata è talvolta tutt'altro che scientifica: il suo della *c*, nei casi in cui precede la *e* e la *i*, viene definito aspro e il suono delle vocali accompagnate dalla tilde sarebbe «speciale alla lingua portoghese che l'uso solo può insegnare bene».

<sup>177</sup> Per quanto l'identità di Rozzol resti, come la maggiorparte di quelle sinora citate, alquanto misteriosa, possiamo evincere dalle sue pubblicazioni che dedicò molto tempo all'attività lessicografica. Pubblicò, infatti, anche un *Piccolo dizionario italiano-spagnolo*, accompagnato dal corrispondente *Pequeño diccionario español-italiano*, usciti rispettivamente nel 1930 e nel 1934 e preceduti dal *Nuevo vocabulario español-francés* (1909), dal *Nouveau vocabulaire français-espagnol* (1901), ma non dal *Petit dictionnaire français-espagnol* (1949). Nel 1927 sarà la volta di un *Pequeño diccionario español-francés*; l'italiano accompagna lo spagnolo anche nel *Nuevo diccionario que contiene todas las palabras usuales con la pronunciación figurada, español-italiano* (1902). Tutti i volumi citati sono pubblicati a Parigi dalla Garnier Frères.

*Vocabolario contenete tutte le parole* di R. de Mesquita<sup>178</sup>. Per entrambi, due i riferimenti geografici ormai noti circa il luogo di stampa: Parigi e Rio de Janeiro, località nevralgiche per la circolazione di idee, di cultura e per lo sviluppo commerciale, ove la Librairie Garnier Frères aveva i propri centri di stampa e divulgazione<sup>179</sup>. Si tratta di due volumetti *in sedicesimo*, il primo di 281 pagine, il secondo di 238. Un dizionario tascabile dunque, scevro da qualsiasi ornamento, sia in termini estetici sia sul piano contenutistico. La rilegatura in tela del testimone consultato<sup>180</sup> è rivelatrice dell'essenzialità con cui anche i vocaboli (poco meno di 20.000 per il tomo italiano-portoghese e circa 17.000 per quello portoghese-italiano) vengono trattati, sebbene siano talvolta tradotti nella lingua d'arrivo in coppie sinonimiche. Ecco alcuni casi:

**termo** (*te'rmo*) *m* limite, fine, conclusione  
**ternamente** (*tername'nte*) *ad* teneramente, affettuosamente  
**ternario** (*terna'rio*) *m* ternario  
**terno** (*te'rno*) *m* terno; – *a*, tenero, delicato  
**ternura** (*ternu'ra*) *f* tenerezza  
**terra** (*te'rra*) *f* terra; *fig*, sepoltura  
**terraplenar** (*terraple'nar*) *va* terrapienare, rinterrare

**abbassamento** (*abbaçame'nto*) *m* abatimento; abaixamento; *fig* humilhação  
**abbassare** (*abbaça're*) *va* baixar, curvar; *fig* aviltar  
**abbasso** (*aba'jo*) *ad* abaixo, debaixo  
**abbastanza** (*abba'nta*) *ad* bastante  
**abbattere** (*abba'te're*) *va* abater; derribar; *fig* reprimir, humilhar  
**abbattimento** (*abba'time'nto*) *m* abatimento; prostração  
**abbattitore, trice** (*abba'tito're, tri'tebe*) *m f* destruidor

I contatti tra portoghese e italiano non furono, dunque, sul piano lessicografico, così sporadici e poco rilevanti come si sarebbe portati a credere, trovandosi, da un lato, con un Paese che per il limitato peso demografico e la peculiare collocazione geografica ha faticato spesso, nella storia europea, ad esportare la propria identità e, dall'altro, con uno perennemente occupato a risolvere le proprie, interne diatribe di natura politica e, conseguentemente, linguistica<sup>181</sup>. Nonostante l'imponente mediazione castigliana, con le talvolta infauste conseguenze che ne scaturirono, e l'incontestabile azione divulgatrice svolta, in altri frangenti della storia, ma in più settori della cultura, dall'elemento francese, Italia e Portogallo sembrano riuscire a stabilire, con i limiti unicamente materiali di due Stati ridotti e, ciascuno a suo modo, "periferici", un proprio, privilegiato canale di comunicazione che talvolta tace, ma lungo i secoli non si interrompe.

<sup>178</sup> Il dizionario di Mesquita circolò anche sotto la dicitura *Pequeno Dicionario Portuguez-Italiano* (probabilmente uscito nel 1903, nelle medesime località dei volumi citati poc'anzi nel corpo del testo), ma poiché entrambe le edizioni sono prive di qualsiasi indicazione temporale, possiamo solo intuitivamente pensare che quella citata nel testo sia la prima versione e quella definita «nuova» sia comparsa sul mercato successivamente. In ogni caso, la comparazione effettuata a campione tra i *corpora* non ha rilevato discrepanze.

<sup>179</sup> Come da colophon, l'opera viene però stampata a Lille, Imp. L. Danel, 93, Rue National.

<sup>180</sup> Sorprende la rarità con cui quest'opera oggi si conserva, se si considera che la sua pubblicazione è avvenuta in tempi relativamente recenti e che la tiratura, mirata a offrire a questo strumento linguistico la maggior diffusione possibile in nome del suo taglio pragmatico, dovette essere elevata. L'esemplare consultato è uno dei pochi che ancora si conservano in Italia, ed è custodito a Genova, presso la Biblioteca Provinciale dei Cappuccini. Ringrazio vivamente Fr. Stefano Zagatti per avermi consentito l'accesso ai volumi.

<sup>181</sup> È pur vero che le discussioni linguistiche non sono state prerogativa esclusiva dell'Italia, e che hanno imperversato in tutta Europa, con particolare vigore nel XV e XVI secolo. È altrettanto vero, però, che il nostro Paese, ancora una volta, si caratterizza per l'elevato frazionamento di opinioni. Per la limitata tangenzialità con l'oggetto di questo studio, non fornirò qui dettagli in merito, ma si leggano Marazzini, 2002<sup>3</sup>: 262-274 e 305-315, 2009a: 77-97, e ancora, 2009b: 137-140, e anche Trifone, 2009: 67-80 e Vitale, 1960.

2

*Lexicografía actual*



## Dicionários bilingues de espanhol-português

*Álvaro Iriarte Sanromán (Universidade do Minho)*

1. Neste trabalho analisaremos sete dicionários bilingues de espanhol-português que podemos encontrar no mercado<sup>182</sup>. Tentaremos quantificar, de maneira aproximada, a informação recolhida nos mesmos, seguindo uma metodologia já utilizada noutras duas ocasiões para analisar dicionários monolíngues<sup>183</sup>. É evidente que esta metodologia é questionável, nomeadamente no que se refere à quantificação dos dados. Mas é também justamente por ser refutável, falseável, que foi escolhida.

Serão objecto de análise os seguintes dicionários bilingues de espanhol-português:

— Martínez Almoyna, J., 1990, *Dicionário de Espanhol / Português*. Porto, Porto Editora; 1068 páginas; 21 cm. [aqui: Porto Editora 90]<sup>184</sup>.

— Ortega Cavero, D., 1990, *Diccionario Portugués-Español / Espanhol-Portugués*. Barcelona, Ramón Sopena; revista e actualizada por J. da C. Fernandes [vol. II Espanhol-Português; 636 páginas; 26 cm.] [aqui: Sopena]<sup>185</sup>.

— Garcia, Hamílcar de, 1998, *Dicionário português-espanhol, espanhol-português*. São Paulo, Globo [vol. Español-Portugués; 397 páginas; 28 cm.] [aqui: Globo].

— Marsá, V. e M. Ostojka Asensio (eds.), 2001, *Gran diccionario español-portugués, portugués-español*. Madrid, Espasa Calpe [vol. Español-Portugués; 635 páginas; 25 cm.] [aqui: Espasa].

— Moreno, F. y N. M. González (dirs.), 2003, *Diccionario Bilingüe de Uso: español – portugués / portugués – espanhol*. Madrid, Arco/Libros [Vol. I (español – portugués): XV, 891 páginas; 25 cm.] [aqui: Arco/Libros].

— López Varela, R. (dir.), 2005, *Diccionario Español-Portugués / Portugués-Espanhol*. León, Everest [vol. Español-Portugués; 467 páginas; 20 cm.] [aqui: Everest]<sup>186</sup>.

— Iriarte Sanromán, Á. (coord.), 2008, *Dicionário de Espanhol-Português*. Porto, Porto Editora; 1376 páginas; 21 cm. [aqui: Porto Editora 08]<sup>187</sup>.

<sup>182</sup> *Declaração de interesses*: Fui o redactor e coordenador da equipa de redacção do *Dicionário de Espanhol-Português* da Porto Editora, que será também aqui analisado. O leitor saberá dar, se assim o entender, o devido “desconto”.

<sup>183</sup> A metodologia foi ensaiada no trabalho “Dicionários Codificadores”, em Sousa, C. M. de e R. Patrício (org.), 2004, *Largo Mundo Alumiado. Estudos em Homenagem a Vítor Aguiar e Silva*. Braga: Centro de Estudos Humanísticos - Universidade do Minho; págs. 81-98.

Posteriormente também em “Dicionários Monolíngues da Língua Galega”, em *Revista Galega de Filoloxía*, 6 (2005), A Corunha: Universidade da Coruña; págs. 51-72.

<sup>184</sup> Para além das numerosas reimpressões que, desde 1959, a Porto Editora publicou até 2008, existe uma reimpressão publicada em Espanha pela editora catalã Biblograf, Biblograf-Vox, 1999, *Dicionário Geral espanhol-português*. Barcelona, Biblograf; ISBN 84-8332-051-7; 1068 páginas; 22 cm.

<sup>185</sup> “Publicado por la editorial barcelonesa Ramón Sopena en 1966 y revisado y puesto al día por Júlio da Conceição Fernandes en 1977. A partir de 1990, Sopena dejó, lamentablemente, de editar dicha obra –quizás la más rigurosa de todas sus congéneres– para, en 1996, pasar a publicar, con el título *Mega portugués: portugués-español / espanhol-português*, una inexplicable refundición sin criterio lexicográfico alguno” (Ponce de León, 2004).

<sup>186</sup> Existe uma versão publicada em Portugal: Lisma, 2005, *Dicionário Beta. Espanhol-Português/Português-Espanhol*. Lisboa, Lisma, 2005. ISBN: 978-972-8819-69-2; 926 páginas; 20 cm.

## 2. A macroestrutura

Começaremos a análise destes dicionários pela descrição da macroestrutura e de outros elementos paratextuais. Em primeiro lugar, contabilizaremos o número de verbetes que conformam a nomenclatura dos diferentes dicionários (*vd. infra* § 2.1.). Seguidamente (*vd. infra* § 2.2.), tentaremos quantificar outros elementos da macroestrutura, nomeadamente: introduções ou prefácios de tipo metalexigráfico, guias ou indicações para ajudar a consulta, abreviaturas e símbolos utilizados, anexos, suplementos ou introduções (de tipo gramatical, onomástico, etc.), ilustrações, informações bibliográficas, etc.

### 2.1. Número de verbetes

Nem todos os dicionários informam sobre o número de verbetes recolhidos na nomenclatura. No caso dos dicionários Sopena e Everest, o número corresponde à metade dos verbetes que os editores afirmam conter os dois volumes (ou as duas partes) do dicionário (Espanhol-Português e Português-Espanhol). Trata-se, portanto, de um valor aproximado. No caso dos dicionários Globo e Espasa, realizámos uma contagem dos verbetes contidos em 10 páginas seleccionadas aleatoriamente e, a partir dessa informação, estabelecemos um número de verbetes aproximado.

Embora reconheçamos a pouca precisão na contagem do número de verbetes recolhidos em cada dicionário, e apesar de esta ser uma informação muito utilizada no marketing editorial, queremos chamar a atenção para o facto de que mais importante (de maneira especial para este par de línguas, tão próximas) do que o número de verbetes é o número de acepções recolhidas nos artigos lexicográficos (*vd. infra* § 3.2.1), assim como a quantidade de expressões pluriverbais formadas pelo lema em combinação com outras palavras, em forma de subentradas (*vd. Infra* § 3.2.8). Neste sentido, repare-se que o dicionário Arco/Libros é um dos melhores dicionários apresentados, apesar de que, pelo número reduzido de entradas recolhidas, poderia pensar-se que nem sequer se justificaria a sua inclusão no grupo de obras aqui analisadas.

O seguinte gráfico representa, de maneira aproximada (insistimos), os milhares de verbetes recolhidos em cada dicionário:

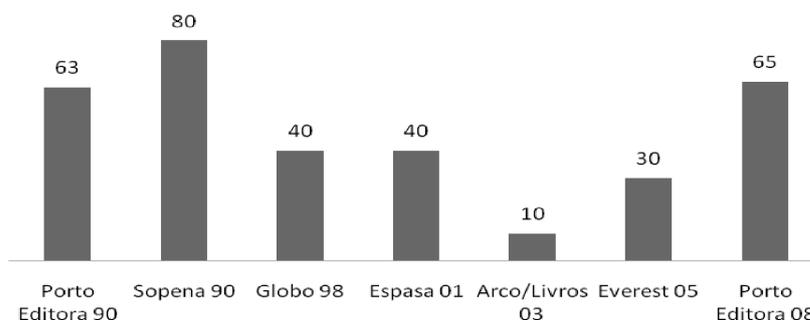


Gráfico 1 - Nomenclatura

<sup>187</sup> *Vd. supra* nota 1.

## 2.2. Outros elementos da macroestrutura

Para além da nomenclatura, contabilizámos também outros elementos da macroestrutura, nomeadamente:

- a) Introduções, prefácios, etc. (com conteúdo metalexigráfico, que ultrapassem a mera introdução editorial de circunstância);
- b) Guias de uso ou indicações para a consulta;
- c) Listagens ou quadros de abreviaturas, símbolos, etc.;
- d) Anexos, apêndices ou suplementos;
- e) Ilustrações;
- f) Informações bibliográficas

Foi atribuído 1 valor às introduções ou prefácios com conteúdo metalexigráfico. Às meras introduções editoriais de circunstância foram atribuídos 0,5 valores.

No que se refere à informações bibliográficas, somará 1 valor a presença das seguintes informações: coordenador (0,2), redactor (0,2), revisor/redactor (no caso de novas edições) (0,2), ano da 1ª edição (0,1), ano da edição (0,1), cidade (0,1), editora (0,1). Evidentemente, nos casos em que estas informações não se aplicarem, o valor em causa não será subtraído ao valor final.

Eis o gráfico que representa a informação recolhida na macroestrutura de cada dicionário:

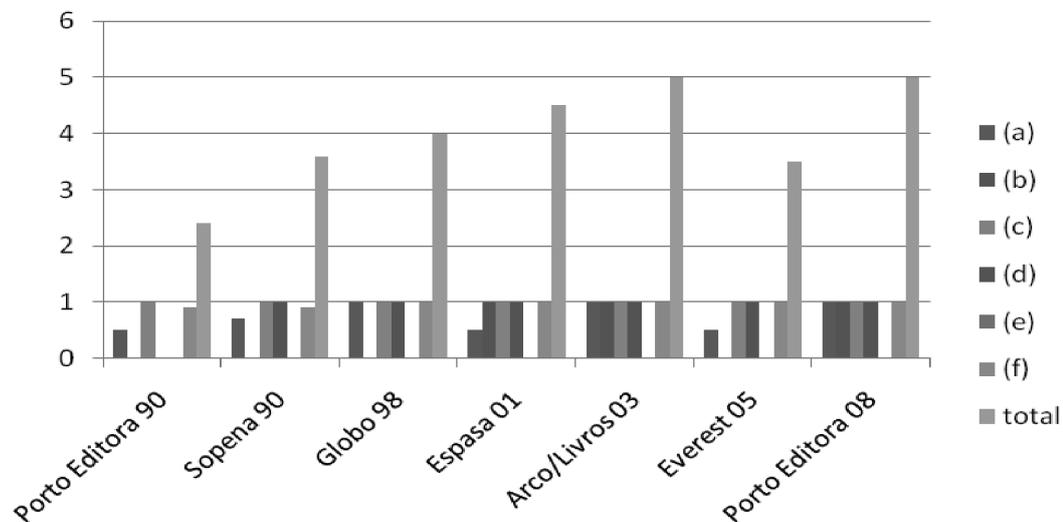


Gráfico 2 – Macroestrutura

### 3. A microestrutura

#### 3.1. *Artigos lexicográficos analisados*

Para realizarmos a análise da microestrutura dos dicionários, seleccionámos os seguintes lemas, tomados de um corpus dos 5.000 lemas mais frequentes em espanhol (Almela, Cantos, Sánchez, Sarmiento y Almela, 2005)<sup>188</sup>:

- a) 15 palavras lexicais, ou plenas<sup>189</sup>, das quais:
  - 5 substantivos<sup>190</sup>: *año, vez, día, país, cosa*.
  - 5 verbos<sup>191</sup>: *decir, poder, ir, dar, ver*
  - 5 adjetivos<sup>192</sup>: *todo, otro, bueno*<sup>193</sup>, *primero*<sup>194</sup>, *mismo*.
- b) 8 palavras gramaticais ou funcionais:
  - 3 verbos: *ser, haber, estar*.
  - 2 advérbios: *no, más*.
  - 2 pronomes: *se, su*<sup>195</sup>.
  - 1 artigo: *el*.

É de destacar, pela negativa, o facto de o dicionário Globo não recolher na sua nomenclatura os artigos correspondentes aos lemas **día** e **vez**.

#### 3.2. Variáveis analisadas

Nos artigos lexicográficos correspondentes a estes 23 lemas acima referidos serão contabilizados aspectos como:

- Número de acepções e equivalentes na língua de chegada<sup>196</sup>;
- Informação sobre combinatória lexical (número de subentradas, expressões pluriverbais formada pelo lema mais outras palavras);
- Informação sobre pronúncia (transcrição fonética ou figurada);
- Exemplos e abonações;

<sup>188</sup> Almela, R.; P. Cantos, A. Sánchez, R. Sarmiento y M. Almela, 2005, *Frecuencias del español. Diccionario y estudios léxicos y morfológicos*. Madrid, Universitas: “ANEXO II: Los 5.000 lemas más frecuentes ordenados alfabéticamente”, disponível em <http://www.um.es/lacell/proyectos/dfe/a2> (09/09/2009).

<sup>189</sup> Limitar-nos-emos a distinguir dois grandes grupos: o das palavras lexicais, ou plenas, e o das palavras gramaticais, ou funcionais. Entendemos estas últimas como as palavras que cumprem, em parte ou inteiramente, funções meramente estruturais ou gramaticais e que não têm um significado lexical ou que é difícil de precisar.

<sup>190</sup> Excluímos *deber*, com índice de frequência maior do que *país* e *cosa*, devido a que na versão do *corpus* a que tivemos acesso não foi possível esclarecer se se tratava do lema correspondente ao verbo ou ao substantivo (ou a ambos).

<sup>191</sup> Apesar do frequente uso em funções gramaticais dos verbos *ir* e *dar*, (*ir a comer, dar un paseo*), decidimos incluí-los neste grupo e não no das palavras funcionais. As acepções com estes valores serão também contabilizadas, evidentemente.

<sup>192</sup> Salvo no caso dos verbos/substantivos (*poder, ser, etc.*), uma vez seleccionados estes lemas, serão analisadas também as acepções correspondentes a outras categorias gramaticais (advérbios, pronomes), devido aos distintos tratamentos que recebem nos diferentes dicionários.

<sup>193</sup> Contabilizámos também a informação do artigo correspondente à forma apocopada *buen*.

<sup>194</sup> Contabilizámos também a informação do artigo correspondente à forma apocopada *primer*.

<sup>195</sup> Contabilizámos também a informação do artigo correspondente à forma plena *suyo*.

<sup>196</sup> Surpreendentemente (uma vez que estamos a falar de dicionários bilingues), em alguns dos dicionários analisados, nem sempre se apresentam equivalentes na língua de chegada a cada uma das acepções da língua de partida. São muito frequentes, especialmente no dicionário *Porto Editora 90*, artigos com definições ou explicações das diferentes acepções da palavra espanhola que não fornecem o correspondente equivalente em português.

- Informação gramatical (informações, restrições ou explicações ortográficas, — morfológicas, sintácticas, semânticas, lexicais, etc.);
- Informação pragmático-contextual;
- Informação enciclopédico-cognitiva (marcas de áreas de conhecimento, informação cultural, etc);
- Remissões (*vd.*, *cf.*, etc.) [envios para sinónimos, variantes, falsos amigos, etc.].

Nem sempre é fácil estabelecer os limites entre cada um destes tipos de informação, nomeadamente no que se refere às marcas de uso com que os dicionários informam sobre a adequação de uma palavra ou expressão pluriverbal a uma situação comunicativa concreta. Isto poderá ter consequências no cômputo final que originará cada um dos gráficos apresentados. Insistimos, por isso, no facto de os dados quantitativos apresentados serem sempre aproximados.

### 3.2.1. Número de acepções da língua de partida

Nem sempre é fácil delimitar e contabilizar o número de acepções da língua de partida recolhidas num dicionário (assim como os equivalentes correspondentes na língua de chegada). Esta dificuldade, ou talvez impossibilidade, em contabilizar o número de acepções reflecte a natureza não discreta do fenómeno do significado, no sentido de que os significados não são como as coisas, entidades separáveis, contáveis (*cf.* Silva, 1997: 587-588)<sup>197</sup>. Aqui também, como no caso do número de verbetes, mais importante do que o número de acepções será o tratamento e o desenvolvimento que é dado a cada uma delas: uma dúzia de equivalentes separados por ponto e vírgula não terão o mesmo valor que 10 ou 12 propostas de equivalentes bem delimitadas, acompanhadas de definições ou explicações, informações gramaticais, restrições de uso, etc.

Contudo, e apesar de sermos conscientes de que estamos a favorecer os dicionários que se limitam a apresentar uma série de equivalentes ou sinónimos separados por ponto e vírgula, preferimos utilizar este critério para a quantificação dos dados, por ser puramente formal, do que outro, mais orientado para à qualidade das definições e eventualmente mais justo, mas também mais subjectivo e, por isso, mais difícil de ser contrastado.

Pela mesma razão, alertamos para o facto de que não serão tidos em linha de conta a ausência de equivalentes, assim como a presença de equivalentes errados, incompletos ou desactualizados (e não marcados como tais), devido às dificuldades que a quantificação desses dados colocaria, especialmente por causa do desigual tratamento dado nos dicionários aos equivalentes a que nos referimos no parágrafo anterior.

Pelas duas razões que acabamos de expor, assumimos que este é um dos pontos mais criticáveis deste trabalho, em que se destaca como o dicionário com maior número de acepções o Sopena, dicionário que se limita a amontoar, separados por ponto e vírgula, uma série de equivalentes, por vezes até repetidos<sup>198</sup>, sem nenhum tipo de explicações, de restrições de uso, etc. A qualidade dos equivalentes fornecidos por estes dicionários bilingues, assim como a quantificação do número de acepções, mereceria um outro estudo, com um tratamento mais qualitativo do que quantitativo.

Eis a seguir o gráfico correspondente ao número de acepções da totalidade dos artigos lexicográficos correspondentes aos 23 lemas seleccionados:

<sup>197</sup> Relacionado com isto está a questão, que aqui deixaremos de lado, do tratamento que os dicionários dão às palavras, como sendo polissémicas ou homónimas.

<sup>198</sup> *Vd.*, por exemplo, *s.v.* **ver**.

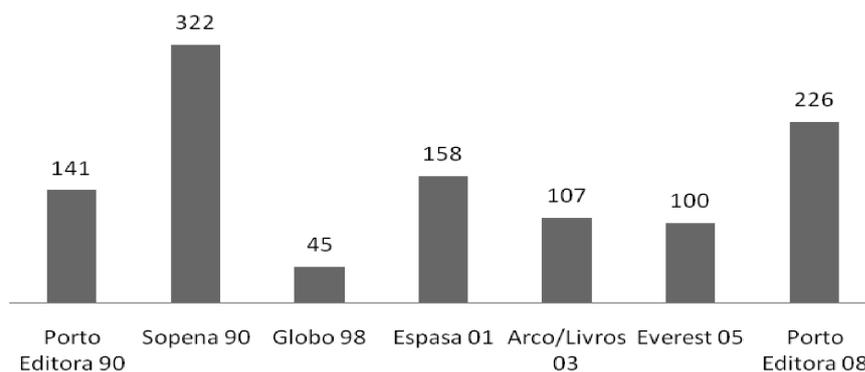


Gráfico 3 - Acepções

### 3.2.2. Combinatória lexical

Qualquer combinação pluriverbal poderia constituir uma entrada num dicionário (pense-se, por exemplo, no caso de *bilhete de identidade*, incorporado na nomenclatura do *Dicionário da Academia*<sup>199</sup> sob a forma **bilhete-de-identidade**, puro artifício que parece não visar senão uma solução para o problema da sua lematização<sup>200</sup>. Contudo, no que se refere à combinatória lexical, as vantagens da unidade palavra<sup>201</sup> como lema são claras, nomeadamente nos dicionários tradicionais em formato não electrónico. Neste tipo de dicionários, qualquer unidade pluriverbal<sup>202</sup> deverá ser registada, em forma de subentrada, sob uma ou mais entradas das várias palavras lexicais que compõe a expressão pluriverbal<sup>203</sup>, correspondendo assim ao que Cowie (1983: 99) chama “expectativas conservadoras dos usuários comuns dos dicionários”.

Os dicionários de língua, em geral, e particularmente os dicionários bilingues, os dicionários de sinónimos e de antónimos, os dicionários terminológicos (especialmente os plurilingues) e os dicionários ideológicos tradicionais apresentam uma visão redutora dos significados das palavras que recolhem ao não considerar, na descrição das acepções das mesmas, as relações sintagmáticas que umas palavras estabelecem com outras para actualizar os diferentes sentidos.

Com efeito, muito frequentemente, os dicionários apresentam como acepção de uma palavra o que, em rigor, é o significado dessa palavra combinada com outras palavras. Pense-se no exemplo “ter bom ouvido”, como acepção de **ouvido**, nos dicionários portugueses *Porto Editora*<sup>204</sup>, *Aurélio*<sup>205</sup> e *Caldas Aulete*<sup>206</sup>, por exemplo, em que inclusive se registam contradições, pois o mesmo significado ('aptidão para captar com relativa precisão sons musicais') é atribuído tanto à palavra “ouvido” como à expressão “ter bom ouvido”, que

<sup>199</sup> Casteleiro, J. Malaca (coord.) (2001): *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa/Editorial Verbo.

<sup>200</sup> *Vd.* Iriarte Sanromán (2004: 87, nota 17).

<sup>201</sup> No sentido em que um falante corrente entende intuitivamente o termo: conjunto delimitado por dois espaços em branco, espaço e sinal de pontuação ou espaço e hífen.

<sup>202</sup> Contudo, o tratamento não será o mesmo para as expressões idiomáticas, para as *colocações*, etc. (*vd.* Iriarte Sanromán, 2001: § 4.5 e § 5.4).

<sup>203</sup> Werner (1982: 224-229) apresenta vários argumentos para defender que o lema deverá corresponder à unidade palavra.

<sup>204</sup> Costa, J. Almeida e A. Sampaio e Melo (1998) *Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora*. Porto: Porto Editora; 8ª edição.

<sup>205</sup> Ferreira, A. Buarque de Holanda (1986) *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 2ª edição, 20ª impressão.

<sup>206</sup> Aulete, F. J. Caldas (1987) *Dicionário da Língua Portuguesa Caldas Aulete*. Rio de Janeiro: Editora Delta; 5ª edição brasileira, revista, actualizada e aumentada por Hamílcar de Garcia e Antenor Nascentes.

aparece como locução no fim do artigo. Tais acepções são, de facto, combinações lexicais que deveriam ser registadas, em forma de subentradas, na parte sintagmática ou combinatória do dicionário<sup>207</sup>.

Os dicionários bilingues, ao excluir as possibilidades combinatórias das palavras, estão, implicitamente, a pressupor a existência de um paralelismo na organização léxico-semântica e sintáctica das duas línguas. É a língua concebida apenas como um conjunto de etiquetas (palavras) que se combinam por meio de regras gramaticais, a língua concebida como uma nomenclatura em que as unidades se justapõem, e não como uma estrutura em que se estabelecem relações (Saussure, 1992: 214).

Em casos de línguas tão afins como o espanhol e o português, com um vocabulário muito semelhante, e até com regras gramaticais também muito próximas, a diferença entre ambas está justamente na combinatória lexical e no uso pragmático-contextual que se faz deste vocabulário “quase” comum.

Apresentamos a seguir o gráfico relativo ao tratamento da combinatória lexical nos dicionários analisados:

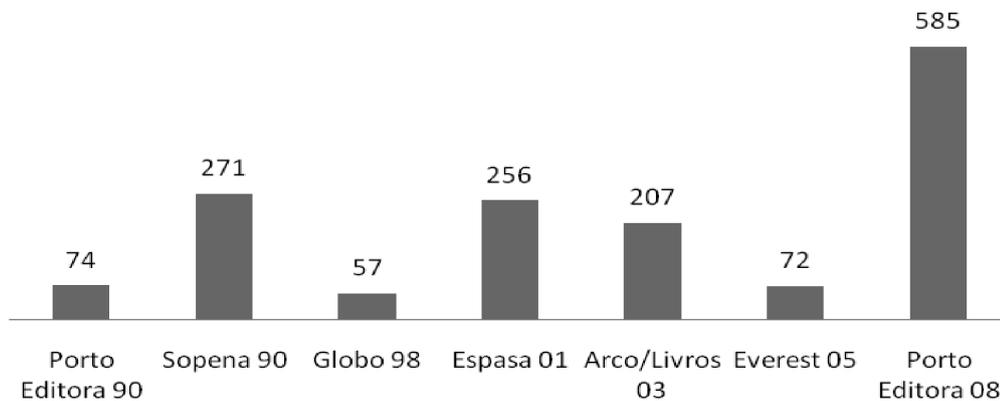


Gráfico 4 — Combinatória lexical

### 3.2.3. Informação sobre pronúncia (transcrição fonética ou figurada)

Em termos quantitativos, para a elaboração deste gráfico, atribuímos 2 valores à transcrição fonética de cada lema, 1 valor à pronúncia figurada e 1 valor para determinados desenvolvimentos de tipo gramatical sobre alguns aspectos da pronúncia. Para a elaboração dos totais (*vd. infra* gráficos 11 e 12), os valores relativos à informação sobre a pronúncia serão somados aos quantitativos relativos à informação gramatical.

<sup>207</sup> Estas combinações pluriverbais deverão ser recolhidas (por ordem alfabética) no fim do artigo lexicográfico, porque nem sempre é possível associar uma expressão pluriverbal a uma determinada acepção do lema.

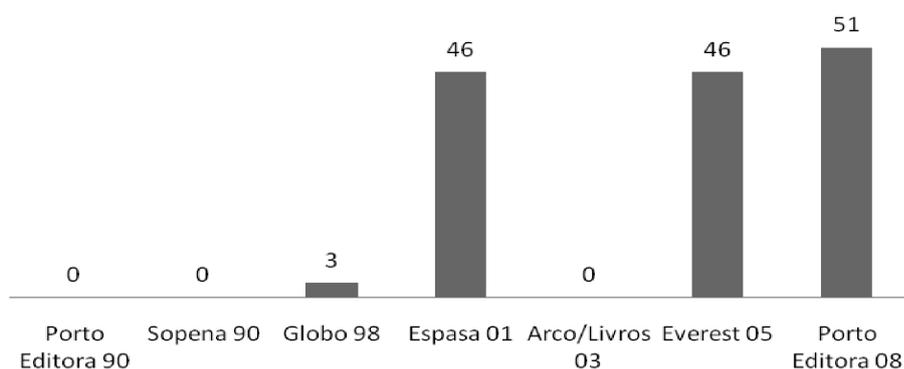


Gráfico 5 — Pronúncia

### 3.2.4. Exemplos e abonações

Os exemplos e as abonações podem ser muito ricos em informação morfológica, sintáctica, combinatória, semântica, enciclopédica, pragmática, estilística, etc. No dicionário bilingue podem ser especialmente úteis quando não há uma coincidência na categoria gramatical dos equivalentes.

Também neste caso não é fácil delimitar e contabilizar o número de exemplos: como é que devemos contabilizar casos como: *fazer um edifício, fazer uma piscina, fazer um estádio*, por um lado, e *fazer um edifício, uma piscina, um estádio*, por outro?

Eis a seguir o gráfico correspondente ao número de exemplos da totalidade dos artigos estudados:

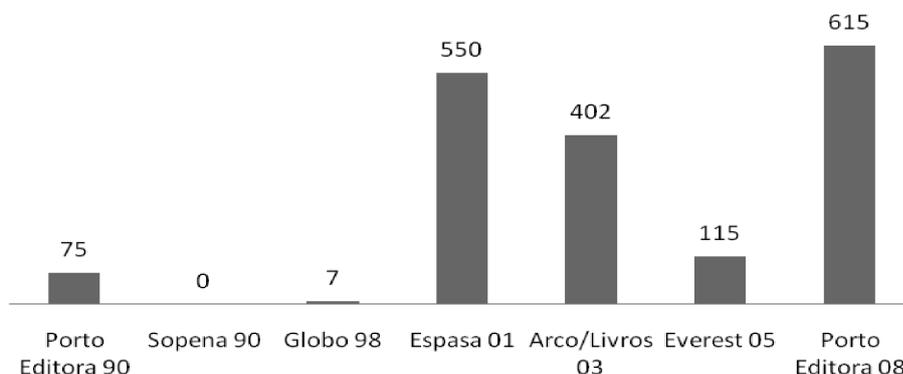


Gráfico 6 - Exemplos e abonações

### 3.2.5. Informação gramatical

Contabilizámos neste grupo informações ou restrições de carácter ortográfico, morfológico, sintáctico ou semântico registadas nos artigos lexicográficos estudados, nomeadamente:

- a informação sobre a categoria (ou subcategoria) gramatical do lema<sup>208</sup>;
- informação ortográfica;
- informação morfológica (por exemplo, a formação do plural ou do feminino, modelos de conjugação verbal, etc.);
- restrições à combinação sintáctico-semântica das palavras (por exemplo, *falso techo* = tecto falso, *hablar de* = falar em/falar de, etc.);
- etc.

A informação sobre relações semântico-lexicais como a sinonímia, antonímia, homonímia ou paronímia será recolhida e contabilizada em § 3.2.8.

A maior parte da informação gramatical aqui registada refere-se à indicação da categoria gramatical do lema, cuja presença nas obras lexicográficas, em forma de abreviaturas, é quase unânime nos dicionários existentes. Pensamos, contudo, que as categorizações gramaticais podem vir a ter pouca utilidade para os utilizadores normais dos dicionários, em grande parte desconhecedores deste tipo de terminologia. Estes utilizadores ficarão mais elucidados com os exemplos do que com este tipo de abreviaturas.

Atribuiremos, por isso, 1 valor a cada ocorrência de abreviaturas com informação sobre a categoria gramatical do lema e 2 valores para as outras informações acima referidas.

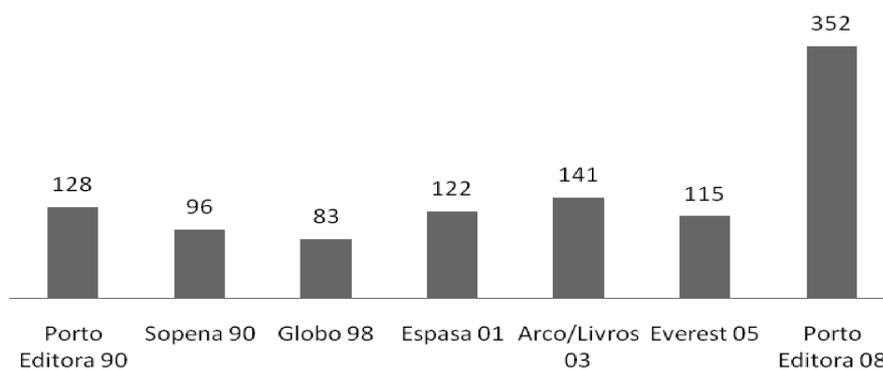


Gráfico 7 - Informação gramatical

### 3.2.6. Informação pragmático-contextual

Contabilizámos aqui informações como:

— actos de fala: (pense-se por exemplo nas “marcas” do tipo *usado para cumprimentar*, etc., que ilustram a função ou intenção retórico-comunicativa).

— informação sobre variações formais deliberadas (estruturais ou textuais), etiquetadas na tradição lexicográfica com marcas de uso como: COLOQ., POÉTICO, FORMAL, etc.

— informação relativa às variações sócio-linguísticas e etno-linguísticas, marcadas na tradição lexicográfica normalmente com abreviaturas como: ARC., CAL., FAM., INF., POP.

— variações diacrónicas, registadas nos dicionários com marcas como ARC., ANTIGO, NEOLOG.

<sup>208</sup> A indicação da categoria gramatical do lema é uma presença nas obras lexicográficas a que nos têm habituados os dicionários existentes e que a maior parte dos autores considera imprescindível. Noutro lugar já falámos (Iriarte Sanromán, 2003) sobre a pouca utilidade que as categorizações gramaticais podem vir a ter para os utilizadores.

— informação sobre gestos que acompanham determinados enunciados ou enunciados que acompanham determinados gestos (pense-se, por exemplo, na informação sobre o uso da fórmula de cortesia “*com licença*”, empregue quando o falante vai rasgar um papel ou abrir um envelope à frente do interlocutor, ao desligar o telefone, etc.).

— etc.

A maior parte desta informação é recolhida nos dicionários em forma de etiquetas, ou marcas<sup>209</sup>, utilizadas para informar sobre determinadas particularidades de uso de uma unidade lexical: variantes diastráticas (ou sociais), diafásicas (ou expressivas), conotativas (ou de uso), etc. Estas marcas, ou etiquetas, podem apresentar-se sob a forma de abreviaturas ou, cada vez mais frequentemente nos dicionários modernos, na sua forma plena.

Na nossa avaliação damos grande importância aos sistemas de marcas ou etiquetas usados pelos dicionários. Somos conscientes de que, no uso destas marcas, há um alto grau de indefinição assim como muito de pura inércia ou do que poderíamos chamar de “tradição” lexicográfica<sup>210</sup>. Muito frequentemente, o seu uso vai depender da própria intuição do lexicógrafo, de critérios totalmente subjectivos ou mesmo de preconceitos do lexicógrafo (que dependem da idade, origem, ideologia, etc.). Contudo, este sistema de etiquetas ou marcas, embora impreciso ou até pouco rigoroso, é sempre útil para o usuário e, em geral, para a descrição lexicográfica de uma língua, porque ajuda a simplificar esse *continuum* a que chamamos léxico, em que podemos encontrar graus de “familiaridade”, de “coloquialidade”, etc.

Por isso, e apesar das críticas de que são alvo, pensamos que a informação fornecida por um bom sistema de marcas poderá ser muito útil, especialmente nos chamados dicionários codificadores (orientados para a produção textual). Um sistema de marcas não é, *a priori*, mais imperfeito ou incompleto do que uma definição. Para além de concebermos a definição como fazendo parte do conjunto de marcas (num sentido mais lato), podem existir bons e maus sistemas de etiquetagem e boas (no sentido mais pragmático de ‘úteis’) e más definições.

A seguir apresentamos o gráfico correspondente à informação de tipo pragmático recolhida na totalidade dos artigos estudados:

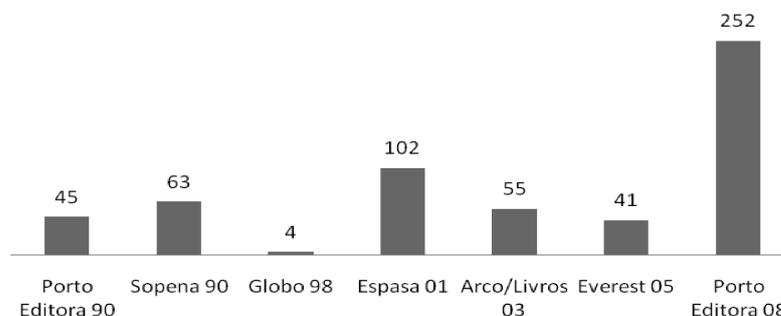


Gráfico 8 - Informação pragmática

<sup>209</sup> Usamos aqui o termo “marca” num sentido mais lato do que “marca de uso”. Em trabalhos anteriores utilizei o termo e o conceito “etiqueta”.

<sup>210</sup> Um caso especialmente interessante é o do uso da marca FIG: Muitas vezes, algumas acepções de adjectivos, substantivos ou verbos que, junto com outra palavra, formam uma colocação (uma combinação lexical restrita) são descritas lexicograficamente como acepções ou sentidos figurados (ou impróprios, ou translaticios), quando, em rigor, são acepções cujo valor apenas é actualizado quando esta palavra se combina com outras (muitas o poucas, mas sempre em número limitado). Pense-se, por exemplo, em casos como *café forte*, *amor cego*, *ódio mortal*, etc. Do ponto de vista lexicográfico, mais importante do que o carácter metafórico de *forte*, *cego* ou *mortal*, é o facto de estas palavras adquirirem tais valores quando combinadas com *café*, *amor* e *ódio*. (vd. *supra* § 3.2.2).

### 3.2.7. Informação enciclopédica e de especialidade

Contabilizaremos aqui abreviaturas ou marcas relativas às áreas de conhecimento, matéria ou especialidade, assim como qualquer informação sobre usos tecnolectais.

Aplicam-se também aqui as reservas que foram feitas sobre o tratamento lexicográfico das marcas de uso (*vd. supra* § 3.2.6): muito frequentemente, o seu uso baseia-se mais na intuição do próprio lexicógrafo do que numa sistematização rigorosa, para além de que nem sempre é fácil distinguir quando uma acepção pertence à língua geral ou a uma língua de especialidade.

Contudo, este tipo de informação sobre a mudança da área de conhecimento não é uma questão menor na descrição lexicográfica de uma palavra (definição, contexto de uso, restrições combinatórias, etc.). Antes pelo contrário: frequentemente traz consequências tanto a nível semântico como a nível de combinatória lexical, porque as diferentes acepções da palavra seleccionarão frequentemente lexemas diferentes nas suas combinações lexicais. Pense-se, por exemplo, no caso da acepção de *ovo* como ‘alimento’, dentro do marco de referência da linguagem quotidiana ou da alimentação (em que *ovo* combina com palavras como *dúzia*, *estrelado*, *gema*, *bater*, etc.), e de *ovo*, no sentido de ‘célula’, dentro do marco de referência da Biologia (em que *ovo* combina com *eclodir*, *núcleo*, *segmentação*, *germinação*, etc.).

Será também contabilizada a eventual informação enciclopédica contida nas definições<sup>211</sup> ou explicações (sempre que estas não sejam apresentadas em substituição de verdadeiros equivalentes da língua de chegada).

Como se pode observar no gráfico apresentado, nenhum dos dicionários analisados fornece muita informação deste tipo, talvez devido a que os lemas seleccionados são palavras frequentes e correntes na língua:

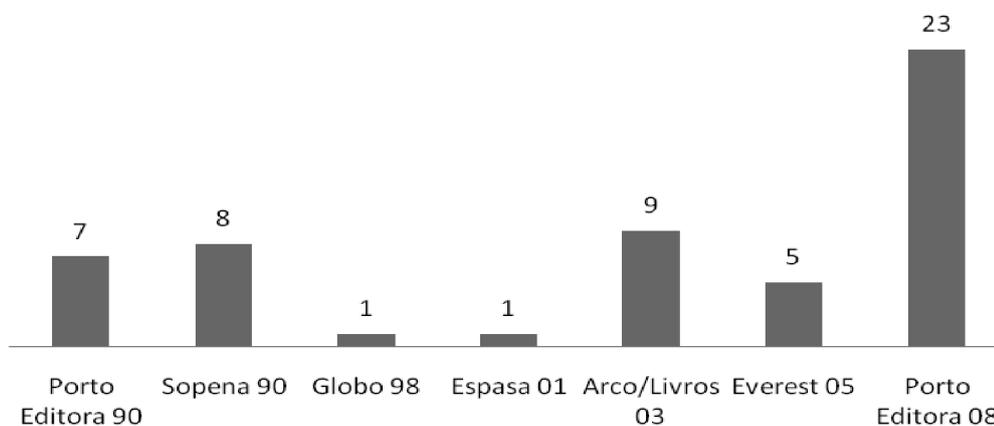


Gráfico 9 - Informação enciclopédica

<sup>211</sup> Definições claramente de tipo funcional (para que serve ou quando se utiliza aquilo que se está a descrever), definições contendo nomes próprios, etc. são exemplos de conteúdos claramente enciclopédicos. Sobre a distinção entre obras de carácter lexicográfico e de carácter enciclopédico, *vd.* Haiman (1980) e Frawley (1981).

### 3.2.8. Remissões

É recolhida aqui informação sobre relações semântico-lexicais como a sinonímia, antonímia, homonímia ou paronímia.

Não serão contabilizados os sinónimos que são apresentados como propostas de equivalentes. Fornecer uma série de sinónimos como equivalentes de uma determinada acepção de um lema da língua de partida, sem nenhum tipo de informação sobre restrições de uso (contextual e co-textual), está longe de ser a melhor solução lexicográfica para os dicionários bilingues. Por isso, e dada a dificuldade de estabelecer uma fronteira clara entre o que é o bom uso e o abuso da informação sinonímica nos dicionários bilingues, não contabilizaremos o que poderíamos chamar sinónimos da língua de chegada.

O facto de, com relativa frequência, não existir total correspondência entre as acepções da unidade lexical da língua de partida e os equivalentes fornecidos para a língua de chegada é uma poderosa razão para considerarmos o sistema de remissões (por meio de abreviaturas como *cf.*, *vd.* ou de qualquer outra convenção) como uma mais-valia muito importante nos dicionários bilingues. Pense-se, por exemplo, na sua importância para o tratamento dos falsos amigos (totais ou parciais).

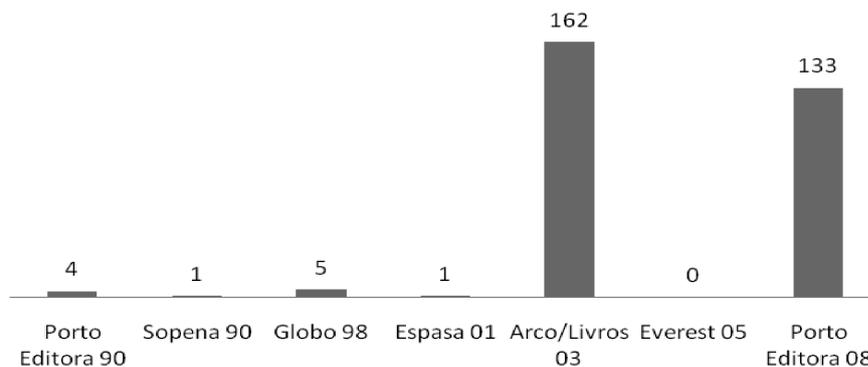


Gráfico 10 - Remissões

## 4. Conclusões

Apresentamos a seguir dois últimos gráficos com a soma, em forma de percentagem, dos valores de todos os quantitativos recolhidos acima. Para isso, decidimos igualar a 100 o maior valor registado (e não o somatório dos valores registados na totalidade dos dicionários analisados) e a partir dele estabelecer as percentagens<sup>212</sup>.

Evidentemente, e como já advertíamos no início deste trabalho, este resultado final é sempre questionável, mas é um bom exercício de comparação, que em qualquer momento poderá ser contrastado e contestado por outros trabalhos e outras formas de medida.

<sup>212</sup> Agradeço aos Doutores José João Almeida e Alberto Simões, do Departamento de Informática da Universidade do Minho, as suas sugestões e comentários para a elaboração do quadro com os valores totais. Evidentemente, os eventuais erros ou faltas de exactidão são da minha inteira responsabilidade.

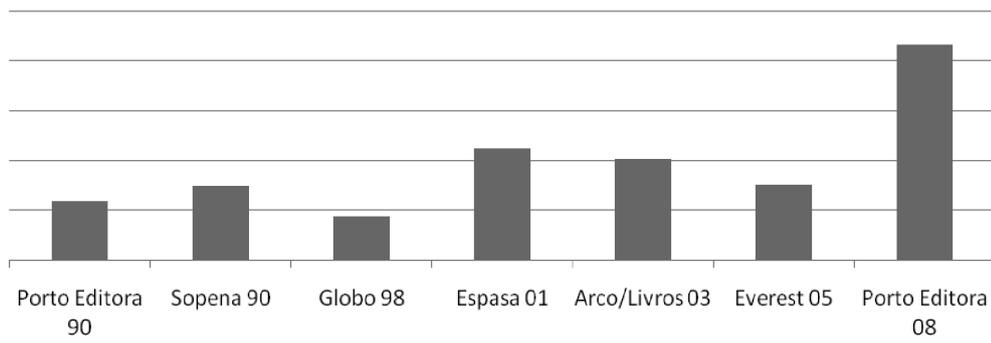


Gráfico 11 - Totais

Reordenamos agora os resultados para que o leitor possa assim apreciar e comparar melhor os resultados finais:

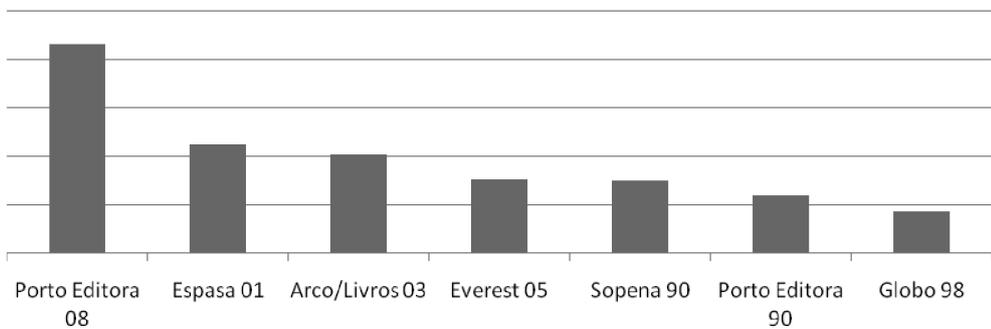


Gráfico 12 - Totais ordenados



## Dicionários especiais francês-português: os dicionários de expressões idiomáticas

*Claudia Xatara (Universidade Estadual Paulista)*

*Huélinton Cassiano Riva (Universidade Estadual de Goiás)*

Neste artigo faremos algumas considerações sobre dicionários que propõem um certo recorte da língua geral, numa perspectiva bilíngue, seja do português para o francês, ou do francês para o português, bem como sobre dicionários pedagógicos de francês redigidos em português.

O *Dicionário temático para aprender francês (1)* [ao final deste trabalho, são apresentadas as referências completas deste e dos demais dicionários marcados com um número em negrito] procura otimizar a aprendizagem sistemática de um vocabulário básico do francês, ou seja, aproximadamente 3 mil entradas, consideradas as unidades léxicas mais comuns da língua francesa, visando ao aprimoramento da competência léxica já adquirida ou em vias de assimilação. O vocabulário vem distribuído em 35 temas, com várias subdivisões. Há em língua portuguesa, variante brasileira, um prefácio, para orientar o estudante, seu principal público-alvo, e explicações sobre os fonemas franceses.

Ângela Vaz Leão apresenta o *Dicionário francês-português de locuções (2)*, que contou com a assessoria de Albert Audubert e Rodolfo Ilari. Esse dicionário reúne 4 mil unidades lexicais de natureza heterogênea, tanto lexias simples quanto compostas, ou mesmo expressões. Em cada verbete há uma explicação em francês da entrada, seguida de possibilidades de tradução em português brasileiro. Abonações vêm ajudar a esclarecer o emprego das palavras-entrada, que são dispostas em ordem alfabética de suas palavras-chave. Mas um índice remissivo, ao final do dicionário, também viabiliza a busca pela primeira letra das locuções.

No prefácio do *Dicionário de falsos cognatos francês-português / português-francês (3)*, Maria Tereza Biderman ressalta as principais características da obra, e na introdução, as autoras revelam estudos lexicológicos sobre os falsos cognatos. Tem-se a respectiva bibliografia consultada e uma lista de abreviaturas e sinais. À entrada seguem uma classificação morfológica e as acepções, às vezes acompanhadas da marca que indica a área do conhecimento. Verifica-se a presença de enunciados ilustrativos em todos os verbetes, assim como, entre colchetes, a indicação da tradução considerada enganosa e o correspondente adequado. Este dicionário teve uma segunda edição revisada e levemente ampliada (5).

Em *Les faux amis e outras peculiaridades da língua francesa para uso dos brasileiros (4)*, há uma introdução sucinta que cita as fontes de pesquisa e as referências inspiradoras deste trabalho. Além de tratar fundamentalmente de falsos cognatos, essa obra inventaria outras dificuldades da língua francesa, de diversa natureza, e até verbetes enciclopédicos, sem maiores orientações ao consulente sobre quais tipos de unidade poderão encontrar.

Neste nosso trabalho, damos destaque, dentre os dicionários especiais, aos fraseológicos que enfocam as expressões idiomáticas (EIs), não apenas por esse tipo de unidade lexical representar o objeto central de nossas pesquisas, mas porque realmente acreditamos na premissa desse gênero de obras lexicográfica.

Estudos de Saussure, publicados em 1916, os primeiros a apontar para a existência de combinações não-livres, as quais foram chamadas de “agrupamentos”.

Vários estudiosos da linguagem intuíram a existência dos fraseologismos e a inclusão de elementos fraseológicos aparece já ensaiada em muitos verbetes dos vocabulários da Idade Média, e depois começa a se efetivar nos dicionários bilíngues do século XVI, especialmente no *Dictionnaire françois-latin* (1541), de Robert Estienne (Verdelho, 1995). De um modo geral, o tratamento lexicográfico dos idiomatismos, em termos de dicionários editados no Brasil ou em Portugal, não tem se apoiado ainda em estudos e levantamentos metódicos dessas unidades, pois esses ou não foram realizados ou foram realizados de modo ocasional e incompleto.

Apesar de ter sido Saussure (1969), o primeiro a chamar a atenção para a existência de combinações não-livres ou “agrupamentos”, em publicação póstuma, no ano de 1916, ou de se atribuir a Bally (1951) o desenvolvimento das particularidades dessas combinações, são os russos, como Vinográdov que define Fraseologia como estudo das leis que restringem a combinação das palavras e dos seus significados, os reponsáveis por instituírem a Fraseologia da língua geral como uma área específica (*ap.* Ettinger, 1982; e Tristá Pérez, 1988). A partir das pesquisas dos russos, então, estudaram-se os princípios de disposição e de processamento do material lexicográfico e inclusão das unidades fraseológicas (UFs); os critérios de seleção, distribuição e definição dos fraseologismos; a análise e classificação do caudal fraseológico incluído nos dicionários gerais; o processo de arcaização e de representação das UFs sinônimas e suas variantes; e as características estilísticas dos fraseologismos (Carneado Moré, 1985).

O estudo desse ramo da Linguística vem adquirindo uma importância cada vez maior, tanto do ponto de vista teórico, na investigação das regras léxicas, semânticas e gramaticais, como do ponto de vista prático, no ensino/aprendizagem das línguas nacionais e estrangeiras, na elaboração de dicionários etc.

As expressões idiomáticas traduzem um hábito verbal e passam por dois estágios: 1) o processo de cristalização que as torna estáveis em significação e, 2) a frequência de seu emprego. Assim, num nível mais abstrato da linguagem, consoma-se o processo de lexicalização, categorizando-as para integrarem a nomenclatura de um dicionário de língua, ou, de modo mais específico, de um dicionário fraseológico.

Entretanto, os dicionaristas parecem ainda esbarrar na questão de se considerar as lexias complexas como entradas separadas. Ora, se as EIs são grupos de lexias indecomponíveis em perspectiva sincrônica e se são tidas como “unidade” pela análise distribucional ou funcional, correspondendo a significados precisos, deveriam, pois, constituir entradas específicas nos dicionários, ao menos nos fraseológicos.

Além desses fatores, há outro inconveniente para se localizar num dicionário uma EI que não seja entrada do verbete: qual o critério seguro e único para distinguir como palavra-chave uma das unidades lexicais de uma expressão e não outra, e então, no verbete em que essa unidade for a encontrada, chegar a tal idiomatismo? Normalmente a escolha da palavra-chave depende do tipo do dicionário (em sua maioria, na versão mono ou bilíngue, são alfabéticos, semasiológicos, não-analógicos e não-nocionais) e do seu objetivo (compreensão do desconhecido ou procura da expressão mais apropriada). Não há dúvida, porém, que se o usuário encontrasse as lexias complexas como entradas, a consulta seria realmente eficaz, embora tal procedimento resulte num aumento significativo do *index verborum*.

Sabe-se, ainda, que o dicionário de língua privilegia uma norma lexical, um uso do léxico dentre todas as possibilidades de uso pela comunidade linguística. Isso significa que a inclusão de outros usos representa geralmente a boa-vontade dos lexicógrafos. Ao analisar, por exemplo, como são tratadas algumas EIs no “Aurélio” (1999) e no “Houaiss” (2001) — como são conhecidos dois dos principais dicionários monolíngues brasileiros —, verifica-se que na maioria das expressões marcadas apenas como “locuções”, constam apenas os significados e são raras as indicações de nível de linguagem e/ou exemplos. Há ausências surpreendentes como a das EIs “armar um barraco” e “dizer cobras e lagartos” no *Houaiss*, apesar de comprovadamente frequentes. Nesse dicionário, dentro do verbete “pressão”, por exemplo, encontramos sem problemas *pressão alta* ou *pressão atmosférica*, ao lado da expressão gírica *marcar sob pressão* (circunscrita ao meio futebolístico) e também a EI *sob pressão*. Não encontramos, todavia, nessa mesma entrada, nem *sofrer (muita) pressão*, tampouco *pressionar contra a parede*, ambas bastante frequentes.

Isso não ocorre, porém, somente em dicionários brasileiros. Dicionários reconhecidos internacionalmente também possuem suas imperfeições no que diz respeito ao tratamento das EIs, como no caso do dicionário inglês *Longman* (2004) e do francês *Le Petit Robert* (2009): há incongruências no critério que determinou que elemento de uma expressão é a palavra-chave (ora é o primeiro, ora o segundo substantivo de uma EI nominal, por exemplo); os exemplos e indicações do nível de linguagem são escassos e muitas EIs comuns não constam nem da nomenclatura nem da microestrutura desses dicionários.

Nos dicionários bilíngues de língua geral, as inadequações acima mencionadas são semelhantes, embora os idiomatismos se encontrem presentes como subentradadas nas obras de referência desde o século XVI. Na maioria das vezes, os bilíngues trazem somente as definições das EIs selecionadas, procedimento que elucida o seu significado, mas que não oferece uma expressão correspondente, de semelhante valor idiomático, para o texto de chegada. No *Dicionário escolar francês-português / português-francês* (6), a expressão francesa *prendre racine* possui como definição “enraizar-se”; “arraigar-se”. Porém, não há nenhuma indicação de que se trata de um idiomatismo e não oferece ao consulente uma EI equivalente em português, como “criar raízes”, o que garantiria o mesmo nível de expressividade ao texto traduzido.

Outro exemplo seria o “Azevedo” (1988), onde constam, como subentrada de *gato*, os idiomatismos *fazer gato e sapato de alguém* ou *passar como um gato sobre as brasas*. No entanto, a obra não apresenta a EI *como cão e gato*, bastante usual e que figura na entrada do substantivo *chat* (gato) do mesmo dicionário, mas na direção francês-português. A entrada *chat* é bem maior que a entrada *gato* e, por isso, apresenta maior número de acepções e de idiomatismos relativos a esse animal e que poderiam muito bem ser incluídos na direção português-francês.

Quanto à Fraseografia propriamente dita, que se incumbe da produção dos dicionários fraseológicos, a relevância do trabalho de Sinclair, entre os anos 1980-87, é ratificada por Moon (2008), pois ele foi um dos primeiros lexicógrafos que teve a preocupação de documentar, em seu projeto *Cobuild* (*apud* Moon 2007), os padrões fraseológicos encontrados em *corpus*, e apontar para a prática lexicográfica a interdependência da Fraseologia e do significado e os problemas do insatisfatório estatuto da palavra ortográfica.

No entanto, sob o título de “dicionários de locuções” ou “dicionários de expressões idiomáticas”, encontramos obras bastante incompletas. São coletâneas de verbetes, isto é, de entidades lexicais de natureza heterogênea: ora referem-se a “armadilhas” de certa língua estrangeira onde até um pronome de tratamento é incluído como EI; ora referem-se a problemas de regência verbal, coloquialismos e gírias; outras vezes são identificadas como frases feitas ou clichês. Assim se enquadram os dicionários em português de Ribeiro (7), Cascudo (8), Silva (9) e Pugliesi (10), ou o bilíngue (francês-português) de Bretau & Mattos

(11). Neste último, vemos que, apesar de seu título específico, a obra trata também de outros tipos de fraseologismos, como os provérbios. Há um prefácio, uma nota dos autores e uma breve orientação metodológica, que apresentam o conteúdo do dicionário com algumas especificações conceituais. Dentre suas entradas constam, por exemplo, EIs como *plier bagage* (“arrumar a trouxa”) misturadas a provérbios (*Qui aime bien, châtie bien* → Quem dá o pão, dá o castigo) ou a simples locuções gramaticais (*aussi bien que* → assim como). Confirmamos, assim, o que diz Borba (1990) em relação aos dicionários de língua também para um dicionário especial: o primeiro problema para a sua elaboração está na escolha de critérios que garantam a seleção adequada das informações.

Além disso, poucos são os dicionários especiais (como o de Galisson, 1984, e o de Duneton & Claval, 1990), que combinam a classificação alfabético-semasiológica e onomasiológica, para darem conta, ao mesmo tempo, do aspecto funcional que é o da eficácia e rapidez da procura de uma expressão, e do aspecto (epistemo)lógico que é o da procura de uma expressão a partir da noção capaz de “condensar” em uma palavra ou *conceito-chave* a significação da EI em questão.

Enfim, dicionários fraseológicos ou analógicos monolíngues, que informem sobre diferentes restrições gramaticais e sociolinguísticas das EIs, utilizando símbolos claros e uma tipologia transparente, serviriam melhor a usuários nativos ou estrangeiros, do que dicionários que visem apenas à quantidade das expressões descritas (Bárdosi, 1992).

Se para os dicionários gerais, por não interessar marcar a especificação das diferentes UFs (Iriarte Sanromán, 2000), normalmente todas as EIs constam ao final do verbete sob o rótulo de “locuções”, termo demasiadamente genérico que encerra qualquer forma funcional de organização dos elementos disponíveis da língua (como é o caso de “às pressas”, “desde que”) e não uma maneira de exprimir algo que implique alguma retórica ou supõe alguma figura, para os dicionários fraseológicos, a delimitação do tipo de fraseologismo tratado deve transparecer no próprio título da obra.

Em relação a dicionários fraseológicos bilíngues, o lexicógrafo, além de identificar combinatórias como uma unidade de tradução mínima, pois embora sejam lexias complexas, são as menores unidades de funcionamento sintático (Molinie, 1986), deverá propor um equivalente que não se reduza às mesmas paráfrases apresentadas pelos dicionários gerais de língua, precisando suas condições de emprego. Assim, para *faire naufrage au port*, por exemplo, temos que encontrar nos dicionários fraseológicos, além da paráfrase definicional “ver todos os projetos desfeitos quando mais prometiam realizar-se”, um equivalente fraseológico caso exista, como “morrer de sede na beira do poço”. Só nos casos em que a lexia complexa de uma cultura não encontrar correspondente na outra, é aconselhável que se reduza a explicações parafrásicas.

Isso posto, intentamos discorrer sobre a organização dos fraseologismos, e em especial das EIs, nos dicionários. Em relação à organização macroestrutural, começemos a levantar características e problemas na seleção da nomenclatura. Essa seleção, como a de qualquer outra nomenclatura em qualquer tipo de dicionário, submete-se a um princípio filológico: a UF a ser inventariada deve figurar em uma fonte “autorizada”. Sabemos que na Lexicografia tradicional, as fontes utilizadas dificilmente se baseiam no discurso anônimo do cotidiano ou nos usos escritos espontâneos, mas se restringem aos discursos escritos valorizados socialmente, como o literário e o científico, considerados como duráveis ainda que de escolha aleatória (Rey & Delesalle, 1979). A maioria dos dicionários fraseológicos, no entanto, deve-se valer justamente de fontes que retratem a linguagem coloquial, pois esta é aquela se serve abundantemente dos fraseologismos. Na atualidade, vários pesquisadores (COLSON, 2003, 2006, 2007; Grefenstette & Nioche, 2000; Kilgarriff & Grefenstette, 2003; Grefenstette, 2004) propõem a Web como o *corpus* mais adequado para extração de UFs porque, apesar de ser

rotulada como uma fonte secundária de dados linguísticos, trata-se de uma fonte de fácil acesso, atualizada constantemente, rica em linguagem coloquial e, portanto um *fértil terreno* que não pode ser abandonado para uma produção lexicográfica como a nossa. Assim, dicionários já existentes e Web podem ser articulados para servir como parâmetro ou ponto de partida para investigações lexicográficas.

Há de se considerar ainda que um fraseologismo pode ter um emprego inusitado, raro ou corrente quanto à sua frequência no atual estágio sincrônico da língua. A frequência poderia ser um critério fundamental para que uma EI constasse num dicionário geral; já nos fraseológicos, a nomenclatura pode ser estendida a unidades menos usuais, vinculadas geralmente a conceitos que perderam vigência e deixaram de satisfazer a necessidade de expressividade dos usuários (Carneado Moré, 1985), desde que devidamente marcadas, o que viria a testemunhar o registro lexical fraseológico de outras épocas ou mesmo na atual, a partir de estudos de EIs neológicas. A questão, porém, que resta ainda resolver, de modo mais consensual entre os lexicógrafos, e com maior cientificidade, é qual deve ser o limiar de frequência que garanta, ou exija, a presença de qualquer unidade lexical em um dicionário, ou das UFs em dicionários específicos, visto que, na verdade, a frequência é condicionada por diversos fatores, como o meio social, a situação, as preferências pessoais (Messelaar, 1988). Mas, de acordo com Colson (2003), podemos selecionar como a frequência mínima para um idiomatismo ao menos uma ocorrência a cada milhão de palavras.

No que concerne à disposição das entradas selecionadas, cabe decidir pela organização alfabética das palavras-chave, núcleos ou bases dos fraseologismos ou da primeira palavra de cada UF. A organização pelas palavras-chave, favorita dos dicionários gerais, traz o inconveniente de uma busca mais trabalhosa para o consulente, pois muitas vezes a palavra-chave que foi considerada pelo dicionarista não foi a primeira escolha do usuário. Aliás ou convencionou-se que essa palavra determinará, em grande medida, o significado da expressão, pois constitui o seu centro semântico e leva consigo a maior força ou carga metafórica (Ortiz-Álvarez, 2000), ou se convencionou uma ordem de classe gramatical, com os substantivos das UFs, por exemplo, prevalecendo como palavra-chave sobre os verbos e estes sobre os adjetivos e assim por diante. Já a organização pela primeira palavra do fraseologismo revela um problema de segmentação (o início da unidade para o consulente [por exemplo, “estar na flor da idade”] pode não ser o mesmo que o dicionarista utilizou [“na flor da idade”]). Desse modo, parece realmente não haver um critério totalmente favorável ao usuário como defende Welker (2004) em prol das palavras-chave. Outra consideração a se fazer é que em um dicionário fraseológico não cabe o mesmo sistema de lematização que o adotado nos gerais, pois lexias complexas só utilizadas no plural ou só em determinado tempo ou pessoa verbal devem ser assim lematizadas.

Quanto à microestrutura, na maioria dos monolíngues gerais, a compreensão das definições completa-se apenas eventualmente com indicativos que esboçam - muito grosseiramente - uma configuração dos usos da língua. Nos bilíngues, esses indicativos, quando aparecem, muitas vezes não são suficientes se não forem acompanhados por traduções que também observam as mesmas marcas na LE, sejam elas marcas de frequência de uso, de espaço, de tempo e sociais.

Um aspecto diacrônico é a filiação histórica de uma UF, com a determinação de sua origem e datação do primeiro emprego conhecido, ou ainda da evolução semântica pela qual passou sua motivação original. Em dicionário fraseológico de perspectiva sincrônica, contudo, não importa determinar, por exemplo, as motivações que levaram à criação da EI “pulo do gato”. Aliás, é muito comum dicionaristas apresentarem explicações fantasiosas como, nesse caso, da história de um gato que ensinou tudo o que sabia a uma onça, menos dar um pulo para trás, o que justamente o salvou do ataque de sua aprendiz. Mas é justamente essa

dificuldade “embrionária” que respalda a vários estudiosos não se referir a determinadas expressões fraseológicas, como idiomáticas, no sentido restrito de “originárias” daquele idioma em questão, ao que contra-argumentamos com a noção lato de idiomático, compreendido enquanto fraseologismos “empregados” por usuário daquele idioma.

As diferentes acepções de uma mesma UF devem também ter atenção dos lexicógrafos de dicionários especiais (como *mostrar os dentes* que pode significar «mostrar agressividade» ou «sorrir abertamente»), ainda que a polissemia não ocorra abundantemente na fraseologia, pois uma UF tem no geral menos mobilidade contextual que uma unidade lexical qualquer, isto é, não se manifesta livremente em relação semântica e gramatical com outras palavras (Carneado Moré, 1985). Por outro lado, muitas vezes encontramos as mesmas idéias com diferentes formulações fraseológicas (casos de fraseologismos similares ou sinonímia: *levantar acampamento* e *puxar o carro*), ou idéias contrárias (casos de fraseologismos opostos ou antonímia: *perder / ganhar*). O mesmo ocorre entre mais de uma língua, sendo equivalentes interlinguais por exemplo os provérbios: *Uma andorinha só não faz verão*, *Una golondrina sola no hace verano*, *Una rondine non fa primavera*, *Une hirondelle ne fait pas le printemps*. Por isso Lausberg (1981) diz que os fatos convergentes (os sinônimos fraseológicos) são a prova da unidade na diversidade, mas que o número de fraseologismos totalmente convergentes entre línguas diferentes é bem reduzido, mesmo em se tratando de unidades fraseológicas formuladas por povos diferentes, mas que falam uma mesma língua: é o caso do idiomatismo brasileiro “carne de vaca”, em contraposição ao português *vulgar de Linen*.

No que diz respeito aos exemplos para cada fraseologismo, além de todas as características dos exemplos de qualquer unidade lexical em dicionário geral, que podem ser muito ricos em informação gramatical, pragmática ou sobre a combinatória lexical, verifica-se que eles têm a função de determinar se o sentido da UF é autônomo ou dependente do contexto. Assim, o exemplo de um EI autônoma apenas ilustra seu uso (como é o caso para *passar desta para uma melhor*), pois sua definição bastaria para dar a entender o sentido de “morte”. Já o exemplo do fraseologismo dependente do contexto é o que lhe determinará o próprio caráter fraseológico (como *cruzar os braços* que em contexto denotativo não mais se trata de uma UF [Tristá Pérez, 1988]).

Além do significado, é importante informar sobre as restrições transformacionais e de combinabilidade dessas unidades polilexicais ao usuário do dicionário. Assim ele fica sabendo que, por exemplo, *tirar um barato* não ocorre na voz passiva, e que o sujeito dessa expressão verbal sempre é humano.

Quanto ao espaço, impõe-se a questão dos domínios geográficos diferentes, qualificando os empregos como regionais. Essas marcas correspondem à expansão da nomenclatura em relação a uma norma “central” e são delicadas tanto na descrição de fraseologismos de um idioma falado em países de grandes dimensões, caso do Brasil, como em países menores, mas com várias “etnias” bem delimitadas, por exemplo, a Espanha.

Em relação às marcas sociais ou diastráticas, não há critério realmente preciso para se distinguirem os diversos níveis de língua ou marcas estilísticas. Uma vez que as fronteiras entre os níveis são cada vez mais questionáveis, alternam-se dentre os dicionários e suas definições não têm valor absoluto (Heinz, 1993). Segundo Bárdosi (1992), dever-se-ia utilizar menos classificações, mas bem escolhidas e claras, para qualificar unicamente o que se afasta de modo evidente e pronunciado de um uso linguístico neutro, no sentido amplo do termo. Assim, teríamos principalmente o nível culto (em que o fraseologismo, como “ou vai ou não vai”, é utilizado em uma linguagem formal, com um vocabulário mais rebuscado), em contraposição ao nível coloquial (no caso de UFs como “ou vai ou racha”, encontradas em linguagem informal, que revela intimidade entre os interlocutores, em uma situação de comunicação descontraída [Peytard & Génouvrier, 1970]) e ao nível vulgar (como “ou caga ou

sai da moita”, mais adequado para classificar fraseologismos que chocam, estando mais associados a uma intencionalidade situacional do que a identificação de um grupo sociolinguístico). E além dos níveis e registros de língua, um dicionário fraseológico não poderia deixar de apontar os valores das unidades descritas, apresentando nuances de efeito pejorativo (emprego que manifesta uma atitude hostil como em “politiqueiro” para desonestidade, “judeu” para designar pessoa avarenta ou “perua” para mulher que almeja vestir-se com elegância mas exagera e se torna extravagante), irônicos (emprego da antítese para se dizer o que pensa como em “sutil como um elefante numa loja de cristais”).

Além da tradicional classificação semasiológica, seria muito útil, para dicionários fraseológicos que assumissem a função de atenderem às necessidades de produção textual, uma ordenação onomasiológica que agruparia os fraseologismos relacionados sob conceitos-chave que dessem conta de sua significação. Por exemplo: o conceito EMBRIAGUEZ reuniria a série *bêbado como um gambá, encher a cara, encher a lata, entortar o caneco, estar alto, estar chumbado, estar mamado, meio alto, passar da conta, tomar todas*.

Segundo Binon e Verlinde (no prelo), a organização onomasiológica é fundamental porque facilita não apenas a integração da UF, mas também sua memorização, portanto, bastante funcional para aqueles que trabalham com ensino/aprendizagem do léxico ou desenvolvem trabalhos em Lexicografia Pedagógica.

No que se refere especificamente à Fraseografia bilíngue, deparamo-nos inevitavelmente com o viés da Tradução e do Ensino-aprendizagem de línguas. Como indica Lerat (1995), os tradutores compartilham a mesma convicção que professores de língua estrangeira e lexicógrafos: o domínio de uma língua passa pelo domínio de suas UFs, o que também é enfatizado por Borba (2003). No ensino/aprendizagem de uma LE, a absorção de vários tipos de fraseologismos mostra maior domínio do idioma estrangeiro, dando fluidez ao discurso do aprendiz, além de revelar aspectos culturais da sociedade que utiliza da língua estrangeira estudada.

Roberts (1996) acredita que a aprendizagem de fraseologismos em língua estrangeira, para os quais ainda não existem estratégias pedagógicas adequadas, é fonte de grande dificuldade, pois carregam uma *carga cultural compartilhada* (Galisson, 1988), comumente só compreendida entre os nativos. Por isso os dicionários bilíngues deveriam reservar-lhes uma atenção especial. Já Binon e Verlinde (no prelo), não concebem um dicionário que se pretenda pedagógico sem um tratamento cuidadoso e detalhado das UFs. Como na maioria das vezes isso não se verifica de modo sistemático nem satisfatório, seja nos dicionários bilíngues seja nos plurilíngues para aprendizes de língua estrangeira, cabe mesmo ao dicionário fraseológico bilíngue descrevê-los e propor UFs equivalentes, apesar das divergências lexicais e culturais entre fraseologismos de línguas diferentes, uma vez que as línguas têm imagens diferentes para expressar conceitos suficientemente próximos para serem adequados à tradução (Loffler-Laurian, Pinheiro-Lobato, Tukia, 1979). Mas o lexicógrafo de dicionários fraseológicos bilíngues deve lembrar que o usuário não fará uma consulta apenas para buscar a equivalência, mas sim para levar a cabo as tarefas de decodificação (compreensão), de codificação (produção) ou de tradução de formas que pertencem a um discurso.

Em termos de Fraseografia portuguesa e brasileira monolíngue ou bilíngue português-francês, podemos indicar, para este trabalho, alguns poucos dicionários que vêm se preocupando com essas questões ao menos em parte: os dicionários produzidos pelos portugueses Nogueira (12), Neves (13) e Louceiro et al. (14), e pelos brasileiros Xatara e Oliveira (15, 17), Xatara (16) e Riva e Xatara (18).

Dos dicionários acima, propomos uma breve descrição dos três últimos. O dicionário nº 15 de nossas referências, o *PIP* de 2002, caracteriza-se como uma obra de consulta rápida e prática, destinado a tradutores e escritores, acadêmicos e estudiosos, bem como para todas as

peessoas que utilizam o francês da França e o português do Brasil, considerando sua herança cultural popular, coloquial e erótico-obscena. A primeira parte do dicionário, referente aos provérbios, observando a tradição da sabedoria popular, apresenta uma coletânea de 1.103 provérbios do português, apresentados por palavras-chave, e seus equivalentes em francês. A segunda parte, dos idiomatismos, conta com uma ampla pesquisa que traz 9.000 expressões idiomáticas do francês e suas traduções para o português, e 6.900 expressões do português do Brasil traduzidas para o francês. Os idiomatismos vêm dispostos por ordem alfabética e as traduções procuram respeitar a idiomaticidade e o nível de linguagem das expressões. Já na terceira parte, a dos palavrões: temos cerca de 3.500 termos franceses e 4.000 brasileiros, entre palavrões e expressões erótico-obscenas, divididos em oito campos semânticos: a relação sexual, as fases da relação sexual (excitação, sedução, orgasmo, coito interrompido, impotência e frigidez), os parceiros, os órgãos genitais, as principais zonas erógenas, as posições, outras práticas sexuais (masturbação, coito oral, felação, cunilíngua, coito anal heterossexual, homossexualismo masculino, lesbianismo) e a prostituição.

Em 2008, foi lançado o *Novo PIP* (o nº 17), praticamente um novo livro, uma vez que, em vez de apresentar uma lista quantitativa de provérbios, idiomatismos e palavrões de ambas as línguas, contém apenas os exemplares de uso popular frequente. Para tanto, as autoras utilizaram a *web* como *corpus* de grande dimensão e se basearam em análise de frequência. Assim, encontramos os 450 provérbios, 2.459 idiomatismos do francês e 1.459 do português e 1.185 palavrões presentes na obra, todos acompanhados de descrição definicional, contexto situacional e conceito subjacente.

Já o dicionário *on-line* de 2007 (o nº 16) descreve somente as expressões idiomáticas usuais em ambos os idiomas, já indicando definições parafrásicas, marcas de níveis de linguagem, contextos, outras expressões similares ou opostas e os equivalentes na língua-alvo. Para facilitar a consulta, são oferecidas quatro interfaces ao usuário, que vão muito além da organização semasiológica habitual: 1) a busca por meio de uma lista das EIs dispostas em ordem alfabética; 2) pela digitação da expressão em qualquer uma das línguas em questão (“coração de pedra”, por exemplo); 3) por qualquer unidade lexical que seja um elemento de composição da EI (digitando apenas “pedra”, obtém-se: “colocar uma pedra em cima”, “coração de pedra”, “dormir como uma pedra”, “jogar pedra”, “louco de pedra”, “pedra angular”, “pedra de toque”, “pedra no meio do caminho”, “pedra no sapato”, “pôr uma pedra em cima”, “sono de pedra”); ou 4) por uma lista de conceitos (dentre os quais, caso se busque por “insensibilidade”, chega-se também à “coração de pedra”).

Por fim, o *Dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas usuais na língua portuguesa do Brasil* (18), que está no prelo (com previsão também de uma versão *on line*), oferece 1562 idiomatismos organizados alfabeticamente em quase 400 conceitos por meio de uma busca que possibilita a apresentação das analogias existentes entre as EIs. Cada entrada é seguida por uma definição sucinta e por nuanças entre colchetes, contendo informações como níveis de uso e/ou informações concernentes a origem comprovada ou suposta, com o intuito de introduzir ao usuário elementos alusivos que lhe facilitem a memorização da expressão. Logo após essas informações há os contextos, que representam abonações extraídas da *web*. Ao final da obra, é disponibilizado um índice remissivo das EIs contempladas em nosso trabalho, sobretudo para que o usuário possa encontrar com facilidade o idiomatismo. Assim, o dicionário possibilita também a observação de idiomatismos polissêmicos, caso de *última palavra*, que indica ATUALIDADE ou DEFINIÇÃO; *trazer à luz*, EXPLICAÇÃO, NASCIMENTO ou REVELAÇÃO; *sem mais nem menos*, MOTIVO ou IMPREVISTO; *sujar a barra*, PROBLEMA ou REPUTAÇÃO; ou *encher a cabeça*, ENGANO ou IRRITAÇÃO.

## Considerações finais

As UFs são unidades de base, tanto quanto as unidades lexicais simples, devendo ser integradas sistematicamente no inventário dos elementos lexicais constitutivos das estruturas semiológicas da linguagem. E, justamente por representarem um dos problemas prioritários da descrição léxica, o tratamento lexicográfico dos fraseologismos, seja em dicionários de língua geral, seja em dicionários especiais, revela problemas teóricos (definicionais), práticos (apresentação nos dicionários de língua geral) e técnicos (nos casos de obras lexicográficas em CD-ROM ou *on-line*).

O sistema de inclusão dos idiomatismos nos dicionários gerais ainda não é sistemático, normalmente havendo objeções quanto à extensão da nomenclatura, se as EIs vierem como entradas, ou quanto à extensão dos verbetes, se vierem como subentradas. Os dicionários monolíngues muitas vezes não delimitam claramente essas combinações sintático-semânticas frequentes e fixas, isto é, cristalizadas pelo uso em uma língua, identificando-as como tais, mas as incluem entre os diferentes sentidos figurados de um dos elementos da EIs. E além de os monolíngues nos darem apenas paráfrases semânticas das EIs, somente um pequeno número dessas unidades cristalizadas constam num dicionário bilíngue e são especificadas com traduções também frequentes e cristalizadas - sempre que possível -, a fim de se favorecer a construção de enunciados na língua estrangeira.

A elaboração de dicionários especiais de EIs também carece de sistematização, pois geralmente essas expressões são tratadas de um modo excessivamente amplo. Juntam-se a elas unidades lexicais muito heterogêneas e heteróclitas, como lexemas isolados de sentido figurado fixo, todo tipo de anomalias e curiosidades gramaticais, perífrases verbais, provérbios, ditados, gírias, vulgarismos, fraseologismos técnico-científicos, etc.

Entendemos que na Lexicografia fraseológica deve-se evitar a heterogeneidade na natureza das entradas ou incluir uma classificação da natureza de cada unidade descrita. Além disso, nos dicionários bilíngues de EIs, o lexicógrafo deve tentar propor equivalentes tão idiomáticos quanto os da língua de partida. Para isso, ele se vale de diversas fontes: sua competência linguística, a competência linguística dos informantes, outros dicionários e os *corpora*.

Salientemos, finalmente, que outras informações como ilustrações, nível de linguagem, frequência e marcas cronológicas também são de bastante importância, devendo ser inseridas na microestrutura sempre que possível.

## Referências dos dicionários especiais destacados

- (1) HERRMANN, Reinhild, RAUCH, Rainer, 1991, *Dicionário temático para aprender francês*. Trad. de Samira Iunes. São Paulo, EPU, 321 p.
- (2) CAMPOS, Aluísio Mendes, 1980. *Dicionário francês-português de locuções*. São Paulo, Ática, 301 p.
- (3) XATARA, Cláudia, OLIVEIRA, Wanda Leonardo, 1995, *Dicionário de falsos cognatos francês-português / português-francês*. São Paulo, Cultura, 233 p.
- (4) BATH, Sérgio, BIATO, Oswaldo, 1998, *Les faux amis e outras peculiaridades da língua francesa para uso dos brasileiros*. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 163 p.
- (5) XATARA, Cláudia, OLIVEIRA, Wanda Leonardo, 2008, *Dicionário de falsos cognatos francês-português / português-francês*. 2ª ed. São Paulo, Schimidt, 364 p.
- (6) CORRÊA, Roberto Alvim, STEIBERG, Sary Hauser, 12982, *Dicionário escolar francês-português / português-francês*. 7ª ed. Rio de Janeiro, FENAME.
- (7) RIBEIRO, João, 1960, *Frases feitas*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves.

- (8) CASCUDO, Luís da Câmara, 1977, *Locuções tradicionais no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro, FUNARTE, Natal, UFRN, 236 p.
- (9) SILVA, Euclides da Cunha, 1975, *Dicionário de locuções da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Bloch, 419 p.
- (10) PUGLIESI, Mário, 1981, *Dicionário de expressões idiomáticas - locuções usuais da língua portuguesa*. São Paulo, Parma, 309 p.
- (11) MATOS, João Paulo Juarena, BRETAUD, Robert, 1990, *Dicionário de idiomatismos francês-português / português-francês*. Rio de Janeiro, Marques Saraiva, 257 p.
- (12) NOGUEIRA, António, 1990, *Novos dicionários de expressões idiomáticas*. Lisboa, J. Sá da Costa.
- (13) NEVES, Orlando, 1991, *Dicionário popular de frases feitas*. Porto, Lello & Irmão.
- (14) LOUCEIRO, Clénir *et alii*, 1997, *Léxico coloquial do Português luso-afro-brasileiro. Aproximações*. Sete Vozes, Lisboa, Lidel.
- (15) XATARA, Cláudia, OLIVEIRA, Wanda Leonardo, 2002, *PIP – Provérbios, idiomatismos e palavrões francês-português / português-francês*. São Paulo, Cultura, 363 p.
- (16) XATARA, Cláudia, 2007, *Dictionnaire électronique d'expressions idiomatiques français-portugais / portugais-français*. Nancy, ATILF/CNRS. Disponible sur: [http://www.cnrtl.fr/dictionnaires/expressions\\_idiomatiques/](http://www.cnrtl.fr/dictionnaires/expressions_idiomatiques/).
- (17) XATARA, Cláudia, OLIVEIRA, Wanda Leonardo, 2008, *Novo PIP – Provérbios, idiomatismos e palavrões em uso francês-português / português-francês*. São Paulo, Cultura, 669 p.
- (18) RIVA, Huéinton Cassiano, XATARA, Cláudia, no prelo, *Dicionário de expressões idiomáticas usuais no Brasil: organização onomasiológica*. Curitiba, Editora Honoris Causa..

## A lexicografia bilingue Português – Alemão

*Lutz Hoepner (Humboldt-Universität zu Berlin, Institut für Romanistik)*

### 0. O estado da arte nos finais do século XX

A história da lexicografia bilingue Português (PT) e Alemão (AL) é breve e já foi sumariada, há quase vinte anos, na monografia alemã *Wörterbücher*<sup>213</sup> (Dicionários) composta por três volumes. Como o autor do artigo «Die zweisprachige Lexikographie mit Portugiesisch»<sup>214</sup>, Stefan Ettinger da Universidade de Augsburg, redigiu em AL, apresentamos aqui um breve resumo em PT:

Uma lexicografia independente do PT com outra língua moderna, forma-se só muito tarde, entre os séculos XVIII e XIX; frequentemente o PT aparece em dicionários plurilingues. Muitos dos dicionários, primeiramente publicados no século XIX, tiveram reedições até aos nossos dias.

A parceria AL e PT veio à luz, como é sabido, nos anos 1811-1812, com o respeitável dicionário de Wagener<sup>215</sup> em 3 volumes. O número de verbetes, a inclusão de colocações e idiomatismos colocam-no, ainda hoje, ao nível dos mais frequentes dicionários de bolso, como são chamados.

Seguem-se dois títulos do tamanho dos actuais dicionários de bolso: Wollheim<sup>216</sup> (1844) e Bösche<sup>217</sup> (1858). O Michaelis<sup>218</sup>, em 1887, torna-se símbolo de uma sólida lexicografia bilingue. Este dicionário em dois volumes da autoria de Henriette Michaelis, irmã da douta filóloga Carolina Michaelis de Vasconcelos, prolonga-se em 14 reedições na reputada editora Brockhaus, até ao ano de 1934, na Alemanha. Nos Estados Unidos, sai uma adaptação para o Inglês com edições até 1945, ou 1955 respectivamente. Essa versão inglesa constituiu a base para o dicionário brasileiro da editora Melhoramentos<sup>219</sup>.

Em princípios do século XX, a editora Langenscheidt lança, dentro da sua série de 'Dicionários de Bolso', o dicionário de bolso PT-AL<sup>220</sup> (1904) e AL-PT<sup>221</sup> (1909); na reedição das duas partes em 1968/1969 pela primeira vez se incluiu a transcrição fonética.

---

<sup>213</sup> Ettinger, Stefan, 1990.

<sup>214</sup> A lexicografia bilingue com o Português.

<sup>215</sup> Wagener, Johann Daniel, 1811-1812.

<sup>216</sup> Fonseca, Anton Edmund Wollheim da, 1844.

<sup>217</sup> Bösche, Eduard Theodor, 1858.

<sup>218</sup> Michaelis, Henriette, 1887.

<sup>219</sup> Novo Michaelis, 1958-1961.

<sup>220</sup> Ey, Louise, 1904.

Em 1984 e 1986 respectivamente, publicaram-se na então RDA os dicionários AL-PT e PT-AL<sup>222</sup> do tipo dicionário de bolso.

Em Portugal sai um novo tipo de dicionário com os volumes PT-AL em 1983 e AL-PT<sup>223</sup> em 1986, na Porto Editora, com um número superior de entradas lexicais se comparado aos dicionários da Langenscheidt e da ex-RDA.

Falta na lista dos dicionários ditos gerais a filiação brasileira: aqui o autor menciona um título, o Dicionário Tochtrop AL-PT<sup>224</sup> (1984, 1ª ed. 1943), mas nunca tendo saído o volume PT-AL.

Aqui termina a lista dos dicionários gerais das nossas línguas, e muito resumidamente o autor menciona meia dúzia de dicionários técnicos, alguns dos quais desactualizados já naquela altura, tendo três desses títulos conhecido uma actualização:

- o Dicionário Técnico em dois volumes de Richard Ernst<sup>225</sup> e
- o Dicionário de economia e Direito por Kick Ehlers<sup>226</sup> (Brasil)
- o Dicionário de Direito e Economia de Jayme/Neuss<sup>227</sup>.

Sob a divisa de uma lexicografia bilingue enriquecida pela moderna linguística, Ettinger refere dois títulos de Hans Schemann da Universidade do Minho, o das perífrases verbais<sup>228</sup> cuja dupla função permite usá-lo também como manual, e o das expressões idiomáticas (PT-AL)<sup>229</sup>, louvando Ettinger os dois títulos pela precisão do autor e a abundância do material.

Ettinger, em observação final, alerta para a necessidade premente de se elaborar um dicionário grande de entre 80.000 a 100.000 entradas lexicais por cada volume, como há muito têm sido publicados para outras línguas importantes.

Em 1994, Jaime F. da Silva,<sup>230</sup> da Universidade de Bochum, dedica-se à mesma questão da situação da lexicografia bilingue PT e AL chegando às mesmas conclusões formuladas por Ettinger ainda que F. Silva se dedique mais às micro- e macroestruturas dos dicionários gerais de língua. Termina com igual desiderato, observando a premente necessidade da elaboração de um grande dicionário de PT e AL com cerca de 100.000 entradas por volume.

## 1. O que mudou, o que melhorou

Agora, passados quase vinte anos sobre esse registo do estado da arte, convém perguntar o que se alterou nesse período de tempo. Em relação aos bons desejos de Ettinger e F. Silva pode responder-se sim e não. Os dois títulos da série Dicionários Editora tiveram uma reedição em 1999 com a aplicação da nova ortografia alemã<sup>231</sup> e enriquecimento «com as contribuições de leitores que, mediante observações pertinentes, permitiram preencher lacunas, eliminar incorrecções e alargar vocabulário» (nota da editora, 1999).

---

<sup>221</sup> Ey, Louise, 1909.

<sup>222</sup> Klare, Johannes, 1984-1986.

<sup>223</sup> Dicionários Editora, 1983-1986.

<sup>224</sup> Tochtrop, Leonardo, 1984.

<sup>225</sup> Ernst, Richard, 1983-1986.

<sup>226</sup> Ehlers, Edel Helga Kick; Ehlers, Gunter, 1981-1982.

<sup>227</sup> Jayme, Erik; Neuss, Jobst, 1990.

<sup>228</sup> Schemann, Hans, 1983.

<sup>229</sup> Schemann, Hans; Schemann-Dias, Luíza, 1979.

<sup>230</sup> Silva, Jaime F. da, 1994.

<sup>231</sup> Porto Editora, 1999.

### 1.1. *Dicionários Editora, 2006, Dicionário Português-Alemão, Porto*

Alguns anos depois, em 2006, sai a segunda edição do *Dicionário Português-Alemão*<sup>232</sup> da série Dicionários Editora com 85.000 entradas (informação da editora) que apresenta óbvias vantagens em comparação com a edição de 1999: «As entradas incluem transcrição fonética, contextos e sinónimos, indicações de áreas temáticas e de registos de língua, e uma enorme variedade de informação gramatical - preposições e casos usados, formação de plurais e femininos irregulares, conjugação de verbos portugueses. Para além do vocabulário de uso corrente e expressões idiomáticas, esta obra regista vocabulário específico de variadas áreas do conhecimento» (sinopse da 2ª edição).

Vejamus este dicionário mais de perto. Em termos macroestruturais o dicionário contém 'Nota da Editora', 'Guia de Utilização' (que exemplifica de forma muito clara todos os sinais metalexigráficos utilizados), Fonética – uma lista dos sons do PT – e uma 'Lista de Abreviaturas' antes do próprio *corpus*. Depois do *corpus* segue com 'Paradigmas de Conjugação de Verbos' uma lista de 151 verbos regulares e irregulares numerados e indicando assim o respectivo paradigma de conjugação. Assim, um verbo com um determinado número remete para o verbo que serve de orientação nesta lista. Segue-se uma lista de 'Numerais e Medidas' e um 'Vocabulário Geográfico' contendo o nome do País e da capital, em PT e AL, incluindo os nomes de estados alemães e austríacos e de cantões suíços. Mas aqui interrogamo-nos sobre os motivos porque foram incluídas no *corpus* do dicionário as mesmas informações, quando esse espaço poderia ter sido poupado sem perda. As informações metalexigráficas estão todas em PT, destinando-se este dicionário, obviamente, a utentes de língua materna PT para a utilização activa de tradução, e pressupondo utentes de língua materna alemã com bons conhecimentos de PT para saberem lidar com essas informações metalexigráficas em língua estrangeira.

No seu todo, este é um dicionário moderno, com rica informação lexicográfica, com verbetes de microestrutura bem desenvolvida, mas podem também apontar-se numerosos senãos. Com algum desapontamento, notamos que este não será ainda o grande dicionário desejado há longo tempo por tantos lusitanistas. Por várias razões é menos satisfatório do que parece. Este dicionário, pelo tamanho e conteúdo que tem, destina-se a um público instruído já com profundos conhecimentos de PT e AL respectivamente:

— O dicionário apresenta um léxico bastante actualizado. Houve intenção de suprimir os numerosíssimos erros e acepções absurdas das edições anteriores.

— Em caso de polissemia as acepções de um lema são distinguidos por números, o que facilita a leitura.

— Cada verbete constitui um parágrafo autónomo: oferece melhor legibilidade, o utente consegue orientar-se mais depressa e mais facilmente. Essa forma de organização dos verbetes exige muito espaço, mais espaço do que se reunissem os verbetes com a mesma raiz num só parágrafo (cf. Langenscheidt), e faz o dicionário parecer maior do que realmente é.

— Todos os lemas são seguidos pela respectiva transcrição fonética; nalguns casos até há duas variantes transcritas do PT europeu.

— A transcrição dos brasileirismos não corresponde à fonética brasileira: **caminhonete, capoeira, chope, goleiro, jenipapo, pedágio, torcida**. Porquê transcrever brasileirismos à portuguesa?

---

<sup>232</sup> Porto Editora, 2006.

— A informação metalexigráfica aparece em letra menor, assim, a informação lexicográfica propriamente dita oferece melhor legibilidade.

A designação das áreas técnicas de forma não abreviada absorve muito espaço no caso de entradas que fazem parte de várias áreas técnicas, como p. ex. **abóbada**: seguem-se acepções em ASTRONOMIA, ARQUITECTURA, ANATOMIA; **marxismo-leninismo** (marxismos-leninismos) ECONOMIA, FILOSOFIA, POLÍTICA ...; ou então este caso: **bip** TELECOMUNICAÇÕES Piepser. Abreviaturas como ASTR, ARQUIT, ANAT, ECON, FILOS, POL e TEL seriam suficientemente transparentes e, além disso, sempre há listas com as respectivas siglas.

— A indicação ou não de áreas tecnolectais carece de lógica: **biogás** --, mas **biomassa** BIOLOGIA, parece insatisfatória. Poderiam referir-se mais áreas neste caso, pelo menos ECOLOGIA, AGRICULTURA e talvez ENERGIA. E ainda este lema: **decomposição** QUÍMICA; trata-se, todavia, de um processo a funcionar além da química, aqui seria melhor desistir de colocar a marca; também no caso de **dedo** ANATOMIA, pois não haverá dificuldade de compreensão.

Coloca-se, entretanto, uma questão (aliás não limitada a este dicionário), até que ponto a aplicação das regras de redacção há-de ser rigorosa e sem excepções. O termo técnico **biomassa**, regra geral, tem que estar acompanhado da respectiva designação da área de especialidade, mas, não será preferível aceitar uma excepção quando o termo está tão ao alcance dos utentes quanto biogás? É preciso encher o *corpus* com esse tipo de marcas? Poderá talvez questionar-se, em alguns casos, a coerência dos redactores deste dicionário. Alguns exemplos que formam uma cadeia de verbetes no *corpus*:

sáurio ZOOLOGIA, sauripélvicos —, saurografia —, saurologia → saurografia —, sauomorfo —, saurópodes —, sauropterígeros —, saussurite MINERALOGIA, sautor —, saúva ZOOLOGIA, savacu ORNITOLOGIA, savana GEOGRAFIA, savarim CULINÁRIA.

Acima, notamos pois a falta de marcação na área dos sáurios com excepção do popularíssimo **sáurio**, e depois temos a igualmente popularíssima **savana** com marcação — não se compreende. Nos casos de **saussurite**, **saúva** e **savacu** é indispensável a marcação. Já **sautor** e **savarim** são lemas cuja inclusão neste dicionário é mais que questionável (com ou sem marcação), pois apesar do uso bem raro, sautor, no próprio Grande Dicionário da Porto Editora, remete para outro lema e pertence à área da heráldica.

— É pouco claro quando e por que razão se inclui o respectivo nome latino num verbete com uma dada espécie de flora e fauna:

**japu** ORNITOLOGIA Krähenstirnvogel vs. **japaranduba** BOTÂNICA Japarandiba *Gustavia angusta*.

Além disso, acho incorrecto indicar um nome genérico (acompanhado do respectivo nome latino) como acepção quando na realidade não há equivalente: **jarapé** BOTÂNICA Gras *Imperata brasiliensis*. Na inversão deste verbete para AL-PT poder-se-ia escrever que o AL Gras (i. é *relva*<sup>233</sup>) em PT seria jarapá (aliás, jarapá é brasileirismo), portanto um absurdo. Há, porém, uma opção como resolver o assunto parafraseando o equivalente de jarapá como 'eine Grasart' (*uma espécie de relva*) e utilizando para tal a letra em formato menor para o utente reconhecer que não se trata de um pleno equivalente, mas sim de uma paráfrase.

Por outro lado, não parece aceitável: **boa-nova** ZOOLOGIA kleiner, weißer Schmetterling (*pequena borboleta branca*, portanto uma paráfrase genérica), aqui deveria incluir-se o nome latino, de outra forma este verbete não tem sentido algum.

<sup>233</sup> Sempre que há uma acepção em AL, segue, normalmente entre parênteses e escrita em itálico, a sua tradução para PT ou alguma explicação.

No conjunto parece que em botânica e zoologia a marcação das espécies é bastante inconsequente.

— No dicionário foram introduzidas numerosas siglas muito úteis: **MP** – Ministério Público, **PIDE** com informação enciclopédica em AL.

Há porém um grande número de siglas supérfluas: naturalmente sempre depende das ponderações dos lexicógrafos o que incluir e o que deixar de fora, isso é válido também no caso das siglas, mas seria indispensável incluir **ACG** (angiocardiografia)?

Internacionalismos como **ABS**, **DVD**, **INTERPOL**, **PDF** sem perda de informação lexicográfica podem ficar de fora porque em AL têm o mesmo uso.

As siglas dos elementos químicos obedecem a um regulamento internacional. Não há razão para os introduzir como verbetes independentes.

E será de facto necessário indicar siglas como **INSC** (índice nacional de satisfação do cliente)? Amanhã, por diversas razões, esse índice pode ser abandonado ou a sigla ser alterada; para alguma coisa a internet deve continuar útil.

— Há uma série de valiosas informações enciclopédicas sobre nomes próprios e sem equivalência em AL; essas às vezes são textualizadas em letra menor do que uma aceção normal: **abará** BRAS *brasilianische Bohnenspeise* (*prato brasileiro à base de feijão*); outras vezes não acontece: **cápide** ant. *Tongefäß*, in *Opfermahlen gebraucht* (*vaso utilizado em sacrifícios*), também uma paráfrase fazendo de equivalente. A solução formal poderia ter sido como no caso anterior com **abará**.

— Constatam-se casos de incongruência ao nível do registo entre PT e AL. Regra geral, espera-se que um sinal metalexográfico se refira igualmente aos dois elementos, ao lema e à aceção, como nestes exemplos: **pirar** (pop) *abhauen*, **pipi** (infant) *Piepmatz*. Mas frequentemente não acontece, e há que admitir também que existem situações em que é quase impossível solucionar o problema; porém, tantas vezes se depara com soluções imprecisas como estas:

**abóbora** [*coloq.*] *Kopf* (i. é *cabeça*, mas também em AL há aceção coloquial: *Rübe* e *Kürbis*, i. é *abóbora!*); **bife** (*coloq., pej.*) – *Engländer* (i. é *inglês*, pois não marcado), em AL já se usou a palavra *Tommy* (é dos tempos das Grandes Guerras); **cocó** (*coloq.*) *Aa n., Kacke f.* É possível fazer melhor.

É certo, o verbete está marcado diastraticamente; lema e primeira aceção (Aa) correspondem-se, mas todo utente vai qualificá-los como pertencendo à linguagem infantil. *Kacke*, porém, é de linguagem bem mais grosseira e não infantil nem coloquial, e portanto, não é sinónima em termos diastráticos. A solução teria sido deixar a última aceção de fora.

O verbete **porcalhão, -ona** – *Dreckschwein* não está marcado, como se os elementos pertencessem ao registo não marcado, o mesmo valendo para **porra**.

— Qualquer dicionário contém erros, também neste há aceções erradas ou ao menos questionáveis:

**aborto (provocado)** *Spottgeburt* (i. é *palavra de expressão de desprezo do tempo de Goethe*); nada tem a ver com a primeira aceção no verbete separada desta por vírgula: *Abtreibung* (*aborto provocado*). **Abrótea** em primeiro lugar é nome de peixe, aqui faltando, porém o uso desse nome em relação a uma planta é bastante raro. **Porco-marinho** não é ao mesmo tempo *Meerschwein* (*porquinho-da-índia*) e *Schweinswal* (*toninha, uma espécie de baleia*); **porco-marinho** é *Meersau* (*um tubarão*).

— É positivo que se tenham inserido as formas de plural irregulares dos lemas (**cão**, **cães**) e também no caso das palavras compostas (**bate-chapa**, **bate-chapas**).

Mas é questionável que só por razões de rigoroso seguimento das regras de redacção se deva proceder assim: **marxismo-leninismo** (*marxismos-leninismos*), quantos haverá? Indicar a forma feminina igualmente costuma fazer parte da concepção de um dicionário, mas há que

incluir custe o que custar uma forma feminina na parte das acepções, sobretudo quando a probabilidade do uso for reduzidíssima? **Marxista-leninista** s.m.f. (aliás, sem inclusão da forma do plural! E ninguém notará a falta) Marxist-Leninist m., Marxistin-Leninistin f. Ou ainda dois exemplos menos carregados ideologicamente: **selo-de-salomão** (selos-de-salomão) BOTÂNICA; **sebastião-de-arruda** (sebastiões-de-arruda) Bras BOTÂNICA. Em todos estes casos dos termos compostos, p.ex. de botânica e zoologia, há uma regra (o nome base é flectido quando substantivo), porque não lembrar esta regra ao utente no 'Guia de Utilização'? E, além disso, este dicionário não se diz dicionário de aprendizagem, é antes para utentes com bons conhecimentos da língua. Sendo assim, poder-se-iam incluir essas formas sempre que fugissem a uma regra.

— As informações enciclopédicas num dicionário de língua constituem um problema geral, i. é a questão dos lemas sem correspondentes na língua-alvo por razões culturais, históricas etc., portanto, não há equivalência propriamente dita. Nalguns casos como os seguintes até se pode dispensar a inclusão dos lemas se o equivalente constituir a mesma palavra: **fado** — Fado, **capoeira** — bras. Capoeira. Estas informações pressupõem o enraizamento do conceito de fado ou capoeira respectivamente, na cultura alemã, o que hoje em dia se pode confirmar.

Por outro lado, há casos como este: **candomblé** [Bras] (afro-brasilianische religiöse Übung) quer dizer: *exercício religioso de origem afro-brasileira*. Parece um pouco desajeitado, no fundo devia referir-se termos como culto e sincretismo. Mas este exemplo demonstra a problemática do dicionário de língua: até que ponto vai o pragmatismo de se incorporar léxico de importância e portador de informação enciclopédica? Não se podem redigir definições inteiras. Mas esta paráfrase a descrever o conceito do candomblé pouco esclarece ao utente do dicionário. Assim, seria preferível não incluir o termo. Ou então conceber uma paráfrase no sentido de: culto afro-brasileiro resultado de sincretismo.

— A meu ver este dicionário contém muitos verbetes supérfluos: **camilista** → **camilianista** Camilobewunderer, é um absurdo, não tem um mínimo de aplicação prática, e ainda por cima são dois verbetes (em contrapartida teria que acusar-se a falta de **eciano** ou **queirosiano** ou ainda **pessoano**, enquanto que **camiliano** também existe). Ainda alguns poucos exemplos: **panlecítico**, **panlogismo**, **panmixia**.

— Os verbetes com várias acepções e abonações, regra geral, oferecem uma microestrutura bem desenvolvida, de fácil orientação para o utente. Traços distintivos ajudam a diferenciar entre acepções não sinónimas (separadas por ponto e vírgula). A diferenciação faz-se através da indicação, antes da acepção, entre parênteses e em itálico, de sinónimos em PT.

Por outro lado, o dicionário está cheio de termos raros e estrangeirismos que ou têm idênticos equivalentes em AL (**single**, **sitcom**, **site**, **skate**, **sketch**, **skinhead**, **slalom**, **slide**, **slip**, **slogan**, **slow**, **smash**, **smoking**, **snack-bar**, **snob**, **snooker**, **snowboard**) ou diferem só um pouco na ortografia do AL (**silfo**, **Silures**, **simum**, **sinadelfo**, **sinaíta**, **sinédrio**, **sinemuriano**, **sinequia**, **sinergismo**, **sinestesia**, **sinopla**, **sinople**, **sire** ...). Acresce o grande número de termos técnicos mais usados, mas igualmente de ortografia muito próxima nas duas línguas: nomes de famílias e classes de botânica e zoologia, termos de medicina, sobretudo. Assim, sobressai que numerosas páginas são quase exclusivamente dominadas por verbetes desse tipo formados apenas por lema e equivalente parecendo igual ao lema, portanto verbetes com microestrutura pouco desenvolvida.

— Muito espaço perde-se através de remissões de um termo a outro, sinónimo: **taxinomia** → **taxonomia**, **taxinómico** → **taxonómico**, **taxionomia** → **taxonomia**, **taxionómico** → **taxonómico**. Porque não optar pela variante mais usual? Nestes exemplos há

três verbetes para um termo que em AL igualmente resulta num termo técnico: Taxonomie e taxonomisch. Que desperdício de espaço, pois são tudo verbetes independentes!

— Equivalências pouco práticas: **transariano** durch die Sahara gehend (*o que passa pelo Sara*), mas em AL também podemos dizer trans-saharisch.

## 1.2. Porto Editora, 2009, Dicionário de Alemão-Português, Porto.

No verão de 2009, saiu o Dicionário Alemão-Português<sup>234</sup> na sua «2ª edição completamente revista e atualizada com a Reforma Ortográfica alemã de 2006 e o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

ATUAL - Edição aumentada com vocábulos de uso corrente, terminologia específica das mais diversas áreas do conhecimento e variantes austríacas e suíças, num total de 92.000 entradas.

COMPLETO - Cerca de 214.000 traduções, incluindo variantes do Brasil, mais de 34.000 exemplos ilustrativos, locuções, provérbios e expressões idiomáticas, informações gramaticais importantes, como a preposição e caso usados com os vocábulos e tabela de verbos irregulares.» (nota da editora)

Atendendo a algumas das suas características, este dicionário parece destinar-se preferencialmente a utentes de língua alemã, não há transcrição fonética (desejável aos lusófonos) e os comentários metalinguísticos aparecem em AL.

A macroestrutura deste dicionário corresponde à do volume PT-AL com exceção da lista de Países e respectivas capitais, ficando estes nomes incorporados no próprio *corpus* do dicionário. Já as diversas formas organizadas na 'Lista dos verbos fortes e irregulares' repetem-se ao longo do *corpus*. O mesmo vale para lista de números ordinais e fraccionários assim como para medidas e pesos, outra vez um desperdício de espaço. O 'Guia de Utilização' dá uma visão muito prática dos vários aspectos considerados na microestrutura dos verbetes. Vejamos mais detalhadamente o presente dicionário:

— O dicionário considera as variedades do AL da Alemanha, Áustria e Suíça.

— Neste volume o número de brasileirismos, desta vez como aceções, ficou sensivelmente reduzido.

— Nos verbetes são indicados os casos e as regências do AL.

— Também neste volume abundam siglas internacionalmente idênticas.

Para os diferentes registos diastráticos o Guia propõe marcas como (coloq.). Agora, ao longo do dicionário não se compreende bem como esta regra está pensada, no Guia colocações e idiomatismos são antecidos pela marca, as respectivas traduções não têm marca. No *corpus*, porém, esta regra é difícil de entender: **Vollidiot** idiota chapado (nenhuma restrição de uso!); **kotzlangweilig** (vulg., pej.) muito chateado (a aceção em PT não é vulgarismo); **pinkeln** (coloq.) fazer chichi; **pissen** (vulg.) mijar; **pullern** (reg., coloq.) mijar; aqui nota-se uma certa incoerência, a nível do AL, mas também no PT. As marcas valem ou não para as aceções? No verbete **Verhältnis** ... (coloq.) relação (amorosa), caso pop. nota-se uma diferenciação na parte das aceções, 'caso' é considerado de registo popular. Mas 'relação amorosa': é expressão neutra ou é coloquial, seguindo-se a tese de a marca de registo valer para lema e aceção? Para complicar ainda mais este assunto, vão mais dois exemplos fortes: **vögeln** (vulg.) foder vulg., fornicar vulg. *versus* **Saukerl** (cal.) filho da mãe. Não se compreende a

<sup>234</sup> Porto Editora, 2009.

distribuição das marcas se comparadas aos outros verbetes aqui citados. Deste modo, frequentemente não se sabe como interpretar as marcas de registo diastrático.

— Na sequência alfabética, com lemas iniciados em **Volk-** (povo, popular) há um grupo de entradas com referência à antiga RDA, ora indicando Ex-DDR, ora sem indicação alguma:

**Volksarmee** exército do povo (i. é *exército da ex-RDA*); **Volksbildung** (in der DDR) educação nacional; **volkseigen** nacionalizado; **Volkskammer** (Ex-DDR) Câmara do Povo (i. é *antigo parlamento da RDA*); **Volkspolizei** (Ex-DDR) polícia popular (*Porquê esta tradução? A polícia, não foi particularmente 'popular', é só parte da designação*); **Volkssolidarität** (Ex-DDR) solidariedade popular (*não diz nada, é tradução literal sem significado em PT, ninguém deduzirá que se trata de uma organização de massas*). Todas essas denominações oriundas da antiga RDA – incluindo a palavra Volk- (povo, popular) – têm uma forte carga ideológica, os nomes pouco dizem e são antes lexemas enciclopédicos do que termos lexicográficos. Estando assim não têm uso prático para o utente.

Igualmente no grupo de lemas com **Volk-** há uma série de lemas do tempo nazista, ora marcados com NATIONALSOZIALISMUS, ora não marcados:

**Völkisch** nacionalista, étnico (Assim não pode ficar, este lema está intimamente ligado ao tempo dos nazis e hoje fora de uso, ou falando mais precisamente, proíbe-se o uso dessa palavra); **Volksempfänger** HISTÓRIA rádio (Foi um aparelho muito barato para a propaganda do Terceiro Reich chegar a todos os lares); **Volksgemeinschaft** (NATIONALSOZIALISMUS) nação, comunidade do povo; **Volksgenosse** (NATIONALSOZIALISMUS) compatriota (São dois verbetes com forte carga ideológica); **Volkgerichtshof** (NATIONALSOZIALISMUS) tribunal do povo (É o exemplo mais crasso de todos, a tradução 'tribunal do povo' induz a cem por cento em erro, pois trata-se do famigerado tribunal político dos nazis). A simples tradução dessas designações não ajuda o utente, é preciso conhecer o contexto, e portanto consultar uma enciclopédia ou a internet:

«O tribunal é tristemente célebre pelo grande número de sentenças de morte (mais de 5000) pronunciadas em seus poucos anos de existência, sobretudo entre 1942 e 1945, sob a presidência do juiz Roland Freisler, cuja atuação é tida como exemplo de desvio da lei (Rechtsbeugung) e submissão da justiça ao terror organizado de Estado, sob o nazismo.» Wikipédia

Ainda a propósito de léxico do tempo nazista; no verbete **Jungvolk**, sem marca de restrição de uso, a tradução diz: Juventude Nazi. Esta aceção parece ser uma designação oficial, quando muito em itálico e minúsculas poderia servir de paráfrase. Caso idêntico constituem os verbetes **Pimpf** POLÍTICA membro da Juventude Hitleriana; **BDM** organização nacional-socialista para raparigas (nota-se uma certa incoerência e estas aceções igualmente poderiam servir como paráfrases, se devidamente marcadas e formatadas). Mas bem no fundo não se compreende porque estão estes lemas no dicionário.

Pouca sensibilidade tiveram os autores ao escolherem a palavra **Judenschule** (escola judaica) com sentido pejorativo, mas sem ser devidamente marcado, o uso da qual, depois do Terceiro Reich, se desaconselha vivamente, embora a expressão incluída nesse verbete tenha origem na Idade Média. Aliás, o mesmo verbete consta do Dicionário Idiomático AL-PT de Schemann.

Além disso, há alguns lemas soltos, também tirados de vários contextos históricos que não têm nenhuma utilidade na forma como estão integrados:

**Volksbeauftragter** delegado do povo (Título unicamente utilizado no tempo da chamada Revolução de Novembro, na Alemanha pós-primeira-guerra, em 1918-19); **Volksdemokratie** democracia popular (Nome dado aos Países do Leste europeu na era comunista); **Volkfront** POLÍTICA Frente Popular (Designação do tempo do Estalinismo dos anos 30 do séc. XX); **Volkskommissar** comissário do povo (A tradução é inutilizável, pois trata-se de alto funcionário do PC da URSS na 1ª metade do séc. XX); **Volksrepublik**

república popular (Antigamente utilizado para designar os Países do Leste europeu). A inclusão de todos esses verbetes é mais que questionável porque assim como estão em nada ajudam a desfazer a ambiguidade de qualquer termo, antes pelo contrário. No 'Guia de Utilização' é fornecida ao utente uma solução para lemas sem equivalência em PT – uma explicação, uma paráfrase e impressa em itálico, assim não havendo equívoco; exemplo: **Völkerball** jogo em que duas equipas se procuram atingir com uma bola para assim derrotarem a equipa adversária. Decerto é um caso extremo com uma frase inteira. Mas porque não se aplicou esta regra naqueles casos mais acima em vez de incluir traduções duvidosas e sem utilidade alguma?

Ainda uma curiosidade desse grupo de lemas: **Volkswagen** automóvel popular, carro popular (trata-se de nome de marca, não tem tradução, este verbe é desnecessário).

O JL, numa reportagem intitulada «Porto Editora – A 'ciência' dos livros»<sup>235</sup>, cita a coordenadora editorial do departamento de dicionários, Ana Salgado, sobre as suas tarefas: «introdução de neologismos e eliminação de arcaísmos, enriquecimento de informação lexical, revisão do conteúdo dicionarístico». Em boa parte a Porto Editora atingiu essas metas nestes dois volumes de dicionário. Apesar dos numerosos senões pode afirmar-se que os dois volumes mais recentes da série Dicionários Editora constituem um grande passo em frente e dão uma boa ferramenta aos utentes que tenham plena consciência de que nem tudo está certo só por figurar num dicionário. Há que continuar cauteloso como utente. E devido a uma série de reservas acima expostas, devemos afirmar ainda não dispor do tão ansiado Grande Dicionário de PT e AL.

### 1.3. Uma breve comparação Wagener – Michaelis – Porto Editora

Tanto Ettinger como da Silva elogiam a qualidade e reputação do dicionário de Henriette Michaelis de 1887. A título de exemplo e por simples curiosidade a seguir tentamos confrontar alguns verbetes retirados dos maiores dicionários das nossas línguas elaborados ao longo dos últimos duzentos anos<sup>236</sup>.

Wagener, 1811	Michaelis, 1887	Porto Editora, 2006
<b>calceteiro</b> <i>o que manufactura calças; o que crava na rua</i>	<i>sapateiro; fabricante de sapatos; calceteiro, canteiro</i>	<i>calceteiro, canteiro</i>
<b>capoeira</b> <i>gaiola onde se mantém ou engorda galinhas; FORT. entrincheiramento de onde se atira.</i>	<i>gaiola grande para engordar capões; gaiola de galinhas; FORT. espreira, carreira de tiro; mata para abater; casebre pobre; tipóia velha; negro da mata; (PALAVRÃO) vagabundo</i>	1. <i>gaiola de galinhas; tipóia velha;</i> MIL. <i>carreira de tiro;</i> 2. BRAS. <i>dança</i>
<b>moleque</b> <i>menino escravo negro</i>	<i>menino negro; menino escravo negro</i>	BRAS. <i>rapaz; menino de rua</i>

<sup>235</sup> JL, 2009.

<sup>236</sup> As traduções para PT das acepções originalmente alemãs estão em *itálico*; as colocações originais estão em formato normal.

**negro**

m. *um negro da costa da Guiné*; o negro das unhas

1. adj.: *negro; escuro; triste; infeliz; nefasto; maldoso;*  
pão negro;  
2. m. *negro; escravo negro; cor negra;* (ICHT)  
*peixe de cor negra; negro de fumo*

adj./m *negro (cor, pessoa);*  
mercado negro; negro retinto

**preto**

*preto*; cavallo preto

1. adj.: *preto*; 2. m: *negro (pessoa); preto*  
do alvo de tiro; antiga moeda de cobre

1. m: (depr.) *negro (pessoa); preto (cor);* fotografia a preto e branco; televisão a preto e branco; vestido de preto; preto no branco; 2. adj.: *preto; cerveja preta*

No mínimo pode verificar-se uma certa mudança no uso da língua, e em média, os verbetes em Michaelis oferecem mais informação, independentemente do uso hoje em dia de certas acepções.

#### 1.4. Outros dicionários gerais

De entre os dicionários referidos no artigo de Ettinger, há outro dicionário com edição actualizada: é o da Langenscheidt<sup>237</sup> com um aumento do número de «vocábulo e expressões» (na terminologia da Langenscheidt) de 85.000 para 100.000 nas duas partes, pois aproximadamente 50.000 cada parte. O dicionário foi mesmo actualizado, tendo sido substituídas entradas ou acepções antiquadas por neologismos e expressões/colocações. Muito actualizada e aumentada ficou toda a terminologia das linguagens tecnolectais. Foram incorporados numerosos brasileirismos e alguns africanismos, embora a orientação original continue a ser o PT de Portugal. Melhorou a representação das regências de substantivos, adjectivos e verbos. Foi renovada a transcrição fonética. Há que lembrar que na altura, quando foi feita a revisão das duas partes (meados dos anos 90), ainda não se dispunha das inovações no mercado lusófono dos dicionários monolíngues de PT; refiro-me ao «Aurelião», ao Dicionário Moderno da Melhoramentos e ao Dicionário Houaiss da parte do Brasil. Em Portugal ainda não tinha saído o Dicionário da Academia, muito menos ainda o novo Grande Dicionário da Porto Editora. Carecia-se dessas ferramentas importantíssimas o que restringia os trabalhos na própria fase de revisão.

Além disso, a conceituada editora alemã de dicionários Klett (Pons), em cooperação com a Porto Editora, lançou, em 2002, o seu Standardwörterbuch<sup>238</sup> com no total 44.000 entradas e colocações, ou seja 22.000 por cada parte. É antes um dicionário pequeno embora por fora pareça ser maior que o da Langenscheidt. Algumas das entradas («as entradas mais importantes») estão acompanhadas das respectivas transcrições fonéticas. Uma inovação interessante são caixas ao longo do alfabeto definindo algum lexema típico e regional do espaço da língua-fonte; assim, na parte PT-AL aparece em caixa o termo Fado acompanhado de uma definição em AL. Na parte AL-PT o mesmo acontece p.ex. com os diferentes tipos de escola no espaço da língua alemã, portanto Alemanha, Áustria, Suíça – um aspecto igualmente positivo. Outro fenómeno positivo constituem, intercaladas entre a primeira e a segunda parte, as cartas padrão e uma pequena colecção de «locuções úteis» das várias áreas do dia-a-dia.

<sup>237</sup> Langenscheidt, 2001.

<sup>238</sup> Pons, 2002.

Em 1994, a brasileira Melhoramentos lança o seu Michaelis Pequeno Dicionário<sup>239</sup> com «mais de 36.000 verbetes», nas duas partes juntas. Este dicionário inclui transcrição fonética. Mas ao todo não é mais que um dicionário pequeno, como o nome sugere, pois a microestrutura apresenta-se bastante reduzida.

São estas as inovações na área dos dicionários gerais e seguem-se os dicionários especiais e técnicos publicados após o artigo de Ettinger:

## 1.5. *Dicionários especiais e técnicos*

### 1.5.1. Busse, Winfried, 1994, *Dicionário sintáctico de verbos portugueses*, Coimbra

Com o Dicionário sintáctico de verbos portugueses Busse pretende «apresentar as propriedades sintácticas de aproximadamente dois mil verbos em português, com o objectivo de ser útil a estudantes». Busse tomou como base jornais da época e prosa portuguesa do século XX, mas consultou também vários dicionários actuais da época, também brasileiros, como o dicionário de Pedro Celso Luft<sup>240</sup> sobre as regências verbais. Os artigos apresentam-se de forma tal que após o verbo em PT seguem as possíveis traduções e exemplos para cada tipo de complemento que um dado verbo pode ter. A todos os exemplos precede uma fórmula a sintetizar a estrutura de cada frase: N-V-N (A câmara municipal decidiu asfaltar aquela estrada.) Assim, conferindo os exemplos, quem quiser resolver alguma dúvida tem boas possibilidades de encontrar uma solução.

### 1.5.2. Ernst, Richard; Moreira, Francisco José Ludovice, 2005, *Wörterbuch der industriellen Technik, Bd.8, Portugiesisch-Deutsch*, Wiesbaden

Nas palavras de Moreira no prólogo dessa edição os objectivos principais são «eliminar conceitos antigos e (...) actualizar especialmente as áreas da construção civil, química, informática, Internet, electrónica, electrotecnia, tecnologia de laser, mineralogia e telecomunicações. Assim, o número de entradas aumentou em cerca de 20% para 62.000.»

São, pois, 62.000 copiosas entradas em 425 páginas, o que sem dúvida só se consegue com uma extrema compactação tipográfica do material lexicográfico, aliás típico dos dicionários técnicos da Brandstetter em Wiesbaden, facto este que dificulta a leitura.

Muito depressa se verifica que a distinção entre PT e BR frequentemente não acontece:

A entrada **caminhão** (aliás um brasileirismo bem conhecido) com quinze acepções, e só numa única (caminhão de mudança) sinaliza com B a origem, induzindo o utilizador assim à opinião de que caminhão seria termo perfeitamente aceite em todo o mundo lusófono. Seguem-se mais duas entradas de palavras compostas com caminhão.

O termo **caminhoneiro**, sem indicação da restrição de uso, é acompanhado de supostos sinónimos (motorista de caminhão, camionista). Por outro lado, a entrada **camionista** vale para toda a lusofonia.

**dublagem** /dobragem, **dublar** / dobrar: um é proveniente do Brasil, outro de Portugal, não há comentário.

**ogiva** Sprengkopf (termo militar) vs. **ojiva** Spitzbogen (termo da arquitectura), mas ojiva não existe, nem em PT nem no BR; as duas acepções fazem parte do lema ogiva.

<sup>239</sup> Michaelis, 1994.

<sup>240</sup> Luft, Pedro Celso, 1992.

Fica difuso o porquê dos 2 verbetes **controle** ou **controlo** com cada vez dezenas de acepções. Nada indica o uso regional em Portugal ou no Brasil.

**concreto** – Beton, dezenas de acepções, inclusive ~ **protendido**, ~ **úmido**, o que indica claramente a procedência do Brasil. O termo **betão** – Beton apresenta-se com muitas formas paralelas à entrada **concreto**, inclusive – pré-esforçado e – húmido deixando perceber que se trata de uso em Portugal. Uma boa parte de acepções dessas duplas poderia ser poupada juntando-se o material num verbete deixando os casos geograficamente claros na respectiva entrada: **concreto protendido**, ~ **úmido** = BR etc. Se se tivesse optado pela primeira ocorrência, pois **betão**, mais tarde, na entrada **concreto** (BR) ter-se-ia deixado uma referência a **betão**, apenas indicando **concreto protendido** e **concreto úmido** como brasileirismos.

O mesmo se passa com todo o campo de **húmido** – **úmido** (ca. de 10 verbetes com numerosas acepções). Ter-se-ia podido poupar espaço para melhorar a legibilidade, por exemplo.

Igualmente os verbetes **caminho** (de ferro PT) e **estrada** (de ferro BR) com acepções na área ferroviária coexistem com se fossem plenos sinónimos um do outro.

**Óptica**, falta ótica, sem qualquer indicação para quem procura à brasileira.

**Usina** é acompanhada de várias acepções, mas sem referência ao BR.

A inclusão de espécies (quais sim, quais não e porquê) da botânica é – a meu ver – questionável na forma como foi feita aqui: qual o critério de escolha? E a apresentação é duvidosa:

**lupinus** (agricult) Lupine

**lúpulo** m/ Hopfen m, Humulus lupulus m. Aqui não há indicação da área tecnolectal. O nome latino está como se fosse uma acepção. Seria preferível incluí-lo como 'comentário' à acepção Hopfen m (*Humulus lupulus*).

O mesmo acontece com **luzerna** (agricult) / Alfalfa f, Medicago sativa f, Luzerne. No verbete lúpulo o nome latino faz parte da acepção, em luzerna ele parece pertencer ao sinónimo de luzerna: alfalfa, mas é difícil de saber ao certo; formalmente não há critério de distinção. Há outras entradas de botânica sem nenhuma contextualização metalexigráfica: **pau-brasil** Rotholz, Brasilienholz; **pau-cetim** Satinholz; **pau-ferro** Eisenholz.

A entrada **caminhamento** (P) Wandern não se justifica num dicionário técnico.

Há numerosos verbos gerais: **olhar**, **omitir**, **usar**.

### 1.5.3. Ernst, Richard; Moreira, Francisco José Ludovice, 2000, *Wörterbuch der industriellen Technik, Bd.7, Deutsch-Portugiesisch, Wiesbaden.*

No prólogo F. Moreira escreve: «foram acrescentados mais de 10.000 novos vocábulos». O que aumenta o número de entradas para 69.000 neste volume.

Este volume AL-PT de 2000, trata de forma sensível e exemplar a questão da origem regional dos termos do PT, mas também do AL, não se compreendendo portanto as supracitadas falhas, cinco anos mais tarde, no volume PT-AL. Assim, nos verbetes a seguir temos informação sobre o uso em Portugal, no Brasil, na Alemanha e na Suíça: **Lieferwagen** furgoneta P, perua B; **Handy** D; Mobiltelefon, Natel (CH) (fernm) telefone celular (B), telemóvel (P); **Kraftwerk** central eléctrica (P), usina eléctrica (B).

Mas também neste dicionário há casos em que essa distinção não se encontra:

**Optik** e quejandos só refere óptica; **Parkhaus** é auto-silo que o dicionário Houaiss qualifica de regionalismo português.

Também neste volume se coloca o problema da apresentação contraditória dos lemas da botânica, ora sem o nome latino, ora incluindo-o, mas de tal forma que parece tratar-se de

acepções independentes: **Lupine** / lupinus, tremoço; **Hopfen** m Humulus lupulus m (Bot, Brau) lúpulo m.

Apesar dos problemas aqui abordados, os dois volumes do Ernst são os mais importantes dicionários técnicos das nossas línguas e com o maior leque de áreas tecnológicas incluídas, mantêm-se uma referência.

#### 1.5.4. Hoepner, Lutz; Franzke, Lutz, 1996, *German-Portuguese Dictionary of Science and Technology*, Amsterdam

Ainda antes da queda do muro, em meados dos anos oitenta, os dois autores elaboraram este dicionário com base em glossários coligidos por técnicos, engenheiros com conhecimentos de PT. Mas o título já não pôde ser publicado em tempos da ex-RDA. Só alguns anos depois, a Elsevier se ofereceu para editar este dicionário, e daí o título em Inglês. O dicionário contém aproximadamente 57.000 entradas das mais importantes áreas técnicas e das ciências naturais. Durante alguns anos, este título existiu de forma digital comercializando a Elsevier o seu programa completo de dicionários técnicos num só cd. Quem tinha adquirido um título, obtinha o acesso com um código, ficando os outros títulos do cd inacessíveis.

#### 1.5.5. Jayme, Erik; Neuss, Jobst-Joachim, 1994, *Dicionário Jurídico e Económico Português-Alemão, Parte I*, München. Jayme, Erik; Neuss, Jobst-Joachim, 1990, *Dicionário Jurídico e Económico Alemão-Português, Parte II*, München

O volume I saiu depois do volume II. A editora não indica o número de verbetes e uma contagem aproximativa leva a uns 15.000 verbetes com muitas acepções e abonações.

O dicionário considera as duas grandes variedades do PT, em Portugal e no Brasil sendo o PT de Portugal não marcado e o do Brasil sim marcado, o que na prática leva a soluções pouco felizes, como indicadas nas Informações para os utentes: prê(ê)mio, autô(ó)nomo; mais aceitáveis nos casos de c e p mudos: a(c)ção, rece(p)ção. Decidir-se por uma variedade e explicando estes fenómenos dentro das Informações para os utentes teria sido propício à legibilidade; outro caso constituem os lusismos/brasileirismos propriamente ditos **camião** vs. **caminhão**, o último aliás não tendo sido marcado como brasileiro, fenómeno que se dá com alguma frequência. No volume AL-PT o respectivo lema alemão (**LKW**) tem como equivalente apenas a versão brasileira (caminhão). Resta a pergunta, porque é que se incluiu **camião/caminhão** num dicionário jurídico e económico?

O *corpus* do dicionário começa logo com um problema de organização dos verbetes e a devida inserção no alfabeto: **a descoberto, a destempo, a nível federal**, além disso, os primeiros dois verbetes não pertencem à terminologia jurídica ou económica.

Estão incluídos no *corpus* numerosos organismos da área (**Instituto Internacional de Patentes**). Por outro lado, este dicionário conta com um número considerável de lemas gerais que não pertencem às áreas de Direito ou Economia: **atrelado, atrelar, ensaiar, ensinar, futuro, geral, maré, mulher, país, quiosque, seguir, segundo, usar, xerife, xerox...**

Lemas com várias acepções não apresentam explicação em relação à distinção das acepções nem um sinal sobre o contexto em que se usa algum ou nenhum dos outros: **atribuir** tem onze acepções. Há, porém, alguns casos em que acertadamente se inclui tal informação esclarecedora: **audição** Vernehmung (Zeuge – i. é *testemunha*).

Uma questão formal não está bem solucionada nos dois volumes do dicionário; muito desnecessariamente nos verbetes constituídos por adjetivos, tanto o lema como as acepções estão acompanhados de informação metalexigráfica, o que incomoda muito quando se trata de adjetivos com várias acepções; assim temos: **inválido** (Adj) (1) invalid (Adj) (2) kaduk

(Adj) (Aut) (= verfallen, ungültig) (3) kraftlos (Adj) (4) rechtsunwirksam (Adj) (5) ungültig (Adj) (6) unwirksam (Adj). Setes vezes a indicação Adj, em nada ajuda a distinguir as várias acepções, antes dificulta a leitura.

O volume AL-PT de 1990 contém uma lista de abreviaturas usadas no espaço de língua alemã, assim, termos em uso na Alemanha, Áustria e Suíça (curiosamente inclui siglas da ex-RDA), facto que com alguma probabilidade se deve à altura em que terminaram os trabalhos de redacção.

### 1.5.6. Ehlers, Edel Kick; Ehlers, Gunter, 1995, *Michaelis tech. Dicionário de Economia e Direito Alemão-Português, Português-Alemão*, São Paulo

Nesta 2ª edição os dois volumes juntos crescem para 64.000 entradas, portanto, aproximadamente 32.000 por cada parte. Os verbetes – regra geral – são ricos em acepções e ilustram bem um determinado conceito. Nos próprios verbetes não há diferenciação quanto a áreas técnicas. Os verbetes estão organizados em nichos lexicográficos, perfazendo um nicho, no caso do lema **Direito**, ao todo 5 páginas seguidas com inúmeras acepções. Mas é só desta forma que se consegue incluir tanto material num volume relativamente delgado.

Todos os lemas estão acompanhados pelas respectivas marcas gramaticais, e em particular na parte AL-PT, as acepções – quando substantivos – estão precedidas pelo respectivo artigo, o que exige alguma adaptação da parte do utente pela invulgaridade que esta solução apresenta: **Gesetzgebung** f. – a legislação.

O utente sente-se desorientado na procura de colocações ou termos compostos por estarem organizados no alfabeto conforme o primeiro elemento, na parte PT-AL: **a longo prazo** em A; mas o mesmo se dá com termos compostos na parte AL-PT: **vollendete Tatsache** (*facto consumado* em V) e no seu devido lugar em T falta o lema **Tatsache**.

Nalguns casos, os autores incluem a abreviatura *Bras* para acusar uso exclusivo de uma acepção embora todo o dicionário esteja virado para o PT do Brasil. A inclusão da marca *Bras* parece dar-se um pouco ao acaso, já que em **borderô**, **caminhão**, **engenho** (no sentido de central), **pedágio** e **zelador** não há marca alguma.

Nota-se logo o grande número de lemas de léxico geral do PT: **alemão**, **bala/balea**, **cachaça**, **de fato**, **fogo**, **forca**, **lavrador**, **pedestre**, **povo**, **rio**, **xisto**, **zarpar**, **zibelina**, e até de linguagem coloquial: **asneira**, **caçadotes** (sic!), **dedo duro** (sic!), **povinho**, **xilindró** (*cadeia em PT do Brasil*).

Frequentemente as acepções – na parte PT-AL – estão envoltas num toque de linguagem um tanto antiquada, particularmente no AL; assim deparamos com lemas como: **bom pai de família** - der gute Familienvater, ou então **pedágio** (i. é *portagem*) com duas acepções antiquadas e faltando uma tradução correspondente a este uso actual (portanto *Autobahngebühr* ou *Maut*, e não *Wegezzoll* à antiga). Existe na parte AL-PT o lema **Maut**, mas referindo-se, com a acepção *alfândega*, a outro contexto. Ou ainda **literatura pornográfica** – Schmutzliteratur (*literatura suja*), **soldado** – Wehrmichtsangehöriger (i. é *soldado do exército hitleriano*, não se compreende); e ainda no verbete **soldado** uma paráfrase fazendo de sublema: **soldado que anda à pilhagem** – der Felddieb (*ladrão que rouba produtos agrícolas!*).

Mas também na parte AL-PT há uma série de entradas de léxico antiquado ou não indicado para o uso hoje em dia: **völkische Minderheit** - a minoria étnica (aliás em V, não em M como se esperaria e ainda por cima terminologia nazista).

Há, aliás, uma série de lemas de origem do Terceiro Reich: **Fremdarbeiter** m. – o trabalhador estrangeiro (outra vez e sem especificar o contexto histórico), **Volksdeutscher** m. – a pessoa de origem alemã, mas não nascido na AL (esta acepção só pode levar a confusões). E seguem-se outras tantas (**Volksgemeinschaft**, **Volksgenosse**, **Volksschädling**). Há uma

excepção em termos de exactidão lexicográfica: **Volksgerecht** (embora o nome oficial tenha sido *Volksgerechtigshof*), trata-se de uma paráfrase explicativa indicando correctamente o contexto histórico no Terceiro Reich. Mas parece desnecessário o lema nazista **Judengesetzgebung** – a legislação anti-semita (na era nazista), a acepção é a tentativa de uma definição. Inclui igualmente algum vocabulário referente à antiga RDA.

**1.5.7. Köbler, Gerhard, 2007, *Rechtsportugiesisch deutsch-portugiesisches und portugiesisch-deutsches Rechtswörterbuch für jedermann, München***

Este dicionário com extenso prólogo e introdução sobre Portugal e sobre o Direito português, com bibliografia essencial e lista de embaixadas, consulados e associações jurídicas causa muito boa impressão. O autor refere 11.300 entradas na parte AL-PT e 12.100 de PT-AL. Ao folheá-lo ressalta um detalhe tipográfico desagradável – todas as entradas lexicais são acompanhadas pelo respectivo género (quando se trata de substantivos, enquanto verbos e adjectivos aparecem sem informação gramatical), o que seria de esperar. Mas o que incomoda, é o facto de essa informação gramatical se encontrar no mesmo tamanho das entradas, em maiúscula e impressa também em negrito. Estudando as duas partes, tornam-se evidentes numerosos defeitos:

Muitos lemas pouco ou nada têm a ver com a linguagem jurídica, encontram-se verbos gerais como **dar**, **ocupar**, **ser** (com acepção confusa: *wirken*, i. é *ter efeito*), **subir**, **trazer**; e adjectivos (**alto** – **baixo**), substantivos (**sistema**, **situação** e **companheira** com acepções absurdas).

As colocações foram incorporadas de acordo com a primeira palavra (de, em, por, sob) e não com a palavra portadora da informação essencial (**de acordo**, **de facto** – independentemente do facto de estes dois exemplos não serem próprios da linguagem do Direito).

Um problema fundamental neste dicionário constitui o tratamento das acepções. Quando ocorrem várias acepções num termo-entrada, vêm sempre separadas por vírgula e organizadas alfabeticamente. Assim, o verbo **ocupar** tem seis acepções, assim ordenadas: *ausfüllen*, *befassen*, *beschäftigen*, *besetzen*, *innehaben*, *okkupieren*. Esta organização do verbete em nada ajuda a encontrar uma solução e não se descobre uma expressa afinidade em relação à área do Direito e pior ainda, não há nada que apoie a diferenciação entre as várias acepções.

O utente interroga-se ao longo do alfabeto sobre o porquê de muitas das entradas: informações enciclopédicas como nomes de continentes, países e estados federados da Alemanha, patentes militares, números (sessenta tem o equivalente 'Schock', uma medida antiga, em pleno desuso) – tudo informações de um dicionário geral, aqui desnecessariamente incluídas, ocupando espaço e dando a ilusão de se tratar de um grande dicionário jurídico. Também fazem volume as formas femininas de substantivos (nomes de profissões) com entrada separada. É duvidoso que algumas dessas formas sejam gramaticalmente aceitáveis, (ao menos em AL): **oficial (F.) de diligências** Büttelin (sic!) (a acepção em AL significa aliás 'beleguim', e não parece adequada a marca de género).

Esperaríamos deste dicionário um pouco mais e melhor informação lexicográfica.

### 1.5.8. Nolte-Schlegel, Irmgard; Gonzales Soler, Joan José, 2004, *Medizinisches Wörterbuch deutsch, spanisch, portugiesisch*, Berlin

Este dicionário de termos médicos contém mais de 4.300 entradas de acordo com indicações da editora Springer e subdivide-se em três partes graficamente distinguíveis: Alemão-Espanhol-Português, Espanhol-Alemão-Português e Português-Alemão-Espanhol. O Prefácio do dicionário informa: «Este dirige-se essencialmente a médicos, estudantes e pessoal qualificado de medicina, que trabalham no estrangeiro. Para além do vocabulário técnico de medicina, considere também termos do dia-a-dia importantes, assim como expressões necessárias para o diálogo com o paciente.»

Regra geral, os verbetes são de estrutura simples e constituem a triplicação de um termo de base latina ou grega: **lactase** – Laktase – lactasa. Isso só não acontece quando a parte alemã tiver termos não formados por estrangeirismos, o que normalmente acontece quando existirem palavras ou expressões populares: **Salbe** – pomada – pomada, **im Knieen** (knieend) – arrodillado – ajoelhado (verbeta infelizmente incluído na letra I em vez de K, como acontece em todos os casos de expressões deste tipo, inclusão no alfabeto conforme a primeira letra da expressão).

Com respeito aos «termos do dia-a-dia importantes» evidencia-se logo que bem no fundo não pertencem com razão à área médica e ocupam espaço desnecessariamente: **apoio, após, claro, creme, de novo, doce, efectuar, explicação, fase, fechar, início, local, martelo, misto, negar, prático, preferível, realizar, rir, sonho, súbito, tabaco, território, voltar.**

Este dicionário compacto é útil para a clientela descrita no prefácio, contendo grande parte do léxico técnico básico da medicina embora parte deste igualmente faça parte da linguagem comum, como as partes do corpo (**anca, braço, cabeça** etc.).

### 1.5.9. Schemann, Hans, 2002, *Idiomatik Deutsch-Portugiesisch*, Stuttgart

O volume contém aproximadamente 35.000 entradas, um número muito maior se comparado à primeira publicação de Schemann referida no artigo de Ettinger, dos anos oitenta. Esta recolha idiomática AL-PT conta-se entre as poucas grandes publicações da área e, só por isso, é grande o mérito de Schemann que persistiu, ao longo de décadas, em levar a bom fim esta obra. O prólogo conta um pouco sobre os entraves e problemas de ordem vária. A seguir o autor dá uma síntese sobre a sinalização utilizada dando a conhecer que nessa riquíssima área dos idiomatismos nem sempre pode haver concordância absoluta, e para marcar esse facto, foram introduzidos sinais indicando quando o autor teve que optar por paráfrases ou então quando divergiram as estruturas sintácticas nas duas línguas numa dada expressão idiomática.

Segue-se uma introdução, um pequeno estudo, nas duas línguas, sobre o conceito de idiomatismo e a sua aplicação concreta no dicionário, dando ao utente uma profunda ideia do pano de fundo da pesquisa idiomática apresentada neste dicionário.

Este dicionário está organizado alfabeticamente e os lemas são as palavras portadoras do sentido de cada idiomatismo. **Auge** (*olho*): mit den **Augen** verschlingen – *devorar com os olhos*; **ein** (*um*): **ein** für allemal – *uma vez por todas*; **sagen** (*dizer*): was Sie nicht **sagen** – *não me diga*; **strengste** (*rigorosamente*): aufs **strengste** beachten – *seguir à risca*. Note-se que os lemas não constituem apenas nomes, mas sim todos os tipos de palavras. Constata-se que o conceito de idiomatismo aqui usado é muito abrangente, não apenas incluindo expressões e colocações opacas; assim entram expressões com verbos funcionais do tipo **unter Schock stehen** – *estar em estado de choque*, **Rollschuh laufen** – *andar de patins*, **der Hund ist auf den Mann dressiert**

– *o cão está treinado para atacar pessoas* ou então expressões que apresentam pouca ou até nenhuma opacidade ou idiomaticidade: **Grund und Boden** – *bens; terras; propriedades*, ou **stilligen** – *fechar* (p.ex. mina, fábrica), no fundo léxico que pertence à lexicografia geral. Mas há que admitir, como Schemann escreve nas suas palavras de Introdução ao volume Dicionário Idiomático Português-Alemão que «muitas vezes não existe, para uma expressão duma determinada língua, uma expressão que lhe corresponda numa outra língua. Nestes casos trata-se de 'descobrir', na língua de chegada, a 'melhor equivalência possível'. Pode ser uma expressão idiomática 'modificada'; pode ser só uma palavra; e pode ser uma perífrase. E há casos em que não se encontra equivalente nenhum que satisfaça».<sup>241</sup>

Dada a longa duração de confecção do dicionário, encontra-se um bom número de lemas já com pouco uso hoje em dia. Mas, claro que a lexicografia por uma questão de princípio sempre se depara com o efémero e sempre traz material que algum dia cai em desuso. Mas há outro aspecto a ter em consideração, Schemann alerta para o fenómeno das «diferenças existentes entre a geração 'mais velha' – principalmente os falantes com uma idade igual ou superior a 55 anos – e os jovens – os falantes até cerca de 25 anos».<sup>242</sup> Por outro lado, há casos de entradas onde me pergunto se de facto pertencem a este tipo de dicionário: **on the rocks** – *com gelo* e outros anglicismos ou **pro forma** – *pró forma* e outras expressões e frases latinas.

Resumindo este dicionário pela sua especificidade, e com tantos verbetes é uma fonte quase inesgotável do uso das línguas.

#### 1.5.10. Schemann, Hans; Dias, Idalete, 2005, *Dicionário Idiomático Português-Alemão*, Braga

Escreve o autor na Introdução: «Este DICIONÁRIO IDIOMÁTICO Português-Alemão é a inversão do DICIONÁRIO IDIOMÁTICO Alemão-Português que editei, há três anos».

«O material idiomático português aqui apresentado é, portanto, em parte idiomático no sentido rigoroso desta palavra; em parte, varia ou completa expressões idiomáticas portuguesas; em parte, está no limite daquilo que se costuma designar (ainda) de 'idiomático', e em parte apresenta unidades não-idiomáticas».

Consequentemente e ao contrário do que acontece no volume AL-PT, neste volume não há abonações (desta vez em PT) para ilustrar um dado idiomatismo num contexto concreto.

#### 1.5.11. Ramos, Fernando Silveira, 1995, *Dicionário Jurídico Alemão-Português*, Coimbra

O presente dicionário jurídico propõe-se abranger as seguintes áreas: Direito, Economia, Fisco, Alfândegas, Comércio, Seguros, Finanças e Bolsa. Nos próprios verbetes faz-se muito pouco uso dessas marcas para fins de distinção de lemas ou acepções.

O dicionário destina-se a «profissionais que trabalham para o alemão» esclarece o prefácio num tom um tanto lírico. Não há informação sobre o número de verbetes, mas pode calcular-se que serão aproximadamente 25.000 verbetes.

A seguir a cada letra está um parágrafo com abreviaturas referentes a essa letra. Quando num verbete aparece uma abreviatura, o utente é remetido para a respectiva letra. Assim, no

<sup>241</sup> Schemann, Hans; Dias, Idalete, 2005, Introdução.

<sup>242</sup> Schemann, Hans, 2002, p. XIX.

verbeta **Abgeordnete** (*deputado*) há referência a vários tipos de deputados (MdB, MdL), sendo pois necessário consultar as abreviaturas da letra M onde se encontra uma tradução delas.

Em muitos verbetes o autor não se limita a apresentar termos soltos, acompanhando-os com paráfrases contextuais em particular da área do Direito, em AL, e com as respectivas traduções para ilustrar o funcionamento do lema em diferentes contextos.

Ao longo do *corpus* encontram-se incoerências nas informações metalexográficas. Se por um lado, e para se poder diferenciar as acepções de um dado lema, uma acepção é precedida (entre parênteses) de um sinónimo correspondente ao respectivo sentido em que a acepção deve ser usada ou então de uma informação complementar em AL; por outro lado, numerosos lemas, em particular quando não muito específicos, frequentemente carecem de diferenciação não permitindo entender a aplicabilidade das várias acepções separadas ora por vírgula ora por ponto e vírgula.

Também neste dicionário se dá entrada a uma sequência de lemas obsoletos com **Volk-** (povo, popular), como no dicionário AL-PT da Porto Editora, a respeito da antiga RDA.

O mesmo se verifica, no que se refere à inclusão de termos obsoletos do tempo do Terceiro Reich sem os ilustrar devidamente: **Fremdarbeiter** – trabalhador estrangeiro, imigrante (estas duas acepções não reflectem minimamente o verdadeiro significado: essas pessoas eram oriundas dos Países subjogados pelos nazis e levadas à força para a Alemanha onde eram condenadas a trabalho forçado, e muitas dessas pessoas morreram devido às péssimas condições de trabalho e de vida). **Wehrmacht** – forças armadas (na verdade eram as forças armadas de Hitler. O verbete nada diz sobre isso).

#### 1.5.12. Oliveira, Maria João Varela Pinto de, 2007, *Medizinisches Wörterbuch Deutsch-Portugiesisch*, Hamburg

Este dicionário de medicina com aproximadamente 7.000 verbetes (indicação da editora Buske) destina-se claramente a utentes alemães, só existe a direcção AL-PT. No Prefácio a autora menciona «dificuldades de tradução entre o pessoal da área da saúde e os pacientes portugueses». Daí resulta uma microestrutura mista: termos em AL e entre parênteses a ilustrar o próprio lema, e, a seguir, em PT, definições, explicações, referências: **Hordeolum** (Gerstenkorn) Terçolho. *Pequeno tumor no bordo das pálpebras*. Estas explicações destinam-se muito provavelmente a serem lidas aos pacientes portugueses.

Não há uma visível distinção entre PT do Brasil de Portugal, temos verbetes como: **Erkältung** resfriado; constipação (sem mais informação).

O dicionário contém numerosos latinismos, ora dizendo que se trata de latinismo: **Cuneus** (lat.) (Keil) Cunha. *Lóbulo do cérebro*, ora sem essa informação: **Cysticus** Cístico. *Pertencente à bexiga ou à vesícula biliar*.

O *corpus* deste dicionário compõe-se exclusivamente de substantivos e adjectivos e constitui uma rica colecção de termos médicos.

## 2. Ofertas além do tradicional dicionário em forma de livro

Esta sinopse mostra que houve uma evolução nos últimos vinte anos, mas também mostra que nem tudo são publicações satisfatórias. O único projecto realizado de maior envergadura é o da Porto Editora, e da perspectiva alemã questiona-se por que é que tradicionais casas editoriais de renome na área dos dicionários como a Langenscheidt e a Klett nada fizeram de comparável ou até de melhor para a parceria PT e AL? A resposta pode ser

muito breve: por razões de custo. Como se compreende então que a Porto Editora tenha conseguido realizar duas edições para os dois volumes nesse espaço de tempo?

Observando o mercado dicionarístico na Alemanha, depara-se-nos uma outra realidade. Há muitos títulos novos e entre eles abundam obras do tipo 'Mulher-Alemão, Alemão-Mulher – guia para o homem desorientado' e vice-versa 'Homem-Alemão, Alemão-Homem – guia para melhor se compreender o homem', ou ainda 'Médico-Alemão, Alemão-Médico' e 'Chefe-Alemão, Alemão-Chefe' e ainda 'Cão-Alemão, Alemão-Cão'. Tudo títulos que têm aparência de ser obra de consulta, mas nada têm a ver com dicionários a sério, são antes publicações de entretenimento, satíricas, que jogam ironicamente com duplos sentidos e preconceitos, funcionando no aqui e agora, e que são elaboradas por nomes conhecidos dos média (é como se Herman José redigisse algo como um guia Alfacinha-Português para a Porto Editora). Trata-se, pois, de uma categoria de publicações que se redigem depressa, saem no mercado e rendem às editoras a curto prazo, e muito em breve desaparecem. Não se trata de lexicografia a sério.

Paralelamente, as grandes editoras apostam cada vez mais em produtos electrónicos, consultas online, dicionários pequenos para “download”. Este desenvolvimento tem a sua razão de ser nas muitas ofertas da internet, o mais popularizado exemplo é a enciclopédia online Wikipedia e para a área da tradução é o portal Babylon. As editoras têm que conquistar terreno na área digital para não ficar com as estantes dos dicionários cheias de produtos não vendáveis. Por ocasião de um recente aniversário a Langenscheidt pronunciou-se sobre as suas estratégias informando que de momento um décimo da sua facturação é com produtos electrónicos (cursos de língua, dicionários para instalar em telemóveis e serviços de tradução). Daqui a dez anos esse sector deverá rondar um terço das vendas dessa editora. Os clientes vão comprar uma assinatura para algum desses serviços linguísticos e têm direito a “update”.<sup>243</sup> Mas quem aceder aos serviços grátis das várias páginas na internet para testar a oferta para a nossa parceria AL e PT logo verifica que os resultados ficam muito aquém dos pequenos dicionários impressos para as mesmas línguas. O bem conhecido portal de tradução [www.babylon.com](http://www.babylon.com) que abre com o cabeçalho «Tradução em um só clique – de qualquer idioma para qualquer idioma» garante que nele participam 75 línguas. No ano de 2006 a Babylon vendeu 122.700 licenças, sobretudo a clientes industriais. Quase tudo gira à volta do Inglês. Mas quando escolhermos AL e PT, estamos logo perante uma desilusão, nas nossas estantes temos mais e melhor. Há um pequeno dicionário das nossas línguas, nada de dicionários ou glossários especializados que valessem a pena uma assinatura para, digamos, um tradutor. E não admira. Se as grandes editoras não se decidirem a investir em grandes dicionários para as nossas línguas, conseqüentemente nada pode ser oferecido nesses tais portais. Primeiro alguém tem que fazer o árduo trabalho lexicográfico! E as editoras não querem investir no AL-PT.

### 3. Um projecto de dicionário independente

O autor do presente artigo participou em várias publicações lexicográficas ao longo de mais de 25 anos. E há alguns anos percorreu as editoras de dicionários para sugerir a elaboração de um grande dicionário das nossas línguas que pudesse ir além das cem mil entradas por volume. Na Alemanha – só respostas amáveis, mas negativas (de Portugal e

---

<sup>243</sup><http://www.brandeins.de/archiv/magazin/schwerpunkt-ideenwirtschaft/artikel/mehr-als-worte.html>  
(13/09/2009)

Brasil igualmente respostas pouco promissoras), foram ao todo sete as editoras alemãs abordadas.

A que mais detalhadamente argumentou foi a Hueber Verlag, que a princípio estava disposta a apostar em tal projecto porque pretendia entrar no mercado dos dicionários, mas logo renunciou alegando que um investimento dessa envergadura custaria muitas centenas de milhares de euros (suponhamos uns 600.000 euros), sobretudo custos com os honorários a pagar aos lexicógrafos. E se se calculasse uma tiragem de 3000 exemplares para os mercados de língua alemã com cem milhões de habitantes e de língua portuguesa com duzentos milhões de habitantes, ficar-se-ia aproximadamente nos 200 euros pelos dois volumes (AL-PT, PT-AL). Escusa-se qualquer comentário. Portanto redução de custos de produção só com péssimo ou nenhum pagamento aos lexicógrafos. Quem irá participar? Só pessoas com alguma liberdade financeira e dispendo de muito tempo a investir, eventualmente reformados ou universitários a apostarem num projecto lexicográfico em vez de trabalhar noutro projecto de pesquisa. E, dificuldade acrescida, serão necessárias pessoas muitíssimo familiarizadas com as duas línguas, para além da muita boa vontade para se comprometer com um projecto de longa duração e pouca ou nenhuma remuneração e quase sem mérito em termos académicos.

São estes os entraves por que passei nos últimos anos – resultado: estou a trabalhar isolado neste projecto, tenho sinais afirmativos da parte de algumas pessoas mas, sem remuneração, não podem participar, sobretudo colegas brasileiros de várias universidades cujo trabalho depende de um financiamento. O mesmo vale também um pouco para potenciais colaboradores portugueses e alemães. Finalmente, uma ou outra editora, que mantinham neste âmbito alguma expectativa, suspenderam qualquer intenção de fazer um contrato enquanto durar a crise.

Falta financiamento. Não se encontra disponibilidade para este objectivo, entre as empresas activas no mercado alemão e no mundo lusófono, e há muitíssimas! A dificuldade mantém-se em relação a outros organismos. O Instituto Camões prestou apoio fornecendo uma selecção de dicionários. As fundações não oferecem melhores perspectivas – ou dão dinheiro para pesquisa mesmo (redigir dicionário não é considerado pesquisa) ou alegam que o resultado do projecto seria um produto comercial e portanto não pode estar sujeito a apoios financeiros. Um apoio considerável da parte da Fundação Gulbenkian falhou por razões burocráticas.

Há ainda outro aspecto a ter em conta: a má reputação da lexicografia prática no mundo científico, universitário. Ninguém quer arriscar uma eventual carreira só porque está empenhado – durante anos – na redacção de um dicionário. Entre muitos universitários o uso da palavra 'prática' soa como uma invectiva. O grande pesquisador da dicionarística alemã, Franz-Josef Hausmann, até afirma que admitir a consulta de um dicionário seria sem prestígio intelectual e, muito ao contrário, a prova de um fracasso, a prova de pouca sabedoria. Hausmann acrescenta ter colegas a questionarem a dicionarística como campo autónomo de pesquisa<sup>244</sup>.

Continuo, entretanto, a reunir material lexicográfico, material que não conste de dicionários: termos técnicos (sem me deter nos nomes idênticos internacionalmente), expressões com combinatórias fixas, regências etc.; e até agora tenho tido algum apoio da parte de antigos alunos meus. Não perco a esperança, mas mecenas precisam-se!

---

<sup>244</sup> Hausmann, Franz Josef, 1989.

#### 4. Soluções alternativas

Como abordar esta situação específica das nossas línguas no campo dos dicionários do ponto de vista de um profissional, um tradutor por exemplo? Verificámos que temos dicionários bilíngues gerais demasiado pequenos ou insuficientemente elaborados, temos alguns poucos dicionários técnicos para algumas áreas (tecnologias, ciências naturais, direito, economia e medicina) com mais ou menos deficiências. Mas também sabemos quão depressa um dicionário dos ramos tecnológicos se torna ultrapassado devido ao acelerado desenvolvimento tecnológico. Como docente de PT e formador de tradutores e intérpretes durante muitos anos leccionei estratégias alternativas ao uso de um dicionário devido à falta do mesmo. Ensinei os alunos a encontrar soluções na internet em cursos como 'pesquisa terminológica na internet' ou 'tradução assistida pela internet', portanto a busca de termos técnicos soltos no primeiro ou a procura de textos que podemos chamar paralelos no segundo, através da escolha de alguns termos concretos tirados do texto original vertendo-os para a língua-alvo tentando-se assim aproximar-se o mais possível de um texto que pudesse corresponder à temática ao nível de linguagem tecnolectal desejado. É fácil descrever esse procedimento, mas no caso concreto poderá exigir-se muita paciência e muito bons conhecimentos da língua-alvo para chegar ao pressentimento de que um dado termo técnico não encontrado poderá eventualmente ser formado na língua-alvo; no pior dos casos não se encontra solução, mas sempre é uma alternativa, sobretudo quando não há dicionário actual da área.

Através deste tipo de pesquisas na internet por vezes encontram-se glossários inteiros de um campo técnico, falta apenas encontrar o equivalente na outra língua.

Para uma comunicação numa conferência sobre questões relacionadas com a tradução, fiz uma sondagem junto de antigos alunos que trabalham como tradutores e intérpretes profissionais acerca da disponibilidade de dicionários nas respectivas línguas e acerca do uso e satisfação em relação a esses dicionários. Muito resumidamente pode dizer-se que da perspectiva do AL o Inglês e com algumas reservas também o Francês, o Espanhol e o Italiano são as línguas mais bem servidas em termos de dicionários em combinação com o AL. Em todas as outras línguas sentem-se omissões em maior ou menor grau. Mas em todas essas outras línguas há necessidade de tradução e interpretação também, e os profissionais precisam de conceber estratégias para contornar as faltas.

Uma resposta na referida sondagem é bem paradigmática: com o uso permanente dos dicionários disponíveis também se aprende a lidar com faltas, falhas e outras desvantagens; frequentemente o dicionário serve apenas para dar uma orientação, depois consultam-se outros e paralelamente pesquisa-se na internet até chegar a uma solução satisfatória. Além disso, quem, como tradutor e intérprete, estiver integrado numa rede de colegas, peritos das mais variadas áreas e contactos junto do cliente, frequentemente é capaz de resolver os seus problemas terminológicos. Esses profissionais recorrem igualmente à metodologia acima descrita. Os clientes dos tradutores com grande necessidade de tradução de volumosos guias, instruções, etc. normalmente possuem *translation tools* – ferramentas de tradução – contendo bases de dados terminológicos que são disponibilizados aos tradutores contratados cobrindo assim a falta de dicionários técnicos, pressupondo-se que os tradutores utilizarão essa ferramenta para poderem comunicar com o cliente em termos de tradução.

O recurso a estes métodos ajuda a resolver em parte os problemas dos profissionais da tradução mas não anula a necessidade de se pensar no futuro e em melhores dicionários. Pode constatar-se que a situação da parceria AL-PT é igualmente deficiente como em outras línguas, nas assim chamadas menos usadas. Em todo o caso, na perspectiva alemã, o PT com mais de duzentos milhões de lusofalantes é tudo menos uma língua menos usada, se comparada por

exemplo ao Italiano. Mesmo assim, o Italiano, desde sempre, tem muito mais reputação e procura e conseqüentemente mais produção dicionarística do que no nosso caso. Pois, toda essa situação um tanto precária para nós resume-se à simples falta de procura, argumento puramente mercantilista se nos lembrarmos dos números em relação à produção de um dicionário citados mais acima.

Há, porém, outros modelos, outras soluções: como exemplo sirva o caso dos Países Baixos e da Nederlandse Taalunie (NTU) - a União Linguística Neerlandesa - instituição com alcance além-fronteiras (Bélgica e Suriname), que é um pouco uma CPLP do Neerlandês, e a Commissie voor Lexicografische Vertaalvoorzieningen (Comissão de Recursos Lexicográficos - CLVV) com cujo apoio foi possível elaborar e publicar um dicionário de PT e Neerlandês<sup>245</sup>. Informa a este propósito a nossa colega e responsável pelo projecto, M. Celeste Augusto, da Universidade de Utrecht, num seu artigo<sup>246</sup>. Em 2007, num artigo sobre o mesmo contexto o professor da Universidade Livre de Amsterdão, Willy Martin, escreve sobre a situação da lexicografia no caso do Neerlandês:

«In 1993 the Ministers of Education in the Netherlands and Flanders decided to install a binational committee of experts in order to co-ordinate, streamline, improve and stimulate the production of bilingual dictionaries and lexical databases with Dutch as a source or target language. This committee, called Commissie voor Lexicografische Vertaalvoorzieningen (Committee for Interlingual Lexicographical Resources) or CLVV, has, under the presidency of W. Martin, set up Action Plans involving some twenty dictionary projects which have been finished or are nearly finished by now. In this article the general policy lines of the CLVV are presented next to the criteria for the selection of language pairs, the infrastructure used, the results obtained and the lessons to be drawn from this 'Dutch' approach.»<sup>247</sup>

Através desta organização tornou-se possível elaborar uma série de dicionários bilingues com o Árabe (1997), o Dinamarquês (1997), o Estoniano (1998), o Finlandês (2002), o Indonésio (Bahasa) (1997) e o Grego (1998).

A Editorial Verbo em Portugal e este organismo holandês (com outros financiadores) tornaram possível a publicação do acima referido dicionário PT e Neerlandês, o que leva a pensar que no caso da parelha PT e AL parece faltar a actuação de uma tal instância de defesa da língua e empenhada em contribuir para a difusão da mesma através de incentivos à elaboração de dicionários, como seria o nosso caso.

Obviamente, caberá a entidades do Estado tomar a iniciativa no quadro da sua política linguística porque as editoras só agem sob motivação comercial, e não há outra opção para elas. Vivemos uma situação em que, como consequência da globalização, o Inglês se torna cada vez mais língua-charneira (nada contra o Inglês, mas tudo contra o uso destravado e desnecessário do Inglês!) na comunicação global. E se as línguas consideradas menos usadas não querem perder mais terreno, uma política linguística nacional tem que reagir. Assim pode evitar-se que a comunicação bilingue se torne uma estrada de sentido único cegamente orientada para o Inglês. Esta afirmação é igualmente válida para o AL e para o PT. Mas, o que fazer se o próprio Presidente da Comissão da União Europeia, José Manuel Durão Barroso, não deixa escapar uma única ocasião para **não** falar o seu idioma (para que há intérpretes profissionais?). Refiro-me aqui a pronunciamentos públicos, não a situações de serviço dentro da UE (cf. a página oficial listando os Principais Discursos desde Janeiro de 2005<sup>248</sup>). E assim, embora haja um Presidente da Comissão de origem portuguesa, não é aproveitada a oportunidade de dar à língua portuguesa uma cara na Europa. A propósito, alguém pode

<sup>245</sup> Dicionário Verbo, 2004.

<sup>246</sup> Augusto, M. Celeste, 2003.

<sup>247</sup> Martin, Willy, 2007.

<sup>248</sup> [http://ec.europa.eu/commission\\_barroso/president/press/speeches/index\\_pt.htm](http://ec.europa.eu/commission_barroso/president/press/speeches/index_pt.htm) (24/09/2009)

imaginar, ao menos teoricamente, um Presidente da Comissão de origem francesa a falar outro idioma que não seja o Francês? E assim, não deve admirar vivermos um decréscimo na presença do PT nas nossas universidades, importantes multiplicadores do PT como língua estrangeira, o que consequentemente levará a uma redução de eventuais utentes de dicionários.

## 5. Conclusão

Podemos concluir que houve efectivamente uma evolução na lexicografia bilingue AL e PT ao longo dos últimos vinte anos. Há hoje uma gama mais ampla de áreas tecnolectais cobertas pelos mais recentes dicionários. O proveito concreto que um utente poderá tirar sempre dependerá da especificidade da sua procura.

Apesar das reservas acima apontadas, podemos constatar que os dois títulos mais novos do dicionário geral da Porto Editora constituem um grande passo em frente e oferecem uma boa ferramenta aos utentes. Mas ainda não são o grande dicionário que os lusitanistas germanófonos e germanistas lusófonos há tanto tempo esperam. Tentámos esclarecer alguns aspectos desta situação, questionando as razões da inexistência de melhores e maiores dicionários das nossas línguas. Sugerimos uma saída lembrando o exemplo do Neerlandês.

Os estudos sobre cada título mostram prós e contras, ou alertas para se ter cuidado ao consultar um ou outro desses dicionários. Observamos com alguma perplexidade que, ainda hoje, em vários dicionários se inclua a terminologia nazista apresentada de forma ingénua, como se se tratasse de lemas normais, não marcados, neutros e, portanto, não sendo restrito o seu uso. Parece-nos inaceitável não só do ponto de vista lexicográfico.

## Do vocabulário ao dicionário: a lexicografia bilingue português-neerlandês-português

*Maria Celeste Augusto (Universidade de Utrech)*

“Any non-random lexical list can be considered as a dictionary”  
(Boisson 1991: 261)

### 0. Preâmbulo

A produção lexicográfica bilingue que concerne o binómio português – neerlandês é exígua e apresenta grandes hiatos. Somente na primeira década do século XXI é que estes serão colmatados com a edição de dicionários de grande porte. Além disso, à semelhança do que também acontece com a lexicografia bilingue relativa ao inglês (Adamska, 2009), exceptuando dois ou três casos como co-edição ou reimpressão, a maior parte das publicações aconteceu fora de Portugal. No entanto, há aspectos curiosos deste reduzido labor lexicográfico que vale a pena ressaltar e os últimos produtos podem ombrear com os seus congéneres respeitantes ao inglês ou ao francês. O objectivo deste trabalho será pois dar a conhecer uns e outros. O material lexicográfico bilingue em análise revela-se significativo em quantidade e em qualidade apenas nos últimos anos, uma vez que, entre 1999 e 2009, se publicaram nada menos do que três<sup>249</sup> grandes dicionários bilingues, apresentando todos eles dois volumes (português-neerlandês e neerlandês – português).

Não se propondo oferecer sugestões, novas orientações teóricas ou diferentes recursos informáticos visando promover a elaboração de distintos dicionários bilingues ou de outro género, o presente texto tem um carácter puramente descritivo. Todavia, não se deixará de opinar sobre o valor da publicação em si, sempre que a ocasião se proporcione e se julgue pertinente para a economia do artigo. Este aspecto contemplativo do trabalho será metodologicamente levado a cabo numa perspectiva parcialmente cronológica, procurando-se separar os dicionários bilingues dos plurilingues e os de língua dos temáticos. Neste sentido, a vertente dicionário-utilizador não vai ser considerada com o objectivo de incentivar a génese de novos produtos lexicográficos bilingues de tipo pedagógico ou outro, mas apenas numa perspectiva de constatação. Tendo em conta a exiguidade, já acima referida, de dicionários bilingues português-neerlandês-português, mencionar-se-ão todos os títulos até à data conhecidos e não haverá, portanto, necessidade de se estabelecer um critério de selecção.

---

<sup>249</sup> Mais adiante, no ponto 2, justificar-se-á porque se considera três e não quatro grandes dicionários.

Após a introdução, este trabalho apresenta duas partes, onde primeiramente se procurará focar a questão da diversa nomenclatura do neerlandês e, numa óptica diacrónica e até 1986, toda a produção lexicográfica em que o português e o neerlandês apareçam contrapostos. Dar-se-á às publicações bilingues uma maior atenção do que às plurilingues, assim como aos dicionários de língua relativamente aos temáticos. Na segunda parte será considerada a lexicografia bilingue luso-neerlandesa publicada a partir de 1999, ou seja, os três grandes dicionários publicados pela Porto Editora, pela Spectrum / Verbo e pela Van Dale. No final, alguns anexos procurarão ilustrar determinados dicionários analisados.

## 1. Lexicografia luso-neerlandesa: visão diacrónica geral

### 1.1. Introdução: a questão da diversa nomenclatura do neerlandês

Antes de se entrar propriamente no assunto deste ponto, parece-nos ser conveniente examinar a questão da variada nomenclatura da língua que dá principalmente pelos nomes: *holandês*, *neerlandês*<sup>250</sup> e *flamengo* e que também já foi denominada *língua belgica* e *baixo alemão*<sup>251</sup> e até *duutsch*<sup>252</sup>. Esta questão é pertinente porque pode divergir de uma publicação para outra e até de uma edição para a seguinte. A oscilação verificada no nome dado à língua falada<sup>253</sup> pelos habitantes do território pertencente aos espaços políticos, hoje denominados Holanda e Flandres (parte norte ocidental da Bélgica), tem-se manifestado frequentemente ao longo dos anos. Assim, verificou-se em 1714-1718 nas edições da obra de Alewijn, que aparecem com várias folhas de rosto e com vários títulos; uma edição, dita de 1714, na primeira folha de rosto, regista *Tesouro dos Vocábulos das duas Línguas, Português e Bélgica* e na segunda dá como título *Woordenschat der twee Taalen, Portugeesch en Nederduitsch* [Vocabulário das duas Línguas Portuguesa e Baixo-alemã]. Alguns exemplares apresentam ainda uma outra folha de rosto com um título em português *Vocabulário das duas línguas portuguesa e flamenga ... em que se explicam as palavras, termos e phrases mais necessárias*<sup>254</sup>, indicando como ano de publicação 1718<sup>255</sup>. Na denominação *língua belgica*, o adjetivo *belgica* vem do lat. *BELGICUS* e fundamenta-se no facto de se supor que o espaço geográfico, hoje ocupado pelo sul dos Países Baixos e pela Bélgica, ter sido habitado pelos *belgen*, um grupo étnico de origem germânica, que, inclusivamente,

<sup>250</sup> Doravante empregar-se-á a palavra *neerlandês* para designar a língua em análise e *holandês* para denominar a população do espaço geográfico-político que dá pelo nome de Holanda.

<sup>251</sup> Sobre este assunto ver, entre outros, Huylebrouck (1985) que, de modo sucinto mas bastante completo, clarifica esta questão.

<sup>252</sup> Esta forma do médio neerlandês tinha duas acepções “germânico” e “neerlandês” e apresenta a forma paralela *diets* em “flamengo”, este no sentido de falar da zona da Flandres. Da forma antiga *duuts(ch)* derivou a palavra inglesa *Dutch* (nome dado à língua e ao povo), cf., principalmente, Veen (1997) e Franck (1976). Todas estas formas são os continuadores de *TEUTĀ* (povo, país), que, por sua vez, é um derivado da raiz indo-europeia *tēu-*, *tū-*, etc., (Pokorni, 1959).

<sup>253</sup> A diversidade e abrangência da denominação também se verifica relativamente aos habitantes da região. Assim, por exemplo, o estudo de Mello (1987) intitulado *Tempo dos Flamengos* tem como subtítulo *Influência da ocupação holandesa na vida e cultura do norte do Brasil*. Na nota à segunda edição, o autor justifica o emprego de flamengos alegando que a Holanda foi a sucessora económica da Flandres e, por isso, herdou o nome também, além disso, sabe-se que os colonizadores em questão eram oriundos do norte das Províncias Unidas e não da Flandres; na mesma nota, Mello refere-se a um João *Flamengo de Olanda* (sublinhado nosso). Também quando se fala da *pintura flamenga* não se excluem artistas de fora da Flandres.

<sup>254</sup> Kloosterboer (1957).

<sup>255</sup> Worp (1884) assevera que a data 1714 está incorrecta uma vez que, nesse ano, Alewijn ainda se encontrava em Amsterdão; como se verá Alewijn só empreende a tarefa de fazer o dicionário quando está em Batavia.

transitou até o sul da Grã Bretanha. Quanto ao emprego de *Nederduitsch*, ou seja Baixo – alemão, é uma denominação hoje desusada, que foi empregue por oposição ao Alto-alemão; presentemente Baixo-alemão denomina os dialectos do norte da Alemanha (Claes, 1980). Um caso semelhante voltou muito recentemente a acontecer com as duas edições da bibliografia dos dicionários de língua neerlandesa de F. Claes. Na edição de 1980, a obra intitula-se *A Bibliography of Netherlandic*<sup>256</sup> *Dictionaries - Dutch-Flemish*, todavia, a edição revista e alargada de 1995 dá pelo nome de *A Bibliography of Dutch Dictionaries*. O consenso, apoiado nas directrizes emanadas do organismo supra nacional, criado em 1980, Taalunie [União Linguística] é dar à língua derivada do ramo do Germânico Ocidental e que é a língua oficial da Holanda ou Países Baixos (do norte) e da Flandres (antigos Países Baixos do sul e hoje parte da Bélgica) o nome de *neerlandês*, embora popularmente e em meios menos oficiais se continue a denominá-la erroneamente holandês e / ou flamengo. Estas oscilações acerca da nomenclatura da língua e também do habitante, sobretudo em relação ao emprego de *holandês* e *flamengo*, tiveram uma origem socioeconómica, política e cultural, que se sintetiza a seguir. A supremacia do Condado da Flandres, centrada em Bruges no século XIII, vai alastrar para outras regiões passando a palavra *Flamengo* a designar a língua, mas igualmente viajantes, missionários e comerciantes de outras regiões, como os Países Baixos e até zonas da Alemanha; a situação altera-se a partir do século XV, quando o Brabante passa a ser o centro mais importante e cidades como Antuérpia se transformam no pivot da hegemonia comercial e financeira; em 1585 dá-se a tomada de Antuérpia que arrasta consigo a fragmentação dos antigos Países Baixos: o sul católico fica dominado pelos espanhóis e o norte, maioritariamente protestante e tornando-se independente, vai dar origem aos Países Baixos de hoje. Estes vão receber também a designação de Holanda, uma vez que é a província de Holland, abrangendo cidades como Amesterdão, Roterdão e Haia, que vai ser o centro dominante. A importância da região transmite-se aos seus dialectos. Estes vão constituir a base da língua moderna e oficial de todas as regiões<sup>257</sup>, o *neerlandês* que recebe, paralelamente mas impropriamente, o nome de *holandês*, tradução de *hollands*, o dialecto principal de Holland (Huylebrouck, 1985: 349-352).

## 1.2. Os vocabulários

A dicionarística luso-neerlandesa, à semelhança dos seus pares, apresenta-se como um continuador da prática lexicográfica com base no latim. Os glossários e as listas de vocabulário bilingue (latim / língua vulgar) terão estado na origem dos futuros dicionários bilingues, primeiro tendo o latim como língua de partida ou de chegada e mais tarde sem recorrer a ele. Da associação de dois ou mais bilingues ter-se-ão elaborado os plurilingues como o de Calepino e o de Berlaimont<sup>258</sup>. Na Renascença, os movimentos de expansão levam a outros continentes, ao contacto com outras línguas e, conseqüentemente, surge a necessidade de comunicar com os seus falantes. Assim, motivos de vária ordem (políticos, económicos, culturais e religiosos entre outros) vão conduzir a um crescente interesse pelas línguas vulgares o que, por sua vez, vai nortear a elaboração de produtos lexicográficos, dedicados muito deles à aprendizagem das línguas modernas e já sem recorrer ao latim.

<sup>256</sup> O autor justifica o emprego de *Netherlandic* do seguinte modo: “I decided to use the term *Netherlandic*, propagated especially by C. B. van Haeringen, who avoids using the term *Dutch* because of its imprecision”, (Claes, 1980: XI).

<sup>257</sup> Exceptua-se a província de Friesland, cuja língua é o frísio. Esta língua germânico-ocidental está mais próxima do inglês do que o neerlandês, sendo tida pelos habitantes da região como língua materna.

<sup>258</sup> Finoli (1989: 336) considera dois tipos de dicionários plurilingues: “les pratiques et les doctes”, pertencendo o de Berlaimont aos primeiros e o de Calepino aos segundos (apud Lillo, 2002: 47).

Passando ao caso específico das relações português – neerlandês, os primeiros contactos entre os seus falantes datam já das Cruzadas<sup>259</sup> e do comércio de sal, cuja exploração (Rau, 1951, 1963, 1984) se inicia em época romana e terá o seu período áureo nos séculos XV e XVI<sup>260</sup>. Se o contacto por ocasião das Cruzadas foi esporádico o mesmo não se pode dizer dos intensos contactos comerciais<sup>261</sup> em Lisboa, nem dos contactos no Oriente, onde, nos séculos XVI, XVII e XVIII, o português funcionou como língua franca<sup>262</sup> para o contacto entre europeus e nativos e até para o contacto dos europeus entre si.

Durante a Inquisição assiste-se à partida de inúmeras famílias judaicas que se fixam, principalmente, em Amesterdão, mas o carácter fechado da comunidade não pode permitir grandes contactos linguísticos. Todavia, mais tarde, a pregação na sinagoga passará a ser feita em neerlandês, o uso do português mesmo no seio das famílias é ultrapassado pelo de neerlandês e, não obstante os esforços de Moisés Cohen Belinfante em 1816 para produzir alguns materiais<sup>263</sup> para o ensino e manutenção da língua portuguesa, esta vai sobreviver somente em fórmulas fixas de orações e em palavras soltas. A permanência dos holandeses no Brasil durante a primeira metade do século XVII também não deixou herança lexicográfica.

Deste modo, muito embora o contacto entre falantes de português e de neerlandês fosse variado e intenso, a matéria lexicográfica gerada em que o português e o neerlandês emparceiram é diminuta.

A primeira vez que o português e o neerlandês aparecem juntos num dicionário é em 1598, no *Colloquia, et dictionariolum octo linguarum: Latinae, Gallicae, Belgicae, Teutonicae, Hispanicae, Italicae, Anglicae, Portugellicae*<sup>264</sup> de Noël de Berlaimont. Editado em Delft, também conhecido apenas pelo nome do autor, os *Colloquia*, compreendendo variavelmente entre 2 a 8 línguas<sup>265</sup>, serão objecto, até 1750-59, de cerca de 150 edições, levadas a cabo em Amesterdão, Delft, Veneza, Londres e Bolonha, entre outros, (Timeli, 1992). Este dicionário plurilingue parte do *Vocabulaire* do mesmo Berlaimont, um mestre escola; editado pela primeira vez em 1530, em Antuérpia, como vocabulário bilingue Flamengo-Francês, destinava-se a ser usado por comerciantes e crianças das escolas. Tratava-se de um pequeno manual incluindo diálogos sobre assuntos do quotidiano, exemplos de cartas, particularmente sobre temas comerciais e de finanças, listas de vocabulário e alguma informação gramatical. Portanto, o intuito primeiro do autor foi elaborar, não um dicionário, mas um manual para o ensino de uma língua estrangeira

<sup>259</sup> D. Afonso Henriques foi auxiliado na conquista de Lisboa por flamengos a caminho da Terra Santa.

<sup>260</sup> A região de Setúbal será a mais conhecida devido à produção e exploração de sal, que os holandeses (na altura chamados flamengos) importavam em grandes quantidades para procederem à salga do arenque. A fama de Setúbal será tão grande que, a certa altura, é considerado a capital em vez de Lisboa.

<sup>261</sup> Havia mesmo casas comerciais holandesas estabelecidas na capital. A correspondência comercial dos holandeses estabelecidos em Lisboa, entre 1572-1594, foi estudada por Nanninga Uitterdijk (1904). É também desta altura que palavras como *bodemeria* e *escaparate* foram importadas pelo português. Cf. Vidos (1953-1955) e Augusto, “Périplos lexicais e extensões semânticas decorrentes de situações de contacto entre línguas”, (em prepração).

<sup>262</sup> Sobre a importância do Português no Oriente nos séculos XVI, XVII e XVIII veja-se, sobretudo, Lopes (1969) e Yule (1903). Em relação aos esforços envidados pelos holandeses para impôr o neerlandês face à supremacia usufruída pelo português remete-se, entre outros, para Lopes (1969) e Ginneken (1928).

<sup>263</sup> Belinfante publicou *Elementos de soletrar da língua portuguesa ... e Lições de leitura Portuguesa...* duas obras de reduzido valor didáctico; para maior detalhe ver Teensma (1984-1987) e Haage (1993).

<sup>264</sup> A recente edição crítica dos *Colloquia* com 8 línguas, segundo a edição de 1656, por R. Rizza et alii (1996) veio possibilitar a todos a sua consulta.

<sup>265</sup> Claes (1995: 161), sob o número 2156, para além da edição de 1598, regista até 1677, mais 18 edições incluindo o português, enquanto Verdeyen (1926) diz ter havido para além da 1ª edição mais 13 edições até 1692. Timeli (1992) justifica a introdução do português nos *Colloquia*, com a presença, em Antuérpia, da colónia de judeus portugueses, emigrados devido à Inquisição.

e dar material que permitisse ao aprendente exprimir-se e comunicar autonomamente<sup>266</sup>. Estes primeiros dicionários plurilingues, ao reproduzirem com maior fidelidade do que os monolinguês o uso quotidiano e contemporâneo da língua (Quemada, 1960), revelam-se, assim, uma fonte preciosa para a análise do estágio das línguas na época da sua edição.

Excluindo as edições dos *Colloquia* com 8 línguas, só passados 116 anos, isto é em 1714<sup>267</sup>, é que o português e o neerlandês surgem novamente emparceirados lexicograficamente e, pela primeira vez, num dicionário bilingue. Da autoria conjunta de Abraham Alewijn e Joannes Collé, é publicado em Amesterdão, por Pieter van der Berge, *Tesouro dos Vocábulos das Línguas Portuguêsa e Bélgica / Woordenschat der twee Taalen, Portugeesch, en Nederduitsch* (Claes, 1995: 138, n<sup>o</sup> 1863). O primeiro dos autores, funcionário da Companhia das Índias Orientais, residindo na altura em Batávia, ao pretender estudar o português deu-se conta do seu 'mau estado'. Como na dedicatória do livro afirma, em Batávia, havia apenas duas línguas principais o malaio e o português<sup>268</sup>, sendo a primeira usada no contacto com os naturais, mouros e chineses e a segunda para comunicar não só com os nativos mas igualmente com os residentes, ou seja, europeus ou outros não falantes de malaio. Por este motivo vê-se 'obrigado', como ele diz, a aprender o português, a fim de poder comunicar não só com os nativos mas também com os residentes não falantes de malaio; como já possui conhecimentos de latim, de italiano e de francês, acredita que tem a tarefa aligeirada. Sendo o português de Batávia, no dizer de Alewijn, só usado correctamente pelos predicantes, decide fazer um dicionário na esperança de poder igualmente contribuir para um aperfeiçoamento do português falado em Batávia. O empreendimento é-lhe facilitado quando Joan Collé, um comerciante natural de Batávia e bom conhecedor do português, lhe passa um dicionário Latim-Português-Castelhano de Bento Pereira, publicado em Lisboa em 1674, que ele próprio já começara a traduzir para o neerlandês. Alewijn, sendo porém coadjuvado por Collé, encarrega-se de prosseguir a tradução iniciada, servindo-se também de um dicionário Português-Inglês de 1701, de um autor inglês que, segundo ele, seguiu Bento Pereira 'palavra a palavra'<sup>269</sup>.

A obra, que comporta uma dedicatória e um dicionário com XIV e 933 páginas, tem uma macroestrutura de cerca de 26.224 entradas; estas podem ser palavras simples ou segmentos de mais de um elemento que encabeçam verbetes muito simples. A palavra ou palavras dos segmentos cabeça do verbete são acentuadas com um acento agudo para indicar a sílaba de maior intensidade e, deste modo, orientar a sua leitura, como por exemplo '*Cabeçúdo*, of [ou], de gránde Cabéça'<sup>270</sup>. Muita da informação, que, presentemente, se registaria no interior da micro-estrutura, é dada numa entrada própria. Assim, os segmentos '*Cabelínho*', '*Cabelínhos das oréllbas*', '*Cabelínhos das véntas*', '*Cabéllo*', '*Cabéllo comprido*', '*Cabéllo encrespádo*', '*Cabéllo postíço*', '*Cabellúdo*' têm cada um a sua entrada própria. A fraseologia abunda e encontram-se

<sup>266</sup> Para uma descrição mais detalhada do conteúdo da obra de Berlaimont, ver Timeli (1992) e Verdeyen (1925 - 1935). Este último, num estudo em 3 volumes, trata, nos dois primeiros, da edição dos *Colloquia* com 7 línguas. No terceiro volume, publicado dez anos mais tarde, Verdeyen apresenta um complemento da informação geral dada no volume 1 com dados vindos, posteriormente, ao conhecimento do autor e acrescenta um glossário Neerlandês-Francês contrastivo das edições de 1536 e 1616.

<sup>267</sup> Cf. nota 7.

<sup>268</sup> Em certas zonas, o que predominava era não o português mas o *malaio-português*, a língua que se originara da fusão de um 'linguajar' (Teensma, 1984-1987), isto é, do português simplificado e usado nas costas da África Ocidental, com elementos das línguas asiáticas.

<sup>269</sup> Cf. Alewijn (1714/1718), *Opdracht aan d'Edele Groot Achtbare Heeren* [Dedicatória aos nobres Senhores]. Segundo Teensma (1984-1987: 204), as obras referidas por Alewijn são *Prosodia in vocabularium trilingue Latinum, Lusitanum & Castellanicum digesta* de Bento Pereira e *A compleat account of the Portuguese Language, being a copious dictionary of English with Portuguese, and Portuguese with English ...* by A. J., publicado em Londres por R. Janeway.

<sup>270</sup> Neste aspecto Alewijn diz ter seguido o exemplo do autor inglês do dicionário Português-Inglês, que lhe serviu também de modelo.

enunciados como ‘*Ad*<sup>271</sup> *fálsa fê*’, ‘*Cabér por sórté*’, ‘*Madrínha da píá*’, ‘*Máy de famíllas*’ ou ‘*Refundír o férro vélho*’. Alweijn, quando não encontra um equivalente em neerlandês, para uma determinada palavra ou conceito, procura dar destes uma definição ou faz uma paráfrase como se vê a seguir: ‘*Azínhéira. een zoort van een eike, of eeke-boom* [uma espécie de carvalho ou carvalho]’, ‘*Máça péra maçar linho*’ *een hamer, waar mede men de hennip, of het vlas klopt* [um martelo com que se bate o cânhamo ou o linho]’. Os sinónimos não são registados no interior do artigo mas logo a seguir à palavra que identifica a entrada como nos exemplos: ‘*Cabedéllo, of [ou], mónte de aréa*’, ‘*Manchádo, a, of [ou], Sijó*’. Registam-se também algumas remissões do tipo: ‘*Macilento, ziet [ver], Mágró*’, ‘*Varár, ziet [ver], dár Cóstá*’. Por vezes, acontece a palavra receber um equivalente em neerlandês e uma definição como em ‘*Maremóto, een zee-beving [...] gelijk een aardbeving op’t land* [igual a um tremor de terra (em terra)]. Para além da suposta edição de 1714 e da de 1718, ambas em Amesterdão, não se conhecem outras edições. Marcus de Jong, em 1937, na *Bibliografia Filológica Portuguesa II*: 406, escreveu uma crítica pouco abonatória da obra (apud Teensma, 1984-1987).

Se bem que não se possa considerar como um verdadeiro produto lexicográfico, há que mencionar, devido à ‘nomenclatura copiosa’ bilingue que inclui, a publicação em 1742, em Lisboa, de uma gramática pelo padre Carlos Folqman. Trata-se de uma gramática do neerlandês (pp. 1-86), seguida de uma nomenclatura neerlandesa e portuguesa por campos semânticos (pp. 87-101), uma lista dos verbos mais frequentes (pp. 101-106), de uma série de diálogos em neerlandês e em português, como por exemplo “Entre hum portuguez e hum francez” ou “Hum caminante perguntando o caminho” (pp. 106-122) e que finaliza com uma “Collecção de varios proverbios hollandezes e portuguezes”, (pp. 122-127). Desta gramática fizeram-se, em 1742 e na mesma “Offic. dos Herd. de Antonio Pedrozo Galram”, duas gramáticas: uma com o título em português e em neerlandês e outra com o título só em português<sup>272</sup>. Curiosamente, verifica-se que, apenas na edição com o título em neerlandês, diz tratar-se de uma ‘gramática portuguesa e holandesa’, e, além disso, é também apenas nessa edição que se diz incluir uma exposição sobre a pronúncia Portuguesa. Um aspecto, que, na realidade, parece muitíssimo pouco para se poder aprender uma língua. Além do mais, a anunciada ‘Gramática portuguesa’ apenas consta do título. Em 1765, em Amesterdão, a obra é reeditada pelo autor, com o título em português e em neerlandês e anunciando, a seguir ao título, ser composta por um certo mestre F. D. B.. No prefácio desta edição, o autor esclarece que a gramática está feita para os portugueses que querem aprender o neerlandês, assim como para os holandeses que desejem aprender o português. Em 1804, em Lisboa e na Imprensa Régia, faz-se uma reedição desta gramática, de novo com o título nas duas línguas e registando, explicitamente, como autor Padre Carlos Folqman. A obra terá sido de grande utilidade para os sefarditas que, no dizer de Teensma (1984-1987: 205-207), na altura comunicavam sobretudo em neerlandês por que a ‘qualidade do seu português vai de mal a pior’.

<sup>271</sup> O emprego da vogal geminada indica que se está perante uma contracção da preposição *a* com o artigo definido *a*, como no segmento ‘*A as apalpadéllas*’. Por vezes a contracção é grafada do seguinte modo ‘*Aas cégas*’.

<sup>272</sup> Título em Neerlandês e Português: *Portugeese en nederduitse spraakkonst, met eene wydloopige naam-noeming, verscheide t'zamenspraaken, en eene verzameling van de uitgelezenste spreekwoorden van beide taalen. Grammatica hollandezá; ou, Arte compendiosa para hum portuguez aprender a lingua hollandezá; com huma nomenclatura copiosa, varios dialogos e huma collecção dos mais selectos proverbios de ambas as linguas.* Título apenas em português: *Grammatica hollandezá, ou arte compendiosa para hum Portuguez aprender a lingua hollandezá: com huma nomenclatura copiosa, varios dialogos e huma collecção dos mais selectos proverbios de ambas as linguas.*

Ainda no século XVIII, mais precisamente em 1780, foi publicado em Batávia por Lodewijk Dominicus, um dicionário trilingue Neerlandês-Malaio-Português, a três colunas, que se atribui ao predicante batavo Adriaan Zomerdijk (Groeneboer, 2006). A obra chamava-se *Nieuwe Woordenschat nyt het Nederduitsch in het gemeene Maleidsch en Portugeesch, zeer gemakkelijck voor die eerst op Batavia komen*, ou seja, *Novo vocabulário do Baixo – alemão para o Malaio comum e para o Português, muito fácil para os que chegam pela primeira vez a Batávia*. Nesta cidade, por volta do ano 1779, havia 573 alunos nas escolas da Companhia das Índias Orientais (VOC = Verenigde Oost-Indische Compagnie) e 20 mestres residentes, dos quais 14 davam as aulas em português e 6 em malaio; em 1800, nas 7 escolas particulares existentes, havia somente um mestre-escola holandês (Groeneboer, 2006)<sup>273</sup>. Foi, portanto, para obviar a esta situação que o governador da altura, De Klerk, resolveu tomar medidas para promover o ensino do neerlandês introduzindo-o e alargando o seu uso nas comunidades de residentes. Consciente da situação precária do neerlandês e face à posição privilegiada do português e do malaio, De Klerk sabia que teria de passar pelos dois últimos. Como medidas práticas decidiu que, a expensas da Companhia, se reeditasse o *Vocabulário* de Allewijn, um dicionário malaio-neerlandês-malaio e um ‘manual de gramática’ de Baixo-alemão, que se presume que seja a obra acima referida *Nieuwe Woordenschat...* e mais tarde, em 1801, reeditada em Batávia (Groeneboer, 2006). Em 1802, em Amesterdão, fez-se nova reedição mas agora sem o português, que, a pouco e pouco, ia perdendo a sua importância. O *Nieuwe Woordenschat* inclui listas de vocabulário ordenado por campos semânticos, como ‘Dias da semana’, ‘Pedras preciosas’, ‘Instrumentos de escrever’, ‘Animais, plantas e minerais’, etc. A particularidade principal no que concerne o português é este estar grafado de modo a poder ser lido por um holandês, ou seja, segundo a ortografia holandesa. Assim, por exemplo, *alto* e *rico* são grafados ‘altoe’ e ‘rikoe’ respectivamente.

### 1.3. Do vocabulário ao dicionário turístico

Após um hiato de 146 anos<sup>274</sup>, inicia-se em 1948 e vai até 1986 um período de produção lexicográfica, caracterizado pela publicação de verdadeiros dicionários de bolso para fins sobretudo turísticos. Em 1948, publica-se em Haia e em Batavia, da autoria de G. Emonds *Portugese Tolk*. Trata-se de uma publicação de 24 páginas em formato 12º, a três colunas (neerlandês, português, transcrição fonética), que inclui listas de vocabulário, sensivelmente ordenado por temas, alguma fraseologia, assim como uma ou outra estrutura subsidiária de determinados actos de fala. Do teor da obra depreende-se que, para o autor, *aprender uma língua* equivaleria a *conhecer o seu léxico*. A transcrição fonética apresentada é impressionista.

Dois anos mais tarde, em 1950, regista-se a publicação de dois pequenos dicionários de bolso. O *Nederlands-Portugees Portugees-Nederands zakwoordenboek*, com 535 páginas, é da autoria de Van der Kemp, autor de um manual para o estudo do português e de um livro sobre correspondência comercial em português. Primeiramente, este dicionário destinava-se a ser usado com o referido material de estudo, mas, posteriormente, o autor decidiu alargar o seu objectivo, passando a ser usado também para traduções e leitura em geral. As primeiras 193 páginas compreendem a parte *Neerlandês-Português*, com cerca de 11.560 entradas. A parte *Português-Neerlandês* compreende 196 páginas e tem cerca de 11760 entradas. Os artigos são

<sup>273</sup> Sobre a situação linguística nos séculos XVII e XVIII na Indonésia e as disposições aplicadas para incrementar o uso do neerlandês ver, entre outros, Groeneboer (2006) e Wely (2006).

<sup>274</sup> No século XIX e primeira metade do século XX, publicaram-se cerca de 14 manuais para o ensino do português e do português do Brasil mas sem valor lexicográfico; para maior detalhe cf. Kloosterboer (1957).

muito simples, os exemplos são quase inexistentes assim como a fraseologia. Nota-se que, ao nível dos equivalentes atribuídos e das combinatórias possíveis, os artigos de neerlandês sofreram maior desenvolvimento do que os de português. O dicionário não foi reeditado.

O segundo dicionário, publicado em 1950, insere-se na série Van Goor's de dicionários de bolso bilingues Neerlandês / língua moderna, em formato duodécimo, sendo publicado em Haia e em Djakarta. O autor principal, J. Van Rooyen, tinha sido vigário no Brasil, em Itajubá, e, no pequeno prefácio, diz que o dicionário se destina aos que aprendem o português na Holanda, aos que aprendem neerlandês em Portugal e nas colónias portuguesas mas, sobretudo, aos que vão para o Brasil<sup>275</sup>. É também bidireccional tendo sido várias vezes reeditado; a partir da quinta edição é revisto por M. M. de Bruijn, sendo a última edição, a sétima, de 1980. Nesta edição, registam-se cerca de 11.100 entradas para o português e 13.200 para o neerlandês. Uma particularidade, que decorre do objectivo da obra, é que se procura, com uma certa consequência, registar as duas ortografias a portuguesa e a brasileira, alertando-se o leitor através de uma remissão. Assim, no artigo 'ação' encontra-se: *ação* B zie [ver] *ação*, sendo sob o artigo *ação* que se registam os equivalentes; segue-se um procedimento idêntico com as restantes palavras de dupla ortografia. Relativamente à edição de 1980, verifica-se, para além de um aumento da macroestrutura, um maior cuidado na redacção da microestrutura. Porém, à semelhança do dicionário anterior, também neste os artigos de neerlandês se encontram mais desenvolvidos. Na microestrutura destes últimos regista-se alguma fraseologia, maior precisão no equivalente apresentado, algumas combinatórias, a valência de alguns verbos, expressões de âmbito comercial e alguns exemplos. Os artigos de português estão, invariavelmente, reduzidos a uma lista de equivalentes em neerlandês. Nas páginas 456-491, encontram-se os verbos irregulares das duas línguas e suas conjugações e um índice com a respectiva tradução e a página onde o verbo aparece conjugado.

#### 1.4. *A produção lexicográfica multilingue*

Relativamente aos dicionários multilingues de tipo terminológico em que o português e o neerlandês também estão registados a par de outras línguas, indicam-se apenas alguns números até 1990, que se apuraram da consulta de Claes (1995). Esta obra apresenta 4.500 entradas referentes a dicionários, ou semelhantes, relacionados com o neerlandês, que se publicaram no período 1477-1990, sendo 1477 a data da publicação do primeiro dicionário neerlandês impresso. Data de 1581<sup>276</sup> a primeira obra de cariz lexicográfico em que o português e o neerlandês aparecem juntos. Desta data até 1990, o português e o neerlandês apareceram em 122 publicações com quatro ou mais línguas, não se contando as reedições. Até ao século XX registou-se a publicação de apenas 21 dicionários multilingues (entre 8 e 52 línguas) em que as duas línguas estão simultaneamente incluídas. Daqui se conclui que a maior quantidade de publicações multilingues que concernem o português e o neerlandês pertence ao século XX, cobrindo principalmente áreas como pesca, náutica, agricultura informática, etc.

<sup>275</sup> Como se sabe, após a Segunda Guerra Mundial houve forte emigração da Holanda para o Canadá, Austrália, Nova Zelândia e Brasil.

<sup>276</sup> Em 1581, foi publicado em Antuérpia, por C. Plantijn, o *Plantarum seu Stirpium Icones* da autoria de Mathias Lobelius, em que emparceiram 8 línguas a saber: inglês, francês, alemão, italiano, latim, português, espanhol, neerlandês.

## 2. Lexicografia bilingue luso-neerlandesa contemporânea

### 2.1. O dicionário *Thieme / Standaard*

Escolheu-se o ano 1986, como marco inicial para abordar a lexicografia bilingue luso-neerlandesa contemporânea, porque é nesta data que, finalmente, surge um dicionário que, embora de bolso, apresenta uma qualidade que, de longe, ultrapassa os anteriores. Trata-se do *Thieme's zakwoordenboek Portugees-Nederlands*, de Miraldina Baltazar, Willem Bossier e Gabriël van Damme, publicado pela parceria Standaard / Thieme. Este dicionário é reeditado em 1993, 2000, 2002 e 2006, perfazendo, com esta última edição, a 7ª edição. O volume *Neerlandês-Português* é editado pela 1ª vez em 1989 e seguem-se reedições em 1998, 1999, 2002 e 2006, sendo a última, a 9ª.

A partir do momento em que o dicionário deixa de ser editado pela Thieme's (*Português-Neerlandês* em 2000 e *Neerlandês-Português* em 1998) e passa a sê-lo pela Standard e seguidamente pela Spectrum, verificam-se, em ambos os volumes, alterações que vão do aspecto e disposição gráficos até à organização da macro- e microestruturas. À última, principalmente, foi dada uma especial atenção. Deste modo e apenas como exemplo, no volume *Neerlandês-Português* de 1989, no artigo *correct* foram incluídos: *correctie, correctioneel, corrector*. Na edição de 1998, os três últimos segmentos foram objecto de um artigo cada, de acordo com as normas lexicográficas vigentes do neerlandês. Da edição de 2002 em diante, o dicionário foi inserido na série *Prisma Woordenboek*, que, para além de dicionários de bolso, produz dicionários de maior porte, como a seguir se pode verificar. Todas as edições incluem no início dos volumes um apêndice com informação sobre abreviaturas, alfabeto, fonologia, acento, ortografia e pronúncia, estas com referência também à variante brasileira, e alguns pontos da gramática; no volume *Neerlandês-Português* a informação é em português sobre o neerlandês, acontecendo o inverso no volume *Português-Neerlandês*.

Em relação às publicações iniciadas nos anos 50, que não passavam de meros dicionários de viagem, e concordando-se com Huylebrouck (1987), a melhoria trazida pela edição destes dicionários é notável. Possuem uma macroestrutura maior, dão alguns exemplos, registam palavras compostas e derivadas, nuances de significação e a classificação gramatical e o género da entrada, como dos equivalentes que lhe são atribuídos. Todavia, apresentam algumas pequenas incoerências: umas, características de uma obra que se pode considerar pioneira e outras, devido ao facto de determinados princípios da lexicografia bilingue não terem sido consequentemente seguidos, como por exemplo relativamente ao estabelecimento de prioridades na escolha dos itens que compõem a macroestrutura da edição de 1986. Neste ponto, temos de, novamente, concordar com Huylebrouck (1987). Os autores têm procurado rever, aperfeiçoar e aumentar as várias edições que se têm feito, no entanto, há pequenas imperfeições que perduram e que se devem ao facto de algumas edições mais parecerem reedições. Assim, em relação às abreviaturas inseridas no interior das microestruturas, verifica-se que umas são derivadas do português e outras do neerlandês e em ambos os volumes, como se pode verificar na lista de abreviaturas. Esta lista, inserida no início dos dois volumes, têm-se mantido inalterável desde a edição de 1986 até à de 2006 e apresenta casos como:

<i>aadr.</i>	geografia	aardrijkskunde
<i>abrev.</i>	abreviatura	afkortink
<i>biol.</i>	biologia	biologie
<i>conj.</i>	conjunção	voegword
<i>dierk.</i>	biologia	dierkunde
<i>geogr.</i>	geografia	aardrijkskunde
<i>hand.</i>	comércio	handel

Como se verifica há redundâncias, por exemplo com geografia, que umas vezes é *aardr.* e outras *geogr.*, e incongruências visto que biologia é *dierk.* e *biol.* também. Não se tendo operado de modo coerente, resulta terem-se misturado as duas línguas, sem que se indique um motivo.

Voltando à questão dos critérios de selecção dos componentes que integram a macroestrutura, que se considera basilar na criação de um dicionário bilingue, seja ele de bolso ou não. Diga-se que, na última edição, a de 2006<sup>277</sup>, a selecção dos itens foi, consideravelmente, melhorada, tendo sido tomadas em boa conta as observações vindas a lume nas recensões. Todavia, subsistem pequenos pormenores no que toca a macro- e microestruturas, que talvez se possam contemplar em futuras edições; atente-se, a título de exemplo, na palavra *abajur*, que conquanto não nos pareça um vocábulo de grande prioridade, principalmente num dicionário de bolso<sup>278</sup>, onde certamente bastava ser incluído uma única vez, mereceu, a partir de 2000, três artigos no volume *Português-Neerlandês*, a saber: *abaixa-luz*, *abaju(r)* e *quebra-luz*. Considerando que, *abaixa-luz*<sup>279</sup> não é incluída no *Dicionário Editora* e que o *Dicionário de Aurélio* a menciona mas remete para *abajur*, acredita-se que o espaço poderia ser aproveitado para registar palavras como *abanar-se*, *diferendo*, *piorio* ou mesmo *pisgar-se* ou alargar o artigo referente a palavras como *decisão*, *fatia*, *poupar*.

As observações acabadas de fazer sobre estes últimos dicionários em nada diminuem a sua mais-valia no âmbito da lexicografia bilingue luso-neerlandesa, uma vez que eles foram os primeiros com cariz lexicográfico.

## 2.2. O dicionário da Porto Editora

Os grandes dicionários bilingues luso-neerlandeses, que se vão abordar segundo a ordem de publicação, começam a ser lançados em 1999, sendo os últimos de 2009; logo, está-se perante uma actividade recente.

O primeiro é o *Português-Neerlandês* da autoria de C. H. A. Keesom e publicado pela Porto Editora. Trata-se de um volume de 462 páginas, sem um prefácio, onde se deveria alertar para o facto de a obra se basear principalmente no português do Brasil<sup>280</sup>, nem indicações quanto ao modo de utilização. Comporta uma longa macroestrutura (38.000 entradas, segundo a contra-capá), porque inclui, para além de um abundantíssimo léxico referente aos campos da Zoologia, da Botânica, do Direito, da Medicina e de muitos mais, sobretudo brasileiros, palavras de pouca frequência como: *abdicator*, *abdominoso*, *abléfaro*, *acambetado*, *artófago*, *decorticar*, *inconsumpto*, *prógnato*, *reixa*, *seríceo*, *vivissecação*, etc. Do que se deduz ter havido um inexplicável critério de selecção e de estabelecimento de prioridades na constituição da macroestrutura, tendo-se em conta de que se está perante um dicionário de língua de uso geral.

As microestruturas são extremamente pobres. Apenas a palavra que encabeça o artigo é provida de classificação gramatical<sup>281</sup>; no interior da microestrutura as diferentes acepções, que ela possa veicular, não são referidas, e os seus possíveis equivalentes encontram-se registados uns a seguir aos outros, tipo lista. Porém, faz-se uma distinção, relativamente às diferentes

<sup>277</sup> Os volumes *Português-Neerlandês* e *Neerlandês-Português* comportam L, 523 e XL, 616 páginas, respectivamente, num formato de bolso, grande, e apresentam 31000 artigos o primeiro e 47000 o segundo.

<sup>278</sup> O mesmo se poderia dizer da inclusão de palavras como *decalátero*, *fauvismo*, *geomagnético*, *gliptodonte* ou *penteeiro*, que se julga terem maior cabimento num dicionário especializado ou técnico do que num dicionário de bolso.

<sup>279</sup> Numa rápida consulta em Google, esta palavra apresenta uma frequência de apenas 1100.

<sup>280</sup> Curiosamente, não indica a ortografia brasileira de palavras como *acção*, *aguentar*, *adjectivo* ou *baptizar*.

<sup>281</sup> Por vezes, o infinitivo substantivado do neerlandês é acompanhado por *het*, a forma neutra do artigo definido.

categorias gramaticais que a palavra entrada do artigo possa admitir. Exemplos, fraseologia, regência verbal ou nominal estão, na maior parte dos casos, quase invariavelmente ausentes. Por exemplo, uma palavra como *equipa* recebeu um tratamento mais desenvolvido no dicionário de bolso de 2000 da equipa Baltazar et alli do que neste dicionário.

Apenas para ilustrar o que se acaba de relatar, seleccionaram-se, aleatoriamente, alguns artigos e páginas e elaboraram-se os quadros seguintes, de cuja leitura se poderá constatar que a informação inserta neste volume convém mais aos dicionários especializados do que a um dicionário que pretende ser de língua.

Artigo	Equivalentes sem contexto	Fraseologia	Exemplos
empolgar	15	0	0
escamotear	7	0	0
galante	7	0	0
recreio	4	2	0
refazimento	6	0	0
roubalheira	6	0	0

Quadro 1 — Exemplo do conteúdo de alguns artigos

Página	Nº de artigos	Termos especializados
11	93	25
59	83	23
136	98	21
315	103	39
total	377	108

Quadro 2 — Relação entre língua comum e segmentos especializados

Em 2002, também pela Porto Editora, é publicado o volume *Neerlandês-Português*, com cerca de 45.000, artigos, cuja autoria pertence, em mais de dois terços, ao falecido Dr. Luís Crespo Fabião, leitor de neerlandês da Faculdade de Letras de Lisboa e eminente germanista. A parte restante da obra terá tido a colaboração de Cornelis Jonker. A coordenação e a revisão é de C. H. A. Keesom. Este volume, destinado a emparceirar com o anterior, em nada se lhe compara, nem no tipo de macroestrutura nem na organização e desenvolvimento da microestrutura; são duas obras totalmente diferentes. Os conhecimentos linguísticos e lexicográficos veiculados por este volume estão totalmente ausentes do volume *Português – Neerlandês*, atrás reportado. Na selecção dos itens que compõem a macroestrutura e na tessitura e na realização da microestrutura, reconhece-se o modelo de Van Dale<sup>282</sup> empregue na produção de dicionários bilingues *Neerlandês – língua X*. O volume é iniciado por um guia de utilização, que orienta o leitor no manuseamento do dicionário, e por uma lista de abreviaturas nas duas línguas; o género gramatical está atribuído não só à *palavra entrada* como aos equivalentes que se lhe atribuem. Examinando alguns artigos reconhece-se que as diferentes acepções da *palavra entrada* se encontram devidamente assinaladas, que o registo de combinatórias, de fraseologia e de exemplos é regra e não excepção. Deste modo num artigo como *aangeven* são indicadas e contextualizadas 4 acepções: 1- passar (a); 2- indicar; 3- declarar, denunciar; 4- assinalar. Seguidamente são apontados 8 fraseologismos, alguns dos quais através de um exemplo, como *'hebt u nog iets aan te geven?'* [tem mais alguma coisa para declarar?]

<sup>282</sup> Van Dale é uma editora neerlandesa especializada em lexicografia monolingue e bilingue.

em que se ilustra o facto de a partícula *aan* que acompanha o verbo ser separável. Um simples artigo sobre *goud* [ouro] apresenta 10 enunciados de tipo fraseológico como *'ik had het voor geen goud willen missen'* [não teria querido perder isso por nada deste mundo]. A palavra *hand* [mão] foi objecto de um artigo que abrangeu 3 colunas completas enquanto o artigo *mão* no volume *Português-Neerlandês*, apesar de ser uma das honrosas excepções quanto ao seu desenvolvimento, não conseguiu completar dois terços de uma coluna. Os enunciados de tipo proverbial, sempre que não tenham um correspondente em português, não deixam de ser assinalados, sendo o seu conteúdo explicado, como se vê nos exemplos seguintes: *'met de mond vol tanden staan'* [estar com a **boca** cheia de dentes] 'não saber o que haver de dizer' ou em *'als mosterd na de maaltijd komen'* [vir como **mostarda** depois da refeição] 'chegar demasiado tarde', no artigo dedicado a *mond* e a *mosterd*, respectivamente.

Por conseguinte, e apesar das imperfeições que tem como qualquer outro dicionário, este volume faz jus ao que sobre ele se anuncia na contracapa "Obra indispensável para a correcta utilização da língua neerlandesa".

### 2.3. O dicionário da *Prisma / Verbo*

Em 2004 foi publicado, numa edição conjunta, pela Spectrum e pela Verbo, o *Prisma Groot Woordenboek Portugees-Nederlands e Nederlands-Portugees*, que foi elaborado sob a minha coordenação, por uma equipa formada por falantes nativos de português e de neerlandês. O dicionário resultou de um projecto levado a cabo no Instituto de Linguística OTS da universidade de Utrecht e foi co-financiado pelos Países Baixos, pela Flandres e por Portugal, através da Comissão de Recursos Lexicográficos da Taalunie (Haia), do Instituto de Linguística OTS (Utrecht) e do Instituto Camões (Lisboa).

O dicionário dispõe de 35.000 entradas e de 34.000 exemplos no volume *Português-Neerlandês* e de 43.000 entradas e cerca de 45.000 exemplos no outro volume. Ambos os volumes apresentam, nas duas línguas, um quadro sinóptico com as divergências ortográficas mais relevantes entre o português europeu e o do Brasil e um guia de utilização; no fim dos dois volumes encontram-se duas listas: uma com os verbos irregulares do português e outra com os de neerlandês. Há ainda uma Introdução, em neerlandês no volume *Neerlandês-Português* e em português e em neerlandês no outro volume. Na referida Introdução, que incorpora uma listagem com todas as abreviaturas empregues (no âmbito da classificação gramatical, do nível de língua e da terminologia) em português e em neerlandês, é dada informação sobre:

- o público a quem a obra se destina,
- a ortografia seguida e a anotação de casos específicos,
- o vocabulário técnico e especializado inserido,
- a anotação gramatical da palavra entrada como dos seus equivalentes e o modo como dados gramaticais adicionais são registados,
- a organização interna do artigo,
- o modo de inserção da fraseologia, das combinatórias lexicais preferenciais, dos exemplos e, finalmente, dos enunciados idiomáticos ou de carácter proverbial.

Quanto à selecção da macroestrutura dispôs-se de duas bases de dados, uma do português (cedida pela *Verbo*) e outra do neerlandês (*RBN* [Referentie Bestand Nederlands<sup>283</sup>], que foram expressamente criadas para a produção de dicionários bilingues. Assim, embora não se trate de um dicionário de tipo pedagógico, durante a sua elaboração foi posto um cuidado

<sup>283</sup> Esta base de dados foi elaborada sob os auspícios da já mencionada Taalunie [União Linguística].

especial nos aspectos estruturais e semânticos das duas línguas com os quais, numa perspectiva contrastiva, o utilizador da língua alvo necessita de ser confrontado. Consequentemente, há uma insistência nas respectivas microestruturas quanto às diferentes acepções da palavra, aos níveis de língua, à valência verbal, à regência preposicional, aos usos idiomáticos e específicos de cada um dos sistemas linguísticos e ainda se procura ressaltar um ou outro factor de âmbito cultural.

Para exemplificar o que acima se afirma considere-se os artigos dedicados, no volume *Português-Neerlandês*, a *olho*. Esta palavra recebeu três artigos: 1- como nome masculino; 2- como elemento de uma locução; 3- como elemento de um segmento idiomático. No artigo 1 são tratadas doze acepções da palavra enquanto parte anatómica, atenção, buraco, nascente, etc., que são ilustradas por segmentos como *olhos vesgos/tortos, é preciso muito olho, os olhos do queijo e olho(s) de água*. No artigo 2- como elemento de locução estão registadas 11 sequências do tipo: *a olho, a olho nu, com olhos de ver, de olho em, de olhos nos olhos*. No artigo 3- como elemento de um segmento idiomático encontram-se enunciados como *chorar por um olho azeite, por outro vinagre, comer alguém com os olhos, fazer olhos de carneiro mal morto, tens mais olhos do que barriga*. No volume *Neerlandês-Português* o artigo *oog* [olho], que é um nome neutro, aponta para três acepções apenas: 1- como parte anatómica, 2- como buraco, 3- como pinta. E enquanto no volume *Português-Neerlandês* se construíram, mais duas entradas, aqui todos os segmentos de tipo idiomático ou locução são registados sob a acepção semântica a que se coadunam. Deste modo, a locução *op het oog* [a olho] aparece inserta sob 1- parte anatómica, como também enunciados do tipo proverbial *oog om oog tand om tand* [olho por olho dente por dente] e *de splinter in een anders oog zien en niet de balk in zijn eigen* [ver o argueiro no olho alheio, e não ver a trave no seu olho] e as frases idiomáticas *ergens met open ogen in trappen* [cair como um patinho] e *zijn ogen zijn groter dan zijn maag/ buik* [ter mais olhos do que barriga]. Sob 2- buraco, regista-se *door het oog van de naald kruipen* [escapar por um triz, por uma unha negra].

Por conseguinte a informação encontra-se nos dois volumes, o que difere é o modo como os artigos foram estruturados internamente. Esta divergência na maneira de expor a informação, que, de certo modo, é muito visível, quando se faz o cotejo dos dois volumes pode ser considerada por alguns como uma imperfeição deste dicionário. No entanto, pode-se dizer que ela foi motivada pelas distintas orientações lexicográficas teóricas subjacentes à criação das bases de dados de que se partiu. Além do mais, há ainda algumas ‘falhas’, por exemplo ao nível da frequência de emprego; no volume *Português-Neerlandês*, aparece *olho da agulha* quando *buraco da agulha* parece ser mais frequente e deste género de deficiências há algumas mais. Um outro aspecto que deverá merecer mais cuidado, aquando de uma reedição, é a revisão final por parte dos redactores depois de o dicionário ser dado por terminado. Isto porque há pequenos ajustes, ao nível sobretudo da consequência, que devem ser efectivados; como ilustração, no volume *Português-Neerlandês* no artigo *carneiro* 2- *fazer olhos de carneiro mal morto* tem como equivalente ‘smachtend kijken’ [olhar desejosamente / dengosamente / ansiosamente] enquanto no artigo *olho* 3- *fazer olhos de carneiro mal morto* recebe um equivalente ligeiramente diferente a saber ‘verliefde / smachtende blikken werpen’ [lançar olhares enamorados / desejosos ou dengosos]. Divergências como esta podem e devem ser eliminadas.

#### 2.4. O dicionário da Van Dale

Em 2008, a Van Dale reedita os dicionários de *Português-Neerlandês* e de *Neerlandês-Português* que a Porto Editora publicara em 1999 e 2002, respectivamente. Os volumes, sob a chancela da Van Dale, passam a chamar-se *Praktijkwoordenboek Portugees-Nederlands* e

*Praktijkwoordenboek Portugees-Nederlands*, e, tendo o primeiro 609 páginas e o segundo 907, oferece cada um 44.000 artigos<sup>284</sup>. Os primeiros autores deixaram de ser referidos, apenas se informa que os presentes dicionários são uma versão trabalhada dos da Porto Editora. Os volumes apresentam um prefácio, lista de abreviaturas e de sinais de informação lexicográfica e um guia de utilização. No prefácio é indicado para quem se dirige o dicionário e o tipo de informação extra que está ao dispor do utilizador, ou seja, como fazer uma ‘chamada telefónica em português’, quais as formas de tratamento usadas em português, listas temáticas de vocabulário, nomes geográficos em português e modelos em neerlandês e em português de uma carta comercial e de uma mensagem electrónica para amigos. O volume *Neerlandês-Português* da Porto Editora que, como se referiu seguiu o modelo da Van Dale, apenas é reformulado no que concerne a disposição gráfica e os acrescentos acima mencionados, a qualidade da microestrutura mantém-se. Relativamente ao grafismo os volumes estão atraentes, a duas cores (a preto a macroestrutura, a azul a microestrutura e os quadros de vocabulário temático com dois tons de azul). Quanto ao volume *Português-Neerlandês*, esperava-se uma reformulação profunda e não apenas a alteração do grafismo e a inserção dos quadros temáticos acabados de aludir. Considerando os artigos inscritos no quadro 1, constatou-se na nova edição da Van Dale que a única alteração aplicada foi a atribuição de um número de ordem aos vários equivalentes, sendo esta a grande mudança operada ao nível de todas as microestruturas. Continua a dar-se a classificação gramatical apenas à ‘palavra entrada’; por conseguinte, se o utilizador precisar de criar um enunciado com um dos equivalentes propostos é obrigado a consultar o outro volume do dicionário. Uma outra alteração no interior da microestrutura é que a menção de ‘linguagem especializada’ passou a ser feita em neerlandês e não em português. Partindo do quadro 2, apurou-se, igualmente, que a inconsequente macroestrutura praticamente não foi alterada; assim, aos 377 artigos mencionados nessas 4 páginas apenas se acrescentou a palavra *crack* que, por sinal, se escreve do mesmo modo em neerlandês e também se emprega com o mesmo sentido. O aumento da macroestrutura anunciado deve-se principalmente a duas causas: 1- a inclusão de palavras como *banner*, *firewall*, *gigabyte* que são idênticas em neerlandês, ou de *hiperactivo* e de *zipar* que em neerlandês são ‘hyperactief’ e ‘zippen’, respectivamente<sup>285</sup>; 2- o desdobrar de artigos sempre que a palavra entrada é passível de duas categorias gramaticais, por exemplo *abeirar* e *abeirar-se* eram um só artigo e agora passaram a integrar dois. Parece-nos que a inclusão dos referidos modelos de carta comercial (um só) e de mensagem electrónica (também apenas uma), noticiados como um dos maiores merecimentos desta publicação, não têm cabimento num dicionário de língua; o seu lugar será num manual didáctico e em conjunto com mais exemplos desse teor. Não se aprende correspondência comercial partindo de um único modelo.

Em 2009, a Van Dale põe no mercado dicionários de Português-Neerlandês e de Neerlandês-Português, agora denominados *Middelgroot woordenboeken Portugees-Nederlands e Middelgroot woordenboeken Nederlands-Portugees*. Apesar de se sugerir que se trata de uma edição melhorada, como se esperaria de uma casa editora com o nome Van Dale, o produto é o mesmo. Os ‘novos’ dicionários são em tudo iguais aos publicados em 2008 (número de páginas e paginação, quantidade de artigos, macro e microestruturas) apenas diferem no nome, na capa e no facto de estarem inseridos num nova série de dicionários bilingues criada pela casa editora Trata-se, por conseguinte, de uma reimpressão, tendo sido o que levou nos levou

---

<sup>284</sup> A julgar pela informação da capa do volume *Neerlandês-Português* da Porto Editora, este perdeu 1000 artigos na edição da Van Dale.

<sup>285</sup> De igual modo, no volume *Neerlandês-Português*, incluíram-se palavras como *blingbling* e *beamer* que, curiosamente, são iguais em português e até veiculam o mesmo conteúdo semântico.

a afirmar no Preâmbulo que, entre 1999 e 2009, se publicaram 3 e não 4 dicionários de grande porte.

### 3. Considerações finais

Procurou-se dar um panorama da produção lexicográfica luso-neerlandesa, desde o seu início até hoje e espera-se ter resultado evidente que, além de ter sido limitada, nem sempre foi de uma qualidade aceitável.

Foi particularmente a necessidade em comunicar ou aprender uma das línguas que levou à génese dos primeiros produtos lexicográficos, em paralelo com a elaboração de manuais para o ensino de uma das duas línguas; assim aconteceu com os *Colloquia* de Berlaimont como, inclusivamente, com os mini-dicionários dos anos 50 do século passado. O que leva a concluir que, para estes autores, ‘dominar uma língua’ equivaleria a ‘conhecer o seu léxico’.

Voltando à frase de Boisson (1991: 261) em epígrafe “Any non-random lexical list can be considered as a dictionary”, crê-se que, tendo em mente os princípios lexicográficos actuais, ela apenas é verdadeira quando aplicada aos vocabulários de século XVIII como o *Tesouro dos Vocábulos das Línguas Português e Bélgica* de Alewijn e o *Nieuwe Woordenschat ...* editado por L. Dominicus.

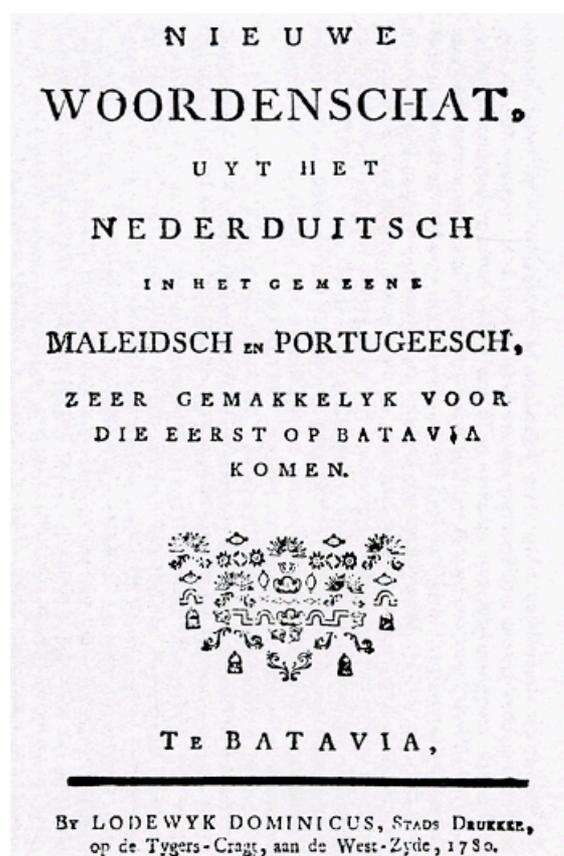
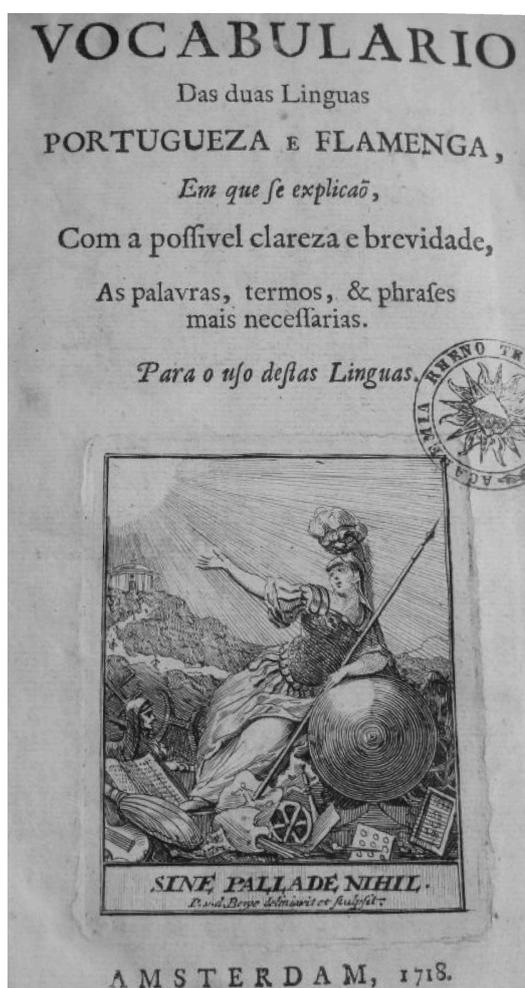
Verificou-se igualmente que questões fundamentais como o estabelecimento de prioridades na selecção dos constituintes da macroestrutura, indicação e seriação das diferentes acepções da palavra entrada no interior da microestrutura, e a necessidade de inclusão de fraseologia e de exemplos, continuam a ser problemáticos. Estes aspectos foram ilustrados principalmente nos dicionários de *Português-Neerlandês* de Keesom e mais tarde da Van Dale.

Pensamos que, para além da necessidade de usar corpora e listas de frequência na produção de dicionários bilíngues, seria bem frutuoso adoptar uma perspectiva contrastiva e procurar também inserir nos futuros dicionários aquelas particularidades das línguas em que o falante não nativo mais tropeça. Além do mais, na perspectiva quer do utilizador quer da integridade linguística das línguas é imperioso que os dois volumes formem uma unidade. Ao contrário dos seus antecessores, o lexicógrafo de hoje, graças às novas técnicas da lexicografia computadorizada, tem ao seu alcance o *desideratum* da coerência.

## 4. Anexo – Reproduções



Frontispício do *Tesouro dos Vocabulos das Linguas Portugueza e Belgica* (Alewijn, Collé: 1714-1718).



(Esquerda) Folha de rosto do *Tesouro dos Vocábulos das Linguas Portugueza e Bélgica* (Alewijn, Collé: 1714-1718); (direita) folha de rosto do vocabulário Neerlandês-Malaio-Português, editado por L. Dominicus, gravura retirada de Groeneboer, Kees, 2006 (1993).

## English-Portuguese and Portuguese-English Bilingual Dictionaries

*Tim Oswald (Universidade de Aveiro)*

Potential users of bilingual English-Portuguese dictionaries will, from the outset, find a number of obstacles in their paths. These include basic issues of availability, selection of language pairings and the apparent demise of the printed form.

The question of availability, or lack of choice of publications, arises to a large extent from the current status of English as an international language. The seeming ubiquity of English has encouraged publishing houses, particularly those which are themselves English-speaking in origin, to take advantage of this market through the publication of a wide variety of 'learner' dictionaries which tend to be monolingual, graded and oriented towards correct linguistic usage rather than acting as simple reference texts. Major publishers, including the Cambridge University Press, the Oxford University Press, Pearson Longman, Macmillan and Collins have all produced significant ranges of learner monolingual dictionaries which tend to be updated, reedited and republished far more assiduously and frequently than their bilingual offerings, where these exist. A target market which does warrant bilingual publication is the travel or tourist market, but here the offer seems to be almost uniquely of the phrase book rather than dictionary type, even when labelled the latter.

The second difficulty, that of language pairings, is one that may not even become apparent to the user until after they have purchased and then started to use the dictionary. Unless specifically stated, which is rare, and particularly in the case of dictionaries produced by Portuguese language houses it is not immediately obvious which language pairing is being offered, or even if a true distinction between languages is being maintained by the publication. Thus, the English side of the dictionary may be, and is, North American, British or even South African in standard and the Portuguese side European or Brazilian Portuguese.

The third factor, that of online rather than hard copy dictionary publication, has essentially emerged as the result of the powerful language research possibilities offered by the internet which have been harnessed by a number of organisations. These include such powerful players as the European Union itself with its Interactive Terminology for Europe database (IATE) which is an open access working tool designed to promote homogenous communication across the community. Other offerings in the same vein are more commercial in nature; in some cases 'free' services are offered as an incentive to purchase dictionaries, as with Reverso, or even to sell non-dictionary related items, as is the case with dictionary.com. An interesting feature of many of these services is that the offering is multilingual rather than bilingual in nature, though there appears to be an underlying assumption that English is one half of any language pairing to be made.

The bilingual English/Portuguese dictionary offer is certainly somewhat skewed, in the sense that the publishing priorities of English and Portuguese publishing houses seem to be significantly different. British and American houses have focused on the learner / travel /

pocket market while Portuguese and Brazilian houses have produced far more comprehensive and traditional dictionaries which tend not to be quite so focused on specific market sectors

For the general user, perhaps the best place to start with bilingual dictionaries is Porto Editora. Their flagship offerings '*Dicionário de Inglês-Português*' and '*Dicionário Português-Inglês*', sold in two complementary volumes, have a number of distinguishing characteristics. First, the coverage of both languages, with approximately 2-300,000 translations in each volume makes it one of the most comprehensive dictionaries available on the market. Both dictionaries follow a similar format and offer some particularly useful features which include headword entries which, in addition to translating the headword itself, also offer translations of compound phrases, idiomatic phrases, proverbs, sayings and, interestingly, collocations. There is, perhaps, a slight over-emphasis on proverbs and sayings, given that these may be less frequently encountered by the user. There is also room for indicating which of these categories a given phrase is in, particularly in the case of collocations and more common idiomatic expressions, though, of course this may be obvious to the reader who is fluent in the target language. There is good indication and separation of separate meanings of a headword, including whether or not it is colloquially employed. Headwords are also assigned a register where appropriate, which will certainly help the user narrow down the choices for multi-meaning words, again this feature is clearly identified. A certain proportion of headwords are encased in illustrative phrases, presumably as a guide to meaning, which are then translated into the target language. There are perhaps not quite as many of these as there might be, given that this is a feature which would certainly help the non-native target language user who may be looking to understand/translate a phrase rather than an individual word. This technique of exemplification is used widely in learner monolingual dictionaries but seems to have been rather half-heartedly adopted here. There are a couple of somewhat perplexing organisational traits, such as individual entries, but not labelling, for phrasal verbs and an indicated inclusion of synonyms in the target language. The former helps identify the dictionary as a being, at least partially, aimed at the learner market rather than the professional user. The latter is rather confusing since a translation necessarily has the characteristics of a synonym and the synonymous meanings would be better served by mere identification of their register/context. For example, 'clima' is translated as climate and 'atmosphere' is given as a synonym when these two words both have equal value as a translation. The more orthographically similar, Latinate translation is not even necessarily the most useful or common. In terms of meaning translation, a final big plus for these dictionaries is their crystal clear identification of words from different language systems (GB, USA, Brazil), although the user obviously needs to be aware that everything else is European Portuguese in usage.

The lexicographical, grammatical and syntactical information offered by the dictionaries is comprehensive, accurate and tuned to an easily understandable key. For example, different grammatical categories are labelled with large circled letters rather than simply by the more conventional grammatical abbreviation, which is going to make for much faster look-up times. For the advanced user, the dictionaries contain extensive information on the new Portuguese orthographic code. The dictionaries are also available in a CD-ROM format, with the added bonus of verb conjugation tables for most verbs in both languages. On test-driving the dictionary, it never failed to find a 'common word', defined here as one that returns a full page of results from the taken from the Cobuild Concordance and Collocations Sampler and, in overall terms, is definitely the most accessible one-off dictionary, particularly in its multimedia format, for the advanced professional or translating user.

The same publisher also produces an 'academic' version of the same dictionary. The '*Dicionário Académico de Inglês-Português / Português-Inglês*' is aimed at the school market and essentially consists, to this user's eye, of a watered down version of its larger cousins. It is

much more list-like in format although it does contain all the pertinent grammatical information, and, more importantly, such lexical features as the sample sentences, registers/contexts and separate entries for homographs. The phonetics guide is clear, though the user would need to be highly familiar with the transcription used and it is not clear whether the pronunciation is, for example, British or American. It is also necessary for the user looking up a Portuguese word to backtrack to the English entries to find the pronunciation guide. There are a number of features that could perhaps be borrowed from the larger dictionaries, such as the simple identification of a change in grammatical category. Other features, such as the sending of the user to related entries are excellently signposted and could also be expanded. The only downside of this dictionary is the actual wordlist itself, and this is a major objection. If the dictionary is aimed at the school or college user, then some more detailed grading of the items to be included, according to frequency, register or even age, would surely benefit the user. This is, of course, an editorial decision and reflects the editor's desire to be as inclusive as possible, but again it begs the question as to whether this is a reference dictionary for all users or whether it is a learning tool with which the school-user may interactively engage.

A better bet for the Portuguese language learner learning English would be the *'Dicionário Oxford Pocket para estudantes de Inglês (Português-Inglês / Inglês-Português)'*. This dictionary exists in two separate formats, one for European learners of English and the other for Brazilian learners. Although this dictionary is, in its makeup, as Anglo-centric as the abovementioned Academic dictionary is Luso-centric, it does have a number of useful, innovative characteristics that are designed to make the language learners' task an easier one. It comes with a CD-ROM that not only contains the full contents of the dictionary but which also has extra illustrations and Oxford's proprietary Wordfinder dictionary which is designed to help learners build and extend their vocabulary. This additional monolingual dictionary is conceptually and thematically organised and guides the learner by concept to the right English words to use in a given context.

The content of the main dictionary has been carefully selected using Oxford's own 3,000 key word system as a basis (these words are indicated by a key symbol in the entries). Again this is designed to ensure that learners can more easily access useful frequent words and don't get bogged down in a forest of irrelevant entries or more complex definitions. The dictionary does not restrict itself to definitions but contains elements of what are recognisably grammar and vocabulary book formats. In this largely successful attempt to set itself up as a one-stop resource for the language learner, the dictionary offers insert sections on particularly difficult grammar points, such as modal verbs, and challenging areas of lexis, including false friends and phrasal verbs and a wealth of useful, annotated illustrations. There are even sections containing cultural information on a wide range of topics such as the British parliamentary system. All of the extra sections are written in Portuguese, as a further aid to the learner.

In purely dictionary terms, one of the most positive aspects of this publication is the layout and format. For example, colour has been used simply but effectively to highlight the headwords and a modern typeface engages the younger reader-browser. Special attention has been paid to the particular difficulties that the Portuguese speaker may have with English. This takes a number of interesting forms, one of which is the inclusion within entries of detailed explanations of cognates which do not map directly or simply between the two languages. A good example of this is 'esperar' which is not simply translated as wait, hope and expect but is explained in terms of the contexts within which each of these English verbs might be used. Another useful feature in this line is the inclusion of irregular verb forms as separate headwords, thus allowing the learner to search more directly for language items they don't know. The dictionary also addresses one of the perennial problems of language learning

dictionary writers which is that of how to write an entry in such a way that the explanation/definition is at a lower level of complexity than the headword itself. This dictionary smartly sidesteps this problem by guiding the Portuguese reader through complex entries in Portuguese. This textual mixing does not seem to complicate use of the dictionary. A further step in the direction of user-friendliness has been taken by including a pronunciation guide across the bottom of each page.

In general terms, then, this dictionary, which has grown out of Oxford's extensive experience in the area of ELT publishing and research, is a state-of-the-art product that has taken the learner dictionary to new levels of pragmatism and accessibility.

Oxford also publish a dictionary designed to work in the opposite direction, for English-speaking learners of Portuguese. The '*Oxford Colour Portuguese Dictionary*', with its approximately 40,000 entries, is designed for beginners. The 'colour' of the title is the main feature of this dictionary and is intended to aid the user's search for correct words. Although useful and usable, this dictionary, presumably in reflection of market forces, has obviously not been the target of the same research and investment as its sister publication going in the opposite direction.

The '*Collins Portuguese Dictionary in Colour*', shortly to be published in its fourth edition by Harper Collins, is an intermediate level dictionary also aimed at the learner of Portuguese, although in its pocket version it is probably just as useful for the Portuguese speaker engaged in learning English. It has a significant number of entries, at around 82,000 and has been fully updated to take into account the new orthographic code. The colour is employed here in exactly the same way as in the Oxford dictionary, for the clearer identification of headwords. There are also sections focusing on Portuguese culture and customs, as well as language points, such as false friends and Portuguese verbs that might cause difficulties to the language learner. A further, supplementary, section designed to boost the pragmatic force of the dictionary looks at such communicative acts as writing letters and emails and dealing with numbers, dates and time. The back of the dictionary contains a short, but useful, phrase-book for the traveller. In the current edition, Brazilian and European Portuguese are both covered, though there is some prevalence of the first, such as in the part where guidance on answering the phone is given, which may not, of course, suit all users.

A dictionary for early learners of Portuguese that has taken a more overtly research-based approach to helping with the organisation of learning is '*A Frequency Dictionary of Portuguese*' published by Routledge and available both as hard copy and as an eBook. This dictionary addresses the 5,000 most frequently used words in Portuguese and works from the premise that beginning language learners don't need most of what they can find in a dictionary since our real world experience of foreign language use is typically, and particularly at the early stages of learning, normally restricted to common and predictable contexts of exchange. The frequency organisation of the dictionary is, however, still subject to difficulty grading. The entries start with highly common, easy words such as 'o/a', 'de' and then progress through more intermediate and advanced levels. The traditional alphabetical organisation of a dictionary is maintained in the index from which the learner can then pass back to the entry itself. There is also a part of speech index, a number of thematically arranged lists and lists focusing on common grammatical problems at beginner level. The entries maintain most of the information the user would expect to find in a dictionary, plus a few extras: part of speech, a definition in English, sample sentences drawn from the 45 million word Corpus de Português with a corresponding translation into English and an indication of the type of discourse in which the word is likely to be found (spoken, general written, newspapers, etc.). One point to bear in mind with this dictionary is that, as a North American project, one might expect that there would be a slight favouring of Brazilian Portuguese and US English. However, the

lexicographers make it clear in their introduction that the corpus itself is broad-based and major differences between the languages, such as spelling, have been analytically accommodated. Words, for example, that systematically vary in their spelling have been included using the European Portuguese form of the spelling for the headword, but then in whichever form is appropriate for the sample sentences (depending on where in the corpus the sample has been drawn from). Words which differ significantly in their spelling have been given separate entries. Overall, this scientific approach to dictionary building, which has much in common with the Oxford dictionary discussed above, has resulted in a slim, practicable and efficient dictionary resource.

In collaboration with the German publisher, Duden, Oxford has also published the Oxford-Duden Pictorial Portuguese and English Dictionary a comprehensive bilingual technical dictionary. It is aimed at the technician, engineer, business person or translator and takes a simple but effective illustration-based approach to the translation of both technical and everyday objects, devices, machines, systems and situations. The dictionary, which has not apparently been reissued since 1993, covers terminology in all main fields of reference including science, technology, medicine, and business, the arts and entertainment, recreation and sport, flora and fauna, and even stretches to typical situations in domestic and everyday life. Despite its relative age, this dictionary still serves to fill what would otherwise be a hefty gap in the market as there is very little on offer for the technical specialist. All entries are indexed in both Portuguese and English so the user can operate in both language directions. One of the main advantages of this publication is that the thematic organisation of lexis allows the user to access the full range of vocabulary relevant to a given situation or context. The English and Portuguese used in the dictionary is European, though clear indications are given of both American and Brazilian variations.

The dictionary is organised into facing pages of illustrations and numbered bilingual labels. At the back of the book there is a comprehensive Portuguese and English index with clearly indicated page and label numbers. Homographs are distinguished through an indication of the register and context to which they apply. The dictionary does not restrict itself to merely physical single-word labelling of parts, as each illustration page is sub-divided into physical or thematic parts and the labelling is often at the phrase level. The illustrations take the form of line drawings, generic and stripped down in nature where applicable, which go some way to dealing with the problem of variety and variation when using other forms of illustration such as photographs.

As mentioned above, in terms of bilingual dictionaries, there is surprisingly little available to the specialist market and often what is on offer has not apparently been able to take advantage of the more recent lexicographical trends in terms of dictionary design user-friendliness and accessibility. Elsevier have published a number of multilingual dictionaries that feature the English-Portuguese pairing. Examples of these are *'Elsevier's Dictionary of Engineering: In English/American, German, French, Italian, Spanish and Portuguese/Brazilian'*, *'Elsevier's Dictionary of Industrial Technology: In English, German and Portuguese'*, *'Elsevier's Economics Dictionary: In English, French, Spanish, Italian, Portuguese and German'* and *'Elsevier's Dictionary of Drug Traffic Terms: In English, Spanish, Portuguese, French and German'* amongst others which address such fields as Nutrition and Food Technology, Climatology, Glass-making, Horticulture and Insurance. There is a much wider range of Elsevier dictionaries which don't include the English-Portuguese pairing. The dictionaries are highly priced and presumably aimed at academics, libraries, research institutions and industry. They all follow the same format in which the first part of the book is a full numbered listing of the entries in alphabetical order in English (called the Basic Table). Subordinate English synonyms are listed separately with a numbered reference to the main entry. Below each English word appear the

translations in whichever other languages the dictionary covers. The second part of the book contains alphabetical indexes for each of the non-English languages. The information contained in entries is fairly limited, though there are a number of useful features. Firstly, the term's sub-field within the overall field is identified, such as Hydraulics or Fluid Mechanics within Engineering, where appropriate. Secondly, the English term is often glossed or explained where there is potential ambiguity or the word has multiple meanings. The grammatical gender of the term is also identified where relevant, British and American English is labelled and where necessary the term is also glossed in Portuguese. There is no real need for any other type of information in the dictionary since it can be assumed that the user is an expert, or near-expert, in the area and in his or her native language.

There are a number of shifts taking place in bilingual dictionary publication and, as mentioned above, one of the main changes that currently seems to be in full swing is that dictionaries, like encyclopaedias before them, are moving away from expensive, short-lived hardcopy publications and into either multimedia or online versions. Presumably there are strong economic and market reasons for such trends, not least of which is the recent and rapid growth of free online dictionary and translation resources. However, the user needs to take a great deal of care with these since some of them are open-source and open-edited whilst others are limited in scope (Freedict) and can prove frustrating. Still others are offered by commercial organisations selling translation hardware, software and services (Babylon, Ectaco), hardcopy or paid online dictionaries (Reverso, Lookwayup, Porto Editora) or sites designed mostly to carry click-through advertising (Dictionarist). A common tactic is to offer limited online trial versions which either have restricted database access or short validity periods. With reduced editorial gateway functions, the user needs to be discerning in the choice of dictionaries, able to select certain dictionaries for certain tasks and be prepared to engage in considerably more cross-checking before accepting translations.

Curiously, there seems to be much greater niche feature specialisation amongst online dictionaries, possibly as a result of the general need for websites to make a special effort to stand out from the competition. Thus, Lookwayup has a drag and drop facility and a browser button add-on while Ectaco supplies extensive lists of words and phrases similar to a misspelled lookup word, a results page that contains other members of the word family and the code to embed their dictionary on your own website. Reverso offers not just the translated headword but also translations of compounds containing that headword as well as the possibility of suggest or asking for translations for their collaborative dictionary. Dictionarist provides multilingual translations of words, an audio sample of the pronunciation, synonyms of the search term and the conjugation of the headword should it be a verb. Porto Editora offers one of the more comprehensive online dictionaries, with almost all the information that it publishes in its hardcopy format plus links to other sites and its own encyclopaedias. Michaelis is particularly Brazilian in flavour and content and provides language guide notes to its entries.

Other sites have jumped the dictionary function altogether and gone straight for the translation of phrases, sentences or even whole texts. Amongst these are Google Translate Tool, SYSTRAN Translation Engine, Dictionary.com, Translated.Net Online Translation Engine and the WorldLingo Free Online Translator. For the casual user who needs the occasional translation, these resources are more than sufficient and may, in the long run, undermine the production of traditional hardcopy dictionaries.

This brief overview of bilingual English-Portuguese and Portuguese-English dictionaries is not designed to be comprehensive but merely illustrative. There are obviously, many other worthy dictionary products available, and the market in general is in a state of constant flux. Rather than take away the names or links of specific dictionaries, it is to be hoped that the

reader will have been able to tease out some of the progressive strands that are to be found in the dictionaries of today, These range from clearer, more accessible and faster presentation through more data-driven content to the allying of the dictionary to other language and linguistics services that may also prove to be of considerable value to the user.

### Internet sources

- Babylon 8 Translation Software & Dictionary* - <http://www.babylon.com/>  
*Cobuild Concordance and Collocations Sampler* - <http://www.collins.co.uk/Corpus/CorpusSearch.aspx>  
*Corpus do Português* – [www.corpusdoportugues.org](http://www.corpusdoportugues.org)  
*Dictionarist* – <http://www.dictionarist.com/>  
*Dictionary.com* – [www.dictionary.com/](http://www.dictionary.com/) / <http://translate.reference.com/>  
*Ectaco Electronic Translators* - <http://www.ectaco.co.uk/>  
*Freedict* - <http://www.freedict.com/onldict/por.html>  
*Google Translate Tool* - [http://www.google.com/language\\_tools](http://www.google.com/language_tools)  
*Infopedia - Porto Editora* - <http://www.infopedia.pt/pesquisa?qsFiltro=16/>  
<http://www.infopedia.pt/pesquisa?qsFiltro=15>  
*Interactive Terminology for Europe* - <http://iate.europa.eu/iatediff/SearchByQueryLoad.do?method=load>  
*Lookwayup* - <http://lookwayup.com/free/EnglishPortugueseDictionary.htm>  
*Michaelis* - <http://michaelis.uol.com.br/>  
*Reverso* - <http://dictionary.reverso.net/english-portuguese/>  
*Systran Translation Engine* - <http://www.systran.co.uk>  
*Translated.Net Online Translation Engine* - <http://free.translated.net/>  
*WorldLingo Free Online Translator* - <http://www.worldlingo.com/>

## Os dicionários de Português na China Continental

*Ran Mai (Universidade de Aveiro)*

O contacto dos portugueses com o povo chinês iniciou-se no século XVI, mas hoje em dia o Português continua a ser uma língua estrangeira relativamente pouco conhecida na China Continental, em comparação com outros idiomas ocidentais como Inglês, Russo, Francês ou Alemão. Para as pessoas interessadas no seu estudo, podem-se encontrar principalmente seis dicionários bilingues:

简明葡汉词典 *Dicionário Conciso Português – Chinês* (1994),

简明汉葡词典 *Dicionário Conciso Chinês – Português* (1997),

葡汉词典 *Dicionário Português – Chinês* (2001),

汉葡常用词汇 *Glossário Chinês – Português de Termos Usuais* (2003),

葡语实用动词搭配词典 *Dicionário Prático de Verbos e Suas Regências* (2001)

葡萄牙语词汇分类学习小词典 *Pequeno Dicionário Semasiológico de Estudo do Português* (2008).

Dos seis dicionários acima referidos, os mais relevantes são o *Dicionário Português – Chinês* (2001) e o *Dicionário Conciso Chinês – Português* (1997). São os mais utilizados quer pelo público geral, quer por tradutores, professores e alunos de licenciatura em Português nas diversas universidades da China Continental.

### 1. Dicionário Português – Chinês

Sendo um dos dicionários bilingues elaborados na China Continental depois da fundação da República em 1949, o *Dicionário Português – Chinês*, hoje em dia, ainda é considerado a realização mais completa e mais importante da área, resultado da determinação de nove académicos durante vários anos. O dicionário destina-se essencialmente à consulta da definição e da pronúncia de palavras portuguesas, pelos conhecedores ou aprendentes de Português, cuja língua materna é Chinês, ou que têm um bom domínio dessa língua. Constituído por cerca de 70 mil entradas distribuídas por 1174 páginas, o léxico escolhido pelo *Dicionário Português – Chinês* abrange palavras de diversos domínios como terminologia linguística, filosofia, economia, assuntos militares, direito, arte, astronomia, geografia, geologia, medicina, biologia, química, física, etc. Também foi recolhida, na parte de definição, uma considerável quantidade de locuções e expressões idiomáticas. Nas páginas iniciais, o prefácio redigido em Língua Chinesa enuncia o objectivo da elaboração do dicionário e faz uma apresentação geral do seu conteúdo; encontra-se ainda uma explicação do uso do dicionário, seguida de uma lista de abreviaturas utilizadas, ambas em Chinês. A parte final do dicionário é constituída por sete apêndices, a saber: Conjugação verbal, Lista da tradução dos antropónimos portugueses mais comuns para Chinês, Topónimos importantes do mundo,

Numerais (portugueses e romanos), Tabela periódica dos elementos químicos, Unidades de medida, e Lista de escalão militar de Portugal e do Brasil.

Os verbetes no *Dicionário Português – Chinês* são organizados por ordem alfabética, como é o caso dos dicionários monolíngues em Português, e podem ser encontrados facilmente com a ajuda de palavras-guia, indicadoras da primeira e da última palavra de uma página específica que ficam no seu canto superior. As entradas não são divididas em sílabas. Não se distinguem maiúsculas de minúsculas iniciais nelas, embora a necessidade de a palavra ser escrita como tal seja indicada na definição por um sinal *m*.

Quando os verbetes contêm vogais fechadas não assinaladas graficamente na própria palavra, assim como outras irregularidades no que respeita à pronúncia, como são os casos de leitura da letra “*x*” e “*i*” antes de outras consoantes, entre outros, a pronúncia dessas é indicada entre parênteses curvos no início da definição. A classe gramatical das palavras é marcada pela respectiva abreviatura em Português, grafada em itálico. Se a classificação de uma mesma palavra varia, as diversas possibilidades e os respectivos usos e explicações em Chinês são todas listadas, separadas entre si pelo sinal “|”. Os adjetivos são apresentados no masculino singular. Quando uma palavra apresenta alguma irregularidade em relação à sua flexão genérica ou numérica, esta é referida entre parênteses rectos na definição. As várias acepções de uma entrada são enumeradas. Uma parte considerável dispõe de exemplos com a tradução em Chinês e palavra contextualizada é substituída pelo sinal “~”. As locuções são apresentadas na mesma forma gráfica que os exemplos, enquanto as expressões idiomáticas formadas com a palavra de entrada são grafadas em negrito e itálico, seguidas do seu significado em Chinês. Os artigos não apresentam abonações.

**directoria** (èt) *s.f.* ① 领导艺术;领导职务。② 所领导的事务。职权范围;领导机关。

**européu** *adj.* 欧洲(Europa)的: raças europeias欧洲人种。|| - *s.m.* 欧洲人。[*f.*: europeia]

**surdo-mudez** *s.f.* 聋哑。[*pl.*: surdo-mudezes]

**apreço** (è) *s.m.* ① 赞赏, 赏识, 称赞: sentir ~ por 器重。demonstração de ~

赞赏的表示。② 估价, 评价, 估计: ter alguém em grande ~ 对某人给予很高评价。ter alguém em devido ~ 给予某人以应有的评价。dar ~ 评价。o assunto em ~ (目前正在处理的)本案。

Publicado em 2001, a grafia das palavras do *Dicionário Português – Chinês* não segue o actual Acordo Ortográfico 2009 em vigor. A palavra chinesa “巴西(Brasil)” é utilizada entre parênteses (【 】), a fim de marcar o uso do Português do Brasil, seja para a grafia do verbete (junto com uma seta →), seja para a sua acepção. No entanto, usos específicos de outros países em que se fala também a Língua Portuguesa não são assinalados.

**outonear** *v.i.* 【巴西】在海滨度过秋天。

**ozênico** *adj.* 【巴西】 → ozénico。

**rapaz** *s.m.* ① 男孩。② 青年, 小伙子。③ 年轻人。④ 顽童。⑤ 【巴西】黑人青年。

⑥ 【巴西】仆役: ~ para todos os serviços跑腿的杂役。Toma em rapaz bom caminho, segui-lo-ás em velhinho. 年轻走正路, 就能走到老。

Embora não seja um dicionário para fins específicos, o *Dicionário Português – Chinês* recolheu uma quantidade considerável de termos técnicos de diversas áreas. A selecção de palavras contempla diferentes campos especializados de conhecimento como religião, matemática, retórica, astronomia, medicina, biologia, geografia, química, etc. O domínio de cada termo é marcado pela sua abreviatura em Chinês apresentada entre parênteses “【 】” na definição, e as eventuais explicações mais pormenorizadas são disponibilizadas entre parênteses rectos. Em botânica, em alguns casos, o nome da espécie em Latim também é referido, especialmente quando este não possui nenhuma designação na Língua Chinesa. É de

mencionar que a selecção da nomenclatura do *Dicionário Português – Chinês* não abrange termos de recentes evoluções tecnológicas, nomeadamente no que respeita à área de informática, pelo que palavras como “*e-mail*”, “*hiperligação*”, “*inicializar*” e “*interface*” que constam no *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* não estão incluídos, embora outras como “*giga*”, “*navegador*”, “*rede*”, “*vírus*” estejam presentes, no seu sentido básico e original.

**saduceísmo** *s. m.* 【宗】撒都该派教义 [犹太教的一个教派, 否认灵魂不死和肉体可以再生]<sup>286</sup>.

**hipérbole** *s. f.* ① 【修辞】夸张法。② 【数】双曲线: ~ equilátera 等轴双曲线;

直角双曲线。hipérbolés conjugadas 共轭双曲线。

**aguarapondá** *s. f.* 【巴西, 植】一种植物 [学名为 *Stachytarpha dichotoma*]<sup>287</sup>.

**giga** *s. f.* ① 大木盆。② 大扁筐, 大扁篮。

No *Dicionário Português – Chinês*, em alguns casos, é também possível obter informação sobre a origem da palavra na definição. Apesar de não haver nenhum indicador específico que remeta para a etimologia, a informação é transmitida pela sequência e pelo conteúdo das suas diversas acepções, algumas precedidas do sinal【转】, que indica sentido alargado ou figurado.

**mefistofélico** *adj.* ① 梅菲斯托费尔 (Mefistófeles, 歌德的《浮士德》中的魔鬼<sup>288</sup>) 的, 魔鬼般的: riso ~ 魔鬼般的笑声。② 阴险狡猾的, 歹毒的: ter um ar ~ 模样阴险狡猾。

**mecenas** (è) *s. m. 2 núm.* ① M 麦塞纳斯[

古罗马奥古斯都大帝的朋友, 曾利用这种关系保护过许多文学艺术家]<sup>289</sup>。② 【转】文学或学者的保护人。

No que respeita aos empréstimos, tanto os aportuguesamentos como os decalques não têm tratamento gráfico distinto para serem diferenciados das outras palavras portuguesas do verbete. A origem de todos os empréstimos é indicada entre parênteses curvos na definição, com a abreviatura em Português apresentada em itálico. São referidas as palavras na sua língua de origem para a maioria dos empréstimos aportuguesados. E há indicação de pronúncia para os não nativizados. Os empréstimos lexicais recentes não estão incluídos, como: “*gay*”, “*byte*”, ou “*internet*”.

**andebol** (*ingl.* handball) *s. m.* 【体】手球。

**meeting** (mítigue) (*ingl.*) *s. m.* 群众集会, 群众大会: um ~ ao ar livre 露天群众大会。

Uma quantidade razoável de expressões coloquiais e de calão em Português também estão presentes no *Dicionário Português – Chinês*. Quanto a níveis de linguagem, estes podem ser marcados por 【口】, 【俗】 e 【俚】, indicando respectivamente “*coloquial*”, “*gíria*” e “*popular*”. Também há outros sinais em Chinês para indicar que a palavra do verbete é pejorativa, cordial, retórica, poética, etc., embora aplicados a apenas uma pequena parte do vocabulário. Termos de calão grosseiros ou muito obscenos em geral não estão incluídos, como “*caralho*”, “*conã*”, etc. E uma quantidade muito limitada de palavras tabu e/ou insultuosas podem ser registadas quando consistem numa das acepções de um termo, como por exemplo, “*bicha*” para significar homossexual; mas “*veado*” com apenas os significados de animal e de uma espécie de mandioca no Brasil.

<sup>286</sup> Nas citações deste dicionário, traduzo para Português as definições ou informações adicionais que se encontram entre parênteses rectos. «Uma seita judaica que nega a imortalidade da alma e a reencarnação do corpo»

<sup>287</sup> «Nome científico: *Stachytarpha dichotoma*»

<sup>288</sup> «O demónio do *Fausto* de Goethe»

<sup>289</sup> «Amigo do Imperador Augusto, que aproveitou essa relação para proteger muitos literatos e artistas»

Tendo em consideração a grande diferença entre as línguas de partida e de chegada, as definições expressas em Chinês são, de uma forma geral, traduções parafrásticas, embora os sinónimos também sejam utilizados na explicação. O Chinês adoptado nas definições é conciso e objectivo. As traduções fonéticas são acompanhadas por notas de explicação. As palavras chinesas utilizadas nas definições geralmente correspondem à classe gramatical do verbete. A regência verbal é assinalada, na sua maioria com exemplos traduzidos para Chinês.

O *Dicionário Português – Chinês* é uma obra volumosa, de capa dura, com mais de mil páginas. Não pode ser considerado um dicionário portátil, mas apresenta outras qualidades relevantes, como o rigor no conteúdo, a facilidade de manuseio, a rápida localização da informação, assim como a simplicidade e concisão de linguagem. O tamanho e o tipo da fonte do dicionário são agradáveis à leitura e o espaço entre as letras e as linhas é satisfatório. Não há emprego de fonte de cor nem existem ilustrações. Tendo em consideração a enorme quantidade de informação contida no dicionário, a extensão e o formato, o *Dicionário Português – Chinês* é recomendável para públicos especializados, como professores, tradutores e alunos de língua. É de mencionar que devido à exigência de um excelente conhecimento da Língua Chinesa aos seus utentes para compreender as definições, o dicionário não se mostra muito adequado para falantes de Português, na aprendizagem da Língua Chinesa como língua estrangeira.

## 2. Dicionário Conciso Chinês – Português

O *Dicionário Conciso Chinês – Português* publicado em 1997 é o resultado de um projecto concebido e iniciado pela Universidade de Estudos Internacionais de Xangai, tendo em vista elaborar um conjunto de dicionários bilingues, entre Chinês e as outras 11 línguas conhecidas do mundo, como Inglês, Japonês, Russo, Espanhol, Árabe, Francês e Português.

A mesma nomenclatura da Língua Chinesa foi escolhida para todos os dicionários do projecto a partir do *现代汉语词典 Dicionário Moderno da Língua Chinesa* publicado pela The Commercial Press em 1983. As definições foram traduzidas para as línguas de chegada, com alterações introduzidas de acordo com as características de cada língua. A finalidade prática do dicionário constata-se na selecção de mais de 5600 caracteres de uso frequente. Estes caracteres são os principais morfemas de constituição de palavras presentes em cerca de 20 mil vocábulos, que são registados em subentrada. De pequeno porte e de fácil manuseio, estes dicionários concisos de palavras chinesas mais utilizadas não só fornecem uma ajuda imediata a quem tencione saber a definição de um certo carácter ou de uma determinada palavra chinesa, como também se mostram muito úteis no estudo de línguas e nomeadamente na tradução de Chinês para as respectivas línguas de chegada.

Embora a escrita chinesa seja essencialmente pictográfica e ideográfica, composta por grafemas que não indicam a leitura, é possível organizá-los de acordo com a ordem alfabética, recorrendo ao sistema de transcrição fonética larga designado Pinyin, em que as 26 letras romanas são aproveitadas para registar graficamente a pronúncia dos caracteres em Mandarim, a língua comum e oficial de toda a China. Os caracteres recolhidos no *Dicionário Conciso Chinês – Português* são organizados dessa forma. Semelhante à consulta dos dicionários monolíngues de Português, a localização de um certo carácter pode ser facilmente realizada, recorrendo aos Pinyin/caracteres-guias encontrados no canto superior de cada página. São indicadores da primeira e da última pronúncia transcrita numa página específica e de todos os caracteres dessas pronúncias que se encontram nela (ver a imagem 3, *infra*).

Como foi referido acima, se se souber a leitura de um carácter e por conseguinte a sua transcrição em Pinyin, a respectiva entrada é localizável no corpo do dicionário. Mas, como os caracteres em si não fornecem nenhuma informação sobre a leitura, por vezes a consulta pode orientar-se pela escrita: isto porque nos dicionários com entradas em Chinês podemos recorrer aos cerca de duzentos radicais lexicográficos fixados, de acordo com os quais todos os caracteres são agrupados. O radical lexicográfico pode ser o primeiro traço de um carácter, como: “丶” de “主”; ou um dos seus componentes, por exemplo: “虫” de “蚊”. Todos os caracteres que contêm os mesmos radicais lexicográficos pertencem ao mesmo grupo e são organizados nele segundo o número de traços compositores, sem contar a parte do radical. Além do corpo do dicionário em que os caracteres-entradas são listados por ordem alfabética, nas primeiras páginas os dicionários com verbetes em Chinês ainda possuem duas listas interligadas: Lista da consulta dos radicais lexicográficos e Lista da consulta dos caracteres. A primeira lista contém todos os radicais lexicográficos organizados segundo o número crescente dos seus traços compositores; e a segunda inclui todos os caracteres que o dicionário recolhe, listados segundo os respectivos radicais lexicográficos. Uma vez reconhecido o radical lexicográfico de um determinado carácter, pode-se encontrar na Lista dos radicais lexicográficos que fornece uma referência do mesmo para a Lista da consulta dos caracteres. Com a referência, pode-se localizar o grupo dos caracteres deste radical e por conseguinte o carácter procurado, ao lado do qual está indicado o número da página onde está a sua entrada no corpo do dicionário.

### 部首检字表

#### 一、部首目录

1. 部首左边的数码表示部首的次序
2. 部首右边的数码指检字表的页码

一画	27	丨(在左)	14	55	丿	25	85	戈	32
1	丶	9	28	丨(在右)	14	56	夕	25	86
2	一	9	29	冂	15	57	夕	25	87
3	丨	9	30	刀(夕)	15	58	彡	25	88
4	ノ	9	31	力	15	59	亠(食)	26	89
5	乙(一 冫 乚)	10		见(见 冂)		60	ヨ(三 彡)	26	90
				三画		61	尸	26	91
				32	彳	15	62	己(巳)	26
				33	亠(小)	16	63	弓	26
6	㇇	10	34	㇇	17	64	屮	26	94
7	冫	10	35	冫(冫)	17	65	女	26	95
8	一	10	36	冫(冫)	17	66	幺	27	96
9	冫(冫)	10	37	冫(冫)	17	67	子(子)	27	97
10	二	11	38	冫(冫)	18	68	彡(彡)	27	98
11	十	11	39	工	18	69	马(馬)	28	99
12	厂	11	40	土	19	70	㇇	28	100
13	冫	12	41	士	19		四画		101
14	卜(卜)	12	42	士	19	71	㇇	28	102
15	冫	12	43	大	20	72	斗	28	103
16	冫	12	44	升		73	文	28	104
17	冫(冫)	12		(在下)	21	74	方	28	105
18	人(入)	12	45	尤	21	75	火	28	106
19	イ	13	46	寸	21	76	心	29	107
20	冫	14	47	冫	21	77	户	29	108
	夕(见刀)		48	冫	21	78	冫(冫)	29	109
21	儿	14	49	小(小)	23	79	王	30	110
22	儿(儿)	14	50	口	23	80	韦(韋)	30	111
23	厶	14	51	口	23	81	木	30	
24	又(又)	14	52	巾	25	82	犬	31	
25	乚	14	53	山	25	83	歹	31	
26	冫(冫)	14	54	彳	25	84	车(車)	32	

Imagem 1

Lista de consulta de radicais lexicográficos

#### 二、检字表

1. 字右边的数码指词典正文的页码
2. 带圈括弧的字是繁体字或异体字

1	与	790	东	139	寒	807	北	27
1	、部	792	丝	596	(雨)	385	凸	637
	才	60	五画	夹	278	(雨)	旧	324
	义	764	丰	171	八画	甲	280	
	丫	732	天	621	泰	873	申	557
	丸	550	夫	175	(丢)	139	韭	323
	之	834	开	336	亚	734	甚	560
	为	656	井	318	耳	197	(甚)	559
	头	660	无	669	再	805	巷	228
	主	634	专	856	更	379	巷	695
	半	852	廿	456	百	13	束	286
	州	849	五	672	而	154	歪	646
	农	460	(冫)	803	(互)	197	面	430
	良	384	不	53	丞	84	星	851
	举	326	卅	541	六画		九画以上	
	叛	469	丑	90	来	364	艳	741
	(為)	656	屯	643	产	737	哥	193
		660	互	244	(冫)	606	舜	450
			牙	733	巫	668	(冫)	807
			四画		丽	379	棘	270
			一部		更	197	(冫)	582
			一	754	平	484	(冫)	155
			一至二画		未	660	(冫)	779
			七	492	未	439	露	153
			丁	137	击	266	(冫)	278
			三	542	正	829	整	830
			干	184	求	519	臻	825
				188	甘	185	(冫)	757
				787	世	575	囊	450
				682	且	510	三	
				550	可	345	冫部	
				819	(冫)	68	一至三画	
				673	丙	46	乃	323
				651	册	68	九	447
							匕	33
							干	502
							丰	171
							中	844
							内	451
							久	323

Imagem 2

Lista de consulta de caracteres

- 悌** tì respeito aos irmãos mais velhos; dever <amor> fraterno
- 剃** tì rapar: ~胡子 fazer a barba; rapar a barba  
剃刀 tìdāo navalha de barba  
剃头 tìtóu cortar o cabelo
- 替** tì ①→替代 ②(为) por: 我们很~他高兴 Sentimo-nos muito contentes por ele.  
替代 tìdài substituir; fazer as vezes de; em lugar <vez> de  
替工 tìgōng ①(作动词) trabalhar como substituto ②(作名词) substituto de trabalho  
替换 tìhuàn substituir; trocar  
替身 tìshēn substituto; suplente: ~演员 duplo  
替罪羊 tìzuìyáng bode expiatório
- 惕** tì cautela; vigilância  
惕厉 tìlì manter vigilância
- 倜** tì  
倜傥 tìtǎng com desenvoltura: 风流~ elegante e desenvolto
- 屉(屨)** tì ①(蒸屨) forma (para cozer a vapor ou em banho-maria) ②→屨子 2  
屨子 tìzi ①(扁平的盛器) tabuleiro ②(床棚) estrado; (椅垫) almofada: 床~ estrado de cama ③(抽屨) gaveta
- 天** tiān ①(天空) céu ②(一昼夜; 白天) dia: 第二~ o dia seguinte ③(时间) tempo; hora: ~还早呢 Ainda é cedo. ④(季节) estação: 春~ Primavera ⑤(天气) tempo: ~晴 fazer bom tempo ⑥(天生的) natural; congénito: ~性 ins-
- tintos naturais; natureza ⑦(自然) Natureza: ~灾 calamidade de natural ⑧(天堂) paraíso  
天安门 Tiān'ānmén Tian An Men (Porta da Paz Celestial): ~广场 Praça Tian An Men  
天边 tiānbīān ①(极远的地方) lugar remoto; região longínqua: 远在~ estar muito longe; estar nos confins da terra ②(天际) horizonte  
天才 tiāncái génio; 有~ ter génio / 是艺术~ ser um génio das artes  
天车 tiānchē pórtico rolante  
天窗 tiānchuāng clarabóia  
天敌 tiāndí inimigo natural  
天地 tiāndì ①(天和地) céu e terra; mundo; universo ②(活动范围) campo; domínio; esfera: 科学研究的新~ novo campo para as investigações científicas  
天鹅 tiān'é cisne  
天鹅绒 tiān'éróng veludo  
天分 tiānfèn dotes; talento natural; dons naturais  
天府之国 tiān fǔ zhī guó terra de abundância  
天赋 tiānfù ①(天生的) inato; congénito ②(天资) dotes; dons naturais; talento  
天干 tiāngān os dez Troncos Celestes  
天沟 tiāngōu goteira; algeroz  
天国 tiānguó ①(基督教) Reino dos Céus; Céu; Paraíso Celeste ②(理想世界) mundo ideal; paraíso  
天花 tiānhuā varíola; bexigas  
天花板 tiānhuābǎn tecto; forro do tecto  
天花乱坠 tiān huā luàn zhūi co-

621

## Imagem 3 — Página 621 do corpo do dicionário

Exemplos de possibilidades de consulta:

1. Procura-se o verbete “天” segundo a sua leitura em Pinyin, que é “tiān”. A ordenação é a alfabética romana.

2. Procura-se o verbete “天” segundo a sua escrita. Na Lista da Consulta dos Radicais Lexicográficos, localiza-se o radical “一”, remetendo para uma página da Lista da Consulta dos Caracteres. Esta última lista remete para a página do corpo do dicionário em que ocorrem o carácter “天” e as palavras iniciadas por ele.

Nas primeiras 47 páginas do *Dicionário Conciso Chinês – Português*, além de um prefácio e um preâmbulo dos autores, redigidos em ambas as línguas, pode-se encontrar uma explicação do uso do dicionário em Chinês, as listas de consulta dos radicais lexicográficos e dos caracteres acima referidos, assim como uma lista de todos os caracteres organizados alfabeticamente segundo a sua leitura em Pinyin. O corpo do dicionário totaliza cerca de 881 páginas, seguido de dois apêndices: Lista dos caracteres simplificados e Unidades de pesos e medidas.

Os verbetes do *Dicionário Conciso Chinês – Português* optam pelos caracteres simplificados, que entraram progressivamente em vigor na China Continental principalmente a partir da década 50 do século XX. Contudo, para as eventuais necessidades de consulta, no verbete as formas tradicionais dos caracteres simplificados assim como algumas outras possibilidades gráficas também são indicados entre parênteses. Os vocábulos mais usados que contêm o carácter do verbete como primeiro morfema surgem em subentrada. Apenas a pronúncia dos caracteres das entradas e subentradas é indicada em Pinyin. Nos casos de caracteres polífonos cuja pronúncia varia segundo o significado ou a classe gramatical, assinala-se com “另见 (ver outro)”, que remete para as outras entradas independentemente elaboradas. No caso de homonímia, estabelecem-se duas entradas ou subentradas, acompanhadas de indicador numeral no seu canto superior direito. As diversas acepções de um verbete são numeradas. As traduções fonéticas são marcadas em itálico. E as eventuais explicações ou acrescentos sobre o significado ou a aplicação gramatical podem ser encontrados entre parênteses curvos. Nos parênteses angulares estão as alternativas que permitem substituir a palavra, a locução ou a frase que a precede. Há exemplos introduzidos por dois pontos, com a tradução para Português, em que o carácter-entrada ou a palavra-subentrada contextualizada é substituída pelo “~”. A remissiva “→” relaciona termos do mesmo campo semântico – os sinónimos.

### 哈 hā 另见 hǎ

① → 哈气 ② (象声词)<sup>290</sup> gargalhada: ~~大笑 gargalhar; soltar gargalhadas; rir às gargalhadas

③(叹词)<sup>291</sup> ah-ah: ~~我猜着了 Ah-ah, acertei.

哈哈镜 hāhājìng espelho anamórfico

哈喇 hāla raçoso; ter ranço

哈气 hāqì bafejar

哈欠 hāqiàn bocejo: 打~ bocejar; abrir a boca

哈腰 hāyāo curvar-se; inclinar-se

### 哈 hǎ 另见 hā

哈巴狗 hābagǒu ① (一种狗)<sup>292</sup> pequinês (raça de cães) ② (奴才)<sup>293</sup> laçao obediente; cão; cadela (指女的)<sup>294</sup>

哈达 hǎdá *hada* (faixa de seda em sinal de respeito ou cumprimentos entre os tibetanos)

咸<sup>1</sup> xián (全, 都)<sup>295</sup> todos: 老少~宜 ser conveniente tanto para velhos como para jovens

<sup>290</sup> Nas citações deste dicionário, traduzo para Português as definições ou informações adicionais que se encontram entre parênteses curvos. «Onomatopeia»

<sup>291</sup> «Interjeição»

<sup>292</sup> «Uma raça de cão»

<sup>293</sup> «Homem desprezível»

<sup>294</sup> «Para mulheres»

<sup>295</sup> «Todos, ambos»

咸<sup>2</sup> (鹹) xián (咸味)<sup>296</sup> salgado: ~ 鱼 peixe salgado

...

南 nán sul: ~ 下 ir ao sul; descer para o sul

...

南极 nánjí pólo sul < austral; antártico>: ~ 圈 círculo polar antártico

No que respeita à selecção da nomenclatura do dicionário, um dos autores do dicionário descreve-a como não exaustiva, mas que reflecte a sociedade, a cultura e a época (WANG, 1997: 86). O matiz político foi atenuado na selecção das entradas, e termos ligados à cultura chinesa foram acrescentados, pelo que palavras como “布尔什维克(bolchevique)” foram excluídas da lista inicial e “孟子(Mêncio)” incluída (ibidem: 87-88). Além disso, o dicionário ainda recolheu alguns regionalismos, sobretudo os provenientes do Cantonês falado em Macau, onde essa variante linguística é mais conhecida pelos portugueses do local do que o Mandarim e o Português é mais divulgado entre os habitantes chineses, falantes de Cantonês no dia-a-dia. Com fins práticos, como ser utilizado em viagens, os autores fizeram questão de ainda incluir no dicionário vários topónimos importantes como “天安门(Porta da Paz Celestial)” e “天安门广场 (Praça Tian An Men)” (ibidem: 89). Apesar de ser um dicionário conciso, uma determinada quantidade de terminologias de áreas específicas mais ligadas à vida diária como “阿司匹林 (aspirina)”, “瓦特(watt)” e “尼龙( nylon)”, entre outras, também estão presentes. Segundo as estatísticas fornecidas pela autora, as terminologias representam quase 20% de todas as entradas e subentradas (ibidem: 98).

Como também acontece com os dicionários bilingues entre Chinês e outras línguas ocidentais, as diferenças linguísticas existentes muitas vezes não permitem que uma equivalência absoluta entre a língua de partida e a língua de chegada seja estabelecida. Por isso, as definições em Português no *Dicionários Conciso Chinês – Português* são, na sua maioria, analíticas. Descrevem valores da parte nuclear de um conceito e por vezes ignoram os “periféricos”, que possam apresentar pequenos desvios (ibidem: 104). Nas acepções, também se recorrem aos sinónimos em Português, separados entre si pelo ponto e vírgula. Por vezes, termos usuais do Português do Brasil e de outras regiões também são usados na definição. É de mencionar que nem todas as palavras chinesas recolhidas no dicionário têm a sua classificação assinalada. Mas em alguns casos, a informação, sobretudo a função sintáctica da palavra pode ser deduzida através da explicação ou dos exemplos na definição. Tendo em consideração que uma palavra chinesa, pode ter várias equivalências em Português, os exemplos, segundo a opinião da autora, são frequentemente utilizados para completar a definição conceptual ou o significado do carácter-entrada ou da palavra-subentrada, podendo também revelar pequenas divergências entre as suas definições conceptual e contextual (ibidem: 111).

永 yǒng sempre; eternamente; perpetuamente: ~ 无止境 interminável; inacabável; infinito

...

火 huǒ ...

...

火车 huǒchē comboio; (巴西)<sup>297</sup> trem: ~ 站 estação ferroviária

<sup>296</sup> «Sabor salgado»

<sup>297</sup> «Brasil»

...

## 清 qīng ...

...

清楚 qīngchū ① (容易辨认)<sup>298</sup> claro; distinto: 字迹~ letras legíveis, escrita legível ② (不糊涂)<sup>299</sup>lúcido: 头脑~ ter cabeça lúcida ③ (了解)<sup>300</sup> conhecer; saber: 你~不~, 这是怎么回事? Sabes o que aconteceu?

...

A Língua Chinesa é abundante em expressões idiomáticas, que são incompreensíveis se forem apenas traduzidas à letra para a Língua Portuguesa, nomeadamente as chamadas “成语” formadas principalmente com quatro caracteres, dotados de alguma moral ou filosofia, originárias de fábulas ou de determinados acontecimentos históricos. Na definição, tais casos normalmente possuem duas explicações na língua de chegada, uma tradução literal, e a outra, introduzida pelo travessão, com uma expressão idiomática portuguesa equivalente. Quando os autores não encontram uma expressão adequada, optam por uma explicação parafrástica.

## 亡 (亾) wáng...

...

亡羊补牢 wáng yáng bǔ lào perdida a ovelha, repara-se o curral - mais vale tarde do que nunca; casa roubada, trancas à porta

## 守 shǒu...

...

守株待兔 shǒu zhū dài tù permanecer ao lado duma árvore esperando mais lebres a chocar contra o tronco - aguardar algo que caia do céu

Sendo uma língua isolante, o Chinês também recorre a “Palavras Vazias” para exercer funções gramaticais na frase. Uma considerável parte de palavras vazias chinesas não tem equivalência em Português, pelo que a noção é explicada logo depois da entrada entre parênteses curvos, seguida de exemplos que melhor esclareçam o seu uso.

了 le (para denotar uma acção terminada ou uma mudança da situação): 水位低~ 一米 O nível de água baixou um metro. / 下雨~ Está a chover. <Começou a chover.>

O *Dicionário Conciso Chinês – Português* é um volume portátil e foi elaborado com objectivos práticos, principalmente a pensar nas necessidades de utilizadores falantes de Chinês, e também pode constituir um recurso útil na aprendizagem de Chinês pelos conhecedores de Português.

---

<sup>298</sup> «Fácil de reconhecer»

<sup>299</sup> «Não estar confuso»

<sup>300</sup> «Ter conhecimentos de»

## *Cronologia de dicionários bilingues*

A – alemão; C – chinês; E – espanhol; F – francês; H – neerlandês;  
I – inglês; It – italiano; J – japonês; P – plurilingue.

- 1588 C — Ricci, Matteo e Ruggieri, Michele. *Dicionário português-chinês*. Mss.
- 1595 J — *Dictionarium Latino Lusitanicum ac Iaponicum ex Ambrosii Calepini volumine depromptum*. Amacusa, in collegio Iaponico Societatis Iesu.
- 1598 P — Berlaimont, Noel de, *Colloquia et Dictionariolum octo Linguarum, Latinae, Gallicae, Belgicae, Teutonicae, Italicae, Anglicae, et Portugallicae*. Delphis, ex officina Brunonis Schinkelij.
- 1603 J — *Vocabulario da lingua de Iapam com a declaração em Portugues, feito por alguns padres e irmãos da Companhia de Iesu*. Nagasaki, Tipografia do Colégio.
- 1605 P — V. 1598 Berlaimont, Noel de. Delft.
- 1613 P — V. 1598 Berlaimont, Noel de. Amsterdam, Delft, Haia, Vlissingen.
- 1617 P — Minsheu, John, *Ductor in linguas ... in omnibus his vndecim linguis...: 1. Anglica. 2. Cambro-Britanica. 3. Belgica. 4. Germanica. 5. Gallica. 6. Italica. 7. Hispanica. 8. Lusitanica seu Portugallica. 9. Latina. 10. Graeca. 11. Hebraea, &c.* London, William Stansby and Eliot's Court Press.
- 1621 E — Roboredo, Amaro, *Raizes da lingua latina mostradas em hum tratado, e dicionario*. Lisboa, Pedro Craesbeeck.
- 1622 P — V. 1598 Berlaimont, Noel de. Amsterdam
- 1623 E — Roboredo, Amaro, *Porta de Linguas ou modo muito accomodado para as entender publicado primeiro com a tradução Espanhola. Agora acrescentada a Portuguesa*. Lisboa, Pedro Crasbeeck.
- 1623 P — V. 1598 Berlaimont, Noel de. *Colloquia et Dictionariolum octo Linguarum*. Amsterdam e s.l.
- 1627 P — V. 1598 Berlaimont, Noel de. Veneza.
- 1630 P — V. 1598 Berlaimont, Noel de. Antuérpia, Amsterdam.
- 1631 P — V. 1598 Berlaimont, Noel de. Middellburg e Amsterdam.
- 1634 E — Pereira, Bento, *Prosodia in vocabularium trilingue, latinum, lusitanicum et hispanicum digesta*. Eborá, Manuel Carvalho.
- 1639 P — V. 1598 Berlaimont, Noel de. Londres.
- 1643 E — V. 1634 Pereira, Bento. Lisboa.
- 1646 P — V. 1598 Berlaimont, Noel de. Veneza.
- 1656 P — V. 1598 Berlaimont, Noel de. Veneza.
- 1656 E — V. 1634 Pereira, Bento. Lisboa.
- 1662 P — V. 1598 Berlaimont, Noel de. Antuérpia.
- 1669 E — V. 1634 Pereira, Bento. Lisboa.
- 1674 E — V. 1634 Pereira, Bento. Lisboa.
- 1679 F — Costa, João da, *Arte da lingua francesa para facilmente, e brevemente aprender a leer, escrever, & fallar essa Lingoa*. Lisboa, Miguel Deslandes.
- 1692 P — V. 1598 Berlaimont, Noel de. Bolonha
- 1701 I — J. (Justice ?), A.(Alexander ?), *A Compleat Account of the Portugueze Language*. London, R. Janeway.

- 1705 I — *Grammatica Anglo-Lusitanica*. Lisboa, Miguel Manescal.
- 1710 F — Lima, Luís Caetano de, *Grammatica franceza, ou arte para aprender o francez por meio da lingua portugueza*. Lisboa, Offi. Real Deslandense.
- 1712 F — V. 1710 Lima, Luís Caetano de, *Grammaire française et portugaise avec des remarques très nécessaires*. La Haye, Adrian Mactjens.
- 1714 N — Alewyn, Abraham / Collé, Joannes, *Tesouro dos Vocábulos das duas Línguas Portuguêsa, e Bégica*. Amsterdam, Pieter Vandevanden Berge.
- 1721 E — Bluteau, Rafael, *Diccionario Castellano, y Portuguez*. Lisboa, Pascoal da Sylva, 1721 (reed. 1841)
- 1733 F — Lima, Luís Caetano de, *Grammatica franceza ou arte de aprender o francez por meyo da lingua portugueza*. Lisboa Occidental, Officina da Congregação do Oratório.
- 1742 N — Folqman, Carlos, *Grammatica hollandeza, ou Methodo compendioso para aprender a bem fallar, e escrever a lingua Hollandeza*. Lisboa, Offic. dos Herd. de Antonio Pedroso Galram. 2ª ed. ... *composta pelo mestre F. P. B.* ... Amsterdam, J. Kok, 1765; 3ª ed. Lisboa, Imp. Regia, 1804.
- 1756 F — V. 1710 Lima, Luís Caetano de, *Grammatica franceza, ou arte para aprender o francez por meio da lingua portuguesa*. Lisboa, Off. de Joseph da Costa.
- 1758 F — Marques, José, *Nouveau Dictionnaire des Langues François, et Portugaise*. Lisboa, José da Costa Coimbra.
- 1764 F — Marques, José, *Novo Dicionario das línguas Portuguesea, e Franceza, com os termos latinos*. Lisboa, Oficina Patriarcal de Francisco Luis Ameno.
- 1764 P — Silva, Bartolomeu Álvares da, *Collecção de palavras familiares portuguezas, francezas, latinas e britanicas*. Coimbra, na Real Officina da Universidade.
- 1765 N — V. 1742 Folqman, Carlos. Amsterdam, J. Kok, 2ª ed.
- 1769 F — [Ivo, Miguel Tibério Pédegache Brandão], *Dictionnaire François, et Portugais*. Lisbonne, Michel Manescal da Costa.
- 1772 F — V. 1769 [Ivo, Miguel Tibério Pédegache Brandão] *Dictionnaire François & Portugais plus complet que tous ceux qui ont paru jusqu' a present pour l'Instruction de la Jeunesse Portugaise*. Barcelone: Jacques Perez.
- 1773 I — Vieira Transtagano, Antonio. *A dictionary of the portuguese and english languages*. Londres, J. Nourse.
- 1773 It — Sá, Joaquim José da Costa e, *Dicionário italiano e português*. Lisboa, Régia Oficina Tipográfica.
- 1775 F — V. 1758 Marques, José - Troisième Edition, Revüe, Corrigée, & Augmentée d'un supplément. Lisboa, Imprimerie Royale.
- 1776 F — V. 1764 Marques, José - 3ª edição. Lisboa, Régia Oficina Tipográfica.
- 1777 F — V. 1769 [Ivo, Miguel Tibério Pédegache Brandão] *Novo Dicionario Francez-Portuguez*. Lisboa, Régia Oficina Tipográfica. 3ª ed. revista.
- 1778 A — Junk, Johann Andreas von, *Portugiesische Grammatik*. Frankfurt, Carl Gottlieb Strauss.
- 1778 F — V. 1769 Ivo, Miguel Tibério Pédegache Brandão. Régia Oficina Tipográfica.
- 1779 F — Teixeira, Vicente de Bastos. *Dictionnaire moderne françois expliqué en portugais*. Tome premier, Lisbonne, Imp. Louisiane.
- 1780 N — *Nieuwe Woordenschat uyt het Nederduitsch in het gemeene Maleidsch en Portugeesch*. Batavia, bij Lodewijk Dominicus, Stads-Drukker op de Tijgersgragt, aan de Westzijde.
- 1782 I — V. 1773 Vieira Transtagano, Antonio, 2ª ed. Londres, J. Nourse.
- 1784 F — Sá, Joaquim José da Costa e, *Nouveau Dictionnaire François-Portugais*. Lisboa, Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1º vol. 1784, 2º vol. 1786.
- 1785 A — Meldola, Abraham, *Nova Grammatica Portuguesea* dividida em VI Partes a saber: 1 Ortographia. 2 Etymologia. 3 Syntaxe. 4 Prosodia com Supplemento. 5 Lavoros da Lingoa. 6 Miscellanea. Hamburgo, na Officina de M. C. Bock, a custas do Author.
- 1786 F — V.1769 [Ivo, Miguel Tibério Pédegache Brandão]. Lisboa, Of. de Filipe da Silva e Azevedo. [revista por Manuel Joaquim Henriques de Paiva, cf. Inocêncio Silva, t. 6, p. 17]

- 1787 P — Hervas, Lorenzo, *Vocabolario Poligloto con prolegomeni sopra più di CL lingue*. Cesena, per Gregorio Biasini.
- 1787 F — Sá, Joaquim José da Costa e, *Instrução Christã de um menino nobre, ou cartilha em francez e portuguez*, para educação e ensino dos filhos do Conde de Óbidos. Lisboa, Simão Tadeu Ferreira.
- 1788 F — Sá, Joaquim José da Costa e, *Diccionario das linguas portugueza e franceza, com os termos latinos correspondentes*. Lisboa, Régia Oficina Tipográfica.
- 1788 F — Sarmento, Pedro de Mariz de Souza. *Elementos de construção e dicionário francês e português de todas as peças de que se formam os navios*. Lisboa, Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno.
- 1789 F — Sarmento, Pedro de Mariz de Souza. *Preceitos de construção de navios e da sua mastriação e nomenclatura portuguesa dos termos técnicos da mastriação e dicionario deles em francês e português*. Lisboa, Oficina de Antonio Rodrigues Galhardo.
- 1793 F — Roding, Johann Hinrich, *Allgemeines Wörterbuch der Marine: in allen europäischen Seesprachen nebst vollständigen Erklärung*.
- 1794 F — V. 1788 Sá, Joaquim José da Costa e, *Diccionario Portuguez-Francez-e-Latino novamente compilado*. Lisboa, Oficina de Simão Tadeu Ferreira.
- 1794 I — V. 1773 Vieira Transtagano, Antonio. Londres: F. Wingrave.
- 1796 F — V. 1769 [Ivo, Miguel Tibério Pédegache Brandão] 6ª ed., Lisboa, Na Oficina de Simão Tadeu Ferreira.
- 1797 P — Nemnich, Philipp Andreas, *Neues waaren lexicon (vocab. Commercial en 12 langues: angl., all., holl., danois, suédois, fr., ital., esp., port., russe, polonais, lat.)*. Hambourg,
- 1799 P — V. 1797 Nemnich, Philipp Andrew, *An universal European dictionary of merchandise: in the English, German, Dutch, Danish, Swedish, French, Italian, Spanish, Portuguese, Russian, Polish & Latin languages*. London, J. Johnson, J. Remnant, & W. Remnant in Hamburgh.
- 1799 F — Neuman, Henry, *A marine pocket-dictionary of the Italian, Spanish, Portuguese, and German languages, with an English-French, and French-English index*. London, 1799.
- 1801 P — V. 1797 Nemnich, Andreas, *Lexicon nosologicum polyglotton omnium morborum symptomatum vitiorumque naturae et affectionum propria nomina decem diversis linguis explicata continens*. Hamburg, Conrad Müller.
- 1802 F — Boulard, Antoine Marie Henri, *Traduction interlinéaire des six langues allemande, suédoise, danoise, anglaise, portugaise et hébraïque*. Paris, Fuchs.
- 1803 F — V. 1769 [Ivo, Miguel Tibério Pédegache Brandão] *Novo Diccionario Francez-Portuguez* [7ª ed.]. Lisboa, Officina de Simão Thaddeo Ferreira.
- 1803 P — V. 1797 Nemnich, Philipp Andreas, *Comtoir Lexicon in neun Sprachen [Englisches, Französisches, Spanisches, Portugisisches, Italienisches, Holländisches, Dänisches, Schwedisches; Deutsches Lexicon in Acht Sprachen übersetzt]* Hamburgo.
- 1804 F — *Diccionario e instruções necessarias para lér e traduzir francez*. Coimbra, Real Imprensa da Universidade.
- 1804 N — V. 1742 Folqman, Carlos. Lisboa, Imp. Regia, 3ª ed.
- 1805 I — V. 1773 Vieira Transtagano, Antonio. Londres, Luke Hansard.
- 1805 P — Jonchère, Charles Chrétien de La, *Dictionnaire abrégé et portatif des langues française, latine, italienne, espagnole et portugaise*. Paris.
- 1807 P — V. 1805 Jonchère, Charles Chrétien de La. Paris, D. Colas. 2ª ed.
- 1808 F — V. 1788 Sá, Joaquim José da Costa e, *Diccionario Abreviado das linguas portugueza, e franceza, ou compendio do grande diccionario portuguez, francez, e latino*. Lisboa, Typografia Rollandiana.
- 1808 I — *Nova grammatica portugueza ingleza*. Londres, Wingrave.
- 1810 F — Théis, Alexandre de, *Glossaire de botanique ou dictionnaire étymologique de tous les noms et termes relatifs à cette science*. Paris, G. Dufour et Cie.
- 1810 P — Genlis, Stéphanie Félicité, *Manuel du voyageur, en six langues: anglaise, allemande, francaise, italienne, espagnole et portugaise*, Nouv. ed. augm. de plusieurs dialogues et de la traduction en espagnol et en portugais. Paris, Charles Barrois.

- 1811 A — Wagener, João Daniel. Novo dicionário Português-alemão e alemão português. Lipsia, Engelhardo Benjamin Schwickert.
- 1811 F — Sá, Joaquim José da Costa e Cunha, Pedro Nolasco da, *Dictionnaire François-Portugais*. Lisboa, Simão Tadeu Ferreira.
- 1811 F — [Constâncio, Francisco Solano], *Nouveau dictionnaire de poche français-portugais*. Bordeaux, P. Beaume [com a colaboração de um dos mais “distintos socios da Academia Real de Lisboa”, provavelmente o abade Correia da Serra]
- 1811 A — Wagener, João Daniel, *Novo dicionário Português-alemão e alemão português*. Lipsia, Engelhardo Benjamin Schwickert.
- 1812 A — Wagener, João Daniel, *Neues Portugiesisch-Deutsches und Deutsch-Portugiesisches Lexikon*. Leipzig, Schmickertschen.
- 1812 F — [Constâncio, Francisco Solano] *Novo Dictionario portatil Portuguez e Francez... Por huma Sociedade de Literatos*. Bordeaux, P. Beaume [com a colaboração de um dos mais “distintos socios da Academia Real de Lisboa”, provavelmente o abade Correia da Serra]
- 1812 F — [Barros, Domingo Borges de], *Diccionario portatil portuguez-francez e francez-portuguez*. Paris, Imprimerie de Crapelet.
- 1813 I — V. 1773 Vieira Transtagano, Antonio. Paris, J. P. Aillaud.
- 1814 P — Blondin, *Grammaire polyglotte, française, latine, italienne, espagnole, portugaise et anglaise, par Blondin*. Paris.
- 1816 F — Saraiva, Francisco Justiniano (Fr. Francisco de S. Luís, Cardeal). *Glossario das palavras e frases da língua franceza, que por descuido, ignorância, ou necessidade se tem introduzido na locução portuguesa moderna* Lisboa, Typographia da Academia. Reed. 1827, 1835, 1836, 1847
- 1817 F — V. 1769 [Ivo, Miguel Tibério Pédegache Brandão]. Lisboa, Oficina de Simão Tadeu Ferreira (8ª ed.)
- 1817 F — Hamonière G., *Le Nouveau guide de la conversation en portugais et en français, en trois parties*. Paris, Théophile Barrois.
- 1817 P — Nemnich, Philipp Andreas, *The Portuguese dictionary of merchandise: in three parts, I. Portuguese, English and German, II. English and Portuguese, II. German and Portuguese*. Hamburgo, Conrad Muller.
- 1818 F — *Collecção de pedaços em prosa.... em francez e portuguez*. Paris, Th. Barrois fils.
- 1820 F — V. 1812 Constâncio, Francisco Solano. *Novo dicionário portátil das línguas portuguesa e francesa*. Paris, Rey et Gravier. 2ª edição.
- 1820 F — Hamonière, G., *Grammaire portugaise divisée en quatre parties*. Paris, Théophile Barrois.
- 1820 F — Hamonière, G., *Grammatica franceza, dividida em quatro partes*. Rio de Janeiro, P.C. Dalbin.
- 1823 F — Depping, Georg Bernhard. *Vocabulaire Géographique de l'Espagne et du Portugal*. Paris.
- 1825 F — Hamonière, G., *Le guide de la conversation brésilienne et française*. Rio-Janeiro, Chez Pierre Plancher.
- 1826 I — V. 1773 Vieira Transtagano, Antonio, Canto, Jacinto Dias do *A New Pocket Dictionary of the Portuguese and English Languages... abridged from Vieyra's dictionary*. Londres, T.C. Hansard.
- 1827 F — V. 1816 Saraiva, Francisco Justiniano (Fr. Francisco de S. Luís, Cardeal), *Glossário das palavras e frases da língua Francesa*. Lisboa, Typographia da Academia R. das Sciencias. 2ª ed.
- 1827 F — V. 1817 Hamonière, G., *Le nouveau guide de la conversation, en portugais et en français*. Paris, Bobée et Hingray Baudry. 2ª ed.
- 1828 F — V. 1811 Constâncio, Francisco Solano, *Nouveau Dictionnaire portatif des langues française et portugaise*. Paris, P. Renouard. 3ª ed. (fr.pt)
- 1828 F — V. 1820 Hamonière G., *Gramática francesa dividida em quatro partes*. Lisboa, Typ. Rollandiana.

- 1829 F — V. 1820 Hamonière, G., *Grammaire portugaise, divisée en quatre parties*. Paris, Bobbée et Hingray.
- 1829 F — Grandpré, Louis Marie Joseph O' Hier de, *Repertoire polyglotte de la Marine à l'usage des Navigateurs et des Armateurs*. Paris, Malher.
- 1829 P — Monteverde, Emílio Aquiles, *Collecção de phrases e dialogos familiares uteis aos Portuguezes, Francezes e Inglezes ou Exercicios para Conversação Portuguesa, Franceza e Ingleza*, Lisboa, Impressão Regia. 1829., 2ª 1837, 3ª ?, 4ª 1850, 5ª Typ. de José Baptista Morando, 1857, 6ª 1862.
- 1829 P — Grandpré, Louis Marie Joseph O' Hier de, *Repertoire polyglotte de la Marine à l'usage des Navigateurs et des Armateurs*. Paris, Malher.
- 1830 F — V. 1811 Constâncio, Francisco Solano. Paris. (3ª Pt.-Fr.)
- 1831 F — V. 1811 Constâncio, Francisco Solano. Paris. (4ª ed. Fr.-Pt.)
- 1834 F — V. 1811 Constâncio, Francisco Solano. Paris. (4ª ed. Pt.-Fr.)
- 1835 F — V. 1827 S. Luís, Francisco de. Rio de Janeiro, Tip. de Silva & Irmão.
- 1836 F — Fonseca, José da, *Novo dicionário fancês-português*. Paris, J. P. Aillaud.
- 1836 F — V. 1811 Constâncio, Francisco Solano.
- 1836 I — Hamonière, G., *A Nova guia da conversação em o em inglez, e portuguez*. Lisboa.
- 1837 F — V. 1773 Vieira Transtagano, Antonio, *Novo dicionário portátil das línguas portuguesa e inglesa em duas partes ... resumido do dicionário de Vieira*. Nova edição revista e consideravelmente aumentada. Paris, J. P. Aillaud.
- 1837 P — Monteverde, Emílio Aquiles, *Collecção de Phrases e Dialogos Familiares uteis aos portuguezes, francezes e ingleses ou Exercicios para a Conversação Portuguesa, Franceza e Ingleza*. Segunda edição muito mais acrescentada. Lisboa, Imprensa Nacional.
- 1839 F — *Ecco Philologico de todo o phraseado lusitano-franco*. Por \*\*\* Portuense. Porto, Imprensa Constitucional.
- 1840 F — Costa, Manuel Eusébio da, *Locuções viciosas ou dicionário das palavras e frases impróprias da língua francesa*. Lisboa, Tip. do Correio.
- 1840 I — V. 1773 Vieira Transtagano, Antonio, *A dictionary of the portuguese and english languages* Nova edição, melhorada por A. J. da Cunha. Londres, Longman.
- 1840 I — Hamonière G., *Nova guia da conversação em italiano e portuguez*. Lisboa, Typ. Rollandiana.
- 1841 F — Roquete, José Inácio, *Nouveau dictionnaire portugais français*. Paris, J.-P. Aillaud Editor.
- 1842 F — V. 1811 Constâncio, Francisco Solano. Paris. (5ª ed. Fr.-Pt.)
- 1843 P — Smith, L. [et al.] *Guide to english, german, french, italian, spanish and portuguese conversation for the use of travellers and students*. Paris, Charles Hingray.
- 1844 A — Fonseca, Antonio Edmundo Wollheim da, *Dicionário portátil das línguas portuguesa e alemã*. Leipzig, Frederico Fleischer.
- 1845 F — V. 1841 Roquete, José Inácio.
- 1846 P — Moura, Caetano Lopes de, *Nouveau guide de conversations modernes, ou Dialogues usuels et familiers... en quatre langues: français, italien, espagnol, portugais...* par MM. Bellenger, Zirardini, Pardal et Moura. Paris, Baudry. Reimpr. 1849, 1851, 1853, 1855, 1857, 1861, 1864, 1867, 1875.
- 1848 P — Jal, Augustin, *Glossaire nautique: répertoire polyglotte de termes de marine anciens et modernes*. Paris, Firmin-Didot Frères.
- 1850 F — V. 1841 Roquete, José Inácio.
- 1850 P — Reehorst, Karel Pieter, *A polyglot marine dictionary: in ten languages english, dutch, german, danish, swedish, french, italian, spanish, portuguese & russian*. Londres, J.J. Griffin.
- 1850 F — Bobrik, Eduard, *Allgemeines nautisches Wörterbuch mit Sacherklärungen: Deutsch, Englisch, Französisch, Spanisch, Portugiesisch, Italienisch, Schwedisch, Dänisch, Holländisch*. Leipzig.
- 1850 I — V. 1773 Vieira Transtagano, Antonio - A New Edition. Lisboa, Rolland, 1850-1851.

- 1850 P — Bobrik, Eduard, *Allgemeines nautisches Wörterbuch mit Sacherklärungen: Deutsch, Englisch, Französisch, Spanisch, Portugiesisch, Italienisch, Schwedisch, Dänisch, Holländisch*, Leipzig, 752 p.
- 1851 I — *Dicionário Marítimo Português e Inglês, Inglês e Português*. Lisboa, Imp. de Francisco Xavier de Souza.
- 1853 I — [Roquete, José Inácio], *Guide to English-Portuguese conversation for the use of travellers and students; by Smith and Roquete*. Paris, Charles Hingray; London, Routledje.
- 1853 F — V. 1841 Roquete, José Inácio.
- 1853 It — Bordo, Antonio. *Dizionario portoghese-italiano e italiano-portoghese*. Rio de Janeiro, Tip. — Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro.
- 1853 It — Prefumo, Antonio. *Dicionário italiano e português*. Lisboa, Tip. de Antonio José da Rocha, 1853.
- 1855 F — V. 1841 Roquete, José Inácio. Paris, Va. P. J. Aillaud, Monlane e Cia.
- 1855 I — Duarte, Pedro Carolino, *O novo guia da conversação, em Portuguez e Inglez*. Por José da Fonseca e Pedro Carolino. Paris, V<sup>a</sup> J. -P Aillaud, Monlon.
- 1856 F — V. 1811 Constâncio, Francisco Solano. Paris. (7<sup>a</sup> ed. Fr.-Pt.)
- 1856 F — V. 1841 Roquete, José Inácio.
- 1857 P — Monteverde, Emílio Aquiles: *Collecção de Phrases e Dialogos Familiares Uteis aos Portuguezes, Francezes e Ingлезes*. 5<sup>a</sup> ed. Lisboa, Typ. de José Baptista Morando.
- 1858 A — Bosche, Eduard Theodor. *Novo dicionário portátil das línguas portuguesa e alemã*. Hamburgo, Roberto Kittler.
- 1858 A — Pereira, João Félix, *Dicionário alemão-português*. Lisboa.
- 1859 P — Duarte, Pedro Carolino, et alii, *Manuel de la conversation et du style épistolaire en six langues: français-anglais-allemand-italien-espagnol-portugais: guides polyglottes / par MM. Clifton, G. Vitali, Ebeling, Bustamante et Duarte*. Paris, Garnier frères.
- 1860 I — V. 1773 Vieira Transtagan, Antonio.
- 1861 E — V. 1721. Bluteau, Raphael. *Dicionario castelhano y portuguez*. Rio de Janeiro, Tip. de J.J. Barroso & Cia.
- 1861 E — Engelmann, Willem Herman. *Glossaire des mots espagnols et portugais derives de l'arabe*, Leyde, E. J. Brill.
- 1863 F — V. 1841 Roquete, José Inácio.
- 1864 E — Valdez, Manuel do Canto e Castro Mascarenhas. *Diccionario español-português*. Lisboa, Imp. Nacional, 1864-66.
- 1864 It — V. 1853 Bordo, Antonio.
- 1866 I — Lacerda, José Maria de Almeida e Araújo Coreia de, *Novo Diccionario Geral das línguas Inglesa e Portuguesa*. Lisboa, Imprensa Nacional.
- 1866 F — V. 1841 Roquete, José Inácio.
- 1867 F — V. 1811 Constâncio, Francisco Solano. Paris. (9<sup>a</sup> ed. Fr.-Pt.)
- 1867 F — Gueffier, Paulo. *Dicionário dos verbos irregulares da língua francesa*. Rio de Janeiro, J. Villeneuve e Cia., 1857. 3<sup>a</sup> ed.
- 1867 I — Esher, William R., *A vocabulary of the english and portuguese languages*. Rio de Janeiro, Tip. Perseverança.
- 1869 E — V. 1861 Engelmann, Willem Herman.
- 1869 E — Macedo, Carlos Barroso y, *Léxico Castellano-Português de las voces más usuales en la conversación familiar*. Lisboa, Tip. de F. X. de Souza & Filho.
- 1869 F — Tiberghien, Adolfo. *Vocabulário náutico, em português-francês e francês-português*. Rio de Janeiro, Dupont & Mendonça, Tip. do Diário do Rio de Janeiro.
- 1869 F — V. 1861 Dozy, Reinhart Pieter Anne; Engelmann, Willem Herman Engelmann, *Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe*. 2. éd. revue et très considérablement augmentée. Leiden, Brill.
- 1869 I — Moura, Caetano Lopes de, [Bellenger, W. A.], *New guide to modern conversations in English and Portuguese*. Paris, Baudry.
- 1870 E — Macedo, Carlos Barroso y, *Lexicon Portuguez-Castelhano das palavras mais usadas na conversação*. Lisboa, Typographia de F. X. de Souza & Filho.

- 1871 I — Lacerda, José Maria de Almeida e Araújo Corea de. *A new dictionary of the portuguese and english languages*. Lisboa, Imprensa Nacional.
- 1872 P — Tiberghien, Adolfo. *Dicionário de Marinha Português-Francês-Inglês e vice-versa*. Rio de Janeiro, E. Dupont.
- 1874 F — V. 1811 Constâncio, Francisco Solano. (14<sup>a</sup> ed. Fr.-Pt.)
- 1875 F — V. 1862 Fonseca, José da & Roquette, José Ignácio
- 1875 I — Valdez, João Fernandes, *Novissimo diccionario inglez-portuguez*. Rio de Janeiro-Paris, Livraria Garnier.
- 1875 I — Valdez, João Fernandes, *A Portuguese and English Pronouncing Dictionary*. Rio de Janeiro, Garnier.
- 1876 A — Bosche, Eduard Theodor. *Novo dicionário portátil das línguas portuguesa e alemã*. 2<sup>a</sup> ed. Hamburgo, Roberto Kittler.
- 1877 F — Silva, J. Norberto da. *Galicismos, palavras, e frases da lingua francesa, introduzidas por descuido, ignorância ou necessidade na lingua portuguesa*. Rio de Janeiro, B. L. Garnier.
- 1877 F — V. 1811 Constâncio, Francisco Solano. Garnier, Paris-Rio. (15<sup>a</sup> ed. Fr.-Pt.)
- 1879 E — V. 1875 Valdez, João Fernandes.
- 1879 E — Figaniere, Jorge César de, *Dicionário espanhol-português e português-espanhol*. Porto, Empresa Editora de Obras Clássicas e Ilustradas.
- 1879 F — Freire, Francisco de Castro, *Novo diccionario francez-portuguez com a pronuncia franceza figurada*. Paris, Va. J.-P. Aillaud, Guillard e C<sup>a</sup>.
- 1879 F — Santos, José Miguel dos, *Dicionário dos verbos irregulares e defectivos franceses*. Lisboa, Tip. da Biblioteca Nacional.
- 1880 F — Valdez, João Fernandes, *Novissimo diccionario francez-portuguez e portuguez-francez*. Rio de Janeiro, B.- L. Garnier; Paris, E. Belhatte et Cie.; Lisboa, Livraria Bertrand.
- 1880 P — Sellers, Charles John, *Guia da conversação em inglez, portuguez e francez*. Porto, João Evangelista da Cruz Coutinho.
- 1880 F — Pereira, João Felix, *Vocabulario usual das línguas portugueza e ingleza*. Lisboa, Typ. da Bibliotheca Universal.
- 1880 I — Bensabat, Jacob, *Novo Dicionario Inglez-Portuguez Composto sobre os dictionarios de Johnson, Webster, Grant, Richardson, etc.* Lisboa, Livraria e Typographia Editora de Mattos Moreira & C<sup>a</sup>.
- 1880 It — V. 1853 Bordo, António – Edição revista por Francesco Bourgoïn d’Orly. Rio de Janeiro, A. da Cruz Coutinho.
- 1880 P — Sellers, Charles John, *Guia da conversação em inglez, portuguez e francez*. Porto, João Evangelista da Cruz Coutinho.
- 1881 F — V. 1880 Valdez, João Fernandez, *Novissimo diccionario Francez-Portuguez e Portuguez-Francez...*
- 1881 F — V. 1818 Constâncio, Francisco Solano.
- 1881 F — V. 1879 Freire, Francisco de Castro
- 1882 E — V. 1875 Valdez, João Fernandes
- 1882 F — V. 1880 Valdez, João Fernandez.
- 1882 It — Gonsalez, Giustino, *Dizionario marittimo italo-portoghese*. Venezia, Stab. Tip. di Gio. Cecchini.
- 1882 F — V. 1841 Roquete, José Inácio.
- 1883 A — V. 1844 Fonseca, Ant. Edin. Wollheim da.
- 1884 I — V. 1875 Valdez, João Fernandes.
- 1885 E — V. 1877 Valdez, João Fernandes
- 1885 F — Fonseca, José da, Roquette, José Ignácio. *Novo dicionário francês-português*. Paris, Gaillard, Aillaud e Cia.
- 1885 I — *Dicionário inglês-português*. Lisboa, David Corazzi, 1885.
- 1887 F — V. 1879 Freire, Francisco de Castro.
- 1887 F — V. 1811 Constâncio, Francisco Solano. (17<sup>a</sup> ed. Fr.-Pt.)
- 1887 A — Michaëlis, Henriette, *Neues Wörterbuch der portugiesischen und deutschen Sprache. Erster Teil Portugiesisch-Deutsch, Leipzig. Zweiter Teil Deutsch-Portugiesisch*. Leipzig.

- 1887 F — Azevedo, Domingos, *Grande Dictionnaire Contemporaneo Francez-Portuguez*. Lisboa, Livraria de Antonio Maria Pereira.
- 1887 F — V.1880 Valdez, João Fernandes, *Nouveau dictionnaire français-portugais et portugais-français* Rio de Janeiro, B.-L. Garnier; Paris, Émile Mellier.
- 1888 F — Aguiar, Pedro Macedo de. *Dicionário de marinha nas línguas francesa e portuguesa*. Rio de Janeiro.
- 1888 I — *Dicionário português-inglês*. Lisboa, David Corazzi.
- 1888 I — Valdez, João Fernandes, *Novissimo Dictionnaire inglez-portuguez composto sobre os melhores dictionarios das duas linguas...* 4<sup>a</sup> ed.
- 1889 F — Azevedo, Domingos, *Grand Dictionnaire Contemporain Portugais-Français*. Lisbonne, Antonio Maria Pereira.
- 1889 P — Giustino Gonsalez, *Vocabolario marittimo in quattro lingue*. Napoli, Stab. Tip. A. Tocco e C.
- 1889 It — Raqueni, Raffaele Enrico; La Fayette, Levindo Castro de, *Nuovo Dizionario portoghese-italiano contenente tutti i vocaboli della lingua pratica colla pronuncia figurata delle parole portoghesi*. Paris-Lisboa, Guillard, Aillaud.
- 1892 I — La Fayette, Levindo Castro de. *Novo Dictionnaire inglez-portuguez e portuguez-inglez / New Dictionary of the Portuguese and English languages*. Paris, Irmãos Garnier.
- 1893 F — V. 1880 Valdez, João Fernandez, *Nouveau dictionnaire Français-Portugais et Portugais-Français...* 3e édition soigneusement revue par J.-J.-A. Burgain. Rio de Janeiro, Garnier.
- 1893 I — Michaëlis, Henriette. *A New Dictionary of the Portuguese and English Languages ... Based on a manuscript of Julius Cornet*. Leipzig, F.A. Brockhaus; London, Simpkin, Marshall, Hamilton, Kent. 2<sup>a</sup> 1906; 3<sup>a</sup> 1908.
- 1894 A — Michaëlis, Henriette. *Novo dicionário da língua portuguesa e alemã*. 3<sup>a</sup> ed. Leipzig, F. A. Brockhaus.
- 1895 A — Enenkel, Artur; Pinto, Souza. *Novo dicionário português-alemão e alemão-português / Neues deutsch-portugiesisches und portugiesischdeutsches taschenworterbuch* Rio de Janeiro: B. L. Garnier.
- 1895 F — V. 1880 Valdez, João Fernandez, *Nouveau dictionnaire Français-Portugais et Portugais-Français...* Rio de Janeiro, Garnier.
- 1896 It — V. 1889 Raqueni, Raffaele Enrico; La Fayette, Levindo Castro de, *Nuovo Dizionario Portoghese-Italiano*. Paris-Lisboa-Rio de Janeiro, Liv. Aillaud.
- 1897 E — Marques, Henrique, *Novo dicionário espanhol-português*. Lisboa, Antonio Maria Pereira.
- 1897 E — Wildik, Visconde de (1897), *Novo dicionario hespanhol-portuguez e portuguez-hespanhol com a pronuncia figurada em ambas as línguas*. Paris, Garnier Irmãos.
- 1897 F — Assunção, Tomás Lino de, *Dicionário dos termos de arquitectura, suas definições e noções históricas, com um índice remissivo dos termos correspondentes, em francês*. Coimbra, Tip. da Companhia Comercial Editora.
- 1897 I — La Fayette, Levindo Castro de, *New Dictionary of the Portuguese and English Languages*. Paris, Garnier.
- 1897 I — La Fayette, Levindo Castro de, *Novo Dicionário Inglês-Português*. Paris, Garnier.
- 1897 It — Arturo de Rozzol, *Novo Dicionario Portuguez-Italiano e Italiano-Português com a pronuncia figurada em ambas as língua compostos segundo os melhores dictionarios*. Garnier, Rio de Janeiro-Paris.
- 1900 F — Fonseca, Simões da, *Nouveau vocabulaire contenant tous les mots usuels avec leur prononciation figurée: Français-Portugais / Portuguez – Francez* por Simões da Fonseca. Paris, Garnier Frères.

# Bibliografia

## 1. Dicionários bilíngues

- ÁGATA, 2000, *Diccionario español-portugués, portugués-español*. Alcobendas (Madrid), Ágata.
- ALBUQUERQUE, A. Tenório d', 1991, *Dicionário espanhol-português: mais de 15.000 americanismos incluídos*. Belo Horizonte, Villa Rica.
- ALBUQUERQUE, Tenorio d', s. d. [post 1960], *Dicionário espanhol-português; mais de 15.000 americanismos incluídos*. Belo Horizonte, Itatiaia.
- ALEWIJN, Abraham; COLLÉ, Joannes, 1714-1718, *Tesóuro dos Vocábulos das Linguas Portuguêsza e Bélgica / Woordenschat der twee Taalen, Portugeesch, en Nederduitsch*. Amsterdam, Pieter van der Berge.
- ANAYA, 2004, *Anaya bilingüe español-portugués, portugués-español*. Madrid, Anaya.
- ARROYO, Aubin et al., 2004, *Sánchez-Moraes Português-Espanhol/Espanhol-Português*. Barcelona, Océano.
- ÁTICA, 2000, *Dicionário Larousse Ática avançado: espanhol-português, português-espanhol*. Rio de Janeiro, Ática.
- AUGUSTO, M. Celeste; ECK, K. van, 2004, *Prisma groot woordenboek Nederlands-Portugees. / Prisma groot woordenboek Portugees- Nederlands*. Utrecht, Het Spectrum. Lisboa, Verbo.
- AZEVEDO, Domingos, 1988, *Grande dicionário francês-português*. 10ª ed. Lisboa, Bertrand (reimp. ibidem, 2003).
- BALTAZAR, Miraldina; BOSSIER, Willem; DAMME / Gabriël van, 1986, *Thieme's zakwoordenboek Portugees-Nederlands*. Antwerpen, Standaard / Zutphen, Thieme.
- BALTAZAR, Miraldina; BOSSIER, Willem; DAMME, Gabriël van, 1989, *Thieme's zakwoordenboek Nederland-Portugees s*. Antwerpen, Standaard/ Zutphen, Thieme.
- BALTAZAR, Miraldina; BOSSIER, Willem; DAMME, Gabriël van, 2006, *Prisma woordenboek Portugees – Nederlands / Prisma woordenboek Nederlands-Portugees*. Antwerpen, Standaard / Utrecht, Het Spectrum.
- BATH, Sérgio; BIATO, Oswaldo, 1998, *Les faux amis e outras peculiaridades da língua francesa para uso dos brasileiros*. Brasília, Ed. Universidade de Brasília.
- BECKER, Ídel, 1945, *Pequeno dicionário espanhol-português*. São Paulo, Nacional.
- BECKER, Ídel, 1951, *Dicionário popular espanhol-português*. São Paulo, Nacional.
- BECKER, Ídel, 1983, *Grande Dicionário Latino-Americano Português-Espanhol*. São Paulo, Nobel.
- BENSABAT, Jacob, 1880, *Novo Dicionário Inglês-Português Composto sobre os dicionários de Johnson, Webster, Grant, Richardson, etc. e as obras especiaes de uma e outra língua enriquecido de um grande numero de termos que não se acham nos outros dicionários, compreendendo as palavras de shakespeare e as de uso geral e litterario até aos nossos dia...* Lisboa, Livraria e Typographia Editora de Mattos Moreira & C.a.
- BERLAIMONT, Noel de, 1598, *Colloquia et dictionarium octo linguarum, latinae, gallicae, belgicae, teutonicae, hispanicae, italicae, anglicae et portugallicae*. Delft, Bruno Schinkel.
- BIBLOGRAF, 1997, *Micro Vox diccionario español-portugués, portugués-espanhol*. Barcelona, Bibliograf, S.A.
- BIBLOGRAF, 1999, *Dicionário Geral espanhol-português*. Barcelona, Bibliograf.
- BIBLOGRAF, 1999, *Dicionário essencial português-espanhol, diccionario esencial español-portugués. Vox*. [1ª ed.]. Barcelona, Bibliograf.
- BIBLOGRAF, 1999, *Dicionário geral português-espanhol, espanhol-português / Diccionario general español-portugués, portugués-español. Vox*. Barcelona, Bibliograf.
- BIBLOGRAF, 1999, *Micro Vox português-español/español-portugués*. Barcelona, Ed. Bibliograf, S.A.
- BIGNAMI, M., 2004, *Elsevier's Dictionary of Engineering: In English/ American, German, French, Italian, Spanish and Portuguese/ Brazilian*. Amsterdam, Elsevier.
- BLUTEAU, Raphael, 1712-1721, *Vocabulário Portuguez e Latino, Aulico... autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e offerecido a El Rey de Portugal, D. João V pelo padre D. Raphael Bluteau*. Coimbra, No Collegio das Artes da Companhia de Jesu.

- BÖSCHE, Eduard Theodor, 1858, *Neues vollständiges Taschenwörterbuch der portugiesischen und deutschen Sprache*. Hamburg, Kittler.
- BUSSE, Winfried, 1994, *Dicionário sintático de verbos portugueses*. Coimbra, Almedina.
- CALARRÃO, Manuel B., 1947, *Auxiliar do viajante a Madrid. Vocabulário de Francisco Gimenez*. Lisboa, Garcia e Carvalho.
- CAMPOS, Aluísio Mendes, 1980, *Dicionário francês-português de locuções*. São Paulo, Ática, 301 p.
- CARDOSO, Jerónimo, 1569[1570], *Dictionarium latinolusitanicum & vice versa lusitanico latinu[m]: cum adagiorum feré omnium iuxta seriem alphabeticam perutili expositione, ecclesiasticorum etiam vocabulorum interpretatione... / noué omnia per Hieronymu[m] Cardosum Lusitanum congesta; recognita vero omnia per Sebast. Stockhamerum Germanum. Qui libellum etiam de propriis nominibus regionu[m] populorum, illustrium virorum... adiecit*. Conimbricæ, excussit Joan. Barrerius, 12 Kal. Iulij 1570.
- CHENG, Yongyi, (coord.), 2001, *汉葡词典 Dicionário Português – Chinês*. 1ª edição. Pequim, The Commercial Press.
- COELHO, Frederico Duarte, 1911, *Nuevo diccionario português-español*, Lisboa, Typ. Anuario Commercial.
- COELHO, Frederico Duarte, 1955, *Dicionário de algebeira espanhol-português e português-espanhol*. Lisboa, Minerva.
- CORRÊA, Roberto Alvim; STEIBERG, Sary Hauser, 1982, *Dicionário escolar francês-português / português-francês*. 7ª ed. Rio de Janeiro, FENAME.
- COSTA, João da, 1679, *Arte da língoa francesa para facilmente, e brevemente aprender a leer, escrever, & fallar essa Língoa. Offerecida a Sra. Dª. Violante Manrique de Mendonça*. Lisboa, Miguel Des Landes.
- DAVIES, M.; PRETO-BAY, A., 2007, *A Frequency Dictionary of Portuguese*. Abingdon, Routledge.
- Diccionario e instruções necessarias para lér e traduzir francez*, 1804. Coimbra, na Real Imprensa da Universidade.
- Diccionario portatil portuguez-francez e francez-portuguez, precedido das conjugações dos verbos de ambos os idiomas, assim regulares como irregulares. Portuguez-Francez*. Paris, na Officina de Crapelet. 1812 // *Dictionnaire portatif français-portugais et portugais-français, précédé des conjugaisons des verbes des deux langues, tant réguliers qu'irréguliers. Français-Portugais*. Paris, de l'imprimerie de Crapelet. 1812.
- Dictionarium Latino Lusitanicum ac Iaponicum ex Ambrosii Calepini volumine depromptum: in quo omissis nominibus propriis tam locorum quam hominum, ac quibusdam aliis minus usitatis, omnes vocabulorum significationes, elegantioresque dicendi modi apponuntur: in usum et gratiam Iaponicæ iuuentutis, quæ Latino idiomati operam nanat, necnon Europeorum, qui Iaponicum sermonem addiscunt*. In Amacusa in collegio Iaponico Societatis Iesu, 1595.
- EMONDS, G., 1948, *Portugese Tolk*. 's-Gravenhage - Batavia, G.B. v. Goor Zonen.
- ERNST, Richard, 1983-1986, *Wörterbuch der industriellen Technik, Bd. 7 Deutsch-Portugiesisch; Bd.8, Portugiesisch-Deutsch*, Wiesbaden.
- ERNST, Richard; MOREIRA, Francisco José Ludovice, 2000, *Wörterbuch der industriellen Technik, Bd.7, Deutsch-Portugiesisch*. Wiesbaden.
- ERNST, Richard; MOREIRA, Francisco José Ludovice, 2005, *Wörterbuch der industriellen Technik, Bd.8, Portugiesisch-Deutsch*. Wiesbaden.
- ESPASA-CALPE, 2001 — v. MARSÁ; OSTOJSKA ASENSIO, 2001
- ESPASA-CALPE, 2001, *Diccionario Espasa mini español-portugués/portugués-español*. Madrid, Espasa-Calpe.
- EVEREST, 1978, *Vértice: diccionario português-español, español-portugués*. Madrid, Everest, D.L., Dictionarios Everest.
- EVEREST, 1999, *Diccionario Vértice português-español, español-portugués*. Madrid, Everest de Ediciones y Distribución, S.L.
- EVEREST, 2002, *Vértice. Diccionario español-portugués / Dicionário português-espanhol*. León, Everest.
- EVEREST, 2003, *Vértice Brasil. Diccionario español-portugués / Dicionário português-espanhol*. León, Everest.
- EVEREST, 2005 — v. LÓPEZ VARELA, 2005
- EY, Louise, 1904, *Langenscheidts Taschenwörterbuch der portugiesischen und deutschen Sprache. Zweiter Teil Deutsch-Portugiesisch*, Berlin.
- EY, Louise, 1909, *Langenscheidts Taschenwörterbuch der portugiesischen und deutschen Sprache. Erster Teil Portugiesisch-Deutsch*, Berlin.
- FERNANDES, Júlio da Conceição, 1966, *Diccionario português-español, según las normas del acuerdo ortográfico luso-brasileño de 1945 y de la última edición de la Real Academia Española*. Barcelona, Hyma, Dictionarios Cuyás.
- FIGANIERE, Jorge César de, 1879-1880, *Diccionario español-português e português-espanhol, com phrases e locuções usadas em España e na América hespanhola, de ciências e artes, de medicina, química, botânica, história, comércio, marinha*. Porto, Vianna.

- FIGUEIREDO, Pedro Afonso de, Visconde de Wildik, 1897-1899, *Novo dicionario hespanhol-portuguez e portuguez-hespanhol com a pronuncia figurada em ambas as linguas*, parte primeira portuguez-español, 2 volumes, Paris, Garnier Hermanos.
- FLAVIAN, Eugenia; ERES FERNANDES, Gretel, 1996, *Minidicionário espanhol-português, português-espanhol*. São Paulo, Ática.
- FLORENZANO, Éverton, 1963, *Dicionário espanhol-português*. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, Rio de Janeiro, Tecnoprint Gráfica, (Dicionários EDO, Corôa de Ouro, 37).
- FOLQMAN, Carlos, 1742, *Portugeese en nederduitse spraakkonst, met eene wydloopige naam-noeminge, verscheide t'zamenspraaken, en eene verzameling van de uitgelezenste spreekwoorden van beide taalen. Grammatica hollandezã; ou, Arte compendiosa para hum portuguez aprender a lingua hollandezã; com huma nomenclatura copiosa, varios dialogos e huma collecção dos mais selectos proverbios de ambas as linguas*. Lisboa, Antonio Pedrozo Galram. Ibidem, com outro rosto: *Grammatica hollandezã, ou Methodo compendioso para aprender a bem fallar, e escrever a lingua Hollandezã segundo o estylo mais moderno, principalmente de W. Sewel. Com huma nomenclatura copiosa, varios Dialogos, e huma collecção dos mais selectos Proverbios de ambas as linguas. Dedicada ao Senhor Christiano Stoqueler, cavalleiro professo na Ordem de Christo, e Consul Gêral de Hamburgo, e das mais Cidades Hanseaticas de Alemanha, pelo Padre Carlos Folqman, Clerigo Presbytero do habito de S. Pedro, e Capellaõ mór de S. Bartholomeo dos Alemães*. Lisboa, Na Offic. dos Herd. de Antonio Pedrozo Galram. 2ª ed. Amsterdam, J. Kok, 1765; 3ª ed. Lisboa, Imp. Regia, 1804.
- FONSECA, Anton Edmund Wollheim da, 1844, *Diccionario portatil das linguas portugueza e alleman*. Leipzig.
- FONSECA, Simões da, s.d., *Pequeno Dicionario contendo todas as palavras usuaes com a pronuncia figurada: Portuguez-Francez*. Paris, Librairie Garnier Frères.
- FRANCK, Johannes, 1976 (1912), *Etymologisch woordenboek der Nederlandsche taal*. Tweede druk door Nicolaas van Wijk. 's-Gravenhage, Martinus Nijhoff.
- GÁLVEZ, José. A., 2006, *Dicionário Larousse Espanhol-Português, Português-Espanhol. Avançado*. São Paulo, Larousse do Brasil.
- GARCIA, Hamílcar de, 1943, *Dicionário espanhol-português*. Porto Alegre, Glôbo, Barcelos-Bertaso.
- GARCIA, Hamílcar de, 1947, *Diccionario português-español*. Rio de Janeiro-Porto Alegre, Glôbo.
- GARCÍA, Hamílcar de, 1955, *Dicionário espanhol-português*. Porto Alegre, Glôbo. [5ª ed. melhorada a partir da de 1943].
- GARCIA, Hamílcar de, 1958-1963, *Dicionário espanhol-português. Dicionário português-espanhol*, 2 volumes. Rio de Janeiro, Glôbo.
- GARCIA, Hamílcar de, 1998, *Dicionário português-espanhol, espanhol-português*. São Paulo, Glôbo.
- GAYÁN HERNANZ, Pablo; GAYÁN MOUTA, Gonçalo; JÚNIOR, José Rodrigues, 1966, *Vocabulário Espanhol-Português*. Lisboa, Livraria Luso-Espanhola.
- Grammatica Anglo-Lusitânica: Or a short and Compendious System of an English and Portugeeze Grammar, Containing All the most Useful and Necessary Rules of Syntax, and Construction of the Portugeeze Tongue. Together with some Useful Dialogues and Colloquies, agreeable to common Conversation. With a Vocabulary of Useful Words in English and Portugeeze. Designed for, and fitted to all Capacities, and more especially such whose Chance or Business may lead them into any part of the World where that Language is used or esteemed*. Lisboa, Na Officina de Miguel Manescal, 1705.
- GRIJALBO-MONDADORI, 1998, *Diccionario Collins gem español-português, português-español*. Barcelona, Ed. Grijalbo Mondadori.
- GRIJALBO-MONDADORI, 1998, *Diccionario Collins pocket español-português, português-espanhol*, [1ª ed.]. Barcelona, Ed. Grijalbo Mondadori.
- HERRMANN, Reinhild; RAUCH, Rainer, 1991, *Dicionário temático para aprender francês*. Trad. de Samira Iunes. São Paulo, EPU.
- HOEPNER, Lutz; FRANZKE, Lutz, 1996, *German-Portuguese Dictionary of Science and Technology*, Amsterdam.
- HYMSA, 1966 — v. FERNANDES, Júlio da Conceição, 1966
- ILLANS, N., 1997, *Elsevier's Dictionary of Drug Traffic Terms: In English, Spanish, Portuguese, French and German*. Amsterdam, Elsevier.
- IRIARTE SANROMÁN, Á. (dir.), 2008, *Dicionário de Espanhol-Português*. Dicionários Editora. Porto, Porto Editora
- IRMEN, Friedrich; KOLLERT, Ana Maria Cortes, 2001, *Langenscheidts Taschenwörterbuch Portugiesisch*, München.
- IVO, Miguel Tibério Pedegache Brandão, *Dictionnaire François, et Portugais plus complet que tous ceux qui ont parû jusqu'à présent pour l'instruction de la jeunesse portugaise*. Lisbonne, chez Georges Rey, et Compagnie, de l'Imprimerie de Michel Manescal da Costa, 1769. — 2ª ed. Barcelone, Jacques Perez, 1772; — 3ª ed.: *Novo dicionario francez-portuguez: composto sobre os mais célebres dictionarios, e enriquecido de muitos termos de medicina, de anatomia, de cirurgia, de farmacia, de quimica, de historia natural, de botanica, de mathematica, de*

- marinha, e de todos as outras artes, e sciencias, os quaes formão hum augmento de dez mil vocabulos sobre todos os dictionarios, que até agora tem apparecido, obra utilissima a todos os que querem traduzir o francez.* Lisboa, Na Regia officina typografica, 1777; — 4ª ed.: *Novo Dictionario francez-portuguez, composto sobre os melhores dictionarios, illustrado com os termos facultativos das sciencias, e artes liberaes, e mecanicas, dedicado ao Illust.mo e Excellent.mo Senhor Marquez de Anjeja, dos Conselhos da Rainha N. Senhora, e de Guerra, Gentil-homem da sua Cammara, Tenente General dos seus Exercitos, Ministro adjunto ao despacho do seu Gabinete, Presidente do Erario Regio, Intendente Geral da Marinha, Commendador da Ordem de Christo, e Sant-Iago, &c., &c., &c.. Por Miguel Tiberio Pedegache Brandão Ivo. Quarta edição Examinaada, revista e addicionada.* Lisboa, Na Regia Officina Typografica, 1778; — 5ª ed.: *Novo Dictionario Francez e Portuguez, composto segundo os mais célebres dictionarios e enriquecido de muitos termos de medicina, de anatomia, de cirurgia, de farmacia, de quimicia (sic), de historia natural, de botanica, de mathematica, de marinha, e de todas as outras artes e sciencias, notavelmente corrigido, emendado, e addicionado com hum sem numero de termos, e locuções, e algumas frazes em ambos os idiomas.* Lisboa, Of. de Filipe da Silva e Azevedo, 1786.
- J. (Justice ?), A. (Alexander ?), *A compleat account of the Portuguese language, being a copious dictionary of English with Portuguese, and Portuguese with English. With an Easie And Unerring Method of its Pronunciation.* London, R. Janeway: 1701 (Reimpr.: The Scholar Press Limited, English Linguistics, A Collection of Facsimile Reprints, 1970).
- JAYME, Erik; NEUSS, Jobst-Joachim, 1990, *Dicionário Jurídico e Econômico Alemão-Português*, Parte II. München.
- JAYME, Erik; NEUSS, Jobst-Joachim, 1994, *Dicionário Jurídico e Econômico Português-Alemão*, Parte I. München.
- JSN, 1999-2000 — v. LOYOLLA, 1999-2000
- [JUNK, Johann Andreas von], 1778, *Portugiesische Grammatik. Nebst einigen Nachrichten von der portugiesischen Litteratur, und von Büchern die über Portugall geschrieben sind.* Frankfurt, Carl Gottlieb Strauss.
- KEESOM, C.H.A., 1999, *Dicionário de Português-Neerlandês*. Porto, Porto Editora.
- KEESOM, C.H.A.; FABIÃO, L.C.; JONKER, C., 2002, *Dicionário de Português-Neerlandês*. Antwerpen, Van Dale Uitgevers, 2009.
- KEMP, D.W.A. van der; STOL, J. Ph., 1950, *Nederlands-Portugees, Portugees-Nederlands zakwoordenboek*. 's — Gravenhage, Gebr. van Cleef.
- KICK EHLERS, Edel Helga; EHLERS, Gunter, 1981-1982, *Dicionário de Economia e Direito: alemão-português e português-alemão*. São Paulo.
- KICK EHLERS, Edel Helga; EHLERS, Gunter, 1995, *Michaelis Tech: Dicionário de Economia e Direito: alemão-português e português-alemão*, São Paulo.
- KLARE, Johannes, 1984-86, *Wörterbuch Deutsch-Portugiesisch. Wörterbuch Portugiesisch-Deutsch*. Leipzig, Verl. Enzyklopädie.
- KÖBLER, Gerhard, 2007, *Rechtsporgiesisch Deutsch-portugiesisches und portugiesisch-deutsches Rechtswörterbuch für jedermann*. München, Vahlen.
- LACERDA, José de, 1866, *Novo Dictionario Geral das linguas Ingleza e Portugueza augmentado com muitos mil vocabulos do uso commum ou litterario e especial menção dos termos de sciencias, artes, novos inventos, industria, commercio, navegação, etc.* Lisboa, Imprensa Nacional.
- LACERDA, José de, 1871. *A New Dictionary of the Portuguese and English Languages containing all the vocables in common use, with a selection of terms obsolescent or obsolet connected with polite literature technical terms, or such as are in general use in the arts, manufactures, and sciences, in naval and military language, in law, trade, and commerce, etc., etc., etc.* Lisboa, Imprensa Nacional.
- LANGENSCHIEDT, 2001 — v. IRMEN; KOLLERT, 2001
- LAROUSSE DO BRASIL, 2006 — v. GÁLVEZ, 2006
- LI, Junbao et al., 2003, *汉葡常用词汇 Glossário Chinês – Português de Termos Usuais*. 1ª edição. Pequim, Foreign Language Press.
- LIMA, Hildebrando de; BARROSO, Gustavo, 1946, *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- LIMA, Luís Caetano de, 1710, *Grammatica franceza, ou arte para aprender o francez por meio da lingua portugueza*. Lisboa, Offi. Real Deslandense.
- LIMA, Luís Caetano de, 1756, *Grammatica italiana e arte para aprender a lingua italiana por meyo da lingua portugueza*. Lisboa, Of. de José da Costa Coimbra. (1ª ed. Offi. da Congregação do Oratorio, 1734).
- LISMA, 2005, *Dicionário Beta. Espanhol-Português / Português-Espanhol*. Lisboa: Lisma.
- LIU, Yi, 2008, *葡萄牙语词汇分类学习小词典 Pequeno Dicionário Semasiológico de Português*. 1ª edição. Pequim, Beijing Language and Culture University Press.
- LÓPEZ MILLÁN, Maria Pilar, 2000, *Dicionário espanhol-português português-espanhol*. Dicionários, 5. 1ª ed. Lisboa, Presença.
- LÓPEZ VARELA, R. (dir.), 2005, *Cima. Dicionario Español-Portugués / Português-Espanhol*. León, Everest.

- LOUCEIRO, Clenir et al., 1997, *Léxico coloquial do Português luso-afro-brasileiro. Aproximações*. Sete Vozes, Lisboa, Lidel.
- LOYOLLA, Isis (dir.), *Dicionário espanhol-português, volume 1 = Diccionario español-portugués, volume 1, Dicionário português-espanhol, volume 2 = Diccionario português-español, volume 2*. São Paulo, JSN.
- MACEDO, Carlos Barroso e, 1869, *Léxico Castellano-Portugués de las voces mas usuales en la conversacion familiar*. Lisboa, Typographia de F. X. de Souza & Filho.
- MACEDO, Carlos Barroso e, 1870, *Lexicon Portuguesez-Castelhano das palavras mais usadas na conversação*. Lisboa, Typographia de F. X. de Souza & Filho.
- MARQUES, Henrique António; MONSÓ, Isidro, 1897-1900, *Novo dicionário hespanhol-portuguêz (e portuguez-espanhol). Contendo todos os vocábulos, phrases e locuções usadas não só em Hespanha, mas ainda em toda a América hespanhola.../ não só em Portugal, como no Brazil, colonias portuguesas da Africa e Asia*. Lisboa, António Maria Pereira.
- MARQUES, José, 1758, *Nouveau dictionnaire des langues françoise et portugaise: Tiré des Meilleurs Auteurs & des Dictionnaires de l'Academie, de Trevoux, de Furetiere, de Tachard, de Richelet, de Danet, de Boyer, &c. Avec les Noms des Nations, des Royaumes, des Provinces, des Villes, des Contrées, des Rivières du Monde, & les Noms Propres d'Hommes, & de Femmes, &c.* Seconde edition revue, corrigée, & augmentée d'un supplément. Tome premier. Lisbonne, chez Jean Joseph Bertrand, Libraire au Seigneur Jesus da Boa Morte. / Impression de Joseph da Costa Coimbra — Acrescentado com um “Supplément”, impresso na Offi. Patr. de Francisco Luiz Ameno. No final do Supplément vem a seguinte nota: “Le Tome second, qui s'intitule Diccionario novo Portuguez e Francez com os termos latinos, par le même Auteur; est fini d'imprimer, & se vend de même que celui ci chez Jean Joseph Bertrand ao Senhor Jesus da Boa-Morte, où l'on trouvera les Grammaires Françoise & Italienne du P. D. Louis Caetano de Lima C. Reg. & beaucoup de livres curieux tant en François, que Latin, Italien, &c.” [p.183] (A 1ª ed. seria de 1754, mas foi consumida no incêndio do terramoto de 1755. Tomo 2º 1764]; — Troisieme Edition revûe, corrigée, augmentée, & d'un Supplément. Tome premier. A Lisbonne, de l'Imprimerie Royale. 1775. — *Supplement au Nouveau dictionnaire des langues françoise et portugaise du Pretre Joseph Marques. Tiré des Dictionnaires de meilleurs Auteurs. Troisieme Edition, revue, corrigé, & augmentée par \*\*\* A Lisbonne, de l'Imprimerie Royale. 1776.*
- MARQUES, José, 1764, *Novo Diccionario das línguas portugueza, e franceza, com os termos latinos, tirado dos melhores Authores, e do Vocabulario Portuguesez, e Latino do P. D. Rafael Bluteau, dos Dictionarios da Academia Francez, Universal de Trevoux, de Furetiere, de Tachard, de Richelet, de Danet, de Boyer, &c. Com os nomes proprios das Naçoens, dos Reinos, das Provincias, das Cidades, das Comarcas, dos Rios do Mundo, &c.* Primeira edição. Tomo segundo. Lisboa, na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.
- MARSÁ, V.; OSTOJSKA ASENSIO, M. (dir.), 2001, *Gran diccionario español-portugués, português-español*. Madrid, Espasa Calpe.
- MARTÍN, Ángeles; WALTRAUD, Weissman, 1995, *Diccionario português-espanhol, español-portugués*. Barcelona, Juventud.
- MARTÍNEZ ALMOYNA, Júlio, 1951, *Diccionario español-portugués. Contém todas as palavras de uso corrente e vulgar; vocabulario moderno e científico com todas as acepções possíveis das palavras*. Porto, Porto Editora.
- MARTÍNEZ ALMOYNA, Júlio, 1959, *Dicionário de português-espanhol*. Porto, Porto Editora.
- MARTÍNEZ ALMOYNA, Júlio, 1990, *Dicionário de Espanhol / Português*. Porto, Porto Editora.
- MATTOS, João Paulo Juarena; BRETAUD, Robert, 1990, *Dicionário de idiomatismos francês-portugués / português-francês*. Rio de Janeiro, Marques Saraiva.
- MELDOLA, Abraham, 1785, *Nova Grammatica Portugueza dividida em VI Partes a saber: 1 Ortographia. 2 Etymologia. 3 Syntaxe. 4 Prosodia com Supplemento. 5 Lavores da Língua. 6 Miscellanea*. Hamburgo, M. C. Bock.
- MESQUITA, R. de, 1904, *Nuevo vocabulario español-portugués*. Paris-Rio de Janeiro, Garnier.
- MICHAELIS, 1994, *Michaelis. Pequeno Dicionário Alemão-Português, Português-Alemão*. São Paulo, Melhoramentos.
- MICHAELIS, Henriette, 1887, *Neues Wörterbuch der portugiesischen und deutschen Sprache. Erster Teil Portugiesisch-Deutsch, Leipzig, Brockhaus. Zweiter Teil Deutsch-Portugiesisch, Leipzig, Brockhaus.*
- Middelgroot woordenboeken Nederlands-Portugees*, 2009, Utrecht, Van Dale Uitgevers.
- Middelgroot woordenboeken Portugees-Nederlands*, 2009, Utrecht, Van Dale Uitgevers.
- MINSHEU, John, 1617, *Ductor in Linguas. The Guide into the Tongues*. Londini, John Browne.
- MIORANZA, Ciro, 2000, *Dicionário português-espanhol*. São Paulo, Escala.
- MORENO, Francisc; MAIA GONZÁLEZ, Neide (dirs.), 2006, *Diccionario esencial español-portugués / português-espanhol*. Madrid, Arco Libros.
- MORENO, Francisco; MAIA GONZÁLEZ, Neide (dirs.), 2003, *Diccionario Bilingüe de Uso: español-portugués/portugués-espanhol*. Madrid, Arco Libros.

- NEMNICH, Andrea, 1801, *Lexicon nosologicum polyglotton omnium morborum symptomatum vitiorumque naturae et affectionum propria nomina decem diversis linguis explicata continens... auctore Philippo Andrea Nemnich*. Hamburg: Conrad Müller. [En 1799 había publicado su *The Universal European Dictionary of Merchandise, in the English, German, Dutch, Danish, French, Italian, Spanish, Portuguese, Russian, Polish and Latin Languages*, publicado en Londres].
- NEUMAN, Henry, 1800, *A Marine Pocket-Dictionary, of the Italian, Spanish, Portuguese, and Germanic Languages, with An English-French, and French-English Index;... by Henry Neuman*. London, Printed by J. Bonsor.
- Nieuwe Woordenschat uyt het Nederduitsch in het gemeene Maleidsch en Portugeesch, zeer gemakkelijk voor die eerst op Batavia komen*. Te Batavia, bij Lodewijk Dominicus, Stads-Drukker op de Tijgersgragt, aan de Westzijde 1780.
- NOLTE-SCHLEGEL, Irmgard; GONZALES SOLER, Joan José, 2004, *Medizinisches Wörterbuch, deutsch, spanisch, portugiesisch*, Berlin, Springer.
- Nouveau dictionnaire de poche français-portugais, Rédigé d'après les meilleurs lexicographes des deux nations, et enrichi des termes des sciences et arts, de médecine, de commerce, de marine, des nouveaux poids et mesures, et de tous les mots nouvellement introduits dans la langue française, que l'usage a consacrés. Par une Société de gens de lettres, Français-Portugais*. A Bordeaux, chez Pierre Beaume, 1811. // *Novo dicionário portátil: português e francês; Coligido dos melhores lexicographos das duas nações, e enriquecido com os termos das sciencias e artes, de medicina, commercio, marinha, etc. e de todas as palavras modernamente introduzidas na Lengoa Portuguesa, que se achão authorizadas pelo uso. Por huma Sociedade de Literatos. Portuguese e Francez*. Bordeaux, Na Officina de P. Beaume, 1812.
- OCÉANO, 2003 — v. SANCHEZ, 2003.
- OCÉANO, 2004 — v. ARROYO et al., 2004
- OCÉANO, 2004, *Océano Básico Pocket Español-Portugués/Portugués-Espanhol*. Barcelona, Océano.
- OLIVEIRA, Maria João Varela Pinto de, 2007, *Medizinisches Wörterbuch Deutsch-Portugiesisch*, Hamburg.
- ORTEGA CAVERO, D., 1990, *Diccionario Portugués-Español / Espanhol-Portugués*. Barcelona, Ramón Sopena [revista e actualizada por J. da C. Fernandes].
- ORTEGA CAVERO, David, 1975, *Diccionario portugués-español, español-portugués dicionário português-espanhol, espanhol-portugués*. Revisado y puesto al día por Júlio da Conceição Fernandes. Barcelona, Ramón Sopena.
- PENSADO, José Luis; RUIZ DE PENSADO, Enriqueta, 1960, *Diccionario portugués-español y español-portugués*. Madrid, [Blass], Mayfe, Diccionarios “Mayfe” de Bolsillo.
- PEREIRA, Bento, 1634, *Prosodia in vocabularium trilingue, Latinum, Lusitanicum, & Hispanicum digesta... / Authore Benedicto Pereyra... Fecit sumptus Dominicus Pereyra da Sylva [...]*. Eboræ, apud Emmanuelem Carvalho. [A partir da 6ª edição (1683) no título substitui-se *Hispanicum* por *Castellanicum*. A partir da 7ª edição desaparece a informação espanhola e a obra passa a intitular-se *Prosodia in vocabularium bilingue latinum et lusitanum digesta*.]
- PEREIRA, Bento, 1661, *Prosódia in vocabularium trilingue, Latinum, Lusitanicum, et Castellanicum digesta [...]*. Ulissypone, ex officina, & sumptibus Antonii Craesbeeck.
- PEREIRA, Bento, *Tesouro da lingua portuguesa*, Lisboa, Craesbecck, 1647.
- PEREIRA, Helena B. C.; SIGNER, Rena, 1992, *Michaelis: pequeno dicionário espanhol-portugués, português-espanhol*. São Paulo, Melhoramentos, cop.
- PHILIPPSBORN, H., 2004, *Elsevier's Dictionary of Industrial Technology: In English, German and Portuguese*. Amsterdam, Elsevier.
- PIETZSCHKE, Fritz (org.), 1958-1961, *Novo Michaelis. Dicionário ilustrado*. Volume I Inglês-Português, São Paulo, 1958. Volume II Português-Inglês. São Paulo, Edições Melhoramentos / Wiesbaden, Brockhaus.
- POKORNY, Julius, 1959, *Indogermanisch Etymologisch Wörterbuch*. Bern - München, Francke Verlag.
- PONS, 2002 — v. SEIXAS, 2002,
- PORTO EDITORA, 1951 — v. ALMOYNA, Júlio Martínez, 1951
- PORTO EDITORA, 1957, *Dicionário espanhol-portugués* [2ª ed.]. Porto, Porto Editora.
- PORTO EDITORA, 1959 — v. ALMOYNA, Júlio Martínez, 1959
- PORTO EDITORA, 1979, *Dicionário português-espanhol / español-portugués; Dicionários académicos*. Porto, Porto Editora.
- PORTO EDITORA, 1983-1986, *Dicionário de Português-Alemão, Dicionário Alemão-Portugués*. Porto, Porto Editora.
- PORTO EDITORA, 1996, *Dicionário mini espanhol-portugués, português-espanhol*, [1ª ed.], Porto, Porto Editora.
- PORTO EDITORA, 1999, *Dicionário de Português-Alemão, Dicionário Alemão-Portugués*. Porto, Porto Editora.
- PORTO EDITORA, 2002, *Grande Biblioteca Multilingue*. Matosinhos-Porto.
- PORTO EDITORA, 2006, *Dicionário Português-Alemão*. Col. Dicionários Editora. Porto.

- PORTO EDITORA, 2008 — v. IRIARTE SANROMÁN, 2008
- PORTO EDITORA, 2008, *Dicionário português-espanhol espanhol-português*. Porto, Nova edição. Dicionários académicos.
- PORTO EDITORA, 2009, *Dicionário Alemão-Português*. Col. Dicionários Editora. Porto, Porto Editora
- Praktijkwoordenboek Nederlands-Portugees*, 2008, Utrecht, Van Dale Uitgevers.
- Praktijkwoordenboek Portugees-Nederlands*, 2008, Utrecht, Van Dale Uitgevers.
- PRESENÇA, 2000 — v. LÓPEZ MILLÁN, 2000,
- RAMÓN SOPENA, 1996, *Mega português: dicionário português-español, español-português*. Barcelona, Ramón Sopena.
- RAMOS, Fernando Silveira, 1995, *Dicionário Jurídico Alemão-Português*, Coimbra.
- RICCI, Matteo e Ruggieri, Michele, 2001, *Dicionário português-chinês*, (Michele John W. Witek, ed) s.l., Biblioteca Nacional de Lisboa, Instituto Português do Oriente, Ricci Institute, University of San Francisco (Edição e reprodução facsímil do ms. (c. 1588) conservado no Archivum Romanum Societatis Iesu, Japonica et Sinica).
- RIZZA, Riccardo et alii (ed.), 1996 (1656), *Colloquia, et dictionariolum octo linguarum- latinae, Gallicae, belgicae, Teutonicae, Hispanicae, Italicae, Anglicae, Portugallicae*. Viareggio- Lucca, Mauro Baroni editore.
- ROBOREDO, Amaro, 1621, *Raízes de língua latina mostradas em hum trattato, e dicionario: Isto he, hum compendio do Calepino com a composição, e derivação das palavras, com a ortografia, quantidade, e frase dellas*. Lisboa, Pedro Craesbeeck.
- ROBOREDO, Amaro, 1623, *Porta de línguas ou modo muito accommodado para as entender publicado primeiro com a tradução Espanhola. Agora acrescentada a Portuguesa com numeros interlaniaes, pelos quaes possa entender sem mestre estas línguas o que as não sabe, com as raízes da Latina mostradas em hum compendio do Calepino, ou por melhor do Tesouro, para os que a querem aprender, e ensinar brevemente, e para os estrangeiros que desejão a Portuguesa e Espanhola*. Lisboa, Pedro Craesbeeck.
- ROOYEN, J. v., 1980 (1950), *Van Goor's klein Portugees Woordenboek. Portugees-Nederlands en Nederlands-Portugees*. Met medewerking van F. Louis. 's-Gravenhage- Jakarta, Van Goor Zonen. (7<sup>a</sup> ed., Amsterdam-Brussel, Elsevier 1980).
- ROQUETE, José Inácio, 1841, *Nouveau dictionnaire portugais-français composé sur les plus recents et les meilleurs dictionnaires de deux langues*. Paris, Guillard.
- SÁ, Joaquim José da Costa e, 1774, *Dicionario Italiano e Portuquez. Extrahido dos melhores lexicógrafos, como de Antonini, de Veneroni, de Facciolati, de Franciosini, do Dicionário de Crusca e do da Universidade de Turim. E dividido em duas partes; na primeira se comprehendem as palavras, as frases mais elegantes e diffíceis; os modos de fallar; os provérbios e os termos facultativos de todas as artes e sciencias; na segunda parte se contém os nomes proprios dos homens illustres; das principaes cidades, villas, castellos, montes, rios, etc. Que o dedica e consagra ao illustrissimo e excellentissimo Senhor Sebastião José de Carvalho e Mello [...] Lisboa, Regia Officina Typografica.*
- SÁ, Joaquim José da Costa e, 1794. *Dicionario portuquez-francez-e-latino novamente compilado, que á augustíssima senhora D. Carlota Joaquina, Princesa do Brasil, offerece, e consagra Joaquim José da Costa e Sá, Professor Régio de Língua Latina, e Sócio da Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Lisboa, Officina de Simão Thaddeo Ferreira.
- SÁ, Joaquim José da Costa e, 1808, *Diccionario abreviado das linguas portuqueza, e franceza, ou compendio do grande dicionario portuquez, francez, e latino, composto por Joaquim José da Costa e Sá, Professor Regio de Língua Latina, e Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa: acrescentado, e enriquecido com os Termos proprios, e technicos de todas as Sciencias, e Artes, extrahidos dos Classicos Antigos, e Modernos de melhor nota, que se achão universalmente recebidos*. Lisboa, Typografia Rollandiana.
- SANCHEZ, José Luis (dir.), 2003, *Océano Compact Dicionário Español-Português/Dicionário Português-Espanhol*. Barcelona, Océano.
- SARAIVA, 2000, *Minidicionário Saraiva: espanhol-português, português-espanhol*. São Paulo, Saraiva.
- SCHEMANN, Hans; DIAS, Idalete, 2005, *Dicionário Idiomático Português-Alemão*. Braga, Universidade do Minho / Centro de Estudos Humanísticos.
- SCHEMANN, Hans; SCHEMANN-DIAS, Luíza, 1979, *Dicionário idiomático português-alemão*. Braga-München, Livraria Cruz-M. Huber Verlag.
- SEIXAS, Joana (dir.), 2002, *Pons Standardwörterbuch Portugiesisch-Deutsch, Deutsch-Portugiesisch*. Stuttgart, Klett.
- SILVA, Bartolomeu Álvares da, 1764, *Collecção de palavras familiares, portuquezas, francezas, latinas e britanicas, com huma breve instrução para perceber e ainda fallar o idioma frances*. Coimbra, Real Officina da Universidade.
- SILVA, Pedro Ciriaco da (dir.) et al., 1844, *Diccionario Universal da Língua Portuqueza, que abrange 1.º Todos os Vocabulos da Língua Portuqueza, antigos e modernos, suas acepções e sentido conforme as authoridades de nossos classicos: 2.º os nomes proprios de geographia politica em geral, e ecclesiastica de Portugal: 3.º os termos de sciencias, artes, officios etc., com definições analyticas, e especialmente os de jurisprudencia commercial, economia politica, e*

- brazão, estes seguidos da noticia historica abreviada das familias portuguezas a que pertencem: 4.º os nomes de todas as plantas indigenas de Portugal indicando-se o uso d'ellas em medicina, artes, commercio, etc.: 5.º as etymologias das palavras para mais exacta e precisamente ficar determinada sua significação: por Uma Sociedade de Litteratos.* Lisboa, Typographia de A.J. da Rocha.
- SOCIEDADE DE LITERATOS – v. SILVA, 1844.
- SOPENA ARGENTINA, 1946, *Diccionario práctico português-castellano breve... Contiene todas las voces necesarias para aprender el idioma y un diccionario práctico castellano-portugués.* Buenos Aires, Sopena Argentina.
- SOPENA, 1966 — v. ORTEGA CAVERO, David, 1966
- SOPENA, 2001, *Português; iter 2000: diccionario português-español, espanhol-portugués.* Barcelona, Ramón Sopena.
- SOUSA, Manuel de; Sá, José Joaquim da Costa e, 1784-1786, *Nouveau dictionnaire françois-portugais, composé par le capitaine Emmanuel de Sousa, & mis en ordre, rédigé, revu, corrigé, augmenté, & enrichi de tous les termes techniques, & propres des sciences, des arts, des métiers, de géographie; &c. sur la dernière édition de celui de M. l'Abbé Alberti, & des tables de l'Encyclopédie par Joachim Joseph da Costa & Sá, Professeur de Belles-Lettres & associé de l'Académie Royale des Sciences de Lisbonne; dédié à Son Altesse Royale Monseigneur Le Prince de Bresil.* primeiro tomo: Lisbonne, Imprimerie de Simon Thaddée Ferreira, 1784; segundo tomo: *ibidem*, 1786.
- SOUSA, Manuel de; Sá, José Joaquim da Costa e; Cunha, Vicente Pedro Nolasco da Cunha, 1811, *Dictionnaire françois-portugais / Composé Par le Capitaine Emmanuel de Sousa; Mis en Ordre & Augmenté Par Joachim Joseph da Costa & Sá, seconde édition, revue, corrigée & augmentée de tous les mots adoptés dans la langue Française, depuis plusieurs années; des synonymes de la meme langue, & enrichie de nouveaux termes de botanique & de ceux de la nouvelle nomenclature chimique; & le tout soigneusement recueilli des meilleurs dictionnaires qui on paru jusqu'a ce jour & principalement de celui de l'Academie Française édition de 1802. Par le Docteur Vincent Pierre Nolasco da Cunha.* Lisbonne, Simon Thaddée Ferreira.
- TEMPLE, M. (ed.), 2009, *Dicionário Oxford Pocket para estudantes de Inglês (Português-Inglês / Inglês-Português).* Oxford, Oxford University Press
- TEXTO EDITORA, 2004, *Dicionário Universal Compacto Português-Espanhol.* Lisboa, Texto Editora.
- TEXTO EDITORA, 2006, *Dicionário Universal Integral Espanhol-Português, Português-Espanhol.* Lisboa, Texto Editora.
- TOCHTROP, Leonardo, 1984 (1943), *Dicionário Alemão-Português,* Rio de Janeiro.
- VALDEZ, João Fernandes, 1875, *A Portuguese and English Pronouncing Dictionary, newly composed, from the best dictionaries of both languages containing a great number of terms connected with all the sciences and arts, short sentences and expressions illustrating such acceptations as present and difficulty many idiotisms and familiar phrases and followed by vocabularies of the names of places and persons, etc, etc, etc.* By João Fernandes Valdez. Rio de Janeiro, Garnier.
- VALDEZ, João Fernandes, 1875, *Novissimo diccionario inglez-portuguez: composto sobre os melhores dictionarios das duas linguas, contendo a pronuncia figurada e augmentado com mais de quinze mil termos de todas as sciencias e artes, enriquecido com as irregularidades dos verbos, muitos idiotismos, phrases familiares e un vocabulario geographico, e outro de nomes proprios* Rio de Janeiro, Paris, Livraria Garnier.
- VALDEZ, João Fernandes, 1880, *Novissimo diccionario francez-portuguez e portuguez-francez: contendo a pronuncia figurada, a conjugação de todos os verbos irregulares nos tempos simples, as phrases cuja traducção póde offerecer alguma difficuldade, as locuções e proverbios usados em ambas as linguas, e augmentado com mais de 25000 termos de medicina, cirurgia, veterinaria, physica, chimica, pharmacia, mineralogia, botanica, zoologia, astronomia, bellas-artes, nautica e das demais sciencias e artes; bem como os principaes nomes geographicos antigos e modernos, e seguido de uma lista de nomes proprios, alguns dos quais historicos e outros mythologicos, composto com o auxilio dos Dictionarios Portuguezes de Moraes e Vieira, dos melhores dictionarios francezes e do Grande Dictionario Universal do XIX seculo de Pierre Larousse.* Rio de Janeiro, B.-L. Garnier, Livreiro-Editor do Instituto Historico Paris, E. Belhatte et Cie.; Lisboa, Livraria Bertrand.
- VALDEZ, João Fernandes, 1887, *Nouveau dictionnaire français-portugais et portugais-français composé sur les meilleurs dictionnaires des deux langues augmenté de plus de 15,000 mots nouveaux.* Rio de Janeiro, B.-L. Garnier; Paris, Émile Mellier.
- VALDEZ, Manuel do Canto e Castro Mascarenhas, 1864-66, *Diccionario español-portugués el primero que se ha publicado con las voces, frases, refranes y locuciones usadas en España y Américas Españolas, en el lenguaje comun antiguo y moderno.* Lisboa, Imprensa Nacional.
- VERDEYEN, René W. R. (ed.), 1925-1935, *Colloquia et dictionariolum septem linguarum, gedrukt door Fickaert te Antwerpen in 1616.* Antwerpen, Nederlandsche Boekhandel / 'S Gravenhage, M. Nijhoff. [v. I (1926), v. II (1925), v. III (1935), (Uitgave van de Antwerpsche Bibliophilen)].
- VIEIRA Transtagano, António, 1773, *A Dictionary of the Portuguese and English Languages, in two parts, Portuguese and English: and English and Portuguese Wherein I. The words are explained in their different Meanings, by Examples from the best Portuguese and English Writers. II. The Etymology of the Portuguese*

- generally indicated from Latin, Arabic, and other Languages. Throughout the Whole are interspersed a great number of Phrases and Proverbs. Londres, J. Nourse. Várias reed.: 1782, 1794, 1805, 1809, 1813, 1827, 1837, 1840, 1860-1861.
- VIQUEIRA BARREIRO, José Maria, 1961, *Diccionario español-portugués y portugués-español*. Madrid, Aguilar.
- VOX, 2008, *Diccionario Manual Português-Espanhol / Español-Portugués*. Barcelona, Vox.
- WAGENER, Johann Daniel, 1811-12, *Novo Diccionario Portuguez-Alemão e Alemão-Portuguez. Diccionario Portuguez-Alemão*. Lipsia. *Neues Portugiesisch-Deutsches und Deutsch-Portugiesisches Lexikon*. Erster Theil A bis J welcher das Deutsch-Portugiesische enthält, Leipzig. Zweyter Theil K-Z und Nachtrag welcher das Deutsch-Portugiesische enthält. Leipzig.
- WANG, Fushan, 2001, *葡语实用动词搭配词典 Dicionário Prático de Verbos e Suas Regências*. 1ª edição. Hainan, Hannan Press.
- WANG, Suoying; LU, Yanbin, 1997, *简明汉葡词典 Dicionário Conciso Chinês – Português*. 1ª edição. Xangai, Shanghai Foreign Language Education Press.
- WHITLAM, J.; RAITT, L. (eds.), 2001, *The Oxford Colour Portuguese Dictionary*. Oxford, Oxford University Press.
- XACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, 2001, *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa/Editorial Verbo.
- XATARA, Claudia; OLIVEIRA, Wanda Leonardo, 1995, *Dicionário de falsos cognatos francês-português / português-francês*. São Paulo, Cultura.
- XATARA, Claudia; OLIVEIRA, Wanda Leonardo, 2008, *Dicionário de falsos cognatos francês-português / português-francês*. 2ª ed. São Paulo, Schimidt.
- YULE, Henry; BURNELL, A.C., 1903, *Hobson-Jobson A Glossary of Colloquial Anglo-Indian Words and Phrases, and of Kindred Terms, Etymological, Historical, Geographical and Discursive. New Edition edited by William Crooke; fourth edition: 1984*. New Delhi, Munshiram Manoharlal Publishers. Em linha: <http://dsal.uchicago.edu/dictionaries/hobsonjobson/>
- ZHOU, Hanjun & alii, 1994, *简明葡汉词典 Dicionário Conciso Português – Chinês*. 1ª edição. Pequim, The Commercial Press.

## 2. Referências gerais

- ABREU, Maria Helena; GARCÍA DINI, Encarnación; GIACCHERINI, Enrico; PAGANI, Walter; RIZZA, Ricardo; WAENTIG, Peter; Wolfgang, 1996, *Colloquia, et dictionariolum octo linguarum: latinae, gallicae, belgicae, teutonicae, hispanicae, italicae, anglicae, portugallicae*. Viareggio-Luca, Mauro Baroni, imp.
- ACADEMIA Real da Ciências de Lisboa, 1817, *Historia e memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo V, Parte I. Lisboa, Na Typografia da mesma Academia.
- ACERO DURÁNTEZ, I., 2003, «La lexicografía plurilingüe del español», in MEDINA GUERRA, A. M. (coord.), *Lexicografía española*. Barcelona, Ariel, pp. 175-204.
- ACERO DURÁNTEZ, Isabel, 1992, «En torno a la historia de la lexicografía española: el “Nomenclator” de Hadrianus Junius», *Voces*, 3, pp. 109-116.
- ADAMSKA-SALACIAK, Arleta, 2009, «Review - A. P. Cowie (ed.). *The Oxford History of English Lexicography*», *International Journal of Lexicography*, 22, 3, pp. 467-471. Em linha: <http://ijl.oxfordjournals.org/> (DOI 10.1093/ijl/ecp020).
- ALMEIDA, Átila, 1988, *Dicionários parentes e aderentes, uma bibliografia de dicionários, enciclopédias, glossários, vocabulários e livros afins em que entra a língua Portuguesa*. João Pessoa, Nova Stela.
- ALMEIDA, Horácio de, 1983, *Catálogo de dicionários portugueses e brasileiros*. Rio de Janeiro, Companhia Brasileira de Artes Gráficas.
- ALMEIDA, Justino Mendes de, 1959, «Lexicógrafos portugueses de língua latina. O primeiro lexicógrafo português da língua latina: Jerónimo Cardoso», *Eiphrosyne*, 2, pp. 139-152.
- , 1965, «Agostinho Barbosa: o segundo lexicógrafo português da língua latina», *Revista de Guimarães*, 75, 1/4, pp. 31-40.
- , 1967a, «Prosódia de Bento Pereira», *Revista de Guimarães*, 77, 1/2, pp. 5-12.
- , 1967b, «O Dicionario Lusitanico-Latino de Frei Pedro de Poyares», *Revista de Guimarães*, 77, 1/2, pp. 12-17.
- , 1969a, «A Porta de línguas (Ianva lingvarum), de Amaro de Reboredo», *Revista de Guimarães*, 79, 1/2, pp. 5-7.
- , 1969b, «A Amalthea siue hortus onomasticus do P. Fr. Tomas da Luz», *Revista de Guimarães*, 79, 1/2, pp. 7-13.
- , 1969c, «O Vocabulario portuguez e latino de D. Rafael Bluteau», *Revista de Guimarães*, 79, 1/2, pp. 13-27.
- , 1969d, «O Apparato critico para a correccao do dicionario intitulado Prosodia in vocabularium bilingue digesta, de Antonio Pereira de Figueiredo», *Revista de Guimarães*, 79, 1/2, pp. 27-36.
- , 1969e, «O Dicionario portuguez, e latino, do Padre Carlos Folqman», *Revista de Guimarães*, 79, 1/2, pp. 36-40.
- , 1969f, «O Breve dicionario da latinidade pura e impura de António Pereira de Figueiredo», *Revista de Guimarães*, 79, 3/4, pp. 193-198.
- , 1969g, «Os Dicionários de Pedro José da Fonseca», *Revista de Guimarães*, 79, 3/4, pp. 198-210;
- , 1969h, «O Magnum lexicon, de Frei Manuel de Pina Cabral», *Revista de Guimarães*, 79, 3/4, pp. 210-216;
- , 1969i, «O Dicionario portuguez-francez-e-latino novamente compilado por Joaquim José da Costa e Sá», *Revista de Guimarães*, 79, 3/4, pp. 216-226;
- , 1972a, «O dicionario latino, e portuguez, por Damião de Froes Perim (Fr. João de S. Pedro)», *Revista de Guimarães*, 82, 3/4 (1972), 151-162;
- , 1972b, «Nomenclatura port., e latina», *Revista de Guimarães*, 82, 3/4, pp. 163-168.
- ALMELA, R.; CANTOS; SANCHEZ, A.; SARMIENTO, R.; ALMELA, M., 2005, *Frecuencias del español. Dicionario y estudios léxicos y morfológicos*. Madrid, Universitas.
- ALVAR EZQUERRA, Manuel, 1993, *Lexicografía descriptiva*. Barcelona, Biblograf.
- ALVAR EZQUERRA, Manuel, 1995a, «Los dicionarios del español», in SECO, Manuel; SALVADOR Gregorio (coord.), *La lengua española, hoy*. Madrid, Fundación Juan March, pp. 225-233.
- ALVAR EZQUERRA, Manuel, 1995b, «Los dicionarios del español en su historia», *International Journal of Lexicography*, 8, 3, pp. 173-210.
- ALVAR EZQUERRA, Manuel, 2002, *De antiguos y nuevos dicionarios del español*. Madrid, Arco Libros.
- ÁLVAREZ DE MIRANDA; POLO, J., 2002, *Lengua y dicionarios. Estudios ofrecidos a Manuel Seco*. Madrid, Arco/Libros.

- ANGLADA ARBOIX, Emília; BARGALLÓ ESCRIVÁ, María, 1992, «Principios de lexicografía moderna en los diccionarios del siglo XIX», in ARIZA, M.; CANO, R.; MENDOZA, J.; NARBONA, A. (eds.), *Actas del II Congreso Internacional de Historia de la Lengua Española*, I. Madrid, Pabellón de España, pp. 955-962.
- APRILE, Marcello, 2005, *Dalle parole ai dizionari*. Bologna, Il Mulino.
- AUGUSTO, M. Celeste, (no prelo), «Phraséologies de l'œil en portugais et en néerlandais dans un cadre lexico-sémantique - une approche contrastive», in KORHONEN, Jarmo et al. (Hg.), *Phraseologie: global-areal-regional*. Akten der Konferenz EUROPHRAS 2008 vom 13.-16.8.2008 in Helsinki, pp. 325-331.
- AUGUSTO, M. Celeste, 2003, «A produção de dicionários bilingues através de um programa editor: O Dicionário bilingue Neerlandês-Português e Português-Neerlandês», in MENDES, A. (ed.), *Actas do XVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, pp. 161-169.
- AULETE, Francisco Júlio Caldas, 1881, *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa*, Lisboa, Imp. Nacional [Obra dirigida por F. J. Caldas Aulete e continuada por António Lopes Santos Valente].
- AULETE, Francisco Júlio Caldas, 1987, *Dicionário da Língua Portuguesa Caldas Aulete*. Rio de Janeiro: Editora Delta [5ª edição brasileira, revista, actualizada e aumentada por Hamílcar de Garcia e Antenor Nascentes].
- AYALA MANRIQUE, J. F., 1693-1726?, *Tesoro de la Lengua Castellana*, [hasta la letra C] Manuscrito inédito. Biblioteca Nacional de Madrid, Mss. 1325.
- AZORÍN FERNÁNDEZ, Dolores, 1996b, «La lexicografía española en el siglo XIX. Desarrollos y tendencias», in SERRA ALEGRA, E.; GALLARDO PAÚLS, B.; VEYRAT RIGAT M.; D. Jorques Jiménez y A. Alcina Caudet (eds.), *Panorama de la Investigación Lingüística a l'Estat Espanyol. Actes del I Congrés de Lingüística General, València, 15, 16 i 17 de febrer de 1994, 2: Gramàtica i Lingüística formal*. València, Universitat de València, pp. 48-54.
- AZORÍN FERNÁNDEZ, Dolores, 2000, *Los diccionarios del español en su perspectiva histórica*. Alicante, Universidad de Alicante.
- BAJO PÉREZ, Elena, 2000, *Diccionarios. Introducción a la historia de la lexicografía del español*. Gijón, Trea.
- BALLY, Charles, 1951, *Traité de stylistique française*. 2. vol., 32ª ed. Paris, Klincksieck.
- BARBOSA, Jorge Morais, 2002a, «Dois séculos de dicionarística em Portugal: 1793-2001», *Estudos Portugueses 2. Revista de Filologia Portuguesa*. Salamanca, Caja Duero, pp. 45-53.
- BARBOSA, Jorge Morais, 2002b, «Os Estudos de Lingüística Portuguesa em Portugal», in AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de; RODRIGUES, Marina Machado (orgs.), *Congresso Internacional de Lexicografia e Literaturas no Mundo Lusofónico (De 17 a 21 de julho de 2000)*. Rio de Janeiro, Editora Ágora da Ilha, pp. 145-158.
- BÁRDOSI, Vilmos, 1992, «Problèmes posés par le traitement lexicographique des figés dans les dictionnaires français», *Fremdsprachen Lehren und Lernen*, 21, pp.104-116.
- BARRETO, Luís Filipe, 2002, «Ricci, Matteo e Ruggieri, Michele, *Dicionário português-chinês*, (Michele John W. Witek, ed., 2001)», recensão, *Bulletin of Portuguese / Japanese Studies* 5, pp. 117-128.
- BELINFANTE, Moisés Cohen, 1816, *Elementos de soletrar da língua portuguesa, para uso da escola dos pobres dos Israélitas Portuguezes em Amsterdam*. Gronden der Portugeesche Spelkunst, ten gebruike der Armenschool, van de Nederlandsche Portugeesche Israëliten, te Amsterdam. Amsterdam, A M. Belinfante.
- BELINFANTE, Moisés Cohen, 1816, *Lições de Leitura portuguesa, para uso da escola dos pobres dos Israélitas Portuguezes em Amsterdam, parte primeira*. Portugeesche leesboekje, ten gebruike der Armenschool, van de Nederlandsche Portugeesche Israëliten, te Amsterdam. Amsterdam, A. Belinfante.
- Bibliografia filológica portuguesa* — v. NOGUEIRA, 1935-1950.
- BINON, Jean; VERLINDE, Serge, (no prelo), *Collocational competence: a key competence in foreign language learning and teaching*. Leuven.
- BOISSON, Claude; KIRTCHUK, Pablo; BÉJOINT, Henri, 1991, «Aux origines de la lexicographie: les premiers dictionnaires monolingues et bilingues», *International Journal of Lexicography*, 4, 4, pp. 261-315.
- BORBA, Francisco da Silva (Org.), 1990, *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo*. São Paulo, Ed. UNESP
- BORBA, Francisco da Silva, 2003, *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo, Ed. Unesp.
- CALEPINO, Ambrosio, 1555, *Ambrosii Calepini Dictionarium* Ioan. Gryphius excudebat, 1555. Venetiis Griffi, Giovanni I, ed.imp.lib.
- CALEPINO, Ambrosio, 1570, *Ambrosii Calepini Dictionarium / Quanta maxime fide ac diligentia fieri potuit accurate emendatum, multisque partibus cumularum; Adiectae sunt latinis dictionibus, hebrae, graecae, gallicae, italicae, hispanicae et germanicae; accesserunt insignes loquendi modi ... adagia ...* Lyon, Béraud, Symphorien.

- CALEPINO, Ambrosio, 1609, *Ambrosii Calepini Dictionarium octolingue: In quo Latinis dictionibus Hebraeae, Graecae, Gallicae, Italicae, Germanicae, Hispanicae, atque Anglicae adiectae sunt* / Recensuit, defœcauit, auxítque multum Joannes Passeratius ... adeò ut nunc, nouum hoc opus nouum nomen postulet, etiam non Calepini Dictionarium, sed Thesaurus Linguae Latinae dici mereatur ... [S. l.], sumptibus Caldorianae Societatis ..., 1609 Porrò, quæ huic Editioni accreuerunt ea obeliscis, siue hamulis huiusmodi [ ] inclusimus, vt quantis auctibus præcedentium omnium Editionum fastigium, hæc noua Passeratii Editio, extulerit, omnes statim videant, vnòque oculi intuitu facile cognoscant.
- CALEPINO, Ambrosio, 1616, *Ambrosii Calepini Dictionarium vndecim linguarum ...*: Respondent autem latinis vocabulis hebraica, graeca, gallica, italica, germanica, belgica, hispanica, polonica, vngarica, anglica: Onomasticum verò, hocest proprium nominum regionum, gentium ... adjuimus [a Conrado Gesnero]. Basileae, Sebastianum Henric Petri, 1616.
- CARDOSO, Simão, 1994, *Historiografia gramatical: 1500-1920: língua portuguesa: autores portugueses*. Porto, Faculdade de Letras do Porto.
- CARNEADO MORÉ, Zoila, 1985, *La fraseología en los diccionarios cubanos*. La Habana, Editorial de Ciências Sociais.
- CARPI, Elena, (no prelo), «El discurso de los mercaderes españoles en los *Colloquia et Dictionarium octo linguarum*», Atti del convegno *De los maestros de lenguas a los profesores de lengua en Europa*, Granada, 5-6-7 novembre 2008, *Quaderni del CIRSIL*, 6, pp. 8-15.
- CARRISCONDO ESQUIVEL, Francisco Manuel; CONTRERAS IZQUIERDO, Narciso M.; RUIZ SOLVES, Lourdes; et al., 2000, «La lexicografía bilingüe del español y las lenguas románicas», in AHUMADA, Ignacio (ed.), *Cinco siglos de lexicografía del español. IV Seminario de Lexicografía Hispánica. Jaén, 17-19 de noviembre de 1999*. Jaén, Universidad de Jaén, pp. 269-306.
- CARVALHO, José G. Herculano de; Schmidt-Radefelt, Jürgen (eds.), 1984, *Estudos de lingüística portuguesa*. Coimbra, Coimbra Editora.
- CASCUDO, Luís da Câmara, 1977, *Locuções tradicionais no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro, FUNARTE, Natal, UFRN.
- CASTRO, Adolfo de, 1852, *Gran diccionario clásico de la lengua castellana*. Madrid, Semanario Pintoresco Español y de la Ilustración.
- CASTRO, Ivo, 1988, «Os estudos de Lexicografia em Lisboa», in LORENZO, Ramón (ed.), *Coloquio de Lexicografía. 27 e 28 de febreiro e 1º de março de 1986*. Santiago de Compostela, Universidad de Santiago de Compostela - Xunta de Galicia, pp. 193-197.
- CASTRO, Ivo; DUARTE, Inés; LEIRIA, Isabel, 1987, *A demanda da ortografia portuguesa. Comentário do Acordo Ortográfico de 1986 e subsídios para a compreensão da Questão que se lhe seguiu*. Lisboa, Sá da Costa.
- CHAO, Eduardo (coord.), 1853-1855, *Diccionario Enciclopédico de la Lengua Castellana*. Madrid, Gaspar y Roig.
- CLAES, Frans M. S. J., 1980, *A Bibliography of Netherlandic Dictionaries – Dutch-Flemish*. München, Kraus International Publications.
- CLAES, Frans M.; BAKEMA, Peter, 1995, *A Bibliography of Dutch Dictionaries*. Lexicographica Series Maior. Tübingen, Max Niemeyer Verlag.
- CLARA, Fernando, 1989, *A Europa da diferença*. Dissertação de Mestrado. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa. Em linha: <http://www.fcsh.unl.pt/docentes/fclara/pubs/mst-pt.pdf>
- CLARA, Fernando, 1997 «Gramáticas da diferença (Imagens de Portugal nas primeiras gramáticas portuguesas para alemães)», in HELMUT, Lüdtke; SCHMIDT RADEFELDT, Jürgen (eds.), *Linguística contrastiva, Deutsch versus Portugiesische — Spanisch — Französisch*. Col. Acta Românica. Tübingen, Narr, pp. 285-302.
- CODOÑER, Carmen, 1996, «Evolución en los diccionarios de Antonio de Nebrija, 1492-1512», *Historiographia Lingüística XXIII*, 3, pp. 267-285.
- COLOMBO TIMELLI, Maria, 2003, «Aspetti didattici nei dizionari plurilingui del XVI-XVII secolo: il "Berlaimont"», *Quaderni del CIRSIL*, 2, pp. 1-11.
- Colóquio de lexicologia e lexicografia*. 1991. Actas. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa.
- COLSON, Jean Pierre, 2006, «Towards computational phraseology. The project of an idiom concordance», in HÄCKI-BUHOFFER, Annelies; BURGER, Harald (Hrsg.), *Phraseology in Motion 1. Methoden und Kritik*. (Phraseologie und Parömiologie. 19). Baltmannsweiler, Schneider Verlag Hohengehren, pp. 21-32.
- COLSON, Jean-Pierre, 2003, «Corpus linguistics and phraseological statistics: a few hypotheses and examples», in BURGER, Harald; et alii (eds.). *Flut von texten – vielfalt der kulturen. Ascona 2001 zu Methodologie und kulturspezifische der phraseologie*. Baltmannsweiler, Schneider Verlag Hohengehren, pp. 47-59.
- COLSON, Jean-Pierre, 2007, «The World Wide Web as a corpus for set phrases», in BURGER, Harald et al. (eds.), *Phraseology / Phraseology*. Berlin, New York, Mouton de Gruyter, pp. 1071-1077.

- CORBELLA DÍAZ, Dolores, 2004, «Contribución a la historia de la lexicografía luso-española: el *Diccionario castellano y portugués* de Raphael Bluteau», in CORBELLA, D.; DORTA, J.; TORRES, A. N.; CORRALES, C. J.; PLAZA, F. M. (coords.), *Nuevas aportaciones a la historiografía lingüística: Actas del IV Congreso Internacional de la SEHL, La Laguna (Tenerife), 22 al 25 de octubre de 2003*. Vol. 1, pp. 385-398.
- CORMIER, Monique C., 2002, «Abel Boyer, lexicographe. Genèse d'une œuvre », *Cahiers de lexicologie*, Paris, Honoré Champion, vol. 80, fascicule 1, pp. 25-42.
- CORREIA, Margarita, 2008, *Os Dicionários Portugueses*, Lisboa, Caminho.
- COSTA, J. Almeida; MELO, A. Sampaio e, 1998, *Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora*. [8ª edição, revista e actualizada pelo Departamento de Dicionários da Porto Editora]. Porto, Porto Editora.
- COVARRUBIAS, Sebastián de, 1611, *Tesoro de la lengua castellana o española*. Madrid, Luis Sánchez.
- COWIE, A. P., 1983, «On Specifying Grammar. On Specifying Grammatical Form and Function», in HARTMANN (ed.), pp. 99-107.
- CUNHA, Antônio Geraldo da, 1988, «Os estudos lexicográficos no Brasil», in LORENZO, Ramón (ed.), *Coloquio de Lexicografía. 27 e 28 de febreiro e 1º de março de 1986*. (Verba. Anexo, 29). Santiago de Compostela, Universidad de Santiago de Compostela - Xunta de Galicia, pp. 203-208.
- CUNHA, Antônio Geraldo da, 1989, «Pontos negros na lexicografia da língua portuguesa», in KREMER, Dieter (ed.), *Actes du XVIIIe Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes. Université de Trèves (Trier) 1986. Tome IV. Section VI. Lexicologie et lexicographie. Section VII. Onomastique*. Tübingen, Max Niemeyer, pp. 13-19.
- DAVIES, M., PRETO-BAY, A., 2007, *A Frequency Dictionary of Portuguese*. Abingdon, Routledge.
- DE LUCCA, J., 2001, *Elsevier's Economics Dictionary: In English, French, Spanish, Italian, Portuguese and German*. Amsterdam, Elsevier.
- DE MAURO, Tullio, 1989a, «I vocabolari ieri e oggi», *Vocabolario Elettronico della Lingua Italiana*. Milano, IBM Italia, pp. 7-40;
- DE MAURO, Tullio, 1989b, «I vocabolari oggi e domani», *Vocabolario Elettronico della Lingua Italiana*. Milano, IBM Italia, pp. 41-49.
- DELLA VALLE, Valeria, 1993-1994, «La lessicografia», in SERIANNI Luca; TRIFONE Pietro, *Storia della lingua italiana*. Giulio Einaudi Editore, vol. 1, pp. 29-91.
- DELLA VALLE, Valeria, 2005, *Dizionari italiani. Storia, tipi, struttura*. Roma, Carocci.
- DOMÍNGUEZ, R. J., 1846-1847, *Diccionario nacional o gran diccionario clásico de la lengua española el más completo de los publicados hasta el día por Ramón Joaquín Domínguez*. Madrid, Bernat.
- DOMÍNGUEZ, R. J., 1853, *Diccionario nacional o gran diccionario clásico de la lengua española el más completo de los publicados hasta el día por Ramón Joaquín Domínguez*. Madrid, Bernat. [5ª ed.].
- DUNETON, C.; CLAVAL, S., 1990, *Le bouquet des expressions imagées - encyclopédie thématique des locutions figurées de la langue française*. Paris, Seuil.
- EMERY, Luigi, 1947, «Il Vocabulista – Il Berlaumont – La Iannua Linguarum», *Lingua Nostra*, vol. VIII, Fasc. 2, pp. 35-39.
- ESTRELA, Edite, 1993, *A questão ortográfica. Reformas e acordos da língua portuguesa*. Almada, Ed. Notícias.
- ETTINGER, Stefan, 1982, «Formación de palabras y fraseología en la lexicografía», In HAENSCH, G. et al. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid, Gredos, pp. 233-58.
- ETTINGER, Stefan, 1989-1991, «Die zweisprachige Lexikographie mit Portugiesisch», in HAUSMANN; REICHMANN, WIEGAND; ZGUSTA (eds.), *Wörterbücher: Ein internationales Handbuch zur Lexicographie/Dictionaries: An international Encyclopaedia of lexicography/Dictionnaires: Encyclopédie internationale de lexicographie*, 3 volúmenes. Berlín y Nueva York, De Gruyter, pp. 3020-3030.
- FABBRI, Maurizio, 1979a, *A Bibliography of Hispanic Dictionaries. Catalan, Galician, Spanish in Latin America and the Philippines. Apendix: A Bibliography of Basque Dictionaries*. (Biblioteca di Spicilegio moderno, Collana bibliografica, 1). Imola, Galeati.
- FABBRI, Maurizio, 1979b, *A Bibliography of Portuguese and Luso-Brazilian Dictionaries*. Piován, s. l. (reed. Padova, Piován Editore, 1994).
- FEIJÓ, João de Morais Madureira, 1734, *Ortographia ou arte de escrever e pronunciar com acerto a língua portugueza*. Lisboa, Officina de Miguel Rodrigues.
- FERNÁNDEZ SÁNCHEZ, Mª Manuela; SABIO PINILLA, José Antonio, 2003, «El humanismo renacentista y la traducción en Portugal en los siglos XVI y XVII», in SABIO PINILLA, J. A.; VALENCIA, M. D. (eds.), *Seis estudios sobre la traducción en los siglos XVI y XVII (España, Francia, Italia y Portugal)*. Granada, Editorial Comares, pp. 205-242.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1938, *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*. São Paulo, Civilização. [10ª ed., 1958].
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1986, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira [2ª edição, revista e aumentada, 20ª impressão].

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1999, *Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- FIGUEIREDO, António Cândido de, 1899, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 2 volumes. Lisboa, Tavares Cardoso & Irmão, Portugal-Brasil.
- FIGUEIREDO, António Cândido de, 1937, *Pequeno dicionário da língua portuguesa*. Lisboa, Portugal-Brasil.
- FINOLI, Maria, 2003, «Aspetti didattici nei dizionari plurilingui del XVI secolo: l'Utilissimo Vocabulista», *Quaderni del CIRSIL*, 2, pp. 1-12.
- FORMIGARI, Lia, 1984, *Teorie e pratiche linguistiche nell'Italia del Settecento*. Bologna, Il Mulino.
- FRAWLEY, W., 1981, «In Defense of the Dictionary: A Response to Haiman», *Lingua. International Review of General Linguistics*, 55, 1, pp. 53-61.
- GALISSON, Robert, 1984, «Pour un dictionnaire des mots de la culture populaire», *le Français dans le monde*, 188, pp. 57-63.
- GALISSON, Robert, 1988, «La culture partagée: une monnaie d'échange interculturelle», in IBRAHIM, Amr Helmy (Coord.), *Lexiques*, pp.113-117.
- GALLINA, Annamaria, 1959, *Contributi alla storia della lessicografia italo-spagnola dei secoli XVI e XVII*. Firenze, Olschki, pp. 73-91.
- GALVÃO, Ramiz, 1936, «Lexicologia portuguesa. Os melhores léxicos», *Revista da Academia Brasileira de Letras*, 51, pp. 182-201.
- GILI GAYA, Samuel, 1960, *Tesoro Lexicográfico (1492-1726)*. 3 vols. Madrid, C.S.I.C.
- GINNEKEN, Jacobus van, 2003 (1928), *Handboek der Nederlandsche Taal. De sociologische structuur der Nederlandsche Taal*, deel I . 2<sup>de</sup> druk. 's Hertogenbosch, L.C.G. Malmberg. Em linha: [http://www.dbnl.org/tekst/ginn001hand01\\_01/](http://www.dbnl.org/tekst/ginn001hand01_01/) (20-09-2008)
- GREFFENSTETTE, Grégory, 2004, *Estimation of the volume of English and non English*. Em linha <http://www.infonortics.com/searchengines/sh04/slides/greffen.pdf>.
- GREFFENSTETTE, Grégory, NIOCHE, Julien, 2000, «Estimation of english and non-english language use on the www», *Proceedings of RLAO 2000, Content-Based Multimedia Information Access*, pp. 237-246.
- GROENEBOER, Kees, 2006 (1993), *Weg tot het Westen - het Nederlands voor Indië 1600-1950: een taalpolitieke geschiedenis*. Leiden, KITLV Uitgeverij. Em linha: [http://www.dbnl.org/tekst/groe050wegt01\\_01/colofon.htm](http://www.dbnl.org/tekst/groe050wegt01_01/colofon.htm) (01-05-2009)
- GUERRERO RAMOS, Gloria, 1995, *El léxico en el Diccionario (1492) y en el Vocabulario (¿1495?) de Nebrija*. Sevilla, Universidad de Sevilla.
- HAAGE, Mies, 1993, *Juventude he idade de adquirir as ciencias – Elementos de soletrar da língua portuguesa e Lições de leitura portuguesa*. Tese de licenciatura, inédita. Universidade de Utreque, Departamento de Estudos Portugueses.
- HAENSCH, G.; WOLF, L.; ETTINGER, S.; WERNER, R., 1982, *La lexicografía. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos.
- HAENSCH, Günther, 1989-1991, «Spanische Lexicographie», in HAUSMANN; REICHMANN, WIEGAND; ZGUSTA (eds.), *Wörterbücher: Ein internationales Handbuch zur Lexicographie/Dictionaries: An international Encyclopaedia of lexicography/Dictionnaires: Encyclopédie internationale de lexicographie*. 3 volumes. Berlin / New York, De Gruyter, pp. 1738-1767.
- HAENSCH, Günther, 2002, «Sobre cinco diccionarios español-portugués ¿modernos?», in ÁLVAREZ DE MIRANDA, Pedro; POLO, José; (eds.), *Lengua y diccionarios. Estudios ofrecidos a Manuel Seco*. Madrid, Arco Libros, pp. 137-150.
- HAIMAN, J., 1980, «Dictionaries and Encyclopedias», *Lingua. International Review of General Linguistics*, 50, 4, pp. 329-357.
- HARTMANN, R.R.K. (ed.), 1983, *Lexicography: Principles and Practice*. London, Academic Press.
- HAUSMANN, Franz Josef, 1989, «Wörterbücher im Urteil der gebildeten Öffentlichkeit in Deutschland und den romanischen Ländern», in HAUSMANN, Franz Josef; et alii (eds.), *Wörterbücher / Dictionaries / Dictionnaires. Ein internationales Handbuch zur Lexikographie / An International Encyclopedia of Lexicography / Encyclopédie internationale de lexicographie*. 1. Berlin / New York, De Gruyter, pp. 21-22.
- HEINZ, Michaela, 1993, *Les locutions figurées dans le "Petit Robert"*. Tübingen, Max Niemeyer.
- HOUAISS, Antônio et al., 2001, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva.
- HUYLEBROUCK, Rosa, 1985, «O Neerlandês», *Línguas e Literaturas*, II Série, vol. IV, pp. 349-361.
- HUYLEBROUCK, Rosa, 1987, «Zakwoordenboek Portugees-Nederlands» (recensão), *Línguas e Literaturas*, II Série, vol. IV, pp. 377-383.
- IMPRESA REGIA, 1818 — v. RESTIER, 1818
- IRIARTE SANROMÁN, Álvaro, 2004, «Dicionários Codificadores», in SOUSA, C. M. de; PATRÍCIO R., (org.), pp. 81-98.

- IRIARTE SANROMÁN, Álvaro, 2000, *A unidade lexicográfica: palavras, colocações, frasesmas, pragmatemas*. Dissertação de Doutoramento em Ciências da Linguagem – Linguística Aplicada. Braga, Universidade do Minho.
- IRIARTE SANROMÁN, Álvaro, 2001, *A Unidade Lexicográfica. Palavras, Colocações, Frasesmas, Pragmatemas*. Braga, Centro de Estudos Humanísticos-Universidade do Minho.
- IRIARTE SANROMÁN, Álvaro, 2003, «A informação sobre a categoria gramatical nos dicionários bilingues», *Diacrítica – Ciências da Linguagem*, 17-1, pp. 319-327.
- IRIARTE SANROMÁN, Álvaro, 2005, «Dicionários Monolíngues da Língua Galega», *Revista Galega de Filoloxía*, 6. Corunha, Universidade da Coruña, pp. 51-72.
- JL, 2009, «Porto Editora – A 'ciência' dos livros», *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, N° 1007, pp. 20-21.
- JUNIUS, Hadrianus, 1567, *Nomenclator omnium rerum*. Antuerpiae, Ex Officina C. Plantini.
- KILGARRIFF, Adam, GREFENSTETTE, Grégory, 2003, «Introduction to the special issue on the Web as Corpus», *Computational Linguistics*, 29 (3), pp. 333-347.
- KLOOSTERBOER, Wilhelmina, 1957, *Bibliografie van Nederlandse publikaties over Portugal en zijn overzeese gebiedsdelen*. Utrecht, Bibliotheek der Rijksuniversiteit.
- LAUSBERG, Heinrich, 1981, *Linguística românica*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- LERAT, Pierre, 1995, *Les langues spécialisées*. Paris, PUF.
- LILLO, Jacqueline, 2002, «Bilan et pistes de recherche en histoire de la lexicographie bilingue français-italien», *Quaderni del CIRSIL*, pp.47-58. Em linha: <http://amsacta.cib.unibo.it/546/1/Lillo1.pdf> (10-06-2009)
- LOFFLER-LAURIAN *et alii*, 1979, «Pour une étude contrastive des lexies complexes: cas particulier des lexies et chiffres en français, portugais et finnois», *Cahiers de Lexicologie*, 34, 1, pp. 61-86.
- LONGMAN, 2004, *Longman Dictionary of Contemporary English: the living dictionary*. 3rd ed. London, Longman.
- LOPE BLANCH, Juan M., 1990, «El Vocabulário de las dos lenguas toscana y castellana de Cristóbal de Las Casas», in *Estudios de historia lingüística hispanica*. Madrid, Arco Libros, pp. 111-124.
- LOPES, David, 1969, *Expansão da Língua Portuguesa no Oriente nos séculos XVI, XVII e XVIII*, 2ª edição revista e anotada por Luís de Matos. Porto, Portucalense Editora.
- LORENZO, Ramón (coord.), 1986, *Coloquio de lexicografía, 27 e 28 de febreiro e 1º de março de 1986*. (VERBA. Anuario galego de filoloxía, Anexo, 29). Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela.
- LUPETTI, Monica, 2005, «Da Cardoso a Bluteau: la lessicografia portoghese del Seicento», *Quaderni del CIRSIL*, 4, pp. 65-77.
- LUPETTI, Monica, 2009, «Cultura, grammatica e lessicografia nel Portogallo del Settecento: glottodidattica e plurilinguismo in Luís Caetano de Lima», *Nel mezzo del cammin, Actas da Jornada de Estudos Italianos em Honra de Giuseppe Mea*. Porto, Sombra pela Cintura, Universidade do Porto e Porto Editora, pp. 531-551.
- MACHADO, Diogo Barbosa, 1965-1967 (1741-1759), *Bibliotheca Lusitana: historica, critica, e cronológica na qual se comprehende a noticia dos authores portugueses, e das obras, que compuserão desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo prezente*. Coimbra, Atlântida.
- MARAZZINI, Claudio, 2006, *La lingua italiana. Profilo storico*, 3ª ed. Bologna, Il Mulino.
- MARAZZINI, Claudio, 2009a, *Da Dante alla lingua selvaggia*. 2ª ed. Roma, Carocci.
- MARAZZINI, Claudio, 2009b, *L'ordine delle parole. Storie di vocabolari italiani*. Bologna, Il Mulino.
- MARELLO, Carla, 1989, *Dizionari bilingui con schede sui dizionari italiani per francese, inglese, spagnolo, tedesco*. Bologna, Zanichelli.
- MARELLO, Carla, 1989, *Dizionari bilingui*. Bologna, Zanichelli.
- MARTIN, Willy, 2007, «Government Policy and the Planning and Production of Bilingual Dictionaries: The 'Dutch' Approach as a Case in Point», *International Journal of Lexicography* 20, pp. 221-237.
- MEA, Giuseppe, 2004, «Dizionari italiano-portoghese-italiano», in MARNOTO, Rita (coord.), *Caminhos da Italianística em Portugal*. Coimbra, IEL-FLUC, Almedina.
- MEDINA GUERRA, A. M. (coord.), 2003, *Lexicografía española*. Barcelona, Ariel.
- MELLO, José Antônio G. de, 1987, *Tempo dos Flamengos – influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil*. Recife, Fundação Joaquim Nabuco- Editora Massangana.
- MELO, G. Chaves de, 1947, *Dicionários portugueses*. Rio de Janeiro, Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde.
- MESSELAAR, Petrus Adrianus, 1988, «Tentative de systématisation en lexicographie bilingue malgré les limites de la sémantique», *I.T.L.: review of applied linguistics*. Leuven, 79-80, pp. 113-133.
- MESSNER, Dieter, 1992, «L'etymologie portugaise selon Minsheu», *Linguística* 32, pp. 213-219.

- MINERVA, Nadia, 1989, «Storie di manuali. La didattica delle lingue straniere in Italia nell'Arte di insegnare la lingua francese e nel Maître Italien Italien de Veneroni», *Grammatiche, Grammatici, Grammatisti. Per una storia degli insegnamenti linguistici in Italia dal Cinquecento al Settecento*, pp. 55-95.
- MOLINIE, Georges, 1986, *Éléments de stylistique française*. Paris, PUF.
- MOON, Rosamund, 2007, «Sinclair, Lexicography, and the Cobuild Project: the Application of Theory», *International Journal of Corpus Linguistics*, 12/2, pp. 159-181.
- MOON, Rosamund, 2008, «Sinclair, Phraseology, and Lexicography». *International Journal of Lexicography*, 21, pp. 243-254.
- NANNINGA UITTERDIJK, Jurjen, 1904, *Een Kamper Handelsbuis te Lissabon 1572-1594. Handelscorrespondentie, rekeningen en bescheiden*. Zwolle, De Erven J.J. Tijl.
- NASCIMENTO, Maria Fernanda Bacelar; MARQUES, Maria Lúcia Garcia; CRUZ, Maria Luísa Segura da, 1984, *Português fundamental*: 1º vol. t. 1º *Vocabulário*, Lisboa, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa – Instituto Nacional de Investigação Científica.
- NEBRIJA, Elio Antonio, 1615, *Aellii Antonii Nebrissensis ... Dictionarium Latinum Hispanica explanatione, eademq; vera, & germana, postrema hac editione multo elegantius, quàm vnquam antea illustratum, atq; non parua vocum ac cessione locupletatum* Madritii: Apud Ioannem de la Cuesta ..., 1615 *Dictionarium propriorum nominum ex probatissimis græcæ, et latinæ linguæ Auctoribus concinnatū, atque diligētius & accuratiūs quàm antea emendatum & auctum* / Aelio Antonio Nebrissensi ... Auctore; Cui ad vocum augmētum in hac omnium postrema editione, Ioannis Serrani ... studio atque industria additæ sunt complures dictiones, quæ ab ipso Antonio, si viueret, erant excudentæ *Diccionario de romance en latin / por el maestro Antonio de Nebrissa ... En Madrid: Por Iuan de la Cuesta, 1615.*
- NEBRIJA, Elio Antonio, 1979 (1492), *Diccionario latino-español*. Estudio preliminar de Germán Colón y Amadeu-J. Soberanas. Barcelona, Puvill-Editor.
- NEVES, Orlando, 1991, *Dicionário popular de frases feitas*. Porto, Lello & Irmão.
- NOGUEIRA, António, 1990, *Novos dicionários de expressões idiomáticas*. Lisboa, J. Sá da Costa.
- NOGUEIRA, Rodrigo de Sá (dir.), 1935-1950, *Bibliografia filológica portuguesa*. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos.
- ORTIZ-ÁLVAREZ, Maria Luiza, 2000, *Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: estudo contrastivo e implicações para o ensino do português como língua estrangeira*. Tese de doutorado em Linguística Aplicada: Ensino/Aprendizagem de Segunda Língua e Língua Estrangeira - Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, Universidade Estadual de Campinas.
- PALENCIA, Alfonso de, 1490, *Universal vocabulario en latin y en romance*. Sevilla, Imprenta de Paulus de Colonia.
- PELLANDRA, Carla, 1989, «Grammaire et Révolution. Les Éditions de l'An IV et de l'An IX di Maître Italien de Veneroni», *Grammatiche, Grammatici, Grammatisti. Per una storia degli insegnamenti linguistici in Italia dal Cinquecento al Settecento*. Pisa: Libreria Goliardica, pp. 179-181.
- PEREIRA, Maria da Conceição Baptista Marques, 2007, *Contextos improváveis: nonsense, malapropismos e outras banalidades*. Tese de doutoramento em Teoria da Literatura. Lisboa, Faculdade de Letras da Univ. de Lisboa. Em linha: [www.fl.ul.pt/posgraduados/teoria\\_literatura/Pereira2.pdf](http://www.fl.ul.pt/posgraduados/teoria_literatura/Pereira2.pdf)
- PETRUCCI, Armando, 1979, «Alle origini del libro moderno. Libri da banco, libri da bisaccia, libretti da mano», *Libri, scrittura e pubblico nel Rinascimento. Guida storica e critica*. Roma-Bari, Laterza, pp. 137-156.
- PEYARD, Jean; GENOUVRIER, Emile, 1970, *Linguistique et enseignement du français*. Paris, Larousse.
- PINTO, Luís Maria Silva, 1832, *Diccionario brasileiro da lingua portuguesa*. Ouro Preto, Tipografia de Silva.
- PONCE DE LEÓN ROMEO, Rogelio, 2004, «Recensão. *Diccionario Bilingüe de Uso: español – português / português – espanhol*», *Primeira Prova. Revista electrónica de línguas e literaturas*. Em linha: <http://web.letras.up.pt/primeiraprova/diccionario.htm> (2009/10/01).
- PONCE DE LEÓN ROMEO, Rogélio, 2005, «Textos para la enseñanza-aprendizaje del español en Portugal durante el siglo XIX: una breve historia», in M. A. CASTILLO, M. A.; CRUZ, O; GARCÍA, J. M.; MORA, J. P. (coords.), *Las gramáticas y los diccionarios en la enseñanza del español como segunda lengua: deseo y realidad: Actas del XV Congreso Internacional de ASELE, Sevilla, 22 al 25 de septiembre de 2004*. Sevilla, Universidad de Sevilla, pp. 675-682.
- PORTO EDITORA, 2008, *Dicionário da Língua Portuguesa 2009*. Porto, Porto Editora.
- PUGLIESI, Mário, 1981, *Dicionário de expressões idiomáticas - locuções usuais da língua portuguesa*. São Paulo, Parma.
- QUEMADA, Bernard, 1960, «L'inventaire des dictionnaires bilingues – à propos du dictionnaire français –néerlandais de N. de Berlaimont, (1536)», *Cahiers de Lexicographie*, 2, pp. 67-78.
- RAMOS, Vitor, 1972, *A edição portuguesa em França, 1800-1850*. Paris, Fundação Calouste Gulbenkian.
- RAU, Virginia, 1951, *A exploração e o comércio do sal de Setúbal – estudo de história económica*. Lisboa, Instituto de Alta Cultura.

- RAU, Virgínia, 1963, «Rumos e Vicissitudes do Comércio do Sal Português nos séculos XIV a XVIII», Separata da *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, III série, nº 7.
- RAU, Virgínia, 1984, *Estudos sobre a História do Sal Português*. Lisboa, Editorial Presença.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, *Corpus Del Español Actual (CREA)*. Em linha: <http://www.rae.es>
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 1726-1739, *Diccionario de Autoridades*, (*Diccionario de la lengua castellana, en que se explica el verdadero sentido de las voces, su naturaleza y calidad, con las phrasas o modos de hablar, los proverbios o refranes, y otras cosas convenientes al uso de la lengua*). 6 volumes (1-A/B, 2-C, 3-D/F, 4-G/N, 5-O/R, 6-S/Z). Madrid, Impres. Francisco del Hierro. [Edición facsímil, 3 volumes (1-A.B/C, 2-D.F/G.N, 3-O.R/S.Z), Madrid, Editorial Gredos, 1964.]
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2001, *Nuevo Tesoro Lexicográfico de la lengua Española (NTLLE)*. DVD. Madrid, Espasa-Calpe.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Corpus Diacrónico del Español (CORDE)*. Em linha: <http://www.rae.es>
- REY, Alain; DELESALLE, Simone, 1979, «Problèmes et conflits lexicographiques», *Langue Française*, 43, pp. 4-26.
- RESTIER, Luis Maigre (ed.), 1818, *Diccionario Geral da Lingoa Portuguesa de Algibeira*, Lisboa, Imprensa Régia.
- RIBEIRO, João, 1960, *Frases feitas*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves.
- RICÓS, Amparo, 2008, «As categorías verbais invariáveis nos tratados linguísticos portugueses anteriores ao século XIX: advérbios e locuções adverbiais», *Cuadernos de Filología*, Vol. XIII Valencia, Universitat de València, pp. 273-290.
- RICÓS, Amparo, 2008, «As locuções adverbiais nos dicionários trilingues seiscentistas portugueses», *Actas do IX Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*. (Madeira, de 4 a 9 de Agosto) (en prensa)
- RICÓS, Amparo, 2009 (no prelo), «Para una Fraseología Histórica contrastiva hispano-lusa: la traducción al español de los adverbios latinos en los diccionarios trilingües de Amaro de Roboredo y Bento Pereira», *Actas del VIII Congreso Internacional de Historia de la Lengua Española (Santiago de Compostela, de 14 a 18 de septiembre de 2009)*
- RIZZA, Riccardo (ed.), 1996, *Colloquia et dictionariolum octo linguarum Latinae, Gallicae, Belgicae, Teutonicae, Hispanicae, Italicae, Anglicae, Portugallica, Viareggio-Lucca, Mauro Baroni Editore* (reed. de Venezia, Tip. Juliana, 1656).
- RIVARA, Joaquim Heliodoro da Cunha, 1869, *Catalogo dos manuscritos da bibliotheca publica eborensis*, Tomo II. Lisboa, Imprensa Nacional.
- ROBERT, Paul, 2009, *Le nouveau Petit Robert*. Paris, Robert.
- ROBERTS, Roda P., 1996, “Le traitement des collocations et des expressions idiomatiques dans les dictionnaires bilingües”, in BÉJOINT, Henri; THOIRON, Philippe, *Les dictionnaires bilingües*. Louvain-la-Neuve, Duculot, pp. 181-197.
- ROBOREDO, Amaro de, 2002 (1619), *Methodo grammatical para todas as línguas*. Edição de Marina A. KOSSARIK. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ROQUETE, José Inácio, 1848, *Diccionario da Lingua Portuguesa de José da Fonseca, feito inteiramente de novo e consideravelmente augmentado por J. I. Roquete*. Pariz, Va. J. P. Aillaud, Guillard e Cª.
- ROSSEBASTIANO BART, Alda, 1975, «I Colloquia di Noël de Berlaimont nella versione contenente il portoghese», *Annali dell'Istituto Universitario Orientale, Sez. Romanza*, XVII, pp. 31-85.
- ROSSEBASTIANO BART, Alda, 1984, *Antichi vocabolari plurilingui d'uso popolare: la tradizione del Solennissimo Vocabulista*. Alessandria, Edizioni dell'Orso.
- RUSSO, Mariagrazia, 2009, «Da Ortoépia aos Paramentos Sacerdotais na Grammatica Italiana de Luís Caetano de Lima (1734 e 1756)», *Nel mezzo del cammin, Actas da Jornada de Estudos Italianos em Honra de Giuseppe Mea*. Porto, Sombra pela Cintura, Universidade do Porto, Porto Editora;
- SALAS QUESADA, Pilar, 2003 «Los comienzos de la lexicografía bilingüe con el portugués y el español. El Dicionário castelhano-portuguéz de Raphael Bluteau», *Res Diachronicae. Anuario de la Asociación de Jóvenes Investigadores de Historiografía e Historia de la Lengua Española*, 2, pp. 343-351.
- SALAS QUESADA, Pilar, 2003, «El primer diccionario bilingüe español-portugués. Raphael Bluteau», *Res Diachronicae*, 2, pp. 343-351.
- SALAS QUESADA, Pilar, 2005, «Los inicios de la enseñanza de la lengua española en Portugal», in CASTILLO, M. A.; CRUZ, O.; GARCÍA, J. M.; MORA J. P. (coords.), *Las gramáticas y los diccionarios en la enseñanza del español como segunda lengua: deseo y realidad: Actas del XV Congreso Internacional de ASELE, Sevilla, 22 al 25 de septiembre de 2004*, pp. 799-804.
- SALAS QUESADA, Pilar, 2005. «La marca *Hisp.* en los diccionarios plurilingües. En busca de los inicios de la lexicografía hispano-portuguesa». *Res Diachronicae Virtual 4: El Contacto de Lenguas*. Número monográfico coord. por Ana Rodríguez Barreiro y Ana García Lenza. 137-153.

- SALVÁ, Vicente, 1846, *Nuevo diccionario de la lengua castellana, que comprende la última edición íntegra, muy rectificada y mejorada, del publicado por la Academia Española y unas veinte y seis mil voces, acepciones, frases y locuciones, entre ellas muchas americanas*. París, Librería D. Vicente Salvá.
- SAN VICENTE, Félix, 1996, «El diccionario bilingüe», in EZQUERRA, Alvar, (coord.), *Cuadernos Cervantes de la Lengua Española. Especial Diccionesarios*, 11, Madrid, pp. 78-83.
- SAUSSURE, Ferdinand de, 1969, *Cours de linguistique générale*. Paris, Payot.
- SAUSSURE, Ferdinand de, 1992, *Curso de Linguística Geral*. Lisboa, Dom Quixote.
- SCHEMANN, Hans, 1983, *Die portugiesischen Verbalperiphrasen und ihre deutschen Entsprechungen*. Tübingen.
- SCHÖNBERGER, Axel *et alii*, 2002, *Estudos da Gramaticografia e Lexicografia portuguesas*. (Lusorama, 9). Frankfurt am Main, Domus Editoria Europaea.
- SECO, Manuel, 1987a, *Estudios de lexicografía española*. Madrid, Paraninfo.
- SECO, Manuel, 1987b, «El nacimiento de la lexicografía moderna no académica», in SECO, Manuel, *Estudios de lexicografía española*. Madrid, Paraninfo, pp. 129-151.
- SILVA, António de Moraes, 1789, *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado e acrescentado por Antonio de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro*. Lisboa, na Of. de Simão Thaddeo Ferreira.
- SILVA, António de Moraes, 1813, *Diccionario da lingua portugueza recopilado dos vocabulários impressos até agora, e nesta segunda edição novamente emendado, e muito acrescentado...*, por Antonio de Moraes Silva. Lisboa, Typographia Lacerdina.
- SILVA, Augusto Soares da, 1997, *A Semântica de DEIXAR. Uma Contribuição para a Abordagem Cognitiva em Semântica Lexical*. Tese de doutoramento. Braga, Universidade Católica Portuguesa-Faculdade de Filosofia de Braga.
- SILVA, Euclides da Cunha, 1975, *Diccionario de locuções da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Bloch.
- SILVA, Inocêncio Francisco da, 1852-1862, *Diccionario Bibliographico Portuguez. Estudos de Innocencio da Silva applicaveis a Portugal e Brasil*. 7 volumes. Lisboa, na Imprensa Nacional.
- SILVA, Jaime F. da., 1994, «Zum Stand der zweisprachigen Lexikographie Deutsch-Portugiesisch / Portugiesisch-Deutsch: allgemeinsprachliche Äquivalenzwörterbücher», in FIGGE, Udo L. (ed.), *Portugiesische und portugiesisch-deutsche Lexikographie*. Lexicographica - Series maior, 56. Tübingen, pp. 67-85.
- SILVESTRE, João Paulo, 2001, «Argumentação no prólogo do *Vocabulario Portuguez, e Latino*: a defesa da obra e da língua portuguesa», in ABREU, L. M.; MIRANDA, A. J. R. (coords.), *O Discurso em Análise – Actas do 7º Encontro de Estudos Portugueses*. Aveiro, Associação Labor de Estudos Portugueses / Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, pp. 87-101.
- SILVESTRE, João Paulo, 2001, «O *Vocabulario Portuguez, e Latino*: principais características da obra lexicográfica de Rafael Bluteau», *Dicionários da Língua Portuguesa – Património e Renovação*, Cursos da Arrábida. Em linha: [http://clp.dlc.ua.pt/Publicacoes/vocabulario\\_principais\\_caracteristicas.pdf](http://clp.dlc.ua.pt/Publicacoes/vocabulario_principais_caracteristicas.pdf)
- SILVESTRE, João Paulo, 2004, *Rafael Bluteau e o Vocabulario Portuguez e Latino: Teoria metalexigráfica, fontes e recepção*. Dissertação de doutoramento. Aveiro, Universidade de Aveiro.
- SILVESTRE, João Paulo, 2006, «A recepção do *Vocabolario della Crusca* e do *Dictionnaire de l'Académie* na lexicografia portuguesa: o *Vocabulário* de Rafael Bluteau», in CORINO, Elisa; MARELLO, Carla; ONESTI, Cristina (ed.), *Atti del XII Congresso di Lessicografia*, vol. 1. Alessandria, Edizioni dell'Orso, pp. 97-102.
- SILVESTRE, João Paulo, 2008, *Bluteau e as Origens da Lexicografia Moderna*. Lisboa, IN-CM.
- SILVESTRE, Paolo, 2007, «Ancora sulla diaspora dei gesuiti spagnoli in Italia. Il contributo di Terreros e di Hervás alla grammaticografia italo-spagnola del Settecento», *Artifara*, 7 (enero-diciembre 2007), sección Monographica. Em linha: <http://www.artifara.unito.it/Nuova%20serie/Artifara-n-7-Monographica/default.aspx?oid=89&oalias=>
- SOUSA, C. M. de; PATRÍCIO, R. (org.), 2004, *Largo Mundo Alumiado. Estudos em Homenagem a Vítor Aguiar e Silva*. Braga, Centro de Estudos Humanísticos - Universidade do Minho.
- SZENDE, T., 1996, «Problèmes d'équivalence dans les dictionnaires bilingues», in BÉJOINT, H.; THOIRON, Ph. (eds.), *Les dictionnaires bilingues*. Louvain-la-Neuve, Universités Francophones, Duculot, S.A., pp. 111-126.
- TAVANI, Giuseppe, 1958, «Grammatiche portoghesi ad uso degli italiani (contributo alla bibliografia degli studi portoghesi in Italia)», *Filologia romanza*, 19-20, pp. 438-458.
- TEENSMA, Ben N., 1980, «O estudo da língua portuguesa no Holanda até ao ano de 1900», *Aufsätze zur Portugiesischen Kulturgeschichte*, 19. Band, pp. 201-220.
- TERREROS Y PANDO, Esteban de, 1786-1793, *Diccionario Castellano con las Voces de Ciencias y Artes y sus correspondientes en las 3 lenguas francesa, latina e italiana*. Madrid, Viuda de Ibarra.
- TIMELI, Maria Colombo, 1992, «Dictionnaires pour voyageurs, dictionnaires pour marchands ou la polyglossie au quotidien aux XV<sup>e</sup> et XVII<sup>e</sup> siècles», *Linguisticae Investigationes*, XVI, 2, pp. 395-420.

- TORRE, Manuel Gomes da, 1996, «Who wrote *A Compleat Account of the Portuguese Language?*», *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, n.º 5. Lisboa, JNICT, p.33-47.
- TRIFONE, Pietro, 2009, *Malalingua*. Bologna, Il Mulino.
- TRISTÁ PÉREZ, Antonia Maria, 1988, *Fraseología y contexto*. Habana, Editorial de Ciencias Sociales.
- VAN ROODEN, Peter, 1986, «Two Early Cases of Publication by Subscription in Holland and Germany: Jakob Abendana's *Mikhlal Yophi* (1661) and David Cohen de Lara's *Keter Kebunna* (1668)», *Quarendo* 16, pp. 110-130.
- VÁZQUEZ, Ignacio, 2006, *Lexicografía bilingüe hispano-lusa. Mascarenhas Valdez*. Tesis doctoral inédita, dirigida por la Dra. Emilia Anglada. Barcelona, Universidad de Barcelona.
- VÁZQUEZ, Ignacio, 2006, *Lexicografía bilingüe hispano-lusa: Mascarenhas Valdez*. Barcelona, Universidad de Barcelona. ISBN: 978-84-691-1581-7. Em linha: Miguel de Cervantes Virtual, Universidad de Alicante: <http://www.cervantesvirtual.com/FichaAutor.html?Ref=15582>
- VÁZQUEZ, Ignacio, 2008, «Los orígenes (tardíos) de la lexicografía bilingüe español-portugués», *ELUA* (Estudios de lingüística), 22, Universidad de Alicante
- VEEN, P. A. F. van; SIJS, Nicoline van der, 1997, *Etymologisch Woordenboek*. Utrecht / Antwerpen, Van Dale Lexicografie.
- VENTURA, Helena; CASEIRO, Manuela, 1992, *Dicionário prático de verbos seguidos de preposições*. Lisboa, Fim de Século Edições..
- VERBRAEKEN, René, 1992, «Hadrianus Junius, son *Nomenclator* multilingue, et les termes de couleur en français», in LORENZO, Ramón (ed.), *Actas do XIX Congreso Internacional de Lingüística e Filoloxía Románicas. Universidade de Santiago de Compostela, 1989. II. Lexicoloxía e Metalexigrafía*, A Coruña, Fundación “Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa”, pp. 615-624.
- VERDELHO, Telmo, 1990, «Os dicionários bilingües até ao fim do séc. XVIII. fonte privilegiada da lexicografia portuguesa», *Actas do Colóquio de Lexicologia e Lexicografia*. Lisboa, Universidade Nova, pp. 248-256.
- VERDELHO, Telmo, 1993, «Aspectos da obra lexicográfica de Bento Pereira», *Actes du XXe Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes*. Tome IV, Section VI. Zurique, Iberorromania, pp. 777-785.
- VERDELHO, Telmo, 1994, «Portuguiesisch: Lexicographie. Lexicografia», in GÜNTER, Holtus; METZELTIN Michael; SCHMITT, Christian (eds.), *Lexikon der romanistischen Linguistik (LRL). VI. 2. Galegisch, Portugiesisch*. Tübingen, Max Niemeyer, pp. 673-692. Em linha: <http://www.instituto-camoes.pt/cvc/hlp/biblioteca/lexicon3.pdf>
- VERDELHO, Telmo, 1995, *As Origens da Gramaticografia e da Lexicografia Latino-Portuguesas*. Aveiro, INIC.
- VERDELHO, Telmo, 1998, «O *Vocabulário da lingua de Iapam* (1603), uma fonte inexplorada da lexicografia portuguesa» in GIOVANI, Ruffino (org.), *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza (Palermo, 18-24 Settembre 1995). Vol. III (Lessicologia e semantica delle lingue romanze)*. Tübingen, Max Niemeyer Verlag.
- VERDELHO, Telmo, 2000, «O calepino em Portugal e a obra lexicográfica de Amaro Reboredos», *Revista Portuguesa de Filologia*, 23, pp. 125-149.
- VERDELHO, Telmo, 2009, «On the Origins of Modern Bilingual Lexicography: Interaction between Portuguese and Other European Languages», in BRUTI, Silvia; CELLA, Roberta; ALBERT, Marina Foschi, *Perspectives on Lexicography in Italy and Europe*. Cambridge, Cambridge Scholars Publishing, pp. 121-150.
- VERDELHO, Telmo; SILVESTRE, João Paulo (eds.), 2007, *Dicionarística portuguesa: inventariação e estudo do património lexicográfico*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- VERNEY, Luís António, 1746, *Verdadeiro metodo de estudar para ser util à Republica, e à Igreja: proporcionado ao estilo, e necessidade de Portugal. Exposto em varias cartas, escritas polo R. P. \* \* \* Barbadinho da Congregasam de Italia, ao R. P. \* \* \* Doutor na Universidade de Coimbra Tomo primeiro [segundo]*. Valensa [Nápoles], Na oficina de Antonio Balle [Gennaro e Vincenzo Muzio].
- VIANA, Aniceto dos Reis Gonçalves, 1904, *Apostilas aos dicionarios portugueses*. 2 volumes. Lisboa, Livraria Clássica.
- VIDOS, Benedek Elmér, 1953-1955, «Les problèmes des emprunts et les relations qui ont existé entre la Péninsule Ibérique et les Pays-Bas (Flandre et Hollande)», *Revista Portuguesa de Filologia*, VI, tomos 1 e 2, pp. 235-273.
- VIQUEIRA, José Maria, 1961, «Julio Martínez Almoyna – Dicionário de espanhol-português. 2ª edição. Porto (Porto Editora, Lda), s. d. 1506 pp.», *Revista de Filologia. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Instituto de Estudos Românicos*, vol. IX, pp. 361-364.
- VITALE, Maurizio, 1960, *La questione della lingua*. Palumbo, Palermo.
- VITALE, Maurizio, 1986, *L'oro nella lingua. Contributi per una storia del tradizionalismo italiano*. Milano-Napoli, Ricciardi.

- VITERBO, Frei Joaquim de Santa Rosa de Sousa, 1798-99, *Elucidario das palavras, termos e frases que em Portugal se usárão e que hoje regularmente se ignorão*, 2 volumes. Lisboa, na Officina de Simão Thaddeo Ferreira.
- WANG, Suoying, 1997, *Reflexões sobre Lexicografia Bilingue a partir do Dicionários Conciso Chinês – Português*. Dissertação de mestrado. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa.
- WELKER, Herbet Andreas, 2004, *Uma pequena introdução à Lexicografia*. Brasília, Thesaurus, 295 p.
- WELY, F.P.H. Prick van, 2006 (1906), *Neerlands taal in 't verre Oosten*. Semarang-Soerabaia, G.C.T. van Dorp & Co. Em linha: [http://www.dbnl.org/tekst/pric005neer01\\_01/index.htm](http://www.dbnl.org/tekst/pric005neer01_01/index.htm) (13-06-2009)
- WERNER, R., 1982, «La unidad léxica y el lema», in HAENSCH *et al.*, pp.188-232.
- WOLL, Dieter, 1989-1991, “Portugiesische Lexikographie”, in HAUSMANN; REICHMANN, WIEGAND; ZGUSTA (eds.), *Wörterbücher: Ein internationales Handbuch zur Lexicographie/Dictionaries: An international Encyclopaedia of lexicography/Dictionnaires: Encyclopédie internationale de lexicographie*. 3 volúmenes. Berlín y Nueva York, De Gruyter, pp. 1723-1735.
- WORP, J A., 1884, «Mr. Abraham Alewijn», *Tijdschrift voor Nederlandse Taal- en Letterkunde*. Jaargang 4, pp. 246-275. Em linha: [http://www.dbnl.org/tekst/download.php?ec=\\_tij003188401\\_01](http://www.dbnl.org/tekst/download.php?ec=_tij003188401_01) (13-06-2009)
- ZGUSTA, Ladislav et al., 1971, *Manual of lexicography*. Praha, Academia / París, Janua linguarum, Series Mayor.
- ZOLLI, Paolo, 1988, «Italienisch: Lexicographie», *LRL*, IV, pp. 786-798.